JOHN LE CARRÉ

A Garota do Tambor

JOHN LE CARRÉ

A Garota do Tambor

Título original inglês

1983

Tradução

A. B. PINHEIRO DE LEMOS

Record, 1987

Capa adaptada MATT TAYLOR para Penguin

A David e JB Greenway,
Julia, Alice e Sadie –
por tempos e lugares,
pela amizade

Agradecimentos

Muitos israelenses e palestinos me deram sua ajuda e tempo no preparo deste livro. Entre os israelenses, posso mencionar particularmente meus amigos Yuval Elizur do *Maariv* e sua mulher Judy, que leram o original, deixaram-me com meus próprios julgamentos, por mais errados que pudessem estar, e livraram-me de vários solecismos graves, que prefiro esquecer.

Outros israelenses – em particular determinados elementos do serviço de informações, do passado e da ativa – também merecem meus sinceros agradecimentos, por seus conselhos e cooperação. Eles também não me pediram qualquer garantia e escrupulosamente deixaram-me toda independência.

Devo também expressar meus agradecimentos ao Prefeito Kollek, de Jerusalém, por sua hospitalidade no Mishkenot Sha'ananim; aos lendários Sr. e Sra. Vester, do American Colony Hotel, em Jerusalém; e aos funcionários do Commodore Hotel, em Beirute.

Entre os palestinos, a maioria provavelmente está morta ou – talvez pior – passou a integrar a lista dos Desaparecidos do último holocausto. Meu anfitrião, o comandante militar em Sídon; os combatentes que cuidaram de mim e conversaram nos pomares de tangerinas; os refugiados cansados das bombas mas ainda indômitos dos acampamentos de Rashidiye e Nabatiyah e da prisão de Sídon – a menos que um milagre tenha ocorrido, eles estão desaparecidos, tão certamente quanto os seus equivalentes reconstituídos em minha história. Assim, que este livro seja ao menos um registro de seu drama e sua coragem. Com os meus agradecimentos inúteis.

John le Carré

PARTE UM

A Preparação

1

Foi o incidente de Bad Godesberg que proporcionou a prova, embora as autoridades alemãs não tivessem a menor possibilidade de saber disso. Antes de Bad Godesberg, houvera uma suspeita crescente. E muita. Mas a qualidade superior do planejamento, em contraste com a qualidade inferior da bomba, converteram a suspeita em certeza. Mais cedo ou mais tarde, como se dizia no ofício, um homem acaba assinando seu nome. O problema está na espera.

Explodiu muito depois do que se tencionava, provavelmente 12 horas depois, quando passavam 26 minutos das oito horas da manhã de segunda-feira. Diversos relógios parados, pertencentes às vítimas, confirmaram a hora. Como já acontecera com as anteriores, nos últimos meses, não houve qualquer aviso. Nem havia essa intenção. A bomba no carro de uma autoridade israelense em missão de compra de armas, em Dusseldorf, não fora precedida de qualquer aviso. Nem o livro-bomba enviado aos organizadores de um congresso judeu ortodoxo em Antuérpia, que explodiu o secretário honorário e queimou fatalmente sua assistente. Nem a bomba na lata de lixo do lado de fora de um banco israelense em Zurique, que mutilou dois transeuntes. Somente a bomba de Estocolmo teve um aviso prévio e depois constatou-se que era de um grupo inteiramente diferente, não pertencia absolutamente à série.

Às 8:25, a Drosselstrasse, em Bad Godesberg, era apenas um recanto diplomático sossegado e arborizado, tão longe do turbilhão político de Bonn quanto se podia imaginar, embora ficasse a 15 minutos de carro de lá. Era uma rua nova, mas amadurecida, com jardins exuberantes mas discretos, aposentos de criados por cima das garagens, grades de segurança sobre as janelas. O tempo na Renânia tem a umidade da selva durante a maior parte do ano; a vegetação, como a comunidade diplomática, cresce quase tão depressa quanto os alemães constroem suas estradas e um pouco mais depressa do que fazem seus mapas. Assim, as fachadas de algumas casas já estão parcialmente obscurecidas por densas plantações de coníferas que, se crescerem ao tamanho apropriado, presumivelmente mergulharão toda a área num *blackout* de conto de fadas de Grimm. Essas árvores mostraram ser extraordinariamente eficazes contra a explosão. Poucos dias depois, um horto local passou a vendê-las como sua especialidade.

Várias casas exibem uma aparência nitidamente nacionalista. A residência do embaixador norueguês, por exemplo, logo depois da esquina da Drosselstrasse, é austera, de tijolos vermelhos, como uma casa de fazenda, saída diretamente dos subúrbios de Oslo. O consulado egípcio, na outra extremidade, tem o ar desolado de uma *villa* de Alexandria passando por momentos difíceis. Uma música árabe triste emerge lá de dentro e as janelas estão permanentemente fechadas contra o intenso calor norte-africano. Era meados de maio e o dia começara glorioso, com flores e folhas novas balançando juntas à brisa amena. As magnólias tinham acabado de desabrochar e suas tristes pétalas brancas, quase todas arrancadas, tornaram-se uma das características destacadas dos destroços. Com tanta vegetação, o barulho do tráfego incessante na auto-estrada mal chegava até lá. O som mais audível, até a explosão, era o clamor das, aves, inclusive várias pombas, que adoravam a glicínia roxa do adido militar australiano, glória e orgulho dele. Um quilômetro ao sul, as barcas do Reno proporcionam um zumbido impressivo e vibrante, mas os residentes se tornam surdos ao ruído, a menos que cesse. Em suma, era uma manhã para assegurar a qualquer um que, apesar das calamidades que se pudesse ler nos jornais da Alemanha Ocidental, sempre propensos ao pânico e falando em tons catastróficos de depressão, inflação, insolvência, desemprego, todos os males habituais e aparentemente incuráveis de uma economia capitalista espetacularmente próspera, Bad Godesberg era um lugar tranquilo e decente para se viver, enquanto Bonn não era tão ruim quanto parecia.

Dependendo da nacionalidade e posto, alguns maridos já haviam partido para o trabalho. Mas os diplomatas são de fato os clichês da profissão. Um melancólico conselheiro escandinavo, por exemplo, ainda estava na cama, sofrendo de uma ressaca provocada por *stress* conjugai. Um encarregado de negócios sul-americano, com uma rede nos cabelos e um chambre chinês de seda, o grande prêmio de uma excursão a Pequim, estava debruçado na janela, dando instruções sobre as compras ao motorista filipino. O italiano estava fazendo a barba, inteiramente nu. Gostava de se barbear depois do banho, mas antes dos exercícios diários. Sua mulher, inteiramente vestida, já estava lá embaixo, censurando a filha impenitente por ter chegado muito tarde na noite anterior, um diálogo que se repetia quase todas as manhãs da semana. Um enviado especial da Costa do Marfim estava falando pelo telefone internacional, relatando aos superiores seus últimos esforços para arrancar mais financiamento para o desenvolvimento do tesouro alemão, cada vez mais relutante. Quando a ligação foi cortada, os superiores pensaram que ele houvesse desligado abruptamente, enviando-lhe um telegrama ríspido onde indagaram se estava querendo renunciar ao posto. O adido trabalhista israelense partira há mais de uma hora. Não se sentia muito à vontade em Bonn e, sempre que possível, gostava de trabalhar pelo horário de Jerusalém. E assim por diante, com várias piadas étnicas vulgares encontrando uma base na realidade e na morte.

Em cada explosão de bomba sempre há um milagre. Neste caso, foi proporcionado pelo ônibus da Escola Americana,

que acabara de chegar e partir, levando a maioria das crianças pequenas da comunidade, que se reuniam em todos os dias de aulas na curva a menos de 50 metros do epicentro. Por misericórdia, nenhuma criança esquecera os deveres de casa, dormira demais ou demonstrara resistência à instrução naquela manhã de segunda-feira. Assim, o ônibus escapou a tempo. As janelas traseiras foram espatifadas, o motorista derrapou para fora da estrada, uma menina francesa perdeu um olho. Mas, essencialmente, as crianças escaparam ilesas, o que foi posteriormente encarado como um milagre. O que também é uma característica de tais explosões, ou pelo menos de suas consequências imediatas: o impulso comum e incontrolável de celebrar os vivos, ao invés de perder tempo a lamentar os mortos. A dor real em tais casos vem mais tarde, quando o choque se desvanece, geralmente depois de várias horas, embora às vezes menos.

O barulho da bomba não foi algo de que alguém se lembrasse, não se estivesse perto. No outro lado do rio, em Königswinter, as pessoas ouviram uma guerra estrangeira e ficaram abaladas, ensurdecidas, sorrindo umas para as outras, como cúmplices em sobrevivência. O que se podia esperar daqueles malditos diplomatas? Seria melhor despachá-los a todos para Berlim, onde podem gastar nossos impostos em paz! Os que estavam perto, porém, a princípio nada ouviram. Só puderam falar, se é que puderam, da rua se inclinando de repente, uma chaminé se levantando silenciosamente do telhado no outro lado da rua, uma ventania inesperada passando por sua casa, esticando-lhes a pele, derrubando-os, arrancando as flores dos vasos e arremessando os vasos contra as paredes. Lembraram-se do retinido de vidro quebrado e do tímido farfalhar da folhagem nova caindo na rua. E dos mugidos das pessoas assustadas demais para gritarem. Assim, as pessoas se mostraram menos conscientes do barulho e mais chocadas pelas alterações em seus sentidos. Houve também vários testemunhos sobre o volume do rádio da cozinha do conselheiro francês, anunciando estrondosamente uma receita para o dia. Uma esposa acreditando estar sendo racional, quis saber da polícia se era possível que a explosão houvesse aumentado o volume do rádio. Numa explosão, responderam gentilmente os agentes, ao levarem-na num cobertor, tudo era possível. Naquele caso, porém, a explicação era diferente. Quebrados todos os vidros das janelas do conselheiro francês e não havendo ninguém lá dentro em condições de desligar o rádio, nada havia que pudesse impedi-lo de falar diretamente para a rua. Mas a mulher não podia realmente compreender.

Como não podia deixar de ser, a imprensa chegou logo depois, fazendo tudo para passar pelos cordões de isolamento. As primeiras informações entusiásticas mataram oito e feriram 30, atribuindo a culpa a uma insignificante organização alemã de extrema-direita chamada Nibelunger 5, integrada por dois rapazes mentalmente retardados e um velho maluco, que não podia nem estourar um balão. Por volta de meio-dia, os repórteres haviam sido forçados a reduzir as baixas a cinco mortos, um deles israelense, quatro feridos em estado grave e mais 12 pessoas no hospital por isso e aquilo. Estavam falando agora das Brigadas Vermelhas italianas, embora não houvesse a menor prova, mais uma vez. No dia seguinte houve outra reviravolta e o crédito passou a ser concedido a Setembro Negro. E no outro dia o crédito foi reivindicado por um grupo que se intitulava Agonia Palestina, que também reivindicava de maneira convincente as explosões anteriores. Agonia Palestina pegou, embora fosse menos um nome para os autores e mais uma explicação para a ação. E como tal funcionou, pois serviu de manchete e título para muitos artigos enfadonhos.

Entre os não-judeus que morreram, estavam o cozinheiro siciliano e o motorista filipino dos italianos. Entre os quatro feridos, estava a mulher do adido trabalhista israelense, em cuja casa a bomba explodira. Ela perdeu uma perna. O morto israelense foi seu filho pequeno, Gabriel. Mas a vítima visada, conforme se concluiu depois, não era nenhuma dessas pessoas, mas sim um tio da esposa ferida do adido trabalhista, que viera de Tel Aviv a visita. Tratava-se de um estudioso do Talmude, conhecido por suas opiniões intransigentes sobre os direitos dos palestinos na Margem Ocidental. Ele acreditava, em suma, que os palestinos não tinham quaisquer direitos, assim clamando com frequência, em contraste com as opiniões da sobrinha, a esposa do adido trabalhista, que era da esquerda liberada de Israel e cuja criação num *kibbutz* não a preparara para o luxo exagerado da vida diplomática.

Gabriel teria conseguido salvar-se, caso estivesse no ônibus escolar. Mas naquele dia, como em muitos outros, Gabriel estava indisposto. Era um menino agitado, hiperativo, até aquele momento encarado como um elemento discordante na rua, especialmente durante o período da sesta. Mas, como a mãe, ele possuía um talento musical. Agora, com absoluta espontaneidade, ninguém na rua podia-se lembrar de uma criança que mais amasse. Um tabloide alemão de extrema-direita, transbordando de sentimentos pró-judeus, apelidou-o de Anjo Gabriel, um título que se encaixava nas duas religiões, o que os editores desconheciam; e durante uma semana inteira publicou histórias sobre a sua santidade. Os jornais melhores ecoaram o sentimento. O cristianismo, declarou um importante comentarista – citando Disraeli sem dar o crédito – era o judaísmo rematado ou nada era. Sendo assim, Gabriel era tanto um mártir cristão como judeu. Alemães preocupados sentiram-se muito melhor ao saberem disso. Milhares de marcos, não solicitados, foram enviados pelos leitores e tinham de ser aproveitados de alguma maneira. Falou-se num memorial a Gabriel, embora muito pouco se falasse dos outros mortos. De acordo com a tradição judaica, o pequeno caixão de Gabriel foi prontamente despachado para o enterro em Israel. Pela mesma tradição, a

família lamentou-o por sete dias e evitou falar dele no Sabá. Mas a imprensa alemã não estava obrigada a tal discrição.

No início da tarde, no dia da explosão, uma equipe de seus peritos israelenses veio de avião de Tel Aviv. O controvertido Dr. Alexis, do Ministério do Interior, foi imprecisamente encarregado da parte alemã das investigações, fazendo a peregrinação ao aeroporto para recebê-los. Alexis era inteligente e matreiro. Sofrera por toda a sua vida pelo fato de ser 10 centímetros mais baixo que a maioria de seus semelhantes. Talvez como compensação por essa desvantagem, ele era também impetuoso, a controvérsia envolvendo-o facilmente, tanto na vida particular como na pública. Era em parte advogado, em parte agente de segurança, em parte um participante do jogo do poder, como os alemães costumam ser atualmente, com intensas convicções liberais, nem sempre bem recebidas pela Coalizão, e uma fraqueza lamentável em apregoá-las, pela televisão. Aceitava-se vagamente que seu pai fora alguma espécie de opositor a Hitler, um manto que se ajustava inconfortavelmente ao filho errático, naqueles tempos conturbados. Claro que havia nos palácios de vidro de Bonn quem o considerasse insuficientemente íntegro para a função; um divórcio recente, com a revelação incômoda de uma amante 20 anos mais moça, em nada contribuíra para melhorar sua imagem.

Se quaisquer outros estivessem chegando, Alexis não se teria dado ao trabalho de ir ao aeroporto, já que não havia cobertura da imprensa ao evento. Mas as relações entre Israel e a República Federal estavam passando por um período difícil e por isso ele cedeu à pressão do ministério. Contra a sua vontade, impingiram-lhe no último momento um policial silesiano de Hamburgo, conservador confesso, que conquistara sua reputação no setor do "controle estudantil" nos anos 70, sendo considerado um eminente perito em agitadores e suas bombas. O outro pretexto era de que ele se dava muito bem com os israelenses. Mas Alexis, como todo mundo, sabia que o silesiano fora designado para a missão basicamente como um contrapeso a ele. Talvez mais importante, no clima turbulento vigente, era o fato de Alexis e o silesiano serem *unbelastet,* significando que nenhum dos dois era velho o bastante para terem a menor responsabilidade pelo que os alemães tristemente chamavam de seu passado inolvidável. O que quer que estivesse sendo feito aos judeus hoje, Alexis e seu indesejável colega silesiano nada haviam feito ontem; nem o pai de Alexis, se houvesse necessidade de uma garantia adicional. A imprensa, sob a orientação de Alexis, fez questão de ressaltar tudo isso. Somente um editorial sugeriu que os israelenses deveriam esperar aquele tipo de represália bárbara, enquanto persistissem no bombardeio indiscriminado de acampamentos e aldeias dos palestinos, matando não apenas uma criança, mas dezenas de cada vez. Uma resposta veemente, embora um tanto confusa, do adido de imprensa da embaixada israelense foi publicada às pressas no dia seguinte. Desde 1961, escreveu ele, o Estado de Israel estava sob constante ataque do terrorismo árabe. Os israelenses não matariam um único palestino em qualquer lugar se os deixassem em paz. Gabriel só morrera por um motivo: porque era judeu. E os alemães deviam-se lembrar que Gabriel não fora o único em tal situação.

O editor encerrou a correspondência e tirou o resto do dia de folga.

O anônimo avião militar de Tel Aviv aterrissou no outro lado do aeroporto. Todas as formalidades foram dispensadas e a colaboração começou imediatamente. Alexis tinha ordens expressas de nada negar aos israelenses. Mas essas ordens eram supérfluas: ele era *philosemitisch* e conhecido por isso. Realizara a obrigatória visita de *liaison* a Tel Aviv e fora fotografado de cabeça baixa no Museu do Holocausto. O enfadonho silesiano, por sua vez, não se cansava de lembrar a todos que estivessem dispostos a escutá-lo que o inimigo era o mesmo. Os vermelhos, é claro. No quarto dia, embora os resultados de diversas inquirições ainda estivessem pendentes, o grupo encarregado da investigação já definira um quadro preliminar convincente do que acontecera.

Em primeiro lugar, era do conhecimento comum que não havia uma cobertura de segurança especial na casa. O que não era compulsório, nos termos do acordo entre a embaixada e as autoridades de segurança de Bonn. A residência do embaixador israelense, a três ruas de distância, era protegida 24 horas por dia. Um carro verde da polícia ficava postado do lado de fora, uma cerca de ferro envolvia todo o terreno, duplas de jovens sentinelas, jovens demais para se deixarem perturbar com a ironia histórica de sua presença, patrulhavam os jardins com submetralhadoras. O embaixador merecia também um carro à prova de bala e batedores policiais. Mas, afinal, ele era embaixador, além de judeu. Um mero adido trabalhista, no entanto, era diferente; e não se podia exagerar. Sua casa estava sob a proteção geral da patrulha diplomática móvel. Tudo o que se podia dizer era que merecia uma vigilância particular, conforme comprovavam os registros policiais, por se tratar de uma casa israelense. Como uma precaução adicional, os endereços dos diplomatas israelenses não constavam das listas oficiais, por receio de estimular gestos impulsivos, numa ocasião em que era um pouco difícil aceitar Israel. Politicamente.

Pouco depois das oito horas, naquela manhã de segunda-feira, o adido trabalhista abriu a garagem. Como sempre fazia, examinou as calotas, assim como as partes inferiores do chassi, com a ajuda de um espelho fixado num cabo de vassoura, que lhe fora fornecido justamente com esse objetivo. O tio de sua mulher, que estava saindo com ele, confirmou o fato. Ele também olhou debaixo do banco antes de girar a chave na ignição. Desde que haviam começado os atentados a bomba, essas

precauções tinham-se tornado obrigatórias para todos os funcionários israelenses baseados no exterior. Ele sabia, como todos sabiam, que se leva cerca de 40 segundos para encher uma calota comum com explosivos e menos tempo ainda para instalar uma bomba sob o tanque de gasolina. Sabia também, como todos sabiam – e isso lhe era constantemente lembrado desde o seu recrutamento tardio para o serviço diplomático – que muitas pessoas gostariam de liquidá-lo. Afinal, lia sempre os jornais e telegramas. Convencido de que o carro estava limpo, ele despediu-se da mulher e do filho, partindo para o trabalho.

Em segundo lugar, a empregada da família, uma sueca de antecedentes impecáveis chamada Elke, iniciara no dia anterior uma semana de férias em Westerwald, com seu namorado alemão de antecedentes igualmente impecáveis, Wolf, que estava de licença do Bundeswehr. Wolf fora buscar Elke na tarde de domingo, em seu Volkswagen conversível. Quem passasse pela casa ou estivesse de vigia poderia vê-la saindo pela porta da frente, dar um beijo de despedida no pequeno Gabriel e partir com os acenos cordiais do adido trabalhista, que ficou na porta para vê-la ir embora, enquanto sua mulher, uma ardorosa cultivadora de hortaliças, trabalhava na horta nos fundos. Elke estava com a família há cerca de um ano. Segundo o adido trabalhista, era quase da família, amada por todos.

Esses dois fatores – a ausência da empregada tão amada e a ausência de vigilância policial – tornaram o atentado possível. E teve sucesso por causa do fatal temperamento cordial do adido trabalhista.

Às seis horas daquela mesma tarde de domingo – ou seja, duas horas depois da partida de Elke – quando o adido trabalhista estava empenhado numa conversa religiosa com o hóspede e sua mulher continuava a arar ansiosamente o solo alemão, a campainha da porta da frente tocou. Um toque. Como sempre, o adido trabalhista espiou pelo olho mágico, antes de abrir. Como sempre, pegou o seu revólver, embora em teoria as leis locais proibissem o porte de armas de fogo. Mas tudo o que ele viu no outro lado da porta foi uma loura de 21 ou 22 anos, parecendo um tanto frágil e patética, ao lado de uma mala cinzenta surrada, com etiquetas da Scandinavian Air Services presas na alça. Um táxi – ou seria um carro particular? – esperava na rua, por trás dela. O adido pôde ouvir que o motor estava ligado. Não havia qualquer dúvida quanto a isso. Teve até a impressão de ouvir um magneto defeituoso. Era uma moça atraente, conforme ele a descreveu, ao mesmo tempo etérea e do tipo esportivo, com sardas de verão, *Sommersprossen,* em torno do nariz. Ao invés do uniforme insípido habitual de *jeans* e blusa, ela usava um recatado vestido azul, abotoado até o pescoço, com uma echarpe de seda, branca ou creme, que realçava os cabelos dourados. O adido confessou prontamente, logo na primeira entrevista angustiada, que a moça atraiu o seu gosto pela respeitabilidade. Pondo o revólver na arca do vestíbulo, ele retirou a corrente e abriu a porta, radiante porque a moça era encantadora e porque ele próprio era tímido e grandalhão.

Tudo isso ainda é do primeiro interrogatório. O tio talmúdico nada viu e nada ouviu. Como testemunha, não tinha qualquer valia. Desde o momento em que ficou sozinho, com a porta fechada, absorveu-se num comentário do Mishna, de acordo com a exortação geral de que jamais deveria perder seu tempo.

A moça falava inglês com sotaque. E sotaque nórdico, não francês ou latino. Experimentaram vários sotaques para ele ouvir e os mais próximos foram os do norte. A moça perguntou primeiro se Elke estava em casa, chamando-a não de Elke mas de Ucki, um apelido usado apenas pelos amigos mais íntimos. O adido explicou que Elke partira em férias duas horas antes. Era uma pena, mas ele não poderia ajudar? A moça manifestou algum desapontamento e disse que passaria em outra ocasião. Acabara de chegar da Suécia e prometera à mãe de Elke que entregaria aquela mala, contendo algumas roupas e discos. A sugestão dos discos era um toque particularmente insinuante, pois Elke era louca por música pop. A esta altura, o adido insistira para que a moça entrasse em casa, chegando mesmo, em sua inocência, a pegar a mala para ela e carregá-la para o vestíbulo, algo que nunca se perdoaria pelo resto de sua vida. Claro que ele lera as muitas exortações para jamais aceitar pacotes entregues por estranhos, claro que sabia que malas podiam ser perigosas. Mas era Katrin, uma grande amiga de Elke, da mesma cidade sueca, que recebera a mala da mãe dela naquele mesmo dia! A mala estava um pouco mais pesada do que ele imaginava, mas atribuiu a diferença à presença dos discos. Comentou solícito que a mala devia ter absorvido toda a licença de peso. Katrin explicou que a mãe de Elke levara-a de carro até o aeroporto de Estocolmo, a fim de pagar o excesso de peso. O adido notou que a mala era do tipo de paredes duras e estava um tanto atulhada, além de pesada. Não, não houvera qualquer movimento quando a levantara. Tinha certeza. Um rótulo pardo, um fragmento, sobreviveu.

O adido ofereceu um café, mas a moça recusou, alegando que não podia deixar o motorista à espera. Não táxi. *Motorista.* Esse ponto foi minuciosamente investigado. O adido perguntou o que ela estava fazendo na Alemanha. A moça respondeu que esperava matricular-se como estudante de teologia na Universidade de Bonn. Ele procurou um bloco de anotações e um lápis, convidou-a a deixar o nome e endereço. Mas ela disse, com um sorriso, "basta dizer que Katrin esteve aqui e ela saberá". A moça ficaria numa hospedaria luterana para mulheres, mas apenas enquanto procurava por aposentos. (Existe uma hospedaria assim em Bonn, outro bom toque de acurácia.) Disse que passaria de novo pela casa mais tarde,

quando Elke estivesse de volta das férias. Talvez comemorassem juntas o seu aniversário. Esperava que fosse possível. E muito. O adido sugeriu que poderiam promover uma festa para Elke e seus amigos, talvez um *fondue* de queijo, que ele próprio poderia preparar. Pois minha mulher, conforme explicou depois, com uma repetição patética, é uma *kibbutznik* e não tem paciência com a cozinha refinada.

Foi mais ou menos nessa ocasião que o táxi ou carro particular lá na rua começou a buzinar. Talvez três buzinadas curtas. Eles trocaram um aperto de mão. O adido notou que a moça usava luvas brancas de algodão. Mas ela era desse tipo de moça e ainda por cima o dia estava muito quente para se carregar uma mala pesada sem qualquer proteção na mão. Ela também não escrevera seu endereço. Assim, não havia impressões digitais no bloco ou na mala. O pobre coitado calculou depois que toda a conversa não demorara mais que cinco minutos. E não se prolongara por causa do táxi. O adido ficou observando-a se afastar. O jeito de andar da moça era atraente, bastante sensual, embora não deliberadamente provocante. Ele fechou a porta e passou a corrente, depois levou a mala para o quarto de Elke, que ficava no térreo. Deixou-a ao pé da cama, de lado, pensando que assim era melhor para as roupas e os discos. Pôs a chave em cima. Na horta, onde cavava obstinadamente a terra dura com uma enxada, sua mulher nada ouvira. Quando ela entrou em casa, o marido esqueceu de contar.

Foi nesse ponto que se intrometeu uma pequena e muito humana revisão.

Esqueceu?, indagou incrédulo o grupo de investigação israelense. Como pôde *esquecer* um transtorno doméstico, causado pela amiga de Elke da Suécia? E com a mala na cama?

O adido acabou confessando tudo. Não, não esquecera exatamente.

Então o que acontecera?

Ele concluíra à sua maneira solitária e reservada, que os assuntos sociais não tinham mais qualquer interesse para a esposa. Ela só queria voltar ao *kibbutz* e relacionar-se livremente com as pessoas, sem toda aquela encenação diplomática. Em outras palavras – a moça era tão bonita – talvez fosse mais sensato guardá-la para si mesmo. Quanto à mala. . . a verdade é que minha mulher nunca vai ao quarto de Elke... isto é, ia.... Elke cuida do seu próprio quarto.

E o estudioso do Talmude, o tio de sua esposa?

O adido também nada lhe dissera. E as duas partes confirmaram.

Os investigadores israelenses anotaram, sem comentários*: guardá-la para si mesmo.*

Nesta altura, como um trem misterioso que desaparece abruptamente dos trilhos, a transição de acontecimentos foi interrompida. Elke, galantemente acompanhada por Wolf, foi levada a Bonn. Não conhecia nenhuma Katrin. Foram iniciadas investigações sobre a vida social de Elke, mas seriam demoradas. Sua mãe não enviara qualquer mala e jamais pensaria em fazê-lo, conforme declarou à polícia sueca, pois desaprovava o gosto vulgar da família em matéria de música. Wolf retornou desconsolado à sua unidade, onde foi submetido a interrogatórios extenuantes mas inúteis da segurança militar. Nenhum motorista se apresentou, quer de táxi ou de carro particular, embora fosse procurado por toda a Alemanha pela polícia e pela imprensa. Houve até ofertas de grandes quantias por sua história. Não se encontrou qualquer viajante que correspondesse à descrição, procedente da Suécia ou de qualquer outro lugar, nas listas de passageiros chegados aos aeroportos alemães, muito menos a Colônia. Fotografias de mulheres terroristas, conhecidas e desconhecidas, inclusive todo o arquivo de "semi-ilegais", não despertaram qualquer recordação do adido, embora ele estivesse desesperado e disposto a ajudar qualquer um a fazer qualquer coisa quanto menos não fosse para sentir-se útil. Não podia se lembrar que sapatos a moça usava, se usava batom, perfume ou máscara nos olhos, se os cabelos eram pintados ou se podia ser uma peruca. Como poderia alguém como ele, protestou o adido, treinado apenas para ser um economista, em tudo o mais apenas um homem simples e afetuoso, um tanto desastrado, que além de Israel e da família só se interessava realmente por Brahms, como poderia saber se os cabelos da mulher eram pintados?

Podia lembrar que ela possuía pernas bonitas, um pescoço muito alvo. E estava de mangas compridas, ou ele teria notado os braços. E usava uma anágua ou algo parecido, caso contrário ele teria percebido os contornos do corpo, aos raios de sol que entravam pela porta aberta. Sutiã? Talvez não. Tinha seios pequenos e podia perfeitamente dispensar o sutiã. Modelos vivos foram vestidos para ele. Deve ter visto uma centena de vestidos azuis diferentes, trazidos de toda a Alemanha. Mas ele não pôde lembrar se o vestido tinha gola e punhos de cor diferente. Nem todo o seu tormento espiritual podia melhorar a memória. Quanto mais lhe perguntavam, mais ele esquecia. As habituais testemunhas circunstanciais confirmaram partes de sua história, mas nada acrescentaram de concreto. As patrulhas policiais perderam inteiramente o incidente e provavelmente o plantio da bomba foi calculado assim. A mala podia ter sido de 20 marcas diferentes. O carro particular ou táxi era um Opel ou um Ford, cinza, não estava muito limpo, não era velho nem novo, placa de Bonn, não era de Siegburg. Ah, sim, havia uma placa de táxi no teto. Não, era um teto solar. Alguém ouvira música, o programa não foi determinado. Sim, uma antena de

rádio. Não, não havia antena. O motorista era homem, caucasiano. Mas podia ser um turco. Tinham sido os turcos. O rosto era raspado, tinha um bigode, cabelos pretos. Não, louros. Compleição franzina, podia ser uma mulher disfarçada. Alguém tinha certeza de que havia uma pequena vassoura de limpar chaminé balançando na janela traseira. Ou podia ser um plástico. Isso mesmo, era um plástico. Alguém disse que o motorista usava um *anorak*. Ou podia ser um pulôver.

A esta altura do impasse, os investigadores israelenses pareceram entrar num coma coletivo. Uma letargia dominou-os, chegavam atrasados e saíam cedo, passavam muito tempo em sua embaixada, onde aparentemente estavam recebendo novas instruções. Os dias foram passando e Alexis concluiu que os israelenses esperavam por alguma coisa. Ganhando tempo, mas de certa forma excitados. Prementes, mas também calmos, como Alexis muitas vezes se sentia. Ele possuía um olho excepcional para perceber tais coisas muito antes de seus colegas. Em matéria de empatia com judeus, ele estava convencido de que vivia numa espécie de vácuo de excelência. No terceiro dia, um homem mais velho, de rosto largo, que disse se chamar Schulmann, juntou-se ao grupo de investigadores judeus, acompanhado por um assistente muito magro, com metade de sua idade. Alexis comparou-os a um César judeu e seu Cássio.

A chegada de Schulmann e seu assistente proporcionaram ao bom Alexis algum alívio do frenesi controlado de sua própria investigação e do enfado de ser seguido por toda parte pelo policial silesiano, cujo comportamento começava a parecer mais o de um sucessor que de um auxiliar. A primeira coisa que ele observou foi que Schulmann imediatamente aumentou a temperatura da equipe israelense. Até a chegada de Schulmann, os seis homens davam a impressão de inacabados. Eram polidos, não tocavam em álcool, pacientemente espalhavam suas redes e mantinham entre si a coesão oriental de olhos escuros de uma unidade de combate. O autocontrole deles era desconcertante para quem não o partilhava. Num rápido almoço na cantina, o enfadonho silesiano resolveu fazer piadas sobre comida *kosher* e mostrou-se condescendente com as belezas da pátria deles, permitindo-se de passagem uma referência insultuosa à qualidade do vinho israelense. Eles receberam a homenagem com uma cortesia que Alexis sabia estar-lhe custando o próprio sangue. Mesmo quando ele se pusera a falar do renascimento da *Kultur* judia na Alemanha e a maneira hábil como os novos judeus haviam açambarcado os mercados imobiliários de Frankfurt e Berlim, os israelenses ainda se mantiveram discretos, embora se sentissem secretamente tão repugnados pelas extravagâncias financeiras dos judeus *stettel* que não respondiam ao chamado de Israel, quanto pela atitude de seus anfitriões. Com a chegada de Schulmann, no entanto, tudo se tornou definido, de uma maneira diferente. Schulmann de Jerusalém era o líder pelo qual estavam esperando. Sua chegada foi anunciada com poucas horas de antecedência por um telefonema perplexo do quartel-general em Colônia.

– Eles estão mandando um especialista extra que irá procurá-lo diretamente.

– Especialista em quê? – indagou Alexis, que tinha o hábito nada alemão de sentir a maior aversão pelas pessoas com qualificações específicas.

A informação não era disponível. E, de repente, lá estava ele – não um especialista aos olhos de Alexis, mas um veterano de todas as batalhas desde as Termópilas, de cara larga, dinâmico, entre 40 e 90 anos, atarracado, eslavo, forte, muito mais europeu do que hebreu, peito estufado, os passos largos de um lutador profissional, um jeito de deixar todos à vontade. Havia também o seu agitado assistente, que não fora sequer mencionado. Talvez não fosse um Cássio; em vez disso, era o arquétipo do estudante de Dostoievski, faminto, em conflito com demônios. Quando Schulmann sorria, as rugas que se estampavam em seu rosto pareciam feitas por séculos de água fluindo por trilhas rochosas, os olhos se estreitavam como os de um chinês. Em seguida, muito depois dele, o assistente sorria, ecoando algum misterioso significado íntimo. Quando Schulmann cumprimentava alguém, todo o braço direito se estendia, com rapidez suficiente para deixar a pessoa sem fôlego, se não fosse bloqueado. Mas o assistente mantinha os braços nos lados do corpo, como se não confiasse em deixá-los agora sozinhos. Quando Schulmann falava, disparava uma rajada de ideias conflitantes, esperando em seguida para verificar quais atingiam o alvo e quais lhe eram devolvidas. A voz do assistente seguia-se como um grupo de padioleiros, recolhendo gentilmente os mortos.

– Sou Schulmann e tenho muito prazer em conhecê-lo, Dr. Alexis –disse Schulmann num inglês jovial, carregado de sotaque.

Apenas Schulmann.

Não havia primeiro nome, não havia patente, não havia título acadêmico, função ou ocupação; e o estudante não tinha sequer um nome. Ou pelo menos não tinha para os alemães. Não tinha nome, não tinha conversa amena, não tinha sorriso. Pela interpretação de Alexis, Schulmann era como um general do povo; alguém que incutia esperança, um dínamo de energia, um capataz extraordinário; um suposto especialista que precisava de uma sala só para si e conseguiu no mesmo dia – o assistente providenciou. Logo depois, por trás da porta fechada, a voz incessante de Schulmann tinha o tom de um advogado de outra

cidade, sondando e avaliando o trabalho dos outros até aquele momento. Não era preciso ser um estudioso de hebraico para ouvir os porquês, cornos, quandos, por que não. Um improvisador, pensou Alexis, que também era um guerrilheiro urbano nato. Quando ele estava calado, Alexis também podia ouvir, perguntando-se o que estaria lendo, interessante o bastante para fazer com que a boca cessasse de funcionar. Ou estariam rezando? Será que faziam isso? Mas também poderia ser a vez do assistente falar. Nesse caso, Alexis não teria ouvido sequer um sussurro, pois a voz do rapaz em companhia alemã tinha tão pouco volume quanto seu corpo.

Mais do que qualquer outra coisa, porém, foi a premência impetuosa de Schulmann o que Alexis sentiu mais intensamente. Ele era uma espécie de ultimato humano, transmitindo a seus homens as pressões que sentia,impondo um desespero quase insuportável aos esforços de todos. Podemos vencer, mas também podemos perder, ele estava dizendo, na imaginação ativa do doutor. E nos atrasamos demais, por tempo demais. Schulmann era o empresário, o gerente, o general, tudo ao mesmo tempo. Mas era também um homem comandado. Pelo menos era o que Alexis julgava. . . e Alexis nem sempre estava errado. Podia percebê-lo na maneira dura e inquisitiva como seus homens encaravam-no, preocupados não com os detalhes do trabalho, mas com o progresso das investigações. Isso ajuda? É mais um passo pela estrada? Podia percebê-lo no gesto habitual de Schulmann de puxar a manga do paletó, segurando o grosso antebraço esquerdo, depois girando o pulso como se fosse de outro, até que o mostrador do velho relógio de aço retribuísse seu olhar. Então Schulmann também tem um prazo fatal, pensou Alexis; há uma bomba-relógio também debaixo dele; está na pasta do assistente.

O relacionamento entre os dois homens fascinava Alexis, uma distração conveniente para as tensões que o dominavam. Quando Schulmann ia à Drosselstrasse, parando diante das ruínas da casa bombardeada, agitando os braços, admoestando, examinando o relógio, tão indignado como se ali morasse, o assistente pairava à sua sombra, como a sua consciência, as mãos esqueléticas resolutamente grudadas nos lados do corpo, parecendo conter o superior com a ansiedade sussurrada de suas convicções. Quando Schulmann chamou o adido trabalhista para uma última conversa particular, o diálogo entre os dois, parcialmente ouvido no outro lado da parede, elevou-se aos gritos, baixando depois para o murmúrio do confessionário. Foi o assistente quem saiu da sala com o abalado adido, devolvendo-o pessoalmente aos cuidados da embaixada. Estava confirmada assim uma teoria que Alexis formulara desde o início, mas na qual não insistira, por ordem de Colônia.

Tudo apontava para a mesma conclusão. A fervorosa e introvertida esposa sonhando apenas com sua terra sagrada; o terrível sentimento de culpa do adido; a acolhida absurdamente generosa da moça Katrin, o adido praticamente assumindo o papel de irmão substituto na ausência de Elke; sua bizarra admissão de que costumava entrar no quarto de Elke, enquanto sua mulher jamais o fazia. Para Alexis, que já estivera em situações similares e se encontrava em uma agora, os nervos torturados pelo sentimento de culpa em cada momento de ímpeto sexual, os sinais eram mais do que evidentes. Secretamente, sentia-se satisfeito por constatar que Schulmann chegara à mesma conclusão. Mas se Colônia era intransigente na questão, Bonn chegava quase à histeria. O adido era um herói público, um pai desconsolado, o marido de uma mulher terrivelmente mutilada. Era a vítima de uma afronta anti-semita em território alemão, um diplomata israelense credenciado em Bonn, tão respeitável quanto qualquer judeu que já existira. Quem eram os alemães, entre todos os povos, para denunciar um homem assim como adúltero?

Naquela mesma noite, o consternado adido trabalhista acompanhara o corpo do filho a Israel. A televisão mostrara para todo o país as costas largas do adido, subindo para o avião, enquanto Alexis, sempre presente, de chapéu na mão, observa-o partir, com uma expressão impassível de respeito.

Algumas das atividades de Schulmann só chegaram ao conhecimento de Alexis depois que os investigadores israelenses voltaram para sua terra. Ele descobriu, por exemplo, quase por acaso, mas não de todo, que Schulmann e seu assistente haviam procurado a moça Elke, na calada da noite, sem o conhecimento dos investigadores alemães, convencendo-a a adiar sua partida para a Suécia, a fim de que os três pudessem desfrutar uma conversa inteiramente voluntária e bem paga. Eles passaram outra tarde interrogando-a num quarto de hotel. Depois, em total contraste com a economia de seus esforços sociais em outros setores, levaram-na alegremente de táxi ao aeroporto. Tudo isso, pelo que Alexis podia calcular, para descobrir quem eram os verdadeiros amigos dela, onde ela ia se divertir quando o namorado estava isolado no quartel. E onde ela comprava a maconha e as anfetaminas encontradas nos destroços de seu quarto. Ou então, o que era mais provável, quem lhe dera essas coisas, o homem em cujos braços gostava de deitar, a quem falava de seus patrões, quando estava saciada e relaxada. Alexis deduziu tudo isso em parte porque seus próprios homens já lhe haviam apresentado um relatório confidencial sobre Elke. As perguntas que atribuía a Schulmann eram as mesmas que gostaria de fazer, se Bonn não o estivesse amordaçando e ordenando que não se metesse.

Nada de jogar lama no ventilador, insistiam eles. Vamos deixar a poeira assentar. E Alexis, que a esta altura estava lutando por sua sobrevivência, aceitava a sugestão e se calava, porque a cada dia subia a cotação do silesiano, em detrimento da sua.

De qualquer forma, ele daria um bom dinheiro pelas respostas que Schulmann, em sua urgência frenética e implacável,

podia ter arrancado de Elke, entre olhares para o seu relógio antiquado. Talvez fosse o retrato falado de um estudante árabe viril. Ou de um adido diplomático subalterno. Talvez até fosse um cubano. E certamente era alguém com dinheiro para gastar a rodo e pacotes das coisas certas, além de uma disposição inesperada para escutar. Só muito depois, quando já era tarde demais para ter qualquer importância, Alexis também soube, por intermédio do serviço de segurança sueco, que também se interessara pela vida amorosa de Elke, que Schulmann e seu assistente, nas horas da madrugada enquanto os outros dormiam, haviam apresentado uma coleção de fotografias de candidatos prováveis. Ela indicara uma das fotografias, de um suposto cipriota a quem conhecera apenas pelo primeiro nome, *Marius,* que ele exigira que pronunciasse à maneira francesa. Elke assinara uma declaração a respeito, meio indefinida – "Esse é o Marius com quem fui para a cama" – que eles precisavam para apresentar a Jerusalém, conforme alegaram. Por que isso?, pensou Alexis, ao saber. A fim de ganhar tempo para Schulmann? Para aumentar seu crédito na base? Alexis podia compreender essas coisas. E quanto mais pensava a respeito, maior se tornava o seu senso de afinidade com Schulmann, de compreensão. Somos iguais, ele pensava a todo instante. Lutamos, sentimos, vemos.

Alexis sentia tudo isso profundamente, com a maior convicção.

A reunião obrigatória para encerrar tudo isso ocorreu no salão de conferência, com o silesiano presidindo sobre mais de 300 cadeiras, quase todas vazias. Os dois grupos, de alemães e israelenses, estavam concentrados como as famílias dos noivos nos dois lados da nave da igreja. Os alemães estavam engrossados por autoridades do Ministério do Interior e alguns caçadores de votos do Bundestag. Os israelenses estavam com o adido militar da embaixada, mas vários membros da equipe, inclusive o emaciado assistente de Schulmann, já haviam partido para Tel Aviv. Ou pelo menos foi o que diss eram seus companheiros. Os demais se reuniram às 11 horas da manhã, sendo acolhidos por uma mesa comprida, coberta por uma toalha branca, sobre a qual estavam fragmentos da explosão, como achados arqueológicos ao final de uma longa escavação, cada um com o seu pequeno rótulo de museu, devidamente datilografado, em máquina de escrever elétrica. Num quadro na parede ao lado podia-se examinar as habituais fotografias de horror – a cores, para realismo extra. Na porta, uma moça bonita, sorrindo afavelmente, distribuía pastas de plástico, contendo os dados disponíveis. Se ela distribuísse bombons ou sorvetes, Alexis não teria ficado surpreso. O contingente alemão conversava animadamente e a tudo olhava com atenção, inclusive para os israelenses, os quais mantinham a quietude mortal de homens para quem cada minuto desperdiçado era um martírio. Somente Alexis – e ele tinha certeza disso – podia perceber e partilhar a agonia secreta deles, qualquer que fosse a fonte.

Somos demais, concluiu Alexis. Somos o fim. Até uma hora antes, ele esperava ocupar a posição de destaque. Imaginara – e até mesmo preparara – uma exposição sucinta, em seu estilo lapidar, encerrando com um incisivo e britânico "obrigado, cavalheiros", retirando-se no instante seguinte. Mas tal não aconteceria. Os barões haviam tomado uma decisão: queriam o silesiano para o desjejum, almoço e jantar, não queriam Alexis nem ao café. Assim, ele fez uma exibição de indiferença ostensiva, postando-se nos fundos do salão, de braços cruzados, mas interiormente furioso, sentindo que aumentava a empatia pelos judeus. Depois que todos estavam sentados, com exceção de Alexis, o silesiano avançou pelo palco, com o seu andar pélvico especial, que na experiência de Alexis sempre dominava um determinado tipo de alemão ao ficar sob a luz dos refletores. Atrás dele vinha um rapaz assustado, de casaco branco, carregando uma mala cinza surrada, que largou no chão, como se fosse uma oblação. A mala tinha até as etiquetas da Scandinavian Air Se rvices. Procurando por seu herói Schulmann, Alexis descobriu-o sozinho numa cadeira ao lado do corredor, quase no fundo. Ele pusera paletó e gravata, usava uma calça esporte confortável, que terminava um pouco acima dos sapatos fora de moda, por causa da cintura generosa. O relógio de aço cintilava no pulso moreno, a brancura da camisa em contraste com a pele curtida dando-lhe a aparência afável de um homem prestes a partir em férias.

Espere mais um pouco e irei com você, pensou Alexis, ansiosamente, recordando a sua dolorosa reunião com os barões.

O silesiano falou em inglês, "por consideração aos nossos amigos israelenses". Mas Alexis desconfiou que era também por consideração aos seus partidários, que ali estavam para testemunhar o desempenho de seu campeão. O silesiano fizera o curso obrigatório de anti-subversão em Washington e assim falava o inglês entrecortado de um astronauta. À guisa de introdução, o silesiano disse que a afronta era obra de "elementos da esquerda radical". Quando ele fez uma referência à "indulgência socialista da juventude moderna", houve alguns murmúrios de aprovação nas cadeiras parlamentares. Nosso querido Fuehrer não teria dito melhor, pensou Alexis, embora exteriormente permanecesse indiferente. Por motivos arquitetônicos, a explosão tendera a se projetar para cima, explicou o silesiano, mostrando um diagrama que seu assistente desdobrara por trás dele. Destruíra a estrutura central da casa, acabando com o último andar, onde ficava o quarto do menino. Em suma, fora um tremendo estouro, pensou Alexis, furioso; então por que não dizer logo isso e acabar com aquela história? Mas o silesiano não era propenso a ser sucinto. As melhores estimativas indicavam uma carga explosiva de cinco quilos. A mãe sobrevivera porque estava na cozinha. A cozinha era um *Anbau.* O uso súbito e inesperado de uma palavra alemã

provocou um estranho constrangimento, pelo menos para os ouvintes alemães.

– *Was ist Anbau?* – murmurou o silesiano soturnamente para seu assistente, levando todos a se empertigarem em suas cadeiras, procurando por uma tradução.

– *Anexo* – gritou Alexis em resposta, antes dos outros, ganhando risos contidos dos mais ilustrados e uma irritação não tão contida dos partidários do silesiano.

– Anexo – repetiu o silesiano, em seu melhor inglês, prosseguindo às cegas, ignorando a fonte indesejável do esclarecimento.

Na minha próxima vida serei um judeu, um espanhol, um esquimó ou simplesmente um anarquista de corpo e alma, como todo mundo, decidiu Alexis. Mas nunca serei um alemão. Só se pode ser uma vez, por penitência. E ponto final. Somente um alemão pode fazer uma conferência de estreia sobre o cadáver de um menino judeu.

O silesiano estava falando sobre a mala. Barata e ordinária, de um tipo apreciado por sub-raças como trabalhadores estrangeiros e turcos. E socialistas, ele poderia ter acrescentado. Os interessados podiam ler a respeito em suas pastas ou examinar os fragmentos da estrutura de aço na mesa. Ou podiam concluir, como Alexis fizera há muito tempo, que tanto a bomba como a mala eram um beco sem saída. Mas não podiam escapar a ouvir o silesiano, porque era o dia dele e aquele discurso representava o seu canto de vitória sobre o libertário inimigo deposto, Alexis.

Da mala propriamente dita, ele passou penosamente para o conteúdo. O artefato ficara preso no lugar por duas buchas, disse ele. A bucha um era jornal velho, que os exames indicavam ser proveniente das edições de Bonn da cadeia Springer, ao longo dos últimos seis meses – o que era perfeitamente apropriado, pensou Alexis. A bucha dois era um cobertor militar excedente, devidamente cortado, similar ao que estava sendo agora mostrado por meu colega Fulano de Tal, dos laboratórios de análise oficiais. Enquanto o assustado assistente suspendia um cobertor cinza para a inspeção da audiência, o silesiano orgulhosamente exibia as outras pistas brilhantes. Alexis ficou escutando o relato familiar: a extremidade franzida de um detonador... partículas minúsculas de explosivo não detonado, confirmado como o plástico padronizado russo, conhecido dos americanos como C4, dos ingleses como PE e dos israelenses como o que quer que fosse... a corda de um relógio de pulso ordinário. . . a mola queimada mas ainda identificável de um cabide. Em suma, pensou Alexis, uma armação clássica, saída diretamente do manual de fazer bombas. Nada de materiais comprometedores, nada de toques de vaidade, nada de enfeites, além de uma armadilha de criança instalada no canto interno da tampa. Com as coisas que as crianças andam fazendo atualmente, pensou Alexis, uma bomba assim deixa a gente nostálgico dos bons e antiquados terroristas dos anos 70. Era o que o silesiano parecia também pensar, só que ele estava fazendo uma piada de mau gosto a respeito, anunciando orgulhosamente:

– Estamos chamando-a de bomba-biquíni! O mínimo! Sem qualquer extra!

– E sem prisões! – gritou Alexis temerariamente, sendo recompensado com um sorriso de admiração e estranhamente cúmplice de Schulmann.

Passando bruscamente por seu assistente, o silesiano meteu a mão dentro da mala e com um floreio retirou um pedaço de madeira, onde fora montado um modelo. Parecia um circuito de autorama, com fios finos, encapados, terminando em 10 bastões de explosivo plástico acinzentado. Enquanto os não-iniciados se aproximavam para olhar melhor, Alexis ficou surpreso ao ver Schulmann deixar o seu lugar por trás da mesa e se adiantar, com as mãos nos bolsos. Mas por quê?, perguntou-lhe Alexis, mentalmente, fitando-o. Por que de repente ele estava tão descansado, quando no dia anterior mal tinha tempo de olhar para o relógio velho? Abandonando os esforços de indiferença, Alexis esgueirou-se rapidamente para o lado dele. É assim que se faz uma bomba, estava dizendo o silesiano, quando se tem uma mentalidade convencional e se quer explodir judeus. Compra-se um relógio barato como este, nada de roubar, mas sim comprar, numa loja grande, no auge do movimento, juntamente com mais uma ou duas coisas por perto, a fim de confundir a memória do vendedor. Remova o ponteiro das horas. Faça um buraco no vidro, ponha um percevejo no buraco, solde o circuito elétrico na cabeça do percevejo com cola forte. E agora a bateria. Ponha o ponteiro tão perto ou tão longe do percevejo quanto quiser. Como regra geral, calcule sempre o menor tempo possível, a fim de que a bomba não seja descoberta, e desarmada. Dê corda no relógio. Verifique se o ponteiro dos minutos ainda está funcionando. Está. Ofereça orações a quem quer que imagina que o criou, depois espete o detonador no plástico. No momento em que o ponteiro dos minutos encosta no percevejo, o contato fecha o circuito elétrico e, o Senhor querendo, a bomba explode.

Para demonstrar essa maravilha, o silesiano removeu o detonador desarmado e os 10 bastões de explosivo plástico, substituindo-os por uma pequena lâmpada elétrica de teste.

– Vou mostrar agora como o circuito funciona! – anunciou ele, solene mente.

Ninguém duvidava que funcionava, a maioria já conhecia tudo perfeitamente. Mesmo assim, por um momento, Alexis teve a impressão de que os espectadores partilhavam um estremecimento involuntário, enquanto a lâmpada piscava

alegremente. Somente Schulmann parecia imune. Talvez ele já tivesse visto demais, pensou Alexis, e a compaixão finalmente morrera nele. Pois Schulmann estava ignorando totalmente a lâmpada. Ele estava inclinado sobre o modelo, sorrindo amplamente e contemplando-o com a atenção crítica de um conhecedor. Um parlamentar, desejando demonstrar sua superioridade, perguntou por que a bomba não explodira no prazo.

– A bomba estava há 14 horas na casa – disse ele, num inglês suave. – Um ponteiro de minutos faz a volta completa no máximo em uma hora. Um ponteiro das horas faz a volta em 12 horas. Como explicar assim que uma bomba de no máximo 12 horas tenha demorado 14 horas para explodir?

Para cada pergunta, o silesiano tinha uma preleção pronta. E apresentou-a agora, enquanto Schulmann, ainda com o sorriso indulgente, começava a sondar gentilmente em torno do modelo, com os dedos grossos, como se tivesse perdido alguma coisa na bucha por baixo. Possivelmente o relógio falhara, disse o silesiano. Possivelmente a viagem de carro até a Drosselstrasse afetara o mecanismo. Possivelmente o adido trabalhista, ao pôr a mala na cama de Elke, mexera no circuito. Possivelmente o relógio, sendo ordinário, parara e depois voltara a funcionar. Possivelmente qualquer coisa, pensou Alexis, incapaz de conter sua irritação. Mas Schulmann tinha uma sugestão diferente... e mais engenhosa.

– Ou possivelmente o fabricante da bomba não raspou tinta suficiente do ponteiro do relógio – sugeriu ele, numa espécie de aparte distraído, enquanto concentrava sua atenção nas dobradiças da mala.

Tirando do bolso um velho canivete, ele começou a cutucar um dos pinos, confirmando para si mesmo a facilidade com que podia ser removido.

– O seu pessoal do laboratório removeu *toda* a tinta – disse ele, enquanto fechava o canivete com um estalido. – Mas talvez o fabricante da bomba não fosse tão científico assim. Talvez ele não fosse tão capaz. Talvez ele não fosse tão meticuloso em seu trabalho.

"Mas era uma mulher!", objetou Alexis, mentalmente. Por que Schulmann estava dizendo *ele* subitamente, quando deveríamos estar pensando apenas numa moça bonita de vestido azul? Aparentemente sem perceber como, pelo menos por um momento, desbancara o silesiano como o foco das atenções. Schulmann concentrou-se na armadilha de fabricação simples por dentro da tampa, puxando gentilmente o fio preso no forro e ligado a um pino no fecho.

– Alguma coisa interessante aí, Herr Schulmann? – perguntou o silesiano, com uma compostura angelical. – Por acaso encontrou uma pista? Conte-nos tudo, por favor. Estamos interessados.

Schulmann pensou por um instante na generosa oferta.

– Há fio demais – anunciou ele, enquanto voltava à mesa comprida e procurava entre os macabros fragmentos expostos. – Temos aqui os remanescentes de 75 centímetros de fio.

Ele estava brandindo um emaranhado de fio, enrolado, chamuscado, com um laço em volta para segurar.

– Em sua reconstituição, há 25 centímetros no máximo. Por que está faltando meio metro na reconstituição?

Houve um momento de silêncio aturdido, antes do silesiano soltar uma risada alta e condescendente.

– Ora, Herr Schulmann, isso é fio sobressalente – explicou ele, como se argumentasse com uma criança. – Para o circuito. Apenas um fio comum. Quando o terrorista fez a bomba, havia fio demais. Assim, ele. . . ou ela. . . largou o excesso na mala. É normal ter sempre fio a mais. Era fio sobressalente. *Ubrig.* Sem significado técnico. *Sag ihm doch ubrig.*

– A sobra – traduziu alguém desnecessariamente. – Não tem qualquer significado, Sr. Schulmann. Era a sobra.

O momento passou, o hiato estava coberto. Na próxima vez em que Alexis vislumbrou Schulmann, o israelense estava discretamente parado na porta, no ato de se retirar. A cabeça larga estava parcialmente virada na direção de Alexis, o braço do relógio levantado, mas na atitude de alguém que consulta o estômago e não a hora. Os olhos deles não chegaram a se encontrar, mas Alexis soube com certeza que Schulmann estava à sua espera, chamando-o através da sala e dizendo *almoço.* O silesiano continuava a falar, a audiência ainda de pé ao seu redor, todos parecendo estonteados, como um bando de passageiros de avião retidos em terra num atraso. Afastando-se discretamente, Alexis foi atrás de Schulmann. No corredor, Schulmann pegou-lhe o braço, num gesto espontâneo de afeição. Na calçada – era outro lindo dia de sol – os dois tiraram os paletós. Alexis lembrou depois que Schulmann enrolara o seu paletó, como se fosse um travesseiro. Alexis fez sinal para um táxi e deu o nome de um restaurante italiano, no alto de uma colina, no outro lado de Bad Godesberg. Já estivera lá antes com mulheres, mas jamais com homens. E Alexis, em todas as coisas um epicurista, estava sempre consciente das primeiras vezes.

Quase não falaram durante o percurso. Schulmann ficou admirando a paisagem, radiante, com a serenidade de quem

fizera jus ao Sabá, embora ainda fosse o meio da semana. Alexis lembrou que o avião dele deveria deixar Colônia ao final da tarde. Como uma criança que é tirada da escola no meio das aulas, Alexis calculou as horas que isso lhes deixaria, presumindo que Schulmann não tinha qualquer outro compromisso. O que era uma pressuposição absurda, mas maravilhosa. No restaurante, o dono italiano se desdobrou em atenções a Alexis, como era previsível, mas foi Schulmann quem realmente o encantou. Chamou-o de "Herr Professor" e insistiu em preparar uma mesa grande junto a uma janela, uma mesa que poderia acomodar seis pessoas. Abaixo deles estendia-se a velha cidade, com o Reno sinuoso mais além, exibindo as suas colinas escuras e castelos irregulares. Alexis conhecia a vista de cor, mas naquele dia, através dos olhos de seu novo amigo Schulmann, parecia estar contemplando-a pela primeira vez. Alexis pediu dois uísques. Schulmann não fez qualquer objeção. Observando a paisagem com admiração, enquanto esperavam pela bebida, Schulmann finalmente falou:

– Se Wagner tivesse deixado em paz o tal de Siegried, talvez pudéssemos ter um mundo melhor, no final das contas.

Por um momento, Alexis não pôde compreender o que acontecera. Tivera um dia movimentado até aquele momento, estava com a barriga vazia e a mente abalada. Schulmann estava falando em alemão! Com um evidente sotaque sudeto, meio enferrujado, parecendo ranger como um motor há muito fora de uso. Ainda por cima, Schulmann falava com um sorriso contrito, que representava tanto uma confissão como um convite à conspiração. Alexis deixou escapar uma pequena risada, Schulmann riu também, os uísques chegaram e brindaram um ao outro, tomando um gole. Mas sem o opressivo cerimonial alemão de "olhar, um gole, olhar de novo", que Alexis sempre achara demais, especialmente com judeus, que instintivamente viam algo ameaçador no formalismo alemão.

– Disseram-me que você terá uma nova função em breve, lá em Wiesbaden – comentou Schulmann, ainda em alemão, depois de concluído o cerimonial inicial. – Alguma função burocrática. Algo maior, mas também menor. Dizem que você é demais para o pessoal daqui. Agora que o conheci e também ao pessoal daqui, só posso dizer que não estou surpreso.

Alexis tentou também não ficar surpreso. Nada lhe fora dito a respeito de uma nova função; somente que seria inevitável. Até mesmo a substituição pelo silesiano ainda era supostamente um segredo. Alexis ainda não tivera tempo de comentar com alguém, nem mesmo com a sua jovem amante, com quem mantinha conversas telefônicas um tanto estapafúrdias, várias vezes por dia.

– Então é assim que acontece por aqui, hem? – comentou Schulmann, filosoficamente, falando tanto para o rio quanto para Alexis. – Mas pode estar certo de que em Jerusalém a vida de um homem é igualmente precária. Rio acima, rio abaixo. E não tem escapatória. – Ele fez uma pausa, parecendo um pouco desapontado, apesar de tudo. E depois acrescentou, mais uma vez se encontrando com os pensamentos de seu companheiro: – Soube que se trata de uma moça extraordinária, inteligente, atraente, leal. Talvez ela seja mulher demais para eles.

Resistindo à tentação de converter a ocasião num seminário sobre os problemas de sua própria vida, Alexis encaminhou a conversa para a conferência da manhã. Mas Schulmann respondeu vagamente, comentando apenas que os técnicos nunca resolviam nada e que as bombas o entediavam. Pedira *pasta* e comeu-a à maneira dos prisioneiros, usando a colher e o garfo automaticamente, sem se dar ao trabalho de olhar. Alexis, com receio de interromper o fluxo, manteve-se tão quieto quanto podia.

Para começar, com a narrativa fácil de um homem mais velho, Schulmann lançou-se a um lamento suave sobre os supostos aliados de Israel contra o terrorismo.

– Em janeiro, quando estávamos efetuando uma investigação diferente, procuramos nossos amigos italianos – disse ele, em tom de reminiscência. – Apresentamos provas concretas, fornecemos endereços certos. E o que aconteceu? Eles prenderam uns poucos italianos, enquanto as pessoas que Jerusalém queria voltaram em segurança para sua base na Líbia, bronzeadas e descansadas, esperando pela próxima missão. Não era o que estávamos querendo.

Um punhado de *pasta.* Limpar os lábios com o guardanapo. A comida é um combustível para ele, pensou Alexis. Ele come a fim de poder lutar.

– Em março, quando surgiu outro problema, aconteceu exatamente a mesma coisa, só quê desta vez estávamos lidando com Paris. Alguns franceses foram presos, mas ninguém mais. Determinadas autoridades receberam seus aplausos e também promoções. Graças a nós. Mas os árabes. . . – Ele deu de ombros, num gesto de indulgência. – Pode ser mais conveniente. Uma política de petróleo perfeita, uma decisão econômica perfeita, tudo perfeito. Mas não é justiça. E o que nós queremos é justiça.

O sorriso se alargou, em contraste direto com a ironia do relato.

– Eu diria que aprendemos a ser seletivos. É melhor revelar pouco do que muito. . . foi a conclusão a que chegamos. Alguém se mostra favorável a nós, tem uma ficha impressiva. . . até mesmo um pai extraordinário, como o seu. . . com ele faremos negócios. Cautelosamente. Informalmente. Entre amigos. Se ele puder usar nossas informações de maneira construtiva para si mesmo, progredir um pouco em sua profissão. . . tanto melhor que nossos amigos tenham influência em suas profissões. Mas queremos a nossa parte no trato. Esperamos que as pessoas nos deem o que é justo. Especialmente de nossos amigos.

Foi o mais perto que Schulmann se aproximou, naquele dia ou depois, de formular os termos de sua proposta. Alexis, por sua vez, não formulou qualquer coisa. Deixou que o silêncio exprimisse sua compreensão e simpatia. E Schulmann, que compreendia tanta coisa nele, compreendeu isso também, pois retomou a conversa como se o acordo estivesse sacramentado e já fossem associados: – Há poucos anos, um bando de palestinos fez o diabo no meu país. Normalmente, tais pessoas são de baixa extração. Jovens camponeses, tentando ser heróis. Esgueiram-se pela fronteira, espreitam uma aldeia, livram-se de suas bombas, correm para a segurança. Se não os pegamos na primeira vez, então pegamos na segunda... quando há uma segunda vez. Mas os homens de que estou falando eram diferentes. Tinham um comando. Sabiam como agir. Como permanecer a distância dos informantes, cobrir as pistas, providenciar o necessário, definir objetivos. Na primeira vez, explodiram um supermercado em Beit Shean. Depois veio uma escola, alguns povoados, outra loja, até que parecia uma sucessão interminável. E depois eles começaram a pegar nossos soldados que voltavam para casa em licença, pedindo carona. Mães iradas, jornais, todos começaram a clamar "agarrem esses homens". Foi o que tentamos fazer, colhendo informações por toda parte. Descobrimos que eles usavam cavernas no vale do Jordão. Ali se escondiam. Viviam da terra. Mesmo assim, não conseguimos encontrá-los. O pessoal da propaganda palestina chamava-os de heróis do Comando Oito. Mas conhecíamos o Comando Oito por dentro e por fora. O Comando Oito não poderia acender um fósforo sem que soubéssemos com a antecedência necessária. Veio outra informação. Eram irmãos. Uma atividade familiar. Um informante falou em três, outro em quatro. Mas irmãos com toda certeza, operando a partir do Jordão, como já sabíamos. Reunimos uma equipe, saímos atrás deles. Pessoas que chamamos de Sayaret, pequenas equipes, e homens implacáveis. O comandante palestino era um solitário, pelo que soubemos, propenso a não confiar em ninguém fora de sua família. Sensatamente paranoico em relação à traição árabe. Nunca o encontramos. Seus dois irmãos não foram tão espertos. Um deles era apaixonado por uma moça em Amã. Deparou com um fogo de metralhadora certa manhã, ao sair da casa dela. O segundo cometeu o erro de entrar em contato com um amigo de Sidon, convidando-se para um fim de semana. A força aérea explodiu seu carro em pedacinhos, quando viajava pela estrada litorânea.

Alexis não foi capaz de reprimir um sorriso excitado e murmurou:

– Não havia fio suficiente.

Mas Schulmann não ouviu e continuou:

– A esta altura, já sabíamos quem eles eram: palestinos da margem ocidental, de uma pequena aldeia vinícola chamada Hebron, que fugiram depois da guerra de 67. Havia um quarto irmão, mas era jovem demais para lutar, mesmo pelos padrões palestinos. Havia duas irmãs, mas uma delas morrera num bombardeio de represália que tivemos de efetuar ao sul do Rio Litani. Com isso, não lhe restava muita coisa em termos de um exército. Mesmo assim, continuamos a procurar por nosso homem. Esperávamos que ele recrutasse reforços, voltasse a nos atacar. Mas isso não aconteceu. Ele suspendeu suas atividades. Seis meses se passaram. Um ano. Concluímos: "Podemos esquecê-lo. Provavelmente foi morto por sua própria gente, o que é normal." Soubemos que os sírios haviam-no perseguido. Sendo assim, ele devia estar morto. Há alguns meses, no entanto, correu o rumor de que ele viera para a Europa. Para aqui. Reunindo um grupo, com várias mulheres, quase todas alemãs. E jovens. – Schulmann pôs um pouco de comida na boca, mastigou, engoliu, com uma expressão pensativa. – Ele controlava as pessoas firmemente. Bancando o Mefistófeles árabe para um bando de crianças impressionáveis.

A princípio, no longo silêncio que se seguiu, Alexis não pôde compreender Schulmann. O sol muito acima das colinas incidia diretamente sobre a janela. No clarão resultante, era difícil para Alexis divisar a expressão dele. Discretamente, Alexis mudou de posição, observando-o melhor. Por que a súbita expressão sombria nos olhos escuros?, pensou ele. E fora realmente o sol que tirara toda a cor da pele de Schulmann, deixando-a rachada e doentia, como algo morto? E depois, num dia repleto de percepções brilhantes e às vezes dolorosas, Alexis reconheceu a paixão que até então permanecera oculta. Foi ali, no restaurante, na cidadezinha sonolenta. Como se pode ver alguns homens dominados pelo amor, Schulmann estava possuído por um profundo e terrível ódio.

Schulmann partiu ao cair da noite. Os remanescentes de sua equipe ficaram por mais dois dias. Uma celebração de

despedida, com que o silesiano estava determinado a assinalar as excelentes relações tradicionalmente existentes entre os dois serviços, uma reunião noturna com cerveja clara e muita salsicha foi sabotada por Alexis, que ressaltou que o governo de Bonn resolvera naquele mesmo dia insinuar a possibilidade de uma operação de venda de armas aos sauditas e por isso era improvável que os israelenses estivessem com um ânimo festivo. Foi provavelmente o seu último ato efetivo no cargo. Um mês depois, como Schulmann previra, ele foi transferido para Wiesbaden. Uma função burocrática, teoricamente uma promoção, mas que deixava menos espaço para a manifestação de sua individualidade caprichosa. Um jornal um tanto rude, que outrora se incluía entre os partidários do bom doutor, comentou ironicamente que a perda de Bonn seria o ganho do telespectador. Seu único consolo, numa ocasião em que muitos amigos alemães se afastavam apressadamente, foi um bilhete afetuoso de boa sorte, escrito a mão, despachado de Jerusalém, que o saudou em seu primeiro dia no novo cargo. Assinado "sempre com você, Schulmann". Desejava-lhe sorte e acrescentava que aguardava ansiosamente o próximo encontro entre os dois, quer fosse particular ou oficial. Um pós-escrito irônico insinuava que Schulmann também não estava numa fase boa: "A menos que eu apresente a solução em breve, tenho o desagradável pressentimento de que irei lhe fazer companhia." Com um sorriso, Alexis largou o bilhete numa gaveta, onde qualquer um poderia lê-lo. O que certamente aconteceria. Ele sabia exatamente o que Schulmann estava fazendo e admirava-o por isso: estava lançando a base inocente para o futuro relacionamento. Duas semanas depois, quando o Dr. Alexis e sua jovem enamorada realizaram uma discreta cerimônia de casamento, foram as rosas de Schulmann, entre todos os presentes, que lhe proporcionaram a maior alegria e mais divertimento. E eu nem mesmo avisei-o que ia casar!

Aquelas rosas eram como a promessa de um novo caso de amor, justamente no momento em que ele precisava.

2

Quase oito semanas transcorreram antes que o homem a quem o Dr. Alexis conhecia como Schulmann voltasse à Alemanha. Nesse período, as investigações e o planejamento do pessoal de Jerusalém haviam progredido de maneira tão extraordinária que os homens ainda trabalhando nos destroços de Bad Godesberg mal teriam reconhecido o caso. Se fosse uma mera questão de punir os culpados – se o incidente de Godesberg fosse algo isolado, ao invés de parte de uma série relacionada – Schulmann não teria se preocupado em envolver-se pessoalmente, pois seus objetivos eram mais ambiciosos que a simples retaliação e estavam intimamente ligados à sua própria sobrevivência profissional. Há meses que, sob sua pressão impaciente, seus homens vinham procurando pelo que ele chamava de uma janela, grande o bastante para que alguém passasse e atacasse o inimigo pelo interior da casa, ao invés de destruí-lo com tanques e artilharia pela frente, o que era cada vez mais a propensão em Jerusalém. Graças a Godesberg, eles estavam convencidos de que haviam encontrado a janela tão procurada. Enquanto os alemães ocidentais ainda se debatiam com pistas vagas, os burocratas de Schulmann em Jerusalém estavam discretamente estabelecendo ligações tão distantes como Ancara e Berlim Oriental, determinando canais de comando suspeitos, antes de entrarem em ação nos redutos diplomáticos. Os veteranos começavam a falar de uma imagem no espelho, a reconstituição na Europa dos padrões familiares do Oriente Médio dois anos antes.

Schulmann não foi a Bonn, mas a Munique. E também não foi como Schulmann. Nem Alexis nem seu sucessor silesiano tomaram conhecimento da chegada dele, o que foi intencional. Seu nome, se o tinha, era *Kurtz,* embora o usasse tão raramente que poderia ser perdoado, se algum dia o esquecesse totalmente. Kurtz significando curto; Kurtz do caminho mais curto, Kurtz do atalho, diziam alguns, suas vítimas; Kurtz do pavio curto. Outros faziam comparações minuciosas com o herói de Joseph Conrad. A verdade nua e crua é que o nome era morávio e originalmente se soletrava Kurz, até que um agente policial britânico do Mandato, em sua sabedoria, acrescentara um t – e Kurtz, em sua própria sabedoria, o mantivera, uma adaga afiada cravada em sua identidade, ali ficando como uma espécie de provocação.

Ele chegou a Munique procedente de Tel Aviv, através de Istambul, muda ndo de passaporte duas vezes e de avião três vezes. Antes disso, passara uma semana em Londres, alimentando uma posição reservada. Por toda parte a que ia, sempre estava acertando as coisas e conferindo os resultados, recrutando ajuda, convencendo pessoas, pressionando os relutantes com sua formidável energia e o volume e extensão de seu planejamento antecipado, mesmo quando às vezes se repetia ou esquecia uma pequena instrução que emitira. Vivemos por muito tempo e logo estamos mortos há muito, ele gostava de dizer, com um brilho nos olhos. Era o mais próximo que jamais chegava de um pedido de desculpas. Sua solução pessoal era renunciar ao sono. Em Jerusalém dizia-se que Kurtz dormia tão depressa quanto trabalhava. O que era muito depressa. Explicavam que Kurtz era o mestre da conspiração europeia agressiva. Kurtz percorria o caminho impossível. Kurtz fazia o deserto desabrochar. Kurtz barganhava e mentia até mesmo em suas orações, mas à força conseguia melhor sorte do que os judeus jamais haviam tido em dois mil anos. Não se podia dizer que o amavam como um homem, pois ele era paradoxal demais, complicado demais, feito de muitas almas e cores. Sob alguns aspectos, na verdade, seu relacionamento com os superiores, especialmente com Misha Gavron, seu chefe, era mais o de um estranho tolerado com algum esforço do que de um igual em quem se confiava. Sua base de poder era frágil e permanentemente instável, de acordo com quem ofendera pela última vez, em busca da lealdade conveniente. Não era um *sabra,* carecia dos antecedentes elitistas dos *kibbutzin,* universidade e regimentos de elite, que para sua consternação abasteciam cada vez mais a aristocracia restrita de seu serviço. Não estava sintonizado com seus polígrafos, computadores e a fé sempre crescente nas manobras de poder ao estilo americano, na psicologia aplicada e administração de crise. Amava a diáspora e fazia dela sua especialidade, numa época em que a maioria dos israelenses se empenhava, com entusiasmo, mas um tanto contrafeita, em reavivar sua identidade como orientais. Mas a verdade é que Kurtz vicejava com os obstáculos e progredia com a rejeição. Podia lutar, se fosse necessário, em todas as frentes ao mesmo tempo. O que não lhe davam livremente de um jeito, ele conseguia furtivamente por outro. Por amor a Israel. Pela paz. Pela moderação. E pelo seu próprio direito de fazer o seu impacto e sobreviver.

Provavelmente o próprio Kurtz não poderia dizer em que momento da caçada formulara seu plano. Tais planos começavam bem no fundo dele, como um impulso rebelde esperando por uma causa, depois afloravam quase antes que os percebesse. Sonhara com o plano quando fora confirmada a marca registrada do terrorista? Ou enquanto comia a *pasta* em Godssberg e começava a reconhecer que podia converter Alexis numa boa presa? Antes Muito antes. Devia ser feito, ele dissera a quem quer que quisesse escutar, depois de uma reunião particularmente ameaçadora do comitê-diretor de Gavron, naquela primavera. Se não pegarmos o inimigo em seu próprio campo, aqueles palhaços do Knesset e da Defesa vão explodir

toda a civilização na caçada ao homem. Alguns de seus pesquisadores juravam que tudo começara muito antes, que Gavron suprimira um plano similar 12 meses antes. Não tinha importância. O certo é que os preparativos operacionais já estavam em andamento muito antes do garoto ser descoberto, embora Kurtz sistematicamente retivesse qualquer informação do olhar implacável de Misha Gavron, adulterando os seus registros a fim de enganá-lo.

Encontrem o garoto, disse Kurtz à sua equipe de Jerusalém, ao mesmo tempo que efetuava suas próprias viagens furtivas. É um garoto e sua sombra. Encontrem o garoto, a sombra o seguirá. Sem qualquer problema. Kurtz pressionava os homens, até que todos juravam que o odiavam. Podia aplicar a pressão com a mesma intensidade com que abruptamente a suspendia. Telefonava dos lugares mais estranhos, a qualquer hora do dia ou da noite, apenas para manter sua presença entre eles em todos os momentos. Já encontraram o garoto? Por que o garoto ainda está sumido? Mas ainda disfarçava as indagações, a fim de que Gavron, mesmo que tomasse conhecimento, não pudesse entender o significado. Pois Kurtz estava evitando sua investida sobre Gavron até o último e mais favorável momento. Cancelou as licenças, aboliu o Sabá e usou os seus próprios recursos minguados, para não ter de apresentar prematuramente suas contas aos canais competentes. Foi buscar reservistas no conforto de suas sinecuras acadêmicas e ordenou-lhes que voltassem, sem qualquer pagamento, às suas antigas atividades, a fim de acelerar a busca. Encontrem o garoto. O garoto nos apontará o caminho. Um dia, do nada, produziu um codinome para ele: *Yanuka,* que é uma palavra aramaica afetiva para garoto, literalmente um bebê crescido.

– Encontrem-me Yanuka e entregarei aos gaviões todo o aparelho numa bandeja.

Mas nenhuma palavra a Gavron. Esperem.

Em sua amada diáspora, se não em Jerusalém, seu elenco de partidários era fantástico. Em Londres somente, ele acionava, com um mero sorriso, de respeitáveis negociantes de arte a magnatas do cinema em potencial, de senhorias do East End a comerciantes de roupas, revendedores de carros de reputação duvidosa e grandes companhias da City. Foi também visto por várias vezes no teatro, uma vez fora da cidade, mas sempre assistindo ao mesmo espetáculo. Levou em sua companhia um diplomata israelense que tinha funções culturais, só que não falaram absolutamente em cultura. Em Camden Town, comeu duas vezes num humilde restaurante, operado por um grupo de indianos de Goa; em Frognal, cerca de três quilômetros a noroeste, inspecionou uma isolada mansão vitoriana chamada The Acre, considerando-a perfeita para as suas necessidades. Mas sempre especulativo, ressaltou aos obsequiosos locatários que o contrato só entraria em vigor quando os negócios o levassem para aquelas bandas. Aceitaram a condição. Aceitaram tudo. Estavam orgulhosos de serem recrutados, servir a Israel deliciava seus corações, mesmo que isso implicasse se mudarem para sua casa em Marlow por alguns meses. Eles não tinham um apartamento em Jerusalém, que usavam para visitar amigos e a família na Páscoa, depois de duas semanas de sol e mar em Eilat? E não estavam pensando seriamente em viver lá para sempre. . . mas só depois que os filhos passassem pela idade do serviço militar e quando a inflação diminuísse? Por outro lado, podiam simplesmente ficar em Hampstead. Ou em Marlow. Enquanto isso, enviavam donativos generosos a Israel e estavam dispostos a fazer qualquer coisa que Kurtz lhes pedisse, jamais esperando qualquer coisa em troca e sem dizer nada a ninguém.

Nas embaixadas, consulados e legações ao longo do caminho, Kurtz sempre se mantinha a par das discórdias e acontecimentos na pátria e do progresso de sua gente em outras partes do mundo. Durante as viagens de avião, reforçava seus conhecimentos da literatura revolucionária radical de todas as espécies. O encovado assistente, cujo verdadeiro nome era Shimon Litvak, mantinha uma seleção de material em sua pasta surrada, apresentando-a nos momentos mais impróprios. No lado mais violento, tinha Fanon, Guevara e Marighella; no mais suave, tinha Debray, Sartre e Marcuse. Para não falar das almas mais gentis que escreviam principalmente sobre as crueldades da educação nas sociedades de consumo, os horrores da religião e a fatal repressão do espírito na infância capitalista. De volta a Jerusalém e Tel Aviv, onde deb ates similares não são desconhecidos, Kurtz mantinha-se o mais retraído possível, conversando com os responsáveis pelos casos, contornando rivais, enfronhando-se em meticulosos levantamentos de perfis, baseados em velhos arquivos e agora cautelosamente atualizados e ampliados. Soube um dia de uma casa que estava para alugar por um preço baixo, na Disraeli Street, 11. Para maior sigilo, ordenou que todos os que trabalhavam no caso fossem se basear lá.

– Soube que já está nos deixando – comentou Misha Gavron ceticamente no dia seguinte, quando os dois se encontraram numa reunião sobre outro assunto.

A esta altura, Gavron já sabia que o vento estava soprando, embora não tivesse certeza da direção. Mas Kurtz não se deixou atrair pelo comentário. Ainda não. Alegou a autonomia operacional, com um sorriso firme.

A casa era em estilo árabe, não muito grande, mas fresca, com um limoeiro no jardim da frente. Havia ali cerca de 200 gatos, que as mulheres trabalhando no caso alimentavam com um exagero absurdo. Assim, a casa tornou-se inevitavelmente conhecida como a casa dos gatos, um nome que se dava a bordel em inglês. A coesão da equipe aumentou, garantindo pela proximidade do pessoal de controle que não ocorresse em hiatos lamentáveis entre os setores especializados em vazamentos.

Também levantara o *status* da operação, o que para Kurtz era crucial.

No dia seguinte veio o golpe que ele estava esperando e que, apesar disso foi impotente para evitar. Foi horrível, mas serviu a seu propósito. Um jovem poeta israelense, numa visita à Universidade de Leyden, na Holanda, onde deveria receber um prêmio, foi explodido em pedacinhos ao café da manhã por um pacote-bomba entregue no hotel. Era o dia do seu 25º aniversário. Kurtz estava à sua mesa quando a notícia chegou. Absorveu-a como um veterano pugilista que absorve um soco violento: recuou, encolheu-se, os olhos fechados por um instante. Mas, horas depois, estava de pé na sala de Gavron, com várias pastas debaixo do braço e duas versões de seu plano operacional na outra mão, uma para Gavron e a outra, muito mais vaga, para o comitê-diretor de Gavron, formado por políticos nervosos e generais sequiosos por guerra.

O que se passou exatamente entre os dois não pôde ser a princípio conhecido, pois nem Kurtz nem Gavron eram de confidenciar qualquer coisa. Na manhã seguinte, porém, Kurtz estava em ação aberta, evidentemente com alguma espécie de autorização, recrutando reforços. Usou o dedicado Litvak como intermediário, um *sabra,* capaz de se movimentar com facilidade entre jovens altamente motivados de Gavron, aos quais Kurtz secretamente achava inflexíveis e difíceis de manipular. O filho dessa família reunida às pressas foi Oded, de 23 anos e originário do mesmo *kibbutz* que Litvak, também formado na prestigiosa Sayeret. O avô era um georgiano de 70 anos, chamado Bougaschwili, porém conhecido como Schwili. Tinha a cabeça calva muito brilhante, os ombros vergados, a calça típica de um palhaço, muito baixa na virilha e curta nas pernas. Um chapéu preto de feltro, usado tanto dentro como fora de casa, arrematava a exótica aparência. Schwili começara a vida como contrabandista e vigarista, ofícios que não eram tão incomuns assim em sua terra natal. No meio da vida, porém, passara a exercer o ofício de falsificador de todas as coisas. Sua façanha maior fora realizada na Lubjlanka, onde falsificara documentos para outros colegas de prisão a partir de números atrasados do *Pravda,* transformados em polpa para a produção de seu próprio papel. Finalmente libertado, aplicara o mesmo gênio ao mundo das belas artes, tanto como falsário como no papel de perito, sob contrato de galerias famosas. Segundo afirmava, por várias vezes tivera o prazer de autenticar suas próprias falsificações. Kurtz adorava Schwili e sempre que tinha 10 minutos de folga levava-o a uma sorveteria no fundo da ladeira, pagando-lhe um sorvete de caramelo, duplo.

Kurtz forneceu a Schwili os dois ajudantes mais improváveis que se poderia imaginar. O primeiro, uma descoberta de Litvak era um graduado da Universidade de Londres, chamado Leon, um israelense que tivera uma infância inglesa, mas não por sua opção e sim porque o pai, um dos dirigentes do *kibbutz,* fora despachado para a Europa como o representante de uma cooperativa comercial. Leon desenvolvera um interesse literário em Londres, editando uma revista e publicando um romance completamente ignorado. Seus três anos compulsórios no exército israelense deixaram-no angustiado. Ao dar baixa, foi fixar-se em Tel Aviv, onde se ligou a um dos semanários intelect uais que vêm e passam como as moças bonitas. No momento em que houve o colapso, Leon estava escrevendo todo o semanário sozinho. Mas entre os jovens claustrofóbicos e obcecados pela paz de Tel Aviv, ele experimentou o profundo redespertar de sua identidade como um judeu, acompanhado pelo impulso ardente de livrar Israel de seus inimigos, passados e futuros.

– Daqui por diante você vai escrever para mim – disselhe Kurtz. – Não terá muitos leitores, mas pode estar certo de que seus textos serão devidamente apreciados.

A outra pessoa recrutada para ajudar Schwili foi uma certa Srta. Bach, uma pacata mulher de negócios de South Bend, Indiana, nos Estados Unidos, que impressionava não só por sua inteligência, mas também pela aparência não-judia. Kurtz recrutara a Srta. Bach, treinara-a em diversas funções e finalmente despachara-a para Damasco, como instrutora em programação de computador. Por vários anos, a pacata Srta. Bach fornecera informações sobre a capacidade de disposição dos sistemas de radar da Síria. Chamada de volta à base, a Srta. Bach estava pensando melancolicamente em se lançar à vida de pioneira na Margem Ocidental, quando o novo chamado de Kurtz salvou-a desse desconforto.

Schwili, Leon, Srta. Bach: Kurtz batizou o trio incongruente de Comitê Literário, dando-lhe um destaque especial em seu exército particular que rapidamente se expandia.

Seus objetivos em Munique eram administrativos, mas tratou de desempenhá-los com o máximo de discrição, empenhando-se em forçar sua natureza impulsiva a um comportamento modesto e retraído. Nada menos de seis membros de sua equipe recém-formada estavam agora instalados ali, ocupando duas bases separadas, em partes diferentes da cidade. O primeiro grupo era integrado pelos dois homens de ação externa. O contingente deveria ser de cinco homens, mas Misha Gavron ainda estava determinado a mantê-lo sob rédea curta. Pegando Kurtz não no aeroporto e sim num lúgubre café em Schwabing, usando um desconjuntado furgão para escondê-lo, também por medida de economia, levaram-no à Vila Olímpica, entrando num dos escuros estacionamentos subterrâneos, ponto frequentado por assaltantes e prostitutas de ambos os sexos. É

claro que a Vila Olímpica não é absolutamente uma vila, mas sim uma cidadela de concreto abandonada e em desintegração, mais reminiscente de um povoado israelense do que qualquer outra coisa na Baviera. Através do estacionamento subterrâneo, levaram-no por uma escada imunda, com *graffiti* em muitas línguas nas paredes, passando por pequenos jardins no telhado, até um apartamento dúplex, alugado a prazo curto, parcialmente mobiliado. Fora do apartamento, falaram em inglês e trataram-no de "senhor", mas depois de entrarem se dirigiram a seu chefe como Marty e falaram respeitosamente em hebraico.

O apartamento ficava no alto de um prédio de esquina, repleto de estranhos equipamentos de iluminação fotográfica, câmaras montadas em tripés, além de toca-fitas e telas de projeção. No fundo, no lado sul, havia um quarto de quatro metros por três e meio, com uma claraboia dando para a inclinação do telhado. Os homens explicaram meticulosamente a Kurtz que haviam coberto a claraboia primeiro com uma manta, depois com madeira e vários centímetros de paina, presa com fita isolante preta. Paredes, chão e teto tinham um isolamento similar. O resultado parecia uma mistura entre uma moderna cela monástica e uma cela acolchoada de um louco. A porta fora discretamente reforçada com uma folha de aço pintada, tendo uma pequena área de vidro blindado na altura da cabeça, sobre a qual estava pendurado um cartaz de papelão avisando "Quarto Escuro – Não Entre" e por baixo, *"Dunkelkammer Kein Einrittr*. Kurtz mandou que um deles entrasse no quarto, fechasse a porta e gritasse o mais alto que pudesse. Ouvindo apenas um murmúrio rouco, ele aprovou, satisfeito.

O resto do apartamento era arejado, mas no pior estado possível, como a própria Vila Olímpica. Para o norte, as janelas propiciavam uma vista sombria da estrada para Dachau, onde muitos judeus haviam morrido, no campo de concentração. A ironia não passava desapercebida a nenhum dos presentes, ainda mais porque a polícia bávara, com uma absurda insensibilidade, alojara no antigo quartel ali existente o seu esquadrão especial de emergência. Mais perto, eles puderam mostrar a Kurtz o lugar em que, na história mais recente, comandos palestinos haviam invadido os aposentos de atletas israelenses, matando alguns imediatamente e levando o resto para o aeroporto militar, ali matando-os também. Informaram a Kurtz que ao lado havia uma comuna de estudantes. Por baixo não havia ninguém no momento, porque o último inquilino se matara. Depois de percorrer todo o lugar sozinho e analisar todas as entradas e caminhos de fuga, Kurtz resolveu que devia alugar também o apartamento inferior. No mesmo dia, telefonou para um advogado em Nuremberg, dando instruções para que cuidasse do contrato. Os rapazes haviam adquirido uma aparência desajeitada e inútil. Um deles, o jovem Oded, deixara até crescer a barba. Os passaportes revelavam que eram argentinos, fotógrafos profissionais, ninguém sabia nem se importava de que tipo. Eles disseram a Kurtz que às vezes, para imprimir um ar de naturalidade e irregularidade, anunciavam aos vizinhos que dariam uma festa noturna, da qual os únicos indícios eram a música alta pela madrugada afora as garrafas vazias na lata de lixo no dia seguinte. Na verdade, porém, ninguém entrava no apartamento, a não ser o mensageiro do outro grupo. Não havia convidados, não havia visitas de qualquer espécie. Quanto às mulheres, era melhor esquecer. Como as vistas pela janela, as mulheres haviam saído de seus pensamentos, até voltarem a Jerusalém.

Depois de comunicarem tudo isso e muito mais a Kurtz, discutindo problemas oficiais como transporte extra e despesas operacionais, se poderia ou não ser uma boa ideia fixar argolas de ferro nas paredes do quarto escuro (Kurtz era a favor da ideia), levaram-no, a pedido dele, para um passeio e o que ele chamava de um pouco de ar fresco. Vaguearam pelos ricos cortiços estudantis, pararam por um momento numa escola de cerâmica, uma escola de carpintaria e o que era orgulhosamente oferecido como a primeira escola de natação construída especialmente para bebês, leram os *slogans* anarquistas nas portas dos chalés. Inevitavelmente, como que por uma atração irresistível, descobriram-se por fim parados diante da casa fatídica em que, quase exatamente 10 anos antes, o ataque aos atletas israelenses chocara o mundo. Um memorial em pedra, com inscrições em hebraico e alemão, recordava os 11 mortos. Onze ou 11 mil, o sentimento de indignação partilhado era o mesmo.

– Não se esqueçam disso – ordenou Kurtz, desnecessariamente, ao voltarem ao furgão.

Da Vila Olímpica levaram Kurtz ao centro da cidade, onde ele deliberadamente se perdeu por algum tempo, vagueando a esmo, para onde quer que a fantasia o levasse, até que os rapazes, que vigiavam suas costas, deram o sinal de que era seguro seguir para o próximo encontro. O contraste entre o lugar anterior e o novo não poderia ser maior. O destino de Kurtz era o último andar de uma casa vistosa, no coração da Munique elegante. A rua era estreita, calçada com pedras e exclusiva. Possuía um restaurante suíço e um costureiro das altas-rodas, que parecia nada vender, mas mesmo assim prosperava. Kurtz subiu por uma escada escura. A porta se abriu no instante em que alcançou o último degrau, pois haviam observado sua aproximação pela rua na tela do circuito fechado de televisão. Ele entrou no apartamento sem dizer nada. Aqueles homens eram mais velhos do que os dois primeiros que haviam-no recebido; eram mais pais do que filhos. Possuíam a palidez de veteranos e um jeito resignado de se movimentarem, particularmente quando circulavam pelo apartamento só de meias. É que aqueles homens eram os vigilantes estacionários profissionais, uma espécie de sociedade secreta, mesmo em Jerusalém. Havia cortinas de renda na janela, estava escuro na rua lá fora e escuro também no interior do apartamento, tudo impregnado com um

ar de triste negligência. Incontáveis equipamentos eletrônicos e ópticos estavam espalhados entre os móveis imitando o estilo Biedermeyer, inclusive antenas internas dos mais variados tipos. À claridade que se desvanecia, no entanto, os formatos espectrais somente aumentavam o clima de desconsolo.

Kurtz abraçou cada homem solenemente. Depois,enquanto comiam bolacha e queijo e tomavam chá, o homem mais velho, que se chamava Lenny, fez a Kurtz um relato completo do estilo de vida de Yanuka, i gnorando o fato que há semanas Kurtz vinha partilhando cada pequena sensação que surgia: os telefonemas que Yanuka dava e recebia, as últimas visitas, as últimas namoradas. Lenny era gentil, de coração grande, comportando-se de maneira um tanto tímida com as pessoas que não estava observando. Tinha orelhas grandes e um rosto feio, carrancudo, talvez o motivo pelo qual o mantinha afastado do olhar implacável do mundo. Usava um colete cinza de tricô, como se fosse uma cota de malha. Em outras circunstâncias, Kurtz poderia se cansar rapidamente dos detalhes. Mas respeitava Lenny e prestava a maior atenção a tudo o que ele dizia, acenando com a cabeça, dando parabéns, formulando todas as expressões corretas.

– Esse Yanuka é um rapaz normal – disse Lenny. – Os comerciantes o admiram. Os amigos o admiram. É popular e simpático, Marty. Estuda, gosta de se divertir, conversa muito, é um rapaz sério, com apetites saudáveis. – Ele fez uma pausa, fitando Kurtz nos olhos, antes de acrescentar, um pouco tolo: – É difícil acreditar no outro lado dele, Marty.

Kurtz assegurou a Lenny que compreendia perfeitamente. Foi nesse momento que se acendeu uma luz na janela da mansarda no apartamento diretamente em frente, do outro lado da rua. O clarão retangular amarelado, sem mais nada iluminado nas proximidades, tinha toda a aparência de um sinal de amantes. Sem dizer nada, um dos homens de Lenny foi pegar o binóculo que estava num tripé, enquanto outro se agachava junto de um receptor de rádio e encostava um fone no ouvido.

– Não quer dar uma olhada, Marty? – sugeriu Lenny, esperançoso. –Posso ver pelo sorriso de Joshua que ele está com uma ótima percepção de Yanuka esta noite. Se esperar muito tempo, ele nos fechará a cortina. O que está vendo, Joshua? Yanuka está todo enfeitado esta noite? Com quem ele fala ao telefone? Com uma garota, certamente.

Empurrando Joshua para o lado, gentilmente, Kurtz olhou pelo poderoso binóculo. Ficou assim por um longo tempo, agachado como um velho gavião, parecendo mal respirar, enquanto estudava Yanuka, o bebê crescido.

– Está vendo aqueles livros ao fundo? – indagou Lenny. – O garoto lê como meu pai.

– Parece que temos ali um ótimo garoto – concordou Kurtz finalmente, com seu sorriso frio, empertigando-se devagar. – Um garoto de ótima aparência, não resta a menor dúvida.

Pegando a capa cinza na cadeira em que a deixara, ele escolheu uma manga e puxou-a gentilmente pelo braço.

– Só precisa tomar cuidado para que ele não case com sua filha. – Lenny pareceu ainda mais desconsolado do que antes e Kurtz apressou-se em confortá-lo: – Deveríamos estar gratos a você, Lenny, E estamos, fique certo. – Uma pausa e ele arrematou, com se fosse uma lembrança posterior: – Continue a tirar fotografias dele, por todos os ângulos. Não precisa ficar inibido, Lenny. O filme não é tão caro assim.

Depois de apertar a mão de cada homem, Kurtz acrescentou uma velha boina azul à indumentária. Assim protegido contra o movimento intenso da hora, saiu para a rua, caminhando rapidamente.

Estava chovendo quando recolheram Kurtz outra vez no furgão. Enquanto se deslocavam de um ponto sombrio para outro, matando tempo antes da partida do avião de Kurtz, o tempo pareceu afetar aos três. Oded estava ao volante. Ao passar pelas luzes, seu jovem rosto barbado revelava uma ira soturna.

– O que ele tem agora? – perguntou Kurtz, embora devesse saber a resposta.

– O último é um BMW de rico – respondeu Oded. – Com todos os equipamentos e acessórios imagináveis, cinco mil quilômetros rodados. Os carros constituem a fraqueza dele.

– Carros, mulheres, a vida boa – interveio o segundo rapaz, lá de trás. – Fico imaginando uma coisa: quais serão as suas forças?

– Alugado novamente? – perguntou Kurtz a Oded.

– Isso mesmo.

– Fiquem perto daquele carro – determinou Kurtz aos dois. – O momento em que ele devolver o carro à locadora e não pegar outro, é o momento que precisamos saber no mesmo instante.

Eles tinham ouvido isso até não aguentarem mais. Tinham ouvido com insistência antes de deixarem Jerusalém. E Kurtz repetiu agora, mais uma vez.

– O mais importante é quando Yanuka devolver o carro.

De repente, Oded não aguentou mais. Talvez fosse jovem e de temperamento mais propenso à pressão do que se imaginara. Talvez, por ser jovem assim, não devesse receber uma missão que exigia tanta espera. Aproximando o carro do meio-fio, ele puxou o freio de mão com tanta força que quase arrancou a alavanca.

– Por que o deixamos continuar? – indagou ele. – Por que entrar num jogo com ele? E se ele voltar para casa e nunca mais sair? O que faremos então?

– Então nós o perdemos.

– Pois nesse caso vamos matá-lo agora! Esta noite! Basta me dar a ordem e estará feito!

Kurtz deixou-o continuar, em sua divagação furiosa.

– Não estamos com o apartamento em frente? Basta disparar um foguete Já fizemos isso antes. Um RPG-7. . . árabe mata árabe com um foguete russo... por que não?

Kurtz continuou calado. Era como se Oded estivesse deblaterando com uma esfinge.

– Por que não? – insistiu Oded, a voz mais alteada do que nunca.

Kurtz não o poupou, mas também não perdeu a paciência:

– Porque ele não leva a parte alguma, Oded. Só por isso. Será que nunca ouviu o que o próprio Misha Gavron costumava dizer? Uma frase que pessoalmente ainda gosto de citar? Que se você quer pegar o leão, tem primeiro que amarrar a cabra? E eu me pergunto: que conversa absurda de luta você andou escutando? Está seriamente me dizendo que quer liquidar Yanuka, quando por 10 dólares mais pode apanhar o melhor operador que eles produziram em muitos anos?

– Ele fez Bad Godesberg! Fez Viena, talvez Leyden também! Judeus estão morrendo, Marty! Será que Jerusalém não mais se importa com essas coisas? Quantos mais deixaremos morrer, enquanto fazemos nossas manobras, continuamos em nosso jogo?

Segurando cuidadosamente as golas do blusão de Oded com suas mãos imensas, Kurtz sacudiu-o duas vezes. Na segunda, por um erro, a cabeça de Oded bateu dolorosamente contra a janela. Mas Kurtz não pediu desculpas e Oded não se queixou.

– *Eles,* Oded. Não *ele,* mas sim *eles.* – A voz de Kurtz estava agora ameaçadora. – *Eles* fizeram Bad Godesberg. *Eles* fizeram Leyden. E são *eles* que tencionamos pegar, não seis inocentes chefes de família alemães e um garotinho tolo.

– Está bem – disse Oded, corando. – Deixe-me em paz.

– Não, Oded, não está bem. Yanuka tem *amigos,* Oded. Parentes. Pessoas de que ainda não temos conhecimento. Quer dirigir a operação no meu lugar?

– Já falei que está bem.

Kurtz soltou-o e Oded tornou a ligar o motor. Kurtz sugeriu que continuassem a interessante excursão pelo estilo de vida de Yanuka. Assim, de sceram aos solavancos por uma rua calçada com pedras, onde ficava o boate predileta dele. Passaram também pela loja em que ele comprava suas camisas e gravatas, a barbearia onde cortava os cabelos, as livrarias de esquerda que frequentava. Durante todo o tempo, muito animado, Kurtz se mostrava radiante e assentia para tudo o que via, como se estivesse assistindo a um filme antigo de que nunca se cansava. Finalmente, numa praça não muito longe do aeroporto, eles se separaram. De pé na calçada, Kurtz apertou o ombro de Oded com uma afeição imperturbável, passou a mão pelos cabelos dele.

– Vocês dois não devem forçar demais. Façam uma grande refeição em a lgum lugar e me cobrem pessoalmente, está bem?

O tom dele era o de um comandante levado ao amor antes do combate. O que era justamente o que ele era, enquanto Misha Gavron assim o permitisse.

O voo noturno de Munique para Berlim, para os poucos que o usam, é uma das grandes viagens nostálgicas a se fazer na Europa. O Expresso do Oriente, a Flecha Dourada e o *Train Bleu* podem estar mortos, morrendo ou artificialmente ressuscitados, mas para aqueles que têm suas memórias, os 60 minutos de voo noturno através do corredor aéreo da Alemanha Oriental num sacolejante avião da Pan American, em três quartos vazio, são como os safáris de velhos *habitués* entregando-se a seu vício. A Lufthansa está proibida de fazer o percurso. Pertence apenas aos vitoriosos, aos ocupantes da antiga capital

alemã; aos historiadores e os que procuravam ilhas; e também a um idoso americano marcado pela guerra, com o ar sereno de um profissional que realiza a viagem quase diariamente, conhece a sua poltrona predileta e o primeiro nome da aeromoça, que pronuncia com o alemão terrível dos tempos da ocupação. Pode-se até pensar que ele vai dar a ela um pacote de Lucky Strike e marcar um encontro por trás da copa. A fuselagem range e sacode, as luzes piscam, não se pode acreditar que o avião não tenha asas. Contempla-se a paisagem inimiga toda apagada – para bombardear, para saltar? – e se pensa nas recordações, confunde-se as próprias guerras. Lá embaixo, pelo menos, de uma certa forma inquietante, o mundo está como era.

Kurtz não era exceção.

Estava sentado à janela, olhando para a noite, além do próprio reflexo. Como sempre acontecia quando fazia aquela viagem, tomou-se um espectador contemplando sua vida. Em algum lugar, naquela escuridão, estava a linha férrea que trouxera o trem de carga em sua lenta viagem do leste; em algum lugar, estava o desvio em que ficara parado por cinco noites e seis dias, em pleno inverno, a fim de permitir a passagem dos transportes militares, que eram muito mais importantes, enquanto Kurtz e a mãe, além de outros 118 judeus espremidos no vagão, comiam neve e congelavam, a maioria até a morte.

– O próximo acampamento será melhor – a mãe assegurava a todo instante, a fim de mantê-lo animado.

Em algum lugar daquela escuridão, a mãe se entregara depois passivamente à morte; em algum lugar naqueles acampamentos, o garoto sudeto que era ele passara fome, roubara e matara, esperando sem ilusões que outro mundo hostil o descobrisse. Viu o acampamento de recepção aliado, os uniformes desconhecidos, os rostos das crianças tão velhos e vazios como o seu. Um novo casaco, novas botinas e novo arame farpado... e uma nova fuga, desta vez de seus salvadores. Viu-se nos acampamentos outra vez, seguindo para o sul, de fazenda para aldeia, por semanas a fio, até que gradativamente as noites foram-se tornando mais quentes e recendendo a flores, ele ouviu pela primeira vez na vida o farfalhar de palmeiras à brisa marinha.

"Escute bem, garotinho congelado", sussurraram-lhe as palmeiras, "é assim que somos em Israel. O mar por lá é tão azul quanto aqui."

Ele viu o vapor carcomido encostado no cais, a maior e mais nobre embarcação que já contemplara, tão preta de cabeças judias que ele roubou um gorro e usou até saírem de Trieste. Mas precisavam dele, de qualquer maneira. No convés, em pequenos grupos, os líderes davam instruções sobre a maneira de disparar os rifles Lee Enfield roubados. Haifa ainda estava a dois dias de distância e a guerra de Kurtz mal começara.

O avião estava agora circulando para pousar. Kurtz observou enquanto sobrevoava o Muro. Ele levava apenas uma valise, mas a segurança era rigorosa por causa dos terroristas e por isso as formalidades demoraram algum tempo.

Shimon Litvak estava esperando no estacionamento, num Ford comum. Viera de avião da Holanda, depois de dois dias verificando o atentado em Leyden. Como Kurtz, ele sentia que não tinha o direito de dormir.

– A bomba foi entregue por uma moça – disse ele, assim que Kurtz entrou no carro. – Uma morena bonita. De *jeans*. O porteiro do hotel presumiu que ela era da universidade, verificou que chegou e partiu de bicicleta. Especulativo, mas acredito nele em parte. Há quem diga que ela chegou ao hotel numa bicicleta a motor. Uma fita de presente no embrulho e uma etiqueta dizendo "Feliz aniversário, Mordecai". Um plano, um transporte, uma bomba e uma garota. O que há de novo?

– Explosivo?

– Plástico russo, fragmentos do invólucro, nada que se possa descobrir a origem.

– Alguma marca registrada?

– Um rolo impecável de fio em excesso, 40 centímetros, convertido num simulacro.

Kurtz virou a cabeça abruptamente para fitá-lo.

– Não havia fio em excesso – confessou Litvak. – Só fragmentos carbonizados. Mas nenhum fio identificável.

– Também não havia pregador?

– Desta vez ele preferiu uma ratoeira. Uma pequena e inocente ratoeira doméstica.

Litvak ligou o carro.

– Ele também usava ratoeiras – comentou Kurtz.

– Usava ratoeiras, pregadores, velhas mantas beduínas, explosivos inidentificáveis, relógios ordinários de um só ponteiro e garotas ordinárias. E é o pior fabricante de bombas que se poderia imaginar, até mesmo para um árabe. – Litvak detestava a ineficiência quase tanto quanto o inimigo que era culpado dela. – Quanto tempo ele lhe deu?

Kurtz fingiu não entender.

– Deu-me? Quem me deu?

– Gavron. Qual é a sua licença? Um mês? Dois meses? Qual é o trato?

Mas Kurtz nem sempre era propenso à precisão em suas respostas.

– O problema é que muitas pessoas em Jerusalém preferem atacar os moinhos de vento do Líbano a lutar contra o inimigo usando a cabeça.

– Gavron pode contê-las... ou você pode?

Kurtz mergulhou num silêncio insólito e Litvak não sentia a menor vontade de arrancá-lo de seus devaneios. No meio de Berlim Ocidental não há escuridão, assim como não há luz nos arredores. Estavam seguindo para a luz. Gavron foi mais uma vez esquecido, em prol da missão atual.

– Fez um grande elogio a Peter – comentou Litvak de repente, lançando um olhar de lado para seu chefe. –Vindo à cidade dele assim. Uma viagem sua é como uma homenagem a ele.

– A cidade não é dele – disse Kurtz, calmamente. – Tomou-a emprestada. Ele tem uma concessão, um ofício a aprender, uma segunda vida a fazer. É só por isso que Peter está em Berlim.

– E ele consegue suportar viver numa lixeira assim? Mesmo por uma carreira nova? Depois de Jerusalém, ele pode vir para cá?

Kurtz não respondeu à pergunta diretamente e Litvak também não esperava que isso acontecesse.

– Ele deu a sua contribuição, Shimon. Nenhum homem deu uma contribuição melhor, de acordo com sua capacidade. Lutou muito, em lugares difíceis, a maioria por trás das linhas. Por que não deveria agora reformular sua vida? Ele tem direito à sua paz.

Mas Litvak não estava condicionado a abandonar suas batalhas de maneira inconclusiva.

– Então por que perturbá-la? Por que ressuscitar o que está acabado? Se ele está se lançando a um novo começo, então vamos deixá-lo em paz.

– Porque ele está num terreno intermediário, Shimon. – Litvak olhou rapidamente para seu chefe, em busca de esclarecimento, mas o rosto de Kurtz estava na sombra. – Porque ele tem a relutância que pode representar a ponte. Porque ele pondera. Isso o satisfaz?

Passaram pela igreja memorial e seguiram pela Kurfurstendamm, voltando à quietude ameaçadora dos arredores escuros da cidade.

– Qual é o nome que ele está usando atualmente? –indagou Kurtz, com um sorriso indulgente insinuado na voz. – Diga-me como ele está se chamando.

– Becker – respondeu Litvak, tensamente.

Kurtz manifestou o seu jovial desapontamento.

– Becker? Mas que diabo de nome é esse? Peter *Becker*... logo ele, um *sabra?*

– É a versão alemã da versão hebraica da versão alemã do nome dele – explicou Litvak, sem qualquer humor. – A pedido dos patrões, ele fez uma reversão. Não é mais um israelense, mas um judeu.

Kurtz manteve o seu sorriso superficial.

– Como ele está atualmente em matéria de mulheres, Shimon?

– Uma noite aqui, uma noite ali. Não há nenhuma que possa ser chamada de sua.

Kurtz acomodou-se mais confortavelmente no banco.

– Talvez ele esteja precisando justamente de um envolvimento. E poderá voltar a Jerusalém com sua linda esposa.

Entrando numa rua transversal miserável, eles foram parar diante de um prédio de apartamentos de três andares. Um portal de colunas conseguira de alguma forma sobreviver à guerra. Num lado, ao nível da rua, uma loja iluminada a néon exibia vestidos de mulher sem qualquer brilho. Um cartaz por cima dizia "Somente no atacado".

– Aperte a campainha de cima – avisou Litvak. – Dois toques, uma pausa, um terceiro toque. E ele virá. Deram-lhe um quarto por cima do estabelecimento. – Kurtz saltou do carro e ele acrescentou: – Boa sorte... com toda sinceridade.

Litvak ficou observando Kurtz atravessar a rua. Observou-o avançar pela calçada, em seu andar ondulante, muito depressa, parar abruptamente no portal miserável. Viu o braço forte se levantar para a campainha e a porta se abrir um momento depois, como se alguém estivesse esperando no outro lado. Calculou que fora isso mesmo. Viu Kurtz inclinar os ombros para abraçar um homem mais esguio, viu os braços do anfitrião envolverem as costas largas num cumprimento brusco, de companheiros de armas. A porta se fechou, Kurtz estava lá dentro.

Atravessando lentamente a cidade, Litvak olhava irritado para tudo o que havia no caminho, exteriorizando seu ciúme. Berlim era um lugar de ódio para ele, um inimigo herdado por todos os tempos, Berlim, onde o terror tinha um campo fértil, periodicamente. Seu destino era uma pensão barata, onde ninguém parecia dormir, a começar por ele. Quando faltavam cinco minutos para as sete horas, ele estava de novo na rua transversal onde deixara Kurtz. Apertou a campainha, esperou e ouviu passos lentos. A porta se abriu e Kurtz saiu agradecido para o ar da manhã, espreguiçando-se como um cachorro velho. Estava barbado e tirara a gravata.

– E então? – perguntou Litvak, assim que entraram no carro.

– Então o quê?

– O que ele disse? Vai fazer ou prefere permanecer em paz em Berlim, aprendendo a fazer vestidos para um bando de polonesas?

Kurtz parecia genuinamente surpreso. Estava no meio daquele gesto que tanto fascinara Alexis, o de levantar o relógio de pulso para o nível dos olhos, ao mesmo tempo que empurrava a manga esquerda para trás com a mão. Ouvindo a indagação de Litvak, no entanto, ele abandonou o gesto.

– Se ele vai fazer? Ora, Shimon, ele é um oficial israelense. – Ele sorriu em seguida, tão calorosamente que Litvak, tomado de surpresa, não pôde deixar de retribuir. – Em primeiro lugar, admito que ele disse que preferia continuar a estudar seu novo ofício, nos muitos aspectos. Assim, conversamos sobre aquela extraordinária missão que ele realizou além de Suez, em 63. Ele disse depois que o plano não daria certo e discutimos em detalhes as inconveniências de viver sob disfarce em Trípoli e manter uma rede de agentes líbios totalmente mercenários. . . uma coisa que ele fez por três anos, se bem me lembro. Depois, ele disse: "Arrume um homem mais jovem." O que não foi levado a sério, é claro. Recordamos suas muitas incursões noturnas pela Jordânia e as limitações da ação militar contra alvos de guerrilha, um ponto em que tive a sua plena concordância. Em seguida discutimos a estratégia. O que mais?

– E a semelhança? É suficiente? A altura dele, o rosto?

– A semelhança é suficiente – respondeu Kurtz, as feições se contraindo e enrugando, numa expressão dura. – Trabalharemos nisso e será suficiente. E agora deixe-o em paz, Shimon. Ou me fará amá-lo demais.

Abandonando o ar compenetrado, Kurtz desatou a rir, até que lágrimas de alívio e cansaço escorriam por suas faces. Litvak riu também e, com isso, sentiu que a inveja se desvanecia. Essas mudanças súbitas e um tanto absurdas estavam profundamente arraigadas na natureza de Litvak, onde muitos fatores irreconciliáveis estavam em ação. Como ele via a si mesmo? Um dia como um órfão de *kibbutz* sem um parente vivo conhecido, com 24 anos de idade, outro como o filho adotivo de uma fundação ortodoxa americana e das forças especiais israelenses. E mais em outro como um devotado guarda de Deus, efetuando uma limpeza no mundo.

Ele tocava piano maravilhosamente.

Pouco se precisa dizer a respeito do sequestro. Com uma equipe experiente, tais coisas acontecem rapidamente e quase como um ritual nos dias de hoje. Ou não acontecem. Somente a escala potencial da presa é que proporciona alguma diferença. Não houve tiros ou qualquer confusão desagradável, apenas uma simples apropriação de um Mercedes cor de vinho e seu ocupante, cerca de 30 quilômetros do lado grego da fronteira com a Turquia. Litvak comandou o grupo de ação. Como sempre acontecia quando estava em campo, ele foi excelente, tão descontraído e firme quanto um marinheiro nato numa tempestade. Kurtz, de volta a Londres para resolver uma crise súbita que eclodira no Comitê Literário de Schwili, permaneceu sentado ao lado de um telefone na embaixada israelense, durante as horas críticas. Os dois rapazes de Munique, depois de comunicarem a devolução do carro alugado sem que nenhum outro fosse retirado da locadora, seguiram Yanuka até o aeroporto. Só voltaram a ter notícias dele três dias depois, em Beirute, quando uma equipe de escuta, operando num porão no setor palestino, captou sua voz jovial, falando com a irmã Fatmeh, que trabalhava num dos escritórios revolucionários. Ele disse que estava na cidade por duas semanas, em visita a amigos. Ela não teria uma noite livre para se encontrarem? Yanuka parecia muito feliz, excitado, exuberante, informaram os homens da equipe de escuta. Fatmeh, no entanto, mostrou-se fria. Ou não aprovava o irmão muito efusivamente ou sabia que o telefone estava grampeado. Talvez as duas coisas. Seja como for, os irmãos não se encontraram.

Yanuka tornou a ser encontrado ao chegar de avião a Istambul, hospedando-se no Hilton, com um passaporte diplomático cipriota. Por dois dias, ele entregou-se aos prazeres religiosos e seculares da cidade. Parecia alguém que estava aspirando ao máximo o Islã, antes de retornar aos territórios cristãos da Europa. Visitou a Mesquita de Suleiman, o Magnífico, onde foi visto a orar nada menos que três vezes, engraxando depois os sapatos Gucci uma vez, no passeio gramado que se estende ao longo da Muralha Sul. Também tomou diversos copos de chá ali com dois homens discretos, que foram fotografados, mas nunca identificados. Era uma pista falsa, conforme se constatou depois, não o contato que estavam esperando. E ele se divertiu imensamente com alguns velhos parados na calçada, com uma espingarda de ar comprimido, que se revezavam a disparar dardos emplumados contra um alvo desenhado numa caixa de papelão. Ele quis atirar também, mas não o deixaram.

Nos jardins da Praça Sultanahmed, ele sentou-se num banco entre laranjeiras e canteiros de malva, contemplando os domos e minaretes ao redor, além dos risonhos turistas americanos, especialmente um bando de adolescentes de *short*. Mas alguma coisa impediu-o de abordá-las, o que deveria ser a sua reação habitual – conversar e rir junto com o grupo, até que elas o aceitassem. Comprou *slides* e cartões-postais das crianças, sem se importar com os preços absurdos. Vagueou por Santa Sofia, contemplando com igual prazer as glórias da Bizâncio de Justiniano e da conquista otomana. Ouviram-no soltar uma exclamação de espanto autêntico diante das colunas arrastadas desde Baalbek, no país que acabara de deixar.

Mas sua concentração mais devota foi reservada ao mosaico de Agostinho e Constantino, consagrando sua igreja e a cidade à Virgem Maria, pois foi ali que fez seu contato clandestino, com um homem alto e sem qualquer pressa, que prontamente tornou-se seu guia. Até aquele momento, Yanuka recusara resolutamente todas as propostas nesse sentido. Mas alguma coisa que o homem lhe disse convenceu-o prontamente... qualquer dúvida certamente se desvanecendo pela hora e local da abordagem. Lado a lado, eles efetuaram uma segunda e superficial excursão pelo interior, admirando o domo antigo sem qualquer estrutura de apoio. Depois seguiram juntos, ao longo do Bósforo, num velho Plymouth americano, até um estacionamento perto da estrada para Ancara. O Plymouth foi embora e Yanuka ficou outra vez sozinho no mundo – só que desta vez como proprietário de um lindo Mercedes vermelho, no qual voltou calmamente ao Hilton e registrou na portaria como seu.

Yanuka não deixou o hotel naquela noite, nem mesmo para assistir às afamadas dançarinas do ventre do Kervansaray, que tanto o haviam encantado na noite anterior. Tornou a aparecer na manhã seguinte, bem cedo, partindo para oeste, pela estrada reta e ondulante que leva a Edirne e Ipsala, através das planícies. A princípio, o dia estava enevoado e frio, o horizonte próximo. Parou numa pequena cidade para tomar um café, fotografou uma cegonha repousando no alto de um domo. Subiu uma colina e aliviou-se, contemplando o mar. O dia foi-se tomando mais quente, as colinas se tornaram vermelhas e amarelas, o mar se abrindo entre elas, à esquerda. Numa estrada assim, os seguidores não tinham alternativa que não acompanhá-lo a cavaleiro, como chamavam, um carro bem na frente e outro muito atrás, torcendo para que ele não entrasse em algum desvio, o que podia facilmente acontecer. Mas a área deserta não oferecia qualquer outra opção. Afinal, os únicos sinais de vida, em muitos e muitos quilômetros, eram ciganos acampados em barracas, jovens pastores e um ou outro homem de preto, de aparência soturna, que parecia ter levado a vida estudando o fenômeno do movimento. Chegando a Ipsala, Yanuka enganou a todos, entrando no desvio para a direita, até a cidade, ao invés de seguir diretamente para a fronteira. Será que ele ia entregar o carro? Deus nos livre! Mas que diabo ele poderia querer numa pequena e malcheirosa cidadezinha turca na fronteira?

A resposta era Deus. Numa mesquita indefinida, na praça principal, quase no limiar da cristandade, Yanuka mais uma vez se confiou a Alá, o que foi muito sensato da parte dele, conforme Litvak comentou depois, sombriamente. Ao sair, ele foi mordido por um pequeno cachorro marrom, que escapou antes que ele pudesse se vingar. Isso também foi encarado como um presságio.

Finalmente, para imenso alívio de todos, ele voltou à estrada principal. A travessia da fronteira ali é um lugar perigoso. Turcos e gregos não se aceitam facilmente. A área é minada indiscriminadamente, nos dois lados; terroristas e contrabandistas de todos os tipos possuem seus percursos ilegais e propósitos específicos; os tiroteios são frequentes e raramente comentados. Uma placa no lado turco diz em inglês "Boa Viagem", mas não há qualquer palavra gentil para os gregos que partem. Primeiro tem a barreira turca, depois uma ponte sobre águas verdes preguiçosas, em seguida uma fila pequena e nervosa para a passagem pelas formalidades turcas de emigração. Yanuka tentou contornar as formalidades, com a força de seu passaporte diplomático. E conseguiu. Espremida entre o posto de fronteira turco e as sentinelas gregas, há uma terra de ninguém de cerca de 20 metros de extensão. Yanuka comprou ali uma garrafa de vodca livre de impostos e tomou um sorvete no café, observado por um rapaz de aparência sonhadora e cabelos compridos, chamado Reuven, que há três horas estava comendo bolinhos ali. O floreio turco final é um grande busto de bronze de Ataturk, o visionário e decadente, lançando um olhar furioso para as planícies gregas hostis. Depois que Yanuka passou, Reuven montou em sua motocicleta e transmitiu um sinal de cinco pontos a

Litvak, que estava esperando no lado grego, 30 quilômetros além da fronteira – mas fora da área militar – num ponto em que o tráfego era obrigado a reduzir a velocidade, por causa de obras na estrada. Reuven partiu em seguida para participar da festa.

Usaram uma moça, o que era uma questão de bom senso, levando-se em consideração os apetites conhecidos de Yanuka. Deram a ela uma guitarra, o que era um toque de classe, porque atualmente uma guitarra legitima uma moça, mesmo que não saiba tocar. Uma guitarra é o uniforme de um profundo anseio pacífico, como eram lembrados por recentes observações em outras áreas. Hesitaram entre usar uma moça loura ou uma morena, sabendo da preferência dele por louras, mas também conscientes de que se tratava de um homem sempre disposto a abrir uma exceção. Ao final, acabaram optando pela moça morena, achando que tinha contornos melhores e um andar mais sensual. Postaram-na no início das obras na estrada. As obras na estrada constituíam um presente divino. Eles acreditavam nisso. Alguns até acreditavam que era Deus, o Deus judeu, ao invés de Kurtz ou Litvak, quem estava lhes proporcionando tanta sorte na execução do plano.

Havia um trecho já pavimentado, depois uma parte só com a base, surgindo de repente, sem qualquer aviso, com pedras do tamanho de uma bola de golfe, só que muito mais afiadas. Em seguida, vinha a rampa de madeira, com luzes amarelas piscando, a velocidade máxima limitada a 10 quilômetros – e somente um louco rematado desenvolveria mais do que isso. A moça estava no outro lado da rampa, avançando pelo passadiço de pedestres. Requebrava-se sedutoramente; não chegava a se oferecer abertamente, mas fazia um convite velado. A única preocupação deles era o fato da moça ser tão bonita que poderia acabar com o homem errado, antes de Yanuka aparecer para reivindicá-la. Uma característica particularmente útil do local era a maneira como o escasso tráfego estava temporariamente dividido. Havia uma terra de ninguém de cerca de 50 metros entre as pistas nos dois sentidos, onde estavam os barracos das empreiteiras, tratores e lixo de toda espécie. Um regimento inteiro poderia ser escondido ali sem que ninguém percebesse. Só que não havia nenhum regimento. O grupo era formado por sete pessoas, inclusive Shimon Litvak e a moça que serviria de chamariz. Gavron não permitiria um só níquel a mais de despesa. Os outros cinco eram garotos em trajes leves de verão e sapatos de atletismo, do tipo que pode passar o dia inteiro olhando para as unhas, sem que ninguém jamais indague por que não falam. E depois eles entravam em ação como um raio, voltando em seguida à contemplação letárgica anterior.

A manhã estava na metade, o sol bem alto no céu, o ar empoeirado. 0 resto do tráfego consistia de caminhões carregados com alguma espécie de argila. O Mercedes vermelho, não novinho em folha, mas muito bonito, sobressaía em tal companhia como um carro de casamento espremido entre caminhões de lixo. Chegou ao trecho sem pavimentação a uma velocidade de 30 quilômetros horários, o que era depressa demais, freando bruscamente quando as pedras começaram a bater por baixo do chassi. Subiu a rampa a 20, diminuindo para 15 e depois 10. Ao passar pela moça, todos viram a cabeça de Yanuka se virar bruscamente para conferir se a frente era tão bonita quanto a traseira. Era. Ele avançou pensativo por mais 50 metros, até tornar a entrar no trecho pavimentado. Por um momento de apreensão, Litvak pensou que teria de recorrer ao plano de emergência, muito mais complexo, que envolvia um segundo grupo e um falso acidente rodoviário, a ser encenado 100 quilômetros adiante. Mas o desejo ou a natureza, o que quer que seja que nos transforme em tolos, acabou preponderando. Yanuka baixou a janela e pôs a cabeça bonita para fora. Pensando nos prazeres da vida, ficou observando a moça se aproximar, com seu andar sensual. Quando ela chegou perto, Yan uka perguntou se tencionava seguir a pé por todo o caminho até a Califórnia. Ela respondeu, também em inglês, que estava seguindo, "meio vagamente", para Tessalônica. . . e ele? Segundo a moça, Yanuka respondeu que estava indo "tão vagamente quanto você quiser". Mas ninguém mais ouviu e foi uma dessas coisas que sempre são contestadas depois de uma operação. O próprio Yanuka negou que tivesse dito qualquer coisa. Assim, é possível que a moça tenha romanceado um pouco, em seu triunfo. Os olhos dela, o conjunto das feições, eram realmente sedutores, os movimentos sensuais clamavam a total atenção de Yanuka. O que mais um bom rapaz árabe podia pedir, depois de duas semanas de austero retreinamento político nas colinas meridionais do Líbano, do que aquela tentadora visão do harém em *jeans*?

Deve-se acrescentar que Yanuka era esguio e de aparência viril, feições semitas que combinavam com as da moça, irradiando uma alegria contagiante. Consequentemente, houve um fascínio mútuo, do tipo que pode ocorrer instantaneamente entre duas pessoas fisicamente atraentes, quando parecem partilhar uma imagem no espelho de si mesmos fazendo amor. A moça largou a guitarra e, obedecendo às ordens, contorceu-se para tirar a mochila, deixando-a escorregar para o chão com um suspiro de alívio. O efeito desse gesto de despir, alegara Litvak, forçaria Yanuka a fazer uma de duas coisas: abrir a porta de trás pelo lado de dentro ou então sair do carro para abrir a mala. Em qualquer dos casos, estaria exposto a um ataque. Em alguns Mercedes, é claro, a mala pode ser aberta por dentro. Mas não naquele modelo. Litvak sabia disso Assim como sabia com certeza que a mala estava trancada. Assim como sabia também que não havia sentido em oferecer a moça no lado turco da

fronteira. Por melhor que fossem os documentos dele – e eram os melhores possíveis – Yanuka não seria estúpido o bastante para aumentar o risco de uma travessia de fronteira, pegando uma carona desconhecida.

Nas circunstâncias, Yanuka optou pelo curso que todos julgavam mais propício. Ao invés de simplesmente estender o braço para trás e abrir a porta manualmente, o que poderia ter feito, ele preferiu, talvez para impressionar, acionar o mecanismo central de tranca, soltando não apenas uma, mas todas as quatro portas. A moça abriu a porta traseira do seu lado e, permanecendo do lado de fora, empurrou a mochila e a guitarra para o banco. Quando ela tornou a fechar a porta e iniciava a lânguida jornada para sentar ao lado dele na frente, já havia um homem com uma pistola encostada na têmpora de Yanuka, enquanto o próprio Litvak, parecendo mais frágil do que nunca, estava ajoelhado no banco traseiro, segurando a cabeça do árabe por trás, num aperto eficiente e mortífero, enquanto lhe aplicava a droga que, segundo os levantamentos, era a mais apropriada para aquele homem em particular. Afinal, houvera até uma preocupação com a asma que ele sofrera na adolescência.

A coisa que impressionou a todos depois foi o silêncio com que se realizou toda a operação. Enquanto esperava que a droga surtisse efeito, Litvak ouviu nitidamente o estalido de óculos escuros sendo fechados, por cima do barulho do tráfego que passava. Por um momento terrível, receou que tivesse sido o pescoço de Yanuka, o que teria estragado tudo. A princípio, pensaram que Yanuka esquecera ou se livrara das placas falsas e documentos forjados para o resto da viagem. Mas acabaram encontrando tudo na sua elegante vali-se, por baixo de camisas de seda feitas a mão e gravatas vistosas. Tiveram que se apropriar de tudo, para atender a seus propósitos, assim como o relógio de ouro de Cellini, a pulseira de elos de ouro e o amuleto também de ouro que Yanuka pendurava no peito, provavelmente um presente de sua amada irmã Fatmeh. Outra glória da operação, estranhamente idealizada pelo próprio Yanuka, foi o fato das janelas do carro serem escuras, impedindo que os mortais comuns lá fora vissem o que se passava no interior. Esse foi o primeiro dos muitos exemplos da maneira como Yanuka tornou-se uma vítima fatal de seu próprio estilo de vida suntuoso. Levar o carro para o sul depois não era qualquer problema; poderiam provavelmente guiá-lo tranquilamente sem qualquer pessoa reparar em algo diferente. Mas, como medida de segurança, haviam alugado um caminhão de transporte de abelhas, supostamente levando-as para um novo lugar. Há muito tráfego de abelhas na região, raciocinara Litvak, sensatamente. Assim, qualquer guarda mais curioso pensaria duas vezes antes de se intrometer na privacidade delas.

O único elemento imprevisto fora a mordida do cachorro. E se o animal estivesse com raiva? Acabaram comprando soro e aplicaram em Yanuka, como precaução.

Com Yanuka temporariamente removido do convívio social, era vital agora certificar-se de que ninguém em Beirute ou qualquer outro lugar tomara conhecimento da lacuna. Eles já sabiam que Yanuka era de natureza independente e normalmente despreocupado. Sabiam que transformara quase em culto o impulso de fazer o que era ilógico, que era conhecido pelo hábito de alterar os planos quase de um segundo para outro, em parte por capricho, em parte porque acreditava com razão que essa era a melhor maneira de confundir quem estivesse em sua trilha. Sabiam ainda de sua paixão recentemente adquirida pelas coisas gregas, de seu hábito comprovado de procurar antiguidades autênticas durante suas viagens. Em sua última viagem, Yanuka fora bem para o sul, até Epidavros, sem pedir licença a quem quer que fosse. Fora um desvio considerável de sua rota prevista, sem qualquer razão conhecida. Essas atitudes imprevistas haviam feito com que ele se tornasse muito difícil de apanhar, no passado. Isso usado contra ele, como agora, deixava-o praticamente na situação de impossível de ser salvo, na avaliação objetiva de Litvak, pois seu próprio lado não teria meios de controlar-lhe os movimentos, como os inimigos nunca haviam conseguido. Se os superiores de Yanuka tinham alguma visão dele, concluíra Shimon Litvak, cautelosamente, então era a de um rapaz no vigor da sua força física e mental, que estava em busca da vida, esquecendo tudo o mais. E talvez até, quem sabe, recrutando novos soldados para a causa. Essa foi a conclusão inevitável depois que se passaram alguns dias após o sequestro sem que soasse em parte alguma qualquer campainha de alarme.

Assim, a ficção, como Kurtz e sua equipe agora chamavam, podia começar. Se poderia terminar – se havia tempo suficiente, pelo velho relógio de aço de Kurtz, de desenvolvê-la conforme o previsto – era uma questão inteiramente diferente. As pressões sobre Kurtz eram de dois tipos: o primeiro, bastante trivial, era a necessidade de exibir algum progresso ou correr o risco de Misha Gavron cancelar toda a operação; o segundo era a ameaça de Gavron de que se esse progresso não aparecesse logo não seria mais capaz de conter o clamor crescente por uma solução militar. Era justamente o que Kurtz receava.

– Está-me fazendo sermões como os ingleses! – gritou-lhe Gavron, em uma de suas discussões. – E veja todos os crimes que eles cometeram!

– Talvez devêssemos também bombardear os ingleses – sugeriu Kurtz, com um sorriso furioso.

Mas a questão dos ingleses não era então uma mera coincidência; ironicamente, era para a Inglaterra que Kurtz estava

agora olhando, em busca da sua salvação.

3

Eles foram formalmente apresentados na ilha de Mikonos, numa praia com duas tavernas, durante um almoço tardio, na segunda quinzena de agosto, no momento em que o sol grego irradiava seu calor mais intenso. Ou, nos termos mais amplos da história, quatro semanas depois que jatos israelenses bombardearam o apinhado setor palestino de Beirute, no que foi posteriormente declarado ser um esforço para acabar com a liderança deles, embora nenhum dos líderes figurasse entre as centenas de mortos – a menos, é claro, que fossem os líderes de amanha", pois muitas vítimas eram crianças.

– Charlie, cumprimente Joseph – disse alguém, muito animado.

E assim se fez. Contudo, ambos se comportaram como se o encontro mal tivesse acontecido, ela exibindo o rosto franzido de revolucionária e estendendo a mão para um aperto de colegial britânica da mais terrível respeitabilidade, enquanto ele a contemplava com uma expressão de calma e tolerante avaliação, estranhamente sem qualquer ambição.

– Olá, Charlie. Como vai?

Ele não sorriu mais do que o necessário para ser polido. Assim, na verdade, foi ele quem cumprimentou Charlie e não o inverso. Ela notou que ele tinha o maneirismo militar de contrair os lábios um instante antes de falar. A voz, que era estrangeira e meticulosamente controlada, possuía uma suavidade impetuosa, e a fez pensar mais no que era retido do que no que era apresentado. O comportamento dele em relação a ela foi assim o inverso da agressão.

O nome dela era Charmian, mas todos a conheciam como Charlie, muitas vezes como Charlie, a Vermelha, em deferência à cor de seus cabelos e a algumas posições radicais um tanto absurdas, que eram a sua maneira de se importar com o mundo e reagir contra as injustiças. Ela era uma espécie de forasteira numa *troupe* de jovens atores britânicos que dormiam numa casa de fazenda abandonada, cerca de um quilômetro da costa. Apareciam na praia como uma família desgrenhada, que jamais se separava. Como haviam chegado à casa de fazenda, como haviam ido parar na ilha antes disso, era um milagre para todos, embora como atores não sentissem qualquer surpresa diante dos milagres. O benfeitor era uma rica companhia da City de Londres, que recentemente decidira assumir o papel de anjo de grupos teatrais itinerantes. Encerrada uma excursão pelas províncias, a *troupe* de meia dúzia de membros ficara atônita ao se descobrir tratada com a maior atenção, à custa da companhia. Um voo *charter* os levara até a ilha, fora garantido o dinheiro para as despesas por um prolongamento de seus salários quando estavam em atividade. Era bom demais, súbito demais, generoso demais, há tempo demais. Somente um bando de porcos fascistas, concordaram todos ao receberem os convites, poderia se comportar com uma filantropia tão espetacular. Mas eles logo esqueceram como tinham ido parar ali, até que alguém sonolentamente erguia o copo num brinde e murmurava o nome da companhia, sem muito empenho, quase como um queixume.

Charlie não era absolutamente a mais bonita das moças, embora sua sensualidade fosse intensa, assim como a sua boa vontade incurável, o que nunca chegava a ser escondido por sua pose. Lucy, embora estúpida, era deslumbrante, enquanto pelos padrões estabelecidos Charlie era um tanto feia: *moche,* com um nariz comprido e vigoroso, um rosto prematuramente ensombreado, que num momento era infantil e no instante seguinte tão velho e enlutado que se tinha medo de sua experiência de vida até o momento, imaginando-se o que mais poderia acontecer-lhe. Havia ocasiões em que ela era a criança enjeitada adotada pelo grupo, outras vezes se tornava a mãe, a que contava o dinheiro e sabia onde estava o repelente de mosquitos, o unguento para talhos no pé. Nesse papel, como em todos os outros, era ela quem tinha o coração maior entre todos, a mais capaz. De vez em quando era também a consciência deles, verberando-os por algum crime real ou imaginário de chauvinismo, sexismo ou apatia ocidental. O direito que tinha de fazer isso era concedido por sua classe, pois Charlie era seu toque de qualidade, como gostavam de dizer: educada em escolas particulares e a filha de um corretor de valores, mesmo que, como ela jamais cansava de dizer-lhes, o pobre coitado terminasse seus dias por trás das grades, condenado por fraudar clientes. Mas classe é classe, independente de qualquer coisa.

Além de tudo isso, ela era também, incontestavelmente, a atriz de destaque. Quando a noite chegava e a família se punha a representar pequenos dramas uns para os outros, com seus chapéus de palha e roupas folgadas de usar na praia, era Charlie quem se apresentava melhor, quando se dava ao trabalho de representar um papel. Se decidiam cantar, era Charlie quem tocava o violão, um pouco bem demais para suas vozes. Era também Charlie quem conhecia as canções populares de protesto e as cantava num estilo viril e furioso. Havia ocasiões em que todos se reuniam em concílios soturnos, fumando maconha e tomando *retsina,* meio litro custando 30 dracmas. Charlie se mantinha afastada deles então, como alguém que já bebera e fumara tudo o que precisava, há muito tempo.

– Esperem só até minha revolução chegar – dizia ela, a voz sonolenta. – Todas as crianças como vocês terão que sair pelos campos colhendo nabos antes do café da manhã.

Ao ouvirem isso, eles simulavam pavor. E indagavam: onde vai começar, Chás? Onde as primeiras cabeças irão rolar?

– Na maldita Ríckmansworth – respondia ela, recordando a sua infância tempestuosa em comunidade suburbana. – Vamos jogar todos os malditos Jaguars em suas malditas piscinas.

Os outros soltavam gritos de medo, embora soubessem que Charlie tinha uma fraqueza por carros velozes. Enquanto isso, eles amavam-na. Incontestavelmente. E Charlie, apesar de todas as suas negativas, também os amava.

Joseph, como o chamavam, não era parte da família. Nem mesmo, como Charlie, constituía um grupo dissidente de uma só pessoa. Ele possuía uma auto-suficiência que, para as almas mais fracas, era uma espécie de coragem por si mesma. Não tinha amigos nem se queixava e o estranho que não precisava de ninguém, nem mesmo deles. Apenas uma toalha, um livro, uma garrafa com água e sua pequena trincheira na areia. Somente Charlie sabia que ele era um fantasma.

Vira-o pela primeira vez na manhã seguinte à sua grande briga com Alastair, que acabara perdendo num nocaute. Havia uma mansidão básica em algum lugar de Charlie que parecia atrair fatalmente os opressores. Seu opressor do dia era um escocês bêbado de mais de 1,80m de altura, conhecido pela família como Long Al, que vivia fazendo ameaças e citações inacuradas do anarquista Bakunin. Como Charlie, ele era ruivo, de pele clara, olhos azuis. Quando surgiam juntos da água eram como pessoas de uma raça separada de todas as demais que havia por ali, as expressões ardorosas avisando para que ninguém se esquecesse disso. Quando partiam abruptamente para a casa, de mãos dadas, sem falarem com ninguém, podia-se sentir a premência do desejo, como uma angústia que alguém de fora suportava, mas raramente partilhava. Mas quando brigavam, o que acontecera na noite anterior, o rancor irradiado era como uma tempestade violenta sobre almas ternas como Willy e Pauly, que tratavam de se esgueirar para longe, até que a borrasca terminasse. Charlie fizera a mesma coisa nessa ocasião. Retirara-se para um canto do sótão a cuidar de suas feridas. Despertando bruscamente às seis horas, resolveu sair para um banho solitário, seguindo depois até a aldeia para comprar um jornal de língua inglesa e tomar o café da manhã. Foi quando estava comprando o *Herald Tribune* que a aparição ocorreu: um caso evidente de fenômeno psíquico.

Ele era o homem de *blazer* vermelho. Estava parado logo atrás dela quando naquele momento, escolhendo um livro, ignorando-a por completo. Só que desta vez não estava de *blazer* vermelho, mas sim de camiseta, *short* e sandálias. Contudo, não restava a menor dúvida de que se tratava do mesmo homem. Os mesmos cabelos pretos bem rentes, formando um bico-de-viúva na testa, o mesmo olhar cortês, respeitando as paixões alheias, que se fixara nela como uma lanterna escura da fila da frente do Barrie Theatre, em Nottingham, por meio dia, primeiro na matinê, depois nas sessões noturnas, olhos apenas para Charlie, acompanhando cada gesto que ela fazia. Um rosto que não fora suavizado nem amolecido pelo tempo, mas era definido e acabado como uma gravura. Um rosto que aos olhos de Charlie representava uma realidade forte e constante, em contraste com as muitas máscaras de um ator.

Ela estava representando *Santa Joana* e quase ficando louca com o Delfim, que estava a quilômetros dali e ignorando cada discurso que era feito. Foi só na cena final que ela percebeu pela primeira vez a presença dele entre os colegiais, na frente do auditório meio vazio. Se a iluminação não fosse tão deficiente, ela provavelmente não o teria avistado mesmo assim. Mas o equipamento de iluminação estava retido em Derby, esperando para ser despachado. Assim, não havia o clarão habitual para ofuscar sua visão. Ela o tomara a princípio por um professor. Mas depois que os colegiais foram embora, ele permaneceu em seu lugar, lendo o que ela presumiu ser o texto da peça ou talvez a introdução. E quando a cortina tornou a se levantar, para a sessão noturna, ele ainda estava ali, no mesmo lugar central, o olhar plácido e estático fixado nela, exatamente como antes. E quando a cortina final baixou, ela ficou ressentida, porque o furtava à sua atenção.

Poucos dias depois, em York, quando já o esquecera, seria capaz de jurar que o viu outra vez. Mas não pôde ter certeza. A iluminação do palco era boa demais desta vez, não podia penetrar o nevoeiro de claridade. Além disso, o inquisidor estava agora bloqueando-a. Nem ele permaneceu em seu lugar entre as sessões. Mesmo assim, ela podia jurar que era o mesmo rosto, no centro da primeira fila, o rosto levantado em sua direção, com uma expressão extasiada, o mesmo *blazer* vermelho. Seria um crítico? Um produtor? Um agente? Um diretor de cinema? Ou seria da companhia da City, que assumira o patrocínio da *troupe* que estava antes com o Conselho das Artes? Ele era muito vigilante em sua imobilidade para um mero profissional do dinheiro que estava conferindo o investimento de sua firma. Quanto aos críticos, agentes e outros, seria um milagre se permanecessem no teatro por mais de um ato, muito menos por duas apresentações consecutivas. E quando ela o viu numa terceira ocasião – ou teve a impressão de ver – pouco antes de partir em férias, na última noite de apresentações, postado na porta dos bastidores do pequeno teatro no East End, sentiu vontade de ir diretamente a ele e perguntar à queima-roupa o que

estava querendo, se era um estripador embrionário, um caçador de autógrafos ou apenas um maníaco sexual normal, como todas as pessoas. Mas a aparência de virtuosismo dele a impediu.

A visão dele agora, parado a menos de um metro dela, aparentemente alheio à sua presença, contemplando os livros com o mesmo solene interesse que poucos dias antes dispensara a ela, lançou-a num extraordinário estado de nervosismo. Virou-se para ele, fixou seu olhar.inabalável. Fitou-o por um segundo mais intensamente do que ele jamais a fitara. Ela possuía a vantagem dos óculos escuros, que pusera para esconder as equimoses. Visto de perto, ele parecia mais velho do que Charlie imaginara, mais esguio, mais marcado. Achou que ele estava precisando de um bom sono e pensou que talvez estivesse com *jet-lag,* o cansaço da mudança de fusos horários depois de uma viagem de avião a jato, pois os cantos dos olhos estavam inclinados para baixo. Mas ele não exibiu qualquer brilho de reconhecimento ou emoção. Largando bruscamente o *Herald Tribune,* Charlie bateu em retirada apressadamente para a segurança da taverna na praia.

Estou louca, pensou ela, enquanto levava a xícara de café à boca, com a mão trêmula. Estou inventando histórias. É apenas um sósia dele. Não deveria ter tomado aquela pílula da felicidade que Lucy me deu, para reanimar-me depois da surra de cinto de Long Al. Ela lera em algum lugar que a sensação de *dejá vu* era a consequência de um lapso de comunicação entre o cérebro e os olhos. Mas quando olhou para a estrada, na direção por que viera, lá estava ele sentado, perceptível à vista e ao intelecto, na taverna ao lado, usando um gorro branco de golfista, inclinado para deixar seus olhos na sombra, enquanto lia o livro em inglês que comprara: *Conversas com Allende,* de Debray. Ela própria pensara em comprar aquele livro no dia anterior.

"Ele veio cobrar minha alma", pensou Charlie. Passou por ele lepidamente, a fim de demonstrar sua imunidade. Mas quando foi que prometi que ele poderia levar minha alma?

Naquela mesma tarde, ele assumiu seu posto na praia, a menos de 20 metros da família. Usando um calção de banho típico de um monge, preto, carregando um cantil do qual tomava ocasionalmente pequenos goles, como se o próximo oásis estivesse a um dia de marcha de distância. Jamais observando, jamais prestando a menor atenção, lendo o seu Debray à sombra do gorro branco de golfista. Mas Charlie sabia que ele acompanhava cada movimento dela, quanto menos não fosse pela imobilidade da cabeça bonita. Entre todas as praias de Mikonos, ele escolhera justamente a deles. Entre todos os lugares na praia, ele se instalara no único ponto alto entre as dunas, de onde podia observar todos os caminhos de acesso, de onde podia avistá-la, quer estivesse nadando ou buscando outra garrafa de *retsina* na taverna. De sua posição elevada, podia vigiá-la à vontade e não havia coisa alguma que Charlie pudesse fazer para evitar. Contar a Long Al seria expor-se ao ridículo e talvez a coisa pior. Ela não tinha a menor intenção de oferecer-lhe uma oportunidade tão boa de manifestar seu desdém pelo que certamente classificaria como mais uma de suas fantasias. Contar a qualquer outra pessoa não seria diferente de contar a Al. Ele saberia no máximo um dia depois. Ela não tinha outra solução a não ser guardar segredo. O que era justamente o que queria.

Charlie nada fez e ele também não. Mas ela sabia que, apesar disso, ele estava esperando. Podia sentir a paciente disciplina com que ele contava as horas que faltavam. Mesmo enquanto estava estendido como um morto, um alerta misterioso parecia se irradiar de seu corpo esguio e curtido, transmitido até ela pelo sol. A tensão parecia às vezes dominá-lo por completo. Levantava-se então, subitamente, tirava o gorro, descia a duna até a água, como um nativo sem lança, mergulhava silenciosamente, mal ondulando a superfície. Ela ficava esperando e esperando. Certamente ele se afogara. Finalmente, quando ela já o dava por morto, ele aflorava muito longe, nadando serenamente, em estilo livre, como se tivesse muitos quilômetros a percorrer, a cabeça preta rebrilhando, como a de uma foca. Havia lanchas deslizando ao redor, mas ele as ignorava. Havia também mulheres, mas ele nunca virava a cabeça para contemplá-las. Charlie observava atentamente para saber disso. Depois de nadar, vinham os exercícios físicos, sempre metódicos, antes que ele tomasse a pôr o gorro e voltasse a se acomodar com Allende e Debray.

Quem o possui?, ela se perguntava, em vão. Quem escreve as suas falas e lhe dá instruções? Ele estava no palco por ela, assim como estivera por ele na Inglaterra, Ele era um solitário, como ela. Com o sol escaldante tremendo entre o sol e a areia, ela podia contemplar o corpo maduro e em forma dele por minutos a fio, usando-o como o alvo para suas especulações excitadas. Você para mim, pensava ela, eu para você; as crianças não compreendem. Mas quando a hora do almoço chegou e todos passaram pelo castelo dele, a caminho da taverna, Charlie ficou furiosa ao ver Lucy desligar-se de Robert e acenar-lhe como uma vagabunda, projetando o quadril.

– Ele não é *fabuloso?* – disse Lucy, em voz alta. – Vou comê-lo com minha salada qualquer dia desses.

– Eu também – disse Willy, mais alto ainda. – Não acha, Pauly?

Mas ele ignorou-as. De tarde, Al levou-a para a casa, onde fizeram um amor ardente, mas sem qualquer afeto. Ao

voltarem para a praia, ele desaparecera. Charlie sentiu-se infeliz porque fora infiel a seu homem secreto. Perguntou-se se não deveria vasculhar as casas noturnas à procura dele. Não conseguindo se comunicar com ele durante o dia, concluiu que era um homem de hábitos noturnos.

Não iria à praia na manhã seguinte. Durante a noite, a intensidade de sua fixação primeiro a divertira e depois a assustara. Acordou determinada a rompê-la. Deitada ao lado da massa adormecida de Al, imaginou-se fazendo amor ardentemente com alguém com quem jamais falara, atraindo-o a todas as invenções possíveis, largando Al e fugindo com ele para sempre. Aos 16 anos, tal tolice era permissível; aos 26 anos, era obscena. Largar Al era uma coisa e deveria acontecer mesmo, mais cedo que mais tarde. Perseguir um sonho de gorro branco era outra, mesmo em férias em Mikonos. Assim, ela repetiu sua rotina do dia anterior. Só que desta vez, para seu desapontamento, ele não apareceu por trás dela na livraria nem tomou café na taverna ao lado. E quando ela foi olhar as vitrines das butiques à beira da praia, o reflexo dele não apareceu ao lado do seu, como esperava que acontecesse. Juntando-se à família para o almoço na taverna, ela soube que em sua ausência haviam-no batizado de Joseph.

Não havia nada de excepcional nisso. A família conferia nomes a todos que atraíam sua atenção, geralmente tirados de peças ou filmes. A ética exigia que, uma vez aprovado, o nome fosse adotado por todos. O Bosola de *A Duqueza de Malfi,* por exemplo, era um irrequieto magnata sueco da navegação, com uma atração irresistível para carne, enquanto a Ofélia era uma enorme dona-de-casa de Frankfurt, que usava uma touca de banho rosa, toda florida, e quase mais nada. Mas Joseph, eles disseram agora, seria chamado assim por sua aparência semita e pelo blusão listrado de muitas cores que usava por cima do calção ao chegar e sair da praia. Seria Joseph também por sua fria indiferença aos outros mortais e pela impressão que dava de ser o escolhido, em detrimento dos outros, não tão favorecidos. Joseph, o desprezado de seus irmãos, o José da Bíblia, alheio aos outros, com seu cantil e seu livro.

De seu lugar à mesa, Charlie ficou olhando sombriamente, enquanto se processava aquela grosseira apropriação de sua propriedade secreta. Alastair, que sentia-se ameaçado assim que alguém era louvado sem sua bênção, estava no ato de encher seu copo da caneca de Robert.

– Joseph porra nenhuma – anunciou ele, rudemente. – O cara não passa de um bicha, como Willy e Pauly. Está bordejando e mais nada. Tenho vontade de dar uma porrada na cara dele. E acho que é justamente o que vou fazer.

Mas Charlie já estava cansada de Alastair naquele dia, não aguentava mais ser sua escrava fascista e sua mãe-terra, ao mesmo tempo. Normalmente não era tão veemente, mas sua aversão crescente a Alastair estava conflitando com seus sentimentos de culpa em relação a Joseph.

– Se ele é bicha, por que haveria de ficar por aqui, seu imbecil? – gritou ela, furiosa, virando-se para fitá-lo, uma raiva intensa a lhe contorcer a boca. – A duas praias daqui ele pode encontrar a metade dos bichas da Grécia. E você também pode.

Reagindo ao conselho imprudente, Alastair desferiu-lhe uma violenta bofetada no rosto, deixando-o primeiro branco e depois vermelho.

As especulações continuaram pela tarde. Joseph era um *voyeur,* ladrão, assassino, chato, artista, político conservador. Mas foi Alastair, como sempre, quem conferiu o galardão definitivo.

– *Ele* é *um palhaço*! – berrou Alastair, desdenhosamente, pelo canto da boca, aspirando o ar ruidosamente pelos dentes da frente, a fim de acentuar a astúcia de sua percepção.

Mas o próprio Joseph se comportava como se estivesse alheio aos insultos. No meio da tarde, quando o sol e o fumo os levara a um estado de quase estupidez, todos eles, com exceção de Charlie, mais uma vez, concluíram que Joseph era frio e controlado, o que constituía o supremo elogio. Foi Alastair, mais uma vez, quem comandou o grupo nessa drástica mudança. Joseph não se deixaria abalar por elas e não seria atraído... nem por Lucy nem pelos dois rapazes que eram amantes. *Ergo,* era frio e controlado, como o próprio Alastair. Tinha seu território e uma presença que dizia inequivocamente: ninguém me leva a fazer qualquer coisa. Aqui montei meu acampamento, aqui vou ficar. Frio e controlado. Bakunin teria lhe dado a melhor cotação.

– Ele é frio e eu o amo – concluiu Alastair, pensativo, afagando as costas macias de Lucy, descendo até o alto do biquíni, tornando a subir. – Se fosse uma mulher, eu saberia *exatamente* o que fazer com ele. Não é mesmo, Lucy?

No instante seguinte Lucy estava de pé, a única pessoa em toda a praia ensolarada.

– Quem disse que eu não sou capaz de atraí-lo? – disse ela, tirando o maiô.

Lucy era loura, de quadris salientes, tão tentadora quanto uma maçã. Representava sereias e prostitutas, mas sua

especialidade era as adolescentes ninfomaníacas. Ela podia seduzir qualquer homem com um mero piscar de olhos. Prendendo um roupão branco bem folgado por baixo dos seios, ela pegou um jarro de vinho e um copo de plástico. Encaminhou-se para a duna, o jarro na cabeça, os quadris meneando, as coxas roçando, apresentando a sua versão satírica de uma deusa grega de Hollywood. Subindo a pequena encosta, foi-se ajoelhar ao lado dele, despejando o vinho do alto e deixando o roupão cair no processo. Entregando o copo, decidiu falar-lhe em francês ou pelo menos o que conhecia dessa língua.

– *Aimez-vous?*

A princípio, Joseph não demonstrou ter tomado conhecimento da presença dela. Virou uma página, observou a sombra dela e somente então rolou para o lado. Depois de contemplá-la criticamente com seus olhos escuros da sombra do gorro de golfista, ele aceitou o copo e solenemente fez um brinde, tomando um gole, enquanto a 20 metros de distância o clube dos partidários de Lucy aplaudia ruidosamente ou emitia os fátuos grunhidos de aprovação típica da Câmara dos Comuns.

– Você deve ser Hera – comentou Joseph para Lucy, com tanto sofrimento como se estivesse lendo um mapa.

Foi nesse instante que se fez a dramática descoberta: ele tinha aquelas cicatrizes! Lucy mal podia se conter. A mais atraente era redonda, como um buraco feito por broca, de tão impecável; era do tamanho de uma moeda, como um dos plásticos de buraco de bala que Pauly e Willy tinham em seu Mini, só que ficava no lado esquerdo da barriga. Não se podia vê-las à distância. Mas quando Lucy tocou-as, sentiu que eram lisas e duras.

– E você é Joseph – respondeu Lucy, aturdida, sem saber quem era Hera.

Aplausos renovados se estenderam sobre a areia, com Alastair erguendo seu copo e fazendo um brinde: – Joseph! Sr. Joseph! Todo o poder lhe pertence! Um brinde de seus invejosos irmãos!

– Venha juntar-se a nós, Sr. Joseph! –gritou Robert, provocando uma ordem furiosa de Charlie para que se calasse.

Mas Joseph não se juntou a eles. Ergueu o copo de plástico. À imaginação delirante de Charlie, parecia estar fazendo-o particularmente para ela. Mas como ela poderia registrar tal distinção a 20 metros de distância, um homem brindando a um grupo? E, depois, ele voltou a se concentrar em sua leitura. Não os esnobou, não fez qualquer coisa a mais ou a menos, conforme disse Lucy. Apenas tornou a ficar de barriga para baixo, absorvido em seu livro. E era mesmo um buraco de bala, a cicatriz de saída aparecia nas costas, imensa. Ela continuou a olhar e compreender de repente que não estava vendo apenas um ferimento, mas uma porção: nos braços, as cicatrizes se estendiam por baixo dos cotovelos; havia ilhas de ausências de cabelos e pele anormal por trás dos bíceps; as costas parecendo areadas. . . "como se alguém tivesse encostado uma grade em brasa", explicou Lucy depois. Ela ficou com ele por algum tempo, fingindo ler por cima de seu ombro, enquanto Joseph virava as páginas. Na verdade, porém, queria afagar-lhe a espinha, não apenas pelas cicatrizes por ali, mas também porque era cabeluda e afundada entre uma massa de músculos, justamente o tipo de espinha que adorava. Mas ela não o fez. Como explicou depois a Charlie, tendo tocado uma vez em Joseph não sabia se poderia fazê-lo de novo. Ela se perguntara se não deveria ao menos bater primeiro, dissera abruptamente, num raro rasgo de modéstia. Foi uma frase que se fixou depois na mente de Charlie. Lucy pensara em esvaziar o cantil dele e encher de vinho. Mas ele não gostaria mais de água, já que não tomara o vinho? Ela acabou por ajeitar de novo o jarro na cabeça e fez uma pirueta lânguida, voltando para a família, onde apresentou seu relatório espantoso, antes de adormecer no colo de alguém. Joseph foi considerado ainda mais frio.

O incidente que colocou os dois em contato formal ocorreu na tarde seguinte. Alastair foi a causa. Long Al estava de partida. Seu agente enviara um telegrama, o que por si só já era um milagre. Até aquele momento, todos presumiam, com alguma justiça, que o agente de Al não tinha conhecimento dessa forma um tanto dispendiosa de comunicação. O telegrama chegou a casa numa Lambretta, às 10 horas daquela manhã, e foi levado à praia por Willy e Pauly, que haviam ficado na cama até mais tarde. Oferecia o que era classificado como "possibilidade de um importante papel num filme". Foi uma grande sensação na família, pois Alastair sempre tivera uma única ambição, que era a de aparecer em filmes grandiosos e caros.

– Sou forte demais para eles – explicara Al, a cada vez que a indústria o rejeitara. – Eles têm de melhorar o nível para mim. É justamente esse o problema. E os porcos sabem disso.

Assim, quando o telegrama chegou, todos ficaram muito felizes por Alastair. Mas, secretamente, sentiram-se ainda mais felizes porque já não aguentavam mais a violência dele. Revoltavam-se por causa de Charlie, que estava ficando preta e roxa das agressões dele, ficavam assustados porque também estavam na ilha e poderiam levar as sobras. Somente Charlie ficou transtornada com a perspectiva da partida dele, embora sua angústia se voltasse basicamente para si mesma. Como os outros, há dias que vinha querendo que Alastair saísse de sua vida para sempre. Mas agora que suas preces eram atendidas pelo telegrama, ela estava dominada pelo sentimento de culpa e pelo medo, vendo mais uma de suas vidas se encerrando.

A família acompanhou Long Al ao escritório da Olympic Airways na cidade, assim que abriu depois da sesta, a fim de embarcá-lo com toda certeza no voo para Atenas na manhã seguinte. Charlie também foi. Estava pálida, meio tonta, manteve os

braços cruzados em torno do peito, como se estivesse morrendo de frio.

– O maldito voo deve estar lotado – ela advertiu aos outros. – Teremos de aturar o desgraçado por semanas e semanas.

Mas ela estava enganada. Havia não apenas um lugar disponível para Long Al, mas também um lugar *reservado,* em seu nome completo. A reserva fora feita de Londres, através do telex, três dias antes, sendo confirmada no dia anterior. Essa descoberta acabou com as últimas dúvidas que ainda persistiam. Long Al estava a caminho do Grande Momento. Nada parecido jamais ocorrera antes a qualquer deles. Até mesmo a filantropia de seus patrocinadores empalidecia diante daquilo. Um agente, ainda por cima o agente de Al, por consenso geral o maior palerma que havia no mercado, reservara-lhe passagens aéreas pelo telex!

– Vou cortar a comissão dele – declarou Alastair, tomando vários *ouzos,* enquanto esperavam o ônibus que os levaria de volta à praia. – Não vou admitir que um maldito parasita me tire dez por cento pelo resto da vida. E vou dizer isso a ele de graça!

Um *hippie* louro, um tanto esquisito, que de vez em quando grudava neles, lembrou que toda e qualquer propriedade era um roubo. Apartada de Alastair, sofrendo por ele, Charlie mantinha-se de cara amarrada, sem beber nada.

– Al... – sussurrou ela uma vez, pegando a mão dele.

Mas Long Al não era mais gentil no sucesso do que fora no fracasso e no amor. Naquela manhã, Charlie tinha um lábio rachado para comprová-lo, que a todo instante ela explorava com as pontas dos dedos. Na praia, com a ajuda de *retsina,* o monólogo de Al continuou, tão implacável quanto o sol. Anunciou que teria de aprovar o diretor antes de assinar o contrato.

– Não quero saber de nenhum bicha inglês me dirigindo. E quanto ao roteiro, não sou do tipo de ator canastrão dócil, que fica repetindo as falas que lhe mandam, como um papagaio. Você me conhece, Charlie. E se eles quiserem me conhecer, o verdadeiro eu, é melhor se acostumarem a essa ideia desde o início, Charlie. Se não for assim, eles e eu vamos travar uma batalha real, sem prisioneiros.

Na taverna, para prender a atenção de todos, Long Al ocupou a cabeceira da mesa. Foi nesse momento que eles souberam que Long Al perdera o passaporte e a carteira, o Barclaycard e a passagem de avião, quase tudo o mais que um bom anarquista haveria de considerar como o lixo imprestável de uma sociedade escravizada.

O resto da família não percebeu a princípio, como quase sempre acontecia. Pensaram que se tratasse simplesmente de mais uma briga terrível entre Alastair e Charlie. Alastair pegara o pulso dela violentamente, como se quisesse forçá-lo contra o ombro. Charlie fazia uma careta, enquanto Alastair murmurava insultos. Ela soltou um grito abafado de dor. No silêncio imediato que se seguiu, os outros finalmente ouviram o que Alastair vinha lhe dizendo há algum tempo, de um jeito ou de outro:

– Eu não lhe disse que guardasse tudo na bolsa, sua vaca estúpida? Estava tudo lá, no balcão da agência. E eu lhe disse bem claramente: "Pegue tudo e guarde na bolsa, Charlie." Porque os homens, a menos que sejam bichas de mentalidade suja como Willy e Pauly, não andam de bolsa. Não foi assim, querida? Vamos, menina, onde é que você meteu? Onde? Pode estar certa de que não é assim que se consegue impedir um homem de ir ao encontro de seu destino. Não é assim que se reprime o chauvinismo dos homens, por mais inveja que se possa ter de seu sucesso. Tenho um trabalho a fazer por lá, menina, tenho castelos a conquistar e tudo o mais!

Foi nessa altura, no auge do combate, que Joseph fez a sua entrada. Ninguém parecia saber de onde ele tinha vindo. Como Pauly comentou depois, foi quase como se alguém tivesse esfregado de repente a lâmpada mágica. Pelo que se pôde estabelecer depois, ele entrou pela esquerda; em outras palavras. da direção da praia. Seja como for, subitamente estava parado ali. em seu blusão de muitas cores e gorro de golfista inclinado para a frente. tendo na mão o passaporte de Alastair, a carteira de Alastair, a passagem de Alastair, tudo o que aparentemente encontrara na areia, ao pé dos degraus da taverna. Impassível, no máximo um pouco aturdido, ele ficou contemplando a cena entre os amantes em conflito, esperando como um mensageiro distinto que lhe concedessem sua atenção. E pôs então os seus achados em cima da mesa. Um a um. De repente, não havia qualquer som em toda a taverna, exceto o impacto de cada coisa caindo na mesa. E, finalmente, Joseph falou:

– Peço desculpas pela interrupção. Tenho a impressão de que alguém vai sentir falta dessas coisas muito em breve. Creio que se pode viver sem tudo isso, mas provavelmente será um pouco difícil.

Com exceção de Lucy, ninguém até então ouvira a voz dele. E a própria Lucy, na ocasião, estava alta demais para notar as inflexões ou qualquer outra coisa. Assim, não conheciam o seu inglês incisivo e ordenado, destituído de toda e qualquer influência estrangeira. Se o conhecessem, certamente já o estariam imitando. Houve espanto, depois riso, de que Joseph

participou, modestamente, finalmente gratidão. Suplicaram-lhe que sentasse com eles. Joseph recusou, eles se tornaram insistentes. Era Marco Antônio diante da multidão a clamar: obrigavam-no a concordar. Ele estudou-os, os olhos fixaram-se em Charlie, seguiram adiante, depois voltaram. Finalmente, com um sorriso de aceitação, ele capitulou.

– Já que vocês insistem. . .

Lucy abraçou-o, como uma velha amiga. Pauly e Willy fizeram as honras da casa. Cada pessoa da família suportou o seu olhar franco e direto, até que subitamente eram os olhos azuis e duros de Charlie contra os olhos castanhos de Joseph, a confusão furiosa de Charlie contra o perfeito controle de Joseph, que eliminara cuidadosamente todo e qualquer sinal de triunfo. Contudo, ela era a única a saber que se tratava de uma máscara afixada sobre outros pensamentos e motivos.

– Olá, Charlie. . . como tem passado? – disse ele, calmamente, com um aperto de mão.

Um hiato teatral e depois, como se fosse finalmente libertado de seu cativeiro e voasse livre pela primeira vez, um sorriso amplo surgiu, jovem como o de um colegial e duas vezes mais contagiante.

– Mas Charlie não é nome de homem? – comentou ele.

– Acontece que sou mulher.

Todos riram, inclusive a própria Charlie, antes que o sorriso radiante se retirasse, tão subitamente quanto aflorara, aos limites rigorosos de seu confinamento.

Pelos poucos dias que ainda restavam à família ali, Joseph tornou-se uma espécie de mascote. No alívio da partida de Alastair; adotaram-no com o maior entusiasmo. Lucy fez-lhe uma proposta, que ele recusou, cortesmente, até mesmo com pesar. Lia transmitiu a triste notícia a Pauly, que deparou com uma rejeição um pouco mais firme, uma impressiva prova adicional de que ele fizera um juramento de castidade. Até a partida de Alastair, a família vinha cogitando de dissolver a vida comunitária. Os casamentos estavam-se rompendo, novas combinações de nada adiantavam, Lucy achava que estava grávida, o que acontecia com frequência e por motivos óbvios. Os grandes debates políticos haviam morrido por carência de ímpeto, já que a única coisa que realmente sabiam é que estavam contra o Sistema e que o Sistema estava contra eles. Só que em Mikonos o Sistema é um tanto difícil de se encontrar, especialmente quando o leva até lá de avião, pagando todas as despesas. À noite, na casa, junto com pão, tomate, azeite e *retsina,* haviam começado a falar nostalgicamente da chuva e dos dias frios em Londres, as ruas onde se podia sentir o aroma de *bacon* frito nas manhãs de domingo. Agora, subitamente, sai Alastair e entra Joseph, para recolher os fragmentos e proporcionar uma nova perspectiva. Adotaram-no ansiosamente. Não contentes em requisitar sua companhia na praia e na taverna, promoveram uma noitada para ele na casa, uma *Joseph-Abend,* como a chamaram. Lucy, assumindo o papel de mãe em potencial, providenciou pratos de papel, *taramasalata,* queijo e frutas. Sentindo-se vulnerável a ele pela partida de Alastair e suas emoções desordenadas, Charlie foi a única que se conteve.

– Ele não passa de uma fraude de 41 anos, seus idiotas. Será que não percebem? Não são capazes de ver qualquer coisa? Mas vocês são também umas fraudes, umas aberrações, não podem ver coisa nenhuma!

Todos ficaram aturdidos com a reação dela. O que acontecera com a antiga generosidade de espírito de Charlie? Como ele podia ser uma fraude, um impostor, argumentaram, se não estava alegando ser qualquer coisa? Vamos, Chas, dê-lhe uma chance. Mas ela não queria dar. Na taverna, surgiu uma ordem natural de sentar à mesa comprida, com Joseph presidindo no centro, por vontade popular, na maior empatia, escutando com os olhos, mas dizendo muito pouco. Charlie, quando aparecia, permanecia soturna, o mais distante dele que era possível, desprezando-o por ser tão acessível. Ela disse a Pauly que Joseph lhe recordava o pai, um comentário que era supostamente uma percepção dramática. Ele possuía o mesmo charme insidioso de seu pai. Mas ele é estranho, Pauly, distorcido inteiramente, o que percebi à primeira vista, mas não diga nada a ninguém.

Pauly jurou que não falaria.

Charlie está apenas com um dos seus acessos de raiva contra os homens, explicou Pauly a Joseph naquela noite. Não era uma questão pessoal, mas sim política. A mãe de Charlie era uma espécie de conformista estúpida, enquanto o pai não passava de um patife rematado.

– Um pai patife? – disse Joseph, com um sorriso que insinuava que conhecia o gênero muito bem. – Uma coisa sensacional. Insisto que me fale a respeito dele.

E Pauly falou, encontrando o maior prazer em fazer confidências a Joseph. Não estava sozinho nisso, pois depois de cada almoço ou jantar havia sempre dois ou três que ficavam para discutir seus talentos teatrais com o novo amigo, as ligações amorosas ou a grande agonia da condição de artista. Se as confissões ameaçavam carecer de tempero, acrescentavam de sua própria imaginação, a fim de não parecerem insípidos. Joseph ouvia-os compenetrado, assentia solenemente, ria um pouco

solenemente. Mas jamais oferecia qualquer conselho. E eles logo descobriram, aturdidos, com a maior admiração, que Joseph não fazia qualquer troca de informações; o que entrava, lá ficava. Melhor ainda, ele nunca fazia monólogos para se equiparar a eles, preferindo apenas estimulá-los com perguntas hábeis, a respeito deles próprios. Ou de Charlie, que estava constantemente nos pensamentos deles.

Até mesmo a sua nacionalidade era um enigma. Por algum motivo, Robert declarou-o português. Alguém insistiu que era um armênio, sobrevivente do genocídio turco, sobre o qual vira um documentário. Pauly, que era judeu, declarou que ele era Um de Nós. Mas Pauly dizia que todos eram. Assim, por algum tempo, apenas para aborrecer Pauly, classificaram-no simplesmente de árabe.

Mas não perguntavam a Joseph o que ele era. E quando tentavam pressioná-lo sobre seu trabalho, ele respondia apenas que costumava viajar muito, mas recentemente se acomodara. Parecia até que estava aposentado.

– Mas qual é a sua firma, José? – perguntou Pauly, mais corajoso que os outros. – Para quem você trabalha?

Ele respondeu, cuidadosamente, empurrando a ponta do gorro branco, com uma expressão pensativa, que não trabalhava numa firma. Não mais. Lia um pouco, fazia alguns negócios, herdara recentemente algum dinheiro. Portanto, tecnicamente, podia-se dizer que era autônomo. Isso mesmo, era autônomo, patrão de si mesmo. Somente Charlie continuou insatisfeita.

– Somos todos uns parasitas, não é mesmo, José? – disse ela, corando. – Lemos, fazemos negócios, gastamos nosso dinheiro, periodicamente fazemos uma temporada nas sensuais ilhas gregas para nosso prazer. Não é isso mesmo?

Com um sorriso impassível, Joseph aceitou a descrição. Mas Charlie não aceitou e acabou perdendo o controle.

– Mas o que lemos, pelo amor de Deus? Isso é tudo o que estou perguntando. O que negociamos? Posso perguntar, não é mesmo?

O silêncio cordial de Joseph deixou-a ainda mais furiosa. Ele estava acima dos escárnios dela.

– Você é um vendedor de livros? Qual é o seu golpe?

Ele demorou a responder. Podia fazer isso. Seus períodos de consideração prolongada já eram conhecidos na família como os Três Minutos de Advertência de Joseph.

– Golpe? – repetiu Joseph, com uma ênfase aturdida. – Golpe? Ora, Charlie, posso ser a maioria das coisas, mas certamente não sou um vigarista.

Desesperada, Charlie apelou para os outros.

–Ele não pode ficar sentado no vazio e dizer que negocia, seus tolos. O que ele faz? Qual é o seu negócio? – Ela arriou na cadeira. – Mas como vocês são estúpidos!

Charlie desistiu, parecendo completamente esgotada, uma mulher de 50 anos.

– Não acha que esse é um assunto muito tedioso para se conversar? – indagou Joseph, jovialmente, quando ninguém mais saía em socorro dela. – Eu diria que dinheiro e trabalho são as duas coisas de que se quer escapar quando se vem para Mikonos. Não concorda, Charlie?

– Para ser franca, eu diria que era a mesma coisa que conversar com uma esfinge.

Subitamente, algo em Charlie se rompeu por completo. Ela se levantou, soltou uma exclamação sibilante e, recorrendo a uma força extra para dissipar qualquer incerteza, bateu com o punho na mesa. Era a mesma mesa em que estavam sentados quando Joseph milagrosamente aparecera com o passaporte de Al. A toalha de plástico escorregou e uma garrafa vazia de limonada foi cair no colo de Pauly. Ela se lançou a um fluxo de palavrões, que constrangeu a todos, porque na presença de Joseph tendiam a conter a linguagem. Charlie acusou-o de ser alguma espécie de monstrengo, uma estranha aberração, vagueando pela praia e empenhando-se em jogos de poder com gente da metade de sua idade. Quis acusá-lo também de se comportar furtivamente em Nottingham, York e Londres, mas o tempo lhe trouxera dúvidas e tinha pavor de cair no ridículo. Por isso, tratou de se conter. Sua voz era sufocada e furiosa, usava seu sotaque mais vulgar. Se alguém percebeu alguma coisa no rosto de Joseph, foi apenas um exame atento de Charlie.

– Mas o que exatamente está querendo saber, Charlie? – perguntou ele, depois de sua pausa pensativa habitual.

– Para começar, você tem um nome, não é mesmo?

– Vocês me deram um nome. Joseph.

– Qual é seu verdadeiro nome?

Um silêncio consternado baixou sobre a taverna. Mesmo aqueles que amavam Charlie absolutamente, como Willy e Pauly, sentiram que sua lealdade a ela vacilava.

– Richthoven – respondeu ele finalmente, como se estivesse escolhendo entre uma ampla galeria. – Como o aviador, mas com um "v". Richthoven. Isso me transforma de repente numa pessoa diferente? E se sou tão terrível quanto me julga, por que iria acreditar em qualquer informação minha?

– Richthoven o quê? Qual é o seu primeiro nome?

Outra pausa, antes que ele chegasse a uma decisão.

– Peter. Mas prefiro Joseph. Onde eu vivo? Em Viena. Mas viajo muito. Quer meu endereço? Posso dar. Infelizmente, não encontrará meu nome na lista telefônica.

– Então você é austríaco.

– Digamos que sou um cadinho de origens européias e orientais, Charlie. Isso a deixaria satisfeita?

A esta altura, os outros estavam-se postando do lado de Joseph, com uma sucessão de murmúrios contrafeitos: – Por favor, Charlie.. .

– Você não está agora em Trafalgar Square, Chas. . .

– Francamente, Chas...

Mas Charlie não tinha outra saída senão seguir em frente. Estendendo o braço pela mesa, estalou os dedos sonoramente por baixo do nariz dele. Um estalo, depois outro. Agora, todos os garçons e fregueses da taverna observavam a diversão inesperada.

– Seu passaporte, por favor! Vamos, atravesse a minha fronteira! Encontrou o passaporte de Al, agora quero ver o seu. Data de nascimento, cor dos olhos, nacionalidade. Dê-me logo!

Joseph olhou primeiro para os dedos estendidos dela, que naquele ângulo tinham uma impertinência absurda. Depois, contemplou o rosto corado de Charlie, como a certificar-se de suas intenções. Finalmente sorriu. Para Charlie, o sorriso foi como uma luz, uma dança preguiçosa sobre a superfície de um segredo profundo, provocando-a com suas suposições e omissões.

– Desculpe, Charlie, mas os mestiços como eu possuem uma objeção arraigada, até mesmo histórica, em terem sua identidade definida por pedaços de papel. Uma pessoa tão avançada como você não partilha meu sentimento?

Ele pegou a mão dela na sua. Com a outra mão, dobrou-lhe gentilmente os dedos, antes de devolvê-la para junto do corpo dela.

Charlie e Joseph iniciaram sua excursão pela Grécia na semana seguinte. Como outras propostas bem-sucedidas, foi daquelas que, num sentido rigoroso, nunca chegaram a ser formuladas. Desligando-se completamente do resto da família, Charlie passou a ir à cidade de manhã bem cedo, quando ainda estava fresco, passando o dia em duas ou três tavernas, tomando café e decorando suas falas de *As You Like It,* que deveria apresentar na Inglaterra naquele outono. Sentindo que estava sendo observada um dia, levantou os olhos e deparou com Joseph, no outro lado da rua, saindo da pensão em que estava hospedado: Richthoven, Peter, quarto 18, sozinho. Era a mais pura coincidência, pensou Charlie depois, o fato de ter escolhido justamente aquela taverna, naquela hora, quando ele estava saindo para a praia. Avistando-a, ele se aproximou e sentou a seu lado.

– Vá embora – disse Charlie.

Com um sorriso, ele pediu um café.

– Devo confessar que, de vez em quando, seus amigos se tornam uma dieta exagerada. E é preciso procurar o anonimato das multidões.

– Eu diria que tem razão.

Joseph procurou descobrir o que ela estava lendo. E não demorou muito para que estivessem discutindo o papel de Rosalind, praticamente cena por cena, só que era Joseph quem assumia os dois lados da conversa.

– Eu diria que ela é muitas pessoas numa só. Observando-a se desenvolver ao longo da peça, fica-se com a impressão de uma pessoa ocupada por todo um regimento de personagens conflitantes. Ela é boa, é sábia, percebe demais as coisas, tem até um senso de dever social. Eu diria que você é perfeita para o papel, Charlie.

Ela não pôde se conter.

– Já esteve alguma vez em Nottingham, José? – perguntou, fitando-o nos olhos, sem se dar ao trabalho de sorrir.

– Nottingham? Acho que não. Deveria ter estado? Nottingham é algum lugar de mérito especial? Por que pergunta?

– Apenas porque estive representando por lá no mês passado. E pensei que pudesse ter-me visto.

– Isso é muito interessante. Em que eu deveria tê-la visto? Qual era a peça?

– *Santa Joana* de Shaw. Eu fazia o papel principal.

– Ora, é uma das minhas peças prediletas! Tenho certeza de que não se passa um ano sem que eu releia a introdução a *Santa Joana.* Vai apresentá-la de novo? Será que terei outra oportunidade de assisti-la?

– Também nos apresentamos em York – insistiu Charlie, os olhos ainda fixados nos dele.

– É mesmo? Então vocês fizeram uma *tournée.* Isso é ótimo.

– Também acho. York foi um dos lugares em que esteve nas suas viagens?

– Infelizmente, nunca estive mais ao norte que Hampstead, Londres. Mas já me disseram que York é um lugar muito bonito.

– É mesmo sensacional. Especialmente o Minster.

Charlie continuou a fitá-lo, por tanto tempo quanto se atrevia, o mesmo rosto da primeira fila. Esquadrinhou os olhos escuros dele e a pele esticada ao redor, à procura de qualquer tremor de cumplicidade ou riso. Mas nada transpareceu, nada foi confessado.

Ele sofre de amnésia, concluiu Charlie. E eu também.

Ele não lhe ofereceu o café da manhã, pois Charlie certamente teria recusado. Simplesmente chamou o garçom e perguntou em grego qual o peixe que estava fresco. Com autoridade, sabendo que era de peixe que ela gostava, mantendo no ar um braço de maestro para deter o garçom. Despachou-o em seguida e continuou a conversar sobre teatro com Charlie, como se fosse a coisa mais natural do mundo comer peixe e tomar vinho às nove horas de uma manhã de domingo. . . embora para si mesmo tivesse pedido uma Coca-Cola. Falava com conhecimento. Podia nunca ter subido ao norte, mas possuía grande intimidade com o teatro londrino, o que não revelara a qualquer outra pessoa da família. Enquanto ele falava, Charlie teve uma impressão inquietante, que lhe ocorrera desde o início: que a natureza exterior dele, como a sua presença ali, era apenas um pretexto, que sua missão era forçar uma brecha através da qual pudesse introduzir sua outra natureza, que era totalmente insidiosa. Ela perguntou-lhe se ia a Londres com frequência. Ele declarou que, depois de Viena, era a única cidade do mundo.

– Se aparece a menor oportunidade, aproveito prontamente.

Às vezes, até mesmo o inglês falado dele dava a impressão de ser desonestamente adquirido. Ela imaginou horas roubadas da leitura noturna, com uma cartilha, tantos idiomas memorizados por semana.

– Apresentamos *Santa Joana* também em Londres... há algumas semanas.

– No West End? Mas isso é uma verdadeira calamidade, Charlie! Por que não li qualquer notícia? Teria ido assistir.

– Foi no *East* End.

Tornaram a se encontrar no dia seguinte, numa taverna diferente. Charlie não podia dizer se era acaso, mas instintivamente duvidava. Desta vez Joseph perguntou quando ela tencionava começar os ensaios de *As You Like It.* Charlie respondeu que não havia nada definido; até agora só havia conversa. Conhecendo a companhia, sabia que assim continuaria até outubro. E talvez nem então se definisse alguma coisa. Além do mais, devia ser um espetáculo de três semanas no máximo. Ela explicou que o Conselho de Artes fora longe demais em seu orçamento e já estava se falando em cortar inteiramente a verba que lhes era concedida para a *tournée.* Para impressioná-lo, Charlie acrescentou um comentário seu: – Eles juraram que nossa temporada seria a última a ser cancelada, ainda mais porque temos um apoio fantástico do *Guardian.* Somando tudo, não custa ao contribuinte mais do que 1/300 de um tanque do exército. Mas o que se pode fazer?

O que ela faria então, enquanto esperava por outra *tournée*?, perguntou Joseph, com um esplêndido desinteresse. E foi uma coisa curiosa, sobre a qual Charlie muito pensou depois. Ao definir que perdera a apresentação dela em *Santa Joana,* ele definiu também que deviam, de alguma forma, compensar mutuamente o terreno perdido.

Charlie respondeu com indiferença. Provavelmente iria trabalhar em bares de teatros. Trabalho de garçonete. Ou pintar seu apartamento. Por quê?

Joseph mostrou-se profundamente consternado.

– Mas isso é horrível, Charlie. Não acha que seu talento merece uma ocupação melhor que a de garçonete? O que me diz de ensinar ou entrar para a política? Não acha que seria mais interessante?

Nervosa, ela riu um tanto bruscamente da ingenuidade dele.

– Na Inglaterra? Com a nossa taxa de desemprego? Isso é piada. Quem me pagaria cinco mil por ano para destruir a ordem vigente? Afinal, sou *subversiva.*

Joseph sorriu. Parecia surpreso e não de todo convencido. Soltou uma risada, num protesto polido.

– Ora, Charlie, não fale assim. O que está querendo dizer com isso?

– Exatamente o que falei. Sou perigosa.

– Mas a quem está subvertendo, Charlie? Para dizer a verdade, você me parece bastante ortodoxa.

Quaisquer que fossem as suas convicções naquele dia, Charlie teve o pressentimento desagradável de que ele poderia superá-la facilmente num debate. Por isso, a fim de proteger-se, ela assumiu uma atitude de repentino tédio.

– Sai dessa, está bem, José? Estamos numa ilha grega, certo? Estamos em férias, certo? Você fica fora da minha política, eu fico fora de seu passaporte.

A insinuação foi suficiente. Charlie ficou impressionada e surpresa com seu poder sobre ele, no justo momento em que temia não ter nenhum. Os pedidos chegaram. Enquanto tomava sua limonada, ele perguntou a Charlie se vira muitas antiguidades gregas durante sua estada. Era uma indagação do mais puro interesse geral e Charlie respondeu num tom de igual inconsequência. Passara quase um dia inteiro em Delos, junto com Long Al, visitando o Templo de Apolo. Fora o máximo que fizera. Absteve-se de contar que Alastair tomara um porre e brigara no barco, que o dia fora perdido e que depois passara muitas horas pela cidade, lendo em guias tudo o que podia sobre o pouco que vira. Mas tinha a impressão nítida de que ele sabia de tudo. Foi somente quando ele levantou a questão da passagem dela de volta à Inglaterra que Charlie começou a desconfiar de uma intenção tática por trás da curiosidade. Joseph perguntou se poderia ver a passagem. Dando de ombros, num gesto de indiferença, ela estendeu-a. Ele folheou-a, estudando atentamente os detalhes.

– Pode perfeitamente usar esta passagem de Tessalônica – declarou ele finalmente. – Por que não falo com um agente de viagens que é meu amigo e peço para fazer as alterações necessárias? Poderíamos então viajar juntos.

Ele falou como se fosse a solução que ambos estavam procurando. Charlie não disse absolutamente nada. Interiormente, parecia que cada componente de sua natureza estava em guerra contra outro: a criança lutando contra a mãe, a vagabunda contra a freira. As roupas pareciam ásperas no contato com a pele, as costas ardiam. Mas ela nada tinha a dizer.

– Preciso estar em Tessalônica daqui a uma semana –explicou Joseph. – Podemos alugar um carro em Atenas, ir a Delfos e seguir para o norte. Por que não?

Houve uma pausa. Sem se perturbar com o silêncio dela, Joseph acrescentou:

– Com algum planejamento, podemos nos livrar das multidões, se é isso o que a está preocupando. E quando chegarmos a Tessalônica poderá pegar um avião direto para Londres. Podemos até partilhar o volante, se você quiser. Já me disseram que guia muito bem. E é claro que será a minha convidada.

– Foi o que pensei.

– Então por que não?

Charlie pensou em todas as razões que ensaiara para um momento assim, pensou em todas as frases incisivas a que recorria quando homens mais velhos lhe passavam uma cantada. Pensou em Alastair, do tédio de estar com ele em qualquer lugar, exceto na cama – ultimamente até mesmo nela. Pensou no novo capítulo em sua vida que prometera a si mesma. Pensou na vida difícil e apertada que a aguardava quando voltasse à Inglaterra, com suas economias gastas, conforme Joseph a lembrara, por acaso ou por astúcia. Tornou a fitá-lo de viés e não percebeu qualquer indício de súplica em seu rosto. *Por que não*?. E isso era tudo. Lembrou o corpo esguio e vigoroso dele cortando o mar. *Por que não?* Lembrou o roçar da mão dele e o tom estranho de reconhecimento em sua voz: *Charlie. . . olá. . .* E o sorriso sedutor, que praticamente não tornara a aparecer desde então. E lembrou também, como lhe passara frequentemente pela cabeça, que se algum dia ele a largasse a detonação seria ensurdecedora. O que fora justamente a coisa que a atraíra, mais do que qualquer outra, conforme disse a si mesma.

– Não vou contar à turma – murmurou ela, olhando para o copo. –Eles ririam de não se aguentarem mais. Você terá de cuidar de tudo.

Ao que ele respondeu bruscamente que partiria na manhã seguinte e tomaria todas as providências necessárias.

– E é claro que se deseja mesmo deixar seus amigos no escuro...

Claro que queria, disse Charlie.

Nesse caso, disse Joseph, no mesmo tom prático, ele tinha uma sugestão a fazer. Charlie não podia saber se ele preparara o plano com antecedência ou simplesmente imaginou-o no momento. De qualquer forma, sentiu-se grata pela precisão dele, embora depois compreendesse que já estava contando com isso.

– Vá com os seus amigos no barco até o Pireu. O barco atraca ao final da tarde. Esta semana, porém, talvez haja algum atraso, porque o movimento está intenso. Pouco antes do barco entrar no porto, diga que pretende passar alguns dias vagueando sozinha pelo continente. Uma decisão impulsiva, do tipo pelo qual é conhecida. Não fale cedo demais ou eles passarão toda a viagem de barco tentando convencê-la a mudar de ideia. E também não fale muita coisa, pois isso é sinal de consciência intranquila.

Ele acrescentou o último comentário com a autoridade de alguém que também a possuía.

– Acho que estou quebrada. . .

Charlie falou antes de ter tempo para pensar. Alastair, como sempre, gastara o dinheiro dela, além do seu. Mesmo assim, ela sentiu vontade de morder a língua por ter falado. Se Joseph lhe tivesse oferecido dinheiro naquele momento, teria jogado na cara dele. Mas ele pareceu perceber tudo.

– Os outros sabem que você está quebrada?

– Claro que não.

– Eu diria então que sua história está intacta.

E como a encerrar a questão, ele guardou no bolso interno do paletó a passagem de avião de Charlie.

Ei, me dê isso de volta!, gritou ela, em súbito alarme. Mas não foi em voz alta, embora apenas por um triz.

– Depois de livrar-se de seus amigos, pegue um táxi para a Praça Kolokotroni. – Ele soletrou o nome. –A corrida deve custar em torno de 200 dracmas.

Ele esperou para ver se Charlie informava que isso constituía um problema. Mas tal não acontecia. Ela ainda tinha 800 dracmas, de que não falara. Ele repetiu o nome e conferiu se ela entendera direito. Charlie descobriu que havia algum prazer em submeter-se à eficiência militar dele. Havia na praça um restaurante com mesas na calçada, explicou Joseph. Disse o nome do restaurante, Diógenes. E permitiu-se um desvio de humor: um lindo nome, um dos melhores da história, o mundo precisava de mais homens assim e menos Alexandres. Ele estaria esperando no Diógenes. Não na calçada, mas lá dentro, onde era mais fresco, havia maior privacidade. Repita, Charlie .*Diógenes.* Absurdamente, passivamente, ela repetiu.

– Ao lado do Diógenes fica o Hotel Paris. Se por acaso alguma coisa me retardar, deixarei um recado para você com o porteiro do hotel. Pergunte pelo Sr. Larkos. É um bom amigo meu. Se precisar de algo, dinheiro ou qualquer outra coisa, fale com ele. – Joseph entregou um cartão a ela. – Pode se lembrar de tudo isso? Claro que pode. Afinal, é uma atriz. Pode se lembrar de palavras, gestos, números, cores, tudo.

Charlie leu o cartão: *Richthoven Enterprises.* Havia a informação de *Exportações* e depois o número de uma caixa postal em Viena.

Passando por um quiosque, sentindo-se maravilhosa e perigosamente viva, ela comprou uma toalha de crochê para a mãe e um gorro grego para seu deletério sobrinho, Kevin. Comprou depois uma dúzia de cartões-postais, que endereçou ao velho Ned Quilley, seu inútil agente em Londres, com mensagens jocosas que visavam a embaraçá-lo na presença das mulheres empertigadas que trabalhavam no escritório. "Ned, Ned, guarde todas as suas coisas para mim", escreveu ela num dos cartões. E em outro: "Ned, Ned, uma mulher caída pode afundar?" Mas em outro resolveu ser séria, dizendo que estava pensando em adiar sua volta, a fim de conhecer alguma coisa do continente. "Está na hora da sua Chas elevar os níveis de cultura, Ned." Ela estava ignorando a recomendação de Joseph de não contar muita coisa. Já ia atravessar a rua, para despachar os cartões, quando teve a impressão de estar sendo observada. Mas quando se virou, pensando que iria deparar com Joseph, avistou de novo o *hippie* louro que gostava de grudar na família e participara da despedida de Alastair. Avançava pela calçada por trás dela, os braços caídos como um macaco. Ao vê-la, levantou lentamente a mão direita, num gesto como Cristo. Charlie acenou em resposta, rindo. O maluco entrou numa viagem infernal e não consegue voltar, pensou ela, indulgentemente, enquanto

largava os cartões na caixa do correio, um a um. Talvez eu devesse fazer alguma coisa por ele.

O último cartão era para Alastair, repleto de sentimento falso. Mas Charlie não o releu. Às vezes, particularmente nos momentos de incerteza ou mudança, quando estava prestes a um ato de ousadia, convinha-lhe acreditar que seu querido, incorrigível, beberrão Ned Quilley, de 140 anos no próximo aniversário, era o único homem a quem realmente amara.

4

Kurtz e Litvak procuraram Ned Quilley, em seu escritório no Soho, numa sexta-feira enevoada e úmida, por volta de meio-dia, uma visita social tendo os negócios por objetivo, assim que souberam que o espetáculo Joseph-Charlie estava em pleno andamento. Estavam próximos do desespero. Desde a bomba de Leyden que podiam sentir o bafo de Gavron em suas nucas, a cada hora do dia. E o único som que havia em suas mentes era o tique-taque implacável do velho relógio de Kurtz. Exteriormente, no entanto, eram apenas mais dois americanos originários da Europa Central, vestindo capas novas, um deles corpulento e com o andar bamboleante de um velho marujo, o outro jovem, alto e magro, insinuante, com um sorriso acadêmico exclusivo. Apresentaram-se como Gold e Karman, da firma GK Criações, o que era comprovado por um papel timbrado impresso às pressas, exibindo um monograma azul e dourado, como um alfinete de gravata dos anos 30. Haviam marcado o encontro da embaixada, mas ostensivamente como se ligassem de Nova York, falando com uma das mulheres que trabalhavam com Ned Quilley. Chegaram exatamente na hora marcada, como os ansiosos cidadãos do *show business* que não eram.

– Somos Gold e Karman – disse Kurtz à senil recepcionista de Quilley, Sra. Ixmgmore, quando faltavam dois minutos para meio-dia. – Temos um encontro com o Sr. Quilley ao meio-dia. Obrigado, minha cara, mas ficaremos esperando de pé. Por acaso foi com você que falamos?

Não, não foi, respondeu a Sra. Longmore, no tom de quem era condescendente com uma dupla de lunáticos. A marcação de encontros era a seara da Sra. Ellis, outra pessoa.

– Claro, claro, minha cara – disse Kurtz, imperturbável.

Era assim que operavam naqueles casos, com o corpulento Kurtz dando o ritmo e o esguio Litvak em silêncio por trás, com seu sorriso contido.

A escada para o gabinete de Ned Quilley era íngreme e sem carpete. Na experiência de 50 anos da Sra. Longmore no posto, a maioria dos americanos gostava de fazer comentários irônicos a respeito, parando lá em cima para recuperar o fôlego. Mas isso não aconteceu com Gold. Nem com Karman. Aqueles dois, pensou ela, observando-os subir e logo desaparecer, escalavam uma escada como se nunca tivessem conhecido um elevador. Devia ser o resultado do *jogging,* concluiu ela, voltando a seu tricô, que lhe rendia quatro libras por hora. Não era isso o que todo mundo estava fazendo em Nova York atualmente? Correndo pelo Central Park, os pobres coitados, evitando os tar ados e cachorros. Ela ouvira dizer que muitas haviam morrido de tanto correr.

– Senhor, somos Gold e Karman – disse Kurtz uma segunda vez, quando o pequeno Ned Quilley abriu-lhes a porta, com uma expressão jovial. – Eu sou Gold.

E sua imensa mão direita agarrou a mão do pobre Ned, antes que este tivesse tempo de retirá-la.

– Sr. Quilley. . . Ned. . . temos o maior prazer em conhecê-lo. Possui uma excelente reputação no ramo.

– E eu sou Karman, senhor – explicou Litvak, também respeitosamente, espiando por cima do ombro de Kurtz.

Litvak não estava na turma do aperto de mão. Kurtz já fizera isso pelos dois.

– Ora, meu caro – protestou Ned, com seu suave charme edwardiano – o prazer é todo meu!

Ele conduziu-os prontamente para junto da janela comprida, a legendária Janela de Quilley dos tempos de seu pai, onde pela tradição se sentava olhando para o mercado de Soho, tomando o xerez do velho Quilley e vendo o mundo passar, enquanto se fazia bons negócios para o velho Quilley e seu cliente. Pois Ned Quilley, aos 62 anos, ainda era em grande parte um filho. Queria apenas que a vida amena de seu pai continuasse. Era uma alma gentil, cabelos brancos, vestido de certa forma como as pessoas fascinadas pelo mundo teatral, com um brilho estranho nos olhos, faces rosadas, uma impressão de agitado e atrasado ao mesmo tempo, como se tivesse algo vital a explicar, mas não podendo fazê-lo antes do trem partir.

– Está muito úmido para se apreciar um bom desfile lá fora. – Ele acenou com a mãozinha elegante para a janela. Um ar de indiferença, na opinião de Ned, era a própria essência da vida. – De um modo geral, temos um lindo desfile de moças nesta época do ano. Grandes, pretas, amarelas, de todos os formatos e tamanhos que se possa imaginar. Há uma velha que aparece por aqui há mais tempo do que eu. Meu pai costumava lhe dar uma libra no Natal. Infelizmente, não se compra muita coisa com uma libra atualmente. O que é lamentável.

De sua amada estante, enquanto os visitantes riam polidamente com ele, Ned pegou uma garrafa de cristal com xerez, aspirou o buquê, depois encheu pela metade três copos também de cristal. Podia sentir a atenção vigilante dos visitantes. Tinha a impressão de que o estavam avaliando, assim como aos móveis, ao escritório. Um pensamento terrível ocorreu-lhe, um pensamento que espreitava no fundo de sua mente desde que recebera a carta deles.

– Não estão tentando comprar a minha firma nem qualquer outra coisa horrível, não é mesmo? – indagou ele, nervosamente.

Kurtz deixou escapar uma risada sonora e tranquilizadora.

– Pode estar certo, Ned, de que não estamos interessados em comprá-lo.

Litvak riu também.

– Graças a Deus! – declarou Ned, aliviado, entregando os copos. – Sabiam que todo mundo está sendo comprado hoje em dia? Atendo uma porção de gente de que nunca ouvi falar, oferecendo-me dinheiro pelo telefone. Todas as firmas pequenas e antigas, firmas decentes, estão sendo absorvidas. O que é chocante. Um brinde. Boa sorte a todos nós.

Ele ainda estava sacudindo a cabeça ao final. O ritual de Ned continuou. Perguntou onde estavam hospedados, Kurtz respondeu que no Connaught, que realmente apreciavam, sentindo-se como se estivessem em família, desde o momento em que chegavam. Em parte era verdade. Haviam-se registrado no hotel, mesmo sabendo que Misha Gavron teria um ataque quando visse a conta. Ned perguntou se estavam encontrando tempo para o lazer e Kurtz respondeu efusivamente que estavam adorando cada minuto. E partiriam para Munique no dia seguinte.

– Munique? Mas o que vão fazer lá? – Ned estava assumindo o papel da idade em benefício deles, representando o dândi anacrônico e desinteressado. – Eu diria que vocês circulam bastante.

– Dinheiro de co-produção – declarou Kurtz, como se isso explicasse tudo.

– E muito – acrescentou Litvak, numa voz tão suave quanto o sorriso. – O cenário alemão é muito grande atualmente. Estão bem lá no alto, Sr. Quilley.

– Foi o que me disseram e não tenho a menor dúvida quanto a isso – disse Ned, indignado. – Eles constituem uma grande força, que não se pode ignorar. Em tudo. A guerra está inteiramente esquecida agora, varrida para baixo do tapete.

Com um impulso misterioso de se mostrar ineficaz, Ned tornou a encher os copos, fingindo não ter percebido que estavam virtualmente intactos. Depois soltou uma risadinha e largou a garrafa de cristal. Era de um navio do século XVIII, com uma base larga, para compensar o balanço do mar. Muitas vezes, com estrangeiros, Ned fazia questão de explicar isso, longamente. Mas alguma coisa no comportamento solene dos visitantes fez com que se abstivesse agora. Em vez disso, houve apenas um silêncio e um ranger de cadeiras. Lá fora, a chuva fina se convertera num denso nevoeiro.

– Ned – disse Kurtz, calculando com exatidão o momento da intervenção no silêncio – quero explicar quem somos, por que lhe escrevemos e por que estamos roubando seu valioso tempo.

– Faça isso, por favor, meu caro. Ouvirei com a maior satisfação.

Sentindo-se como alguém completamente diferente, Ned cruzou as pernas curtas e afixou um sorriso atencioso, enquanto Kurtz assumia suavemente seu tom persuasivo.

Pela testa larga e inclinada para trás, Ned calculou que ele era húngaro. Mas poderia ser tcheco. Ou de qualquer outro lugar da Europa Central. Tinha uma voz profunda, naturalmente alta, com um sotaque da Europa Central que o Atlântico ainda não conseguira eliminar. Falava rápido e fluente, como um comercial de rádio, os olhos estreitos e brilhantes pareciam escutar tudo o que dizia, enquanto o antebraço direito parecia reduzir tudo a pedacinhos, em golpes firmes e pequenos. Ele, Gold, era o advogado da família, explicou Kurtz; Karman estava mais no lado criativo, com experiência de escrever, agenciar e produzir, principalmente no Canadá e no Meio-Oeste americano. Haviam-se instalado recentemente em Nova York e o interesse atual era o de programas independentes para a televisão.

– Nossa função criativa, Ned, concentra-se em 90 por cento a encontrar um conceito que seja aceitável para as redes e os financiadores. Esse conceito é o que vendemos. A produção, deixamos a cargo dos produtores. E ponto final.

Ele acabara. Olhou para o relógio, com um gesto estranhamente desligado. Competia agora a Ned dizer alguma coisa inteligente, o que conseguiu de maneira um tanto brilhante, diga-se a seu crédito. Franziu o rosto, estendeu o braço com o copo, fez uma pirueta lenta e deliberada, instintivamente reagindo à pantomina de Kurtz.

– Mas se vocês vendem pacotes, meu caro, o que estão querendo conosco, agentes? Por que mereço um almoço? Está

entendendo? Por que um almoço, se o negócio de vocês é vender pacotes?

Para surpresa de Ned, Kurtz desatou numa risada jovial e contagiante. Ned também achou que fora espirituoso, com toda sinceridade. Mas não era nisso que Kurtz estava pensando. Os olhos estreitos se contraíram, os ombros largos se altearam. Ned sentiu que toda a sala se enchia com o repicar de uma risada eslava, efusiva. Ao mesmo tempo, o rosto assumiu as rugas mais desconcertantes. Até aquele momento, na avaliação de Ned, Kurtz tinha no máximo 45 anos. Subitamente, ele tinha a idade de Ned, a testa, faces e pescoço enrugados, com sulcos que pareciam os talhos de uma faca. A transformação perturbou Ned. Ele sentiu que, de alguma forma, estava sendo enganado.

"– Uma espécie de cavalo de Troia humano – ele queixou-se depois à esposa Marjory. – Admite-se na sala um dinâmico empresário de 40 anos e de repente ele se transforma num velho de 60 anos. Muito estranho."

Mas foi Litvak quem se manifestou agora, fornecendo a resposta crucial e muito ensaiada à pergunta de Ned, a resposta da qual tudo o mais dependia. Inclinando o corpo comprido e anguloso para a frente, ele abriu a mão direita, segurou o dedo do meio e pôs-se a falar, num sotaque bostoniano, produto de estudos intensos com professores judeus americanos.

– Sr. Quilley – começou ele, tão intensamente que parecia estar revelando um segredo místico – o que temos em mente é um projeto totalmente original. Sem precedentes, sem imitações. Temos 16 horas de ótimo tempo de televisão, no outono e inverno. Formamos uma companhia teatral de atores ambulantes. Um elenco de atores talentosos, tanto britânicos como americanos, uma ampla gama de raças, personalidades, uma perfeita interação humana. Deslocamos essa companhia de uma cidade para outra, cada ator representando uma variedade de papéis, ora como principais, ora como coadjuvantes. Suas histórias e relacionamentos na vida real proporcionam uma nova dimensão, constituem uma parte da atração da audiência. Apresentações ao vivo em cada cidade.

Ele levantou os olhos, desconfiado, como se pensasse que Quilley tinha falado. Mas Quilley, enfaticamente, não dissera coisa alguma.

– Nós viajamos com essa companhia, Sr. Quilley – continuou Litvak, falando tão devagar a ponto de quase parar, o fervor se aprofundando. – Andamos nos mesmos carros da companhia. Ajudamos a mudar os cenários. Nós, a audiência, partilhamos seus problemas, seus hotéis horríveis, acompanhamos suas brigas e paixões. Nós, a audiência, ensaiamos com eles. Partilhamos o nervosismo da estreia, lemos os avisos no dia seguinte, nos regozijamos com os sucessos, lamentamos os fracassos, escrevemos cartas para sua gente. Devolvemos ao teatro seu espírito de aventura. Seu espírito de pioneirismo. O relacionamento ator-audiência.

Por um momento, Quilley pensou que Litvak acabara. Mas ele estava apenas escolhendo um dedo diferente para segurar.

– Usamos as peças do teatro clássico, Sr. Quilley, caídas no domínio público, sempre o menor custo possível. Vamos a pequenas cidades onde não há teatros. Usamos atores novos, relativamente desconhecidos, de vez em quando um astro convidado, para dar prestígio. Mas, basicamente, estamos promovendo talento novo e convidando esse talento a demonstrar toda a sua versatilidade, por um período mínimo de quatro meses, que esperamos prolongar. E tornar a prolongar. Para os atores, a oportunidade de aparecer, boa publicidade, espetáculos decentes, sem qualquer sujeira. Esse é o nosso conceito, Sr. Quilley. E tudo indica que os financiadores muito apreciaram.

Antes que Quilley pudesse apresentar seus parabéns, algo que sempre gostava de fazer quando alguém lhe revelava uma ideia, Kurtz tornou a entrar em cena: – Ned, queremos contratar a sua Charlie – anunciou ele, com um sorriso feliz e o entusiasmo de um arauto shakespeariano trazendo a notícia de vitória, erguendo todo o braço direito e mantendo-o lá no alto.

Muito excitado, Ned fez menção de falar, mas descobriu que Kurtz ainda não terminara.

– Ned, estamos convencidos de que a sua Charlie possui grande talento, muita versatilidade, excelente amplitude. Se puder nos garantir algumas coisas urgentes, creio que podemos oferecer a ela a oportunidade de ocupar um lugar de destaque no firmamento teatral. E posso assegurar que você e ela não se arrependerão.

Ned tentou falar novamente, mas desta vez foi Litvak quem se antecipou a ele: – Estamos dispostos a ficar com ela, Sr. Quilley. Precisamos apenas das respostas a umas poucas perguntas e Charlie estará lá em cima, entre as grandes estrelas.

Houve um silêncio súbito. Tudo o que Ned podia ouvir era a canção em seu coração. Contraiu os lábios e, tentando assumir uma atitude profissional, puxou os punhos elegantes da camisa. Ajustou a rosa que naquela manhã Marjory pusera em sua lapela, junto com a instrução habitual de não beber muito no almoço. Mas Marjory teria pensado de maneira totalmente diferente, se soubesse o que estava acontecendo. Os visitantes, ao invés de quererem comprar sua firma, estavam propondo oferecer a Charlie, que os dois tanto amavam, a oportunidade há tanto esperada. Se soubesse disso, a velha Marge teria suspendido todas as restrições, sem a menor dúvida.

Kurtz e Litvak beberam chá, mas no The Ivy ninguém repara em tais excentricidades. Ned não precisou de muita persuasão para escolher uma meia garrafa decente na lista. E como eles insistiram, um copo grande do Chablis da casa acompanhou antes o salmão defumado. No táxi, que pegaram para escapar da chuva, Ned começara a relatar a história divertida de como Charlie se tornara sua cliente. No The Ivy, ele voltou ao relato.

– Mordi a isca de Charlie, com anzol e tudo. Nunca tinha feito uma coisa assim antes. Velho tolo, foi isso o que fui. . . não tão velho quanto estou agora, mas ainda um tolo. Não foi tanto um espetáculo. Uma pequena revista antiquada, nada mais do que isso, adaptada para parecer moderna. Mas Charlie estava maravilhosa. A suavidade recatada. . . é o que procuro nas jovens. – A expressão era na verdade um legado do pai. – Assim que a cortina baixou, fui ao camarim dela. . . se é que se podia chamar aquilo de camarim. Fiz o meu ato de Pigmalião e contratei-a na hora. Ela não queria inicialmente acreditar. Pensava que eu fosse um velho devasso. Tive de ir buscar Marjory para convencê-la.

– E o que aconteceu depois? –perguntou Kurtz, jovialmente, passando-lhe mais pão e manteiga. – Um mar de rosas por todo o caminho?

– Mas claro que não! – protestou Ned. ingenuamente. –Ela era como a maioria dos jovens. Saem da escola de teatro cheios de sonhos e promessas, arrumam alguns papéis, começam a comprar um apartamento ou outra estupidez qualquer. E, de repente, tudo para. É o que chamamos de hora do crepúsculo. Alguns conseguem superá-la, outros não. À nossa prosperidade.

– Mas Charlie conseguiu – estimulou Litvak, suavemente, tomando um gole do chá.

– Ela resistiu. Aguentou firme. Não foi fácil. Nunca é. No caso dela, exigiu anos. Anos demais. – Ned estava surpreso ao se descobrir tão comovido. E pelas expressões dos outros, eles também estavam. – Mas agora tudo dará certo para ela, não é mesmo? Não podem imaginar como me sinto contente por Charlie.

E isso foi outra coisa estranha, disse Ned a Marjory depois. Ou talvez fosse a mesma coisa acontecendo de novo. Ele estava se referindo à maneira como os dois homens mudavam de caráter, à medida que o dia avançava. No escritório, por exemplo, ele mal conseguira dizer alguma coisa. No restaurante, no entanto, deram-lhe o papel central e se limitaram a murmurar algumas deixas. E depois... mas depois foi outra coisa inteiramente diferente.

– Uma infância terrível, é claro – disse Ned, orgulhosamente. – O que acontece com muitas moças que conheço. É justamente o que as leva para o mundo da fantasia. Para se esconder. Ocultar as emoções. Imitando pessoas que parecem mais felizes. Ou mais infelizes. Roubando um pouco delas. .. representar é parcialmente isso. Sofrimento. Roubo. Mas estou falando demais. A nós!

– Terrível de que maneira, Sr. Quilley? – perguntou Litvak, respeitosamente, como alguém que estivesse pesquisando a questão a fundo. – Poderia me explicar como a infância de Charlie foi terrível?

Ignorando o que somente depois compreendeu ser um aumento na solenidade de Litvak e também no olhar de Kurtz, Ned confidenciou-lhes tudo o que soubera durante os almoços de confissões que oferecia ocasionalmente a Charlie, no segundo andar do Bianchi's. Disse que a mãe dela era uma idiota. 0 pai era um vigarista ordinário, um corretor desonesto que fizera o diabo e agora estava misericordiosamente morto, um dos mentirosos mais insinuantes que já existira. Acabara na cadeia. E lá morrera. Chocante.

Litvak fez outra de suas intervenções suaves:

– Ele morreu na prisão, senhor?

– E também foi enterrado lá. A mãe era tão amargurada que não quis gastar dinheiro para tirá-lo de lá.

– Charlie lhe contou isso pessoalmente, senhor?

Quilley ficou desconcertado.

– E quem mais poderia me contar?

– Não houve caução?

– Não houve o quê? – disse Ned, o temor de lhe tirarem a firma ressuscitando subitamente.

– Confirmação, senhor. Confirmação de fontes não relacionadas. Às vezes, com as atrizes...

Kurtz interveio nesse momento, com um sorriso paterna]:

– Ignore esse rapaz, Ned. O Mike tem uma veia de desconfiança muito forte. Não é mesmo, Mike?

– Talvez tenha razão – admitiu Litvak, numa voz que não era mais alta que um suspiro.

Somente então ocorreu a Ned perguntar o que já tinham visto do trabalho dela. Para sua agradável surpresa, descobriu que eles haviam pesquisado a sério. Não apenas haviam obtido cópias de todos os pequenos papéis que ela já representara na televisão, como também haviam ido a Nottingham, em sua visita anterior à Inglaterra, para assisti-la em *Santa Joana.*

– Mas que dupla furtiva que vocês formam! – exclamou Ned, enquanto os garçons tiravam os pratos e preparavam o cenário para o pato assado. – Se me dessem um telefonema, eu os levaria até lá pessoalmente. Ou pediria a Marjory para levar. Foram aos bastidores? Levaram-na a um restaurante? Não? Mas que coisa!

Kurtz permitiu-se um momento de hesitação e sua voz tomou-se solene ao falar. Lançou um olhar inquisitivo para Litvak, que lhe deu um pequeno aceno de encorajamento.

– Para ser franco, Ned, achamos que não era apropriado, nas circunstâncias.

– E que circunstâncias são essas? – indagou Ned, imaginando que ele se referia a algum ponto da ética dos agentes. – Não temos dessas coisas por aqui. Se querem apresentar uma proposta diretamente a ela, podem fazê-lo. Não se preocupem comigo. Podem estar certos de que um dia receberei minha comissão.

Ned ficou quieto então, pois os dois pareciam terrivelmente solenes, conforme contou a Marjory. Como se tivessem engolido ostras estragadas. Com casca e tudo.

Ltvak estava limpando meticulosamente os lábios.

– Importa-se que eu lhe pergunte uma coisa, senhor?

– Claro que não, meu caro companheiro – disse Ned, aturdido.

– Poderia nos dizer, por favor... a sua própria avaliação... como Charlie reage numa entrevista?

Ned largou o copo de clarete.

– Numa entrevista? Ora, se é essa a sua preocupação, pode estar certo de que ela é absolutamente natural. Um comportamento de primeira. Sabe instintivamente o que os rapazes da imprensa querem e, havendo a oportunidade, como oferecer. Camaleão. . . é isso o que ela é. Admito que anda um pouco sem prática ultimamente, mas pode pegar tudo de novo num instante. Quanto a isso, não precisa ter qualquer ansiedade. – Ele tomou um longo gole de vinho, como a tranquilizá-los. – De jeito nenhum.

Mas Litvak não ficou tão animado com essa notícia como Ned esperava. Contraindo os lábios numa expressão de desaprovação preocupada, ele começou a recolher as migalhas na toalha, com os dedos compridos e finos. Ned baixou a cabeça e inclinou o rosto para cima, num esforço para arrancá-lo de sua depressão. Acabou protestando, indeciso: – Ora, meu caro companheiro! Não fique assim! O que pode haver de errado em Charlie se sair bem nas entrevistas? Há muitas garotas que ficam confusas e quase não conseguem falar. Se é isso o que estão querendo, posso arrumar uma porção.

Mas o favor de Litvak não seria conquistado. Sua única reação foi levantar os olhos rapidamente para Kurtz, como a dizer "sua testemunha", baixando depois novamente para a toalha.

"– Uma dupla afinada – comentou Ned depois para Marjory, tristemente. – A impressão era de que podiam trocar de papel à vontade, em qualquer momento."

Kurtz falou agora:

– Se contratarmos a sua Charlie, Ned, ela ficará muito em evidência. E quando falo muito, é muito mesmo. Depois que estiver no projeto, a menina terá toda a sua vida exposta diante de seus olhos. Não apenas a vida amorosa, a família, o gosto por astros pop e poesia. Não apenas a história de seu pai, mas também sua religião, atitudes, opiniões.

– E também as posições políticas – acrescentou Litvak, recolhendo as últimas migalhas.

Ao ouvir isso, Ned sofreu uma ligeira mas inconfundível perda de apetite. Largou a faca e o garfo, enquanto Kurtz continuava a falar: – Ned, nossos financiadores neste projeto são típicos americanos do Meio-Oeste. Possuem todas as virtudes. Muito dinheiro, filhos ingratos, casas de veraneio na Flórida, valores absolutos. Principalmente os valores absolutos. E querem que esses valores estejam refletidos na produção, do princípio ao fim. Podemos rir um pouco disso, talvez também chorar. Mas é a realidade, é a televisão, é onde o dinheiro está...

– E é a América – balbuciou Litvak patrioticamente para suas migalhas.

– Vamos ser francos com você, Ned. Absolutamente sinceros. Quando finalmente nos decidimos a escrever-lhe, já estávamos dispostos, dependendo apenas de outros consentimentos necessários, a comprar todos os contratos de sua Charlie e lançá-la no caminho para o estrelato. Mas não posso lhe esconder que nos últimos dois dias Karman e eu temos ouvido coisas que nos levam a hesitar, ter dúvidas. Não há problema com o talento dela. Charlie possui um excelente talento, precisando apenas ser aguçado, pronto para alçar voo. O problema é saber se ela é aceitável no contexto deste projeto. Se não está comprometida. Ned, queremos uma garantia de que não há nada de sério.

Foi Litvak quem, mais uma vez, encarregou-se da investida decisiva. Abandonando finalmente as migalhas, ele enganchou o indicador direito sob o lábio inferior e olhou com uma cara triste para Ned, através dos óculos de aros pretos.

– Soubemos que ela é atualmente radical. Soubemos que está empenhada a fundo nas causas políticas. Militante. Soubemos que está no momento ligada a um anarquista, meio doido. Não queremos condenar ninguém com base em rumores, mas as coisas que estamos ouvindo, Sr. Quilley, dão a impressão de que ela é a mãe de Fidel Castro e a irmã de Kadhafi numa só pessoa.

Ned olhou de um para outro e por um momento teve a ilusão de que os quatro olhos eram controlados por um único nervo ótico. Quis dizer alguma coisa, mas sentiu que tudo era irreal. Pensou que talvez tivesse bebido o Chablis mais depressa do que era prudente. Tudo o que podia pensar era no aforismo predileto de Marjory: não há nada na vida que seja uma pechincha.

A consternação que se abateu sobre Ned foi como o pânico dos velhos e desamparados. Sentiu-se fisicamente aquém da tarefa, fraco demais, cansado demais. Todos os americanos deixavam-no inquieto, a maioria assustava-o, quer por seu conhecimento ou por sua ignorância. Ou por ambos. Mas aqueles dois, fitando-o impassivelmente, enquanto ele se atrapalhava à procura de uma resposta, inspiravam-lhe um alarme espiritual maior do que qualquer coisa para que estivesse preparado. Ele estava também, de uma maneira inútil, bastante furioso. Detestava os boatos. Todo e qualquer boato. Considerava a praga de sua profissão. Já vira o boato arruinar carreiras, detestava-o e podia ficar vermelho e quase grosseiro quando lhe era oferecido pelos que não conheciam seus sentimentos. Quando falava a respeito das pessoas, Ned o fazia abertamente, com afeição, exatamente como falara sobre Charlie 10 minutos antes. Afinal, amava aquela menina. Ocorreu-lhe até dizer isso a Kurtz, o que teria sido um passo dos mais ousados para Ned. A ideia devia ter transparecido em seu rosto, pois teve a impressão que Litvak ficava preocupado e se preparava para baterem retirada. O rosto extraordinariamente móvel de Kurtz se abriu num sorriso do tipo "ora-Ned-deixe-disso". Mas uma incurável cortesia serviu de freio a Ned, como sempre acontecia. Não podia esquecer que estava comendo o sal deles, que eram estranhos e tinham padrões totalmente diferentes. E logo teve de admitir também, relutante, que eles tinham um trabalho a realizar e patrocinadores a agradar. Num certo sentido, estavam até certos. Ele, Ned, devia responder da melhor forma possível ou se arriscar a estragar o negócio, acabando com todas as esperanças para Charlie. Havia outro fator que Ned, em seu raciocínio implacável, não podia deixar de levar em consideração. Mesmo que o projeto fosse pavoroso, o que Ned presumia que aconteceria, mesmo que Charlie esquecesse todas as falas, entrasse embriagada no palco e pusesse vidro quebrado na banheira do diretor, coisas que em seu profissionalismo ela jamais sequer cogitaria, não obstante sua carreira, posição, o próprio valor comercial, finalmente daria o salto para a frente tão ansiosamente esperado, do qual não precisaria nunca mais voltar.

Enquanto isso, Kurtz continuava a falar, inabalável, ansioso: – Queremos a sua orientação, Ned. Sua ajuda. Queremos saber se uma coisa dessas não vai explodir em nossas caras no segundo dia das filmagens. Porque vou lhe dizer uma coisa. – Um dedo curto e forte apontava para Ned, como o cano de uma pistola. – Ninguém no estado de Minnesota vai querer pagar um quarto de milhão de dólares para uma vermelha inimiga da democracia, se é isso o que ela é. E ninguém na GK vai aconselhá-los a cometerem *harakiri* fazendo isso.

Pelo menos no início, Ned reagiu muito bem. Pediu desculpas por nada. Sem ceder um centímetro sequer, lembrou a sua descrição da infância de Charlie. Ressaltou que, por quaisquer padrões normais, ela deveria se transformar numa delinquente juvenil total ou, como o pai, acabar na prisão. Quanto à sua política, ou como quer que quisessem chamar, nos quase nove anos em que ele e Marjory a conheciam, Charlie se mostrara uma fervorosa adversária do *apartheid* – "e não se podia culpá-la por isso, não é mesmo?" – uma pacifista militante, uma sufista, manifestante antinuclear, uma antivivisseccionista e, até voltar a fumar, campeã das campanhas para eliminar o tabaco dos teatros e locais públicos subterrâneos. Não tinha a menor dúvida de que, antes de Charlie finalmente ser levada para outra vida, várias outras causas igualmente disparatadas haveriam de atrair seu apoio romântico, embora breve.

– E você aguentou ao lado dela por tudo isso, Ned! – exclamou Kurtz, com evidente admiração. – Acho uma coisa sensacional.

– Como apoiaria qualquer outro! – reagiu Ned, com veemência. – Afinal, ela é uma atriz! Não a leve tão a sério. Atores não têm opiniões, meu caro, muito menos as atrizes. Têm ânimos. Caprichos. Poses. Paixões de 24 horas. Não se pode esquecer que há muita coisa errada no mundo. E os atores se sentem irresistivelmente atraídos por soluções dramáticas. Tudo o que sei é que, quando a contratarem, ela estará nascendo de novo!

– Politicamente, não – disse Litvak, repulsivamente, a voz quase inaudível.

Por mais alguns momentos, sob a influência do prestimoso clarete, Ned continuou em seu curso ousado. Estava dominado por uma espécie de vertigem. Ouvia as palavras em sua cabeça, repetia-as e sentia-se jovem outra vez, completamente divorciado de suas próprias ações. Falou de atores em geral e de como eram dominados por um "horror absoluto da irrealidade". Como no palco exprimiram todas as agonias do homem e fora dele eram como recipientes vazios, esperando para serem enchidos. Falou da timidez dos atores, a pequenez, a vulnerabilidade, o hábito de disfarçar essas fraquezas com causas radicais, de aparência violenta, que tomavam emprestadas do mundo adulto. Falou da obsessão deles, como se viam no palco 24 horas por dia – no palco, no amor, em situações extremadas. E, depois, subitamente, ele secou, uma coisa que lhe acontecia com alguma frequência ultimamente. Perdeu o fio da meada, perdeu o ímpeto. O garçom trouxe o carrinho de licores. Sob os olhos frios dos anfitriões, Quilley desesperadamente escolheu um Marc de Champagne e deixou que o garçom servisse uma dose grande, antes de fazer um gesto para detê-lo. Enquanto isso, Litvak se recuperara o suficiente para revidar com uma boa ideia. Enfiando os dedos compridos no paletó, retirou um desses caderninhos de anotações que parecem um quadro em branco, com uma capa em imitação de crocodilo e cantoneiras de latão, para pequenos papéis.

– Vamos começar pelos princípios básicos – propôs ele, suavemente, mais para Kurtz do que para Ned. – O *quando, onde, com quem, quanto tempo*. – Ele fez uma margem, presumivelmente para datas, antes de continuar: – Comícios em que ela esteve. Manifestações. Petições. Marchas. Qualquer coisa que possa ter atraído a atenção pública. Quando tudo estiver na mesa, poderemos fazer uma avaliação informada. E assumimos o risco ou saímos pela porta dos fundos. Ned, ao que você saiba, qual foi a primeira vez em que ela se envolveu?

– Gosto disso – comentou Kurtz. – Gosto do método. E acho que também é justo para Charlie.

Ele conseguiu dizer isso como se o plano de Litvak tivesse ocorrido de repente, ao invés de ser o objetivo de muitas horas de discussão preparatória.

E Ned lhes contou tudo. Onde podia atenuou os fatos, disse uma ou outra pequena mentira. Mas, no todo, contou o que sabia. Teve apreensões, é certo, mas isso só veio depois. Conforme disse depois a Marjory, na ocasião eles o levaram de roldão. Não que ele soubesse muita coisa. A participação nos movimentos contra o *apartheid* e antinucleares eram de qualquer forma do conhecimento comum. Havia o Teatro da Reforma Radical, uma turma a que Charlie aderia de vez em quando e que se mostrara tão perniciosa no National, impedindo diversas apresentações. Havia o pessoal da Ação Alternativa, em Islington, todos os 15 meio doidos, dissidentes do grupo Trot. Havia um horrível painel de mulheres a que ela comparecera, na prefeitura de St. Pancreas, a que arrastara Marjory, querendo fazê-la descobrir a razão. E há dois ou três anos ela telefonara de madrugada da delegacia policial de Durham, pedindo que Ned fosse pagar sua fiança, depois de ser presa num congresso antinazista.

– Não foi isso o que teve muita publicidade, com a fotografia dela publicada nos jornais, Sr. Quilley?

– Não. Isso foi em Reading, mais tarde.

– E o que houve em Durham?

– Não sei exatamente. Para ser franco, é um assunto que prefiro evitar. É uma dessas coisas que a gente escuta por acaso. Não havia um projeto de usina nuclear por lá? A gente esquece. E esquece quase que totalmente. Ela se tornou muito mais moderada ultimamente. Não é nem a metade da incendiaria que fingia ser. Posso garantir isso com toda certeza. Charlie está muito mais amadurecida.

– Fingia ser, Ned? – repetiu Kurtz, em tom de dúvida.

– Fale-nos a respeito de Reading, Sr. Quilley – pediu Litvak. – O que aconteceu lá?

– A mesma coisa de sempre. Alguém ateou fogo a um ônibus e todos foram acusados. Se não me engano, estavam protestando contra a redução dos benefícios sociais aos idosos. Ou seria contra a não-contratação de pretos para motoristas?

– Ele apressou-se em acrescentar: – O ônibus estava vazio, é claro. Ninguém saiu ferido.

– Santo Deus! - murmurou Litvak, olhando para Kurtz.

O interrogatório de Kurtz começava agora a assumir a ressonância de um tribunal de novela.

– Ned, você acaba de insinuar que Charlie talvez esteja arrefecendo em suas convicções. É uma opinião sua?

– Creio que se pode dizer assim. Isto é, se é que as convicções dela algum dia foram firmes e inflexíveis. É apenas uma impressão, mas Marjory também pensa a mesma coisa. É claro que...

Kurtz interrompeu-o, um tanto bruscamente:

– Charlie por acaso lhe confidenciou alguma mudança de posição, Ned?

– Estou convencido de que quando ela tiver uma grande oportunidade como esta...

Kurtz não o deixou continuar:

– Ou ela falou alguma coisa com a Sra. Quilley?

– Não.

– Ela não poderia ter confidenciado a alguma outra pessoa? Como o seu amigo anarquista?

– Ele seria o último a saber.

– Além de você, Ned. . . pense com cuidado, por favor. . . há algum amigo, talvez pessoa mais velha, amigo da família, a quem Charlie pudesse confidenciar tal mudança de posição? Afastando-se do radicalismo?

– Ao que eu saiba, não há ninguém. Não me lembro de nenhuma pessoa. Charlie é fechada, sob vários aspectos. Mais fechada do que se pode imaginar.

E foi nesse instante que uma coisa extraordinária aconteceu. Ned mais tarde fez um relato meticuloso a Marjory. A fim de escapar ao incomodo e, para ele, histriônico fogo cruzado dos olhares separados deles, Ned estava mexendo em seu copo, olhando para dentro, rodando o Marc gentilmente. Sentindo que Kurtz suspendera o interrogatório, ele levantou os olhos e interceptou uma expressão de evidente alívio no rosto de Kurtz, que estava no ato de comunicá-la a Litvak: uma satisfação óbvia pelo fato de Charlie, no final das contas, não estar abrandando suas convicções. Ou se estava, não ter admitido para alguém de importância. Ned tornou a olhar, mas a expressão já desaparecera. Mas nem mesmo Marjory pôde depois convencê-lo que fora apenas sua imaginação.

Litvak, o grande assistente do grande advogado, retomara o interrogatório, em ritmo um pouco mais acelerado, a fim de encerrar o caso.

– Sr. Quilley, mantém em sua agência fichas individuais de todos os seus clientes? Tem arquivos?

– Tenho certeza de que a Sra. Ellis cuida disso – respondeu Ned. – Só não sei onde ela guarda.

– A Sra. Ellis vem fazendo isso há muito tempo?

– Claro. Ela já trabalhava na agência no tempo de meu pai.

– E que espécie de informações ela costuma arquivar? Honorários, despesas, comissões recebidas. . . essas coisas? Apenas áridos documentos comerciais?

– Claro que não. Ela arquiva tudo. Aniversários, as flores de que elas gostam, restaurantes. Até encontramos uma velha sapatilha de balé num dos arquivos. Nomes dos filhos. Cachorros. Recortes de jornais. Tudo enfim.

– Cartas pessoais?

– Claro.

– Escritas por ela própria? Suas cartas arquivadas ao longo dos anos?

Kurtz estava embaraçado. Era o que se podia perceber pelas sobrancelhas eslavas, alteadas e unidas por cima do nariz, numa expressão aflita.

– Karman, acho que o Sr. Quilley já nos deu o bastante de seu tempo e experiência –disse ele a Litvak, severamente. – Se precisarmos de mais informações, o Sr. Quilley nos fornecerá depois. Melhor ainda, se Charlie estiver disposta a conversar conosco, poderemos saber tudo diretamente dela. Ned, esta foi uma grande e memorável ocasião. Muito obrigado.

Mas Litvak não podia ser tão facilmente dissuadido. Possuía a obstinação do jovem.

– O Sr. Quilley não tem nenhum segredo a esconder de nós. Afinal, Sr. Gold, estou perguntando apenas o que o mundo já sabe e o que o nosso pessoal encarregado de fornecer o visto vai descobrir em cinco segundos, por intermédio do computador. Estamos com pressa e sabe disso muito bem. Se há documentos, suas próprias cartas, com suas próprias palavras, exibindo circunstâncias atenuantes, talvez a prova de uma mudança de posição, por que não pedimos ao Sr. Quilley para nos mostrar? Isto é, se ele estiver dispôs to. Se não estiver, então a coisa fica diferente. – Ele acrescentou a última frase com uma insinuação desagradável.

– Karman, tenho certeza de que Ned está disposto a nos mostrar tudo o que for necessário – declarou Kurtz, firmemente, como se não fosse absolutamente esse o problema. E sacudiu a cabeça, como a dizer que nunca se acostumaria ao comportamento dos jovens arrogantes de hoje.

A chuva cessara. Foram andando, com o pequeno Quilley no meio, cuidadosamente adaptando seus passos ágeis ao trôpego andar dele. Ned estava embriagado, aflito, com um senso de presságio alcoólico que os vapores úmidos do tráfego em nada contribuíam para dissipar. O que eles estavam querendo?, não conseguia deixar de pensar. Num momento ofereciam a lua a Charlie, no instante seguinte objetavam às tolas posições políticas dela. E agora, por motivos que ele não podia lembrar, estavam-se propondo a consultar a *ficha,* que não era absolutamente uma ficha típica, mas sim uma coletânea irregular de lembranças, a seara de uma funcionária idosa demais para ser aposentada. A Sra. Longmore, a recepcionista, observou a chegada deles. Pela sua expressão de desaprovação, Ned compreendeu no mesmo instante que exagerara no almoço. Mas ela que fosse para o inferno. Kurtz insistiu que Ned subisse a escada na frente deles. De sua sala, enquanto eles praticamente encostavam uma arma em sua cabeça, Ned ligou para a Sra. Ellis, pedindo que levasse tudo o que havia sobre Charlie nos arquivos e deixasse na sala de espera.

– Devemos bater em sua porta quando acabarmos, Sr. Quilley? – perguntou Litvak, como alguém prestes a fazer um parto.

A última vez em que ele os viu, estavam sentados à mesa de pau-rosa na sala de espera, cercados por seis das horrendas caixas marrons da Sra. Ellis, que davam a impressão de serem salvados da *Blitz.* Como uma dupla de coletores de impostos, investigando cifras suspeitas, lápis e papel, ao lado. Gold, o corpulento, estava sem paletó, com seu velho relógio de aço em cima da mesa, como se estivesse marcando o tempo, enquanto fazia seus nefandos cálculos. Depois disso, Quilley deve ter cochilado por algum tempo. Despertou com um sobressalto às cinco horas e foi descobrir que a sala de espera estava vazia. E quando falou com a Sra. Longmore, ela respondeu incisivamente que os visitantes haviam preferido não incomodá-lo.

Ned também não contou a Marjory imediatamente.

– Ah, eles. . . – murmurou ele, simulando indiferença, quando ela o interrogou, naquela mesma noite. – Apenas uma dupla de promotores, a caminho de Hamburgo. Não há por que se preocupar com gente assim.

– Judeus?

– Acho que sim. . . – Marjory acenou com a cabeça, como se soubesse desde o início. E Ned acrescentou, um pouco esperançoso: – Mas são boa gente.

Marjory costumava visitar as prisões em suas horas de folga e os estratagemas de Ned não constituíam um mistério para ela. Mas preferiu dar tempo ao tempo. Bill Lochheim era o correspondente de Ned em Nova York, seu único colega americano em contato. Ned telefonou-lhe na tarde seguinte. O velho Loch não ouvira falar deles, mas informou o que Ned já sabia: a GK era nova no mercado, tinha algum apoio, mas os independentes eram como uma praga atualmente. Quilley não gostou do tom da voz do velho Loch. Dava a impressão de que ele fora pressionado por alguém – não por Quilley, que jamais pressionara ninguém em toda a sua vida, mas por alguém mais, uma terceira pessoa a quem consultara. Quilley teve até o estranho pressentimento de que ele e o velho Loch poderiam, de alguma forma insólita, estar no mesmo barco. Com uma audácia espantosa, Ned ligou para o número da GK em Nova York, sob um pretexto qualquer. Descobriu que era apenas o endereço de consulta para empresas de outras cidades. Não forneciam informações sobre os clientes. Ned não conseguia agora pensar em qualquer outra coisa a não ser nos visitantes e no almoço. Estava arrependido por tê-los sequer recebido. Ligou para o hotel de Munique que eles haviam mencionado e falou com um gerente formal. Herr Gold e Herr Karman haviam passado apenas uma noite no hotel, partindo cedo na manhã seguinte, inesperadamente, a negócios, disse ele, azedamente – então por que disse tudo isso? Sempre informações demais, pensou Ned. Ou de menos. E sempre a insinuação de gente fazendo coisas que não devia. Um produtor alemão que Kurtz mencionara disse que eles eram "homens de bem, muito respeitáveis, gente importante". Mas quando Ned perguntou se eles haviam aparecido em Munique recentemente e quais os projetos em que

estavam associados, o produtor tornou-se subitamente hostil e praticamente bateu com o telefone em sua cara.

Restavam os colegas de profissão de Ned no agenciamento de artistas. Ned consultou-os, relutantemente, como se fosse algo sem a menor importância, estendendo ao máximo as indagações, mas sem encontrar resposta em qualquer parte.

– Conheci dois americanos terrivelmente simpáticos outro dia – ele confidenciou a Herb Nolan, da Lomax Stars, parando ao lado da mesa dele no Garrick. – Estão aqui à procura de talentos para uma série de TV sensacional que vão fazer. Gold e qualquer coisa. Por acaso apareceram em seu caminho?

Nolan riu.

– Foi eu quem os encaminhou para você, meu velho. Perguntaram por uma dupla dos *meus* horrores e depois quiseram saber tudo o que havia sobre a sua Charlie. Se eu achava que ela poderia ir longe. E eu lhes disse, Ned, eu lhes disse!

– O que disse a eles?

– O que mais podia ser? É bem provável que ela nos leve a todos até as estrelas!

Consternado com o nível do humor de Herb Nolan, Ned não fez qualquer outra pergunta. Naquela mesma noite, depois que Marjory lhe arrancou a confissão inevitável, ele resolveu também partilhar as suas ansiedades: – Eles estavam com uma pressa danada. Tinham muita energia, até mesmo para americanos. E me levaram como uma dupla de policiais, primeiro um, depois o outro. – Uma pausa e ele acrescentou, mudando a metáfora: – Como uma dupla de cães de caça. Não consigo deixar de pensar que deveria procurar as autoridades.

– Mas pelo que está contando, querido, tenho a impressão de que eles *eram* as autoridades.

– Vou escrever para Charlie – declarou Ned, resoluto. – Vou avisá-la, pois sempre pode acontecer alguma coisa. Talvez ela esteja metida numa encrenca.

Mas mesmo que ele escrevesse, já seria tarde demais. Foi menos de 48 horas depois que Charlie partiu para Atenas, a caminho de seu encontro com Joseph.

Estava consumado mais uma vez. No conjunto, era apenas um espetáculo secundário, em comparação com a parte principal da operação. Era também terrivelmente arriscado, conforme Kurtz foi o primeiro a reconhecer, naquela mesma noite, ao comunicar modestamente seu triunfo a Misha Gavron. Mas o que mais poderíamos fazer, Misha? Vamos, diga-me, o que mais? Onde mais se podia obter um acúmulo tão precioso de correspondência, estendendo-se por um período tão longo? Haviam procurado outros destinatários das cartas de Charlie, namorados, amigas, a mãe, uma antiga professora. Apresentaram-se em alguns lugares como uma empresa comercial especializada, interessada em adquirir manuscritos e autógrafos de pessoas que poderiam se tornar famosas amanhã. Mas Kurtz finalmente, com o consentimento relutante de Gavron, suspendera tudo isso. Era melhor um golpe grande, argumentara ele, do que uma porção de manobras menores, sempre perigosas.

Além do mais, Kurtz precisava dos intangíveis. Precisava sentir o calor e reações de sua presa. E quem melhor para fornecê-los do que Quilley, com sua longa e inocente experiência de Charlie? Assim, Kurtz atacou, com toda a força de sua vontade. Na manhã seguinte voou para Munique, como dissera a Quilley que faria, embora a produção em que estava envolvido não fosse do tipo que levara o agente a supor. Ele visitou os dois apartamentos da operação, incutiu um novo estímulo a seus homens. Além disso, promoveu um encontro cordial com o bom Dr. Alexis, outro almoço prolongado, em que praticamente nada discutiram de importância – mas também de que velhos amigos precisam, além de um ao outro?

E de Munique, Kurtz voou para Atenas, continuando em sua marcha para o sul.

5

O barco estava duas horas atrasado na chegada ao Pireu. Se Joseph já não tivesse recolhido sua passagem de avião, Charlie poderia muito bem ter desistido de ir ao seu encontro. Mas também era possível que não, pois sob o seu exterior firme ela sofria de uma lealdade de caráter, que muitas vezes se desperdiçava na companhia que mantinha. Por um lado, ela tivera muito tempo para pensar. Embora estivesse agora convencida de que o observador espectral de Nottingham, York e do East End londrino era um homem diferente ou então nem existira, ainda havia dentro dela uma voz inquietante que se recusava a calar. Por outro lado, revelar seus planos à família não fora tão fácil quanto Joseph imaginara. Lucy chorara e lhe oferecera dinheiro:

– Minhas últimas 500 dracmas, Chas. .. tudo para você.

Willy e Pauly, de porre, haviam caído de joelhos no cais, diante de uma audiência estimada de milhares de pessoas.

– Chas, Chas, como pode fazer uma coisa dessas com a gente?

Para escapar, ela tivera de abrir caminho quase à força por uma multidão sorridente, correndo depois pela rua, com a correia da bolsa rebentada, o violão no outro braço, absurdas lágrimas de remorso escorrendo pelas faces. Foi salva justamente pelo *hippie* louro de Mikonos, que devia ter vindo no mesmo barco, embora ela não o tivesse visto. Passando num táxi, ele recolheu-a e largou-a a 50 metros de seu destino. Ele disse que era sueco e que seu nome era Raoul. O pai estava em Atenas numa viagem de negócios; Raoul esperava arrancar-lhe algum dinheiro. Charlie ficou surpresa ao descobrir que ele era bastante lúcido, não mencionando Jesus uma vez sequer.

"Desculpe, José, é o momento errado, o lugar errado", pensou Charlie, ensaiando a fala de saída, enquanto se encaminhava para o hotel. "Desculpe, José, foi uma linda fantasia, mas as férias terminaram e Chas vai sumir. Devolva-me a passagem e irei embora."

Ou talvez ela escolhesse o caminho mais fácil e dissesse que lhe fora oferecido um papel.

Sentindo-se desmazelada na *jeans* desbotada e botas surradas, ela avançou entre as mesas na calçada, a caminho da porta. É claro que ele já foi embora, pensou Charlie. Quem pode esperar duas horas por uma trepada hoje em dia? Vou encontrar a passagem com o porteiro ao lado. Talvez isso me ensine e não sair atrás de vagabundos de praia da Europa Central, através da noite de Atenas. Para agravar seus problemas, Lucy insistira na noite anterior que ela tomasse mais uma de suas malditas pílulas. Ficara inicialmente acesa como uma lâmpada e depois mergulhara por um buraco negro, do qual ainda estava tentando emergir. De um modo geral, Charlie não usava aquelas coisas. Mas balançando entre dois amantes, como começava a pensar, sentia-se extremamente vulnerável.

Estava prestes a entrar no restaurante quando dois gregos saíram, rindo de sua bolsa arrebentada. Avançou para eles e insultou-os, furiosa, chamando-os de porcos chauvinistas. Tremendo toda, empurrou a porta com o pé e entrou. O ar tornou-se fresco, o burburinho da calçada cessou. Estava num restaurante revestido de madeira, meio escuro. E ali, em seu próprio canto de escuridão, estava São José da Ilha, furtivo e notório autor de toda a sua confusão e sentimento de culpa, com um café na mesa e um livro aberto à sua frente.

Só quero que não toque em mim, advertiu-o Charlie, mentalmente, quando ele se adiantou. Não me encare como algo fácil, já conquistado. Estou cansada e faminta, propensa a morder, renunciei ao sexo pelos próximos 200 anos.

Mas o máximo que ele fez foi pegar o violão e a bolsa arrebentada. E o máximo que deu a ela foi um aperto de mão rápido e prático, do outro lado do Atlântico. Assim, tudo o que Charlie pôde pensar para dizer foi: – Você está usando uma camisa de seda.

O que de fato acontecia, uma camisa creme, com abotoaduras de ouro, tão grandes quanto tampas de garrafas.

– Santo Deus, José, olhe só para você! – exclamou ela, ao ver o resto das coisas. – Pulseira de ouro, relógio de ouro. . . Não posso virar as costas e você arruma logo uma protetora rica!

Tudo isso saiu abruptamente, em tom meio histérico, meio agressivo, talvez com objetivo instintivo de fazê-lo sentir-se tão constrangido com sua aparência quanto ela estava com a própria. E o que eu esperava que ele estivesse usando?, perguntou-se Charlie, furiosa. O calção de monge e o cantil?

Mas Joseph ignorou inteiramente a explosão.

– Olá, Charlie. O barco atrasou. Uma coisa horrível. Mas não importa. Você está aqui. – Isso era Joseph, sem triunfo, sem surpresa, apenas um cumprimento bíblico e um aceno de comando para o garçom. – Quer se lavar primeiro ou tomar um uísque? O banheiro é ali.

– Uísque – murmurou Charlie, arriando numa cadeira no outro lado da mesa.

Ela percebeu imediatamente que era um bom restaurante. O tipo de lugar que os gregos reservavam para si próprios.

– Antes que eu me esqueça. . . – disse Joseph, estendendo a mão para trás.

Esquecer o quê? pensou Charlie, fitando-o. *Deixe disso, José. Você nunca esqueceu qualquer coisa em toda a sua vida.* Joseph tirou de baixo do banco uma bolsa grega de lã e estendeu para ela, evitando ostensivamente qualquer cerimônia.

– Como vamos sair juntos pelo mundo, aqui está o seu *kit* de fuga. Vai encontrar aí a passagem de avião de Tessalônica para Londres, que ainda pode ser mudada, se você assim quiser, bem como os meios para fazer compras, fugir ou simplesmente mudar de ideia. Foi muito difícil escapar de seus amigos? Tenho certeza que foi. Não se pode deixar de detestar enganar as pessoas, principalmente as pessoas de quem gostamos.

Ele falou como se conhecesse tudo sobre embustes. Como se o praticasse todos os dias, com pesar.

– Não há para-quedas – queixou-se Charlie, dando uma olhada na bolsa. – Obrigada, José. – Ela fez uma pausa. – É muito bonita. Obrigada.

Mas Charlie tinha a sensação de não estar mais acreditando em si mesma. Deve ser por causa das pílulas de Lucy, pensou ela. Ou o *vapor-lag.*

– Que tal uma lagosta? Em Mikonos você disse que lagosta era seu prato predileto. Era verdade? O cozinheiro está guardando uma lagosta para você e irá matá-la à sua ordem. Por que não?

O queixo apoiado na palma, Charlie deixou que seu bom humor preponderasse. Com um sorriso cansado, ergueu o outro punho e deu o sinal de César de polegar para baixo, ordenando que a lagosta morresse.

– E diga a eles que quero que seja feito com um mínimo de força.

Ela pegou uma das mãos dele e apertou entre as suas, a fim de desculpar-se por seus comportamentos sombrios. Joseph sorriu e deixou a mão com ela. Era uma mão bonita, com dedos esguios, duros, músculos fortes.

– Também o vinho que você gosta – disse Joseph. – Boutaris, branco e gelado. Não é o que você disse?

É, sim, pensou Charlie, observando a mão dele efetuar a solitária jornada de volta através da mesa. É o que eu costumava dizer. Há 10 anos, quando nos conhecemos naquela exótica ilhazinha grega.

– E depois do jantar, como seu Mefistófeles pessoal, vou levá-la a uma colina e mostrar o segundo melhor lugar do mundo. Concorda com uma excursão misteriosa?

– Quero o melhor – disse ela, tomando um gole do *scotch.*

– E eu nunca concedo primeiros prêmios - respondeu ele, placidamente.

Tirem-me daqui!, pensou Charlie. Despeçam o autor! Arrumem um novo *script*!. Ela tentou uma manobra saída diretamente de Rickmansworth.

– O que fez durante os últimos dias, José? Além de sonhar comigo, é claro.

Ele não respondeu. Em vez disso, interrogou-a a respeito de sua própria espera, a viagem, a família. Sorriu quando Charlie falou da carona providencial do *hippie* que não mencionava Jesus, quis saber se ela tinha notícias de Alastair e ficou polidamente desapontado ao ouvi-la dizer que não.

– Ele *nunca* escreve – comentou Charlie, com uma risada de indiferença.

Joseph perguntou que tipo de filme ela achava que seria oferecido a Alastair. Charlie disse que só podia ser um faroeste-espaguete e ele achou graça. Nunca ouvira a expressão antes e insistiu que ela explicasse. Ao terminar o *scotch,* Charlie já começava a sentir que, no final das contas, podia ser atraente para ele. Falando de Al, ficou impressionada ao se descobrir abrindo espaço para um novo homem em sua vida.

– Só espero que ele seja bem-sucedido – comentou ela, insinuando que o sucesso poderia compensá-lo por outros desapontamentos.

Mas mesmo enquanto avançava assim na direção dele, Charlie foi novamente invadida pela sensação de que algo estava errado. Era um sentimento que tinha às vezes no palco, quando uma cena não estava saindo direito: que as coisas ocorriam isoladamente, sem que houvesse uma sequência fluente, que a linha do diálogo era frágil, sem consistência. *Tempo,* pensou ela. Metendo a mão na bolsa, ela tirou uma caixa de madeira e estendeu-a através da mesa. Joseph pegou-a porque lhe era oferecida, mas não reconheceu imediatamente como um presente. Divertida, Charlie percebeu um momento de ansiedade, até

mesmo alguma suspeita a se insinuar no rosto dele, como se algum fator inesperado ameaçasse transtornar seus planos.

– Você deveria abrir – explicou Charlie.

– Mas o que é? – Fazendo uma encenação para ela, Joseph sacudiu a caixa, encostou no ouvido. – Devo pedir um balde com água?

Suspirando como se nada fosse adiantar, ele levantou a tampa e contemplou solenemente as massas de papel de seda lá dentro.

– O que é isto, Charlie? Estou completamente confuso. Insisto que leve de volta, para o lugar onde encontrou, qualquer que seja.

– Vamos, abra um embrulho.

Ele ergueu a mão e Charlie observou-a pairar, como se fosse sobre o seu próprio corpo, depois baixar sobre o primeiro pacote, que era a concha rosa imensa que ela encontrara na praia, um dia depois que Joseph deixara a ilha. Solenemente, ele pôs a concha na mesa e tirou a oferenda seguinte, um burro grego esculpido em madeira, fabricado em Formosa e comprado na loja de *souvenirs,* com o nome "Joseph" pintado a mão por ela própria na anca. Segurando o burro com as duas mãos, Joseph revirou-o,estudando-o atentamente.

– É macho – anunciou Charlie, mas sem conseguir eliminar a expressão de ansiedade do rosto dele. – E aqui estou eu de mau humor.

Ela pegou a fotografia colorida emoldurada, tirada com a Polaroid de Robert. Era uma visão posterior de Charlie, usando o chapéu de palha e o cafetã.

– Tive um acesso de raiva e não queria posar. Achei que você ia gostar.

O agradecimento dele parecia ter um tom dúbio que provocou um calafrio em Charlie. Obrigado, mas não, ele parecia estar dizendo; obrigado, mas vamos deixar para outra ocasião. Não Pauly, não Lucy e não você também. Ela hesitou por um instante, mas acabou dizendo, suavemente, francamente: – Não precisamos continuar com isso, José. Ainda posso pegar o avião se é isso o que você prefere. Apenas não quero...

– Não quer o quê?

– Não quero mantê-lo preso a uma promessa precipitada. Só isso.

– Não foi precipitada. Ao contrário, houve absoluta seriedade.

E agora era a vez dele. Apresentou um maço de folhetos de viagens. Espontaneamente, Charlie foi sentar-se ao seu lado, o braço esquerdo estendido descuidadamente pelo ombro dele, a fim de poderem examinar os folhetos juntos. O ombro era duro como pedra e com a mesma insinuação de intimidade, mas ela deixou o braço ali. Delfos, José: puxa, sensacional. Os cabelos de Charlie roçavam no rosto dele. Ela o lavara para ele na noite anterior. Olimpo: maravilhoso. Meteora: nunca ouvi falar. As testas estavam se tocando. Tessalônica: formidável. Os hotéis em que ficariam, tudo planejado, tudo reservado. Ela beijou-lhe o rosto, ao lado do olho, um beijo casual, conferido a um alvo de passagem. Joseph sorriu e apertou-lhe a mão, até que Charlie quase cessou de se perguntar o que havia nele... ou nela. . . que lhe dava o direito de se apropriar dela sem uma luta, sem sequer uma rendição. Ou de onde vinha o reconhecimento que transformara o primeiro encontro numa reunião de velhos amigos e aquele numa conferência sobre a lua-de-mel. Esqueça, pensou ela.

– Você nunca usa um *blazer* vermelho, não é mesmo, José? – indagou Charlie, antes de sequer considerar a pergunta. –Um *blazer* cor de vinho, de botões dourados, ao estilo dos anos 20?

Ele virou a cabeça lentamente, enfrentando o olhar dela.

– Isso é uma piada?

– Não. É uma pergunta objetiva.

– Um *blazer* vermelho? Mas por que eu iria usar algo assim? Está querendo que eu torça por seu time de futebol ou algo parecido?

– Ficaria muito bem. Só isso. – Ele ainda estava esperando por uma explicação. Charlie esforçou-se em encontrar uma saída. – É a maneira como vejo as pessoas de vez em quando. Teatralmente. No pensamento. Não sabe como são as atrizes, não é mesmo? Costumo mudar as pessoas. . . acrescentando barbas, uma porção de coisas. Você ficaria espantado. E também as visto. Com uniformes. Tudo o mais. Na minha imaginação. Virou um hábito.

– Está querendo dizer que gostaria que eu deixasse a barba crescer?

– Se quiser, eu lhe direi.

Ele sorriu, ela retribuiu o sorriso – outro encontro através das luzes da ribalta – o olhar dele liberou o dela. Charlie foi ao banheiro e ficou furiosa diante de seu próprio rosto no espelho, tentando entendê-lo. Não é de admirar que ele esteja cheio de buracos de balas, pensou ela. Foram as mulheres.

Comeram, conversaram com a seriedade de estranhos, ele pagou a conta, tirando o dinheiro de uma carteira de couro de crocodilo que devia ter custado a metade da dívida nacional de qualquer país que lhe devia.

– Está me incluindo nas suas despesas gerais, José? – perguntou ela, observando-o dobrar e guardar a conta.

A pergunta ficou sem resposta, pois subitamente, graças a Deus, seu gênio administrativo familiar assumiu o comando, constatando que o tempo de que dispunham era terrivelmente escasso.

– Por favor, procure por um Opel verde velho, com os para-lamas amassados e um motorista de 10 anos – disse ele, ao levá-la pelo corredor apertado da cozinha, as mãos ocupadas pela bagagem dela.

– Está bem.

O carro esperava junto à entrada lateral, os para-lamas de fato amassados, como ele prometera. O motorista pegou a bagagem e guardou-a na mala, rapidamente. Era louro e sardento, de aparência saudável, dentes salientes. Podia não aparentar 10 anos de idade, mas tinha 15 no máximo. A noite quente derramava sua chuva habitual.

– Charlie, esse é Dimitri – disse Joseph, ajudando-a a entrar no banco traseiro. – A mãe deu-lhe permissão para ficar na rua até mais tarde. Dimitri, leve-nos por favor ao segundo melhor lugar do mundo.

Ele sentou-se ao lado dela. O carro partiu, arrancando um monólogo jocoso de Joseph.

– Aqui estamos, Charlie, no meio da moderna democracia grega, a Praça da Constituição. Observe quantos democratas estão desfrutando a sua liberdade nos restaurantes. À sua esquerda, tem agora o Olympeion e o Portão de Adriano. Devo avisá-la, no entanto, antes que comece a ter ideias, que é um Adriano diferente do que construiu a sua famosa muralha. A versão de Atenas é um homem de maior imaginação, não concorda? Ou pelo menos mais artístico.

– Muito mais.

Vamos, anime-se, disse Charlie a si mesma, furiosa. Saia dessa depressão. É um passeio de graça, um homem novo e atraente, a Grécia antiga. . . tudo o que se chama prazer. Estavam diminuindo a velocidade. Charlie vislumbrou ruínas à direita, mas as moitas altas escondiam-nas quase que inteiramente. Entraram num desvio, subiram lentamente uma ladeira pavimentada, pararam lá no alto. Saltando, Joseph abriu a porta para ela, pegou-lhe a mão e levou-a rapidamente, quase como se fosse uma conspiração, a uma escada de pedra estreita, entre árvores copadas.

– Vamos falar apenas em sussurros e mesmo assim recorrendo a um código – advertiu Joseph, num murmúrio teatral, arrancando uma resposta igualmente sem sentido de Charlie.

O contato dele era como uma carga de eletricidade. Os dedos de Charlie pareciam arder. Seguiam por uma trilha através do bosque, ora calçada, ora de terra batida, mas subindo sempre. A lua desaparecera e estava agora muito escuro, mas Joseph seguia rapidamente à frente dela, sem qualquer hesitação, como se fosse dia claro. Passaram por uma escadaria de pedra e por uma trilha muito mais larga, mas os caminhos fáceis não o interessavam. Abriu-se um espaço entre as árvores e Charlie viu à direita as luzes da cidade, já muito lá embaixo. À esquerda, ainda muito acima dela, uma espécie de penhasco se recortava muito preto contra o horizonte alaranjado. Ela ouviu passos e risos às suas costas, mas era apenas uma dupla de garotos.

– Não se importa em andar? – perguntou ele, sem atenuar a velocidade.

– Claro que me importo.

Uma pausa.

– Quer que eu a carregue?

– Quero.

– Infelizmente, distendi um músculo nas costas.

– Deu para perceber – respondeu Charlie, apertando a mão dele mais firmemente.

Ela tornou a olhar à direita e divisou o que parecia ser as ruínas de um velho moinho inglês, uma janela em arco por cima

de outro, as luzes da cidade além. Olhou à esquerda e o penhasco transformou-se nos contornos pretos retangulares de um prédio, com o que parecia uma chaminé se projetando a um lado. E depois lá estavam as árvores de novo, com o barulho ensurdecedor das cigarras e um cheiro de pinheiro forte o bastante para deixar os olhos dela ardendo.

– É uma barraca – sussurrou ela, fazendo-o parar por um instante. – Certo? Sexo no morro. Como adivinhou os meus apetites secretos?

Mas ele estava de novo caminhando apressadamente à frente dela. Charlie estava ofegante, mas podia andar o dia inteiro quando se sentia assim. Assim, os ofegos provinham de alguma outra coisa. Estavam agora num caminho largo, de calçamento de pedra. Diante deles surgiram dois vultos de uniforme cinza, montando guarda sobre uma pequena guarita de pedra, com uma lâmpada acesa lá dentro. Joseph adiantou-se e Charlie pôde ouvir o murmúrio dos cumprimentos dos guardas. A guarita ficava entre dois grandes portões de ferro. Por trás de um estendia-se outra vez a cidade, agora um braseiro distante de luzes em movimento. Por trás do outro portão, no entanto, havia apenas uma escuridão total. Era nessa escuridão que eles estavam prestes a penetrar. Charlie ouviu o retinir das chaves e o ranger de ferro, o portão se abrindo lentamente. Por um momento, o pânico dominou-a. O que estou fazendo aqui? Onde estou? Fuja, menina, fuja. Os homens eram soldados ou policiais e ela calculou, pela humildade deles, que Joseph os subornara. Todos olharam para seus relógios. Charlie pensou outra vez no cronômetro velho e arranhado de Joseph, contrastando com o novo relógio de ouro, a pulseira de ouro, a camisa de seda com as abotoaduras de ouro. Joseph estava chamando-a para se adiantar. Ela olhou para trás e viu duas moças paradas mais abaixo, no caminho de pedra, fitando-a. Joseph estava chamando-a. Ela encaminhou-se para o portão aberto. Podia sentir os olhos dos guardas despindo-a e ocorreu-lhe que Joseph ainda não a contemplara assim. Ele ainda não exibira a evidência grosseira de querê-la. Em sua incerteza, Charlie desejava que ele o fizesse urgentemente.

O portão fechou-se por trás dela. Havia degraus e depois um caminho rochoso escorregadio. Ela ouviu Joseph adverti-la para tomar cuidado. Quis passar o braço por ele, mas Joseph colocou-a à sua frente, dizendo que a vista dela não podia ser prejudicada por seu próprio corpo. Então é uma vista, pensou Charlie. A segunda melhor vista do mundo. A r ocha devia ser mármore, pois brilhava mesmo na escuridão e suas solas de couro escorregavam perigosamente. Houve um momento em que quase caiu, mas a mão de Joseph amparou-a, com uma velocidade e força que faziam com que Al parecesse insignificante. Em determinada ocasião, ela comprimiu o braço contra o corpo, fazendo com que os dedos entrelaçados dele afundassem em seu seio. Sinta, suplicou ela, em sua mente, desesperadamente. É meu, o primeiro de dois, o esquerdo um pouco mais erógeno que o direito. . . mas quem vai pensar na diferença? O caminho ziguezagueava, a escuridão começou a se dissipar, o calor parecia aumentar em seu corpo, como se estivesse mantendo o sol do dia. Lá embaixo, através das árvores, a cidade ficava para trás, como um planeta a se afastar; por cima, ela podia divisar apenas uma escuridão irregular de torres e andaimes. 0 rumor do tráfego desaparecera por completo, deixando a noite para as cigarras.

– Ande devagar agora, por favor.

Charlie compreendeu, pelo tom dele, que estava próximo, o que quer que fosse. O caminho tornou a ziguezaguear e finalmente chegaram a uma escada de madeira. Degraus, uma área plana, mais degraus. Joseph andava cautelosamente aqui e ela imitou-o, fazendo com que se unissem outra vez no jeito furtivo. Lado a lado, passaram por um vasto portão, que a fez levantar a cabeça aturdida com o tamanho. Ao fazê-lo, avistou uma meia-lua vermelha deslizar do meio das estrelas e ocupar seu lugar entre as colunas do Partenon. Charlie balbuciou: – Oh, Deus...

Sentia-se muito pequena e, por um instante, solitária. Adiantou-se, lentamente, como alguém que avançasse para um milagre, esperando que se desvanecesse. Mas tal não aconteceu. Ela continuou andando, procurando por um lugar em que pudesse subir. Mas na primeira escada havia um aviso: "Proibida a Subida." Subitamente, sem qualquer motivo definido, ela estava correndo, entre as pedras, na direção da beira escura da cidade fantástica, apenas meio consciente de que Joseph, em sua camisa de seda, acompanhava-a sem o menor esforço. Ela ria e falava ao mesmo tempo, dizia as coisas que lhe contavam que murmurava na cama, tudo o que lhe passava pela cabeça. Tinha a sensação de que podia escapar de seu corpo e correr para o céu, sem cair. Passando a andar, alcançou o parapeito e ali arriou, contemplando a ilha iluminada Ia embaixo, cercada pelos oceanos escuros da planície ática. Olhou para trás e viu-o, observando-a, a alguns passos de distância.

– Obrigada – murmurou Charlie, finalmente.

Aproximando-se dele, ela pegou-lhe a cabeça entre as mãos e beijou-o na boca, um beijo de cinco anos, primeiro sem a língua, depois com ela, inclinando a cabeça dele para um lado e outro, nos intervalos, examinando-o, como a avaliar o efeito de seu trabalho. Desta vez eles se abraçaram pelo tempo suficiente para que Charlie soubesse: claro que sim, funciona.

– Obrigada, José – repetiu ela, apenas para senti-lo se afastando.

Ele retirou a cabeça, as mãos abriram os braços dela, ajeitou-os nos lados do corpo. Espantosamente, ele a deixava sem nada. Aturdida, quase furiosa, Charlie ficou olhando para o rosto impassível de sentinela de Joseph, ao luar. Ela achava que já conhecera tudo. Os homossexuais enrustidos, que blefavam até chorarem. Os virgens já velhos, atormentados por nuvens imaginárias de impotência. Os conquistadores em potencial e garanhões afamados que se retiravam no último momento, num acesso de timidez ou consciência. E houvera suficiente ternura sincera em sua vida, de um modo geral, para criar vínculos profundos. Em Joseph, porém, ao contemplar agora os olhos dele nas sombras, sentia uma relutância que nunca antes encontrara. Não era que ele carecesse de desejo ou carecesse de capacidade. Ela era experiente demais para se enganar com a tensão e confiança do abraço. Em vez disso, era como se o objetivo dele estivesse em algum lugar além dela; abstendo-se, ele estava tentando dizer-lhe isso.

– Devo agradecer de novo? – murmurou Charlie.

Por mais um momento, ele continuou a fitá-la em silêncio. Depois, ergueu o pulso e olhou para o relógio de ouro, ao luar.

– Como o tempo de que dispomos já é muito pouco, acho que devo agora mostrar alguns templos. Posso entediá-la com isso?

No hiato extraordinário que surgira entre os dois, ele estava contando com ela para manter seu voto de abstinência.

– Quero tudo, José – declarou ela, passando um braço pelo dele e levando-o como se fosse um troféu. – Quem construiu, quanto custou, o que eles cultuavam aqui e se deu certo. E pode me entediar até que a vida nos separe.

Nunca ocorreu a Charlie que ele não teria as respostas. E ela estava certa. Ele fez uma verdadeira conferência, ela escutou, ele foi andando lentamente de templo em templo, ela seguiu-o, segurando seu braço, pensando: serei sua irmã, discípula, qualquer coisa. Vou mantê-lo por cima e dizer que foi tudo você, vou mantê-lo por baixo e dizer que foi tudo por mim, vou arrancar aquele seu sorriso, mesmo que me mate. Não, Charlie, respondeu ele, solenemente, Propilaia não era uma deusa, mas sim o portão para um santuário. A palavra vem de Propilon. Os gregos usavam a forma plural para dar distinção aos lugares sagrados.

– Aprendeu tudo isso especialmente para nós, José?

– Claro. Tudo para você. Por que não?

– Eu poderia fazer isso. Minha mente é como uma esponja. Você ficaria espantado. Uma olhada nos livros e eu seria prontamente uma profunda conhecedora.

Ele parou, Charlie parou também.

– Então repita para mim.

Ela não acreditou a princípio, desconfiou que ele estava zombando. Depois, segurando-o pelos braços, virou-o bruscamente e levou-o de volta por todo o caminho, enquanto repetia tudo o que ouvira.

– Estou aprovada? – Estavam outra vez no fim do caminho. – Mereço o segundo melhor prêmio?

Ela esperou por outra de suas famosas pausas de três minutos.

– Não é o *santuário* de Agripa e sim o *monumento*. Afora esse pequeno erro, eu diria que você acertou tudo. Meus parabéns.

Nesse exato momento, ela ouviu um carro buzinando lá embaixo, três toques decididos. Compreendeu que o som era destinado a ele, pois Joseph levantou prontamente a cabeça, alerta, como um animal a farejar o vento, antes de retornar à sua vigília. A carruagem se transformou numa abóbora, pensou ela; estava na hora das crianças comportadas irem para a cama e dizerem o que estavam querendo.

Já haviam começado a descer quando Joseph parou de repente, contemplando a melancolia do Teatro de Dionísio, uma taça vazia iluminada apenas pela lua e os raios desgarrados de luzes distantes. É um último olhar, pensou Charlie, aturdida, contemplando o vulto escuro e imóvel de Joseph, recortado contra as luzes da cidade.

– Li em algum lugar que nenhum drama autêntico pode ser uma declaração particular – comentou ele. – Isso pode acontecer com romances e poemas, mas não com o drama. O drama deve ter uma aplicação na realidade. O drama dever ser útil. Acredita nisso?

– No Instituto Feminino de Burton-on-Trent? – respondeu Charlie, com uma risada. – Representando Helena de Troia na matinê de sábado para as pensionistas?

– Estou falando sério. Diga-me o que pensa.

– Sobre o teatro?

– Sobre os seus usos.

Charlie ficou desconcertada com a seriedade dele. Muita coisa dependia de sua resposta.

– Eu concordo – murmurou ela, contrafeita. – O teatro *deve* ser útil. *Deve* fazer as pessoas partilharem e sentirem. Deve. . . deve despertar a consciência das pessoas.

– Ou seja, deve ser real? Tem certeza?

– Claro que tenho.

– Nesse caso... – disse ele, como se agora ela não devesse culpá-lo.

– Nesse caso... – repetiu Charlie, jovialmente.

Estamos loucos, concluiu ela. Lunáticos irrecuperáveis, confirmados, nós dois. Os guardas saudaram-nos quando voltaram à terra.

Ela pensou a princípio que ele estava fazendo uma brincadeira de mau gosto. Exceto pelo Mercedes, a estrada estava vazia. O Mercedes era o único carro. Num banco, não muito longe, um casal estava se abraçando e beijando. Afora eles, não havia mais ninguém por perto. A cor era escura, mas não preta. Estava estacionado perto do gramado, o número da placa da frente não era visível. Ela gostara de Mercedes por toda a sua vida de motorista. Podia perceber pela solidez que aquele era fora de série e pelas antenas que se tratava de um brinquedo especial de alguém, com todos os acessórios que tinha direito. Joseph a pegara pelo braço e foi somente quando estavam quase chegando à porta do motorista que ela compreendeu que o objetivo dele era abri-la. Viu-o enfiar a chave no lugar e os botões das quatro trancas se levantarem ao mesmo tempo. No instante seguinte, percebeu que ele a levava a contornar o Mercedes, até a porta de passageiro, enquanto ela lhe perguntava que diabo estava acontecendo.

– Não está gostando? – perguntou ele, com uma jovialidade que imediatamente deixou-a desconfiada. – Devo encomendar outro? Pensei que tivesse uma fraqueza por bons carros.

– Está querendo dizer que alugou esse Mercedes?

– Não exatamente. Foi emprestado para a nossa viagem.

Ele estava segurando a porta aberta. Charlie não entrou.

– Emprestado por quem?

– Um amigo generoso.

– Qual é o nome dele?

– Não seja ridícula, Charlie. Herbert. Karl. Que diferença faz um nome? Preferia o desconforto igualitário de um Fiat grego?

– Onde está minha bagagem?

– Na mala. Dimitri guardou tudo, de acordo com minhas instruções. Quer dar uma olhada para se tranquilizar?

– Não vou entrar nessa coisa. É uma loucura.

Mas ela acabou embarcando. Um momento depois, Joseph estava sentado ao seu lado, ligando o carro. Ele usava luvas para guiar. De couro preto, com buracos atrás. Devia estar com as luvas no bolso, colocando-as ao embarcar. O ouro em seu pulso brilhava intensamente, em contraste com as luvas pretas. Ele guiava depressa, com extrema habilidade. Charlie também não gostou disso – não era assim que se dirigia os carros de amigos. A porta de seu lado estava trancada. Ele tornara a trancar as quatro portas, pelo controle central. Ligara o rádio, que estava tocando uma melancólica música grega.

– Como posso abrir esta maldita janela? – perguntou ela.

Ele apertou um botão e a brisa quente da noite envolveu-a, trazendo o aroma de resina. Mas ele deixou que a janela baixasse apenas quatro ou cinco centímetros.

– Costumamos fazer isso com frequência? – indagou Charlie, a voz alteada. – É uma das nossas coisinhas, hem? Levar mulheres para destinos desconhecidos, a duas vezes a velocidade do som?

Não houve resposta. Ele estava olhando fixamente para a frente. Quem é ele? Oh, minha maldita alma, como sua mãe costumava dizer, quem é ele? O carro se encheu de luz. Charlie virou-se e viu pela janela traseira um par de faróis, cerca de 100 metros atrás, nem se aproximando nem ficando para trás.

– São nossos ou deles, José?

Ela já estava se acomodando outra vez quando compreendeu que mais alguma coisa lhe atraíra a atenção. Um *blazer* vermelho, no banco traseiro, com os botões dourados, como em Nottingham e York; e também, ela seria capaz de apostar, ao melhor estilo dos anos 20.

Ela pediu-lhe um cigarro.

– Por que não procura no porta-luvas? – disse ele, sem virar a cabeça.

Ela abriu o porta-luvas e encontrou um maço de cigarros gregos. Havia também uma echarpe de seda e óculos polaroid, do tipo mais caro. Ela pegou a echarpe, sentindo o cheiro de loção para homem. Com a mão enluvada, Joseph passou-lhe o isqueiro em brasa do painel.

– Seu amigo gosta de se vestir bem, não é mesmo?

– Tem razão. Por que pergunta?

– O *blazer* vermelho no banco de trás é dele ou seu?

Ele fitou-a rapidamente, como se estivesse impressionado, depois voltou a fixar os olhos na estrada.

– Digamos que é dele, mas tomei emprestado – respondeu Joseph calmamente, enquanto aumentava a velocidade do carro.

– Também pegou emprestado os óculos escuros? Acho que estava mesmo precisando deles, sentado ao pé das luzes da ribalta como ficou. Quase junto com o elenco. Seu nome é Richthoven, certo?

– Certo.

– O primeiro nome é Peter, mas prefere Joseph. Vivendo em Viena, fazendo alguns negócios, estudando um pouco. – Ela fez uma pausa, mas ele não disse nada. – Numa caixa postal. Número 762, agência central. Certo?

Ela viu a cabeça dele acenar ligeiramente, em aprovação à sua memória. A agulha do velocímetro subira para 130 quilômetros.

– Nacionalidade não declarada, um mestiço sensível – continuou Charlie, alegremente. – Você tem três filhos e duas mulheres. Tudo numa caixa postal.

– Sem esposas nem filhos.

– Nunca? Ou nenhuma no momento?

– Nunca.

– Não pense que me incomodo, José. Para ser franca, até que gosto. Aceito qualquer coisa para defini-lo. Absolutamente qualquer coisa. As mulheres são assim mesmo... bisbilhoteiras.

Charlie percebeu que ainda segurava a echarpe. Tornou a guardá-la e fechou o porta-luvas estrepitosamente. A estrada era reta, mas muito estreita, a agulha do velocímetro alcançara a marca dos 140 quilômetros, ela podia sentir o pânico a se avolumar e batalhar com sua calma artificial.

– Importa-se de nos dar algumas boas notícias? Qualquer coisa para deixar uma pessoa mais tranquila?

– A boa notícia é que menti para você o mínimo possível e que dentro de pouco tempo poderá entender os muito bons motivos para estar conosco.

– Para estar com quem? Quem são vocês?

Até aquele momento ele fora um solitário. Ela não gostava absolutamente da mudança. Estavam-se encaminhando para uma auto-estrada, mas ele ainda não diminuíra a velocidade. Charlie observou os faróis de dois carros se aproximando e prendeu a respiração, enquanto ele dava uma guinada no Mercedes diante deles, rápido o bastante para permitir que o carro de trás efetuasse a mesma manobra.

– Não estamos lidando com armas, não é mesmo? – indagou Charlie subitamente, lembrando-se das cicatrizes dele. – Não estamos operando uma guerrinha em algum lugar, não é mesmo? Não suporto estampidos. Tenho tímpanos muito delicados.

Sua voz, com a jovialidade forçada, estava se tornando estranha para ela própria.

– Não, Charlie, não estamos lidando com armas.

– *Não, Charlie, não estamos lidando com armas.* Por acaso é tráfico de escravas brancas?

– Não, também não é tráfico de escravas brancas.

– Só restam os tóxicos, não é mesmo? Porque está negociando com alguma coisa, não é verdade? Só que, para ser franca, os tóxicos também não me agradam. Long Al me fez levar um pacote de haxixe para ele ao passarmos pela alfândega e por muitos dias depois fiquei com os nervos em pandarecos. – Não houve resposta. – É algo mais elevado? Mais nobre? Num plano inteiramente diferente? – Charlie estendeu a mão e desligou o rádio, antes de acrescentar: – Que tal parar o carro? Não precisa me levar a qualquer lugar. Pode voltar para Mikonos amanhã, se quiser, e procurar uma substituta para mim.

– E deixá-la no meio do nada? Não diga bobagem.

– Pare agora! – berrou Charlie. – *Pare este maldito carro!*

Eles passaram por um sinal de trânsito e viraram à esquerda, tão abruptamente que o cinto de segurança se comprimiu contra a barriga de Charlie, deixando-a inteiramente sem ar. Ela estendeu a mão para o volante, mas o antebraço dele estava ali para bloqueá-la. Viraram à esquerda outra vez, passando por um portão branco e entrando num caminho particular, margeado por azaleias e hibiscos. O caminho fazia uma curva e eles entraram nela em alta velocidade, indo parar numa área de cascalho, cercada por pedras pintadas de branco. O segundo carro estava parando logo atrás, bloqueando a saída. Charlie ouviu passos no cascalho. A casa era uma *villa* antiga, coberta por flores vermelhas. Sob o clarão dos faróis, as flores pareciam manchas de sangue recente. Uma lâmpada fraca estava acesa na varanda. Joseph desligou o carro e guardou as chaves no bolso. Inclinando-se pela frente de Charlie, ele abriu a porta e empurrou-a, deixando-a sentir o cheiro desagradável das hortênsias e ouvir o canto familiar das cigarras. Ele saltou, mas Charlie permaneceu sentada no carro. Não havia qualquer brisa, não havia nenhuma outra sensação de ar fresco, nenhum outro som além das cigarras e dos passos suaves de jovens se agrupando em torno do carro. Dimitri, o motorista de 10 anos, com o sorriso de dentes salientes. Raoul, o *hippie* louro que não falava em Jesus, andava de táxi e tinha um pai sueco rico. Duas garotas de *jeans* e blusões, a mesma dupla que os seguira na subida da Acrópole, a mesma dupla que ela vira em Mikonos duas ou três vezes, quando saía para olhar as vitrinas, conforme podia constatar agora que as via mais de perto. Ouvindo o barulho de alguém tirando a bagagem da mala do carro, Charlie saltou, furiosa.

– Meu violão! – gritou ela. – Não mexam nas minhas coisas, seus. . .

Mas Raoul já levava o violão debaixo do braço, enquanto a bolsa estava com Dimitri. Ela já estava prestes a atacá-los, a fim de recuperar suas coisas, quando as duas moças agarraram-na, pelo pulso e cotovelo, levando-a sem o menor esforço para a varanda.

– Onde está aquele filho da puta do Joseph? – berrou Charlie.

Mas o filho da puta do Joseph, sua missão cumprida, já estava na metade dos degraus, afastando-se rapidamente, sem olhar para trás, como alguém que trata de escapar de um acidente. Passando pelo carro, Charlie viu, à luz da varanda, as marcas na placa traseira. Não era absolutamente uma placa grega. Era árabe, com a escrita típica de Hollywood em torno da placa, um CD para indicar Corpo Diplomático preso na tampa da mala, logo à esquerda do emblema do Mercedes.

6

As duas moças levaram-na para o banheiro e lá ficaram, sem demonstrar qualquer constrangimento, enquanto ela o usava. Uma era loura, a outra morena, ambas desarrumadas, ambas com ordens de tratarem gentilmente a nova recruta. Usavam sapatos de sola macia, as blusas estavam caídas para fora do *jeans*. Haviam conseguido subjugá-la sem qualquer dificuldade nas duas vezes em que ela as atacara. E quando Charlie as insultava, limitavam-se a sorrir, com a cordialidade distante dos surdos.

– Sou Rachel – confidenciou a morena, baixinho, durante uma breve trégua. – Esta é Rose. Rachel... Rose, entendido? Somos as duas R.

Rachel era a bonita. Tinha um sotaque atraente e olhos alegres. Fora o traseiro de Rachel que detivera Yanuka na fronteira. Rose era alta e esguia, os cabelos louros encrespados, a aparência de uma atleta; quando abria as mãos, as palmas pareciam machados além dos pulsos finos.

– Não se preocupe, que nada vai-lhe acontecer, Charlie – assegurou Rose, num sotaque seco, que poderia ser sul-africano. – Vai ficar muito bem.

– Eu estava muito bem antes – disse Charlie, tentando em vão agredi-las outra vez.

Levaram-na do banheiro para um quarto no andar térreo, deram-lhe um pente e uma escova, um copo de chá fraco, sem leite. Ela sentou-se na cama, tomando o chá e esbravejando, com uma fúria trêmula, enquanto tentava normalizar a respiração.

– Atriz Sem Dinheiro Sequestrada – murmurou ela. – O que vão pedir como resgate? Um cheque sem fundos meu?

Mas as duas moças apenas lhe sorriram, mais afetuosamente, pairando nos dois lados dela, esperando o momento de levá-la para a escada. Chegando ao primeiro patamar, Charlie tornou a atacá-las, desta vez com o punho cerrado. Num golpe furioso do braço inteiro, apenas para se descobrir caindo gentilmente de costas, a olhar para a claraboia de vidro colorido do poço da escada, que absorvia o luar como um prisma e o rompia num mosaico de dourado e rosa.

– Eu estava apenas querendo endireitar seu nariz – ela explicou a Rachel.

A resposta de Rachel foi um olhar de radiante compreensão. A casa era antiga e recendia a gato e sua maldita mãe, embora nem mesmo Kurtz fosse capaz de prever a bizarra associação. Estava apinhada de móveis gregos de péssima qualidade, ao estilo Império, com cortinas de veludo desbotadas e lustres de latão. Mas se fosse limpa como um hospital suíço ou inclinada como um convés de navio, seria apenas uma loucura diferente, não melhor ou pior. No segundo patamar havia uma jardineira rachada, que a fez lembrar novamente da mãe. Viu a si mesma em criança, sentada ao lado da mãe, de macacão, descascando ervilhas numa estufa, entre araucárias do Chile. Contudo, ela não pôde se lembrar naquele momento ou depois de uma casa que possuísse uma estufa, a menos que fosse a primeira em que haviam morado, em Branksome, perto de Bournemouth, quando tinha três anos de idade. Aproximaram-se de uma porta dupla. Rachel abriu-a e ficou de lado. Uma sala imensa se estendia diante de Charlie. Havia uma mesa no centro, com dois vultos sentados, ambos vestidos em tons marrom e cinza, parecendo fantasmas a distância. Havia papéis espalhados sobre a mesa, aos quais uma luz pendendo do teto dava uma proeminência desproporcional. Mesmo de longe, Charlie já teve a impressão de que eram recortes de jornal. Rose e Rachel ficaram para trás, como se fossem indesejáveis. Rachel deu-lhe um empurrão pelo traseiro, murmurando: – Vá logo.

Charlie descobriu-se percorrendo sozinha os últimos seis ou sete metros, sentindo-se como um boneco de corda posto a andar pelo chão. Tenha um acesso, pensou ela. Agarre a barriga, simule apendicite. Grite. A e ntrada dela foi a deixa para que os dois homens se levantassem simultaneamente. O homem magro permaneceu de pé junto à mesa, enquanto o grandalhão se adiantava decidido em sua direção, a mão direita estendida, meio encurvada, como as garras de um caranguejo, segurando a dela e sacudindo-a, antes que pudesse evitá-lo.

– Charlie, estamos muito satisfeitos por vê-la em segurança entre nós! – exclamou Kurtz, efusivamente, como se ela tivesse enfrentado céus e terras para alcançá-los. – Charlie, meu nome. . . – A mão dela ainda estava em seu aperto vigoroso, a intimidade das duas peles era contrária a tudo o que ela esperava. –. . . meu nome, por falta de outro melhor, é Marty. E quando Deus acabou de me fazer, sobraram algumas peças sobressalentes. Assim, Ele tratou de aproveitar para fazer o Mike. Dê um alô ao Mike. E ali está o Sr. Richthoven, para usar o seu nome de conveniência. . . Joseph, como você o chama. . . acho que, no final das contas, acabou batizando-o. Não foi isso mesmo?

Ele devia ter entrado na sala por trás dela, sem que Charlie o percebesse. A sala estava agora se enchendo de rapazes e moças de passos macios. Olhando ao redor, ela encontrou-o a pique de arrumar alguns papéis numa pequena mesa dobrável,

isolado dos outros. Havia um abajur na mesa, a claridade iluminando o rosto dele, quando se inclinou sobre a mesa.

– Eu poderia batizar o filho da puta agora – murmurou Charlie.

Ela pensou em investir contra ele, como fizera com Rachel, três passos rápidos e um bom golpe, antes que pudessem detê-la. Mas sabia que nunca conseguiria e por isso contentou-se com uma rajada de insultos, que Joseph escutou com um ar de recordação distante. Ele usava agora um pulôver marrom. A camisa de seda e as abotoaduras de ouro haviam desaparecido para sempre.

– Meu conselho é que suspenda o julgamento e a linguagem de baixo calão até ouvir o que esses dois homens têm a lhe falar – disse ele, sem levantar a cabeça, continuando a arrumar os boletins. – Está aqui entre homens de bem. Eu diria até que melhores do que as pessoas a que está acostumada. Tem muito para aprender e, se tiver sorte, muito para fazer. Conserve sua energia.

Parecia que ele estava ditando distraidamente um memo particular para si mesmo. E continuou absorvido em seus papéis. Ele não se importa comigo, pensou Charlie, amargurada. Largou seu fardo e o fardo era eu. Os dois homens à mesa ainda estavam de pé, esperando que ela sentasse, o que por si só era uma loucura. Era uma loucura ser polido com uma mulher que se acabara de sequestrar, era uma loucura fazer-lhe preleções sobre homens de bem, era uma loucura sentar-se para uma conferência com os sequestradores, depois de tomar um chá e arrumar a maquilagem. Mesmo assim, ela sentou-se. Kurtz e Litvak fizeram o mesmo.

– Quem está com as cartas? – perguntou ela, jocosamente, enquanto removia uma lágrima furtiva com os dedos.

Ela notou uma maleta marrom surrada no chão, entre os dois homens, aberta, mas não o bastante para que pudesse ver o que havia lá dentro. Os papéis na mesa eram de fato recortes de jornal. Embora Mike já os estivesse guardando numa pasta, ela não teve a menor dificuldade em reconhecê-los como recortes e a respeito de si mesma e sua carreira.

– Estão convencidos de que pegaram a garota certa, não é mesmo? – disse ela, determinada.

Ela dirigia-se a Litvak, desconfiando erroneamente que se tratava do mais sugestionável, por causa da estrutura frágil. Mas, na verdade, não se importava com quem estivesse falando, contanto que pudesse se manter à tona.

– Mas se estão procurando pelos três mascarados que assaltaram o banco da Rua 52, eles foram para o outro lado. Sou apenas a espectadora inocente que deu à luz antes do tempo.

– Charlie, temos certeza absoluta de que encontramos a garota certa! –exclamou Kurtz, deliciado, levantando os braços musculosos.

Ele olhou para Litvak, depois para Joseph, um olhar afável e ao mesmo tempo duro de cálculo. E no momento seguinte ele disparou, falando com a força animal que tanto impressionara e engolfara Quilley e Alexis, além de incontáveis outros improváveis colaboradores, ao longo de sua carreira extraordinária, com o mesmo sotaque euro-americano, os mesmos gestos veementes dos antebraços.

Mas Charlie era uma atriz e seus instintos profissionais nunca haviam estado mais lúcidos. Nem a torrente verbal de Kurtz nem a sua própria perplexidade pela violência de que fora vítima podiam embotar as suas muitas percepções do que estava acontecendo na sala. *Estamos no palco,* pensou ela; *somos nós e eles.* Enquanto as jovens sentinelas se dispersavam pela escuridão do perímetro, Charlie quase que pôde ouvir o ruído de passos suaves dos retardatários, procurando seus lugares no outro lado da cortina. O cenário, agora que o examinava, parecia o quarto de um tirano deposto, seus captores sendo os guerrilheiros que haviam-no derrubado. Por trás do rosto largo e paternal de Kurtz, sentado diante dela, Charlie pôde divisar os contornos poeirentos de uma desaparecida cabeceira de cama imperial, sobrepondo-se ao reboco meio arrebentado. Por trás do esquelético Litvak estava pendurado um espelho de moldura dourada, estrategicamente colocado para o prazer de amantes que já haviam partido. O assoalho sem tapete proporcionava um eco teatral, a luz pendurada do teto acentuava as reentrâncias nos rostos dos dois homens, a simplicidade de suas indumentárias de guerrilheiros. Em lugar do terno elegante da Madison Avenue, embora Charlie carecesse dessa medida de comparação, Kurtz usava agora um blusão militar informe, com manchas escuras de suor nas axilas e uma fileira de canetas de metal no bolsinho. Litvak, o intelectual do Partido, preferia uma camisa caqui de mangas curtas, da qual os braços brancos emergiam, como gravetos listrados. Mas bastou um olhar aos dois homens para que Charlie reconhecesse o que tinham em comum com Joseph. Eles são treinados nas mesmas coisas, pensou ela; partilham as mesmas ideias e atividades. O relógio de Kurtz estava sobre a mesa, diante dele. Fazia-a lembrar-se do cantil de Joseph.

Duas janelas francesas fechadas davam para a frente da casa. Outras duas davam para os fundos. As portas duplas para os bastidores estavam trancadas. Mesmo que pensasse em correr para lá, Charlie sabia agora que não adiantaria. As sentinelas

podiam aparentar uma apatia total, mas já compreendera que possuíam o alerta de profissionais. Além das sentinelas, nos cantos mais distantes do palco, ardiam quatro espirais contra mosquitos, como pavios queimando lentamente, desprendendo um cheiro almiscarado. Por trás dela brilhava o pequeno abajur de Joseph – apesar de tudo, ou por causa disso, a única luz confortadora.

Charlie apreendeu tudo isso quase antes da voz sonora de Kurtz começar a preencher a sala, com suas frases tortuosamente compulsivas. Se Charlie já não soubesse que estava diante de uma longa noite, aquela voz implacável e retumbante lhe diria agora.

– Charlie, queremos nos definir agora, queremos nos apresentar,explicar o que tencionamos fazer. Embora ninguém aqui seja muito dado a desculpas, queremos também dizer que sentimos muito. Algumas coisas não podem deixar de serem feitas. Nós as fizemos e está acabado. Desculpe, saudações e seja bem-vinda. Olá.

Fazendo uma pausa pelo tempo suficiente para que ela descarregasse outra rajada de insultos, Kurtz sorriu e continuou:

– Não tenho a menor dúvida, Charlie, que você tem muitas perguntas que gostaria de nos fazer. Vamos responder a todas, no momento oportuno, da melhor forma que pudermos. Até lá, vamos tentar pelo menos oferecer-lhe algumas explicações básicas. Deve estar perguntando: quem somos nós?

Desta vez ele não fez qualquer pausa, pois a verdade é que estava muito menos interessado em estudar o efeito de suas palavras do que em usá-las para adquirir um controle cordial sobre a situação e sobre Charlie.

– Basicamente, como Joseph disse, somos pessoas decentes, pessoas de bem, Charlie. Nesse sentido, como pessoas decentes e de bem, acho que poderia nos chamar de não-sectários, não-alinhados e profundamente preocupados, como você, nas muitas direções erradas pelas quais o mundo está enveredando. Se eu acrescentar que somos também cidadãos israelenses, confio que não comece a espumar imediatamente, não vomite nem pule pela janela. A menos, é claro, que tenha a convicção pessoal de que Israel deve ser varrido para o mar, destruído por napalm ou entregue em papel de presente a uma das muitas organizações árabes insaciáveis empenhadas em nossa destruição.

Sentindo que ela se encolhia secretamente, Kurtz prontamente pressionou.

– É essa a sua convicção, Charlie? – perguntou ele, baixando a voz. –Talvez seja. Por que não nos diz como se sente em relação a isso? Quer se levantar agora? Ir para casa? Creio que está com sua passagem de avião. Nós lhe daremos dinheiro. Quer ir embora?

Uma imobilidade fria envolveu Charlie, disfarçando o caos e momentâneo terror dentro dela. Não duvidava de que Joseph era judeu desde o seu malogrado interrogatório dele na praia. Mas Israel era uma abstração confusa para ela, provocando tanto o seu instinto protetor como sua hostilidade. Nunca imaginara, por um instante sequer, que o problema pudesse um dia confrontá-la daquele jeito.

– Mas que diabo está acontecendo aqui? – indagou ela, ignorando a oferta de Kurtz de suspender as negociações antes mesmo de terem começado. – Uma guerra partidária? Uma expedição punitiva? Vão me aplicar os eletrodos? Qual é a grande ideia?

– Já havia conhecido algum israelense antes? – perguntou Kurtz.

– Ao que eu saiba, não.

– Tem alguma objeção racial aos judeus em geral? Judeus como judeus e ponto final? Não temos um cheiro repulsivo para você, nosso comportamento à mesa não é impróprio? Vamos, diga-nos. Podemos compreender essas coisas.

– Não diga besteira.

Sua voz saíra errada ou o problema estava em sua audição?

– Você sente que está entre inimigos aqui?

– Mas quem lhe deu essa ideia? Afinal, qualquer pessoa que me sequestra passa a ser uma amiga pelo resto da vida.

Para sua surpresa, Charlie ganhou uma explosão de risos espontâneos, em que todos pareciam livres para aderir. Com exceção de Joseph, que estava absorvido em sua leitura, conforme ela podia ouvir mesmo agora, pelo som débil das páginas sendo viradas. Kurtz continuou a pressioná-la, com um pouco mais de insistência:

– Vamos ficar descansados quanto a isso. Esqueçamos que, num certo sentido, está aqui como prisioneira. Israel pode sobreviver ou devemos, todos que aqui estamos, fazer as malas e voltar para nossos antigos países, começando tudo outra vez? Ou talvez você preferia que ficássemos em alguma região da África Central? Quem sabe o Uruguai? Não no Egito,

obrigado. Já tentamos uma vez e não se pode considerar um sucesso. Ou devemos nos dispersar outra vez pelos guetos da Europa e Ásia, enquanto esperamos pelo próximo *pogrom*? O que você acha, Charlie?

– Quero apenas que deixem os pobres árabes em paz – respondeu ela, esquivando-se outra vez.

– Ótimo. E como fazemos isso, especificamente?

– Parem de bombardear seus acampamentos. Parem de expulsá-los de sua terra. Parem de arrasar suas aldeias. Parem de torturá-los.

– Já examinou alguma vez um mapa do Oriente Médio?

– Claro.

– E quando olhou para esse mapa, desejou alguma vez que os árabes nos deixassem em paz? – disse Kurtz, tão perigosamente jovial quanto antes.

À confusão e medo de Charlie acrescentou-se agora o embaraço, como fora provavelmente a intenção de Kurtz. Confrontada com a realidade nua e crua, as frases irreverentes de Charlie possuíam uma vulgaridade de sala de aula. Ela sentia-se como uma tola a pregar para os sábios.

– Quero apenas a paz.

Ela falou apaticamente, mas era a pura verdade. Possuía uma visão decente, quando lhe era permitido, de uma Palestina magicamente devolvida aos que haviam sido expulsos de lá a fim de dar lugar aos depositários europeus, mais poderosos.

– Nesse caso, por que não dá outra olhada no mapa e pergunta a si mesma o que Israel quer?

Kurtz parecia satisfeito. Fez uma pausa, como se fosse um silêncio comemorativo pelas pessoas amadas que não podiam estar ali naquela noite.

Esse silêncio tornou-se mais extraordinário na medida em que se prolongou, pois foi a própria Charlie quem ajudou a mantê-lo. Charlie, que minutos antes estava clamando contra Deus e contra o mundo, subitamente não tinha agora absolutamente nada a acrescentar. E foi Kurtz, não Charlie, quem rompeu o encantamento, com o que parecia ser uma declaração preparada para a imprensa: – Charlie, não estamos aqui para atacar suas posições políticas. Não vai acreditar em mim neste estágio inicial. . . e como poderia?. . . mas gostamos de suas posições políticas. De todos os aspectos. De todos os paradoxos e boas intenções. Respeitamos e precisamos delas, não rimos delas, tenho certeza que no momento apropriado poderemos voltar a isso e debatê-las francamente, de maneira criativa. Estamos querendo nos dirigir à humanidade natural que existe em você e só isso. Estamos nos dirigindo a seu coração bom, desvelado, humano. A seus sentimentos. A seu senso de justiça. Não pretendemos lhe pedir nada que entre em conflito com suas preocupações éticas. Suas posições políticas polêmicas, quaisquer que sejam as suas convicções... nós gostaríamos de pô-las de lado. Suas convicções propriamente ditas, por mais confusas, irracionais e frustradas que sejam, Charlie, vamos respeitá-las integralmente. Com base nessa premissa, vai certamente ficar conosco por mais algum tempo e nos ouvir.

Mais uma vez, Charlie ocultou sua reação com um ataque renovado: – Se Joseph é israelense, que diabo fazia ajudando um carro árabe?

O rosto de Kurtz assumiu o sorriso vincado que dramaticamente traíra sua idade a Quilley.

– Nós o roubamos, Charlie – respondeu ele, jovialmente, uma admissão que foi prontamente seguida por outra explosão de risos dos jovens, da qual Charlie sentiu-se meio tentada a participar. – E a próxima coisa que vai querer saber, Charlie, é o que está fazendo aqui entre nós e por que foi arrastada para esta casa de maneira tão insólita e sem cerimônia. Pois vou-lhe dizer. O motivo, Charlie, é que queremos lhe oferecer um emprego. Um emprego como atriz.

Com isso, a questão palestina estava afastada, pelo menos por enquanto, relegada a um segundo plano.

Kurtz alcançara águas serenas e seu sorriso generoso demonstrava que sabia disso. A voz tornou-se lenta e incisiva, como se estivesse anunciando os números vencedores da loteria:

– O maior papel que já teve em sua vida, o mais exigente, o mais difícil, certamente o mais perigoso e certamente o mais importante. E não estou me referindo a dinheiro. Pode ganhar muito dinheiro, isso não é problema. Basta indicar a sua cifra. – Ele fez um gesto brusco com o antebraço, como se afastasse definitivamente as considerações financeiras. – O papel que temos para você, Charlie, combina todos os seus talentos, humanos e profissionais. Seu espírito. Sua excelente memória. Sua inteligência. Sua coragem. Mas também a qualidade humana extra a que já me referi. Seu entusiasmo. Seu calor humano. Nós a escolhemos, Charlie. Procuramos muito, examinando várias candidatas, de diversos países. Chegamos a você e é por isso que

está aqui. Entre fãs. Todos nesta sala já a viram trabalhar, todos a admiram. Assim, vamos definir o clima corretamente. Do nosso lado não há hostilidade. Há afeição, há admiração, há esperança. Escute o que temos a dizer. Como seu amigo Joseph disse, somos pessoas de bem, da mesma forma que você. E queremos você. Precisamos de você. E há pessoas fora daqui que vão precisar de você ainda mais do que nós.

A voz dele deixara um vazio. Charlie já conhecera atores, apenas uns poucos, que conseguiam causar esse efeito. Era uma presença forte, transformando-se quase num vício, por sua benevolência implacável; quando cessava, como estava acontecendo agora, deixava o espectador inteiramente desnorteado. Primeiro é Al que consegue seu grande papel, pensou Charlie, num ímpeto instintivo de exaltação, agora sou eu. A loucura da situação ainda era evidente, mas ela teve de fazer um esforço, cocando o rosto, para reprimir um sorriso excitado.

– Então é assim que se está escolhendo elenco atualmente? - disse ela, retomando o tom cético. – Acertam a gente na cabeça e depois arrastam com algemas? Mas imagino que é esse o hábito de vocês.

– Charlie, não estamos declarando que é esse o método habitual – respondeu Kurtz, serenamente, deixando mais uma vez a iniciativa com ela.

– Mas, afinal, um papel em quê? – indagou ela, ainda se esforçando para reprimir o sorriso.

– Digamos que se trata de teatro.

Charlie lembrou-se de Joseph e do divertimento se desvanecendo do rosto dele, de sua referência meio enigmática ao teatro do real.

– Então é uma peça. Por que não diz logo expressamente?

– Num certo sentido, é de fato uma peça.

– Quem é o autor?

– Nós orientamos a trama, Joseph faz o diálogo. Com uma pequena ajuda de sua parte.

– Quem é a plateia? – Ela fez um gesto na direção das sombras. – Esses daí?

A solenidade de Kurtz foi tão súbita e impressiva quanto a sua jovialidade. As mãos de operário se encontraram sobre a mesa, a cabeça se adiantou por cima delas. Nem mesmo o cético mais determinado poderia negar a convicção em sua atitude.

– Charlie, há pessoas lá fora que jamais assistirão à peça, nem mesmo saberão que está sendo encenada. Apesar disso, irão lhe dever muito, enquanto viverem. Pessoas inocentes. As mesmas com que sempre se preocupou, as mesmas que tentou defender e ajudar. Em tudo o que vai se seguir, daqui por diante, deve manter essa noção em seus pensamentos, caso contrário vai-nos perder e também perder a si mesma.

Charlie tentou desviar os olhos dele. A retórica de Kurtz era demais. Gostaria que ele a aplicasse em outra pessoa.

– Quem é você para dizer quem é inocente? – indagou ela, rudemente, fazendo um esforço para resistir à maré de persuasão dele.

– Está se referindo a nós como israelenses, Charlie?

– Estou me referindo a *você* – respondeu ela, contornando o terreno – perigoso.

– Eu preferia alterar um pouco a sua pergunta, Charlie, dizendo que, em nossa opinião, alguém tem de ser muito culpado antes de precisar morrer.

– E de quem está falando? Quem precisa morrer? Os pobres coitados que fuzilam na Margem Ocidental? Ou aqueles que bombardeiam no Líbano?

Como haviam começado a falar em morte? Fora ela quem começara? Ou ele? Não fazia a menor diferença. E Kurtz já estava avaliando sua resposta.

– Somente aqueles que rompem completamente todo e qualquer vínculo humano, Charlie – respondeu ele, com uma ênfase firme. – *Eles* merecem morrer.

Obstinadamente, ela continuou a resistir:

– Há judeus nesse caso?

– Claro que há judeus assim. E israelenses também. Mas não estamos entre eles e felizmente não são o nosso problema aqui esta noite.

Ele tinha a autoridade para falar assim. Ele tinha as respostas que as crianças procuravam. Ele tinha os antecedentes e a

experiência, toda a sala sabia disso, inclusive Charlie. Ali estava um homem que só lidava com coisas que já experimentara. Quando fazia perguntas, sabia-se que ele próprio já fora interrogado. Quando dava ordens; sabia-se que ele próprio já obedecera a ordens de outros. Quando falava de morte, era evidente que a morte já passara por ele muitas vezes, bem perto, poderia a qualquer momento tornar a passar. E quando decidia fazer uma advertência a ela, como aconteceu agora, era mais do que evidente que estava perfeitamente a par dos perigos a que se referia: – Não confunda a nossa peça com diversão, Charlie. Não estamos falando de alguma floresta encantada. Quando as luzes se apagarem no palco, será noite na rua. Quando os atores rirem, estarão felizes; quando chorarem, estarão provavelmente desconsolados, terrivelmente abalados. E se por acaso se machucarem. . . o que poderá acontecer perfeitamente, Charlie, não tenha a menor dúvida quanto a isso. . . não estarão em condições, quando a cortina baixar, de se levantar de um pulo e correr para pegar o último ônibus para casa. Não haverá delicadeza nas cenas mais bruscas, não haverá dias de folga por doença. É um desempenho integral, do princípio ao fim. Se é isso o que você gosta, se é isso o que pode fazer. .. e achamos que é.. . então nos escute. Caso contrário, vamos encerrar a audição agora.

Em seu sotaque arrastado euro-bostoniano, tão tênue quanto um sinal distante no rádio transatlântico, Shimon Litvak fez a sua primeira intervenção.

– Charlie nunca recuou de uma briga em toda a sua vida, Marty – protestou ele, no tom de um discípulo que procura tranquilizar o mestre. – Não apenas acreditamos nisso; temos certeza. É o que se pode constatar em toda sua ficha.

Estavam na metade do caminho a esta altura, disse Kurtz a Misha Gavron depois, descrevendo, durante um raro cessar-fogo no relacionamento dos dois, esse ponto dos trâmites. Uma mulher que consente em escutar é uma mulher que consente, disse ele. Gavron quase sorriu.

Talvez na metade do caminho – mas, em termos de tempo pela frente, mal estavam começando. Insistindo em compreensão, Kurtz não estava absolutamente insistindo em pressa. Ele atribuía grande importância a uma atitude meticulosa, em acrescentar combustível à frustração dela, em fazer com que a impaciência dela disparasse à frente deles. Ninguém compreendia melhor do que Kurtz o que era possuir uma natureza dinâmica e exuberante num mundo lerdo e diligente, ninguém sabia melhor aproveitar a inquietação. Minutos depois da chegada de Charlie, enquanto ela ainda estava assustada, ele estabelecera um vínculo de amizade: um pai em contraposição ao amante de Joseph. Mais alguns minutos e lhe oferecera uma solução para todos os componentes desordenados de uma vida até então. Apelara para a atriz que havia nela, a mártir, a aventureira; lisonjeara a filha e estimulara a aspirante ao sucesso. Concedera-lhe um vislumbre inicial da nova família em que ela poderia ingressar, sabendo que lá no fundo, como a maioria dos rebeldes, Charlie estava procurando apenas por um conformismo melhor. Acima de tudo, ao lhe conferir tais benefícios, ele a tornaria rica; o que, como a própria Charlie por tanto tempo pregara a quem quer que quisesse ouvi-la, era o começo da subserviência.

– O que propomos, Charlie – disse Kurtz, em tom mais lento e suave – é uma audiência aberta, uma série de perguntas que a convidamos a responder, com toda franqueza, com toda sinceridade, embora mantendo necessariamente no escuro o propósito delas.

Ele fez uma pausa, mas Charlie não disse nada. Havia agora uma submissão tácita no silêncio dela.

– Pedimos a você para nunca avaliar, nunca tentar passar para o nosso lado da rede, nunca procurar nos agradar ou gratificar, por qualquer forma. Encaramos de maneira diferente muitas coisas que você pode considerar como negativas em sua vida. Não tente pensar por nós. – Um movimento brusco do antebraço reforçou a advertência amigável. – Pergunta. O que acontece, agora ou mais tarde, caso um de nós decida abandonar o barco? Deixe-me tentar responder a isso, Charlie.

– Seria ótimo, Mart – disse ela, apoiando os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos, sorrindo para ele com uma expressão que visava a transmitir uma incredulidade aturdida.

– Obrigado, Charlie. Preste atenção, por favor. Dependendo do momento preciso em que você ou nós quisermos sair, dependendo do seu grau de conhecimento nessa ocasião e de nossa avaliação de você, então adotamos um de dois cursos. O primeiro: arrancamos de você uma promessa solene, damos dinheiro e a despachamos de volta para a Inglaterra. Um aperto de mão, confiança mútua, bons amigos e uma certa vigilância de nossa parte para nos certificarmos de que cumprirá sua parte do acordo. Está me entendendo?

Ela baixou o olhar para a mesa, em parte para escapar ao exame dele, em parte para ocultar sua crescente emoção. Pois isso era outra coisa com que Kurtz contava, algo que a maioria dos profissionais do ramo esquecia logo: para os não-iniciados, o mundo secreto é por si mesmo atraente. Pelo simples expediente de virar o eixo, pode-se atrair para o seu centro

os que não estão seguramente ancorados.

– O segundo, um pouco mais rude, embora ainda não terrível. Nós a colocamos em quarentena. Gostamos de você, mas receamos ter alcançado um ponto em que poderia comprometer todo o nosso projeto, em que o papel que estamos propondo, digamos assim, não possa ser oferecido com segurança em outras partes, enquanto você permanecer ao largo para falar a respeito.

Charlie sabia, sem olhar, que ele sorria efusivamente, insinuando que tal fragilidade da parte dela seria apenas humana.

– Nesse caso, Charlie, arrumamos uma casa bonita, em algum lugar, talvez numa praia, um lugar bastante aprazível. Não haverá qualquer problema. Nós lhe daremos companhia, gente parecida com os jovens que estão aqui. Gente simpática, mas capaz. Simulamos algum motivo para sua ausência, algo perfeitamente aceitável, combinado com sua reputação volúvel, talvez uma excursão mística ao Oriente.

Os dedos grossos de Kurtz encontraram o velho relógio em cima da mesa. Sem olhar para ele, Kurtz levantou-o, tornou a largá-lo, meio palmo mais perto. Precisando também de uma atividade, Charlie pegou uma caneta e começou a rabiscar no bloco à sua frente.

– Não a abandonaremos depois de sair da quarentena. Muito ao contrário. Acertaremos tudo para você, daremos um monte de dinheiro, permaneceremos em contato, cuidamos para que não seja incauta por qualquer forma. E assim que for seguro, nós a ajudamos a retomar sua carreira e amizades. É o pior que pode acontecer, Charlie. E só estou-lhe dizendo isso porque você pode estar acalentando alguma noção absurda de que, se disser "não", agora ou depois, vai acordar morta no fundo de um rio, usando um par de botas de concreto. Não é assim que operamos. E muito menos com os amigos.

Ela continuava a rabiscar. Fechando um círculo, fez uma cruz por cima, para torná-lo macho. Lera uma obra de psicologia popular que usava aquele símbolo. Subitamente, como um homem irritado por ser interrompido, Joseph falou; a voz dele, apesar de toda a sua aspereza, teve um efeito excitante em Charlie.

– Charlie, não será suficiente para você bancar a testemunha contrariada. É o seu próprio futuro perigoso que eles estão discutindo. Tenciona ficar sentada aí apaticamente, deixando que eles resolvam tudo sem consultá-la? É um compromisso, está entendendo? Vamos, Charlie, acorde!

Ela fez outro círculo. Outro macho. Ouvira tudo o que Kurtz dissera, percebera cada insinuação. Poderia repetir todas as palavras, exatamente como fizera com Joseph na Acrópole. Estava atenta e alerta como em nenhum outro momento de sua vida, mas todo o instinto de astúcia lhe dizia para dissimular e se retrair.

– Por quanto tempo vai-se prolongar o espetáculo, Mart? – perguntou ela, em voz apática, como se Joseph nunca tivesse falado.

Kurtz reformulou a pergunta:

– Acho que está querendo saber outra coisa: o que lhe acontece quando o trabalho terminar? É isso?

Ela era maravilhosa. Uma verdadeira víbora. Largando o lápis, ela bateu com a palma na mesa.

– Não, não é! Estou querendo saber quanto tempo vai demorar e o que acontecerá com a minha *tournée de As You Like It* no outono!

Kurtz não deixou transparecer qualquer triunfo pelo pragmatismo da pergunta de Charlie.

– Charlie, a sua excursão com *As You Uke It* não será absolutamente afetada. Claro que esperamos que cumpra esse compromisso, presumindo-se que o financiamento para a montagem será concedido. Quanto à duração, o seu compromisso com o nosso projeto pode levar seis semanas. Mas pode demorar também dois anos, embora não esperemos que isso venha a acontecer. O que temos de ouvir de você agora é se deseja se juntar a nós ou se prefere dizer boa-noite a todos os que estão aqui e voltar para casa, ao encontro de uma vida mais segura e mais apática. Qual é o seu veredicto?

Era um falso momento culminante que Kurtz encenara para ela. Desejava proporcionar a Charlie um senso de conquista, assim como de submissão. De ter escolhido os seus próprios captores. Ela estava usando um blusão de brim e um dos botões estava meio solto. Naquela manhã, ao vesti-lo, fizera o registro mental de costurar o botão durante a viagem de barco, mas acabara esquecendo, na excitação pelo encontro com Joseph. Pegando o botão agora, ela começou a testar a força da linha. Estava no centro do palco. Podia sentir o olhar coletivo fixado nela, da mesa, das sombras, de trás. Podia sentir os corpos se contraindo em tensão, inclusive o de Joseph, podia ouvir os rangidos que as audiências costumavam emitir quando estavam totalmente cativadas. Podia sentir a força da determinação deles, assim como o seu próprio poder: ela vai, ela não vai?

– José? – disse ela, sem virar a cabeça.

– O que é, Charlie?

Ela ainda não se havia virado, mas tinha certeza absoluta de que, em sua ilha iluminada, Joseph esperava pelas palavras dela mais ansiosamente que todos os outros juntos.

– Então era isso, não é? E nossa grande excursão romântica pela Grécia, Delfos e todos os segundos melhores lugares?

– Nossa viagem para o norte não será absolutamente afetada – garantiu ele.

– Nem mesmo adiada?

– Para dizer a verdade, é até iminente.

O fio rebentou, o botão estava em sua palma. Ela jogou-o na mesa, ficou observando rodar e parar. Cara ou coroa, pensou ela. Vamos deixá-los sofrer um pouco. Ela soprou para cima, como se quisesse afastar uma mecha de cabelos que lhe caía no rosto.

– Quer dizer que ficarei para a audição, hem? – disse ela a Kurtz, olhando para o botão. – Não tenho nada a perder. – Charlie arrependeu-se no mesmo instante de ter dito isso. Muitas vezes, para sua irritação, exagerava as coisas, em prol de uma boa linha de encerramento. E acrescentou: – Ou pelo menos nada que eu já não tenha perdido.

"Cortina", pensou ela. "Aplausos, por favor, Joseph. E vamos esperar pelas críticas de amanhã." Mas não houve aplausos. Ela pegou a caneta e desenhou uma mulher, para variar, enquanto Kurtz, talvez inconscientemente, transferia o relógio para outra e melhor posição.

O interrogatório, com o consentimento gracioso de Charlie, podia agora começar, sem maiores problemas.

Lentidão é uma coisa, concentração é outra. Kurtz não relaxou por um único segundo, não permitiu a si mesmo ou a Charlie sequer a metade de uma pausa para respirar, enquanto a pressionava, persuadia, embuía e estimulava, com todo empenho de seu espírito dinâmico envolvendo-a, na associação teatral a desabrochar. Somente Deus e umas poucas pessoas em Jerusalém, dizia-se no serviço, sabiam onde fora aprendido o repertório de Kurtz, a intensidade mesmerizante, a prosa americanizada, o faro, os truques de advogado. Seu rosto cheio de cicatrizes, ora aplaudindo, ora tristemente incrédulo, irradiava agora a garantia que Charlie queria, tornava-se gradativamente toda uma audiência, de tal forma que todo o desempenho dela se voltava para ele, a fim de conquistar a sua aprovação desesperadamente cobiçada, sem interessar a de mais ninguém. Até mesmo Joseph estava esquecido, posto de lado, até outra vida. As primeiras perguntas de Kurtz, deliberadamente, foram inócuas e inofensivas. Ela pensou: era como se ele tivesse um formulário de solicitação de passaporte em branco em sua mente e Charlie, sem poder vê-lo, estivesse preenchendo os espaços. Nome completo de sua mãe, Charlie. Data e local de nascimento de seu pai, Charlie. Ocupação do avô, não, Charlie, por parte de pai. Seguindo-se, sem qualquer razão concebível, o último endereço conhecido de uma tia materna, vindo depois um detalhe sobre a instrução do pai. Nenhuma das perguntas iniciais se referia diretamente a ela, justamente a intenção de Kurtz. Charlie era como o assunto proibido que ele tinha escrúpulos em abordar. Todo o propósito daquela jovial salva de abertura não era extrair qualquer informação, mas incutir nela a obediência instintiva, o sim-senhor-não-senhor da sala de aula, de que dependeria o que viria posteriormente. Charlie, por sua vez, impregnada cada vez mais pela seiva de seu ofício, representava, obedecia e reagia com uma submissão cada vez maior. Não fizera o mesmo por diretores e produtores uma centena de vezes.. . não usara o material de uma conversa inofensiva para lhes oferecer uma amostra do que era capaz? Mais motivo ainda, sob o estímulo hipnótico de Kurtz, a fazê-lo agora.

– Heidi? – repetiu Kurtz. – Heidi? Não é um nome muito estranho para uma irmã mais velha inglesa?

– Não para Heidi – respondeu ela, exuberante, arrancando risos dos jovens além da iluminação.

Ela explicou que era Heidi porque os pais haviam ido à Suíça na lua-de-mel; na Suíça é que Heidi fora concebida. E ela acrescentou, com um suspiro: – Num campo de edelvais. Na posição clássica.

– E por que Charmian? – perguntou Marty, quando os risos finalmente se desvaneceram.

Charlie alterou a voz, procurando imitar o tom brusco de sua maldita mãe:

– O nome Charmian foi para agradar a uma prima rica e distante que tem esse nome.

– Deu resultado? – perguntou Kurtz, inclinando a cabeça para ouvir alguma coisa que Litvak estava tentando lhe dizer.

– Ainda não – respondeu Charlie jovialmente, ainda mantendo a entonação da mãe. – O pai, como sabe, já faleceu, mas

prima Charmian, infelizmente, ainda não foi-se juntar a ele.

Somente através desse e de outros desvios inócuos similares é que gradativamente eles chegaram ao assunto que de fato interessava: a própria Charlie. – Libra – murmurou Kurtz, com satisfação, ao anotar a data de nascimento dela.

Meticulosamente, mas também rapidamente, ele passou pelos detalhes da primeira infância de Charlie, escolas, casas, nomes de amigos e pôneis. Charlie respondeu da mesma forma, às vezes divertida, sempre ansiosa, a memória excelente iluminada pela lisonja e atenção dele e pela necessidade crescente de manter o bom relacionamento. Das escolas e da infância era um passo natural, embora Kurtz só o desse com a maior hesitação, para a história dolorosa da ruína do pai. Charlie relatou tudo em detalhes, serenamente, mas de maneira comovente, da primeira e brutal notícia, ao trauma do julgamento, condenação e prisão. De vez em quando, é verdade, a voz ficava ligeiramente embargada; os olhos baixavam às vezes para contemplar as próprias mãos; depois, uma frase irônica lhe ocorria para atenuar a solenidade.

– Estaríamos muito bem se fôssemos da classe operária – disse ela em determinado momento, com um sorriso triste. – A gente é despedido, fica redundando, as forças do capital estão contra você... é a vida, a realidade, você sabe onde está. Mas não éramos da classe operária. Éramos nós. O lado vitorioso. E, de repente, estávamos nos juntando aos perdedores.

– Terrível – disse Kurtz solenemente, com um balanço da cabeça larga.

Voltando para trás, ele extraiu os fatos objetivos: data e local do julgamento, Charlie, a sentença exata, Charlie, nomes dos advogados, se podia lembrar. Ela não se lembrava, mas ajudava em tudo que podia, Litvak anotava devidamente as respostas, deixando Kurtz livre para se dedicar inteiramente a ela, dispensando-lhe toda a sua atenção benevolente. Todo o riso cessou agora por completo. Era como se a trilha sonora estivesse muda, ficando apenas a voz dela e a de Marty. Não havia um rangido, não havia uma tosse, não havia um som estranho em qualquer parte. Charlie tinha a impressão de que, em toda a sua vida, jamais encontrara um grupo tão atento, que tanto apreciasse o seu desempenho. Eles compreendiam, pensou ela. Eles sabiam o que é levar uma vida de nômade, ser obrigada a depender de seus próprios recursos, quando todas as cartas estão contra. Em determinado momento, a uma ordem de Joseph, as luzes se apagaram. Eles ficaram esperando juntos, sem qualquer som na escuridão tensa de um ataque aéreo, Charlie tão apreensiva quanto os outros, até que Joseph anunciou que estava tudo bem e Kurtz retomou o seu paciente interrogatório. Joseph teria mesmo ouvido alguma coisa ou aquela seria a maneira deles lembrarem a ela que agora pertencia ao grupo? Seja como for, o efeito em Charlie foi o mesmo: por aqueles poucos segundos de tensão, ela se tornou uma companheira de conspiração, sem qualquer possibilidade de escapatória.

Em outras ocasiões, desviando o olhar por breves momentos de Kurtz, ela avistou os jovens cochilando em seus postos, o sueco Raoul com a cabeça loura caída sobre o peito e a sola de um sapato encostada na parede, a sul-africana Rose encostada na porta dupla, as pernas de corredora estendidas à sua frente e os braços cruzados sobre o peito, Rachel com os cabelos pretos caídos sobre o rosto, os olhos semicerrados, mas ainda com um sorriso suave de reminiscência sensual. Contudo, o menor sussurro estranho encontrava a todos prontamente alertas.

– Qual é a conclusão aqui, Charlie? – perguntou Kurtz, gentilmente. – Considerando todo esse período de sua vida, até o que podemos chamar de a Queda...

– A idade da inocência, Mart? – sugeriu ela, prestativa.

– Exatamente. Sua idade da inocência. Defina-a para mim.

– Foi um inferno.

– Quer indicar as razões?

– Era a vida numa comunidade suburbana. Não é suficiente?

– Não, não é.

– Oh, Mart, você é tão. . . – A voz de boca mole. 0 tom de desespero afetuoso. Gestos apáticos com as mãos. Como podia explicar? – Para vocês, os judeus, o problema não existe, entende? Possuem tradições fantásticas, a segurança. Mesmo quando são perseguidos, sabem quem são e por quê.

Kurtz reconheceu tristemente o ponto.

– Para nós, no entanto, crianças ricas de uma comunidade suburbana inglesa, a coisa é diferente. Não tínhamos tradição, não havia fé ou consciência, não havia nada.

– Mas você disse que sua mãe era católica.

– No Natal e na Páscoa. Pura hipocrisia. Representamos a era pós-cristã, Mart. Ninguém lhe disse isso? A fé deixa um vazio por trás, quando desaparece. Estamos nele.

Ao dizer isso, ela surpreendeu os olhos pretos bíblicos de Litvak fixados em seu rosto, recebendo a primeira insinuação de sua ira rabínica.

– Ela não ia à confissão? – perguntou Kurtz.

– Para quê? Mamãe não tinha nada para confessar. 0 que era o problema dela. Não havia diversão, pecado, qualquer coisa. Apenas apatia e medo. Medo da vida, medo da morte, medo dos vizinhos... medo, medo. Ao redor, pessoas reais estavam levando vidas reais. Só nós é que não estávamos. Não em Rickmansworth. Sem a menor possibilidade. Estou falando das crianças... falando em castração.

– E você... não sente medo?

– Apenas de ser como mamãe.

– E essa noção que todos temos. . . a velha Inglaterra, enraizada em suas tradições?

– Pode esquecer.

Kurtz sorriu e sacudiu a cabeça, como a dizer que sempre se podia aprender.

– Portanto, assim que pôde você saiu de casa e foi-se refugiar no palco e na política radical – sugeriu Kurtz, satisfeito. – Tornou-se uma exilada política no palco, li isso em algum lugar, uma entrevista que você deu. E gostei. Continue daí.

Charlie estava novamente rabiscando, mais símbolos da psique. E murmurou:

– Houve outros meios de rompimento, antes disso.

– Por exemplo?

– O sexo – respondeu Charlie, descontraída. – Ainda nem tocamos no sexo como a base essencial da revolta, não é mesmo? Nem nos tóxicos.

– Ainda não falamos de revolta.

– Pois tenho muito o que lhe contar sobre isso, Mart.. .

Foi então que uma coisa estranha aconteceu, talvez a prova de como uma audiência perfeita pode extrair o melhor de um desempenho, melhorando-o de maneiras espontâneas e inesperadas. Charlie estava prestes a oferecer o ato pronto para os não-liberados. Como a descoberta do ego era um prelúdio essencial à identificação com o movimento radical. Como se encontraria, ao se escrever a história da nova revolução, suas verdadeiras raízes nas salas de visita da classe média, onde a *tolerância repressiva* tinha sua base natural. Em vez disso, para sua surpresa, ela ouviu-se a enumerar em voz alta para Kurtz – ou seria para Joseph? – seus inúmeros amantes iniciais e todos os motivos estúpidos que inventara para ir com eles para a cama.

– É uma coisa totalmente fora do meu controle, Mart – insistiu ela, mais uma vez abrindo as mãos, num gesto conciliatório. Estaria usando as mãos exageradamente? Receando que sim, tratou de recolhê-las ao colo. – Até hoje. Eu não os queria, não gostava deles, mas deixava.

Os homens que ela tirara do tédio, qualquer coisa para movimentar o ar parado de Rickmansworth, Mart. Por pura curiosidade. Homens para provar o poder dela, homens para se vingar de outros homens, e outras mulheres, da irmã, de sua maldita mãe. Homens por polidez, Mart, por puro cansaço diante da persistência deles. Os sofás dos diretores de elenco, Mart, nem pode imaginar. Homens para acabar com a tensão, homens para criá-la. Homens para informá-la, seus orientadores políticos, escolhidos para explicar-lhe na cama as coisas que nunca poderia entender através dos livros. Os desejos de cinco minutos, que se esfarelavam como barro em suas mãos e deixavam-na mais solitária do que nunca. Fracassos, todos fracassos, Mart – ou assim ela queria que ele acreditasse.

– Mas eles me libertaram, Mart. Não percebe? Eu estava usando meu próprio corpo, à minha maneira. Mesmo que tenha sido a maneira errada. Era o meu espetáculo!

Enquanto Kurtz acenava com a cabeça sabiamente, Litvak escrevia rapidamente ao seu lado. Charlie secretamente imaginava Joseph sentado por trás dela. Imaginava-o levantando os olhos de sua leitura, o dedo indicador estendido pela face, enquanto recebia o presente particular da espantosa franqueza dela. Venha me colher, ela estava-lhe dizendo, dê-me o que os outros nunca puderam.

Ela se calou e seu próprio silêncio provocou-lhe um calafrio. Por que fizera aquilo? Em toda a sua vida, nunca representara o papel antes. Nem para si mesma. A hora indefinida da noite afetara-a. A iluminação, a sala lá em cima, o senso de viagem, de conversar com estranhos num trem. Queria dormir. Já fizera o bastante. Deviam dar-lhe o papel ou mandá-la para casa. Ou as duas coisas.

Mas Kurtz não fez nenhuma das duas coisas. Ainda não. Em vez disso, ele determinou um pequeno intervalo, pegou o relógio e prendeu-o no pulso com a correia caqui. Depois saiu da sala, levando Litvak. Ela ficou esperando por passos às suas costas, quando Joseph também se retirasse. Mas os passos não soaram. Teve vontade de virar a cabeça, mas não se atreveu. Rose trouxe-lhe um copo de chá doce, sem leite. Rachel tinha alguns biscoitos com uma camada de açúcar. Charlie pegou um.

– Você está sensacional – confidenciou Rachel, ofegante. – Foi uma coisa aquele comentário sobre a Inglaterra. Fiquei maravilhada. Não foi mesmo, Rose?

– Foi, sim – confirmou Rose.

– É como eu me sinto – explicou Charlie.

– Quer ir ao banheiro, querida? – perguntou Rachel.

– Não, obrigada. Nunca vou entre os atos.

– Está bem – murmurou Rachel, piscando para ela e afastando-se.

Tomando um gole do chá, Charlie apoiou um cotovelo no encosto da cadeira, a fim de poder olhar naturalmente para trás. Joseph desaparecera, levando os seus papéis.

A sala para a qual se retiraram era tão grande quanto a outra que haviam deixado e igualmente despojada. Um par de camas militares e um aparelho de telex eram os únicos móveis, a porta dupla dando para um banheiro. Becker e Litvak estavam sentados nas camas, de frente um para o outro, estudando as respectivas anotações. O telex estava aos cuidados de um rapaz empertigado, chamado David. De vez em quando ele se inclinava e arrancava do aparelho mais um pedaço de papel, acrescentando devotamente à pilha ao seu lado. O único outro som era o barulho de água no banheiro, onde Kurtz, de costas para ele e despido até a cintura, lavava-se na pia, como um atleta entre provas.

– Ela é perfeita – comentou Kurtz, enquanto Litvak virava uma página e sublinhava algo com uma caneta de ponto de feltro. – É tudo o que esperávamos. Inteligente, criativa e pouco usada.

– Ela está mentindo – disse Litvak, ainda lendo.

Era evidente, pela inclinação de seu corpo e a insolência provocante do tom, que o comentário não se destinava a Kurtz.

– E quem está se queixando? – indagou Kurtz, jogando mais água no rosto. – Esta noite ela mente para si mesma, amanhã mente para nós. Estamos subitamente querendo um anjo?

O telex iniciou abruptamente uma canção diferente. Tanto Becker como Litvak olharam rapidamente, mas Kurtz pareceu não ter ouvido. Talvez estivesse com água nos ouvidos.

– Para uma mulher, mentir é uma proteção. Ela protege a verdade e assim protege sua castidade. Para uma mulher, mentir é uma prova de virtude.

Sentado diante do telefone, David ergueu a mão, pedindo atenção. E informou: – É da embaixada em Atenas, Marty. Eles querem passar uma transmissão de Jerusalém.

Kurtz hesitou.

– Está certo, diga-lhes que podem transmitir – murmurou ele, relutantemente.

– É só para os seus olhos – acrescentou David, levantando e atravessando a sala.

O telex deu um solavanco. Enrolando a toalha no pescoço, Kurtz sentou-se na cadeira de David, inseriu um disco e observou a mensagem aparecer. A transmissão finalmente cessou. Kurtz leu, arrancou a mensagem, tornou a ler. Soltou uma risada furiosa.

– Misha Gavron diz para nos apresentarmos como americanos – anunciou ele. – Não é sensacional? "Em nenhuma hipótese deverão admitir a ela que são súditos israelenses, agindo em função oficial ou semi-oficial." Adorei. É construtivo, útil e no prazo apropriado. Nunca trabalhei, em toda a minha vida, para alguém tão totalmente seguro. Mande a seguinte resposta: "sim repito não".

Ele entregou a mensagem ao atônito David e, depois, os três homens voltaram ao palco.

7

Para retomar a conversa com Charlie, Kurtz escolhera um tom de benevolente determinação, como se quisesse esclarecer alguns pontos obscuros, antes de passar para outras coisas.

– Charlie, vamos falar de seus pais outra vez... – ele começou a dizer.

Litvak tirou uma ficha de sua pasta e estendeu-a, fora do campo de visão de Charlie.

– Muito bem – disse Charlie, pegando um cigarro.

Kurtz fez uma pequena pausa, enquanto examinava a ficha que Litvak lhe entregara.

– Sobre a fase final da vida de seu pai, o colapso, desgraça financeira e morte, assim por diante. Podemos confirmar com você a sequência exata desses acontecimentos? Você estava numa escola interna inglesa. A notícia terrível chegou. Continue daí, por favor.

Charlie não entendeu direito.

– Continuar de onde?

– A notícia chega. Continue daí.

Ela deu de ombros.

– A escola me expulsou, fui para casa, os oficiais de justiça enxameavam por lá como ratos. Já passamos por tudo isso, Marty. O que mais há para dizer?

– Contou que a diretora mandou chamá-la – lembrou Kurtz, depois de uma pausa. – O que ela disse? Pode ser o mais precisa possível, por favor?

– "Lamento muito, mas mandei que suas coisas fossem arrumados. Adeus e boa sorte." Pelo que posso me lembrar.

– Certamente se lembraria de uma coisa assim – disse Kurtz, com um bom humor sereno, inclinando-se para dar outra olhada nos papéis de Litvak. E perguntou, lendo: – Não houve sermão, uma exortação do tipo "não se entregue facilmente"? Não houve qualquer explicação do motivo pelo qual estava sendo convidada a deixar a escola?

– As mensalidades não eram pagas há dois períodos. Isso não é suficiente? Era um negócio como outro qualquer, Marty. Tinham de pensar na conta bancária. Já esqueceu que era uma escola particular? – Charlie fez um gesto de cansaço. – Não acha que é melhor encerrarmos tudo por hoje? Não consigo imaginar o motivo, mas estou-me sentindo exausta.

– Acho que não há necessidade. Você está descansada e ainda tem muitas energias. Então você foi para casa. De trem?

– Isso mesmo, de trem. Sozinha. Com minha pequena mala. De volta para casa.

Ela espreguiçou-se e sorriu em torno da sala, mas a cabeça de Joseph estava virada para outro lado. Ele parecia estar escutando outra música.

– E o que você encontrou exatamente ao chegar em casa?

– O caos. Já contei isso.

– Poderia especificar um pouco esse caos?

– Um caminhão de mudança na entrada. Oficiais de justiça por toda parte. Mamãe chorando. Metade do meu quarto já esvaziado.

– Onde estava Heidi?

– Não estava lá. Ausente. Não se incluía entre os presentes.

– Ninguém mandou chamá-la? Sua irmã mais velha, a predileta do pai? Vivendo a 15 quilômetros de distância? Bem casada? Por que Heidi não foi ajudar?

– Acho que estava grávida –- disse Charlie, em tom de indiferença, olhando para as mãos. – Ela geralmente está.

Mas Kurtz olhava fixamente para Charlie e levou um longo tempo para dizer alguma coisa.

– Quem você disse que estava grávida, por favor? – perguntou ele, como se não tivesse ouvido direito.

– Heidi.

– Charlie, Heidi não estava grávida. A primeira gravidez de Heidi ocorreu no ano seguinte.

– Está certo, então ela não estava grávida.

– E por que não apareceu para ajudar a família?

– Talvez ela não quisesse saber. Tudo o que me lembro é que ela se manteve a distância. Pelo amor de Deus, Mart,isso tudo aconteceu há l0 anos, eu era uma criança, uma pessoa diferente.

– Foi a desgraça, hem? Heidi não pôde suportar a desgraça. Da falência de seu pai, é claro.

– Que outra desgraça havia?

Kurtz tratou a pergunta dela de uma maneira retórica. Estava de volta aos papéis, observando o dedo comprido de Litvak a lhe apontar coisas.

– Seja como for, Heidi manteve-se a distância e toda a responsabilidade de enfrentar a crise da família recaiu sobre os seus jovens ombros, não é mesmo? Charlie, com apenas 16 anos, vindo em salvação. Seu *curso intensivo na fragilidade do sistema capitalista,* como descreveu antes muito bem. *Uma lição objetiva que você nunca esqueceu.* Todos os brinquedos do consumismo... móveis bonitos, vestidos elegantes, os atributos da respeitabilidade burguesa... viu tudo ser desmontado e removido diante de seus olhos. Você sozinha. Controlando. Decidindo. Incontestavelmente dominando seus patéticos pais burgueses, que deveriam ser da classe operária, mas infelizmente não eram. Consolando-os. Amparando-os na desgraça. Acho que você lhes deu quase uma espécie de absolvição. – Uma pausa e Kurtz acrescentou, tristemente: – Terrível. . . uma situação lamentável.

Ele parou, esperando que Charlie falasse. Mas isso não aconteceu. Em vez disso, ela apagou-o. Tinha de fazê-lo. As feições de Kurtz haviam sofrido um misterioso endurecimento, particularmente em torno dos olhos. Ela continuou a fitá-lo, mas apagou-o. Tinha um jeito especial de fazer isso, algo que lhe viera da infância, congelando o rosto numa expressão e pensando em outras coisas. E acabou vencendo, sabia disso, porque Kurtz falou primeiro, o que era a prova.

– Charlie, sabemos que é muito doloroso para você, mas pedimos que continue com suas próprias palavras. Estamos no caminhão de mudança. Estamos vendo suas coisas deixando a casa. O que mais podemos ver?

– Meu pônei.

– Também o levaram?

– Já contei isso.

– Junto com os móveis? No mesmo caminhão?

– Não. Foi em outro caminhão. Não diga bobagem.

– Então havia dois caminhões. Ao mesmo tempo? Ou um depois do outro?

– Não me lembro.

– Onde estava seu pai situado fisicamente durante todo esse tempo? Estava em seu gabinete? Olhando pela janela, observando tudo ser levado? Como um homem como ele se comportou.. . em sua desgraça?

– Ele estava no jardim.

– Fazendo o quê?

– Olhando para as rosas. Contemplando-as. E dizia que não deveriam levar as rosas. O que quer que acontecesse. Dizia a mesma coisa interminavelmente. "Se levarem as minhas rosas, eu me matarei."

– E sua mãe?

– Mamãe estava na cozinha. Cozinhando. Era a única coisa que ela podia pensar em fazer.

– A gás ou eletricidade?

– Eletricidade.

– Mas eu ouvi errado ou você disse mesmo que a companhia desligou a eletricidade?

– Tornaram a ligar.

– E não levaram o fogão?

– Tinham de deixar, por lei. O fogão, uma mesa, uma cadeira para cada pessoa na casa.

– Facas e garfos?

– Um jogo para cada pessoa.

– Por que simplesmente não ficaram com a casa? Não seria mais fácil despejar vocês?

– Estava no nome da minha mãe. Ela insistira nisso, alguns anos antes.

– Uma sábia mulher. Mas onde foi mesmo que a diretora da escola leu a notícia da falência de seu pai?

Charlie quase se perdera. Por um instante, as imagens em sua cabeça vacilaram. Agora, no entanto, tornaram a se firmar, proporcionando as palavras que ela precisava: a mãe, com um lenço roxo na cabeça, inclinada sobre o fogão, preparando freneticamente um pudim de pão e manteiga, um dos pratos prediletos da família; o pai, pálido e mudo, de *blazer* azul, olhando para as rosas; a diretora, as mãos nas costas, esquentando o traseiro diante da lareira apagada em sua imponente sala de estar.

– Na *London Gazette* – respondeu Charlie, impassivelmente. – Onde todas as falências são anunciadas.

– A diretora era assinante desse jornal?

– Presumivelmente.

Kurtz acenou com a cabeça lentamente, depois pegou um lápis e escreveu a palavra *presumivelmente* num bloco à sua frente, de uma maneira visível para Charlie.

– E depois da falência vieram as acusações de fraude. Foi isso mesmo? Quer relatar o julgamento?

– Já falei sobre isso. Papai não queria que comparecêssemos. A princípio, tencionava defender-se pessoalmente. . . bancar o herói. Deveríamos sentar na primeira fila e aclamá-lo. Mas ele mudou de ideia quando lhe mostraram as provas.

– Qual era a acusação?

– Roubar o dinheiro dos clientes.

– Quanto tempo ele pegou?

– Dezoito meses. Já lhe contei tudo isso antes, Mart. 0 que está havendo?

– Visitou-o alguma vez na prisão?

– Ele não quis deixar. Não queria que testemunhássemos a sua vergonha.

– Sua vergonha – repetiu Kurtz, pensativo. – Sua desgraça. A Queda. Afetou-a profundamente, não é mesmo?

– Gostaria mais de mim se não tivesse afetado?

– Não, Charlie, acho que não. – Ele fez outra pequena pausa. – Mas vamos continuar. Você ficou em casa. Largou a escola, abandonou a instrução apropriada de sua excelente inteligência em desenvolvimento, passou a cuidar de sua mãe, esperou pela libertação de seu pai. Certo?

– Certo.

– Nunca esteve perto da prisão?

– Oh, não! – murmurou Charlie, desesperada. – Por que fica retorcendo a faca desse jeito?

– Nunca chegou perto?

– Não!

Ela estava contendo as lágrimas com uma coragem que eles deviam certamente admirar. Como ela podia aguentar, naquela ocasião ou agora?, deviam estar pensando. Por que ele insistia tão implacavelmente em reabrir todas as suas cicatrizes secretas? O silêncio era como uma pausa entre gritos. O único som era o roçar da caneta esferográfica de Litvak, voando pelas páginas de seu caderninho de anotações.

– Alguma coisa tem qualquer proveito para você, Mike? – perguntou Kurtz a Litvak, sem desviar os olhos de Charlie.

– Claro – murmurou Litvak, a caneta sempre em movimento. – Vai somando, podemos aproveitar. Mas gostaria de saber se ela tem alguma boa história sobre a prisão. Ou talvez seja melhor alguma coisa depois que ele saiu... os meses finais. Por

que não?

– Charlie? – disse Kurtz simplesmente, transferindo a indagação de Litvak.

Charlie fez uma demonstração de meditar a respeito, até que a inspiração lhe veio. E disse, meio em dúvida:

– Houve a história das portas.

– Portas? – repetiu Litvak. – Que portas?

– Fale-nos a respeito – sugeriu Kurtz.

Charlie levantou a mão e delicadamente apertou a ponta do nariz, entre o indicador e o polegar, indicando um sofrimento profundo e uma ligeira enxaqueca. Já contara a história muitas vezes, mas nunca daquele jeito.

– Não o estávamos esperando por mais um mês. Ele não telefonou... e como poderia? Mudáramos de casa. Estávamos vivendo da previdência social. Ele apareceu de repente. Parecia mais esguio, mais jovem. Cabelos cortados. "Olá, Chas. Acabei de sair." Deu-me um abraço. Chorou. Mamãe estava lá em cima, apavorada demais para descer. Ele estava completamente inalterado. Exceto pelas portas. Não podia abri-las. Aproximava-se das portas, parava, ficava em posição de sentido, os pés juntos, a cabeça abaixada, esperando que o carcereiro viesse abrir.

– E o carcereiro era ela – disse Litvak baixinho ao lado de Kurtz. – Sua própria filha. Puxa vida!

– Nem pude acreditar na primeira vez em que aconteceu. Gritei para ele: "Abra a maldita porta!" A mão dele se recusou, literalmente.

Litvak estava escrevendo como um homem possuído. Mas Kurtz não parecia tão entusiasmado. Kurtz estava examinando novamente a ficha e sua expressão sugeria sérias restrições.

– Charlie, nesta entrevista que você deu.. . para *Ipswich Gazette,* não foi mesmo? ... contou a história de que subia com sua mãe ao alto de uma colina junto à prisão, acenando para que seu pai pudesse vê-las, da janela de sua cela. Mas pelo que acaba de nos contar, nunca se aproximou da prisão.

Charlie conseguiu rir – uma risada sonora e convincente, mas que não foi ecoada das sombras.

–Mart, isso foi uma entrevista – disse ela, jovialmente, porque ele estava solene demais.

– E daí?

– E daí que nas entrevistas a gente sempre acrescenta alguma coisa ao passado para torná-lo mais interessante.

– É o que tem feito aqui?

– Claro que não.

– Seu agente Quilley contou recentemente a um conhecido nosso que seu pai morreu na prisão. Não foi em casa. *Mais* um ponto para tornar interessante?

– Foi Ned quem disse isso, não eu.

– Tem razão.

Ele fechou a pasta, ainda sem estar convencido.

Charlie não pôde se conter por mais tempo. Virando-se na cadeira, dirigiu-se a Joseph, suplicando-lhe indiretamente que a tirasse do impasse: – Como está indo, José... tudo bem?

– Eu diria que sim – respondeu ele, continuando absorvido em seus problemas.

– Melhor que em *Santa Joana!*

– Ora, minha cara, suas falas são muito melhores que as de Shaw!

Ele não está me dando os parabéns, mas sim me consolando, pensou Charlie, tristemente. Mas por que ele estava sendo tão áspero com ela? Tão brusco? Retraindo-se daquela maneira, depois de levá-la até ali?

A sul-africana Rose trouxe uma bandeja com sanduíches. Rachel seguiu-a, com bolinhos e uma garrafa térmica com café.

– Ninguém dorme por aqui? – indagou Charlie, enquanto se servia.

Mas a pergunta não foi ouvida. Ou melhor, já que todos ouviram perfeitamente, ficou sem resposta.

O momento suave estava terminado e agora chegava o tempo perigoso, há tanto aguardado, a hora de vigília antes do amanhecer, quando a cabeça de Charlie estava mais lúcida e sua raiva era mais intensa. O momento, em outras palavras, de transferir a política de Charlie, que Kurtz assegurara que todos respeitavam profundamente, do segundo plano para a luz dos

refletores. Mais uma vez, nas mãos de Kurtz, tudo tinha a sua cronologia e sua aritmética. As primeiras influências, Charlie. Data, lugar e pessoa, Charlie. Indique-nos seus cinco princípios orientadores, fale dos 10 primeiros encontros com a alternativa militante. Mas Charlie não estava mais com ânimo para qualquer objetividade. O acesso de sonolência passara e em seu lugar começava a surgir um senso de rebelião, avolumando-se inexoravelmente dentro dela, conforme a voz incisiva e os olhares desconfiados podiam revelar. Estava cansada deles. Estava cansada de ser prestativa naquela aliança coercitiva, de ser levada com vendas nos olhos de uma sala para outra, sem saber o que aquelas mãos treinadas e manipuladoras faziam com seu cotovelo, o que as vozes astuciosas sussurravam em seu ouvido. A vítima nela estava ansiando por uma luta.

– Charlie, minha cara, isto é estritamente para os nossos registros –declarou Kurtz. – E depois poderemos até baixar alguns véus para encobrir tudo.

Mas ele insistia em arrastá-la por todo um catálogo de manifestações, revoluções nas tardes de sábado, perguntando em cada caso o que chamava de "argumentação" por trás da ação dela.

– Pelo amor de Deus, quer parar de tentar nos avaliar? – reagiu Charlie com veemência. – Não somos lógicos, não somos informados, não somos organizados. . .

– Então somos o que, minha cara? – pressionou Kurtz, gentilmente.

– Somos pessoas! Seres humanos adultos, entende? Pare então de querer me dominar!

– Não estamos aqui querendo dominá-la, Charlie. Ninguém está.

– Ora, eu quero que vocês todos se fodam!

Ela detestava a si mesma quando estava assim. Detestava a violência que irradiava quando estava acuada. Teve uma imagem de si mesma batendo com os punhos fracos de mulher contra uma imensa porta de madeira, enquanto sua voz estridente clamava *slogans* perigosamente impensados. Ao mesmo tempo adorava a intensidade que a raiva proporcionava, a liberação gloriosa, o vidro espatifado.

– Por que você tem de acreditar antes de rejeitar? – indagou ela, recordando uma frase grandiosa que Long Al lhe dissera; ou teria sido outra pessoa? – Talvez rejeitar seja acreditar. Já lhe ocorreu isso? Estamos lutando uma guerra diferente, Mart... a verdadeira guerra. Não é poder contra poder, Leste contra Oeste. É a fome contra os porcos. Os escravos contra os opressores. Você pensa que é livre, não é mesmo? Mas isso acontece porque outra pessoa está acorrentada. Você come, alguém passa fome. Você corre, alguém tem de ficar parado. Precisamos mudar tudo isso.

Ela acreditara prontamente, acreditara de verdade. Talvez ainda acreditasse. Vira tudo claramente em sua mente. Batera em portas de estranhos com a mensagem e observara a hostilidade surgir em seus rostos ao fazer sua exposição. Pudera senti-lo, marchara por isso, pelo direito das pessoas de libertar as mentes das pessoas, de se arrancarem mutuamente do atoleiro do condicionamento capitalista e racista, todos se unindo num companheirismo espontâneo. Lá fora, num dia claro, a visão ainda podia, até agora, encher o seu coração e levá-la a feitos de coragem, dos quais teria recuado a sangue-frio. Por dentro daquelas paredes, no entanto, com todos aqueles rostos atentos ao seu redor, não tinha espaço para se estender. Ela tentou de novo, mais estridente: – Uma das diferenças entre ter a sua idade e a minha, Mart, é que somos um pouco exigentes com as coisas pelas quais renunciamos à nossa existência. Não estamos ansiosos, por algum motivo, a sacrificar nossas vidas por uma corporação multinacional registrada em Lichtenstein e fazendo suas operações bancárias nas Antilhas Holandesas.

Essa parte era de Al, com toda certeza. Ela até tomara emprestado o sarcasmo dele para descarregá-lo.

– Não achamos que seja uma boa ideia ter pessoas que nunca conhecemos, não ouvimos e não votamos ficarem estragando o mundo para nós. Não estamos apaixonados por ditadores, por mais estranho que possa parecer, quer sejam grupos de pessoas, países ou instituições. Não estamos comprometidos com a corrida armamentista, guerra química, napalm ou qualquer outra parte do jogo da catástrofe. Não achamos que o estado judeu tenha de ser uma guarnição americana imperialista e também não achamos que os árabes sejam selvagens infestados de pulgas ou xeques do petróleo decadentes. E por isso rejeitamos. A favor de não se ter certos compromissos. .. certos preconceitos e alinhamentos. Assim, a rejeição é positiva, certo? Porque não ter essas coisas é positivo, entendeu?

– Como exatamente estragar o mundo, Charlie? – perguntou Kurtz, enquanto Litvak anotava pacientemente.

– Envenenando-o. Queimando-o. Arruinando-o com o lixo e o colonialismo, com o total e calculado controle da mente

dos trabalhadores e. . . – O resto vou-me lembrar dentro de um momento, pensou ela. – Assim, não venha me perguntar os nomes e endereços dos meus cinco principais gurus, porque eles estão aqui. – Charlie bateu no peito. – E não comece a escarnecer de mim porque não posso recitar Che Guevara durante toda a noite; apenas me pergunte se quero que o mundo sobreviva e meus filhos também...

– Você pode recitar Che Guevara? – perguntou Kurtz, interessado.

– Esperem um instante – disse Litvak, suavemente, levantando uma das mãos para impor uma pausa, enquanto escrevia furiosamente com a outra. – Isto é sensacional. Só um minuto, por favor. Pode ser, Charlie?

– Por que não compra um maldito gravador? – disse Charlie ríspidamente, sentindo o rosto arder. – Ou rouba um, já que é isso o que costumam fazer?

– Porque não temos uma semana de prazo para ler as transcrições – explicou Kurtz, enquanto Litvak continuava a escrever. – O ouvido seleciona, minha cara, o que já não acontece com as máquinas. As máquinas são antieconômicas. Pode recitar Che Guevara, Charlie?

– Não, claro que não.

Por trás dela, parecendo a um quilômetro de distância, a voz desencarnada de Joseph modificou gentilmente a resposta dela: – Mas poderia, se aprendesse. Ela possui uma excelente memória. – Ele fez o comentário com o orgulho do criador. – Precisa apenas ouvir alguma coisa para passar a dominá-la. Pode aprender tudo o que ele escreveu em uma semana, se assim decidir.

Por que ele falara? Estava tentando apaziguá-la? Avisá-la? Ou se interpor entre Charlie e sua iminente destruição? Mas Charlie não estava com ânimo de dar atenção às sutilezas dele. Kurtz e Litvak estavam conferenciando outra vez, agora em hebraico.

– Será que vocês dois não se importariam de falar em inglês na minha presença? – pediu ela.

– Só um momento, minha cara – disse Kurtz, jovialmente, continuando a falar em hebraico.

À mesma maneira clínica – só para registrar, Charlie – Kurtz conduziu-a meticulosamente pelos restantes artigos disparatados de sua fé indefinida. Charlie se debatia, se controlava, tornava a se debater, com o crescente desespero dos que pouco sabiam. Kurtz, raramente criticando, sempre cortês, olhava para a ficha, fazia uma pausa para falar com Litvak ou anotava alguma coisa no bloco à sua frente. Charlie imaginava-se num daqueles *happenings* improvisados na escola de teatro, trabalhando num papel que cada vez mais carecia de sentido, à medida que o desenvolvia. Observava os próprios gestos e constatava que não mais pertenciam às suas palavras. Estava protestando, portanto estava livre. Estava gritando, portanto estava protestando. Escutava sua voz e não pertencia a ninguém. Das conversas na cama com um amante esquecido arrancou uma frase de Rousseau, de outro lugar tirou uma frase de Marcuse. Viu Kurtz recostar-se e, baixando os olhos, acenou com a cabeça solenemente para si mesmo, largando o lápis. Assim, Charlie imaginou que já acabara. Ou que ele acabara. Achou que, tendo em vista a superioridade da audiência e a fraqueza de suas falas, saíra-se muito bem, no final das contas. Kurtz parecia pensar a mesma coisa. Ela sentia-se melhor, muito mais segura. E Kurtz também, ao que parecia.

– Charlie, devo lhe dar os parabéns – disse ele. – Você se manifestou com grande sinceridade e franqueza e nós lhe agradecemos.

– Isso mesmo – murmurou Litvak, o escriba.

– Sirva-se à vontade – reagiu Charlie, sentindo-se horrível e esquentada.

– Importa-se se eu tentar estruturar um pouco para você? – perguntou Kurtz.

– Claro que me importo.

– Por quê? – insistiu Kurtz, sem demonstrar qualquer surpresa.

– Porque somos uma alternativa. Não somos um partido, não estamos organizados, não temos um manifesto. E não estamos dispostos a admitir qualquer estruturação, a aceitar qualquer porra.

Ela gostaria de poder falar de outra maneira. Ou então não se sentir tão contrafeita ao falar assim naquela austera companhia.

Kurtz fez a estruturação assim mesmo.

– Por um lado, Charlie, parece que temos a premissa básica do anarquismo clássico, conforme tem sido pregado do século XVIII até hoje.

– Oh, merda!

– Ou seja, uma repulsa contra a arregimentação. Ou seja, uma convicção de que o governo é mau, logo a nação-estado é ruim, uma certeza de que as duas coisas juntas contradizem o desenvolvimento natural e a liberdade do indivíduo. Você acrescenta a isso algumas posturas modernas. Como a repulsa contra o tédio, contra a prosperidade, contra o que creio que é conhecido como a angústia de ar condicionado do capitalismo ocidental. E lembra a si mesma a miséria genuína de três quartos da população da terra. É isso mesmo, Charlie? Quer contestar? Ou devemos aceitar o "Oh, merda" como confirmação desta vez?

Ela ignorou-o, preferindo sorrir para as unhas. Pelo amor de Deus. . . que importância tinham agora as teorias?, ela sentiu vontade de dizer. Os ratos assumiram o controle do navio, é simples assim; o resto é besteira narcisista. Só pode ser.

– No mundo de hoje – continuou Kurtz, imperturbável – eu diria que você possui mais razões sólidas para assumir essa posição do que seus antepassados jamais tiveram. Porque hoje as nações-estados são mais poderosas do que nunca, assim como as corporações e as oportunidades para arregimentação.

Charlie compreendeu que ele a estava conduzindo, mas não lhe restava qualquer meio de detê-lo. Ele fazia pausas para os comentários dela, mas tudo o que Charlie podia fazer era desviar os olhos e ocultar a sua crescente insegurança por trás de uma máscara de furiosa negação.

– Você se opõe à tecnologia enlouquecida – continuou Kurtz, calmamente. – Pois Huxley já fez isso por você. Pretende liberar os motivos humanos, que não são competitivos nem agressivos. Mas a fim de fazer isso, precisa primeiro eliminar a exploração. Mas como?

Ele fez outra pausa. Para Charlie, as pausas estavam-se tornando mais ameaçadoras do que as palavras; eram as pausas entre os passos para o cadafalso.

– Quer parar de me tratar de maneira condescendente, Mart? Quer parar?

– É nessa questão da exploração, Charlie, até onde posso entendê-la – continuou Kurtz, com um bom humor implacável – que passamos do anarquismo *observado,* como poderíamos chamá-lo, ao anarquismo *praticado.* – Ela fez outra pausa, virando-se para Litvak e jogando-o contra Charlie: – O que acha, Mike?

– Eu diria que a exploração era a questão crucial, Marty – balbuciou Litvak. – Por exploração leia-se *propriedade* e se tem tudo. Primeiro o explorador agride o escravo de salário com sua riqueza superior, depois efetua uma lavagem cerebral, levando-o a acreditar que a busca da propriedade é um motivo válido para fazê-lo se matar de tanto trabalhar. Dessa maneira, o explorado está fisgado duas vezes: – Perfeito – disse Kurtz, calmamente. – A busca da propriedade é negativa, logo a propriedade em si é negativa, logo aqueles que protegem a propriedade são negativos, logo. . . já que você confessadamente não tem paciência com o processo evolucionário democrático. . . vamos explodir a propriedade e assassinar os ricos. Concorda com isso, Charlie?

– Não diga besteira! Sabe que não estou metida nessas coisas!

Kurtz pareceu ficar desapontado.

– Está querendo dizer que se recusa a despojar o estado ladrão, Charlie? Qual é o problema? Ficou inibida de repente? – Kurtz virou-se outra vez para Litvak. – O que é, Mike?

– O estado é tirânico – interveio Litvak, prestimoso. – Exatamente as palavras de Charlie. Ela também se referiu à violência do estado, ao terrorismo do estado, à ditadura do estado... praticamente tudo que um mau estado pode ser.

A voz de Litvak estava um tanto surpresa. Charlie protestou:

– Isso não significa que eu saia por aí a matar pessoas e assaltar malditos bancos! Mas o que é isso, afinal?

Kurtz não ficou impressionado com o alarme dela.

– Charlie, você nos declarou que as forças da lei e da ordem não são mais do que os sátrapas de uma falsa autoridade.

Litvak acrescentou uma nota de pé de página:

– E também que a verdadeira justiça não está disponível às massas através dos tribunais.

– E não é! Todo o sistema está podre! É viciado, corrupto, paternalista...

– Então por que não o destrói? – indagou Kurtz, ainda jovialmente. – Por que não o explode e atira em todo e qualquer guarda que tentar impedi-la? E já que está nisso, por que não atira também nos outros guardas, os que nada fizerem? Por que não explode os colonialistas e imperialistas, onde quer que os encontre? Onde foi parar subitamente a sua gabada integridade? O que aconteceu de errado?

– Não quero explodir coisa alguma! Quero paz! Quero que as pessoas sejam livres! – insistiu Charlie, disparando desesperadamente de um postulado seguro para outro.

Mas Kurtz parecia não estar ouvindo-a.

– Você me desaponta, Charlie. De repente está carecendo de coerência. Já percebeu tudo. Por que não segue em frente e toma providências concretas? Por que se apresenta num momento como uma intelectual que tem olho e cérebro para enxergar o que não é visível às massas iludidas, para no instante seguinte não ter coragem de prestar um pequeno serviço, como assaltar,como assassinar, como explodir alguma coisa. . . uma delegacia de polícia, por exemplo... em benefício daqueles cujos corações e mentes estão escravizados pelos capitalistas? Vamos, Charlie, onde está a ação? Você é a alma livre por aqui. Não nos dê as palavras, mas sim as ações.

A jovialidade contagiante de Kurtz alcançara agora um novo ápice. Os olhos estavam tão vincados nos cantos que pareciam curvas negras na pele curtida. Mas Charlie também podia lutar e passou a lhe falar objetivamente, usando as palavras da mesma maneira que ele fazia, agredindo-o com as palavras, tentando encontrar uma última e desesperada saída para a liberdade.

– O problema é que sou superficial, entendeu, Mart? Sou inculta, analfabeta, não sei somar, raciocinar ou analisar; cursei até o décimo ano de escolas dispendiosas. Mas juro que gostaria, mais do que qualquer outra coisa no mundo, ter nascido em alguma pequena cidade industrial e ter um pai que trabalhasse com as próprias mãos, ao invés de despojar velhinhas das economias de uma vida inteira. Estou cansada de lavagem cerebral, estou cansada de ouvir quinze mil razões todos os dias pelas quais não deveria amar o próximo como se fosse um igual. E quero ir para a cama!

– Está querendo se retratar de sua posição declarada, Charlie?

– Não tenho nenhuma posição declarada!

– Não tem?

– Não!

– Não tem posição declarada, não tem qualquer compromisso com o ativismo, exceto que é não-alinhada.

– Isso mesmo!

– *Pacificamente* não-alinhada – acrescentou Kurtz, satisfeito. – Você pertence ao centro radical.

Desabotoando lentamente o canto superior esquerdo da túnica, ele tirou com os dedos grossos, do meio de uma porção de coisas, um recorte de jornal dobrado, relativamente grande, que diferia de alguma forma dos que estavam na pasta, a julgar por sua posição exclusiva.

– Charlie, mencionou de passagem que você e Al compareceram a um fórum residencial em algum lugar de Dorset – disse Kurtz, enquanto desdobrava meticulosamente o recorte. – Se bem me lembro, descreveu-o como "um curso de fim de semana sobre o pensamento radical". Não esmiuçamos o que aconteceu por lá. Ao que me recordo, passamos por cima dessa parte da discussão. Importa-se se nos aprofundarmos agora?

Como um homem reavivando a memória, Kurtz leu o recorte em silêncio, ocasionalmente sacudindo a cabeça, como a dizer "ora, ora".

– Parece um lugar e tanto – comentou ele, jovialmente, enquanto lia. –Treinamento com armas de imitação. Técnicas de sabotagem. . . sem usar o material autêntico, é claro. Como viver escondido. Sobrevivência. A filosofia da guerrilha urbana. Até mesmo como cuidar de um hóspede indesejável. Estou vendo aqui: "Contenção de elementos insubordinados numa situação doméstica." Gosto disso. É um excelente eufemismo. – Ele olhou por cima do recorte. – Esta informação é mais ou menos correta ou estamos lidando com os típicos exageros da imprensa capitalista-sionista?

Charlie não mais acreditava na boa vontade dele e também não a queria. O único objetivo de Kurtz agora era alarmá-la com o radicalismo de suas opiniões e forçá-la a fugir de posições, que ela não percebia que adotara. Alguns interrogatórios

são conduzidos com o objetivo de arrancar a verdade, outros visam a extrair mentiras. Por isso, sua voz suave se tornara perceptivelmente mais dura, a jovialidade desvanecia-se rapidamente de seu rosto.

– Não gostaria de nos dar um quadro mais objetivo, Charlie?

– O espetáculo foi de Al e não meu – declarou ela, em tom de desafio, efetuando a sua primeira retirada.

– Mas vocês foram juntos.

– Foi um fim de semana barato no campo, numa ocasião em que estávamos sem dinheiro. E mais nada.

– Mais nada – murmurou Kurtz, deixando-a com um silêncio vasto e culpado, opressivo demais para que ela o enfrentasse sozinha.

– Não éramos apenas eu e ele – protestou Charlie. – Havia. . . umas vinte pessoas. Garotos, gente de teatro. Alguns ainda estavam na escola de teatro. Eles alugaram um ônibus, levaram haxixe, ficavam tocando música até o amanhecer. O que há de errado nisso?

Kurtz não tinha opinião, naquele momento, do que havia de errado com qualquer coisa.

– *Eles*. . . E o que *vocês* estavam fazendo? Guiando o ônibus. . . uma grande motorista como soubemos que você é?

– Eu estava com Al. Já lhe disse isso. O espetáculo era dele e não meu.

Charlie perdera o controle e estava caindo. Mal sabia como escorregara ou quem lhe pisara os dedos. Talvez simplesmente tivesse se cansado e largara. Talvez assim quisesse desde o começo.

– E quantas vezes acha que se permitiu essas coisas, Charlie? Falando vazio. Fumando haxixe. Participando do amor livre inocentemente, enquanto outros se empenhavam em treinamento terrorista. Fala como se fosse uma coisa habitual. Correto? Era habitual?

– Não, não era habitual. E agora está acabado.

– Não quer me dizer com que frequência?

– Não era frequente!

– Quantas vezes?

– Um par de vezes, não mais do que isso. E depois não me interessei mais.

Caindo e girando, a escuridão se tornando cada vez mais escura. O ar ao seu redor, mas sem tocá-la.

Joseph, tire-me disso! Mas fora Joseph quem a metera naquela situação. Ela ficou atenta à reação dele, enviou-lhe mensagens com a parte posterior da cabeça. Mas nada recebeu em resposta.

Kurtz fitava-a fixamente e ela sustentou o olhar. Ela teria olhado direto através dele, se pudesse, ela o teria cegado com sua expressão desafiadora.

– Um par de vezes – repetiu ele, pensativo. – Certo, Mike?

Litvak levantou os olhos de suas anotações, ecoando:

– Um par de vezes...

– Quer explicar por que não se interessou mais?

Sem desviar os olhos dela, Kurtz estendeu a mão e pegou a pasta de Litvak.

– Foi uma cena terrível – disse ela, baixando a voz para aumentar o efeito.

– É o que parece – comentou Kurtz, abrindo a pasta.

– Não estou falando politicamente, mas sim em termos de sexo. Era mais do que eu queria assumir. Não seja tão obtuso.

Kurtz passou a língua pelo polegar e virou uma página, lambeu o polegar e virou outra página, murmurou alguma coisa para Litvak, que balbuciou duas ou três palavras em resposta, que não eram em inglês.

– Um par de vezes, não mais do que isso. E depois não me interessei mais. – A expressão dele era pensativa. – Não quer revisar essa declaração?

– Por que deveria?

– Um par de vezes. Isso é correto?

– Por que não deveria ser?

– Um par é dois. Certo?

Acima dela, a luz estava piscando. Ou seria sua imaginação? Ela virou-se, deliberadamente. Joseph estava inclinado ao lado do abajur, ocupado demais para sequer levantar os olhos. Ela tornou a virar-se e encontrou Kurtz ainda à espera.

– Duas ou três – disse ela. – Que diferença isso faz?

– Quatro? Ou um par de quatro?

– Ora, não enche!

– Acho que é uma questão de linguística. "Visitei minha tia um par de vezes no ano passado." Podia ser três, não é mesmo? E quatro é possível. Cinco. . . acho que cinco é o limite. Com cinco é "meia-dúzia". – Ele continuou a folhear lentamente os papéis. – Não quer revisar o "par", talvez aumentar para "meia dúzia", Charlie?

– Falei um par e foi isso mesmo.

– Duas vezes?

– Isso mesmo, duas!

– Duas então. "Isso mesmo, estive nesse fórum em apenas duas ocasiões. Outros podem ter-se empenhado em treinamento de guerrilha, mas meus interesses eram sexuais, recreativos e sociais. Amém." Assinado, Charlie. Quer determinar uma data para as duas visitas?

Ela forneceu uma data no ano anterior, logo depois de ter conhecido Al.

– E a outra?

– Esqueci. Que importância isso tem?

– Ela esquece. – A voz dele estava quase parando, mas não perdera a força. Charlie teve uma imagem da voz avançando em sua direção, como um animal desgracioso. – A segunda vez ocorreu logo depois da primeira? Ou houve um intervalo entre as duas ocasiões?

– Não sei.

– Ela não sabe. Seu primeiro fim de semana foi um curso de introdução para principiantes. Correto?

– Correto.

– A que você foi introduzida?

– Já lhe disse... sexo grupal.

– Não houve discussões, seminários ou instruções?

– Claro que discutimos.

– Sobre que assuntos, por favor?

– Princípios básicos.

– De quê?

– De radicalismo. O que pensou?

– Lembra-se de quem falou?

– Uma lésbica do Women's Lib. Um escocês de Cuba, alguém que Al admirava.

– E a ocasião seguinte.. . a data esquecida, a segunda e última... quem falou então?

Não houve resposta.

– Também esqueceu isso?

– Esqueci!

– Não acha que é estranho? Você se lembra da primeira ocasião nitidamente... o sexo, os tópicos de discussão, os tutores. E da segunda não se lembra de nada?

– Depois de passar a noite inteira acordada respondendo às suas perguntas estúpidas, isso nada tem de estranho.

– Para onde vai? – perguntou Kurtz. – Quer ir ao banheiro? Rachel, leve Charlie ao banheiro. Rose.

Ela estava de pé. Ouviu passos se aproximando das sombras.

– Estou indo embora. Exercendo minhas opções. Quero sair. Agora.

– Suas opções serão exercidas nos estágios específicos e somente quando a convidarmos a isso. Se esqueceu quem falou no segundo seminário a que compareceu, talvez possa então informar pelo menos a natureza do curso.

Charlie ainda estava de pé e o fato parecia torná-la menor. Ela olhou ao redor e avistou Joseph, a cabeça na mão, o rosto meio virado. A seus olhos assustados, ele parecia suspenso numa espécie de cidade intermediária, entre o mundo dela e o seu. Mas para onde quer que ela olhasse, a voz de Kurtz continuava a povoar sua cabeça, ensurdecendo as pessoas lá dentro. Pôs as mãos na mesa, inclinou-se para a frente. Estava numa igreja estranha, sem amigos para aconselhá-la, sem saber se devia ficar de pé ou ajoelhar-se. Mas a voz de Kurtz estava por toda parte e não faria diferença se estivesse estendida no chão, voasse pela janela de vidro colorido ou se mantivesse a 100 quilômetros de distância. Nenhum lugar estava a salvo daquela intromissão. Charlie tirou as mãos da mesa e pôs nas costas, apertando-as com força, pois estava perdendo o controle de seus gestos. As mãos são importantes, mãos falam. Mãos agem. Sentiu-as a se confortarem mutuamente, como crianças apavoradas. Kurtz estava interrogando-a a respeito de uma resolução.

– Não a assinou, Charlie?

– Não sei!

– Mas há sempre uma resolução aprovada ao término de uma sessão, Charlie. Há discussão. Há uma resolução. O que foi a resolução? Está querendo me dizer que não sabe o que foi, que não sabe se sequer a assinou? Poderia ter-se recusado a assiná-la?

– Não.

– Seja sensata, Charlie. Como pode uma pessoa com sua inteligência tão subestimada esquecer uma coisa tão formal quanto uma resolução ao final de um seminário de três dias? Uma coisa que se faz e refaz. . . e se vota... se aprova ou não aprova. . . se assina ou não assina? Como pode ser isso? Uma resolução é toda uma série tortuosa de incidentes. Por que você se mostra subitamente tão vaga, quando é capaz de uma precisão extraordinária em outras coisas?

Ela não se importava. Importava-se tão pouco que não podia sequer se incomodar em dizer a ele que não se importava. Estava totalmente cansada. Queria sentar de novo, mas sentia-se forçada a ficar de pé. Queria um intervalo e algum tempo para arrumar a maquilagem, recuperar cinco anos de sono. Somente um resquício do senso de conveniência teatral dizia-lhe que devia permanecer de pé e aguentar até o fim.

Abaixo dela, Kurtz tirara outro pedaço de papel da pasta. Depois de examiná-lo, com uma expressão preocupada, ele resolveu dirigir-se a Litvak: – Ela disse duas vezes, certo?

– Duas foi o máximo – concordou Litvak. – Você lhe deu toda a chance de aumentar o lance, mas ela parou em duas.

– E o que temos?

– Cinco.

– E por que ela ficou em duas?

– Não está dizendo toda a verdade – explicou Litvak, conseguindo parecer ainda mais desapontado que seu companheiro. – Está errando por uma diferença superior a duzentos por cento.

– Então ela está mentindo – murmurou Kurtz, lento em aceitar a conclusão.

– Está, sim.

– Eu não menti! Apenas esqueci! Foi Al! Só fui por causa de Al e mais nada!

Entre as canetas no bolsinho da túnica, Kurtz mantinha um lenço caqui. Tirando-o, ele o passou agora pelo rosto, de uma maneira estranha, como se estivesse removendo o pó, terminando pela boca. Tornou a guardar o lenço no bolso. Tornou a deslocar o relógio, da esquerda para a direita, num ritual particular.

– Não quer se sentar?

– Não.

A recusa dela apenas entristeceu-o.

– Não consigo mais compreendê-la, Charlie. Minha confiança em você está declinando.

– Pois que suma! Procure outra pessoa para ficar chutando! Por que tenho de ficar metida em jogos de salão com um bando de assassinos israelenses? Por que não vão jogar bombas em mais alguns árabes? Saiam da minha vida! Eu odeio vocês todos!

Ao dizer isso, Charlie teve uma estranha impressão. Estava escutando suas palavras com apenas meia atenção, enquanto a outra metade estudava sua técnica. Se alguém dissesse "vamos repetir essa cena, Charlie, só que um pouco mais devagar", ela não ficaria absolutamente surpresa. Mas Kurtz tinha de impor seu argumento e nada neste mundo do deus judeu, como ela sabia muito bem a esta altura, poderia impedi-lo.

– Não compreendo a sua atitude evasiva, Charlie. – Ele pegou uma folha de papel fino, que Litvak tirara da pasta. Sua voz recuperava o ritmo, a força permanecendo inalterável. – Não entendo as discrepâncias entre a Charlie que você está nos oferecendo e a Charlie que temos nos registros. Sua primeira visita a essa escola revolucionária ocorreu a 15 de julho do ano passado, um curso de dois dias para iniciantes, sobre o assunto geral do colonialismo e revolução. Todos foram de ônibus, um grupo de gente do teatro, inclusive Alastair. A segunda visita ocorreu um mês depois, também com Alastair. Nessa ocas ião, você e os outros ouviram um suposto exilado boliviano, que se recusou a dar o nome. Também falou um cavalheiro igualmente anônimo, alegando falar em nome do comando provisório do IRA, o exército republicano irlandês. Generosamente, você entregou às duas organizações cheques pessoais de cinco libras. Temos as fotocópias desses cheques.

– Foi por Al! Ele estava duro!

– A terceira vez foi um mês depois, quando participou de uma patética discussão sobre a obra do pensador americano Thoreau. O veredicto do grupo na ocasião, um veredicto que você subscreveu, foi de que, em matéria de militância, Thoreau não passava de um idealista irrelevante, com pouca compreensão prática do ativismo. . . em suma, um inútil. Você não apenas apoiou essa conclusão, mas também propôs uma resolução suplementar, pedindo maior radicalismo por parte de todos os camaradas.

– Foi por Al! Eu queria que eles me aceitassem. Queria agradar a Al. E esqueci tudo no dia seguinte.

– Veio setembro, você e Alastair voltaram, desta vez para uma sessão particularmente oportuna sobre o tema do fascismo burguês nas sociedades capitalistas ocidentais. Você teve uma participação destacada nas di scussões de grupo, regalando seus camaradas com muitas anedotas míticas sobre seu pai criminoso, a mãe fútil e sua criação repressiva em geral.

Charlie parara de protestar. Parara de pensar ou de ver. Toldara a visão, pegara um pedaço de carne da boca entre os dentes, mordia gentilmente, como uma punição. Mas não podia deixar de escutar, porque a voz de Marty não permitia.

– E a última ocasião ocorreu, quando Mike nos lembrou, em fevereiro deste ano, quando você e Alastair tiveram uma sessão cujo tempo apagou obstinadamente de sua memória, exceto por um breve momento anterior, quando recaiu nos insultos ao Estado de Israel. A discussão foi devotada de sta vez, com exclusividade, à lamentável expansão do sionismo mundial e suas ligações com o imperialismo americano. O protagonista principal foi um cavalheiro que supostamente representava a revolução palestina, embora se recusasse a dizer a que ala do grande movimento pertencia. Ele também se recusou, no sentido mais literal, a se revelar, pois tinha o rosto oculto por um gorro preto, o que lhe proporcionava uma aparência atraentemente sinistra. Continua a não se lembrar desse orador?

A pausa foi mínima, Kurtz não deu tempo a ela de responder, continuando prontamente: – O tema dele foi sua própria vida heroica como um grande guerreiro e matador de sionistas. "As armas constituem o meu passaporte para a pátria", declarou ele. "Não somos mais refugiados! Somos um povo revolucionário!" Ele causou um certo alarme e algumas pessoas, entre as quais você não estava incluída, acharam que fora longe demais.

Ele fez outra pausa, mas Charlie permaneceu em silêncio. Deslocando o relógio para mais perto, Kurtz sorriu para ela, um tanto tristemente.

– Por que não nos conta essas coisas, Charlie? Por que pula de um lugar para outro, sem saber que mentira nos dizer em seguida? Não lhe falei que precisamos de seu passado? E que gostamos muito dele?

Outra vez ele esperou pacientemente pela resposta de Charlie, mas em vão.

– Sabemos que seu pai nunca esteve na prisão. Os oficiais de justiça nunca estiveram em sua casa, não levaram seu pônei. O pobre coitado sofreu uma pequena e inepta falência, prejudicando apenas a um par de gerentes de banco locais. Foi dispensado com honra, se é essa a expressão correta. Muito antes de sua morte, alguns amigos levantaram um pouco de

dinheiro para ajudá-lo. E sua mãe permaneceu uma esposa orgulhosa e devotada. Não foi culpa de seu pai que você tenha deixado a escola prematuramente, mas apenas sua própria. Você se fez. . . um tanto disponível, digamos assim, a diversos rapazes da cidade local e a informação acabou chegando à direção da escola. Foi por isso expulsa às pressas da escola, como um elemento corruptor e potencialmente escandaloso, voltando para seus pais exageradamente indulgentes, que como sempre perdoaram suas transgressões, para sua grande frustração, esforçando-se ao máximo para acreditar em tudo o que lhes disse. Ao longo dos anos teceu uma ficção engenhosa em torno do incidente, a fim de fazê-lo suportável. Você própria passou a acreditar na ficção, embora secretamente a memória ainda vire pelo avesso, impelindo-a em muitas estranhas direções.

Mais uma vez, Kurtz transferiu o relógio para uma posição mais segura na mesa.

– Somos seus amigos, Charlie. Acha que poderíamos culpá-la por algo assim? Acha que não compreendemos que sua política é a manifestação de uma busca por dimensões e respostas que não teve quando mais precisava? Somos seus *amigos,* Charlie. Não somos medíocres, entediados, apáticos, suburbanos. conformistas. Queremos partilhar com você, aproveitá-la. Por que fica sentada aí, tentando nos enganar, quando tudo o que queremos ouvir de você, do princípio ao fim, é a verdade objetiva, sem adornos? Por que cria obstáculos a seus *amigos,* ao invés de nos dar a sua plena confiança?

A ira envolveu Charlie como um mar impetuoso. Levantou-a, purificou-a. Ela sentiu que estufava, adotava a ira como sua única e verdadeira aliada. Com o calculismo de seu ofício, deixou que a ira a dominasse por completo, enquanto ela própria, a criatura mínima lá no fundo, que sempre conseguia manter-se de pé, retirava-se aliviada para os bastidores, a fim de assistir. A ira suspendeu a confusão e amorteceu a angústia de sua desgraça, a ira desanuviou-lhe a mente e deu lucidez à visão. Dando um passo à frente, ela ergueu o punho para golpeá-lo. Mas ele era muito experiente, já fora o alvo de muitos golpes. Além do mais, Charlie tinha negócios inacabados às suas costas.

É verdade que foi Kurtz, com sua provocação deliberada, quem riscou o fósforo que ateou a explosão. Mas foi a astúcia de Joseph, a corte de Joseph e o silêncio enigmático de Joseph que acarretaram a sua verdadeira humilhação. Ela virou-se, deu dois passos na direção dele, esperando que alguém a detivesse. Mas ninguém o fez. Ela desferiu um chute e acertou na mesa, observando o abajur deslizar graciosamente para Deus sabe onde, antes de alcançar o limite do frio e se apagar com um estalido de surpresa. Charlie recuou o punho, esperando que ele se defendesse. Joseph não o fez e ela arremeteu para o lugar em que ele estava sentado, acertando-o na face, com toda força. Justava-lhe gritando todos os epítetos insultuosos, os mesmos que usara para Long Al, para sua vida vazia, emaranhada e mesquinha. Mas, no fundo, desejava que ele erguesse o braço ou a agredisse em retaliação. Acertou-o uma segunda vez, com a outra mão, querendo marcá-lo e machucá-lo todo. Esperou novamente que ele se defendesse, mas os olhos castanhos familiares continuaram a fitá-la, tão firmemente quanto um farol na tempestade. Atingiu-o mais uma vez, com a mão meio aberta, sentindo as articulações doerem. Mas viu o sangue escorrer pelo queixo dele. Estava gritando "porco fascista" e continuou a repeti-lo, sentindo que as forças se esvaíam a cada respiração. Viu Raoul, o *hippie* louro, parado na porta. Uma das moças, a sul-africana Rose, postou-se diante da janela francesa, os braços estendidos, no caso de Charlie tentar escapar para a varanda. Charlie desejava intensamente poder enlouquecer, a fim de que todos sentissem pena dela. Desejava ser apenas uma lunática desvairada esperando que a soltassem, não uma estúpida atriz radical, que apresentava débeis versões de si mesma, que negava o pai e a mãe e adotara uma fé dúbia a que não tinha coragem de renunciar. E o que havia até agora para substituí-la? Ouviu a voz de Kurtz, ordenando a todos em inglês que ficassem quietos. Viu Joseph virar-se, viu-o tirar um lenço do bolso e enxugar o lábio, tão indiferente a ela como estaria se fosse uma criança de cinco anos. Ela gritou "filho da puta" outra vez, acertou-o no lado da cabeça, um golpe ruidoso, com a mão aberta, que lhe entortou o pulso e deixou-o momentaneamente dormente. Mas, a esta altura, ela estava exausta e sozinha, tudo o que queria era que Joseph revidasse aos golpes.

– Fique à vontade, Charlie – disse Kurtz calmamente, de sua cadeira. –Já leu Frantz Fanon. A violência é uma força purificadora, lembra-se? Liberta-nos dos complexos de inferioridade, deixa-nos destemidos e restaura o amor-próprio.

Só havia uma saída para ela e foi a que adotou. Vergando os ombros, baixou o rosto para as mãos, dramaticamente, chorou desconsolada, até que, a um aceno de Kurtz, Rachel veio da janela e abraçou-a. Charlie ainda resistiu um pouco, mas logo se abandonou.

– Ela tem três minutos, não mais do que isso – avisou Kurtz, enquanto as duas se encaminhavam para a porta. – Ela não pode mudar de roupa nem assumir uma nova identidade. Tem de voltar direto para cá. Quero que o motor continue funcionando. Charlie, pare onde está por um momento. Espere. Eu disse *pare.*

Charlie parou, mas não se virou. Ficou imóvel, representando com as costas e se perguntando angustiada se Joseph estaria fazendo alguma coisa com o rosto cortado.

– Saiu-se muito bem, Charlie – disse Kurtz, sem qualquer condescendência. – Parabéns. Teve uma queda, mas recuperou-se. Mentiu, perdeu o caminho, mas resistiu e quando a fala terminou ainda foi capaz de exibir um acesso e atribuir todos os seus problemas ao resto do mundo. Estamos orgulhosos de você. Na próxima vez pensaremos numa história melhor para você contar. Volte depressa, está bem? O tempo se torna cada vez mais curto.

No banheiro, Charlie ficou de pé, a cabeça encostada na parede, chorando, enquanto Rachel enchia a pia com água e Rose ficava do lado de fora, para qualquer emergência.

– Não sei como você pôde aguentar a Inglaterra por tanto tempo – comentou Rachel, enquanto pegava a toalha e o sabonete. – Passei 15 anos lá antes de partirmos. Pensei que ia morrer. Conhece MacClesfield? É a própria morte. Ou pelo menos para um judeu. Com toda aquela classe, frieza e hipocrisia. Acho que MacClesfield é o lugar mais infeliz do mundo para um judeu. Eu costumava me lavar com suco de limão porque me chamavam de suja. Não chegue sozinha perto dessa porta, querida, ou terei de impedi-la.

Estava amanhecendo e, portanto, era a hora de deitar. Charlie estava de volta ao meio deles, o lugar que mais queria ficar, acima de qualquer outro. Disseram-lhe alguma coisa, jogaram alguma luz sobre a história, como um par de faróis iluminando de passagem um portal escuro, proporcionando um vislumbre indefinido do que está escondido além. Imagine só, disseram eles... e falaram de um amante perfeito, a quem ela jamais conhecera.

Charlie praticamente não se importava. Eles a queriam. Conheciam-na profundamente, conheciam sua fragilidade e pluralidade. E ainda assim a queriam. Haviam-na roubado, a fim de salvá-la. Depois de passar tanto tempo à deriva, ela encontrava a linha reta deles. Depois de tanta culpa e disfarce, a aceitação deles. Depois de todas as suas palavras, a ação deles, a abstinência, a devoção lúcida, e autenticidade, a verdadeira lealdade, para encher o vazio que se estendia e clamava dentro dela, como um demônio entediado, desde que podia se lembrar. Era como uma pluma, apanhada numa tempestade violenta. Mas, subitamente, para seu alívio espantado, o vento deles era o dominante.

Ela se recostou e deixou que a levassem, assumissem, possuíssem. Graças a Deus, pensou ela: uma pátria enfim. Vai representar a si mesma, só que ainda mais, disseram eles. E quando ela deixará de fazê-lo? A si mesma, com todos os blefes chamados, insistiram eles: encare sob esse ângulo. Encarem por qualquer ângulo que quiserem, pensou ela.

Estou escutando; e acompanho.

Haviam dado a Joseph a posição de autoridade, no centro da mesa. Litvak e Kurtz estavam sentados nos lados dele, como satélites. O rosto de Joseph estava esfolado no lugar em que ela o atingira, uma sucessão de pequenos machucados ao longo da linha do osso na face esquerda. Através das venezianas das janelas, fios de luz brilhavam no assoalho e na mesa de cavalete. Eles pararam de falar.

– Já tomou a decisão? – perguntou-lhe Charlie.

Joseph sacudiu a cabeça. 0 escuro da barba por fazer acentuava as concavidades de seu rosto. A luz pendendo do teto mostrava uma teia de rugas em torno dos olhos.

– Fale-me de novo a respeito da utilidade – sugeriu ela.

Ela sentiu que o interesse deles se contraía como uma corda. Litvak, as mãos brancas cruzadas à sua frente, os olhos úmidos fixados nela com uma ferocidade até então insuspeita; Kurtz, eterno e profético, o rosto vincado salpicado com uma poeira prateada. Em torno das paredes os garotos, devotos e imóveis, como se estivessem formando uma fila para a primeira comunhão.

– Dizem que você salvará vidas, Charlie – explicou Joseph, num tom isento, do qual toda insinuação teatral fora rigorosamente eliminada. Ela teria ouvido alguma relutância na voz dele? Se assim fora, servia apenas para enfatizar a gravidade de suas palavras. – Que você devolverá filhos a suas mães e ajudará a levar a paz a pessoas pacíficas. Dizem que homens e mulheres inocentes viverão. Por sua causa.

– E o que *você* diz?

A resposta dele parecia deliberadamente apática:

– Por que mais eu estaria aqui? Para um de nós, chamaríamos o trabalho de sacrifício, uma compensação pela vida. Para você. . . talvez não seja muito diferente, no final das contas.

– Onde você estará?

– Estaremos tão perto de você quanto for possível.

– Perguntei por você. No singular. Você, Joseph.

– Estarei por perto, é claro. Será a minha função.

E apenas a minha função, ele estava dizendo; nem mesmo Charlie podia se equivocar com a mensagem.

–Joseph estará perto de você durante todo o tempo, Charlie – interveio Kurtz, suavemente. – Joseph é um excelente profissional. Joseph, fale a ela sobre o fator tempo, por favor.

– Temos muito pouco – disse Joseph. – Cada hora é importante.

Kurtz ainda estava sorrindo, parecendo esperar que ele continuasse. Mas Joseph acabara.

Ela dissera "sim". Devia tê-lo feito. Ou pelo menos sim ao estágio seguinte, porque sentiu um ligeiro movimento de alívio ao seu redor. Mas depois, para seu desapontamento, não houve mais nada. Em seu estado de espírito hiperbólico, imaginara toda a audiência prorrompendo em aplausos: o exausto Mike afundando a cabeça entre as mãos brancas e chorando copiosamente; Marty, como o velho em que se convertera, pegando os ombros dela em suas mãos imensas – minha criança, minha filha – comprimindo seu rosto rude contra o dela; os jovens, de pés macios, rompendo as fileiras e se agrupando em torno dela, tocando-a. E Joseph abraçando-a efusivamente. Mas no teatro das ações, ao que parecia, as pessoas não faziam isso. Kurtz e Litvak estavam ocupados arrumando papéis, fechando pastas. Joseph conferenciava com Dimitri e a sul-africana Rose. Raoul estava removendo as sobras do chá e biscoitos açucarados. Rachel somente parecia preocupada com o que podia acontecer à nova recruta. Tocando no braço de Charlie, conduziu-a para o patamar, para o que chamou de uma boa dormida. Não haviam chegado à porta quando Joseph disse o nome dela baixinho. Fitava-a com uma curiosidade pensativa.

– Boa-noite, então – repetiu ele, como se as palavras constituíssem um enigma.

– Boa-noite para você também – respondeu Charlie, com um sorriso cansado, que deveria ter assinalado a cortina final.

Mas tal não aconteceu. Seguindo Rachel pelo corredor, Charlie ficou surpresa ao descobrir-se no clube londrino de seu pai, a caminho do anexo feminino para almoçar. Parando, ela olhou ao redor, tentando identificar a fonte da alucinação. E foi então que ouviu: o matraquear de um telex invisível, transmitindo as últimas cotações do mercado. Calculou que vinha de trás de uma porta parcialmente fechada. Mas Rachel apressou-a a passar além, antes que tivesse tempo de descobrir qualquer coisa.

Mas ninguém conduzira os três homens ao sono. Eles estavam de volta à sala de descanso, para onde o matraquear da máquina de código os convocara como uma cometa. Enquanto Becker e Litvak olhavam, Kurtz acomodou-se à mesa, decifrando com uma expressão de total incredulidade o último, inesperado, urgente e rigorosamente confidencial telegrama de Jerusalém. Por trás dele, podiam observar a mancha escura de suor espalhar-se pela camisa, como um ferimento que sangrava. O operador de rádio se retirara, despachado por Kurtz, assim que começara a ser transmitido o texto codificado de Jerusalém. Afora isso, o silêncio na casa era profundo. Se passarinhos cantavam ou carros passavam lá fora, eles não estavam ouvindo. Ouviam apenas o barulho do telex.

– Nunca o vi melhor, Peter – declarou Kurtz, para quem nunca era suficiente a atividade de quem quer que fosse. Ele estava falando em inglês, a língua do texto de Gavron. – Magistral, nobre, incisivo.

Ele arrancou uma folha e ficou esperando que a seguinte estivesse coberta.

– Tudo aquilo que uma garota à deriva poderia esperar de seu salvador. Não acha, Shimon? – A máquina recomeçou a transmitir. – Alguns dos nossos colegas em Jerusalém. . . como o Sr. Gavron, para indicar apenas um... questionaram a sua escolha. O Sr. Litvak aqui presente foi outro. Mas não eu.

Tinha plena confiança.

Murmurando uma imprecação, ele arrancou a segunda folha, antes de continuar:

– Peter é o melhor que já tive, declarei a eles. Um coração de leão, uma cabeça de poeta... minhas palavras exatas. Uma vida de violência não o insensibilizou, garanti. Como ela reage, Peter?

Kurtz chegou a virar a cabeça, inclinando-a um pouco, à espera da resposta de Becker.

– Não notou? – disse Becker.

Se Kurtz havia notado, não estava disposto a dizê-lo no momento. A mensagem encerrada, ele virou-se na cadeira giratória, segurando as folhas à sua frente, sob a luz da lâmpada. Mas foi Litvak, estranhamente, quem falou primeiro. . . Litvak descarregando uma impaciência acumulada, de maneira explosiva e estridente, que pegou seus dois colegas de surpresa.

– Eles plantaram outra bomba! – exclamou ele. – Conte logo! Onde foi? Quantos de nós foram mortos desta vez?

Kurtz sacudiu a cabeça lentamente e sorriu, pela primeira vez desde que a mensagem começara a ser transmitida.

– Talvez seja mesmo uma bomba, Shimon. Mas ninguém morreu dela. Ainda não.

– Deixe-o ler a mensagem – interveio Becker. – E não deixe que ele brinque com você.

Mas Kurtz preferiu extrapolar:

– Misha Gavron nos cumprimenta e envia três mensagens. Mensagem um: determinadas instalações no Líbano serão atingidas amanhã, mas os homens envolvidos evitarão as casas que são nossos objetivos. A segunda mensagem. . . – Ele empurrou os papéis para o lado. – ... a segunda mensagem é uma ordem, parecida em qualidade e percepção com a que recebemos no início da noite. Devemos abandonar o galante Dr. Alexis. Nenhum contato adicional. Misha Gavron entregou a ficha dele a alguns sábios psicólogos, que o declararam tão louco quanto um percevejo.

Litvak protestou novamente. Estridentemente, uma explosão súbita. Talvez o cansaço extremo o afetasse assim. Talvez fosse o calor, porque a noite se tornara muito quente. Kurtz, ainda exibindo o sorriso, falou-lhe gentilmente:

– Acalme-se, Shimon. Nosso galante líder está sendo apenas um pouco político e nada mais. Se Alexis pular o muro e houver um escândalo afetando o relacionamento de nosso país com um aliado extremamente necessário, Marty Kurtz é que vai levar as sobras. Se Alexis fica do nosso lado, mantém a boca fechada e faz o que mandarmos, Misha Gavron é que leva a glória. Sabe como Misha me trata. Sou o judeu dele.

– E qual é a terceira mensagem? – indagou Becker.

– Nosso líder lembra que resta muito pouco tempo. Diz que os cães estão latindo em seus calcanhares. Mas está se referindo a *nossos* calcanhares, é claro.

Por sugestão de Kurtz, Litvak saiu para arrumar suas coisas. Ficando a sós com Becker, Kurtz deixou escapar um suspiro de alívio. Muito mais relaxado, foi até a cama, pegou um passaporte francês, abriu-o e verificou os detalhes pessoais, gravando-os na memória.

– Você é o responsável por nosso sucesso, Peter – comentou ele, enquanto lia. – Qualquer lacuna, qualquer necessidade especial, trate de me avisar.

Becker assentiu.

– Os garotos disseram-me que vocês formaram um lindo casal lá na Acrópole. Como uma dupla de artistas de cinema.

– Agradeça a eles por mim.

Pegando um par de escovas de cabelo, Kurtz postou-se diante do espelho e começou a se arrumar.

– Num caso como este, com uma jovem envolvida, deixo tudo ao critério pelo responsável – comentou ele, pensativo, enquanto trabalhava. – As vezes é mais vantajoso manter-se a distância.

Ele jogou as escovas numa valise aberta.

– Também acho – disse Becker.

A porta se abriu. Litvak, usando terno e carregando uma pasta, estava impaciente pela companhia de seu chefe.

– Estamos atrasados – informou ele, lançando um olhar hostil para Becker.

Contudo, apesar da pressão crescente, Charlie não estava coagida. Ou pelo menos não de acordo com os padrões de Kurtz. Era um ponto que ele enfatizara desde o início. Uma base duradoura de moralidade era essencial para o plano. No estágio inicial ainda se podia falar em pressão, dominação, até mesmo de escravização sexual a algum Apoio menos escrupuloso que Becker, de confinar Charlie em circunstâncias fragmentadoras por algumas noites, antes de lhe oferecer a mão da amizade. Os psicólogos de Gavron, depois de lerem o dossiê dela, haviam apresentado várias sugestões absurdas, inclusive algumas que eram um tanto brutais. Mas foi a mentalidade operacional comprovada de Kurtz que acabou predominando contra o exército cada vez maior de peritos de Jerusalém. Voluntários lutam com mais empenho e por mais tempo, argumentara ele. Voluntários encontram meios de convencerem a si mesmos. Além do mais, quando se está propondo casamento a uma mulher, não é sensato estuprá-la primeiro.

Outros, entre os quais Litvak, haviam-se manifestado favoráveis a uma jovem israelense, que tivesse antecedentes do tipo de Charlie. Litvak se opunha visceralmente, como outros, à ideia de contar com a lealdade de uma *goy,* muito menos de uma inglesa. Kurtz discordara com igual veemência. Adorava a naturalidade de Charlie e cobiçava o original, não uma imitação. A tendência ideológica dela não o preocupava; quanto mais ela estivesse se afogando, argumentava ele, maior será o seu prazer por subir a bordo.

Contudo, outra escola de pensamento – pois a equipe era democrática desde que se ignorasse a tirania natural de Kurtz – defendera uma corte mais prolongada e gradativa, antes do sequestro de Yanuka, terminando como uma proposta objetiva e sóbria, nos termos clássicos do recrutamento para o serviço secreto. Mais uma vez, Kurtz estrangulara a sugestão no nascedouro. Uma mulher com o temperamento de Charlie não se decidia em horas ociosas de reflexão, garantiu ele – e, diga-se de passagem, o mesmo acontecia com Kurtz. Era melhor pressionar. Era melhor pesquisar e preparar tudo nos mínimos detalhes, levando-a depois de roldão num ímpeto irresistível. Becker concordara, depois de observar Charlie pessoalmente: o recrutamento por impulso era o ideal.

Mas o que vai acontecer se ela disser não?, protestaram muitos, inclusive Gavron. Seria terrível preparar tanta coisa, para depois ser abandonado no altar!

Nesse caso, disse Kurtz, teremos desperdiçado algum tempo, algum dinheiro e umas poucas orações. Ele se apegou a essa posição inflexivelmente, embora, no círculo mais íntimo, que compreendia a esposa e ocasionalmente Becker, confessasse que estava se metendo numa jogada terrivelmente arriscada. Mas talvez ele estivesse exagerando no comentário. Kurtz estava de olho em Charlie desde que ela aparecera no fórum. Destacara-a entre os demais participantes, andara fazendo indagações a respeito dela, mantivera-a em seus pensamentos. Reúne-se as ferramentas, procura-se pelas tarefas, vai-se improvisando ao longo do caminho, ele costumava dizer. A operação é orientada de acordo com os recursos.

Mas por que arrastar Charlie até a Grécia, Marty? E todos os outros com ela? Viramos uma instituição de caridade, subitamente esbanjando os nossos preciosos fundos secretos com atores ingleses de extrema-esquerda?

Mas Kurtz se mostrara intransigente. Exigia a escala necessária desde o início, sabendo que depois seria inevitavelmente contido. Como a odisseia de Charlie devia começar na Grécia, insistira ele, vamos levá-la à Grécia antes do tempo, a fim de que o clima estrangeiro e a magia da situação a desliguem mais facilmente dos vínculos domésticos. Vamos deixar o sol atenuá-la. E como Alastair nunca a deixaria ir sozinha, devia ser levado também... para ser removido no movimento psicológico apropriado, privando Charlie ainda mais de sua base de apoio psicológica. E como todos os atores se agrupam em famílias, só se sentindo seguros quando contam com a proteção do rebanho, como não houvesse nenhum outro método natural de arrastar o casal ao exterior... e, assim, um argumento levava a outro, até que a única lógica era a ficção e a ficção era uma teia que enredava a todos que tentavam varrê-la.

A remoção de Alastair, providenciada naquele mesmo dia em Londres, fora um divertido pós-escrito a todo o planejamento até aquele momento. A cena ocorreu justamente nos domínios de Ned Quilley, enquanto Charlie ainda estava profundamente adormecida. Ned estava-se presenteando com um pequeno refresco, na intimidade de sua sala, a fim de fortificar-se para os rigores do almoço. Estava no ato de abrir a garrafa de cristal quando foi surpreendido por uma torrente de obscenidades, pronunciadas num sotaque céltico por um homem, vindo do cubículo da Sra. Longmore lá embaixo e terminando com a exigência de que ela chamasse "o bode velho antes de eu ir buscá-lo à força". Imaginando qual dos seus clientes mais extravagantes resolvera ter o seu colapso nervoso em escocês e logo antes do almoço, Quilley foi cautelosamente até a porta, encostando o ouvido na madeira. Mas não conseguiu reconhecer a voz. Um momento depois houve um tropel de passos na escada e a porta foi aberta bruscamente. Diante dele estava o vulto cambaleante de Long Al. Quilley já o conhecia de visitas ocasionais ao camarim de Charlie, onde Alastair tinha o hábito de se sentar durante as apresentações dela, em companhia de uma garrafa, durante os seus prolongados períodos de ociosidade. Ele estava imundo, com uma barba de três dias, completamente embriagado. Quilley bem que tentou, em seu melhor estilo pickwickiano, exigir uma explicação para aquela afronta. Mas poderia muito bem ter poupado o fôlego. Além do mais, já enfrentara diversas cenas similares e a experiência lhe ensinara que o melhor é dizer o mínimo possível.

– Bicha velha desprezível! – comentou Alastair, amavelmente, sacudindo um dedo sob o nariz de Quilley. – Vou-lhe quebrar o pescoço, sua bicha descarada!

– Mas o que está acontecendo, meu caro?

– Vou chamar a polícia, Sr. Ned! – gritou a Sra. Longmore lá de baixo. – Estou discando nove-nove-nove agora!

– Sente-se e me explique imediatamente qual é o problema, ou a Sra. Longmore chamará a polícia – disse Quilley, firmemente.

– Estou discando! – gritou a Sra. Longmore, que já passara antes por situações similares.

Alastair sentou-se.

– Trate de se acalmar – disse Quilley, incisivo, autoritário. – Que tal tomar um café puro enquanto me conta o que fiz para ofendê-lo tanto?

A lista era longa. Quilley lhe pregara um truque sujo. Por causa de Charlie. Fingira haver uma companhia cinematográfica inexistente. Convencera o agente dele a enviar telegramas para Mikonos. Promovera uma conspiração com amigos espertos de Hollywood. Passagens de avião pagas, tudo para fazê-lo bancar o palhaço diante da turma. E para afastá-lo de Charlie.

Gradativamente, Quilley foi entendendo a história. Uma produtora de Hollywood, que se dera o nome de Pan Talent Celestial, telefonara para o agente dele da Califórnia, informando que o ator escolhido para o papel principal de um novo filme adoecera e solicitando testes imediatos de Alastair em Londres. Pagariam o que fosse necessário para conseguir o comparecimento dele. Ao saberem que Alastair estava na Grécia, enviaram um cheque visado no valor de 1.000 dólares ao escritório do agente. Alastair voltou das férias na maior ansiedade, mas ficou esperando por uma semana, sem que se fizesse qualquer teste. "Espere mais um pouco", diziam os telegramas. Todos os contatos eram efetuados por telegrama. "O teste é iminente." Alastair, já em estado de quase demência, recebeu no nono dia a instrução para se apresentar nos Shepperton Studios. Procure Pete Vyschinsky, no Estúdio D.

Não havia nenhum Vyschinsky no Estúdio D. Nem em qualquer outra parte. Não havia nenhum Pete.

O agente de Alastair telefonou para o número que lhe fora fornecido em Hollywood. A telefonista comunicou que a Pan Talent Celestial encerrara sua conta. O agente de Alastair ligou para outros agentes. Ninguém jamais ouvira falar da Pan Talent Celestial. A tragédia. Depois de dois dias bebendo, com o saldo dos mil dólares enviados para as despesas, Alastair concluíra que a única pessoa com motivo e capacidade para fazer uma coisa daquelas era Ned Quilley, conhecido no mercado como Desesperado Quilley. Ned nunca escondera sua aversão a Alastair nem a sua convicção de que ele era a influência nefasta por trás das posições políticas absurdas de Charlie. E por isso ele foi ao escritório de Quilley, com a intenção de torcer-lhe o pescoço. Depois de algumas xícaras de café, no entanto, Alastair passou a manifestar sua admiração eterna pelo anfitrião e Quilley mandou que a Sra. Longmore lhe chamasse um táxi.

Naquela mesma noite, com os Quilleys sentados no jardim aproveitando o sol de fim de tarde, antes do jantar – haviam investido recentemente em bons móveis de jardim, de ferro batido, feitos em moldes vitorianos – Marjory ouviu atentamente a história dele. Depois, para grande contrariedade do marido, desatou a rir.

– Mas que moça terrível! - comentou ela. – Deve ter encontrado um amante muito rico para pagar assim o afastamento do rapaz.

Ela observou a expressão de Quilley. Produtoras americanas que não tinham raízes. Telefones que não mais respondiam. Cineastas que não podiam ser encontrados. E tudo isso acontecendo em torno de Charlie. E do seu Ned.

– A coisa é ainda pior – murmurou Quilley, aflito.

– O que é pior, querido?

– Eles roubaram todas as cartas dela.

– Eles o quê?

Levaram todas as cartas que Charlie escrevera, explicou Quilley. Dos últimos cinco anos ou mais. Todos os *billets doux* de Charlie, escritos quando ela estava em excursão ou se sentindo solitária. Coisas maravilhosas. Descrições de produtores e membros do elenco. Os desenhos que ela gostava de fazer quando se sentia feliz. Tudo desaparecera. Fora levado do arquivo. Pelos dois americanos horríveis que não bebiam, Karman e seu companheiro repulsivo. A Sra. Longmore estava tendo um ataque por causa disso. A Sra. Ellis caíra doente.

Escreva-lhes uma carta de protesto, aconselhou Marjory.

Para quê?, indagou Quilley, angustiado. E para que endereço?

Converse com Brian, sugeriu Marjory.

Brian era apenas o seu advogado; o que ele poderia fazer?

Entrando na casa, Quilley serviu-se de uma dose de uísque e ligou a televisão. Estava na hora do noticioso do início da noite, mostrando o filme do último atentado a bomba brutal em algum lugar. Ambulâncias, guardas estrangeiros carregando os feridos. Mas Quilley não estava com ânimo de prestar atenção àquelas distrações frívolas. Eles haviam saqueado as coisas de Charlie do arquivo, repetia Quilley para si mesmo, insistentemente. De uma cliente. E no meu escritório. E o filho do velho Quilley cochilava depois do almoço, enquanto eles faziam isso! Há muitos anos que não se sentia tão deprimido e abalado.

8

Se ela sonhou, não teve conhecimento ao acordar. Ou talvez, como Adão, acordou e descobriu que o sonho era verdadeiro, pois a primeira coisa que viu foi um copo com suco de laranja ao lado da cama. A segunda foi Joseph, andando pelo quarto, abrindo armários, afastando as cortinas para deixar a luz do sol entrar. Fingindo estar ainda adormecida, Charlie observou-o através dos olhos semicerrados, da mesma forma como o observara na praia. A linha das costas feridas. A primeira geada da idade a se insinuar nos cabelos pretos. A camisa de seda outra vez, com seus acessórios de ouro.

– Que horas são? - perguntou Charlie.

– Três horas. – Ele deu um puxão na cortina. – Da tarde. Você já dormiu o bastante. Temos de seguir em frente.

E uma corrente de ouro, pensou Charlie, com o medalhão por dentro da camisa.

– Como está a boca? – perguntou ela.

– Parece que, infelizmente, nunca mais voltarei a cantar.

Ele foi até um velho guarda-roupa pintado, tirou um cafetã azul e estendeu numa cadeira. Ela não viu qualquer marca no rosto dele, além das olheiras de cansaço. Ele passou a noite acordado, pensou Charlie, recordando a absorção dele nos papéis em cima da mesa; ficara trabalhando.

– Lembra da nossa conversa antes de você ir deitar esta manhã, Charlie? Quando se levantasse, gostaria que fizesse o favor de pôr esta roupa. Ponha também as roupas de baixo que vai encontrar naquela caixa. Prefiro você de azul, hoje, com os cabelos escorridos. Sem nós.

– Tranças.

Ele ignorou a correção.

– As roupas são um presente meu e quero aconselhá-la sobre o que usar e como se apresentar. Sente-se, por favor. Examine o quarto com todo o cuidado.

Charlie estava nua. Segurando o lençol contra a garganta, ela sentou-se na cama, cautelosamente. Uma semana antes, na praia, ele poderia contemplar o corpo dela até se fartar. Mas isso fora uma semana antes.

– Memorize tudo o que vê. Somos amantes secretos e este quarto é o lugar em que passamos a noite. Aconteceu o que tinha de acontecer. Nós nos encontramos em Atenas, viemos para esta casa, descobrimos que estava vazia. Não havia Marty, Mike ou qualquer outra pessoa, apenas nós dois.

– Então quem é você?

– Estacionamos o carro na frente. A luz da varanda estava acesa quando chegamos. Eu abri a porta da frente, subimos correndo a escada, de mãos dadas.

– E a bagagem?

– Duas coisas. Minha valise e sua bolsa grande. Carreguei as duas.

– Nesse caso, como podia segurar minha mão?

Charlie pensou que estava sendo mais esperta, mas ele ficou satisfeito com a precisão dela.

– A bolsa com a alça arrebentada estava debaixo do meu braço direito. Segurava a valise com a mão direita. Assim, tinha a mão esquerda livre. Encontramos o quarto exatamente como está agora, com tudo preparado. Mal passamos pela porta e já estávamos nos abraçando. Não podíamos conter o nosso desejo por mais um segundo sequer.

Com dois passos, ele chegou à cama. Vasculhou entre as roupas de cama caídas no chão. Encontrou a blusa de Charlie e suspendeu-a para que ela a visse. Estava rasgada em todas as casas, faltavam dois botões.

– Frenesi - explicou ele, calmamente, como se frenesi fosse o dia da semana. – É essa palavra?

– Uma delas.

– Então é frenesi.

Ele jogou a blusa para o lado e permitiu-se um sorriso controlado.

– Quer um café?

– Boa ideia.

– Pão? Iogurte? Azeitonas?

– Café será suficiente. – Ele alcançara a porta quando Charlie chamou-o, em voz mais alta: – Desculpe tê-lo agredido, José. Deveria ter desfechado um dos famosos contra-ataques israelenses e me derrubado antes que eu fizesse qualquer coisa.

A porta se fechou, ela ouviu-o afastar-se pelo corredor. Ficou imaginando se ele voltaria. Sentindo-se totalmente irreal, Charlie saiu da cama, cautelosamente. É tudo uma pantomina, pensou ela. Cachinhos Dourados na casa do urso. Os indícios do deleite imaginário estavam espalhados ao redor: uma garrafa de vodca, faltando um terço, flutuando num balde de gelo. Dois copos, usados. Uma tigela de frutas, dois pratos, com cascas de maçã e caroços de uva. O *blazer* vermelho dobrado numa cadeira. A elegante valise de couro preto, com bolsos laterais, parte do equipamento de virilidade de qualquer executivo. Pendurado na porta, um quimono do tipo usado no caratê. Hermes de Paris. . . de seda preta. No banheiro, a sua bolsa de colegial, ao lado da mochila dele. Havia duas toalhas; ela usou a que estava seca. O cafetã azul, quando examinado, revelou ser bastante bonito, de algodão, gola alta, recatada, o papel fino da loja ainda por dentro: *Zelide, Roma e Londres.* As roupas de baixo eram de alta classe, típicas de uma vigarista, pretas, do seu tamanho. No chão, uma bolsa de couro nova, um par de sandálias elegantes, sem saltos. Ela experimentou uma das sandálias. Ajustava-se perfeitamente a seu pé. Vestiu-se e estava escovando os cabelos quando Joseph voltou ao quarto, trazendo o café numa bandeja. Os passos dele podiam ser pesados, assim como também podiam ser silenciosos, como se tivessem perdido a trilha sonora. Era alguém com uma ampla variedade de comportamentos furtivos.

– Eu diria que você está excelente – comentou ele, pondo a bandeja na mesa.

– Excelente?

– linda. Encantadora. Radiante. Já viu as orquídeas?

Charlie não tinha visto. Mas quando as contemplou agora, sentiu que seu estômago se revirava, como acontecera na Acrópole: um ramo de orquídeas douradas e cor de telha, com um pequeno envelope branco, encostado no vaso. Deliberadamente, ela terminou de escovar os cabelos, só depois pegou o envelope e foi para a *chaise longue,* sentando-se. Joseph permaneceu de pé. Abrindo o envelope, ela tirou um cartão simples, com as palavras "Eu a amo", escritas numa letra inclinada, que nada tinha de inglesa. E a assinatura familiar: M.

– Isso a faz lembrar de quê?

– Sabe muito bem.

– Então diga.

– Nottingham, o Barrie Theatre. York, o Phoenix. Stratford, o Cockpit. Você, na primeira fila, sem tirar os olhos de mim.

– A mesma letra?

– A mesma letra, a mesma mensagem, as mesmas flores.

– Você me conhece como Michel. M de Michel. – Abrindo a elegante valise preta, ele começou a guardar suas roupas lá dentro, rapidamente. E acrescentou, sem olhar para ela: – Sou tudo o que você sempre desejou. Para realizar o trabalho, não deve apenas se lembrar disso. É preciso acreditar, sentir, sonhar. Estamos construindo toda uma nova realidade, melhor do que a anterior.

Charlie largou o cartão e serviu-se de café, deliberadamente vagarosa, em contraposição à pressa evidente dele.

– Quem diz que é melhor?

– Você passou as férias em Mikonos com Alastair, mas no fundo de seu coração, em segredo, estava ansiando desesperadamente por mim, Michel. – Ele entrou no banheiro e voltou um momento depois com a mochila. – Não Joseph. . . Michel. Assim que as férias terminaram, você seguiu às pressas para Atenas. No barco, disse a seus amigos que queria passar alguns dias sozinha. Uma mentira. Tinha um encontro marcado com Michel. Não Joseph. . . Michel.

Ele ajeitou a mochila na valise.

– Pegou um táxi até o restaurante, lá encontrou-se comigo. Michel. De camisa de seda. Relógio de ouro. Lagostas pedidas. Tudo o que você viu. Levei folhetos para mostrar. Comemos o que comemos, conversamos muito excitados sobre coisas amenas, como dois amantes que voltam a se encontrar.

Ele tirou o quimono preto da porta.

– Dei uma gorjeta generosa e guardamos a conta, como você reparou. Levei-a à Acrópole, um passeio espetacular. Um

táxi especial, só meu, estava esperando. Dirigi-me ao motorista como Dimitri...

Charlie interrompeu-o:

– Então foi esse o único motivo para você levar-me à Acrópole.

– Não fui eu quem a levou. Foi Michel. Michel sente o maior orgulho de seu conhecimento de línguas, de sua capacidade de encenar as coisas. Ele adora os gestos floreados e românticos, as surpresas. É o seu mágico.

– Não gosto de mágicos.

– Ele também possui um interesse genuíno, se bem que superficial, em arqueologia.

– Então quem me beijou?

Dobrando cuidadosamente o quimono, ele ajeitou-o na valise. Era o primeiro homem que Charlie conhecia que sabia como arrumar uma mala.

– O motivo mais prático dele para levá-la à Acrópole foi o de receber discretamente o Mercedes, que, por motivos particulares, não queria levar à cidade na hora de maior movimento. Você não questiona o Mercedes, aceita-o como parte da magia de estar comigo, assim como aceita um sabor clandestino em tudo o que fazemos. Você aceita tudo. Apresse-se, por favor. Temos muito o que viajar de carro, muito o que falar.

– Mas qual é a sua situação, José? Também está apaixonado por mim ou tudo não passa de uma manobra?

Esperando pela resposta, ela teve uma visão dele se afastando fisicamente para o lado, a fim de que o vulto furtivo de Michel pudesse furtivamente se adiantar. Quando ele falou, Charlie quase que pôde tocar o aço da armadura protetora:

–Você ama Michel e acredita que Michel a ama.

– Mas estou certa?

– Ele diz que a ama e oferece todas as provas. O que mais um homem pode fazer para convencê-la, já que você não pode viver dentro da cabeça dele?

Ele estava outra vez contornando o quarto, mexendo nas coisas. Parou diante do cartão que acompanhara as orquídeas.

– De quem é esta casa? – perguntou Charlie.

– Nunca respondo a tais perguntas. Minha vida é um enigma para você. Tem sido assim desde que nos conhecemos e é assim que eu quero que continue. – Ele pegou o cartão e estendeu para Charlie. – Guarde isso em sua bolsa nova. Daqui por diante, espero que você dê a maior importância às pequenas lembranças minhas. Está vendo isto?

Ele tirou a garrafa de vodca do balde.

– Como um homem, naturalmente bebo mais do que você. Não bebo muito bem, fico com dor de cabeça, ocasionalmente com uma tremenda ressaca. Mas vodca é a bebida que gosto. – Ele tornou a largar a garrafa no balde. –Você pode tomar um copo pequeno, porque sou um homem emancipado. Mas, basicamente, não aprovo as mulheres bebendo.

Ele pegou um prato, mostrou a Charlie.

– Tenho uma preferência por coisas doces. Gosto de chocolate, bolos e frutas. Especialmente de frutas. Uvas, mas devem ser verdes como as uvas de minha aldeia natal. O que Charlie comeu ontem à noite?

– Não comi. Não nas circunstâncias. Apenas puxei um fumo depois do coito.

– Não permito fumar no quarto. Tolerei no restaurante de Atenas porque sou um homem liberado. Mesmo no Mercedes, permito que você fume ocasionalmente. Mas nunca no quarto. Se você sentiu sede durante a noite, tomou água da torneira. – Ele começou a vestir o *blazer* vermelho. – Notou como a torneira gorgolejou?

– Não.

– Então não gorgolejou. Às vezes acontece, outras não.

– Ele não é um árabe? – indagou Charlie, ainda observando-o atentamente. – É o seu arquétipo do árabe chauvinista. Foi do carro dele que se apropriou.

Joseph estava fechando a valise. Empertigando-se, contemplou-a por um segundo, em parte calculista, em parte com rejeição, como ela não pôde deixar de sentir.

– Ele é mais do que apenas um árabe. É mais do que apenas chauvinista. Não há nada de comum nele, muito menos a

seus olhos. Vá até a cama, por favor. – Ele esperou, enquanto Charlie obedecia, observando-a com a maior intensidade. – Meta a mão por baixo do meu travesseiro. Devagar... e com o maior cuidado. Eu durmo no lado direito.

Cautelosamente, como ele ordenara, Charlie meteu a mão por baixo do travesseiro frio, imaginando o peso da cabeça adormecida de Joseph a comprimi-lo.

– Encontrou? Eu disse para tomar cuidado.

Ela havia encontrado, José.

– levante-o com cuidado. A trava de segurança está solta. Michel não tem o hábito de avisar antes de atirar. O revólver é como um filho para nós. Partilha cada cama em que dormimos. Nós o chamamos de "nosso filho". Mesmo quando estamos empenhados num amor ardente, nunca mexemos nesse travesseiro, nunca esquecemos o que está por baixo. É assim que vivemos. Está percebendo agora que não sou um homem comum?

Ela contemplou o revólver, repousando em sua palma. Pequeno. De tonalidade marrom, impecavelmente bem proporcionado.

– Já usou um revólver antes? – perguntou Joseph.

– Muitas vezes.

– Onde? Contra quem?

– No palco. Noite após noite após noite.

Ela entregou-lhe o revólver e observou-o guardar dentro do *blazer,* tão naturalmente como se estivesse guardando a carteira. Seguiu-o para baixo. A casa estava vazia, inesperadamente fria. O Mercedes esperava no pátio. A princ ípio, Charlie queria apenas sair, ir para qualquer lugar, partir pela estrada. O revólver deixara-a assustada e precisava de movimento. Mas quando ele começou a seguir na direção do carro, alguma coisa a fez virar-se e contemplar o reboco amarelo se desfazendo, as flores vermelhas, as janelas fechadas, as velhas telhas vermelhas. Ela compreendeu, tarde demais, como tudo era bonito, como era acolhedor, justamente no momento em que partia. É a casa da minha juventude, concluiu ela; uma das muitas juventudes que nunca tive. É a casa na qual nunca me casei, Charlie não de azul mas de branco, minha maldita mãe em lágrimas, as despedidas e tudo o mais.

– *Nós* também existimos? – perguntou ela, ao ingressarem no tráfego noturno. – Ou apenas os outros dois existem?

Houve novamente a pausa de três minutos, antes que ele respondesse: – Claro que existimos. Por que não? – Depois o sorriso adorável, o sorriso pelo qual ela daria qualquer coisa. – Somos berkeleyanos. Se não existimos, como eles poderiam existir?

O que é um berkeleyano?, pensou Charlie. Mas ela era orgulhosa demais para perguntar.

Por 20 minutos, pelo relógio no painel, Joseph praticamente não falou. Mas Charlie podia sentir o relaxamento nele. Ou melhor, uma preparação metódica, antes do ataque.

– Está pronta, Charlie? – perguntou ele, subitamente.

Estou pronta, José.

– No dia 23 de junho, uma sexta-feira, você está representando *Santa Joana* no Barrie Theatre, em Nottingham. Não está com a sua companhia regular. No último momento foi chamada a substituir uma atriz que não compareceu. O cenário está atrasado, o equipamento de iluminação ainda não chegou, você passou o dia inteiro ensaiando, duas pessoas do elenco estão gripadas. A situação está bem clara em sua memória?

– Está, sim.

Desconfiando da jovialidade dela, Joseph lançou-lhe um olhar inquisitivo. Mas, aparentemente, não pôde encontrar qualquer coisa para objetar. Era fim de tarde. O crepúsculo se adensava rapidamente, mas a concentração de Joseph possuía o imediatismo da luz do sol. É o elemento dele, pensou Charlie; é isso o que ele faz melhor na vida, esse ímpeto implacável é a explicação que estava faltando até agora.

– Minutos antes da cortina se levantar, um ramo de orquídeas douradas e cor de telha é entregue para você na porta do palco, com um bilhete endereçado a Joana. "Joana, eu a amo profundamente."

– Não há porta do palco.

– Há uma entrada dos fundos para entregar as coisas nos bastidores. Seu admirador, quem quer que fosse, tocou a campainha e entregou as orquídeas ao porteiro, um certo Sr. Lemon, juntamente com uma nota de cinco libras. 0 Sr. Lemon

ficou devidamente impressionado com a gorjeta generosa e prometeu entregar as orquídeas a você imediatamente. Ele entregou?

– Entrar nos camarins das mulheres, sem ser anunciado, é a coisa que Lemon mais gosta de fazer.

– Diga-me o que fez quando recebeu as orquídeas.

Charlie hesitou por um instante.

– A assinatura era M.

– M está correto. O que você fez?

– Nada.

– Isso é absurdo.

Ela ficou contrariada.

– O que acha que eu deveria fazer? Eu só tinha dez segundos para entrar em cena.

Um caminhão empoeirado derrapava na direção deles, na contramão. Com uma despreocupação impressionante, Joseph levou o Mercedes para o acostamento de terra e acelerou.

– Então você jogou orquídeas no valor de trinta libras na cesta de lixo, deu de ombros e entrou em cena. Perfeito. Meus parabéns.

– Pus as orquídeas na água.

– E onde pôs a água?

A pergunta inesperada aguçou a memória de Charlie.

– Num pote de pintura.

– Encontrou um pote, encheu de água, pôs as orquídeas na água. Muito bem. E quais eram os seus sentimentos enquanto fazia isso? Estava impressionada? Excitada?

A pergunta pegou-a de certa forma desprevenida.

– Continuei com o espetáculo – disse ela, soltando uma risadinha, sem ter a intenção. – Esperei para ver quem iria aparecer.

Eles pararam num sinal de trânsito. A imobilidade criava uma nova intimidade.

– E o "eu a amo"?

– O teatro não é assim? Todo mundo ama todo mundo, pelo menos durante parte do tempo. Mas gostei do *profundamente*. Era um toque de classe.

O sinal mudou e eles tornaram a partir.

– Não pensou em correr os olhos pelo público, à procura de alguém que reconhecesse?

– Não havia tempo.

– E no intervalo?

– Dei uma olhada no intervalo, mas não avistei ninguém que conhecesse.

– E o que fez depois do espetáculo?

– Voltei a meu camarim, mudei de roupa, esperei por algum tempo. Pensei "ele que se foda" e fui para casa.

– A casa sendo o Astral Commercial Hotel, perto da estação ferroviária.

Charlie perdera há muito a capacidade de ficar surpresa com ele.

– O Astral Hotel –concordou ela. – Perto da estação.

– E as orquídeas?

– Levei-as para o hotel.

– Mas não pediu ao Sr. Lemon uma descrição da pessoa que levou as orquídeas?

– Pedi no dia seguinte. Não na mesma noite.

– E que resposta obteve de Lemon, quando o interrogou?

– Ele disse que era um cavalheiro estrangeiro, mas respeitável. Perguntei pela idade, ele riu e disse que era a idade certa. Tentei pensar num M estrangeiro, mas nada me ocorreu.

– Em todos os seus relacionamentos, não havia um único M estrangeiro? Você me desaponta.

– Absolutamente nenhum.

Os dois sorriram por um instante, embora não um para o outro.

– Muito bem, Charlie. Vamos ao Dia Dois, uma matinê de sábado, seguindo-se a sessão da noite, como sempre. . .

– E você lá estava, não é mesmo? No centro da primeira fila, com seu lindo *blazer* vermelho, cercado por colegiais, todos tossindo e querendo ir ao banheiro.

Irritado com a indiferença dela, Joseph concentrou toda sua atenção em guiar, por algum tempo. Ao recomeçar, o interrogatório tornou-se mais incisivo, fazendo com que suas sobrancelhas se unissem, numa carranca de mestre-escola.

– Gostaria que me fizesse o favor de descrever os seus sentimentos com exatidão, Charlie. É o meio da tarde, o auditório está meio claro porque as cortinas são precárias. Eu diria que estamos menos num teatro e mais numa vasta sala de aula. Estou na primeira fila, tenho uma aparência inequivocamente estrangeira, uma atitude estrangeira, roupas estrangeiras, destacando-me entre as crianças. Você tem a descrição minha que Lemon fez. Além disso, não desvio os olhos de você. Não desconfia, a esta altura, que sou o homem das orquídeas, o estranho que se assinou M e alegou amá-la profundamente?

– Claro que imaginei. Mais do que isso, tive certeza.

– Como? Conferiu com Lemon?

– Não havia necessidade. Eu simplesmente sabia. Vi-o ali, fitando-me daquele jeito, e pensei: "Então é você. Quem quer que você seja." E depois, quando a cortina baixou ao final da matinê e você permaneceu no lugar, mostrando a entrada para a sessão da noite. . .

– Como soube que fiz isso? Quem lhe disse?

Você também é desse tipo, pensou Charlie, acrescentando mais um elemento de reconhecimento dele ao seu álbum, gradativamente acumulado, com tanta dificuldade: depois que consegue o que quer, vira um macho desconfiado.

– Você mesmo se revelou. É uma companhia pequena, num teatro pequeno, de segunda classe. Não recebemos muitas orquídeas. . . um ramo por década é a média. E também não temos muitos espectadores que vejam o espetáculo por duas vezes seguidas. – Charlie fez uma pausa. E não pôde resistir à pergunta: – Foi uma chatice, José? Não gostou do espetáculo? Como pôde aguentar duas vezes consecutivas? Ou gostou tanto que não foi um sacrifico?

– Foi o dia mais monótono de toda a minha vida – respondeu ele, sem a menor hesitação. No momento seguinte o rosto dele se transformou, assumindo o melhor sorriso que podia existir, de tal forma que parecia ter-se esgueirado pelas barras do que o confinava. – Para dizer a verdade, achei que você estava de fato excelente.

Charlie não protestou desta vez contra a escolha do adjetivo.

– Quer fazer o favor de bater agora com o carro, José? Seria maravilhoso para mim. Morreria agora.

Antes que ele pudesse evitar, Charlie pegou-lhe a mão e deu um beijo na articulação do polegar.

A estrada era reta mas esburacada, com morros e árvores nos dois lados cobertos pela poeira de uma fábrica de cimento. Os dois estavam em sua própria cápsula, onde a proximidade de outras coisas em movimento só contribuía para tomar o mundo deles ainda mais particular. Charlie tomava a se aproximar dele, em sua mente e na história de Joseph. Era uma combatente, aprendendo a ser um soldado.

– Continue a me contar as coisas, por favor. Além das orquídeas, recebeu outros presentes enquanto estava trabalhando no Barrie Theatre?

– A caixa – respondeu Charlie, com um sobressalto, antes mesmo de fazer a encenação de pensar.

– Que caixa?

Ela já esperava a pergunta e manifestou sua aversão por ele, pensando que fosse justamente isso o que Joseph queria.

– Foi alguma brincadeira. Algum maluco me enviou a caixa para o teatro. Registrada, entrega especial.

– Quando foi isso?

– No sábado. O mesmo dia em que você compareceu à matinê e ficou no teatro.

– E o que havia na caixa?

– Nada. Era uma caixa de joia vazia. Registrada e vazia.

– Muito estranho. Examinou o rótulo no embrulho?

– Estava escrito com caneta esferográfica azul. Em letras maiúsculas.

– Mas se era uma remessa registrada, devia conter também o nome do remetente.

– Era ilegível. Parecia ser Marden. Mas podia ser Hordern. Remetido de um hotel local.

– Onde foi que abriu?

– No meu camarim, entre as sessões.

– Estava sozinha na ocasião?

– Estava.

– E o que pensou?

– Achei que alguém estava querendo zombar de mim por causa de minhas posições políticas. Já tinha acontecido antes. Cartas nojentas. Amante de negros. Pacifista comuna. Uma bomba de cheiro jogada pela janela do meu camarim. Pensei que fosse mais uma deles.

– Não relacionou a caixa vazia com as orquídeas de alguma forma?

– José, eu gostei das orquídeas. E gostei de você.

Ele havia parado o carro. Um ponto de parada no meio de uma área industrial. Caminhões passavam ruidosamente. Por um momento, Charlie pensou que ele poderia virar o mundo ao avesso e agarrá-la, tão paradoxal e irregular era a tensão nela. Mas ele não o fez. Em vez disso, meteu a mão na bolsa na porta, ao seu lado, tirando um envelope reforçado, registrado, com lacre na aba e uma forma quadrada dentro, uma réplica do que Charlie recebera naquele dia. Com o carimbo postal de Nottingham, dia 22 de junho. Na frente, o nome dela e o endereço do Barrie Theatre, escritos com uma caneta esferográfica azul. No verso, o rabisco do remetente, como antes.

– Fazemos agora a ficção – anunciou Joseph, calmamente, enquanto ela revirava o envelope entre as mãos. – À realidade antiga, impomos a nova ficção.

Perto demais dele para confiar em si mesma, Charlie não respondeu.

– Foi um dia agitado e cansativo. Você está em seu camarim, entre as sessões. 0 pacote, ainda fechado, a espera. Quanto tempo lhe resta antes de voltar ao palco?

– Dez minutos. Talvez menos.

– Muito bem. Agora abra o embrulho.

Charlie lançou-lhe um olhar rápido, mas ele fitava fixamente o horizonte inimigo. Ela examinou o envelope, tornou a olhar para ele, enfiou um dedo na aba do envelope, abriu-o. A mesma caixa vermelha de joia, só que mais pesada. Um pequeno envelope branco, aberto, com um cartão branco dentro. *Para Joan, espírito da minha liberdade. Você* é *fantástica. Eu a amo!* A letra era inconfundível. Mas em vez de "M", a assinatura era "Michel", em letras grandes, com o "1" final virado para trás, um traço para sublinhar a importância do nome. Ela sacudiu a caixa e sentiu um barulho no interior.

– Meus dentes – comentou ela, jocosamente, mas sem conseguir destruir a tensão em si mesma ou nele. – Devo abri-la? O que tem dentro?

– Como posso saber? Faça a mesma coisa que teria feito no camarim. Charlie levantou a tampa. Uma pulseira de ouro, com pedras azuis, repousava no forro de cetim.

– Santo Deus! – murmurou ela, fechando a caixa bruscamente. – 0 que tenho de fazer para merecer isto?

– Muito bem, essa é a sua reação inicial – disse Joseph, prontamente. – Dá uma olhada, fecha a caixa. Não se esqueça. Exatamente isso. Foi a sua reação, daqui por diante, sempre.

Tornando a abrir a caixa, Charlie retirou cautelosamente a pulseira e sopesou-a na mão. Mas não tinha experiência de joias, além das imitações que ocasionalmente usava no palco.

– É de verdade? – perguntou ela.

– Infelizmente, não há peritos no momento que possam aconselhá-la. Tire a sua própria conclusão.

– É uma pulseira antiga – murmurou Charlie, depois de algum tempo.

– Muito bem, você concluiu que é antiga.

– E pesada.

– Antiga e pesada. Não é uma fantasia de Natal, não é um brinquedo de criança, mas sim uma joia autêntica. O que você faz?

A impaciência de Joseph abria uma vasta distância entre os dois, ela pensativa e transtornada, ele sempre prático. Charlie estudou as marcas na pulseira, mas nada compreendeu. Raspou o metal de leve com a unha. Sentiu-o oleoso e macio. Joseph consultou seu relógio de ouro.

– Tem muito pouco tempo, Charlie. Deve voltar ao palco em um minuto e meio. O que você faz? Deixa a pulseira no camarim?

– Claro que não.

– Estão chamando-a. Precisa ir, Charlie. Deve tomar uma decisão.

– Pare de me pressionar! Dou a Millie para guardar. Ela é a minha substituta eventual.

A sugestão não convinha a Joseph.

– Você não confia nela.

Charlie estava quase em desespero.

– Guardo no banheiro. Por trás do vaso.

– Óbvio demais.

– Na cesta de papel. Cobrindo completamente.

– Alguém pode entrar para esvaziar a cesta. Pense.

– José, pare... Já sei! Guardo por trás do material de maquilagem. Isso mesmo. Numa das prateleiras de cima. Há anos que ninguém faz uma limpeza ali.

– Ótimo. Você põe no fundo da prateleira e se apressa para ocupar seu lugar. Está atrasada. Charlie, Charlie, o que andou fazendo? A cortina se levanta. Certo?

– Certo –balbuciou Charlie, deixando escapar todo um galão de ar.

– Quais são os sentimentos? *Agora.* Sobre a pulseira... e sobre quem a mandou?

– Hã... estou assustada... não é isso?

– Por que deveria ficar assustada?

– Não posso aceitar. . . deve ter custado muito dinheiro... é valiosa...

– Mas você já aceitou. Assinou o recibo de entrega e escondeu a pulseira.

– Só até terminar a sessão.

– E o que fará depois?

– Claro que devolverei. Não é isso?

Relaxando um pouco, ele também deixou escapar um suspiro de alívio, como se tivesse acabado de comprovar sua tese.

– Até lá, como se sente?

– Espantada. Abalada. Como quer que eu me sinta?

– Ele está a poucos metros de você, Charlie. Os olhos estão fixados em você, com uma paixão intensa. Ele está assistindo à terceira sessão consecutiva da peça. Mandou-lhe orquídeas e uma joia, já disse duas vezes que a ama. Uma vez normalmente, a outra profundamente. Ele é bonito. Mais bonito do que eu.

Em sua irritação, Charlie ignorou, por um momento, a intensificação da autoridade dele ao descrever o pretendente.

– Então meu coração se incendeia por ele – disse ela, sentindo-se acuada e tola ao mesmo tempo. Uma pausa e ela

acrescentou, bruscamente: – Mas isso não significa que ele já seja vitorioso.

Cuidadosamente, como se tentasse não incomodá-la, Joseph tornou a ligar o carro. A última claridade do dia se desvanecera, o tráfego se reduzira a uma linha intermitente e irregular. Estavam contornando o Golfo de Corinto. No outro lado da água cor de chumbo, um comboio de petroleiros seguia para oeste, como se atraídos magneticamente pelo brilho do sol que desaparecia. Acima deles, uma serra sobressaía mais escura no crepúsculo. A estrada se bifurcou. Começaram a subir, uma curva depois de outra, na direção do céu vazio.

– Lembra como a aplaudi? – perguntou Joseph. – Lembra como fiquei de pé, num chamado de cortina depois de outro?

Claro que me lembro, José. Mas ela não confiava em si mesma para dizê-lo em voz alta.

– Nesse caso... também lembra agora da pulseira.

Ela se lembrava. Um ato de imaginação por ele. . . um presente em retribuição a seu benfeitor lindo e desconhecido. O epílogo encerrado, os aplausos terminados, ela correu para o camarim, pegou a pulseira, removeu a maquilagem em tempo recorde e vestiu-se, para ir ao encontro dele o mais depressa possível.

Mas tendo sido conivente com a versão dos acontecimentos de Joseph até aquele momento, Charlie abruptamente recuou, um senso tardio das conveniências vindo em seu socorro.

– Espere um pouco... um momento, por favor... por que *ele* não vem me procurar? Ele é que está se oferecendo. Por que não fico no camarim, esperando que ele apareça, ao invés de partir à procura dele?

– Talvez ele não tenha coragem. Sente-se intimidado demais diante de você. Por que não? Você deixou-o abalado.

– Mas por que eu não fico esperando para ver o que acontece? Só um pouco.

– Qual é a sua intenção, Charlie? Pode me explicar, por favor, o que está dizendo a ele em sua mente?

– Estou dizendo: "Tome isto de volta. Não posso aceitar."

O tom de Charlie era virtuoso.

– Muito bem. Vai se arriscar a que ele desapareça na noite, para nunca mais tornar a voltar, deixando-a com esse presente valioso, que tão sinceramente se recusa a aceitar?

Embora contrafeita, Charlie concordou em sair à procura dele.

– Mas como? – insistiu Joseph. – Onde poderá encontrá-lo? Onde deve procurar primeiro?

A estrada estava vazia, mas ele guiava devagar, a fim de que o presente se intrometesse ao mínimo possível.

– Eu daria a volta pelos bastidores – disse ela, antes de pensar direito. –Sairia pela porta dos fundos, daria a volta pela rua até o saguão do teatro. E o encontraria no momento em que saísse.

– Por que não atravessar logo o auditório?

– Porque teria de abrir caminho através da multidão. Ele já teria ido embora muito antes que eu o alcançasse.

Joseph pensou por um momento.

– Nesse caso, vai precisar de sua capa.

Mais uma vez, ele estava certo. Ela esquecera a chuva de Nottingham naquela noite, um aguaceiro incessante, ao longo de todo o espetáculo. Começou tudo de novo. Depois de trocar de roupa com a velocidade do raio, ela pôs a capa nova, a capa francesa, comprida, prendeu o cinto e saiu para a chuva, desceu apressadamente pela rua, virou a esquina, encaminhando-se para a frente do teatro...

– Só para descobrir os espectadores apinhados sob a marquise, esperando a chuva passar – interrompeu-a Joseph. – Por que está sorrindo?

– Preciso do meu lenço amarelo na cabeça. . . o que usei naquele comercial de televisão.

– Mesmo em sua pressa, você não esquece o lenço amarelo na cabeça. Vamos em frente. Com um lenço amarelo na cabeça, Charlie corre pela chuva, à procura de seu ardoroso apaixonado. Chegando ao saguão apinhado. . . quem sabe gritando "Michel, Michel"? O que acha? É lindo. Só que seus gritos são inúteis. Michel não está lá. O que você faz agora?

– Você escreveu isso, José?

– Não importa.

– Volto para o meu camarim?

– Não lhe ocorre procurar no auditório?

– Claro.

– E por onde entra?

– Pelos bastidores. É lá que você estava sentado.

– Onde Michel estava. Você entra pelos bastidores, empurra a porta, a porta cede. O Sr. Lemon ainda não a trancou. Entra no auditório vazio, vai avançando lentamente pelo corredor.

– E lá está ele – disse Charlie, suavemente. – É uma cena por demais surrada.

– Mas funciona.

– Tem razão.

– Porque lá está ele, ainda no mesmo lugar, no meio da primeira fila. Olhando para a cortina, como se assim pudesse fazer que levantasse de novo, proporcionando a visão de sua Joana, o espírito da liberdade, a quem ele ama profundamente: – Mas que coisa horrível! – murmurou Charlie.

Mas Joseph ignorou-a e seguiu em frente:

– O mesmo lugar em que ele esteve sentado pelas últimas sete horas.

Quero ir para casa, pensou Charlie. Um sono comprido e sozinha, no Astral Hotel. Quantos destinos uma mulher pode suportar num único dia? Pois ela não podia mais deixar de perceber o tom extra de garantia dele, a crescente atração, enquanto descrevia o novo admirador dela.

– Você hesita, mas acaba chamando-o. Michel! O único nome que conhece. Ele se vira para fitá-la, mas não se mexe. Ele não sorri, não a cumprimenta, não demonstra por qualquer forma o seu considerável charme.

– E o que ele faz?

– Nada. Fica contemplando-a, com seus olhos profundos e apaixonados, desafiando-a a falar. Você pode julgá-lo arrogante, pode julgá-lo romântico. Mas ele não é um homem comum, não é tímido nem dado a pedir desculpas. Veio reivindicá-la. É jovem, cosmopolita, bem vestido. Um homem de ação e dinheiro, desprovido de qualquer sinal de inibição. – Joseph passou para a primeira pessoa. – Você vem se aproximando de mim pelo corredor, já compreendendo que a cena não está se desenvolvendo como esperava. Aparentemente, é você e não eu quem terá de dar as explicações. Você tira a pulseira do pulso. Estende para mim. Eu não faço qualquer movimento. Os pingos de chuva escorrem por você, de maneira sedutora.

A estrada estava conduzindo-os a um morro sinuoso. A voz incisiva de Joseph, aliada ao ritmo mesmerizante das curvas sucessivas, forçavam a mente dela cada vez mais para o labirinto da história.

– Você fala alguma coisa. O que diz? – Como não obtivesse resposta, Joseph apresentou sua própria resposta: – "Não o conheço. Obrigada, Michel. Sinto-me lisonjeada. Mas não o conheço e não posso aceitar o presente." Você diria isso? Claro que poderia dizer. Só que, provavelmente, melhor.

Charlie quase não o estava ouvindo. Via-se parada diante dele, no auditório, estendendo a caixa, contemplando os olhos escuros. E minhas botas novas, pensou ela, as botas marrons de cano longo que comprei como presente de Natal para mim mesma. . . estragadas pela chuva! Mas quem se importa?

Joseph estava continuando seu conto da carochinha:

– Eu continuo absolutamente calado. Você saberá, por sua experiência teatral, que não há nada como o silêncio para estabelecer a comunicação. Se o pobre coitado não fala, o que você pode fazer? Sente-se na obrigação de falar de novo. Diga-me o que fala a mim desta vez.

Com uma timidez indesejável, lutando com sua imaginação delirante.

– Pergunto quem ele é.

– Meu nome é Michel.

– Isso eu já sei. Michel o quê?

– Não há resposta.

– Pergunto o que você está fazendo em Nottingham.

– Estou-me apaixonando por você. Continue.

– Oh, José...

– Continue!

– Ele não pode me dizer isso!

– Então diga a ele!

– Argumento com ele. Faço um apelo.

– Então vamos ouvi-la. Ele está esperando por você. Charlie. Fale com ele.

– Eu diria...

– O quê?

– Escute, Michel. . . é muita generosidade sua. . . sinto-me lisonjeada... mas desculpe... é demais.

Ele estava desapontado e censurou-a solenemente:

– Você é capaz de se sair muito melhor, Charlie. Ele é um árabe. . . mesmo que você ainda não saiba disso, pode pelo menos desconfiar. Está recusando o presente dele. Tente de novo, com mais empenho.

– Não é justo com você, Michel. As pessoas frequentemente sentem obsessões por atrizes. . . e atores. . . acontece todos os dias... não é motivo para continuar a sofrer.. . apenas por uma... por uma ilusão.

– Está bom. Continue.

Estava saindo mais facilmente. Charlie detestava ser manipulada daquele jeito, assim como detestava a manipulação por qualquer produtor. Mas não podia negar seus efeitos.

– Representar é apenas isso, Michel. Ilusão. O público senta-se aqui, esperando ser encantado. Os atores ficam de pé lá em cima, esperando encantá-lo. Nós conseguimos. Mas não posso aceitar isto. É linda. – Ela estava se referindo à pulseira. – Linda demais. Não posso aceitar coisa alguma. Nós enganamos vocês. E isso é tudo. O teatro não passa de ilusão, Michel. Não passa de vigarice. Será que pode me entender? Significa que você foi enganado.

– Eu permaneço calado.

– Pois faça-o falar!

– Por quê? Você já está carecendo de convicção? Não se sente respo nsável por mim? Tão jovem assim... e tão bonito... desperdiçando meu dinheiro com orquídeas e joias caras?

– Claro que sim! Já lhe disse isso!

– Pois então me proteja – insistiu ele, em tom impaciente. – Salve-me da minha paixão.

– Estou tentando!

– A pulseira custou-me cem libras, até você pode calcular isso. Por tudo o que você sabe, no entanto, o custo se eleva a milhares de libras. Posso tê-la roubado para você. Matado. Penhorado minha herança. Tudo por você. Estou perdidamente apaixonado, Charlie. Seja caridosa. Exercite seu poder.

Em sua imaginação, Charlie sentou-se ao lado de Michel. As mãos cruzadas no colo, ela estava-se inclinando para a frente, ansiosamente, a fim de argumentar com ele. Era uma babá para ele, uma mãe. Uma amiga.

– Eu lhe digo que ficaria desapontado se me conhecesse na realidade.

– As palavras exatas, por favor.

Charlie respirou fundo.

– Escute, Michel, sou apenas uma moça comum. Tenho uma porção de problemas, não sou nenhuma Joana d'Arc. Não sou virgem, não sou guerreira; Deus e eu não trocamos uma só palavra desde que fui expulsa da escola por. . . não vou dizer essa parte. Sou apenas Charlie, uma mulher insignificante do Ocidente.

– Excelente. Continue.

– Você tem de parar com isso, Michel. Estou fazendo o que posso para ajudar, entende? Assim, leve isto de volta, guarde

seu dinheiro e suas ilusões... e obrigada. Com toda sinceridade, obrigada. Obrigada de verdade. E ponto final.

– Mas você não quer que ele mantenha suas ilusões – objetou Joseph, secamente. – Ou quer?

– Está certo. Desista de suas malditas ilusões!

– E como termina?

– Assim mesmo. Ponho a pulseira no assento ao lado dele e vou embora. Obrigada, mundo. E adeus. Se eu apressar para chegar ao ponto de ônibus, estarei no Astral a tempo de pegar a canja de galinha.

Joseph estava estarrecido. Era o que dizia seu rosto. A mão esquerda largou o volante, num raro se bem que limitado gesto de súplica.

– Mas como pode fazer uma coisa dessas, Charlie? Não sabe que poderei cometer suicídio se me deixar? Que passarei o resto da noite vagueando pelas ruas de Nottingham, sob a chuva? Sozinho? Enquanto você se deita ao lado de minhas orquídeas e do meu bilhete, no aconchego de seu elegante quarto de hotel.

– Elegante? As pulgas de lá são terríveis!

– Você não tem senso de responsabilidade? Logo você, entre todas as pessoas, defensora dos oprimidos. . . por um rapaz que se apaixonou por sua beleza e seus talentos, por seu ardor revolucionário?

Ela tentou contê-lo, mas Joseph não lhe deu a oportunidade:

– Você possui um coração afetuoso, Charlie. Outras mulheres poderiam pensar em Michel naquele momento como um sedutor refinado. Mas não você. Acredita nas pessoas. E é assim que se sente naquela noite, com Michel. Sem pensar em si mesma, está sinceramente comovida por ele.

No horizonte, à frente deles, uma aldeia decrépita subia pela encosta. Inclinando a cabeça, Charlie avistou as luzes de uma taverna, à beira da estrada.

– Seja como for, sua reação é irrelevante nesse momento, porque Michel decide finalmente lhe falar –recomeçou Joseph, lançando-lhe um olhar rápido. – Com um sotaque estrangeiro, suave e sedutor, em parte francês, em parte alguma outra coisa, ele fala com você sem qualquer inibição ou timidez. Diz que não está interessado em discussões, você é tudo com que sempre sonhou, deseja tornar-se seu amante, de preferência ainda esta noite, chama-a de Joana, embora você lhe tenha dito que é Charlie. Se acompanhá-lo ao jantar e depois ainda não quiser nada com ele, vai considerar a possibilidade de aceitar a devolução da pulseira. Mas você insiste que ele tem de aceitar a pulseira de volta agora. Já tem um amante. Além do mais, é ridículo, não há qualquer lugar para se jantar fora em Nottingham, às dez e meia de uma noite chuvosa de sábado. Você diria isso? É verdade?

– Aquilo é uma porcaria – murmurou Charlie, recusando-se a fitá-lo.

– E o jantar. . . você diria especificamente que o jantar é um sonho impossível?

– Só pode ser comida chinesa ou peixe com batata frita.

– Apesar de tudo, você fez uma perigosa concessão a ele.

– Como?

– Fez uma objeção prática: "Não podemos jantar juntos porque não há nenhum restaurante." Poderia muito bem dizer que não podem deitar juntos porque não há cama. Michel sente isso. E afasta todas as suas hesitações. Conhece um lugar, já reservou tudo. Muito bem. Podemos jantar. Por que não?

Saindo da estrada, ele foi parar o carro no estacionamento de cascalho diante da taverna. Aturdida com a transposição da ficção passada ao presente, estranhamente exultante com a pressão e aliviada por saber que, no final das contas, Michel não a deixara, Charlie permaneceu sentada no carro. E o mesmo fez Joseph. Ela virou-se para ele e seus olhos divisaram, às luzes lá de fora, a direção do olhar dele. Joseph olhava para as mãos dela, ainda cruzadas no colo, a mão direita por cima. O rosto dele, até onde ela podia discerni-lo, estava rígido e impassível. Inclinando-se, ele pegou o pulso direito dela, com uma confiança rápida, precisa, levantando-o, revelando o pulso por baixo, em torno do qual estava a pulseira de ouro, retinindo no escuro.

– Devo lhe dar os parabéns – comentou ele, impassivelmente. – Estou vendo que as mulheres inglesas não perdem muito tempo.

Furiosa, Charlie retirou a mão bruscamente.

– Qual é o problema? Estamos com ciúme?

Mas ela não podia feri-lo. Ele tinha o rosto que não se podia marcar. Quem é você?, pensou Charlie, desesperada, enquanto o seguia para a taverna. Ele? Ou você? Ou ninguém?

9

Por mais que Charlie pudesse pensar em contrário, a verdade é que ela não era o único centro do universo de Kurtz naquela noite; nem o de Joseph; e muito menos o de Michel.

Muito antes de Charlie e seu amante suposto se despedirem da casa em Atenas, quando ainda estavam, na ficção, nos braços um do outro, dormindo depois do frenesi, Kurtz e Litvak estavam castamente sentados em filas diferentes de um avião da Lufthansa, a caminho de Munique, viajando sob a proteção de países diferentes: para Kurtz, a França; para Litvak, o Canadá. Ao desembarcar, Kurtz seguiu imediatamente para a Vila Olímpica, onde os supostos fotógrafos argentinos aguardavam-no ansiosamente. Litvak foi para o Hotel Bayrischer Hof, onde foi recebido por um perito em munições que conhecia apenas pelo nome de Jacob, um homem que vivia suspirando, dando a impressão de ser de outro mundo, usando um casaco de camurça todo manchado e levando um maço de mapas em larga escala, numa pasta de plástico. Apresentando-se como agrimensor, Jacob passara os últimos três dias fazendo levantamentos meticulosos na auto-estrada de Munique para Salzburgo. Sua tarefa era calcular o efeito provável, numa variedade de circunstâncias climáticas e de condições de tráfego, de uma grande carga explosiva, detonada à beira da estrada, às primeiras horas de uma manhã útil. Tomando várias xícaras de um excelente café no saguão, os dois homens debateram as diversas sugestões de Jacob. Depois, num carro alugado, percorreram lentamente todos os 100 quilômetros, perturbando o tráfego mais rápido e parando em quase todos os pontos que eram permitidos e alguns que não eram.

De Salzburgo, Litvak continuou sozinho para Viena, onde um novo grupo aguardava-o, com transporte novo e caras novas. Litvak transmitiu-lhes as instruções numa sala à prova de som da embaixada israelense. Depois de cuidar de diversos outros assuntos de menor importância, inclusive a leitura dos últimos boletins de Munique, ele levou o novo grupo para o sul, num comboio irregular, até a fronteira iugoslava. Com a naturalidade de turistas de verão, fizeram um reconhecimento de todos os estacionamentos urbanos, estações ferroviárias e praças pitorescas, antes de se distribuírem por várias pensões humildes, na região de Villach. A rede assim estendida, Litvak voltou apressadamente a Munique, a fim de cuidar do preparativo crucial da isca.

O interrogatório de Yanuka estava entrando no quarto dia quando Kurtz chegou para assumir o comando. Até esse momento, desenvolvera-se com uma suavidade irritante.

– Vocês têm seis dias no máximo com ele – advertira Kurtz aos dois interrogadores, em Jerusalém. – Depois de seis dias, seus erros serão permanentes, assim como os dele.

Era um trabalho que atraía Kurtz. Se pudesse estar em três lugares ao mesmo tempo, ao invés de apenas dois, ele teria-se encarregado pessoalmente. Mas não podia e por isso escolhera como seus substitutos aqueles dois especialistas, corpulentos, mas de tratamento suave, famosos por seus talentos histriônicos e um ar comum de lúgubre jovialidade. Não eram parentes e também não eram amantes, ao que se sabia, mas haviam trabalhado em uníssono por tanto tempo que se tinha uma impressão de duplicação. Quando Kurtz os convocara pela primeira vez à casa na Disraeli Street, as quatro mãos pousaram na beira da mesa, como as patas de dois cachorros. A princípio, ele os tratara asperamente, porque os invejava e encarava a delegação como uma derrota. Dera-lhes apenas uma ideia vaga da operação, depois ordenara que estudassem a ficha de Yanuka e só voltassem a se apresentar quando a conhecessem de cor e salteado. Quando eles voltaram, depressa demais para seu gosto, Kurtz os tratara como se também fosse um interrogador, formulando-lhes perguntas a respeito da infância de Yanuka, estilo de vida, padrões de comportamento, qualquer coisa para perturbá-los. Mas eles se mostraram perfeitos. Relutante, Kurtz convocara seu Comitê Literário, formado pela Srta. Bach, o poeta Leon e o velho Schwili, que ao longo das semanas haviam unido suas excentricidades e se convertido numa equipe coesa. A exposição de Kurtz sobre a ocasião fora um clássico da arte da obscuridade.

– A Srta. Bach fica na supervisão, manipulando todos os cordões – começara ele, à guisa de apresentação dos novos membros. Depois de 35 anos, seu hebraico ainda era notoriamente horrível. – A Srta. Bach controla toda a matéria bruta. Prepara os boletins para transmissão ao campo. Fornece orientações a Leon. Confere as composições dele, certifica-se de que se enquadram no plano geral para a correspondência.

Se os interrogadores sabiam de alguma coisa antes, agora sabiam ainda menos. Mas mantiveram-se de boca fechada.

– Depois de aprovar uma composição, a Srta. Bach convoca uma reunião conjunta com Leon e o Sr. Schwili. – Já se passara uma centena de anos desde que alguém chamara Schwili de "senhor". – Nessa reunião são acertados o papel, tinta, caneta, o estado emocional e físico do autor, nos termos da ficção. Ele ou ela está deprimido ou animado? Está furioso? A

cada item projetado, a equipe considera a ficção inteira, em todos os seus aspectos.

Gradativamente, apesar da determinação do novo chefe de mais insinuar do que transmitir expressamente as informações, os interrogadores começaram a discernir os contornos do plano de que agora participavam.

– Talvez a Srta. Bach tenha no arquivo uma amostra original da letra... uma carta, cartãopostal, diário. . . que possa servir como modelo. Talvez não tenha. – Com um gesto brusco do antebraço direito, Kurtz parecera empurrar as duas possibilidades para eles, através da mesa. – Depois de todas essas providências e somente então, o Sr. Schwili cuida da falsificação. O Sr. Schwili não é um mero falsário, mas um verdadeiro artista. Seu trabalho será impecável.

Kurtz fizera questão de dar essa advertência.. . e era melhor que não esquecessem.

– Concluída sua obra, o Sr. Schwili a entrega à Srta. Bach. Para verificação adicional, impressões digitais, registro. Alguma pergunta?

Sorrindo suavemente, os interrogadores responderam que não tinham perguntas a fazer.

– Comecem pelo fim –gritara-lhes Kurtz, ao saírem. – Podem voltar ao começo mais tarde, se houver tempo.

Outras reuniões foram realizadas, tratando da questão mais delicada de decidir a melhor maneira de convencer Yanuka a concordar com os planos, em prazo tão curto. Uma preleção sobre drogas alucinatórias e desintegradoras levara a melhor. Houvera uma procura apressada de outros interrogadores que as tivessem usado, com sucesso. Assim, acrescentou-se ao planejamento a longo prazo, como sempre acontecia, um clima de improvisação de última hora, que Kurtz e todos os outros adoravam. As ordens definidas, Kurtz despachara os interrogadores para Munique antes do tempo, a fim de armarem os equipamentos de som e iluminação, além de ensaiarem os guardas nos papéis que iriam desempenhar. Chegaram parecendo uma banda de dois homens, com bagagem pesada e ternos como os de Satchmo. O comitê de Schwili seguiu dois dias depois, instalando-se discretamente no apartamento de baixo, apresentando-se como negociantes de selos vindo à cidade para um grande leilão. Os vizinhos não estranharam a história. Eram judeus, comentaram entre si, mas quem se importa com isso atualmente? Afinal, há muito que os judeus já se haviam tornado uma coisa normal. E é claro que seriam negociantes. O que mais se podia esperar? Por companhia, eles tinham, além do computador portátil da Srta. Bach, gravadores, fones diversos, engradados com comida em lata e um rapaz, magro, chamado Samuel, o pianista, encarregado de operar o pequeno aparelho de telex, ligado diretamente ao comando de Kurtz. Samuel mantinha um revólver Colt muito grande num bolso especial do colete. Ao transmitir, o revólver ficava batendo contra a mesa. Mas ele nunca o tirava.

A distribuição dos aposentos ficou sob a responsabilidade da Srta. Bach. Para Leon, por causa de sua tranquilidade, ela designou o quarto de criança. Nas paredes, corças de olhos ternos comiam sossegadas imensas margaridas. Samuel ficou com a cozinha, com o acesso natural ao pátio dos fundos, onde ele instalou sua antena, na qual pendurava as meias de criança. Mas quando Schwili viu o quarto que lhe fora reservado, onde iria dormir e também trabalhar, não pôde conter um gemido espontâneo de consternação.

– Olhem só para a minha luz! Com uma luz assim um homem não pode falsificar uma carta nem para a própria avó!

Com Leon transbordando de criatividade nervosa e se encolhendo diante dessa tempestade inesperada, a pragmática Srta. Bach compreendeu imediatamente o problema: Schwili precisava de mais luz para seu trabalho – mas também, depois de tantos anos na prisão, para a alma. Ela telefonou prontamente para o apartamento superior; os rapazes argentinos desceram, os móveis foram mudados de lugar, sob a orientação dela. A mesa de Schwili foi colocada junto à janela grande da sala de estar, com vista para folhas verdes e o céu. A própria Srta. Bach instalou uma rede grossa para aumentar a privacidade dele, determinando também que Leon providenciasse uma extensão do seu abajur. Depois, a um aceno da Srta. Bach, todos se retiraram, deixando Schwili sozinho. É verdade que Leon ficou a observá-lo, discretamente, através de sua porta.

Sentando diante do sol da tarde, quase mergulhando no horizonte, Schwili começou a arrumar suas preciosas tintas, canetas e papéis, tudo em seu lugar apropriado, como se o dia seguinte fosse do seu grande exame. Ele removeu as abotoaduras e lentamente esfregou as palmas para esquentá-las, embora já estivesse bastante quente, mesmo para um antigo prisioneiro. Tirou o chapéu. Puxou um dedo de cada vez, soltando as articulações com uma salva de estalidos. E acomodou-se para esperar, como fizera por toda a sua vida adulta.

O astro que todos esperavam voou para Munique naquela mesma noite, pontualmente, através de Chipre. Não havia câmaras à espera para celebrar sua chegada, pois ele lá chegou de maça, acompanhado por um enfermeiro e um médico particular. O médico era autêntico, embora o mesmo não se pudesse dizer de seu passaporte; Yanuka, por sua vez, era um homem de negócios britânico, de Nicósia, chegando a Munique para uma cirurgia cardíaca. Um maço de documentos médicos impressivos confirmava o fato, mas as autoridades alemãs do aeroporto nem se deram ao trabalho de consultá-los. Uma

olhada contrafeita para o rosto inerte do paciente revelou-lhes tudo o que precisavam saber. Uma ambulância levou o grupo na direção do hospital-geral da cidade, mas entrou numa rua transversal antes de lá chegar. Como se o pior tivesse acontecido, entrou no pátio coberto do estabelecimento de um agente funerário amigo. Na Vila Olímpica, os dois fotógrafos argentinos foram vistos levando um cesto grande de roupa, com uma etiqueta "Cuidado –Vidro", de seu furgão ao elevador de serviço. Não havia a menor dúvida, comentaram os vizinhos, de que estavam acrescentando mais uma extravagância a seu estoque já imenso de equipamentos. Houve especulações divertidas sobre a reação dos negociantes de selos ao gosto dos argentinos em matéria de música. Certamente haveriam de se queixar, pois os judeus viviam reclamando de tudo. Enquanto isso, lá em cima, eles tiraram o que havia na cesta. Com a ajuda do médico, verificaram que nada ficara quebrado da viagem. Minutos depois, estenderam-no com todo cuidado no chão da cela acolchoada, onde ele deveria despertar cerca de meia hora depois, embora sempre fosse possível que o capuz à prova de luz, colocado em sua cabeça, retardasse o processo. 0 médico retirou-se pouco depois. Era um homem consciencioso. Temendo pelo futuro de Yanuka, arrancara de Kurtz a garantia de que não seria obrigado a fazer qualquer coisa que representasse uma concessão a seus princípios médicos.

Em menos de 40 minutos, eles viram Yanuka puxar as correntes, primeiro os pulsos, depois os joelhos, em seguida os quatro juntos, como uma crisálida tentando romper sua pele, até que presumivelmente compreendeu que estava preso de cabeça para baixo sobre colchões; pois ele parou, pareceu avaliar a situação e soltou um gemido especulativo. Em seguida, abruptamente, Yanuka começou a soltar um grito angustiado depois de outro, co ntorcendo-se, esperneando, com um vigor que os fez ficarem gratos pelas correntes. Depois de observarem o desempenho por algum tempo, os interrogadores se retiraram, deixando tudo aos cuidados dos guardas, até que a tempestade de fúria amainasse. Provavelmente a cabeça de Yanuka estava repleta de histórias terríveis a respeito da brutalidade dos métodos israelenses. Provavelmente, em sua confusão, ele queria realmente que os captores israelenses correspondessem à reputação que tinham, fazendo com que seus terrores se convertessem em realidade. Mas os guardas se recusaram a atendê-lo. Tinham ordens para bancarem os carcereiros ameaçadores, mas mantendo-se a distância e não causando nenhum ferimento. Eles obedeciam à risca, mesmo que isso muito lhes custasse, especialmente a Oded. A partir do momento da chegada ignominiosa de Yanuka ao apartamento, os olhos jovens de Oded ficaram impregnados de ódio. A cada dia que passava ele parecia mais angustiado e pálido, até que no sexto dia seus ombros estavam completamente rígidos, apenas da tensão de ter Yanuka vivo sob o mesmo teto.

Yanuka pareceu finalmente mergulhar no sono outra vez e os interrogadores concluíram que estava na hora de começar. Tocaram gravações do tráfego matutino, acenderam diversas luzes intensas e, juntos, levaram-lhe o café da manhã. . . embora ainda não fosse meia-noite. Ordenaram aos guardas que o soltassem e deixassem comer como um ser humano, não como um cachorro. Depois gentilmente, removeram o capuz, pois queriam que o primeiro contato deles fosse com seus rostos bondosos, que nada tinham de judeus, contemplando-o com uma preocupação paternal.

– Nunca mais ponham essas coisas nele – disse um dos interrogadores aos guardas, em inglês, jogando o capuz e as correntes para um canto, com uma fúria simbólica.

Os guardas se retiraram, Oded em particular exibindo uma relutância teatral. Yanuka consentiu em tomar uma xícara de café, enquanto seus dois novos amigos observavam. Sabiam que Yanuka sentia uma sede intensa, pois haviam pedido ao médico que a induzisse, antes de ir embora. Assim, o café devia ter um gosto maravilhoso, não importando o que estivesse misturado a ele. Sabiam também que a mente de Yanuka estava num estado de fragme ntação de sonho e por isso mesmo indefesa, em determinadas áreas importantes, como no oferecimento de compaixão. Depois de diversas outras visitas conduzidas dessa maneira, algumas com apenas poucos minutos de intervalo, os interrogadores resolveram que estava na hora de se apresentarem. Em linhas gerais, o plano era o mais antigo que havia, mas continha algumas variações engenhosas.

Disseram em inglês que eram observadores da Cruz Vermelha. Eram súditos suíços, mas residentes ali, na prisão. Que prisão, onde, não estavam autorizados a revelar, embora insinuassem que podia ser em Israel. Apresentaram impressivos passes da prisão, em plástico bem manuseado, com fotografias carimbadas e cruzes vermelhas em linhas onduladas, como dinheiro, a fim de evitar uma falsificação fácil. Explicaram que a função deles era cuidar para que os israelenses respeitassem as regras relativas aos prisioneiros de guerra, fixadas pela Convenção de Genebra – embora Deus soubesse que isso não era nada fácil. Estavam ali também para proporcionar uma ligação de Yanuka com o mundo exterior, na medida em que fosse permitido pelos regulamentos da prisão. Disseram que estavam pressionando a direção da prisão a tirá-lo da solitária e transferi-lo para a ala dos árabes, mas sabiam que um "interrogatório rigoroso" poderia começar a qualquer momento. Até lá, os israelenses pretendiam mantê-lo astuciosamente no isolamento. Explicaram que às vezes os israelenses se perdiam inteiramente em suas obsessões e esqueciam por completo de sua imagem. Pronunciaram a palavra "interrogatório" com evidente aversão, como se desejassem conhecer uma palavra melhor. Oded reapareceu nesse momento, conforme as instruções, simulando estar ocupado com providências sanitárias. Os interrogadores prontamente pararam de falar, esperando

que ele se retirasse.

Apresentaram então um formulário impresso, ajudando Yanuka a preenchê-lo, com sua própria mão: o nome aqui, companheiro, endereço, data de nascimento, pais, qualificações, religião e todo o resto, desculpe.mas os regulamentos exigem. Yanuka atendeu, acuradamente, apesar de uma relutância inicial. Esse primeiro sinal de colaboração foi devidamente registrado pelo Comitê Literário, lá embaixo, com evidente satisfação, embora a letra de Yanuka fosse bastante irregular, por causa das drogas.

Antes de se retirarem, os interrogadores entregaram a Yanuka um folheto impresso, informando seus direitos, em inglês. Deram-lhe também um tapinha confortador no ombro e duas barras de chocolate suíço. E chamaram-no pelo primeiro nome, Salim. Durante uma hora, do cômodo adjacente, observaram-no pela luz infravermelha, enquanto ele ficava deitado na escuridão total, chorando e sacudindo a cabeça. Depois acenderam as luzes e entraram ruidosamente na cela, gritando jovialmente: – Olhe só o que trouxemos para você! Vamos, Salim, acorde logo. Já é de manhã.

Era uma carta, endereçada a ele. Carimbo postal de Beirute, enviada aos cuidados da Cruz Vermelha, com a informação de que fora aprovada pelo censor da prisão. Era de sua irmã predileta, Fatmeh, que lhe dera o amuleto de ouro para pendurar no pescoço. Schwili a falsificara, a Srta. Bach compilara tudo, o talento de camaleão de Leon proporcionara o tom autêntico da afeição de Fatmeh. Os modelos eram as cartas que Yanuka recebera dela, enquanto estava sob vigilância. Fatmeh mandava o seu amor e esperava que Salim demonstrasse coragem, quando chegasse a sua hora. Com isso, ela parecia estar-se referindo ao temido interrogatório. Dizia que decidira abandonar seu namorado e o trabalho, voltando aos estudos de ciências sociais na Universidade de Sidon, porque não podia mais suportar ficar tão longe da fronteira de sua amada Palestina, enquanto Yanuka se encontrava numa situação tão desesperadora. Ela o admirava, haveria sempre de admirá-lo, jurara Leon. Até o túmulo e além, Fatmeh amaria o seu heroico irmão; Leon não se esquecera disso. Yanuka aceitou a carta com uma indiferença simulada. Mas assim que tornaram a deixá-lo sozinho, ele se agachou numa posição devota, a cabeça virada nobremente para o lado e para cima, como um mártir à espera da espada, enquanto comprimia contra o rosto a carta de Fatmeh.

– Exijo que me tragam papel – disse ele aos guardas, resolutamente, quando eles voltaram para varrer a cela, cerca de uma hora depois.

Foi como se ele não tivesse falado. Oded até bocejou.

– Exijo papel! Exijo a presença dos representantes da Cruz Vermelha! Quero escrever uma carta para minha irmã Fatmeh, nos termos da Convenção de Genebra!

Essas palavras também foram favoravelmente recebidas lá embaixo, já que provavam que a primeira oferta do Comitê Literário obtivera a aceitação de Yanuka. Os guardas saíram, ostensivamente para indagarem aos superiores o que fazer. Voltaram com algumas folhas de papel timbrado da Cruz Vermelha. Também entregaram a Yanuka um folheto impresso, Conselhos aos Prisioneiros, explicando que apenas cartas em inglês seriam encaminhadas aos destinatários "e desde que não contivessem mensagens ocultas". Mas não havia caneta. Yanuka exigiu uma caneta, suplicou, gritou, chorou, tudo em câmara lenta. Mas os guardas insistiram que a Convenção de Genebra nada dizia a respeito de canetas. Os dois interrogadores apareceram meia hora depois, exibindo uma raiva indignada e levando uma caneta, em que estava gravado "Pela Humanidade".

Cena a cena, a farsa continuou, por várias horas, com Yanuka, em seu estado enfraquecido, lutando em vão para rejeitar a mão estendida da amizade. A resposta que escreveu a Fatmeh foi clássica: uma carta desconexa de três páginas, repleta de conselhos, autocomiseração e posições ousadas, proporcionando a Schwili a primeira amostra "limpa" da letra de Yanuka, sob tensão emocional. Leon teve também uma amostra excelente do estilo de prosa dele em inglês.

"Minha querida irmã, dentro de uma semana enfrentarei o teste fatídico da minha vida, em que seu grande espírito vai me acompanhar." Essa parte foi motivo de um boletim especial para Atenas.

– Mande-me tudo – determinara Kurtz à Srta. Bach. – Nada de silêncio. Se não estiver acontecendo coisa alguma, então avise-me que nada está acontecendo.

Para Leon, ele acrescentara, mais firmemente:

– Providencie para que ela mande uma mensagem a cada duas horas. O melhor seria de hora em hora.

A carta de Yanuka para Fatmeh foi a primeira de uma longa correspondência. Havia ocasiões em que as cartas se cruzavam, outras em que Fatmeh respondia às perguntas quase no instante mesmo em que eram formuladas. E ela também fazia suas próprias perguntas.

Comecem pelo fim, dissera-lhes Kurtz. O fim, naquele caso, era quilômetros de conversa aparentemente irrelevante. Hora após hora, os dois interrogadores conversaram com Yanuka, com uma cordialidade incessante, fortalecendo-o com sua imperturbável sinceridade suíça, como ele devia pensar, reforçando sua resistência contra o dia em que o carrasco israelense

o arrastasse para a inquisição. Em primeiro lugar, procuraram saber a opinião dele sobre quase tudo o que gostava de discutir, lisonjeando-o por sua curiosidade e reação respeitáveis. Confessaram timidamente que nunca se haviam interessado muito pela política, sempre preferindo situar o homem acima das ideias. Um deles citou a poesia de Robert Burns, que por acaso era um dos autores prediletos de Yanuka. Às vezes quase parecia que estavam-lhe pedindo para convertê-los à sua maneira de pensar, tão receptivos se mostravam a seus argumentos. Perguntaram por suas reações ao mundo ocidental, depois de passar ali um ano ou mais, a princípio em termos gerais, depois de país em país, escutando extasiados as generalizações sem nada de original: o egocentrismo dos franceses, a ganância dos alemães, a decadência dos italianos.

E a Inglaterra?, perguntaram eles, inocentemente.

A Inglaterra é o pior de todos os países!, respondeu Yanuka, decidido. A Inglaterra estava decadente, falida e sem rumo; a Inglaterra era o agente do imperialismo americano; a Inglaterra era tudo o que havia de pior e seu maior crime fora o de entregar o país dele aos sionistas. Ele lançou-se a mais uma diatribe contra Israel e os interrogadoras deixaram-no falar. Não queriam, naquele estágio inicial, provocar qualquer suspeita de que as viagens dele pela Inglaterra eram de interesse especial. Pediram-lhe que falasse da infância, os pais, sua casa na Palestina. Constataram, com uma satisfação silenciosa, que ele nunca mencionava o irmão mais velho. Mesmo agora, o irmão mais velho estava totalmente excluído da vida de Yanuka. Notaram que, apesar da posição favorável em que se encontravam, Yanuka falava apenas de coisas consideradas inofensivas à sua causa.

Escutaram com ostensiva simpatia as histórias de atrocidades sionistas, assim como as reminiscências de seu tempo de goleiro no vitorioso time de futebol do acampamento, em Sidon.

– Fale-nos de sua melhor partida – insistiram eles. – Conte-nos qual foi a sua melhor defesa. Fale da taça que ganhou e quem estava presente quando o grande Abu Ammar entregou a você pessoalmente.

Hesitante, timidamente, Yanuka atendeu. Lá embaixo, os gravadores giravam, com a Srta. Bach registrando tudo, parando apenas para preparar os boletins que entregava a David, a fim de serem transmitidos para Jerusalém e Atenas. Enquanto isso, Leon descobria-se num paraíso particular. De olhos semicerrados, absorvia o estranho inglês falado de Yanuka: o estilo impulsivo e precipitado de pronunciar as palavras; os jorros de floreio literário; a cadência e o vocabulário; as mudanças imprevistas de tema, que podiam ocorrer até no meio de uma frase. No outro lado do corredor, Schwili escrevia e murmurava palavras ininteligíveis para si mesmo, rindo de vez em quando. Poucos segundos depois, Leon podia vê-lo andando de um lado para outro, descarregando a empatia do velho prisioneiro pelo rapaz tão sem sorte lá em cima.

Recorreram a um blefe diferente para falar a respeito do diário, um blefe muito mais arriscado. Adiaram até o terceiro dia, quando achavam que podiam controlar Yanuka, através dos métodos simples de conversação. Mesmo assim, exigiram uma autorização expressa de Kurtz, de tão nervosos que estavam com a possibilidade de romper a tênue confiança que Yanuka depositava neles, numa altura em que não restava tempo para usar outros métodos. O diário fora encontrado no dia seguinte ao sequestro de Yanuka. Três homens entraram em seu apartamento, usando macacões amarelos, com emblemas que indicavam serem de uma firma de limpeza. Uma chave mestra e uma carta quase genuína do locador de Yanuka proporcionara-lhes toda a autoridade de que precisavam. Tiraram do furgão aspiradores de pó, vassouras e uma escada. Fecharam a porta do apartamento, puxaram as cortinas e durante oito horas vasculharam tudo, meticulosamente, até que parecia nada restar que não tivessem examinado, fotografado e posto de volta no mesmo lugar, espalhando poeira por cima. Entre os achados, espremido numa estante, perto do telefone, estava o diário de bolso, a capa de couro marrom, um presente da Middle Eastern Airlines. Sabiam que ele mantinha um diário, mas não haviam-no encontrado entre os seus pertences por ocasião do sequestro. A descoberta fora uma grande alegria. Havia anotações em árabe, francês e inglês. Algumas eram indecifráveis em qualquer língua, outras estavam num código particular. De um modo geral, as anotações eram de compromissos, mas algumas haviam sido feitas posteriormente: "Encontrei J, telefonei P." Além do diário, encontraram outra coisa de extrema importância que vinham procurando: um envelope grande de papel pardo, contendo uma porção de recibos, desde o dia em que Yanuka começara a efetuar a contabilidade de suas operações. Obedecendo às instruções, os homens roubaram isso também.

Mas como interpretar os registros essenciais no diário? Como decifrar as anotações sem a ajuda de Yanuka?

Como obter a ajuda de Yanuka?

Consideraram a possibilidade de aumentar a dose das drogas, mas acabaram se decidindo contra. Temiam que ele pudesse se desequilibrar por completo. Recorrer à violência era jogar pela janela toda a boa vontade que haviam conquistado

com tanto esforço. Além do mais, como profissionais, deploravam a simples ideia de violência. Preferiam aproveitar o que já haviam estabelecido, o medo, a dependência e a iminência do temido interrogatório israelense, que poderia ocorrer a qualquer momento. Assim, começaram por entregar-lhe uma carta urgente de Fatmeh, uma das mais curtas e melhores de Leon: "Soube que a hora está próxima. Eu lhe suplico e rezo para que tenha coragem." Acenderam as luzes por tempo suficiente para que ele lesse, depois tornaram a apagar e ficaram longe por mais tempo que o habitual. Na escuridão total, tocaram gravações de gritos abafados, o retinir de portas de celas distantes, os sons de um corpo sendo arrastado em correntes por um corredor de pedra. Depois, tocaram as gaitas de foles fúnebres de uma banda militar palestina. Talvez ele pensasse que estava morto. Ficou completamente imóvel. Os guardas entraram na cela, despiram-no, acorrentaram suas mãos nas costas, puseram argolas de ferro nos tornozelos. E tornaram a sair. Como se fosse para sempre. Ouviram-no sussurrar "Oh, não, não", interminavelmente.

Vestiram David, o pianista, com um macacão branco e deram-lhe um estetoscópio. Ele foi escutar, sem qualquer interesse, o coração de Yanuka. Tudo ainda no escuro. Talvez o jaleco branco fosse apenas ligeiramente visível a Yanuka. Tornaram a deixá-lo sozinho. Observavam-no pela luz infravermelha, suando e estremecendo. Em determinado momento, ele parecia estar pensando em suicídio, ao bater com a cabeça contra a parede, o que era praticamente a única coisa que podia fazer, acorrentado como estava. Mas havia mais de um palmo de espuma de borracha na parede; mesmo que batesse com a cabeça durante um ano inteiro, ele nada teria conseguido. Tocaram outras gravações de gritos e depois houve silêncio absoluto. Dispararam um tiro de revólver no escuro. Foi tão súbito e nítido que ele se encolheu todo com o barulho. E pôs-se a uivar, mas baixinho, como se não fosse capaz de aumentar o volume.

Foi nesse momento que eles resolveram entrar em ação. Primeiro, os guardas entraram na cela e levantaram-no, cada um segurando-o por um braço. Estavam vestidos como pessoas preparadas para um esforço intenso. Quando arrastaram seu corpo trêmulo até a porta da cela, os dois salvadores suíços de Yanuka apareceram, bloqueando a passagem, os rostos afáveis exibindo uma máscara de preocupação e indignação. Houve uma discussão prolongada e calorosa entre os guardas e os suíços. Foi em hebraico e por isso compreensível apenas em parte a Yanuka, mas tinha o tom inconfundível de um derradeiro apelo. Os dois suíços alegaram que o interrogatório de Yanuka ainda tinha de ser aprovado pelo diretor da prisão. O artigo seis, parágrafo nove da Convenção determinava taxativamente que nenhuma pressão indevida podia ser aplicada sem a autorização expressa do diretor e a presença de um médico. Mas os guardas não davam a menor importância à Convenção e foi o que disseram. Já estavam cansados da Convenção. Quase houve uma briga, só evitada pela paciência suíça. Acabaram concordando que iriam todos imediatamente à presença do diretor, a fim de tomarem conhecimento da decisão dele. Deixaram Yanuka novamente no escuro e se afastaram. Um momento depois, ele se inclinou na direção de uma parede, orando, embora àquela altura não pudesse ter a menor ideia da direção do Oriente.

Os dois suíços voltaram sem os guardas, mas com expressões solenes. Traziam o diário de Yanuka, como se aquilo, por menor que fosse, mudasse inteiramente a situação. Também tinham os dois passaportes extras, um francês, outro libanês, encontrados sob as tábuas do assoalho. Lá estava também o passaporte cipriota, com o qual ele estava viajando por ocasião do sequestro. Explicaram o problema. Meticulosamente. Mas com uma atitude inconfundivelmente sinistra que lhes era estranha, não de ameaça, mas de advertência. Disseram que, a pedido dos israelenses, as autoridades alemãs ocidentais haviam dado uma busca no apartamento dele, no centro de Munique. Encontraram o diário e aqueles passaportes, além de diversas outras indicações de seus movimentos nos últimos meses, que estavam agora determinados a investigar, com "o maior empenho e absoluto rigor". Em sua representação, os suíços haviam insistido que tal rigor, além de ilegal, era desnecessário. Haviam apresentado uma proposta: que a Cruz Vermelha levasse os documentos a Yanuka e obtivesse as explicações para os registros. Que se deixasse a Cruz Vermelha convidá-lo, ao invés de forçá-lo, como primeiro passo, a preparar uma declaração, que podia ser escrita, se o diretor da prisão assim desejasse, pela própria mio de Yanuka, sobre o seu paradeiro nos últimos seis meses, com datas, lugares, com quem se encontrara, onde ficara hospedado e com que documentos viajara. Se a honra militar impusesse a discrição, disseram eles, então que Salim assim o indicasse, com toda sinceridade, nos lugares apropriados. Onde não fosse o caso... ora, pelo menos se poderia ganhar algum tempo, enquanto continuavam a agir.

Foi nesse ponto que eles se arriscaram a oferecer-lhe um conselho particular. Acima de tudo, seja acurado, imploraram eles, enquanto armavam uma mesa, oferecendo-lhe um cobertor e soltando suas mãos. Nada lhes diga que deseje manter em segredo, mas seja absolutamente sincero no que revelar. Lembre-se de que temos de zelar por nossa reputação. Pense naqueles que podem vir depois de você. Pelo bem deles, se não pelo nosso, faça o melhor possível. A maneira como eles falaram

sugeria que, de certa forma, Yanuka já estava a meio caminho do martírio.O motivo parecia não ter importância. A esta altura, a única verdade que Yanuka conhecia era o terror em sua alma. Era uma manobra tênue e arriscada, como eles sabiam que não poderia deixar de ser. Era artificial, mas o melhor que podiam imaginar. E houve um momento, bastante prolongado, em que eles receararn que iriam perdê-lo. Assumiu a forma de um olhar direto e inquisitivo para cada um, com Yanuka parecendo afastar as cortinas da ilusão e divisar claramente seus opressores. Mas a lucidez nunca fora base do relacionamento entre eles e não seria agora. Quando Yanuka aceitou a caneta que lhe era oferecida, eles perceberam em seus olhos a súplica inconfundível para que continuassem a enganá-lo.

Foi no dia seguinte a esse drama, por volta da hora do almoço, no esquema normal das coisas, que Kurtz chegou, procedente de Atenas, a fim de inspecionar o trabalho de Schwili e dar sua aprovação pessoal ao diário, passaportes e recibos, com alguns acréscimos engenhosos, que seriam devolvidos aos lugares a que pertenciam.

Também coube pessoalmente a Kurtz a tarefa de voltar ao princípio. Mas, primeiro, sentado confortavelmente no apartamento inferior, ele convocou a todos, com exceção dos guardas, informando-os dos progressos até aquele momento, em seu estilo e no seu próprio ritmo. Usando luvas brancas de algodão e não parecendo pior depois da noite do interrogatório de Charlie e a viagem pela manhã, ele examinou tudo, escutou atentamente as gravações dos momentos cruciais e observou com admiração enquanto o computador da Srta. Bach imprimia um dia depois de outro da vida recente de Yanuka, os tipos verdes parecendo nas telas de televisão: datas, números de voos, horários de chegadas, hotéis. Tornou a observar quando a tela se apagou e a Srta. Bach sobrepôs a ficção: "escreve Charlie de City Hotel, Zurique, carta despachada na chegada Aeroporto De Gaulle, dia 18, 20 horas. . . encontra Charlie Excelsior Hotel, Heathrow. . . telefona Charlie estação ferroviária de Munique. . ." A cada inserção, a comprovação: que recibos e registros no diário se referiam a cada encontro; onde lacunas deliberadas e pontos obscuros haviam sido introduzidos, porque nada devia ser muito fácil ou claro na reconstituição.

Depois de ter feito tudo isso – já era noite a esta altura – Kurtz tirou as luvas, vestiu um uniforme de campanha do exército israelense, com as insígnias de coronel e algumas fitas de campanha por cima do bolso esquerdo da túnica, transformando sua aparência externa até se tornar a epítome de qualquer militar convertido em guarda de prisão. Depois, ele subiu e foi silenciosamente até a janela de observação, onde ficou observando Yanuka atentamente. Mandou Oded e seu companheiro descerem, com ordens para que o deixassem a sós com Yanuka. Falando em árabe, com uma voz burocrática, Kurtz começou por fazer algumas perguntas simples a Yanuka, sobre coisas sem maior importância: de onde vinha uma determinada espoleta, explosivo ou carro; o lugar exato em que Yanuka e a moça haviam-se encontrado, antes que ela plantasse a bomba em Godesberg. Os conhecimentos detalhados de Kurtz, expostos de maneira tão indiferente, apavoraram Yanuka, cuja reação foi gritar e ordenar que ele se calasse, por razões de segurança. Kurtz ficou perplexo.

– Mas por que eu deveria ficar calado? – perguntou ele, com a obtusidade de quem passa muito tempo na prisão, como carcereiro ou prisioneiro. – Se o seu irmão mais velho não se mantém calado, que segredos restam para ser preservados?

Ele formulou a pergunta não como uma revelação, mas como a consequência lógica de um fato de conhecimento geral. Enquanto Yanuka ainda o fitava, de olhos arregalados, Kurtz disselhe mais algumas coisas a respeito dele próprio, que somente o irmão mais velho poderia saber. Não havia nada de mágico nisso. Depois de semanas peneirando a vida diária do rapaz, controlando seus telefonemas e correspondência – para não mencionar o dossiê em Jerusalém, iniciado dois anos antes – não era de admirar que Kurtz e sua equipe estivessem tão familiarizados quanto o próprio Yanuka em minúcias como os endereços de segurança para os quais eram enviadas suas cartas, o engenhoso sistema pelo qual recebia suas ordens, o ponto em que era isolado de sua estrutura de comando. O que distinguia Kurtz de seus antecessores era a evidente indiferença com que se referia a tais coisas, assim como a indiferença à reação de Yanuka.

– Onde ele está? – gritou Yanuka. – O que fizeram com ele? Meu irmão não fala! Jamais falaria! Como conseguiram capturá-lo?

Tudo se fez rapidamente. Lá embaixo, agrupados em torno do alto-faante, todos estavam profundamente impressionados pela maneira como Kurtz três horas depois de sua chegada, removera as últimas defesas de Yanuka. Como diretor da prisão,

minha função está limitada às questões administrativas, pensou ele. Seu irmão está numa cela da enfermaria lá embaixo. Está um pouco abatido, mas é claro que esperamos que sobreviva. Contudo, alguns meses se passarão antes que ele possa voltar a andar. Depois que você responder a algumas perguntas, assinarei uma ordem para que fique na mesma cela, acompanhando-o durante a recuperação. Se recusar, continuará onde está. Depois, para evitar qualquer ideia errada, Kurtz mostrou a Yanuka a fotografia colorida que haviam encenado, com o rosto quase irreconhecível do irmão mais velho, todo ensanguentado, enquanto dois guardas removiam-no da sala de interrogatório.

Mas aqui, novamente, o gênio de Kurtz demonstrou que não era estacionário. Quando Yanuka começou a falar tudo, Kurtz imediatamente estimulou a paixão do rapaz. Subitamente, o velho carcereiro queria escutar tudo o que o grande guerreiro dissera ao aprendiz. Quando Kurtz finalmente desceu, a equipe já tinha praticamente tudo o que se podia obter de Yanuka... o que equivalia a nada, como Kurtz se encarregou de ressaltar, quando se chegava ao ponto de determinar o paradeiro do irmão mais velho. Ficou também ressaltado que o adágio do velho interrogador mais uma vez se mostrara válido: ou seja, que a violência física é desairosa, contrária à ética e ao espírito da profissão. Kurtz fez questão de repisar esse ponto com veemência, em particular para Oded. Insistiu no fato. Quando se recorre à violência – e às vezes não se pode fazer outra coisa – sempre a use contra a mente, não contra o corpo. Kurtz acreditava que havia lições em toda parte, se os jovens tivessem olhos para enxergá-las.

Ele apresentou a mesma argumentação para Gavron, embora com menos efeito.

Mesmo então, Kurtz não queria ou talvez não pudesse descansar. Na manhã seguinte, bem cedo, com o problema de Yanuka definido, faltando apenas a resolução final, Kurtz estava de volta ao centro da cidade, consolando a turma de vigilância, cujo espírito recentemente sofrera uma tremenda queda, com o desaparecimento de Yanuka. O que aconteceu com ele?, perguntou o velho Lenny. Era um rapaz de futuro, uma promessa em muitos campos. Cumprida a sua missão de misericórdia, Kurtz partiu para o norte, para outro encontro com o bom Dr. Alexis, indiferente ao fato de que a natureza supostamente instável dele levara Misha Gavron a declará-lo como área proibida.

– Direi a ele que sou americano – prometeu Kurtz a Litvak, com um sorriso largo, recordando o telegrama categórico que Gavron enviara para Atenas.

Apesar de tudo, o ânimo dele era de cauteloso otimismo. Estamos em movimento, disse ele a Litvak; Misha só me acerta quando estou parado.

10

A taverna era mais rústica que a de Mikonos, com uma televisão preto e branco, tremulando com uma bandeira que ninguém saudava, com os habitantes locais orgulhosos demais para se interessarem por turistas, mesmo que fosse uma linda ruiva inglesa, de cafetã azul e pulseira de ouro. Mas na história que Joseph agora relatava, eram Charlie e Michel que estavam jantando a sós no restaurante à beira da estrada nos arredores de Nottingham, que Michel pagara para ficar aberto até tarde. O patético carro de Charlie estava na oficina, como sempre, desta vez em Camden. Mas Michel tinha um Mercedes reluzente, pois não gostava de qualquer outro carro, esperando nos fundos do teatro. Levou-a rapidamente ao restaurante, numa viagem de 10 minutos, através da chuva eterna de Nottingham. Nenhum acesso de Charlie, aqui ou lá, nenhuma dúvida momentânea, podia deter o fluxo da narrativa de Joseph.

– Ele usa luvas de guiar – disse Joseph. – É um dos caprichos dele. Você repara, mas não faz qualquer comentário.

Ela pensou: "Como ele guia?"

– Ele não é um bom motorista, mas você não se incomoda. Pergunta onde ele mora e Michel responde que veio de Londres para vê-la. Você pergunta qual é a sua ocupação e ele responde "estudante". Pergunta onde estuda e ele responde "Europa", insinuando que Europa é uma palavra repulsiva. Quando você o pressiona, mas não demais, ele diz que faz cursos semestrais em diferentes cidades, dependendo de seu ânimo e dos professores. Diz que os ingleses não podem entender o sistema. Quando ele fala em *ingleses,* você percebe alguma hostilidade no tom. Não sabe por que, mas a hostilidade é evidente. Qual é sua próxima pergunta?

– Onde ele está vivendo agora?

– Ele se mostra evasivo. Como eu. Diz vagamente que às vezes em Roma, outras em Munique, um pouco em Paris, quando sente vontade. Ou Viena. Mas ele deixa bem claro que é solteiro e você não fica consternada por isso. – Joseph sorriu. – Você pergunta qual a cidade que ele mais gosta, mas ele ignora a pergunta como irrelevante. Você pergunta o que ele está estudando, ele responde "liberdade". Você pergunta qual é seu país, ele responde que sua terra está atualmente sob ocupação inimiga. Qual é sua reação a isso?

– Confusão.

– Contudo, com sua persistência habitual, você torna a pressioná-lo e ele fala o nome *Palestina.* Com veemência. Paixão. Você percebe imediatamente na voz dele. . . *Palestina,* como um desafio. Como um grito de guerra... *Palestina.*

Os olhos dele estavam fixados em Charlie com tal intensidade que ela não pôde reprimir um sorriso nervoso. E desviou os olhos.

– Devo lembrá-la, Charlie, que você pode estar muito envolvida com Alastair na ocasião, mas no momento ele se encontra longe, em Argyll, fazendo um comercial de televisão para algum produto de consumo sem o menor valor. E você sabe que ele está se divertindo com a mulher que aparece ao seu lado no comercial. Correto?

– Correto – disse ela, descobrindo surpresa que estava corando.

– E agora me diga, por favor, o que *Palestina,* falado assim por um rapaz ansioso, significa para você, num restaurante à beira de estrada, em Nottingham, numa noite chuvosa? Digamos que ele lhe pergunta isso pessoalmente. Claro. Ele pergunta. Por que não?

Mas que glória!, pensou Charlie. Quantas facetas para um papel ordinário?

– Eu os admiro – disse ela.

– Chame-me de Michel, por favor.

– Eu os admiro, Michel.

– Por quê?

– Por causa de seu sofrimento. – Ela sentia-se meio tola. – Por resistirem.

– Não diga bobagem. Nós, palestinos, não passamos de um bando de terroristas analfabetos, que há muito deveríamos ter aceitado a perda de nossa pátria. Somos apenas antigos engraxates e mascates, delinquentes juvenis empunhando

metralhadoras, velhos que se recusam a esquecer. . . – Ela já o interrompera. – ... então quem somos, por favor? Diga-me sua opinião. Pode estar certa de que vou apreciá-la. E lembre-se de que ainda a estou chamando de Joana.

Ela respirou fundo. No final das contas, pensou, as sessões de fim de semana no fórum tiveram alguma utilidade.

– Muito bem. Vou lhe dizer o que penso. Os palestinos. . . vocês. . . são lavradores gentis e decentes, de grandes tradições, injustamente expulsos de sua terra, de 1948 em diante, a fim de apaziguar o sionismo. . . e criar uma cabeça-de-ponte ocidental na Arábia.

– Suas palavras não me desagradam. Continue, por favor.

Era maravilhoso descobrir o quanto lhe voltava, sob o estímulo dele. Trechos de panfletos esquecidos, preleções de amantes, as arengas dos guerreiros da liberdade, fragmentos de livros lidos pelo alto... tudo se reunindo para ela como fiéis aliados em sua necessidade.

– Vocês são a invenção de um complexo de culpa europeu em relação aos judeus. . . foram forçados a pagar por um Holocausto de que nunca participaram. . . são as vítimas de uma política imperialista racista e antiárabe de esbulho e banimento. . .

– E assassinato – sugeriu Joseph, suavemente.

– E assassinato.

Vacilando de novo, Charlie surpreendeu o olhar do estranho fixado nela. Como em Mikonos, subitamente não tinha a menor ideia do que se podia ler naqueles olhos.

– Seja como for, os palestinos são isso – disse ela, jovialmente. Como ele permanecesse calado, Charlie acrescentou: – Já que está querendo saber.

Ela continuou a fitá-lo, esperando pela deixa que lhe revelaria o que fazer. Sob a compulsão da presença dele, Charlie consignara suas convicções ao rebotalho de uma existência anterior. Não queria nenhuma delas, a menos que ele aprovasse.

– Observe como ele não é de conversa amena – disse Joseph, como se nunca tivessem sorrido um para o outro, em toda a vida. – Como ele prontamente atraiu o seu lado sério. Sob certos aspectos, ele é também meticuloso. Esta noite, por exemplo, ele preparou tudo. . . comida, o vinho, as velas, até mesmo sua conversa. Podemos dizer que, com uma eficiência ao estilo israelense, ele desfechou uma campanha total para conquistar sozinho a sua Joana.

– Vergonhoso – disse Charlie, solenemente, contemplando a pulseira.

– Ele lhe diz que você é a atriz mais extraordinária do mundo, o que também não a deixa irremediavelmente consternada, pelo que posso presumir. Insiste em confundi-la com Joana d'Arc, mas a esta altura você não se sente mais tão transtornada pelo fato de vida e teatro serem coisas inseparáveis para ele. Joana d'Arc, diz ele, sempre foi sua heroína, desde que leu ; respeito dela pela primeira vez. Era uma mulher, mas vitoriosamente despertou a consciência de classe dos camponeses franceses, levando-os à guerra contra os imperialistas britânicos opressores. Foi uma autêntica revolucionária, que ateou a chama da liberdade para os povos explorados do mundo. Transformou escravos em heróis. Esse é o sumário da análise crítica dele. A voz de Deus que falava com ela é simplesmente a sua própria consciência revolucionária, usando-a para resistir ao colonialismo. Não pode ser a voz real de Deus, pois Michel concluiu que Deus está morto. Estava a par de todas essas implicações quando representou o papel?

Ela ainda estava mexendo na pulseira.

– Posso ter perdido *algumas* dessas coisas – admitiu ela, indiferente, só para levantar os olhos e deparar com a desaprovação firme de Joseph. – Oh. não!

– Estou-lhe advertindo, Charlie, com toda sinceridade, para nunca provocar Michel com seu espírito ocidental. O senso de humor dele é caprichoso, fica muito além das piadas contra si mesmo, especialmente quando feitas por mulheres.

Uma pausa para que a advertência fosse devidamente absorvida.

– Muito bem. A comida está horrível, mas você se mostra totalmente indiferente. Ele encomendou carne, sem saber que você está passando por uma de suas fases vegetarianas. Você come um pouco, a fim de não ofendê-lo. Numa carta posterior, você lhe diz que foi o pior bife que já comeu, mas também o melhor. Tudo o que pode pensar, enquanto ele fala, é em sua voz ardente e incisiva, em seu lindo rosto árabe, no outro lado da vela. Isso mesmo?

Charlie hesitou por um instante, depois sorriu.

– Isso mesmo.

– Ele a ama, ama o seu talento, ama Joana d'Arc. E lhe diz: "Para os colonialistas britânicos, ela foi uma criminosa. O mesmo aconteceu com todos os que lutaram pela liberdade. Assim foi George Washington, assim foi o Mahatma Gandhi, assim foi Robin Hood. Assim são os soldados secretos da luta pela liberdade irlandesa." Não se pode dizer exatamente que ele está expressando ideias novas, como você pode perceber. Mas em sua veemente voz oriental, repleta. . . como podemos chamar? Uma naturalidade animal?... adquirem um efeito hipnótico sobre você. Imprimem uma vida nova a velhos clichês, são como uma redescoberta do amor. "Para os britânicos", diz ele, "quem luta contra o terror do colonialista é um terrorista. Os britânicos são meus inimigos, mas você é a exceção. Os britânicos entregaram meu país aos sionistas, despacharam para lá os judeus da Europa, com ordens para transformar o Oriente em Ocidente. 'Vão dominar o Oriente para nós', disseram eles. 'Os palestinos são lixo, mas podem dar bons cules para vocês!' Os velhos colonizadores britânicos estavam cansados e derrotados e por isso nos entregaram aos novos colonizadores, que eram totalmente implacáveis. 'Não se preocupem com os árabes', disseram os britânicos. 'Prometemos olhar para o outro lado enquanto vocês cuidaram deles.'" Preste atenção. Está escutando?

– Quando não estou, José?

– Michel é um profeta para você esta noite. Ninguém jamais concentrou antes toda a força de seu fanatismo somente em você. Sua convicção, seu empenho, devoção, tudo se manifesta quando ele fala. Em teoria, é claro, ele já está pregando para uma convertida, mas na verdade está plantando o coração humano no tumulto de seus vagos princípios de extrema-esquerda. Isso também você lhe conta numa carta posterior, quer seja lógico ou não que precise adquirir um coração humano. Quer ser orientada e ele não se faz de rogado. Quer que ele explore o seu sentimento de culpa britânico, o que inevitavelmente acontece. Seu ceticismo protetor é completamente dissolvido. Você está renovada. Como ele está distante de seus preconceitos de classe média, ainda não erradicados! De suas indolentes compaixões ocidentais! O que é?

Ele falou suavemente, como se Charlie tivesse formulado uma pergunta. Ela sacudiu a cabeça e ele continuou, com o fervor emprestado do homem que representava: – Ele ignora inteiramente que, em teoria, você já está do seu lado. Exige a sua obsessão total pela causa, uma nova conversão. Apresenta estatísticas, como se você própria as tivesse causado. Mais de dois milhões de árabes cristãos e muçulmanos foram expulsos de sua pátria e esbulhados desde 1948. Suas casas e aldeias foram demolidas. . . ele diz quantas... as terras roubadas por leis de cuja elaboração nunca participaram. E quando eles chegam ao exílio, são massacrados por seus irmãos árabes, tratados como escória. Os israelenses bombardeiam seus acampamentos e os metralham, só porque continuam a resistir. Porque resistir ao esbulho é ser um terrorista, enquanto colonizar, bombardear refugiados, dizimar uma população... são apenas lamentáveis necessidades políticas. Porque dez mil árabes mortos não valem um judeu morto. Escute.

Ele inclinou-se para a frente, segurando o pulso dela.

– Não existe um único liberal ocidental que hesite em falar sobre as injustiças no Chile, África do Sul, Polônia, Argentina, Camboja, Irã, Irlanda do Norte e outros pontos conturbados em moda. – O aperto no pulso aumentou. – Mas quem tem a coragem de enunciar em voz alta a mais cruel piada da história, que 30 anos de Israel converteram os palestinos nos novos judeus do mundo? Sabe como os sionistas descreviam meu país antes de capturá-lo? "Uma terra sem povo para um povo sem terra." *Nós não existíamos!* Em suas mentes, os sionistas já haviam cometido genocídio. Tudo o que restava para eles era consumar o fato. E vocês, os britânicos, foram os arquitetos dessa grande visão. Sabe como Israel nasceu? Uma potência europeia deu de presente um território árabe a um grupo de pressão de judeus. E não consultou um único habitante do território oferecido. Essa potência foi a Inglaterra. Devo descrever como Israel nasceu? Já é tarde? Está cansada? Tem de voltar a seu hotel?

Enquanto oferecia as respostas que ele queria, Charlie ainda encontrava tempo para se admirar interiormente com os paradoxos de um homem que podia conviver com tantas sombras conflitantes, sem baquear. Uma vela ardia entre eles. Estava metida numa garrafa preta e sob constante ataque de uma velha mariposa embriagada, que Charlie ocasionalmente afugentava com a mão, fazendo tilintar a pulseira. Ao brilho da vela, enquanto Joseph relatava a história, ela observava seu rosto forte e determinado, alternando-se com o de Michel, como duas imagens sobrepostas numa única chapa fotográfica.

– Preste atenção. Está escutando?

Estou escutando, José. Estou escutando, Michel.

– Nasci numa família patriarcal, numa aldeia não muito longe da cidade de Khalil, que os judeus chamam de Hebron. – Ele fez uma pausa, os olhos escuros fixados em Charlie. – Khalil. Não se esqueça desse nome. É da maior importância, por muitos motivos. Não vai se esquecer de Khalil?

Não, Michel, não vou me esquecer de Khalil.

– Diga-o.

Ela disse. Khalil.

– Khalil é um grande centro da fé para o Islã. Em árabe, a palavra significa um amigo de Deus. Os habitantes de Khalil ou Hebron constituem a elite da Palestina. E lhe contarei uma pequena piada que a fará rir muito. Há uma crença de que o único lugar do qual os judeus não foram jamais exilados é a montanha de Hebron, ao sul da cidade. Portanto, é possível que haja sangue judeu correndo em minhas veias. Mas não me sinto envergonhado por isso. Não sou anti-semita, apenas anti-sionista. Acredita em mim?

Claro, Michel, acredito em você. Quase.

– Eu fui o mais moço de quatro irmãos e duas irmãs. Todos trabalhavam na terra, meu pai era o *mukhtar* ou chefe, escolhido pelos anciãos da aldeia. Nossa aldeia era famosa por suas figueiras e vinhedos, por seus guerreiros e suas mulheres, tão lindas e obedientes como você. A maioria das aldeias é afamada por apenas uma coisa. A nossa era famosa por várias.

– Claro.. . – murmurou ela.

Mas ele estava muito longe da possibilidade de ser provocado.

– Acima de tudo, no entanto, era famosa pelos sábios conselhos de meu pai, que achava que os muçulmanos deviam formar uma sociedade em comum com cristãos e judeus, exatamente como seus profetas viviam harmoniosamente no Paraíso, sob um único Deus. Estou lhe falando muito a respeito de meu pai, minha família e minha aldeia. Agora e depois. Meu pai admirava os judeus. Estudara o sionismo e gostava de chamá-los à nossa aldeia para conversar. Obrigou meus irmãos mais velhos a aprenderem hebraico. Em menino, eu escutava à noite os homens entoarem as canções de antigas guerras. Durante o dia, levava o cavalo de meu pai para beber água, ouvia as histórias de viajantes e mercadores. Quando lhe descrevo esse paraíso, parece que estou falando uma verdadeira poesia. Posso fazer isso. Tenho o dom. Como na praça da aldeia dançávamos a *dabke* e escutávamos o *oud,* enquanto os velhos jogavam gamão e fumavam *narjeels.*

As palavras nada significavam para ela, mas foi precavida o bastante para não interrompê-lo.

– Na verdade, como livremente não posso deixar de admitir para você, lembro muito pouco dessas coisas. Na verdade, estou transmitindo as reminiscências dos mais velhos, pois é assim que nossas tradições sobrevivem, no exílio dos acampamentos. À medida que as gerações passam, devemos viver nossa pátria mais e mais, através da memória dos mais velhos. Os sionistas lhe dirão que não tínhamos cultura, que não existíamos. Dirão que éramos degenerados, vivíamos em choupanas de barro e andávamos com trapos imundos. Dirão literalmente o que antes se dizia dos judeus, as mesmas coisas que eram declaradas pelos anti-semitas da Europa. A verdade, em ambos os casos, é a mesma: éramos um nobre povo.

Um aceno da cabeça morena sugeriu que as duas identidades concordavam nesse ponto.

– Posso lhe descrever nossa vida rural, os muitos sistemas intrincados pelos quais se mantinha a comunidade da aldeia. A colheita do vinho, como a aldeia inteira partia para os vinhedos, sob as ordens do *mukhtar,* meu pai. Como meus irmãos iniciaram seus estudos numa escola fundada pelos colonizadores britânicos. Você vai rir, mas meu pai acreditava também nos britânicos. Como o café na casa de hóspede da aldeia era mantido quente durante o dia inteiro, a fim de que ninguém pudesse dizer que a nossa aldeia era pobre demais, era hostil a estranhos. Quer saber o que aconteceu com o cavalo de meu avô? Ele vendeu-o para comprar uma arma, a fim de poder atirar contra os sionistas, quando atacassem nossa aldeia. Em vez disso, os sionistas mataram meu avô. Obrigaram meu pai a ficar junto deles, enquanto fuzilavam meu avô. E logo meu pai, que sempre acreditara neles.

– Isso também é verdade?

– Claro.

Mas Charlie não podia saber se era Joseph ou Michel quem estava respondendo.

– Eu me refiro à guerra de 48 como a Catástrofe. Nunca a guerra. . . Catástrofe. Na Catástrofe de 48 ficou comprovada a

fraqueza fatal de uma sociedade pacífica. Não tínhamos organização, não podíamos nos defender contra o agressor armado. Nossa cultura tendia para pequenas comunidades, cada qual auto-suficiente. O mesmo acontecia com nossa economia. Mas carecíamos de unidade política e esse foi o fato responsável por nossa queda. Muitas vezes nossas comunidades lutavam entre si, o que é a maldição dos árabes em toda parte. Sabe o que os sionistas fizeram com a minha aldeia, porque não fugimos como os nossos vizinhos?

Ela sabia, ao mesmo tempo não sabia. O que não fazia qualquer diferença, porque ele não lhe prestava a menor atenção.

– Pegaram barris e converteram em bombas, com gasolina e explosivos, rolando pela colina para incendiar nossas mulheres e crianças. Eu poderia falar durante uma semana inteira só sobre as torturas infligidas ao meu povo. Mãos cortadas. Mulheres estupradas e queimadas vivas. Crianças com os olhos furados.

Ela testou-o novamente, tentando descobrir se ele acreditava em si mesmo Mas ele não deu qualquer indicação, além de uma expressão solene, que poderia ser apropriada a qualquer uma de suas naturezas.

– Sussurro para você as palavras *Deir Yasseen.* Já tinha ouvido antes? Sabe o que significam?

Não, Michel. Nunca antes ouvi falar. Ele parecia bastante satisfeito.

– Então me pergunte agora: O que é *Deir Yasseeri*?

Charlie obedeceu. Por favor, senhor, o que é *Dar Yasseeri*?

– Mais uma vez, respondo como se tivesse acontecido ontem, diante de meus olhos. Na pequena aldeia árabe de Deir Yasseen, a 9 de abril de 1948, 254 habitantes, velhos, mulheres e crianças, foram massacrados por terroristas sionistas, enquanto os homens trabalhavam nos campos. Mulheres grávidas tiveram os filhos mortos em suas barrigas. A maioria dos corpos foi jogada num poço. Em poucos dias, quase meio milhão de palestinos fugiram de sua pátria. A aldeia de meu pai foi uma exceção. "Vamos ficar", decidiu ele. "Se formos para o exílio, os sionistas nunca nos deixarão voltar." Ele acreditava até que os britânicos voltariam para nos salvar. Não compreendia que as ambições imperialistas britânicas exigiam um aliado ocidental obediente instalado no próprio coração do Oriente Médio.

Charlie podia sentir o olhar intenso dele. Não podia saber se ele já reparara que ela se retraíra interiormente ou se estava apenas determinado a ignorá-lo. Somente depois é que ocorreu a ela que Joseph estava deliberadamente estimulando-a a afastar-se de si mesmo, passando para o campo oposto.

– Por quase vinte anos depois da Catástrofe, meu pai apegou-se ao que restava de nossa aldeia. Alguns chamavam-no de teimoso, outros de idiota. Fora da Palestina, seus compatriotas chamavam-no de colaboracionista. Nada sabiam. Não haviam sentido a bota sionista em seus pescoços. Ao nosso redor, nas regiões vizinhas, as pessoas estavam sendo expulsas, espancadas, presas. Os sionistas confiscavam suas terras, destruíam suas casas com tratores e construíam novos povoados por cima, nos quais nenhum árabe podia viver. Mas meu pai era um homem de paz e sabedoria e por algum tempo manteve os sionistas a distância.

Charlie outra vez sentiu vontade de perguntar: Isso é verdade? Mas outra vez já era tarde demais.

– Mas na guerra de 67, quando os tanques se aproximaram de nossa aldeia, também fugimos através do Jordão. Com lágrimas nos olhos, meu pai nos reuniu e disse que pegássemos nossas coisas. "Os *pogroms* estão prestes a começar", disse ele. Eu perguntei... eu, o menor de todos, que nada sabia: "Pai, o que é um *pogrom*? Ele respondeu." "O que os ocidentais fizeram com os judeus e que os sionistas fazem agora conosco. Eles conquistaram uma grande vitória e podiam se dar ao luxo da generosidade. Mas a virtude deles não pode ser encontrada em suas posições políticas." Até morrer, jamais esquecerei a visão de meu orgulhoso pai entrando na choupana que era então a nossa morada. Ele ficou parado no limiar por um longo tempo, esperando pela força para atravessá-lo. Não chorou, mas por dias a fio ficou sentado numa caixa em que estavam seus livros, sem comer. Acho que ele envelheceu vinte anos em poucos dias. "Já entrei em meu túmulo", disse ele. "Esta choupana é meu túmulo." A partir do momento em que chegamos à Jordânia, nós nos tornamos cidadãos sem pátria, sem documentos, sem direitos, sem futuro nem trabalho. Minha escola? É um barracão de teto de zinco, apinhada de moscas-varejeiras e crianças subnutridas. O Fatah me ensina. Há muito o que aprender. Como atirar. Como lutar contra o agressor sionista.

Ele fez uma pausa. A princípio, Charlie pensou que ele estava lhe sorrindo. Mas não havia qualquer humor em sua expressão.

– Eu luto, logo existo – anunciou ele. – Sabe quem disse essas palavras, Charlie? Foi um sionista. Um sionista amante da paz, patriótico, idealista, que matou muitos britânicos e muitos palestinos por métodos terroristas. Contudo, por ser um

sionista, ele não é um terrorista, mas sim um herói e patriota. Sabe o que esse sionista amante da paz e civilizado era quando pronunciou essas palavras? Era o primeiro-ministro de um país que chamam de Israel. E sabe de onde veio esse primeiro-ministro sionista e terrorista? Da Polônia. Poderia me explicar, por favor. . . você, uma inglesa instruída, a mim, um mero camponês sem pátria. . . como isso pôde acontecer, como um polonês veio a ser soberano de minha terra, a Palestina, um polonês que só existe porque luta? Pode me explicar, por favor, por qual princípio de justiça inglês, por que imparcialidade britânica, esse homem governa o *meu* país? E ainda por cima nos chama de terroristas?

A pergunta escapuliu de Charlie antes que tivesse tempo de censurá-la. Não tencionava formulá-la como um desafio. Emergiu por si mesma, do caos que fervilhava nela: – *Você* pode?

Ele não respondeu, mas também não evitou a pergunta. Recebeu-a. Ela teve uma impressão momentânea de que ele a estava esperando. Depois, ele se empertigou na cadeira, soltou uma risada, pegou o copo e levantou-o para ela.

– Faça um brinde a mim, Charlie. Vamos, levante seu copo. A hi stória pertence aos vencedores. Já esqueceu esse fato tão simples? Beba comigo!

Hesitante, ela levantou seu copo.

– Ao pequeno e bravo Israel. À sua espantosa sobrevivência, graças a um subsídio americano de sete milhões de dólares por dia e todo o poderio do Pentágono dançando de acordo com sua música.

Sem beber ele baixou o copo. Charlie fez o mesmo. Com o gesto, para alívio dela, o melodrama parecia encerrado, pelo menos temporariamente.

– E você, Charlie, fica escutando. Impressionada. Aturdida. Pelo romantismo, beleza e fanatismo dele. Não é um homem de reticências. Não tem inibições ocidentais. Está funcionando. . . ou sua imaginação rejeita o transplante perturbador?

Pegando a mão dele, Charlie começou a explorar a palma com a ponta do dedo.

– O inglês dele está à altura de tudo isso? – perguntou ela, procurando ganhar tempo.

– Ele possui um vocabulário cheio de jargão, um estoque impressionante de frases empoladas, estatísticas suspeitas e citações duvidosas. Apesar disso, ele transmite toda a emoção de uma mente jovem e ardorosa, uma mente em expansão.

– E o que Charlie está fazendo durante todo esse tempo? Fico apenas impassível, absorvendo cada palavra dele passivamente? Ou devo estimulá-lo? O que faço afinal?

– De acordo com o *script,* seu desempenho é praticamente irrelevante. Michel está meio que hipnotizando-a através da vela. É assim que você descreve posteriormente para ele, numa de suas cartas. "Enquanto eu viver, jamais esquecerei seu rosto adorável no outro lado da vela, naquela primeira noite em que nos encontramos." Acha que assim está bom para você?

Charlie devolveu-lhe a mão.

– Que cartas são essas? De onde estamos tirando todas essas cartas?

– Por enquanto, vamos combinar apenas que você mais tarde escreverá para ele. Deixe-me perguntar outra vez: acha que funciona? Ou vamos despedir o autor e voltar para casa?

Charlie tomou um gole de vinho. Depois outro.

– Funciona. Até aqui funciona.

– E a carta.. . sem muito exagero... acha que poderia aceitá-la?

– Se você não pode manifestar tudo numa carta de amor, onde mais poderá fazer?

– Excelente. Então é assim que você escreve para ele e é assim que a ficção vai até aqui. Exceto por um pequeno ponto. Esse não é o seu primeiro encontro com Michel.

Sem nada de teatral, Charlie pôs o copo na mesa, abruptamente. Um novo excitamento dominara Joseph:

– Preste atenção – disse ele, inclinando-se para a frente, a luz da vela se refletindo nas têmporas bronzeadas como os raios de sol num capacete. –Preste atenção. Está me escutando?

Estou, José, estou prestando atenção.

– Uma citação. Um filósofo francês. *"O maior crime é não fazer nada por temer que só se poderá fazer um pouco. "* Isso não a lembra de alguma coisa?

– Oh, Deus. . . – murmurou Charlie, cruzando os braços sobre o peito impulsivamente, num gesto de autodefesa.

– Devo continuar? – Ele continuou, sem esperar por uma resposta. –Isso não a lembra de alguém? Só *existe uma luta de classes e é entre os colonialistas e os colonizados, entre os capitalistas e os explorados. Nossa missão é levar a guerra aos que a provocam. Aos milionários racistas, que encaram o Terceiro Mundo como seu quintal particular. Aos xeques do petróleo corruptos, que venderam os direitos árabes.*

Ele fez uma pausa, observando-a, enquanto a cabeça de Charlie deslizava para as mãos.

– Pare com isso, José. Já é demais. Volte para casa.

– *Aos provocadores de guerras imperialistas, que armam os agressores sionistas. À burguesia ocidental indiferente, formada por escravos inconscientes, que perpetuam seu próprio sistema.* – Ele estava apenas sussurrando, mas sua voz soava ainda mais penetrante, justamente por causa disso. – *O mundo nos diz que não devemos atacar mulheres e crianças inocentes. Mas eu lhes digo que não existe mais essa coisa a que se chamava de inocência. Para cada criança que morre de fome no Terceiro Mundo, há uma criança no Ocidente que lhe roubou a comida.*

– Pare com isso! – insistiu Charlie, falando entre os dedos, agora segura de si. – Já é suficiente. Eu me rendo.

Mas ele continuou, implacavelmente:

– *Fui expulso da nossa terra quando tinha seis anos. Ingressei no Ash-bal aos oito anos.* Houve uma interrupção. *O que é o Ashbal, por favor?* Vamos, Charlie, essa foi a sua pergunta. Não foi você quem me perguntou... você que levantou a mão... o que é Ashbal, por favor? E como eu respondi.

– Milícia de crianças – disse ela, a cabeça entre a mãos. – Vou vomitar, José. E agora.

– *Quando eu tinha dez anos, fiquei escondido num abrigo, enquanto os sírios despejavam foguetes em nosso acampamento. Quando eu tinha quinze anos, minha mãe e minha irmã foram mortas num ataque aéreo sionista.* Continue, por favor, Charlie. Complete a história de minha vida.

Ela tornara a pegar a mão dele, desta vez com as suas duas, batia-a gentilmente contra a mesa, num gesto de censura.

– *Se as crianças podem ser bombardeadas, então também podem lutar* – lembrou ele. – E se nos colonizarem? Vamos, Charlie, continue. O que mais?

– Então devem ser mortas – murmurou ela, contra a vontade.

– E se as mães as alimentarem e ensinarem a roubar e bombardear as casas do nosso povo no exílio?

– Então as mães estão na linha de frente com seus maridos. José. . .

– O que fazemos com elas?

– Devem ser mortas também. Mas não acreditei nele na ocasião e não acredito agora.

Ele ignorou os protestos dela. Estava formulando os seus próprios protestos de amor eterno.

– Preste atenção. Através das aberturas para os olhos no gorro preto que me cobria o rosto, enquanto a inspirava com minha mensagem no fórum, observei seu rosto extasiado fixado em mim. Seus cabelos vermelhos. Suas feições firmes, revolucionárias. Não é irônico que em nosso primeiro encontro era eu quem estava no palco, enquanto você se encontrava na audiência?

– Eu não estava extasiada! Achei que você estava exagerando e tive a maior vontade de dizer isso!

Ele estava implacável.

– O que quer que tenha sentido na ocasião, aqui, no motel em Nottingham, sob a minha influência hipnótica, você efetua uma revisão imediata da memória. Embora não pudesse ver meu rosto, diz agora que as palavras ficaram indelevelmente gravadas em sua memória desde então. Por que não? Vamos, Charlie... está tudo na carta que me escreveu.

Ela não se deixaria atrair. Ainda não. Subitamente, pela primeira vez desde que a história de Joseph começara, Michel se tornara para ela uma criatura viva, separada. Até aquele momento, ela usara inconscientemente as feições de Joseph para descrever seu amante imaginário e a voz de Joseph para caracterizar suas diatribes. Agora, como uma célula que se dividia, os dois homens eram seres independentes e conflitantes, Michel adquirira a sua própria dimensão na realidade. Ela viu outra vez a sala imunda, com a fotografia de Mao enrascada nas pontas, as carteiras escolares escalavradas. Viu as fileiras de cabeças desiguais, variando de afro a Jesus, Long Al arriado a seu lado, num estado de tédio alcoólico. E no pódio estava o vulto isolado e indefinido do nosso bravo representante da Palestina, em sua máscara preta, túnica caqui informe, *khefya* preto e

branco. Podia-se lembrar dos lábios dele, como de peixe, inexpressivos, dentro de sua jaula irregular. Podia-se lembrar do lenço vermelho amarrado no pescoço, num gesto de desafio, as mãos enluvadas gesticulando ao compasso de suas próprias palavras. Acima de tudo, podia-se lembrar da voz dele: não gutural, como esperara, mas refinada e gentil, num macabro contraste com sua mensagem sangrenta. Lembrava como ele fazia uma pausa para reformular uma frase infeliz, procurando pela correção gramatical: *o revólver e a Volta são uma única coisa para nós. . . um imperialista* é *todo aquele que não nos ajuda em nossa revolução... não fazer nada* é *endossar a injustiça...*

– Amei-a imediatamente – Joseph estava explicando, no mesmo tom retrospectivo. – Ou pelo menos é o que lhe digo agora. Assim que a conferência terminou, perguntei quem você era. Mas não me senti capaz de abordá-la na presença de tantas pessoas. Sabia também que não poderia mostrar-lhe meu rosto, o que é um dos meus maiores instrumentos. Por isso, resolvi procurá-la no teatro. Fiz algumas indagações, segui-a até Nottingham. Aqui estou. Eu a amo profundamente, assinado Michel.

Como se estivesse preocupado com uma reparação, Joseph fez uma ostentação de cuidar do bem-estar dela, tornando a encher seu copo, pedindo café. . . *metrio,* como você gosta. . . não queria ir ao banheiro?.. . não, obrigada, estou bem. A televisão exibia um filme de um político sorridente descendo a escada de um avião. Ele chegou ao último degrau sem qualquer infortúnio.

Concluído o desempenho, Joseph correu os olhos pela taverna, sugestivamente, depois fitou Charlie e sua voz se tornou a própria essência do pragmatismo: – Muito bem, Charlie. Você é a Joana d'Arc dele. O seu amor. Sua obsessão. Todos já foram para casa, os dois estão a sós no restaurante. Seu admirador sem máscara e você. Já passa de meia-noite e falei por tempo demais, embora mal tenha revelado o que há em meu coração, não lhe tenha perguntado sobre si mesma, a quem amo além de qualquer possível comparação, uma experiência inteiramente nova para mim e tudo o mais. Amanhã é domingo, você não tem nenhum compromisso, eu aluguei um quarto no motel. Não faço qualquer tentativa de convencê-la. Não é o meu hábito. Talvez eu esteja também por demais respeitoso de sua dignidade. Ou talvez seja orgulhoso demais para pensar que precisa de persuasão. Ou você irá comigo como uma companheira, uma amante sincera e livre, um relacionamento de soldado para soldado. . . ou não irá. Como você reage? Sente-se subitamente impaciente, querendo voltar logo ao Astral Hotel, perto da estação ferroviária?

Ela fitou-o fixamente por um momento, depois desviou os olhos. Tinha meia dúzia de respostas jocosas na ponta da língua, mas reprimiu-as. O vulto encapuzado no fórum era mais uma vez uma abstração. Era Joseph, não um estranho, quem formulava a pergunta. E o que havia para dizer quando, em sua imaginação, já estavam juntos na cama, a cabeça dele aninhada em seu ombro, o corpo forte e ferido estendido ao lado do seu, enquanto lhe arrancava a sua verdadeira natureza?

– Afinal, Charlie. . . como você própria nos contou. . . já esteve na cama com muitos homens por menos.

– Tem razão, muito menos – murmurou ela, demonstrando um interesse repentino pelo saleiro de plástico.

– Você está usando uma joia cara. Estava sozinha numa cidade horrível. Está chovendo. Ele encantou-a. . . lisonjeou a atriz, inspirou a revolucionária. Como poderia recusar?

– E também me alimentou – lembrou ela. –Mesmo que eu tivesse de comer carne, embora estivesse numa fase vegetariana.

– Eu diria que ele é tudo com que uma jovem ocidental entediada poderia sonhar.

– Pelo amor de Deus, José... – murmurou ela, sem ao menos ser capaz de fitá-lo.

– Ótimo. – Ele fez sinal, pedindo a conta. – Meus parabéns. Você encontrou finalmente sua alma irmã.

Uma brutalidade misteriosa se insinuara no comportamento dele. Charlie teve a impressão absurda de que sua aquiescência o enfurecera. Observou-o pagar a conta, viu-o guardar o recibo. Saiu atrás dele para o ar noturno. Sou a mulher duas vezes prometida, pensou ela. Se ama Joseph, aceite Michel. Ele está me cafetizando para o seu fantasma no teatro da realidade.

– Na cama, ele lhe diz que seu nome é Salim, mas isso é um grande segredo – comentou Joseph, ao entrarem no cano. – Prefere Michel. Em parte por motivos de segurança, em parte porque já está um pouco apaixonado pela decadência europeia.

– Gosto mais de Salim.

– Mas usa Michel.

Qualquer coisa que você quiser, pensou Charlie. Mas sua passividade era ilusória, até para si mesma. Podia sentir sua

raiva turbilhonando, ainda bem lá no fundo, mas começando a subir.

O motel era como um prédio de fábrica. A princípio, não havia vaga para estacionar, mas depois uma caminhonete Volkswagen branca partiu, deixando um espaço. Charlie divisou Dimitri ao volante. Segurando as orquídeas, como Joseph lhe instruíra, esperou que ele vestisse o *blazer* vermelho, depois seguiu-o até a varanda. Mas relutantemente, mantendo-se a alguma distância. Joseph carregava a bolsa dela, além de sua elegante valise preta. Devolva-me isso, é meu. No saguão, pelo canto do olho, ela divisou Raoul e Rachel de pé sob uma luz, lendo avisos sobre as excursões do dia seguinte. Lançou-lhes um olhar furioso. Joseph foi até a recepção e ela se aproximou para vê-lo assinar o registro, embora ele tivesse dito especificamente que não o fizesse. Nome árabe, nacionalidade libanesa, endereço de um apartamento em Beirute. Uma atitude desdenhosa: um homem importante, sempre pronto para se ofender com qualquer coisa. Você é bom, pensou ela, pesarosa, enquanto tentava odiá-lo. Não havia gestos desperdiçados, mas muita classe, faz com que o papel seja você. O entediado recepcionista da noite lançou um olhar cobiçado para ela, mas não exibiu o desrespeito a que Charlie já se acostumara. O porteiro estava colocando a bagagem num enorme carrinho de hospital. Estou usando um cafetã azul e uma pulseira de ouro, roupas de baixo da Persephone e Munique, vou morder o primeiro camponês que me chamar de vigarista. Joseph pegou-a pelo braço e a mão dele ardeu em sua pele. Ela desvencilhou-se. Ele que se fodesse. Aos acordes de uma canção gregoriana, eles seguiram a bagagem por um corredor cinzento, passando por várias portas. O quarto era de luxo, o que significava uma cama de casal, tudo esterilizado como urna abertura teatral.

– Santo Deus! – explodiu Charlie, olhando ao redor, com uma expressão de hostilidade.

O porteiro virou-se para ela, surpreso, mas Charlie ignorou-o. Viu uma tigela com frutas, um balde de gelo, dois copos e uma garrafa de vodca, esperando ao lado da cama. Um vaso para as orquídeas. Ajeitou-as nele. Joseph deu uma gorjeta ao porteiro e o carrinho se afastou, rangendo. E de repente os dois estavam realmente a sós, com uma cama do tamanho de um estádio de futebol e dois touros emoldurados, proporcionando o clima erótico apropriado, além de uma sacada com uma vista ampla do estacionamento. Tirando a garrafa de vodca do balde, Charlie serviu-se de uma dose pura e arriou na beira da cama.

– Saudações, meu caro – disse ela.

Joseph ainda estava de pé, observando-a sem qualquer expressão.

– Saudações, Charlie – respondeu ele, embora não estivesse com um copo na mão.

– O que fazemos agora? Jogamos Monopólio? Ou esta é a grande cena para a qual compramos nossos ingressos? – A voz dela se alteou. – Quem diabo está metido nisso? Apenas para minha informação. Quem? Certo? Apenas quem? Quem somos nós?

– Sabe muito bem quem somos nós, Charlie. Somos dois apaixonados desfrutando a nossa lua-de-mel grega.

– Pensei que estivéssemos num motel em Nottingham.

– Estamos representando os dois papéis ao mesmo tempo. Pensei que já tivesse compreendido isso. Estamos consolidando o passado e o presente.

– Porque estamos com muito pouco tempo.

– Porque vidas humanas estão correndo risco, digamos assim.

Charlie tomou outro gole de vodca. Sua mão estava firme como uma rocha, porque era assim que sua mão se comportava quando era invadida pela depressão.

– Vidas judias – corrigiu ela.

– São diferentes de outras vidas?

– Eu diria que são! E como são! Kissinger pode bombardear os pobres cambojanos até não poder mais. Ninguém levanta um dedo. Os israelenses podem fazer picadinho dos palestinos quando bem quiserem. Mas basta uma dupla de rabinos ser liquidada em Frankfurt ou qualquer outro lugar e é um desastre internacional de primeira classe, um escândalo mundial, não é mesmo?

Charlie estava olhando além dele, para algum inimigo imaginário. Mas, pelo canto do olho, viu-o dar um passo firme em

sua direção. Por um momento de grande intensidade, pensou que ele iria acabar com suas opções para sempre. Em vez disso, porém, ele passou por ela e foi até a janela e abriu-a, talvez porque precisasse que o barulho do tráfego abafasse a voz estridente dela.

– Todos esses casos são desastres – respondeu ele, olhando para fora, em demonstrar qualquer emoção. – Pergunte-me o que sentem os habitantes de Kiryat Shmonah quando caem as granadas palestinas. Peça nos *kibbutzim* para lhe falarem a respeito do zunido dos foguetes Katyusha, até quarenta de uma só vez, enquanto escondem as crianças nos abrigos, fingindo que se trata de uma brincadeira. –Ele fez uma pausa, deixando escapar um suspiro entediado, como se já tivesse escutado os próprios argumentos por vezes demais. E depois acrescentou, em tom mais objetivo: – Mas na próxima vez em que usar esse argumento, sugiro que se lembre por favor que Kissinger é judeu. Isto também tem um lugar no vocabulário político um tanto elementar de Michel.

Charlie levou a mão à boca e descobriu que estava chorando. Ele veio sentar-se ao seu lado na cama. Ela esperou que Joseph a abraçasse, apresentasse argumentos mais sábios ou simplesmente a possuísse, o que era justamente o que mais teria gostado. Mas ele não fez nada disso. Contentou-se em deixá-la se lamentar, até que, gradativamente, Charlie teve a ilusão de que ele a agarrara e estavam lamentando juntos. Mais do que quaisquer palavras, o silêncio dele parecia atenuar o que tinham de fazer. Por toda uma eternidade ficaram sentados assim, lado a lado, até que Charlie permitiu que os soluços fossem encerrados por um suspiro profundo e exausto. Mas ele continuava a não se mexer... nem para perto dela nem para longe.

– José. . . – murmurou ela, desesperada, pegando a mão dele mais uma vez. – Quem é você? O que sente por dentro de todos esses rolos de arame farpado?

Levantando a cabeça, ela prestou atenção aos sons de outras vidas nos quartos adjacentes. Os murmúrios irritados de uma criança sem sono. Uma estridente discussão conjugal. Somos nós, pensou ela: casados até que a morte nos separe. Ela ouviu um passo na varanda e virou a cabeça, a tempo de ver Rachel de macacão, armada com uma bolsa pequena e uma garrafa térmica, entrando no quarto.

Ela ficou acordada, exausta demais para dormir. Nottingham nunca fora assim. . Do quarto ao lado veio o som abafado de um telefonema e ela julgou reconhecer a voz dele. Estava nos braços de Michel. Estava nos braços de Joseph. Ansiava por Al. Estava em Nottingham com o amor de sua vida, estava a salvo em sua própria cama em Camden, estava no quarto que sua maldita mãe ainda chamava de quarto de bebê. Estava deitada como ficara em criança, depois que o cavalo a derrubara, assistindo ao filme de sua vida e explorando sua mente, como especulativamente explorara seu corpo, tateando cada palmo, a procura de algum dano. A um quilômetro de distância, no outro lado da cama, Rachel estava deitada, lendo Thomas Hardy, à luz de um pequeno abajur.

– Quem ele tem, Rachel? Quem se encarrega de cerzir suas meias e limpar seus cachimbos?

– Não acha que é melhor perguntar diretamente a ele, minha cara?

– É você?

– Não daria certo... não a longo prazo.

Charlie cochilou, ainda tentando compreendê-lo.

– Ele foi um guerreiro – murmurou ela.

– O melhor – confirmou Rachel, satisfeita. – Ainda é.

– E como ele se meteu nas lutas?

– Foram impostas a ele – respondeu Rachel, ainda absorvida no livro.

Charlie tentou uma manobra:

– Ele já foi casado. O que aconteceu com a mulher dele?

– Não entre nessa, minha cara.

– Ela pulou ou foi empurrada? – meditou Charlie, ignorando a censura. – É o que a gente sempre pergunta. A pobre coitada devia ser pelo menos meia dúzia de camaleões só para conseguir acompanhá-lo.

Ela ficou em silêncio por algum tempo.

– Como você entrou nisso, Rachel?

Para sua surpresa, Rachel largou o livro na barriga e respondeu. Os pais eram judeus ortodoxos da Pomerânia. Haviam-se instalado em Macclesfield depois da guerra e enriquecido na indústria de tecelagem.

– Com sucursais por toda Europa e um apartamento de cobertura em Jerusalém – explicou Rachel, em tom de indiferença.

Queriam que Rachel fosse para Oxford e depois passasse a trabalhar na firma da família. Mas ela preferia estudar a Bíblia e a história judaica na Universidade Hebraica.

– Simplesmente aconteceu – disse ela, quando Charlie pressionou-a sobre o passo seguinte.

Mas como?, insistiu Charlie. Por quê?

– Quem a recrutou, Rachel? Como foi?

Rachel não ia dizer-lhe como ou quem, mas podia explicar o motivo. Conhecia a Europa e conhecia o anti-semitismo. E queria mostrar aos sabras teimosos e heróis de guerra da universidade que era capaz de lutar tão bem quanto qualquer homem.

– E qual é a posição de Rose? – indagou Charlie, forçando sua sorte.

Rose era complicada, respondeu Rachel, como se ela própria não fosse. Rose fora da Juventude Sionista da África do Sul e viera para Israel sem saber se não deveria ficar e lutar contra o *apartheid*.

– Ela procura se empenhar mais que qualquer outra pessoa, porque não sabe o que deveria estar fazendo – explicou Rachel.

E, com isso, ela encerrou firmemente a conversa, voltando a se concentrar no livro. Um excesso de ideais, pensou Charlie. Há dois dias eu não tinha nenhum. Ela se perguntou se tinha algum agora. Deixe a pergunta para amanhã. Por algum tempo, sonolenta, ela se divertiu com manchetes. Atriz Famosa e Fantasista Depara com a Realidade. Joana d'Are Queima Ativista Palestino. Ora, Charlie, boa noite.

O quarto de Becker ficava a alguns metros pelo corredor. Tinha duas camas, o que era o mais perto que o hotel chegava de reconhecer que alguém pudesse dormir sozinho. Ele estava estendido numa cama, olhando para a outra, com o telefone na mesinha entre as duas. Mais 10 minutos e seria uma e meia, a hora exata. O porteiro noturno recebera a gorjeta e prometera fazer a ligação. Ele estava completamente desperto, como geralmente acontecia àquela hora. Para pensar lucidamente e se definir lentamente. Para colocar tudo na frente da cabeça e esquecer o que havia para trás. Ou o que não havia. O telefone tocou na hora exata e a voz de Kurtz saudou-o no mesmo instante. Onde ele está?, perguntou Becker, em tom de indiferença. Na Alemanha, lembrou-se. Podia ouvir música ao fundo e calculou que fosse um hotel. Um hotel na Alemanha fala com um hotel em Delfos. Kurtz falou em inglês, porque chamava menos atenção. Falou também de maneira despreocupada, que não deveria alarmar qualquer ouvinte improvável. Estava tudo bem, assegurou Becker, a operação transcorria sem qualquer dificuldade, ele não previa obstáculos imediatos. E como estava o último produto?, perguntou ele.

– Estamos recebendo a melhor colaboração que se poderia imaginar – respondeu Kurtz, no tom que usava para convocar suas tropas dispersas. – Vá diretamente ao armazém assim que quiser. Posso lhe garantir que não ficará desapontado com o produto.

Becker raramente concluía suas conversas telefônicas com Kurtz e o inverso também acontecia. Era uma coisa estranha entre os dois que cada um tentava se livrar primeiro da companhia do outro. Desta vez, no entanto, Kurtz escutou atentamente até o fim e o mesmo aconteceu com Becker. Mas quando desligou, Becker vislumbrou suas feições bonitas no espelho e ficou contemplando-as com profunda aversão. Por um momento, eram como as feições de um destruidor. Experimentou um desejo mórbido e intenso de apagá-las para sempre. *Quem é você? O que sente?* Ele se aproximou do espelho. Sinto como se estivesse olhando para um amigo morto, esperando que ele ressuscite. Sinto que estou procurando por minhas antigas esperanças em outra pessoa, mas em vão. Sinto que sou um ator, como você também é, envolvendo-me com versões de minha identidade, porque o original se perdeu em algum ponto ao longo do caminho. Mas, na verdade, nada sinto, porque o sentimento genuíno é subversivo e contrário à disciplina militar. Portanto, não sinto, mas luto, logo existo.

Na cidade, ele foi andando impacientemente, em passos largos, olhando fixamente para a frente. Era como se andar o entediasse e a distância, como sempre, fosse curta demais. Era uma cidade esperando pelo ataque. Ao longe de 20 anos ou mais, conhecera muitas cidades naquela situação. Os habitantes haviam fugido nas ruas, não se podia ouvir qualquer criança. Derrubem as casas. Atirem em qualquer coisa que se mexer. Os ônibus e carros estacionados haviam sido abandonados por seus donos, só Deus sabia quando tornariam a vê-los. Ocasionalmente, o olhar rápido dele se empenhava por um portal ou pela entrada de um beco escuro. Mas a observação era-lhe habitual e as passadas não se alteravam. Alcançando uma rua transversal, ele levantou a cabeça para ler a placa. Mas seguiu adiante rapidamente, até entrar num canteiro de obras. Um

microônibus estava parado entre pilhas de tijolos. As estacas de um varal antigo erguiam-se ao lado, sustentando 30 metros de fio de antena. Uma música tênue vinha lá de dentro. A porta se abriu, o cano de uma pistola apontou para seu rosto, como um olho a esquadrinhá-lo, desaparecendo um momento depois. Uma voz respeitosa disse *"shalom"*. Ele entrou, fechando a porta. A música não abafava inteiramente o matraquear irregular do pequeno aparelho de telex. David, o operador, estava debruçado sobre o aparelho com dois rapazes de Litvak a lhe fazerem companhia. Com apenas um aceno de cabeça, Becker sentou no banco estofado e começou a ler o maço grande de mensagens que o esperavam.

Os rapazes fitavam-no respeitosamente. Sentia que eles contavam as fitas de condecorações, em suas mentes sôfregas, provavelmente conheciam seus feitos de heroísmo melhor do que ele próprio.

– Ela está com ótimo aspecto – comentou o mais ousado dos dois.

Becker ignorou-o. Às vezes ele assinalava no lado um parágrafo, em outras ocasiões sublinhava uma data. Quando acabou, entregou os papéis aos rapazes e depois fez com que o testassem, até ficar convencido de que conhecia suas falas.

Saindo do veículo, ele parou por um momento ao lado da janela, mesmo sem querer, ouvindo as vozes animadas dos rapazes discutindo sua pessoa.

– Misha Gavron arrumou para si mesmo a diretoria de uma nova e grande indústria têxtil nas proximidades de Haifa – comentou o mais ousado.

– Isso é sensacional – disse o outro. – Vamos nos aposentar agora e virar milionários.

11

Para sua reunião proibida mas vital com o bom Dr. Alexis, naquela mesma noite, Kurtz assumira uma atitude de afinidade colegial entre profissionais, reforçada por uma amizade antiga. Por sugestão de Kurtz, não se encontraram em Wiesbaden, mas sim na estrada para Frankfurt, onde as multidões eram mais densas e mais flutuantes, numa sala de hotel grande e desalinhada, que naquela semana estava acolhendo os executivos da indústria de brinquedos. Alexis propusera sua casa. Mas Kurtz recusara, com uma insinuação que Alexis prontamente entendera. Eram 10 horas da noite quando se encontraram. A maioria dos delegados já saíra pela cidade, em busca de outras variedades de brinquedos. O bar estava quase vazio. À primeira vista, eles eram apenas dois homens de negócios, resolvendo os grandes problemas do mundo, com um vaso com flores de plástico a separá-los. De certa forma, eles eram isso mesmo. Havia uma música ambiental, mas o *barman* escutava um recital de órgão de Bach, na catedral de Salzburgo, pelo seu rádio transistorizado.

Desde que haviam-se encontrado pela primeira vez, o rebelde malicioso em Alexis parecia finalmente ter adormecido. As primeiras tênues sombras de fracasso se estendiam à sua frente, como o avanço perceptível de uma doença. O seu sorriso de televisão adquirira uma modéstia nova e que não condizia. Kurtz, que estava se preparando para o bote, verificou isso ao primeiro olhar, satisfeito; Alexis, não tão satisfeito, todas as manhãs, na intimidade de seu banheiro, puxava para trás a pele em torno dos olhos, restaurando por um breve instante o resquício da juventude a se desvanecer. Kurtz trazia cumprimentos de Jerusalém e, como um símbolo, uma pequena garrafa com água turva, certificada pelo rótulo como tendo sido tirada do verdadeiro Jordão. Soubera que a nova Sra. Alexis estava esperando um filho e sugeriu que a água seria bastante útil. O gesto comoveu Alexis e divertiu-o mais que a própria circunstância.

– Mas você soube antes mesmo de mim – protestou ele, olhando para a garrafa. – Ainda nem contei ao pessoal do escritório.

O que era verdade. O silêncio dele fora como um derradeiro esforço para impedir a concepção.

– Diga a eles depois que estiver tudo acabado e peça desculpas – sugeriu Kurtz, não sem uma intenção objetiva.

Tranquilamente, como convém a pessoas que não fazem cerimônia, eles beberam à vida e a um futuro melhor para o filho por nascer do bom doutor.

– Disseram-me que você é atualmente um coordenador – comentou Kurtz, com um brilho nos olhos.

– A todos os coordenadores – respondeu Alexis, solenemente.

Eles tomaram outro gole simbólico. Haviam combinado que se tratariam pelos primeiros nomes, mas Kurtz mesmo assim mantinha um tratamento formal. Não queria que sua ascendência sobre Alexis fosse afetada de qualquer maneira.

– Posso lhe perguntar o que está coordenando, Paul?

– Herr Schulmann, devo avisá-lo que o contato com serviços amigos não está mais incluído entre as minhas funções oficiais – entoou Alexis, numa paródia deliberada da sintaxe de Bonn.

Ele ficou esperando que Kurtz o pressionasse a dar mais informações. Em vez disso, porém, Kurtz arriscou um palpite, que não era absolutamente um palpite: – Um coordenador tem responsabilidade administrativa sobre questões vitais como transporte, treinamento, recrutamento e contabilidade financeira das seções operacionais. Cuida também do intercâmbio de informações entre os órgãos federais e estaduais.

– Você deixou de fora as licenças oficiais – protestou Alexis, tão divertido quanto impressionado, mais uma vez, com a acurácia das informações de Kurtz. – Se quer uma licença, vá a Wiesbaden. Posso providenciar. Temos um comitê de alto nível só para cuidar das licenças oficiais.

Kurtz prometeu solenemente que faria isso, confessando que já estava mais do que na hora de ter um descanso. A insinuação de excesso de trabalho lembrou a Alexis de seu próprio tempo no campo. Ele divagou, a fim de relatar um caso em que não dormira – nem mesmo me deitei, Marty – por três noites consecutivas. Kurtz ouviu-o com uma simpatia respeitosa. Kurtz era um excelente ouvinte, uma espécie que Alexis raramente encontrava em Wiesbaden.

– Quer saber de uma coisa, Paul? – disse Kurtz, depois de divagarem amigavelmente por algum tempo. – Também já fui um coordenador. Meu supervisor resolveu que eu era um rebelde. . . – Kurtz fez uma pausa, exibindo um sorriso pesaroso de cumplicidade – . . . e por isso me fez um coordenador. Fiquei tão chateado que depois de um mês escrevi para o General

Gavron e disselhe oficialmente que era um vagabundo. "General, a coisa é oficial. Marty Schulmann diz que você não passa de um vagabundo." Ele mandou me chamar. "Schulmann, o que está acontecendo? Apenas um mês e já está me chamando de um vagabundo! Como descobriu meu segredo?" Ao que declarei: "General, se tivesse um pingo de amor-próprio me rebaixaria a soldado raso e me mandaria de volta à minha antiga unidade, onde eu não poderia insultá-lo dessa maneira." Sabe o que Misha fez? Expulsou-me da sala e depois me promoveu. Foi assim que voltei à minha unidade.

A história era ainda mais engraçada porque lembrava a Alexis de seus dias agora acabados como um elemento independente bastante conhecido, circulando entre a pomposa hierarquia de Bonn. Assim, era a coisa mais natural do mundo que a conversa se desviasse para o atentado de Bad Godesberg, que fora o incidente que acarretara o conhecimento mútuo.

– Soube que finalmente estão fazendo algum progresso – comentou Kurtz. – Descobrir que a moça veio de Orly em Paris já é uma grande coisa, embora ainda não saibam quem ela é.

Alexis não ficou absolutamente irritado ao ouvir aquele louvor descuidado dos lábios de alguém que tanto admirava e respeitava.

–Acha que é uma grande coisa? Recebi ontem a análise mais atualizada. Uma garota voa de Orly para Colônia no dia do atentado. Eles pensam. Ela está usando *jeans*. Eles pensam. Lenço na cabeça, corpo atraente, talvez loura. E daí? Os franceses nem mesmo podem confirmar o seu embarque. Ou dizem que não podem.

– Talvez seja porque ela não embarcou para Colônia, Paul – sugeriu Kurtz.

– Como ela pode voar para Colônia se não embarca para Colônia? – protestou Alexis, não percebendo a insinuação. – Aqueles cretinos não são capazes de descobrir um elefante numa pilha de cacau.

As mesas vizinhas ainda estavam vazias. Com Bach no rádio transistorizado e *Oklahoma* saindo pelos alto-falantes, havia música suficiente para abafar várias heresias simultâneas.

– Vamos supor que ela tenha passagem para outro lugar – explicou Kurtz, pacientemente. – Como Madri, por exemplo. Ela embarca em Orly, mas com uma passagem para Madri.

Alexis aceitou a hipótese.

– A passagem é Orly-Madri e ela se registra no voo para Madri ao chegar ao aeroporto. Vai para o salão de partida com o cartão de embarque de Madri, escolhe um lugar determinado para esperar. E fica esperando. Perto de um determinado portão de partida. Por que não? O portão 18, por exemplo, que é o lugar em que ela esperou. Alguém a aborda, uma moça, fala as palavras combinadas. As duas vão para o banheiro, trocam as passagens. Tudo perfeitamente organizado. Um esquema muito bom. Elas também trocam de passaporte. Com as mulheres, isso não é problema. Maquilagem, perucas... quando se vai lá no fundo, Paul, descobre-se que todas as moças bonitas são iguais.

A verdade do aforismo agradou bastante a Alexis, pois recentemente chegara à mesma conclusão sombria, em relação a seu segundo casamento. Mas não se deteve nisso, pois já sentia a iminência de uma informação importante e o policial que havia nele estava outra vez alerta.

– E o que acontece quando ela chega a Bonn? – perguntou ele, acendendo um cigarro.

– Ela chega com um passaporte belga. Uma falsificação perfeita, de uma batelada produzida na Alemanha Oriental. É recebida no aeroporto por um rapaz barbado, numa motocicleta roubada, com placas falsas. Alto, jovem, barbado: isso é tudo o que a moça sabe, é tudo o que qualquer um sabe, pois essa gente é muito eficiente em questões de segurança. Uma barba? O que é uma barba? Além disso, em nenhum momento ele retirou o capacete. Em matéria de segurança, essa gente está acima da média. São até extraordinários.

Alexis comentou que já percebera isso. Assim como havia também percebido o peculiar endurecimento nas feições de Kurtz, o brilho de ódio em seus olhos eslavos escuros. Mas não fez qualquer comentário a respeito, embora lhe provocasse um calafrio de emoção, com a vergonha secreta de um *voyeur*.

– O trabalho do rapaz na operação é apenas o de cortar atalhos – continuou Kurtz. – Isso é tudo o que ele faz. Rompe o circuito. Recebe a moça, certifica-se de que ela não está sendo seguida, dá algumas voltas, leva-a para a casa em que ela receberá as instruções finais.

Ele fez uma pausa.

– Há um sítio perto de Mehlem que tem o nome de Haus Sommer. Um estábulo adaptado fica no lado sul do caminho.

Esse caminho vai dar numa das saídas da auto-estrada. Sob os alojamentos, há uma garagem... e nessa garagem está esperando um Opel, com placas de Siegeburg, o motorista já ao volante.

Desta vez, para sua satisfação aturdida, Alexis pôde intervir com alguma informação, murmurando: – Achmann. . . O editor Achmann, de Dusseldorf. Será que ficamos loucos? Por que ninguém pensou nele antes?

– Isso mesmo, Achmann – disse Kurtz aprovadoramente a seu discípulo. – Haus Sommer é propriedade do Dr. Achmann de Dusseldorf, cuja distinta família possui uma próspera indústria madeireira, algumas revistas e uma cadeia de lojas de pornografia. Como atividade secundária, ele também publica calendários românticos, com paisagens alemãs. O estábulo adaptado pertence à filha do Dr. Achmann, Inge. Tem sido o cenário de muitas reuniões marginais, com a presença principalmente de ricos e desencantados exploradores da alma humana. Na ocasião em questão, Inge emprestara o local a um amigo em necessidade, um namorado que tinha uma namorada. . .

– *Ad infinitum* – completou Alexis, com admiração.

– Dissipada a fumaça, vai-se encontrar mais fumaça. O fogo está sempre a alguma distância. É assim que essa gente opera. É assim que sempre operaram.

Das cavernas no vale do Jordão, pensou Alexis, muito excitado. Com um rolo de fio extra numa imitação. Com bombas que se pode fabricar em seu quintal.

O rosto e o corpo de Alexis haviam passado por uma misteriosa transformação durante a última parte do relato de Kurtz, que não deixara de percebê-lo. As linhas de preocupação e fraqueza humana, que tanto o afligiam, haviam desaparecido. Ele estava agora recostado confortavelmente, os braços pequenos cruzados sobre o peito, um sorriso rejuvenescedor fixado no rosto, a cabeça cor de areia inclinada para a frente, numa submissão harmoniosa ao grande desempenho de seu mentor.

– Posso lhe perguntar quais as bases dessas interessantes teorias, Herr Schulmann? – perguntou Alexis, com um tom de ceticismo que não chegava a ser convincente.

Kurtz simulou ponderar por um momento, embora as informações de Yanuka ainda estivessem nítidas em sua memória, como se estivesse sentado com ele em sua cela acolchoada em Munique, segurando sua cabeça enquanto tossia e chorava.

– Ora, Paul, ambos temos as placas do Opel, temos uma fotocópia do contrato de aluguel do carro e temos um depoimento assinado de um dos participantes.

Esperando modestamente que essas pistas escassas pudessem passar por uma base suficiente, pelo menos por enquanto, ele tratou de continuar em sua história: – O rapaz barbado deixa-a no estábulo e vai embora, para nunca mais ser visto. A moça veste o imaculado vestido azul, põe a peruca, arruma-se impecavelmente, tudo visando a agradar o crédulo e excessivamente afetuoso adido trabalhista. Ela embarca no Opel e é levada à casa por um segundo jovem. No caminho, eles param para armar a bomba. Pois não?

– Esse rapaz. . . – interveio Alexis, ansiosamente. – Ela já o conhece ou se trata de alguém que lhe é completamente misterioso?

Recusando-se a se aprofundar na participação de Yanuka, Kurtz deixou a pergunta sem resposta, limitando-se a sorrir. Mas sua evasiva não era ofensiva, pois Alexis estava agora ansioso por todo e qualquer detalhe e não podia esperar que seu prato fosse enchido a cada vez. Nem era desejável que tal acontecesse.

– A missão cumprida, o mesmo motorista troca as placas e os documentos, leva a moça a Bad Neuenahr, uma pequena e aprazível localidade na Renânia, onde a deixa.

– E depois?

Kurtz passou a falar muito devagar, como se cada palavra fosse agora um perigo para o seu complexo plano, o que de fato acontecia.

– Ali. . . trata-se de um palpite. . . eu diria que a moça é apresentada a um certo admirador secreto. . . alguém que talvez a tenha instruído um pouco em seu papel naquele dia. Talvez como armar a bomba. Como fixar o relógio. Como preparar a armadilha. Por palpite, eu diria que esse mesmo admirador já havia alugado um quarto de hotel em algum lugar. Sob o estímulo do sucesso partilhado, o casal se empenha num amor ardente. Na manhã seguinte, enquanto eles ainda estão dormindo, exaustos dos prazeres noturnos, a bomba explode. Acontece mais tarde do que se tencionava, mas quem se importa?

Alexis inclinou-se rapidamente para a frente, quase acusando-o em sua excitação.

– E o *irmão,* Marty? O grande guerreiro que já matou tantos israelenses? Onde ele estava durante todo esse tempo? Creio que em Bad Neuenahr, divertindo-se um pouco com a sua linda terrorista. É isso mesmo?

Mas as feições de Kurtz haviam assumido uma impassibilidade rígida, que o entusiasmo do bom doutor parecia apenas intensificar.

– Onde quer que ele esteja, o fato é que comanda uma operação eficiente, perfeitamente fracionada, perfeitamente delegada, tudo bem pesquisado. – Kurtz tinha agora uma expressão de aparente contentamento. – O rapaz barbado tinha a descrição da moça e mais nada. Não conhecia nem mesmo o alvo. A moça conhecia a placa de sua motocicleta. O motorista conhecia o alvo, mas não o rapaz barbado. Há um cérebro em ação.

Depois disso, Kurtz parecia estar afligido por uma surdez angelical. Depois de mais algumas perguntas em vão, Alexis sentiu a necessidade de pedir novos uísques. A verdade é que o bom doutor estava experimentando uma escassez de oxigênio. Era como se a vida até aquele momento se consumisse num nível inferior de existência, um nível que recentemente baixara ao mínimo possível. Agora, subitamente, o grande Schulmann estava levando-o a altitudes com que jamais sonhara.

– E suponho que você está aqui na Alemanha para transmitir essas informações a seus colegas alemães, oficialmente – comentou Alexis, provocante.

Mas Kurtz respondeu apenas com um silêncio prolongado e especulativo, durante o qual parecia estar testando Alexis com os olhos e pensamentos. Depois, ele fez o gesto que Alexis tanto admirava, puxando a manga para trás e erguendo o pulso para consultar o relógio. O que fez Alexis se lembrar mais uma vez que seu próprio tempo se esgotava diante de seus olhos, enquanto para Kurtz parecia nunca haver tempo suficiente.

– Pode estar certo de que o pessoal de Colônia ficará profundamente grato – insistiu Alexis. –Meu excelente sucessor.. . lembra-se dele, Marty?... vai conquistar um imenso triunfo pessoal. Com a ajuda dos meios de comunicação, ele vai-se tornar o mais brilhante e popular policial da Alemanha Ocidental. Será inevitável, não é mesmo? E tudo graças a você.

O sorriso largo de Kurtz admitia que assim era. Ele tomou um pequeno gole do uísque, enxugou os lábios com um velho lenço caqui. Encostou o queixo na mão e suspirou, insinuando que não tivera realmente a intenção de dizer isso, mas o faria, já que Alexis agora levantava a questão.

– Jerusalém pensou muito nesse problema, Paul. Não estamos tão certos quanto você parece estar de que seu sucessor é o tipo de cavalheiro cujo progresso na vida podemos ajudar com absoluto entusiasmo.

O rosto franzido parecia indagar: "Mas o que se pode fazer?" – Ocorreu-nos, no entanto, que havia uma alternativa disponível; talvez devêssemos explorar isso um pouco com você e verificar sua reação. Não haveria meios, pensamos, pelos quais o bom Dr. Alexis poderia transmitir as informações a Colônia, por nossa conta? Particularmente. Extra-oficialmente, mas ao mesmo tempo oficialmente, se pode entender o que estou querendo dizer. Numa base de sua iniciativa pessoal e orientação firme. É uma indagação que temo-nos formulado. Talvez pudéssemos procurar Paul e lhe dizer: "Paul, você é um amigo de Israel. Tome isso. Aproveite. Tire o proveito que puder. Aceite como um presente e nos mantenha fora de tudo." Por que sempre promover um homem errado em casos assim? Por que não o homem certo, para variar? Por que não tratar com amigos, o que sempre foi um dos nossos princípios? Por que não ajudá-los a progredir? Por que não recompensá-los por sua lealdade a nós?

Alexis fingiu não compreender. Ficara um tanto vermelho e havia um tom ligeiramente histérico em suas negativas.

– Acontece que não tenho fontes, Marty. Não estou mais operacional, sou apenas um burocrata. Poderia pegar o telefone e dizer: "Colônia, aqui é Alexis. Aconselho a irem imediatamente a Haus Sommer, prenderem a filha de Achmann e deterem todos os amigos dela para interrogatório?" Sou um feiticeiro, um alquimista, para conseguir extrair todas essas informações de pedras? O que eles estão pensando em Jerusalém. . . que um *coordenador* se transforma de repente num mágico?

A maneira como estava ridicularizando a si mesmo tornou-se constrangedora e cada vez mais irreal.

– Devo pedir também a prisão de todos os motociclistas barbados que parecerem italianos? Eles vão rir de mim!

Ele não tinha mais nada a dizer e por isso Kurtz ajudou-o a encontrar uma saída. O que era justamente o que Alexis queria, pois estava no ânimo de uma criança que critica a autoridade somente para ser tranquilizada de sua imposição.

– Ninguém está querendo prisões, Paul. Ainda não. Pelo menos não em nosso lado. Ninguém está procurando por qualquer ação aberta, muito menos em Jerusalém.

– Então o que vocês estão procurando? – indagou Alexis, com uma súbita irritação.

– Justiça – disse Kurtz, suavemente. Mas seu sorriso inflexível transmitia outra espécie de mensagem. - Justiça, um pouco de paciência, um pouco de coragem, muita criatividade, muita inventiva, para quem quer que entre no jogo conosco. Deixe-me lhe perguntar uma coisa, Paul. – A mão poderosa pousou no antebraço de Alexis. – Vamos fazer algumas suposições. Suponhamos que um informante anônimo e excepcionalmente secreto. . . estou pensando num árabe altamente situado, Paul, um árabe do centro moderado, que gosta da Alemanha, admira-a e possui informações sobre certas operações terroristas, que ele desaprova. Suponhamos que um homem assim tenha visto o grande Alexis na televisão há algum tempo. Suponhamos, por exemplo, que ele estava sentado em seu quarto de hotel uma noite, em Bonn.. . ou poderia ser Dusseldorf. . . e por acaso ligou a televisão para se distrair um pouco. Lá estava o bom Dr. Alexis, advogado, policial, é verdade, mas também um homem de humor, flexível, pragmático, um humanista até a raiz dos cabelos, um homem e tanto, em suma... Pois não?

– É tudo suposição – disse Alexis, meio ensurdecido pelo volume das palavras de Kurtz em sua mente.

– Esse árabe, Paul, sentiu-se tentado a procurá-lo – continuou Kurtz. – Não falaria com mais ninguém. Confiava em você por um impulso inexplicável, recusava-se a tratar com qualquer outro representante alemão. Esquivou-se aos ministérios, polícia, pessoal de informações. Procurou-o na lista telefônica. . . ligou para sua casa. Ou para o seu escritório. Como você preferir... a história é sua. E encontrou-se aqui com você neste hotel. Esta noite. Tomou dois uísques com você. Deixou-o pagar. E enquanto tomavam os uísques presenteou-o com determinados fatos. O grande Alexis. . . ninguém mais servirá para ele. Está vendo algum proveito nisso, para um homem injustamente privado do progresso merecido de sua carreira?

Reconstituindo a cena mais tarde, uma coisa que Alexis fez repetidamente à luz de muitos ânimos conflitantes de espanto, orgulho e horror total e anárquico, ele passou a considerar o discurso que se seguiu como a justificativa indireta de Kurtz anterior ao que ele tinha em mente: – O pessoal do terror está-se tornando cada vez melhor – queixou-se Kurtz, sombriamente. – "Infiltre um agente, Schulmann", me diz Misha Gavron. "Claro, Misha. Arrumarei um agente, vou treiná-lo, prepará-lo, chamar atenção para ele nos lugares certos, exibi-lo à oposição. Farei qualquer coisa que você quiser, Misha. Mas sabe qual será a primeira coisa que eles vão fazer? Vão convidá-lo a demonstrar sua autenticidade. Atirando num guarda de banco ou num soldado americano. Jogando uma bomba num restaurante. Ou entregando uma mala preparada a alguém. Para explodi-lo. É isso o que você quer? É isso o que está me convidando a fazer... infiltrar um agente e depois ficar observando-o matar nossa própria gente para o inimigo?"

Kurtz fez uma pausa, tornando a exibir para Alexis o sorriso infeliz de alguém que estava à mercê de superiores irracionais.

– As organizações terroristas não levam passageiros, Paul. Foi o que falei a Misha. Eles não têm secretárias, datilógrafas, burocratas ou quaisquer das pessoas que normalmente dariam agentes naturais, sem estarem na linha de frente. Eles exigem um tipo especial de penetração. "Se você quer penetrar na rede de terror atualmente, Misha, precisa praticamente formar o seu próprio terrorista." Foi o que eu falei. Mas ele me escutou?

Alexis não podia mais disfarçar seu fascínio. Inclinou-se para a frente, os olhos brilhando com o encanto perigoso de sua pergunta, formulada num sussurro: – E você fez isso? Aqui na Alemanha?

Kurtz não respondeu diretamente, como muitas vezes acontecia. Os olhos eslavos já pareciam contemplar além de Alexis para o objetivo seguinte, em seu caminho tortuoso e solitário.

– Suponhamos que eu tivesse de lhe comunicar um acidente, Paul – sugeriu Kurtz, no tom de quem seleciona uma opção remota entre as muitas que se apresentaram à sua mente atilada. – Um acidente que vai acontecer, daqui a quatro dias.

O concerto do *barman* terminara a ele estava fechando o bar ruidosamente, como um prelúdio a ir para a cama. Por sugestão de Kurtz, eles se transferiram para o saguão do hotel e se acomodaram em duas poltronas, como passageiros num convés varrido pelo vento. Por duas vezes durante a conversa Kurtz olhou para seu velho relógio de aço, pedindo licença para telefonar. Mais tarde, quando Alexis verificou as ligações, por pura curiosidade, descobriu que ele falara com um hotel em Delfos, na Grécia, por 12 minutos, pagando na hora, e com um número em Jerusalém que não foi possível determinar. Às três horas da madrugada ou mais, alguns trabalhadores estrangeiros, de aparência oriental, apareceram no saguão do hotel, em macacões puídos, empurrando um imenso aspirador, que mais parecia um canhão Krupp. Mas Kurtz e Alexis continuaram conversando, apesar do barulho. Foi só quando estava amanhecendo que os dois homens se retiraram, selando o seu acordo com um aperto de mão. Kurtz teve a precaução de não agradecer com muito exagero a seu novo recruta, pois Alexis era do

tipo que podia ser alienado por um excesso de gratidão. E Kurtz sabia disso muito bem.

O revigorado Alexis voltou apressadamente para casa. Fez a barba, mudou de roupa, demorou-se pelo tempo suficiente para impressionar a jovem esposa com o sigilo absoluto de sua missão. Seguiu para o seu escritório de vidro e concreto com uma expressão misteriosa de satisfação, como não se via em seu rosto há muito tempo. Entre sua equipe, comentou-se que ele gracejou um bocado, arriscando alguns comentários maliciosos sobre os seus colegas. O velho Alexis, disseram eles; está até exibindo sinais de humor, embora o humor nunca tenha sido o seu ponto forte. Pediu papel e, isolando-se até mesmo de sua secretária particular, começou a elaborar um relatório longo e deliberadamente obscuro a seus superiores, sobre um contato inesperado com "uma fonte oriental altamente situada, que conheci em minha função anterior". Havia diversas informações novas sobre o atentado em Godesberg... embora nenhuma delas fosse suficiente, por enquanto, para fazer algo mais além de autenticar a boa fé do informante e, por extensão, do bom doutor, como seu controlador. Solicitou determinados poderes e facilidades, além de um fundo operacional sem necessidade de prestação de contas, a ser dispendido a seu critério exclusivo. Não era um homem ganancioso, embora o seu segundo casamento fosse dispendioso e o divórcio ruinoso. Mas sabia que, naqueles tempos materialistas, as pessoas prezavam mais o que lhes custava mais caro.

E, por fim, ele fez uma predição, que Kurtz lhe ditara palavra por palavra, pedindo que lesse tudo de novo ao final. Era imprecisa o bastante para ser virtualmente inútil, mas precisa o suficiente para impressionar profundamente, depois que se consumasse. Informações não confirmadas diziam que uma grande remessa de explosivos fora recentemente fornecida por extremistas islâmicos turcos em Istambul, para utilização em ações contra os sionistas na Europa Ocidental. Devia-se esperar um novo atentado nos próximos dias. Rumores apontavam para um alvo no sul da Alemanha. Todos os postos de fronteira e forças policiais locais deviam ser alertados. Não havia mais detalhes disponíveis. Naquela mesma tarde, Alexis foi convocado por seus superiores; na mesma noite, teve uma conversa pelo telefone, longa e clandestina, com seu grande amigo Schulmann, a fim de receber os parabéns e estímulos dele, além de novas instruções.

– Eles estão mordendo a isca, Marty! – exclamou ele, em inglês, muito excitado. – São como ovelhas! Estão completamente em nossas mãos!

Alexis mordera a isca, disse Kurtz a Litvak, de volta a Munique, mas vai precisar de muito controle.

– Por que Peter não pode apressar aquela moça? – murmurou ele, olhando contrafeito para seu relógio.

– Porque ele não gosta mais de dar o bote! – gritou Litvak, com um júbilo que não podia conter. – Você pensa que não posso perceber isso? E pensa que você também não pode?

Kurtz disselhe que se calasse.

12

Mas nem toda a impaciência e pressão de Kurtz podia acelerar o ritmo já febril da ardorosa paixão simulada dos dois. Eles estavam correndo o mais depressa que podiam.

O topo da colina recendia a tomilho e era um lugar especial para Joseph. Ele procurara-o no mapa e levou Charlie até lá com um ar de solenidade, primeiro de carro e agora a pé, passando decidido por bosques de ciprestes e campos de flores amarelas. O sol ainda não estava a pino. Para o interior, estendiam-se sucessivas montanhas escuras. Para leste, Charlie podia divisar as planícies prateadas do Egeu, até que o nevoeiro as transformava em céu. O ar recendia a resina e mel das colméias, ressoava com o tilintar dos sinos das cabras. Uma brisa amena ardia num lado de seu rosto, grudava o vestido leve contra o corpo. Ela segurava o braço dele, mas Joseph, absorvido em sua concentração, parecia não perceber. Em determinado momento, ela teve a impressão de avistar Dimitri sentado num portão. Mas quando fez o comentário, Joseph advertiu-a bruscamente a não cumprimentá-lo. Em outro momento, ela podia jurar que vira a silhueta de Rose, muito acima deles, recortada contra o céu. Mas nada viu quando tornou a olhar.

O dia até então tivera a sua coreografia própria e Charlie deixara que ele a conduzisse, com sua inquietação habitual. Ela despertara cedo para deparar com Rachel parada ao lado da cama, dizendo-lhe que deveria usar o outro vestido azul, o de mangas compridas. Ela tomara um banho de chuveiro rápido e voltara ao quarto, inteiramente nua. Mas Rachel já se fora e era Joseph quem estava lá, sentado diante de uma bandeja com o café da manhã para dois, escutando um noticiário grego pelo seu rádio pequeno, para o resto do mundo o companheiro dela durante a noite. Charlie voltara correndo ao banheiro e Joseph lhe entregara o vestido. Comeram apressadamente, em silêncio quase total. Na recepção, ele pagou em dinheiro e guardou o recibo. Perto do Mercedes, quando levaram a bagagem, ela encontrara Raoul, o *hippie* louro, deitado a apenas dois metros do para-choque traseiro, mexendo com o motor de uma motocicleta carregada. Rose estava estendida de lado na relva, comendo um pão. Charlie se perguntara por quanto tempo os dois estavam ali e por que tinham de vigiar o carro. Joseph seguira pela estrada por um quilômetro e meio, até o local das ruínas antigas, estacionando mais uma vez. Muito antes que os outros mortais começassem a entrar em fila e suar, Joseph já a levara por um portão lateral, oferecendo-lhe outra excursão particular ao centro do universo. Ele mostrou-lhe o Templo de Apoio e a muralha dórica inscrita com hinos de louvor, a pedra que assinalara o umbigo do mundo. Fez um comentário sobre as muitas guerras travadas para se obter a posse do Oráculo. Mas não havia qualquer jovialidade em sua voz, como acontecera na Acrópole. Charlie teve uma visão dele com uma lista mental, verificando cada item. Voltando ao carro, ele entregou-lhe as chaves.

– Para mim?

– Por que não? Pensei que os carros de classe fossem a sua fraqueza.

Seguiram para o norte, por estradas sinuosas e vazias, a princípio. Ele pouco fez além de avaliar a técnica de guiar dela, como se a estivesse submetendo a outro teste. Mas não podia deixá-la nervosa e logo abriu um mapa sobre os joelhos e pareceu ignorá-la. O carro andava como um sonho, a estrada deixou de ser pavimentada e passou a ter apenas cascalho. A cada curva mais fechada, uma nuvem de poeira se elevava, iluminada pelo sol, pairando sobre uma paisagem espetacular. Abruptamente, Joseph dobrou o mapa e guardou-o.

– E então, Charlie, está pronta? – perguntou ele, bruscamente, como se ela o estivesse fazendo esperar.

E Joseph retomou sua narrativa. A princípio, estavam ainda em Nottingham, o frenesi no auge. Passaram duas noites e um dia no motel, disse ele, o que estava confirmado pelo registro.

– Os empregados, se pressionados, poderão recordar um casal de amantes correspondendo à nossa descrição. Nosso quarto ficava na extremidade oeste, dando para um pequeno jardim. Você será levada até lá para ver como era, na ocasião oportuna.

Passaram a maior parte do tempo na cama, explicou ele, conversando sobre política, trocando experiências, fazendo amor. As únicas interrupções haviam sido duas excursões pelos campos de Nottingham. Mas o desejo dos amantes logo voltara a predominar e voltaram apressadamente ao motel.

– Por que não fizemos tudo no carro? – perguntou Charlie, num esforço para arrancá-lo de seu ânimo sombrio. – Gosto das coisas imprevistas.

– Respeito seu gosto, mas infelizmente Michel é inibido nessas coisas e prefere a intimidade do quarto.

Charlie tentou de novo:

– E qual é o comportamento dele?

Joseph tinha uma resposta para aquilo também:

– Segundo as melhores informações, ele é um pouco destituído de imaginação, mas seu entusiasmo é ilimitado e a virilidade é impressionante.

– Obrigada – disse ela, solenemente.

No início da manhã de segunda-feira, continuou Joseph, Michel voltou a Londres. Mas Charlie, que não tinha ensaio até a tarde, ficou no motel, desolada. Ele descreveu rapidamente a angústia dela.

– O dia está escuro, como num funeral. A chuva ainda está caindo. Lembre-se do tempo. A princípio, você está chorando tanto que nem mesmo consegue ficar de pé. Deita na cama, ainda quente do corpo dele, chorando inconsolável. Ele lhe disse que tentará ir a York na semana seguinte, mas você está convencida de que nunca mais tornará a vê-lo, pelo resto de sua vida. E o que você faz?

Joseph continuou prontamente, não lhe dando a chance de responder: – Você se senta na penteadeira, diante do espelho, contempla as marcas das mãos dele em seu corpo, olha para suas lágrimas, que continuam a rolar. Você abre uma gaveta. Tira a pasta do motel. Pega papel de carta timbrado, uma caneta esferográfica de cortesia. E escreve para ele. Descrevendo a si mesma. Os seus pensamentos mais íntimos. Cinco páginas. A primeira de muitas cartas que manda para ele. Você faria isso, em seu desespero? Afinal, é uma autora de cartas compulsiva.

– Se eu tivesse o endereço dele, claro que escreveria.

– Ele lhe forneceu um endereço em Paris.

Joseph deu-lhe agora o endereço. Aos cuidados de uma tabacaria em Montparnasse. Encaminhar para Michel, por favor, sem necessidade de sobrenome, sem que fosse fornecido.

– Nessa mesma noite, da angústia vazia do Astral Hotel, você torna a escrever para ele. Pela manhã, assim que acorda, escreve mais uma vez. E escreve sempre, em todos os tipos de papel que encontra. Nos ensaios, nos intervalos, nos momentos mais inesperados, você lhe escreve, ardentemente, sem pensar, com franqueza total. –Joseph fez uma pausa, fitando-a, antes de insistir novamente: – Você faria isso? Escreveria cartas assim?

Quantas garantias um homem precisa?, pensou Charlie. Mas ele já estava seguindo em frente. Alegria das alegrias, apesar das previsões pessimistas dela, Michel apareceu não apenas em York, mas também em Bristol e melhor ainda em Londres, onde passou toda uma noite milagrosa no apartamento de Charlie em Camden, um frenesi do princípio ao fim. E foi lá, explicou Joseph, tão grato como se estivesse formulando corretamente uma complexa premissa matemática, "em sua própria cama, em seu próprio apartamento, entre juras de amor eterno, que planejamos estas férias gregas, que ora desfrutamos".

Um silêncio prolongado, enquanto ela guiava e pensava. Estamos aqui finalmente. De Nottingham à Grécia, em apenas uma hora de carro.

– Para me encontrar com Michel depois de Mikonos – comentou ela, ceticamente.

– Por que não?

– Mikonos com Al e a família, saltar do barco, encontrar Michel no restaurante em Atenas e partir?

– Correto.

– Mas não com Al. Se eu já tivesse você, não teria levado Al para Mikonos. Eu teria-lhe dado o fora. Ele não foi convidado pelos patrocinadores. Foi atrás. Um de cada vez... assim sou eu.

Joseph descartou a objeção dela.

– Michel não pede por esse tipo de lealdade, não dá e não recebe. É um soldado e um inimigo de sua sociedade, passível de ser preso a qualquer momento. Pode se passar uma semana ou seis meses, antes que você torne a vê-lo. Acha que ele quer que você passe a viver de repente como uma freira? Ficar sentada a tricotar, tendo ataques, confidenciando seu segredo às amigas? Não diga bobagem. Você dormiria com todo um exército, se ele assim dissesse.

Passaram por uma capela à beira da estrada.

– Diminua a velocidade – ordenou Joseph, tornando a examinar o mapa.

Devagar. Pare aqui. Vamos embora.

Ele acelerou os passos. A trilha pela colina levava a um conjunto de barracões em ruínas. Havia além uma pedreira

abandonada, escavada como uma cratera vulcânica no alto da colina. Ao pé do paredão da pedreira havia uma lata velha de óleo. Sem dizer uma palavra, Joseph jogou uma porção de pedrinhas lá dentro, enquanto Charlie observava, aturdida. Tirando o *blazer* vermelho, ele dobrou-o e ajeitou cuidadosamente no chão. O revólver estava na cintura, num coldre de couro preso ao cinto, o cano ligeiramente virado para a frente, no lado direito. Havia outro coldre sobre o ombro esquerdo, mas estava vazio. Segurando-a pelo pulso, Joseph fê-la acocorar-se no chão, ao estilo árabe.

– Muito bem. Nottingham é o passado, assim como York, Bristol e Londres. Hoje é hoje, o terceiro dia de nossa sensacional lua-de-mel grega, estamos onde estamos, depois de uma noite inteira de amor no hotel em Delfos, levantamos cedo. Michel proporcionou-lhe outra visão memorável do berço de sua civilização. Você guiou o carro. Confirmei o que já ouvira a seu respeito, que gosta de guiar e guia muito bem para uma mulher. E agora eu a trouxe para cá, para o alto desta colina. Você não sabe o motivo. Meu ânimo, como já percebeu, é retraído. Estou pensativo, talvez na iminência de uma grande decisão. Seus esforços para penetrar em meus pensamentos só servem para me irritar. E você fica imaginando: o que está acontecendo? Será que nosso amor está se aprofundando? Ou você fez alguma coisa que me desagrada? Se está progredindo, como? Eu a sento aqui... ao meu lado... assim... saco o revólver.

Charlie ficou observando, fascinada, enquanto ele sacava o revólver do coldre agilmente e o transformava na maior facilidade numa extensão de sua mão.

– Como um grande e singular privilégio, vou iniciá-la na história desta arma e pela primeira vez. . . – A voz dele se atenuou, aumentando a ênfase. – ... vou mencionar para você meu grande irmão, cuja própria existência é um segredo militar que apenas uns poucos leais podem partilhar. Faço isso porque a amo e porque...

Ele hesitou. E porque Michel gosta de me contar segredos, pensou Charlie; mas nada no mundo poderia impeli-la a estragar o ato dele.

– ... porque hoje tenciono dar o primeiro passo para iniciá-la como uma companheira de armas em nosso exército secreto. Quantas vezes. . . em suas muitas cartas, durante o nosso ato de amor. . . você suplicou por uma chance de provar sua lealdade em ação? Pois hoje vamos dar o primeiro passo por essa trilha.

Mais uma vez, Charlie compreendeu a capacidade que ele possuía de assumir uma personalidade árabe, aparentemente sem qualquer esforço. Na noite anterior, na taverna, houvera ocasiões em que ela praticamente não sabia qual dos seus espíritos conflitantes estava falando em determinado momento. Agora, ela ficou escutando extasiada a adoção dele do pomposo estilo de narrativa árabe.

– Ao longo de minha vida nômade, como uma vítima dos usurpadores sionistas, meu grande irmão mais velho brilhava à minha frente como uma estrela. Na Jordânia, em nosso primeiro acampamento, quando a escola era um barraco com teto de zinco, cheia de pulgas. Na Síria, para onde fugimos, quando as tropas jordanianas nos expulsaram com tanques. No Líbano, onde os sionistas nos bombardearam do mar e do ar e os xiitas ajudaram a nos dizimar. No meio de todas as privações, eu sempre me lembrava do grande herói ausente, meu irmão, cujos feitos, que minha amada irmã Fatmeh relatava aos sussurros, desejo imitar, mais do que qualquer outra coisa no mundo. Ele não mais pergunta se Charlie estava prestando atenção. – Eu o vejo apenas raramente e sempre no maior segredo. Ora em Damasco. Ora em Amã. Um chamado. . . e pronto! Por uma noite fico a seu lado, absorvendo suas palavras, sua nobreza de coração, sua mente lúcida de comandante, sua coragem. Uma noite ele me ordena para ir a Beirute. Acaba de voltar de uma missão de grande audácia, da qual eu talvez nada saiba, exceto que foi uma vitória total sobre os fascistas. Vou junto com ele ouvir um grande orador político, um líbio, um homem de retórica maravilhosa e grande persuasão. 0 discurso mais lindo que já ouvi, em toda a minha vida. Até hoje posso reproduzi-lo. Todos os povos oprimidos do mundo deviam ter ouvido esse grande líbio.

O revólver estava em sua palma. Ele o estendia para Charlie, desejando que ela o cobiçasse.

– Com os nossos corações descompassados de emoção, deixamos o local secreto da conferência e fomos andando pela madrugada de Beirute. De braços dados, à moda árabe. Há lágrimas em meus olhos. Num súbito impulso, meu irmão para e me abraça. Ficamos parados ali, na calçada. Ainda posso sentir agora o seu rosto venerado se comprimindo contra o meu. Ele tira este revólver do bolso e põe em minha mão. Assim.

Pegando a mão de Charlie, ele transferiu o revólver, mas manteve a mão sobre a dela, enquanto virava o cano na direção do paredão da pedreira.

– Um presente. Para vingar. Para libertar nosso povo. Um presente de um guerreiro para outro. Com este revólver fiz meu juramento junto ao túmulo de meu pai.

A mão fria dele ainda segurava a de Charlie, comprimindo o revólver. Ela podia sentir sua própria mão tremendo, como

se fosse uma criatura separada.

– Charlie, este revólver é uma coisa sagrada para mim. Digo-lhe isso porque amo meu irmão e amava meu pai, agora amo você. Dentro de um momento, vou ensiná-la a atirar com ele. Antes, porém, só lhe peço uma coisa: beije o revólver.

Ela fitou-o, aturdida, depois olhou para o revólver. Mas a expressão excitada dele não oferecia qualquer trégua. Pondo a outra mão no braço de Charlie, ele levantou-a.

– Somos amantes, lembra-se? Somos companheiros, servidores da Revolução. Vivemos no companheirismo mais íntimo, de corpo e mente. Sou um árabe ardente, gosto de palavras e gestos. Beije o revólver.

– Não posso fazer isso, José.

Ela se dirigira a ele como Joseph e foi como Joseph que ele respondeu: – Pensa que isto é um chá inglês, Charlie? Pensa que Michel é de brincadeira só por ser um rapaz bonito? Onde ele poderia aprender brincadeiras, quando o revólver era a única coisa que lhe dava um valor como homem?

Ela sacudiu a cabeça, ainda olhando fixamente para o revólver. Mas a resistência dela não o irritou.

– Preste atenção, Charlie. Ontem à noite, quando estávamos fazendo amor, você perguntou: onde é o campo de batalha, Michel? Sabe o que eu fiz? Pus a mão sobre seu coração e disse: estamos lutando uma *Jehad* e o campo de batalha é aqui. Você é minha discípula. Seu senso de missão nunca esteve tão exalado. Sabe o que é uma *jehad*?

Ela sacudiu a cabeça.

– Uma *Jehad* é o que você estava procurando, até que me encontrou. Uma *Jehad* é uma guerra santa. Você está prestes a disparar o seu primeiro tiro em nossa *Jehad.* Beije o revólver.

Charlie ainda hesitou, mas acabou comprimindo os lábios contra o metal azulado do cano.

– Assim – disse ele, afastando-se bruscamente dela. – Daqui por diante este revólver é parte de nós dois. Este revólver é nossa honra e nossa bandeira. Acredita nisso?

Acredito, José. Acredito, Michel. Nunca mais me obrigue a fazer isso. Ela ergueu o pulso involuntariamente, passando-o pelos lábios, como se houvesse sangue neles. Odiava tanto a si mesma como a ele, sentia-se um pouco louca.

– Tipo Walther PPK – Joseph estava explicando, quando ela tornou a ouvi-lo. – Não é pesada, mas lembre-se que cada arma manual é uma mistura de sigilo, portabilidade e eficiência. É assim que Michel lhe fala a respeito de armas. A mesma maneira como o irmão mais velho lhe falou.

Postando-se atrás dela, ele virou-a pelos quadris, até que ela ficasse de frente para o alvo, com os pés separados. Pondo o punho em torno da mão dela, os dedos se misturando, ele manteve o braço dela estendido, o cano apontando para o chão.

– 0 braço esquerdo deve ficar solto e à vontade. Assim. – Ele ajeitou o braço de Charlie. – Os olhos abertos, levante o revólver lentamente, até que esteja alinhado com o alvo. Mantenha o braço da arma esticado. Assim. Quando eu disser atire, dispare duas vezes, abaixe o braço, espere.

Obedientemente, Charlie baixou o revólver até que estivesse outra vez apontando para o chão. Ele deu a ordem, ela levantou o braço, rigidamente, de acordo com a instrução, puxou o gatilho... e nada aconteceu.

– Outra vez – disse ele, puxando a trava de segurança.

Charlie repetiu a ação, puxou o gatilho. O revólver deu um solavanco em sua mão, como se atingido por uma bala. Ela disparou uma segunda vez e seu coração se encheu com a mesma emoção perigosa que experimentara quando saltara pela primeira vez de cavalo ou nadara nua no mar. Ela baixou o revólver. Joseph deu uma nova ordem, ela levantou o revólver mais depressa, disparou duas vezes, em rápida sucessão, depois três vezes, para dar sorte. Repetiu o movimento, sem qualquer ordem, disparando à vontade. Os estampidos enchiam o ar por todos os lados, os ricochetes zuniam pelo vale e se perdiam na direção do mar. Ela continuou a atirar, até a arma ficar descarregada. Ficou imóvel então, a arma baixada ao lado do corpo, o coração batendo forte, sentindo o cheiro de tomilho e pólvora.

– Como me saí? – perguntou finalmente, virando-se para ele.

– Verifique pessoalmente.

Deixando-o parado ali, Charlie correu até a lata de óleo. Ficou olhando fixamente por um momento, aturdida e incrédula, porque não havia qualquer marca.

– Mas o que saiu errado? – gritou ela, indignada.

– Você errou – respondeu Joseph, tirando a arma da mão dela.

– Foram tiros de pólvora seca!

– Não, não foram.

– Fiz tudo o que você mandou!

– Para começar, você não deveria ter atirado com apenas uma das mãos. Para uma mulher que pesa 54 quilos e tem pulsos como aspargos, isso é absurdo.

– Então por que diabo você disse que era assim que eu devia atirar?

Ele estava se encaminhando para o carro, conduzindo-a pelo braço.

– Se você fosse ensinada por Michel, então deve atirar como uma discípula de Michel. Ele nada sabe da técnica de segurar a arma com as duas mãos. Seu modelo sempre foi o irmão. Quer que eu estampe em você *Made in Israel?*

– Por que ele não sabe atirar direito? – insistiu Charlie, furiosa, agarrando-o pelo braço. – Por que não foi ensinado?

– Já lhe disse. Ele foi ensinado pelo irmão.

– Então por que o irmão não ensinou direito?

Ela queria realmente uma resposta. Sentia-se humilhada, estava disposta a fazer uma cena. Ele pareceu percebê-lo, pois sorriu e, à sua maneira, capitulou.

– Muito bem, Charlie. Pergunte isso a ele. Exatamente nos mesmos termos.

Ela esperou.

– É a vontade de Deus que Khalil atire com uma só mão, diz ele.

– Por quê?

Com um aceno de cabeça, ele descartou a pergunta. Voltaram ao carro.

– Khalil é o nome do irmão dele?

– É, sim.

– Você disse que era o nome árabe para Hebron.

Ele ficou satisfeito, embora um pouco surpreso.

– É as duas coisas. – Ele ligou o motor. – Khalil para nossa cidade. Khalil para meu irmão. Khalil para o amigo de Deus e do profeta hebraico Abraão, a quem o Islã respeita e que repousa em nossa mesquita antiga.

– Khalil então.

– Khalil – confirmou ele, bruscamente. – Lembre-se disso. E também das circunstâncias em que ele lhe contou. Porque ele a ama. Porque ama o irmão. Porque você beijou a arma do irmão e tornou-se do mesmo sangue.

Desceram a encosta, com Joseph guiando. Charlie não mais conhecia a si mesma, se é que algum dia conhecera. O som dos disparos ainda ressoava em seus ouvidos. O gosto do cano da arma ainda estava em seus lábios. Quando ele apontou o Olimpo, tudo o que ela viu foram formações pretas e brancas de chuva, como uma nuvem atômica. A preocupação de Joseph era tão grande quanto a dela, mas seu objetivo se situava novamente à frente. Enquanto guiava, ele foi pressionando incessantemente com a narrativa, um detalhe depois de outro. Khalil outra vez. Os tempos que haviam passado juntos, antes que ele partisse para a luta. Nottingham, o grande encontro de suas almas. Sua irmã Fatmeh e o grande amor que sentia por ela. Os outros irmãos, todos mortos. Chegaram à estrada litorânea. O tráfego era intenso e muito rápido, as praias sujas estavam salpicadas de cabanas escuras, as torres das fábricas, como prisões, cercavam-na implacavelmente.

Charlie tentou se manter desperta para ele, mas o esforço acabou sendo demais. Encostou a cabeça no ombro dele e por algum tempo escapou à crise que se avolumava.

O hotel em Tessalônica era uma antiga construção edwardiana, com domos iluminados e um ar de formalismo. A suíte ficava no último andar, um quarto pequeno para criança e um banheiro de seis metros, móveis arranhados dos anos 20, como se fosse um lar. Charlie acendeu a luz, mas ele ordenou que apagasse. Ele mandara subir comida, mas nenhum dos dois a tocou. Havia uma janela grande e Joseph ficou parado diante dela, de costas para Charlie contemplando a praça verdejante e o cais enluarado mais além. Charlie sentou-se na cama. Subindo da rua, a música grega se espalhava pelo quarto.

– Muito bem, Charlie.

– Muito bem, Charlie – repetiu ela, esperando pela explicação que lhe era devida.

– Você se juntou à minha batalha. Mas que batalha? Onde? Tenho falado da causa, tenho falado de ação. Acreditamos, logo fazemos. Já lhe falei que o terror é o teatro e que às vezes o mundo precisa ser levantado pelas orelhas a fim de escutar a voz da justiça.

Ela se remexeu, irrequieta.

– Repetidamente, em minhas cartas, em nossas longas conversas, tenho prometido levá-la ao estágio da ação. Mas tenho-me esquivado. Tenho protelado. Até esta noite. Talvez não confiasse em você. Ou talvez tenha passado a amá-la demais, não desejando lançá-la na linha de frente. Você não sabe o que é verdade entre tudo isso, mas às vezes se sente magoada com a minha reticência. Como suas cartas revelam.

As cartas, pensou ela de novo; sempre as cartas.

– Então como, em termos práticos, você se torna a minha pequena guerreira? *É* o que estamos discutindo esta noite. Aqui. Nesta cama em que você está sentada. Na última noite de nossa lua-de-mel grega. Talvez nossa última noite juntos, pois você nunca pode estar certa de que tornará a me ver.

Ele virou-se para fitá-la, sem qualquer pressa. Era como se ele tivesse prendido o corpo nas mesmas cadeias em que mantinha a voz.

– Você chora muito. Acho que está chorando esta noite. Enquanto me abraça. Jurando amor eterno. Enquanto você chora, eu lhe digo: "Chegou o momento." Amanhã você terá a sua chance. Amanhã, pela manhã, vai consumar o juramento solene que me fez, pela arma do grande Khalil. Estou lhe ordenando. . . pedindo. . . – Cuidadosamente, quase majestosamente, ele voltou à janela. – ... para levar o Mercedes através da fronteira iugoslava, seguindo para o norte, até a Áustria. Onde pegarão o carro. Terá de ir sozinha. Fará isso? O que me diz?

Na superfície, Charlie nada sentia além de uma preocupação em corresponder à aparente aridez de sentimento dele. Não havia medo, não havia sensação de perigo, não havia surpresa. Ela excluíra tudo isso. É agora, pensou. Charlie, você está contratada. Um emprego de motorista. E lá se vai. Olhava fixamente para ele, os lábios comprimidos, da maneira como fitava as pessoas quando estava mentindo.

– E então, como responde a ele? – pressionou Joseph. – Sozinha. É uma distância e tanto. . . cerca de mil quilômetros, através da Iugoslávia. Não é pouca coisa, para uma primeira missão. O que diz?

– O que há nisso?

Charlie não podia saber se era ou não deliberado, mas ele preferiu interpretá-la da maneira errada: – Dinheiro. Sua estreia no teatro do real. Tudo o que Marty lhe prometeu.

A mente dele parecia tão fechada para Charlie quanto provavelmente estava para si mesmo. O tom era incisivo.

– Estou querendo saber o que há com o carro. O que tem nele.

O silêncio de três minutos antes que ele voltasse a falar tornou-se opressivo.

– Que importância tem o que pode haver no carro? Talvez uma mensagem militar. Documentos. Acha que pode tomar conhecimento de todos os segredos do nosso grande movimento logo em seu primeiro dia? – Uma pausa, mas ela não respondeu. – Vai levar o carro ou não? Isso é tudo o que importa.

Ela não queria a resposta de Michel. Queria a dele.

– Por que ele não leva o carro pessoalmente?

– Charlie, não é da sua competência, como uma nova recruta, questionar ordens. É claro que, se você está chocada. . . – Quem era ele? Ela podia sentir que a máscara dele resvalava, mas não sabia que máscara era. – ... se de repente desconfia. . . dentro da ficção... que foi manipulada por esse homem. . . que toda a sua aparente adoração, seus protestos de amor eterno...

Contudo, ele parecia outra vez estar perdendo o controle. Seria uma impressão porque ela assim o desejava ou poderia acreditar que, na semi-escuridão, algum sentimento se insinuara nele, indesejável, um sentimento que ele teria preferido manter distante?

– Se neste estágio. . . – A voz dele recuperou a força. – ... você desconfiar, se a coragem lhe falhar, então é claro que deve dizer não.

– Eu estava-lhe fazendo uma pergunta. Por que não leva o carro pessoalmente... você, Michel?

Ele virou-se rapidamente para a janela e Charlie teve a impressão de que estava empenhado em reprimir muita coisa em si mesmo, antes de poder responder.

– Michel lhe diz apenas isso e mais nada – começou ele, com uma paciência tensa. – O que quer que tenha no carro... – Ele podia vê-lo de onde estava, estacionado na praça, vigiado por uma caminhonete Volksw agen –... é vital para nossa grande luta, mas é também muito perigoso. Quem for apanhado guiando o carro, em qualquer ponto desses mil quilômetros... vai ficar bastante incriminado, quer se trate de literatura subversiva ou qualquer outro material, talvez mensagens. Nem todas as influências, como pressões diplomáticas, bons advogados, poderão evitar que a pessoa passe por momentos terríveis. Se está pensando na própria pele, é isso o que tem de levar em consideração. – Uma pausa e ele acrescentou, numa voz que nada tinha a ver com a de Michel: – Você tem a sua própria vida, no final das contas. Não é uma de nós.

Mas a hesitação dele, por menor que fosse, proporcionara a Charlie uma segurança que não experimentara antes na companhia dele.

– Perguntei por que ele não guiava pessoalmente. Ainda estou esperando pela resposta.

Mais uma vez, ele se recuperou, vigorosamente.

– Sou um ativista palestino, Charlie. Sou conhecido como um guerreiro da causa. Estou viajando com um passaporte falso, que pode a qualquer momento ser descoberto. Mas você... uma inglesa jovem e atraente, sem antecedentes criminais, inteligente, simpática. . . claro que para você não há perigo. E isso é mais do que suficiente!

– Você disse que havia algum perigo.

– Mas Michel lhe assegura que não há qualquer perigo. Para ele próprio talvez houvesse. Mas para você. . . não há nenhum. "Faça isso por mim", eu lhe peço. "Faça isso e se sinta orgulhosa. Faça por nosso amor e pela Revolução. Faça por tudo o que juramos um ao outro. Faça por meu grande irmão. Suas juras não têm valor? Ou estava simplesmente exprimindo hipocrisias ocidentais quando se declarou uma revolucionária?"

Ele fez outra pausa.

– Faça isso porque, se não fizer, sua vida será ainda mais vazia do que antes de eu encontrá-la na praia.

– Está querendo dizer no teatro.

Ele não se deu ao trabalho de responder. Permaneceu de costas para ela, os olhos fixados no Mercedes. Era Joseph outra vez, Joseph das frases cuidadosas e da missão que salvaria vidas inocentes.

– É o seu momento decisivo. O seu Rubicão. Sabe o que é o Rubicão? Acabe com tudo. . . volte para casa. . . pode levar algum dinheiro, esquecer a Revolução, Palestina, Michel, todo o resto.

– Ou o quê?

– Ou pode levar o carro. Sua primeira missão para a causa. Sozinha. Por mil quilômetros. O que vai ser?

– Onde você estará?

A calma dele era outra vez inexpugnável e novamente ele se refugiou em Michel:

– Em espírito, estarei perto de você. Mas não poderei ajudá-la. Ninguém poderá ajudá-la. Estará sozinha, por conta própria, efetuando um ato criminoso no interesse do que o mundo chamará de um bando de terroristas. – Ele fez outra pausa. Ao voltar a falar, era novamente Joseph: – Alguns dos jovens formarão uma escolta para você, mas nada poderão fazer se alguma coisa sair errada, a não ser comunicar o fato a Marty e a mim. A Iugoslávia não é uma grande amiga de Israel.

Charlie hesitava. Todos os instintos de sobrevivência assim lhe determinavam. Viu que ele se virara de novo para fitá-la e sustentou o olhar dele, sabendo que seu próprio rosto era expressivo, ao contrário do que acontecia com o de Joseph. Com quem você está lutando?, pensou ela. Com você mesmo ou comigo? Por que é o inimigo nos dois lados?

– Ainda não concluímos o cenário – lembrou ela. – Estou perguntando... a vocês dois. . . o que há no carro? Você quer que eu leve o carro... quem quer que seja. . . quantos de você existem. . . mas preciso saber o que há nele. Agora.

Charlie pensou que teria de esperar. Imaginava outra pausa de três minutos, enquanto a mente dele analisava as opções, antes de emitir as respostas deliberadamente áridas. Mas ela estava enganada.

– Explosivos – respondeu ele, em sua voz mais impassível. – Cem quilos de explosivo plástico russo, dividido em bastões de 250 gramas. Um material novo, de primeira qualidade, bem cuidado, capaz de suportar extremos de calor e frio, relativamente plástico em todas as temperaturas.

– Fico contente que esteja bem cuidado – disse Charlie, jovialmente, fazendo um tremendo esforço para se controlar. – Onde está escondido?

– No forro do teto, laterais e bancos. Como um modelo de carro mais antigo, tem a vantagem de possuir muitas traves.

– Em que será usado?

– Em nossa luta.

– Mas por que ele tem de levar o material desde a Grécia? Por que não o recebe diretamente?

– Meu irmão tem algumas regras de sigilo e me obriga a obedecê-las escrupulosamente. O círculo em que ele confia é extremamente pequeno e não pretende expandi-lo. Em suma, ele não confia em árabes nem em europeus. O que fazemos sozinhos, só nós podemos trair.

– E qual é exatamente a forma. . . neste caso... que a nossa luta assume? – perguntou Charlie, no mesmo tom jovial e excessivamente descontraído.

Outra vez, ele não hesitou.

– Matar os judeus da diáspora. Como eles dispersaram o povo da Palestina, assim os punimos em sua diáspora e declaramos nossa agonia aos ouvidos e olhos do mundo. E, com isso, despertamos também a consciência adormecida do proletariado.

– Parece bastante razoável.

– Obrigado.

– E você e Marty. . . acharam que seria ótimo se eu levasse o carro até a Áustria para eles, como um favor. – Ela se levantou e foi até a janela. – Pode me abraçar, por favor, José? Sei que não estou sendo muito firme, mas, por um momento, sentime terrivelmente solitária.

Um braço estendeu-se pelos seus ombros e Charlie estremeceu violentamente ao contato. Encostando o corpo no dele, ela virou-se e abraçou-o, apertando. Para sua alegria, sentiu que ele se abrandava, retribuía o abraço. A mente dela se estendia em todas as direções ao mesmo tempo, como um olho se espalhando por um panorama vasto e inesperado. O mais claro em tudo, além do perigo imediato da viagem, é que ela começou a ver finalmente a jornada maior que se estendia à sua frente, com os camaradas anônimos do outro exército a que estava prestes a ingressar. Ele está me enviando ou me retendo?, pensou Charlie. Ele não sabe. Está acordando e se pondo para dormir ao mesmo tempo. Os braços dele, ainda a enlaçá-la, incutiam-lhe uma nova coragem. Até aquele momento, sob o encantamento da castidade determinada de Joseph, ela ainda acreditava de alguma forma obscura que seu corpo promíscuo era impróprio para ele. Agora, por motivos que ela ainda não podia compreender, essa aversão a si mesma a deixara.

– Continue a me convencer – murmurou ela, ainda abraçando-o. – Faça o seu trabalho.

– Não é suficiente que Michel a mande, embora ao mesmo tempo não queira que você vá?

Ela não respondeu.

– Devo citar Shelley para você. . . "a paixão tempestuosa do terror"? Devo lembrá-la de nossas muitas promessas mútuas. . . que estamos prontos para matar porque estamos prontos para morrer?

– Não creio que as palavras possam adiantar mais alguma coisa. Já ouvi todas as palavras que podia absorver. – Ela comprimiu o rosto contra o peito dele. – Você prometeu ficar perto de mim.

Charlie sentiu que o abraço dele afrouxava, enquanto a voz endurecia: – Estarei à sua espera na Áustria. – O tom era calculado mais para repeli-la do que para convencê-la. – É a promessa de Michel para você. E é também a minha.

Ela recuou, segurando a cabeça dele entre as mãos, como fizera na Acrópole, estudando-o atentamente, à luz da praça. Teve a impressão de que o rosto se fechava contra ela, como uma porta que não a deixaria entrar nem sair. Fria e excitada ao mesmo tempo, ela voltou à cama e sentou-se. Sua voz tinha uma nova confiança que a impressionou. Seus olhos estavam fixados na pulseira, que ficou virando lentamente, pensativa, na semi-escuridão.

– O que *você* vai querer, Joseph? Que Charlie fique e faça o trabalho ou que Charlie pegue o dinheiro e se mande? Qual é o seu roteiro *pessoal!*

– Você conhece os perigos. Decida.

– Você também. E melhor do que eu. Sabia de todos os perigos desde o início.

– Já ouviu todos os argumentos, de Marty e de mim.

Abrindo o fecho da pulseira, ela deixou que deslizasse para a mão.

– Salvamos vidas inocentes. Isto é, presumindo-se que eu entregue o explosivo. Mas é claro que existem alguns. . . os simplórios. . . que podem pensar que se salvaria mais vidas se o explosivo *não* fosse entregue. Mas posso supor que eles estariam enganados, não é mesmo?

– A longo prazo, se tudo correr bem, eles estarão enganados.

Joseph estava outra vez de costas e, para todos os efeitos, retomara o exame da paisagem pela janela.

– Se você é Michel falando comigo, isso é fácil – continuou Charlie, prendendo a pulseira no outro pulso. – Você me animou, beijei a arma, mal posso aguardar o momento de ir para as barricadas. Se não acreditamos nisso, todo o seu empenho nos últimos dias fracassou. O que não aconteceu. Foi assim que você me escolheu, foi assim que me conseguiu. Fim da discussão. Eu irei.

Ela viu a cabeça de Joseph acenar ligeiramente, em aceitação.

– E se você é Joseph falando comigo, qual é a diferença? Se eu dissesse não, nunca mais tornaria a vê-lo. Voltaria ao nada, com minha pulseira de ouro.

Charlie notou, surpresa, que ele perdera o interesse nela. Os ombros se altearam, ele deixou escapar o ar dos pulmões lentamente, a cabeça permaneceu virada para a janela, o olhar fixado no horizonte. E recomeçou a falar. Charlie pensou, a princípio, que ele ainda estivesse se esquivando ao que ela dissera. Mas logo compreendeu que ele estava explicando por que pelo menos no que lhe dizia respeito, nunca houvera qualquer opção real para eles.

– Acho que Michel gostaria desta cidade. Até os alemães ocuparem o local, havia 60 mil judeus vivendo em felicidade naquela encosta. Carteiros, comerciantes, banqueiros. Sefarditas. Vieram da Espanha, através dos Balcãs. Quando os alemães partiram, não havia mais nenhum. Os que não foram exterminados seguiram para Israel.

Ela estava estendida na cama. Joseph ainda estava à janela, observando os fogos da rua se extinguirem. Charlie imaginava se ele viria para ela, sabendo que não. Ouviu um rangido quando ele se deitou no divã, o corpo paralelo ao dela, havendo apenas toda a extensão da Iugoslávia entre os dois. Ela o queria mais do que jamais desejara alguém. E o medo do amanhã intensificava o desejo.

– Você tem irmãos, José?

– Um irmão.

– O que ele faz?

– Ele morreu na guerra de 67.

– A guerra que levou Michel a atravessar o Jordão. – Ela não esperava que ele desse uma resposta sincera, mas sabia que não havia outro jeito. Lutou também nessa guerra?

– Lutei.

– E na guerra anterior? A guerra cuja data não consigo me lembrar?

– A de 56.

– Lutou nela?

– Lutei.

– E na guerra posterior, a de 73?

– Também.

– Para que lutou?

Uma pausa.

– Em 56 porque queria ser um herói; em 67 por paz. E em 73... – Ele parecia estar tendo dificuldade em se lembrar. – ... por Israel.

– E agora? Por que está lutando desta vez?

Porque não há outro jeito, pensou Charlie. Para salvar vidas. Porque me pediram. A fim de que os habitantes da minha aldeia possam dançar o *dabke* e escutar as histórias de viajantes à vontade.

– José...

– O que é, Charlie?

– Como conseguiu essas cicatrizes enormes?

Na escuridão, as pausas prolongadas adquiriram a emoção de uma conversa em torno da fogueira do acampamento.

– As marcas de queimadura adquiri quando estava dentro de um tanque. E os buracos de bala de sair do tanque.

– Quantos anos tinha?

– Vinte. Ou vinte e um.

Aos oito anos de idade ingressei no Ashbal, pensou Charlie. Aos 14 anos...

– E quem era seu pai? – perguntou ela, determinada a manter o clima.

– Ele foi um pioneiro. Um dos primeiros colonos.

– De onde ele era?

– Da Polônia.

– Quando chegou lá?

– Na década de 20. No terceiro Alyah, se sabe o que isso significa.

Charlie não sabia, mas no momento isso não tinha a menor importância.

– O que ele fazia?

– Era um operário de construção. Trabalhava com as mãos. Transformou uma duna numa cidade. E deu-lhe o nome de Tel Aviv. Um soc ialista. . . do tipo prático. Não pensava muito em Deus. Nunca bebia. Nunca possuiu qualquer coisa além de uns poucos dólares.

– É isso o que você também gostaria de ser?

Ele não vai responder, pensou Charlie. Está dormindo. Não seja impertinente.

– Escolhi o chamado superior – respondeu ele, secamente.

Ou foi escolhido, pensou ela. O que constitui a única escolha quando se nasce no cativeiro. E, logo depois, bastante depressa, Charlie caiu no sono.

Mas Becker, o guerreiro veterano, ficou pacientemente acordado, olhando para a escuridão e escutando a respiração irregular de sua jovem recruta. Por que falara com ela daquele jeito? Por que se revelara no justo momento em que a despachava na primeira missão? Havia ocasiões em que não mais confiava em si mesmo. Flexionava os músculos apenas para descobrir que a disciplina não mais os contraía devidamente, como acontecia antes. Fixava um curso em linha reta, apenas para depois olhar para trás e ficar aturdido com o grau de seu erro. Com que estou sonhando?, pensou ele. Com a guerra ou a paz? Estava velho demais para as duas coisas. Velho demais para continuar, velho demais para parar. Velho demais para se entregar, ao mesmo tempo incapaz de se conter. Velho demais para ignorar o cheiro da morte antes de matar.

Ele ficou escutando, enquanto a respiração de Charlie se acomodava ao ritmo mais calmo do sono. Levantando o pulso ao estilo de Kurtz, na escuridão, ele olhou para o mostrador luminoso do relógio. Depois, tão silenciosamente que Charlie, mesmo acordada, teria dificuldade em ouvi-lo, ele vestiu o *blazer* vermelho e saiu do quarto.

O recepcionista noturno era um homem alerta e pressentiu a perspectiva de uma gorjeta generosa no instante em que viu o árabe bem vestido se aproximar.

– Tem formulários de telegrama? – perguntou Becker, num tom autoritário.

O recepcionista prontamente retirou os formulários de baixo do balcão.

Ele começou a escrever. Letras grandes, cuidadosas, em tinta preta. Tinha o endereço gravado na memória.. . aos cuidados de um advogado em Genebra. Kurtz o transmitira de Munique, depois de confirmar com Yanuka, por medida de segurança, que o endereço ainda estava em uso. Ele também tinha o texto gravado na memória. Começava com "por favor

avise a seu cliente" e se referia ao vencimento de títulos de acordo com nosso contrato-padrão. Tinha 45 palavras, no total. Depois de conferi-las, ele acrescentou, meio inibido, a assinatura em que Schwili tão pacientemente o instruíra. Entregando o telegrama por cima do balcão, ele deu ao recepcionista uma gorjeta de 500 dracmas.

– Gostaria que mandasse o telegrama duas vezes, entende? O mesmo telegrama, duas vezes. Não deixe aos cuidados de um garoto. Faça-o pessoalmente. E depois mande uma cópia de confirmação ao meu quarto.

O recepcionista faria tudo o que o cavalheiro desejava. Já ouvira falar das gorjetas árabes, sonhava com elas. E naquela noite, inesperadamente, deparava com uma. Havia muitos outros serviços que gostaria de prestar ao cavalheiro. . . mas o cavalheiro, infelizmente, não foi receptivo às suas sugestões. Desolado, ele ficou observando sua presa sair para a rua, depois seguir para a praia. O furgão de comunicações estava num estacionamento. Era hora de Becker apresentar seu relatório e certificar-se de que estava tudo em ordem para o grande lançamento.

13

0 mosteiro ficava a dois quilômetros da fronteira, numa depressão entre blocos de rocha e carriços amarelos. Era uma construção triste e profanada, com telhados arriados e um pátio de celas arrebentadas, com psicodélicas dançarinas de *hula* pintadas nas paredes de pedra. Um pós-cristão instalara uma discoteca ali, mas acabara indo embora, como os monges. Na plataforma de concreto, projetada como pista de dança, estava o Mercedes vermelho, como um cavalo de guerra, sendo preparado para a batalha. Ao seu lado, estava a guerreira que o montaria, tendo o administrador Joseph a supervisionar tudo. É o lugar para onde Michel a levou, a fim de trocar as placas e despedir-se, Charlie; é o lugar em que ele lhe entregou os documentos falsos e as chaves. Rose, torne a limpar essa porta, por favor. Rachel, o que é esse pedaço de papel no chão? Era Joseph, o perfeccionista, outra vez em ação, cuidando dos mínimos detalhes. O veículo de comunicação estava encostado no muro exterior, a antena balançando suavemente, à brisa quente.

As placas de Munique já estavam instaladas. Um D alemão empoeirado substituíra o plástico diplomático. Toda a sujeira indesejável fora removida. Com um cuidado meticuloso, Becker estava agora começando a introduzir *souvenirs* eloquentes em substituição: um guia usado da Acrópole metido na bolsa lateral e esquecido; caroços de uva no cinzeiro e fragmentos de casca de laranja no chão; pauzinhos de sorvete grego, pedaços de embalagem de chocolate. Havia também dois ingressos cancelados para as antiguidades de Delfos, assim como um mapa rodoviário da Grécia feito pela Esso, com o percurso entre Delfos e Tessalônica assinalado por uma caneta, algumas anotações em árabe na margem, feitas por Michel, perto das colinas em que Charlie atirara e errara. Um pente com uns poucos cabelos pretos, os dentes impregnados com a loção alemã usada por Michel. Um par de luvas de couro de guiar, impregnadas com o suor de Michel. Uma caixa de óculos da Frey, de Munique, a mesma que acompanhava os óculos escuros inadvertidamente arrebentados, quando seu dono tentara pegar Rachel perto da fronteira.

E, finalmente, ele submeteu Charlie a um exame igualmente meticuloso, cobrindo toda a superfície de seu corpo vestido, dos sapatos à cabeça, descendo outra vez, passando pela pulseira, antes de se virar... relutantemente, a impressão que ela teve. . . para uma pequena mesa de cavalete, onde estava espalhado todo o conteúdo de sua bolsa.

– Guarde tudo na bolsa agora, por favor – disse Joseph, depois de conferir mais uma vez.

Ele ficou observando-a guardar tudo à sua maneira, lenço, batom, carteira de motorista, moedas, carteira de dinheiro, pequenas lembranças, chaves e toda a miuçalha que confirmaria, sob exame, as complexas ficções de suas várias vidas.

– E as cartas? – Charlie fez uma pausa, ao melhor estilo de Joseph. Se ele me escreveu todas essas cartas ardentes, eu não as levaria a qualquer lugar que fosse?

– Michel não permite isso. Você tem instruções rigorosas para guardar as cartas num cofre em seu apartamento. Acima de tudo, não pode atravessar uma fronteira com as cartas. Contudo... – Ele tirou do bolso lateral do casaco uma pequena agenda, envolta por papel celofane. Tinha capa de pano, com um lápis pequeno na lombada. – ... como você não tem uma agenda, resolvemos fazê-la – explicou ele.

Charlie pegou a agenda, cautelosamente, puxou o celofane. Tirou o lápis. Tinha algumas marcas de dentes, revelando o que ela normalmente fazia com os lápis: mastigava-os. Folheou meia dúzia de páginas. As anotações feitas por Schwili eram esparsas, mas todas delas, graças ao talento de Leon e à memória eletrônica da Srta. Bach. Durante o período de Nottingham, nada; Michel surgira em sua vida como um furacão inesperado. Para York, um M grande, com um ponto de interrogação e um círculo em torno. No canto do mesmo dia, um rabisco longo e contemplativo, do tipo que ela fazia quando estava perdida em devaneio. Seu carro estava assinalado: *Fiat para Eustace,* 9h. A mãe também lá estava: *I semana para aniversário de mamãe. Comprar presente agora.* Alastair lá estava também: *A na Ilha de Wight – comercial da Kellogg?* Ele não fora, lembrou Charlie; a Kellogg encontrara um artista melhor e mais sóbrio. Para suas regras mensais, linhas onduladas, uma ou duas vezes a anotação jocosa de *fora de fogo.* Chegando às férias gregas, ela encontrou o nome *Mikonos* impresso em letras maiúsculas, tendo ao lado as horas de partida e chegada do voo *charter.* No dia de sua chegada em Atenas, a página dupla estava coberta por aves alçando voo, feita com caneta esferográfica, azul e vermelha, como uma tatuagem de marinheiro. Ela largou a agenda na bolsa e fechou-a com um estalido. Era demais. Sentia-se conspurcada, invadida. Queria gente nova que ainda pudesse surpreender... gente que não pudesse copiar seus sentimentos e sua letra a tal ponto que não podia mais

distinguir dos originais. Talvez Joseph soubesse disso. Talvez o percebesse na atitude brusca dela. Charlie esperava que sim. Com a mão enluvada, ele segurava a porta aberta do carro para ela. Charlie embarcou rapidamente.

– Verifique novamente os documentos – ordenou ele.

– Não preciso – respondeu Charlie, olhando fixamente para a frente.

– Placa do carro?

Ela disse.

– Data do registro?

Ela deu tudo: a história dentro da história dentro da história. O carro pertencia a um importante médico de Munique, seu atual amante. Segurado e registrado em nome dele, conforme se podia constatar pelos documentos falsos.

– Por que esse médico não está com você? E quem está perguntando isso é Michel, entende?

Charlie podia compreender.

– Ele teve de voar de Tessalônica esta manhã, para atender a um caso urgente. Concordei em levar o carro. Ele veio a Atenas para fazer uma conferência. Viajamos juntos.

– Como o conheceu?

– Na Inglaterra. Ele é amigo de meus pais. . . cura as ressacas deles. Meus pais são imensamente ricos.

– Em casos extremos, você tem na bolsa os mil dólares que Michel lhe emprestou para a viagem. É de se conceber, pelo excesso de trabalho e pela inconveniência que você causará a algumas pessoas, que possam considerar esse dinheiro como um pequeno subsídio. Qual é o nome da esposa dele?

– Renate.. . e eu odeio a miserável.

– E as crianças?

– Christoph e Dorothea. Eu daria uma mãe maravilhosa para eles, se Renate saísse de cena. Quero partir agora. Tem mais alguma coisa?

– Tenho, sim.

Como dizer que me ama, sugeriu Charlie, mentalmente. Como pedir desculpas por me lançar através da metade da Europa com um carro cheio de explosivo plástico russo de alta qualidade.

– Não seja excessivamente confiante – aconselhou Joseph, com tanto sentimento como se estivesse examinando a carteira de motorista dela. – Nem todo guarda de fronteira é idiota ou um maníaco sexual.

Ela prometera a si mesma que não haveria despedidas e talvez Joseph tivesse feito a mesma coisa.

– Está certo.

Ela ligou o motor. Joseph não acenou nem sorriu. Talvez tivesse dito "até a vista, Charlie"; mas se tal aconteceu, ela não ouviu. Chegou à estrada principal; o mosteiro e seus habitantes temporários haviam desaparecido do espelho retrovisor. Percorreu dois quilômetros rapidamente e chegou a uma flecha antiga, pintada, com a palavra *Jugoslavien.* Diminuiu a velocidade, acompanhando o fluxo de tráfego. A estrada se alargou, transformando-se num estacionamento. Ela avistou uma fila de veículos de carga e uma fila de carros, as bandeiras de todos os países reduzidas a cores indefinidas pelo sol. Sou inglesa, alemã, israelense e árabe. Foi parar atrás de um carro esporte, de capota arriada. Dois rapazes no banco da frente, duas moças no banco traseiro. Ficou imaginando se não seriam agentes de Joseph. Ou de Michel. Ou qualquer espécie de polícia. Estava aprendendo a encarar o mundo de uma nova maneira: todo mundo pertence a alguém. Um guarda de uniforme cinza acenou para que ela se adiantasse, impacientemente. Ela já estava com tudo pronto. Documentos falsos, explicações falsas. Mas ninguém queria coisa alguma. Ela havia passado.

De pé no alto da colina, acima do mosteiro, Joseph baixou o binóculo e voltou ao furgão que o aguardava.

– Encomenda despachada – disse ele, bruscamente. Obedientemente, Samuel transferiu as palavras para a máquina. Por Becker, ele transmitiria qualquer coisa. . . arriscaria tudo, atiraria em qualquer um. Becker era uma legenda viva para ele, completa em todas as suas faculdades, alguém que deveria aspirar incessantemente a imitar.

– Marty responde parabéns – disse o rapaz, reverentemente.

Mas o grande Becker parecia não estar ouvindo.

Ela estava guiando por toda uma eternidade. Sentia os braços doloridos de apertar o volante com tanta força, o pescoço dolorido de manter as pernas rígidas demais. Sentia um enjoo na barriga, de excesso de frouxidão. E sentia também um frio na barriga, de excesso de medo. E se sentiu mais doente ainda quando o motor afogou e ela pensou: "O maldito carro vai enguiçar logo agora." Se isso acontecer, então largue-o imediatamente, recomendara Joseph; pegue uma carona, perca os documentos em algum lugar, embarque num trem. Acima de tudo, afaste-se o mais depressa possível, o máximo que puder. Mas agora que começara, ela estava convencida de que não poderia fazer isso: seria como abandonar o palco no meio de uma apresentação. Ficou surda de muita música, desligou o rádio e tornou a ficar surda do barulho dos caminhões. Estava numa sauna, estava congelando, estava cantando. Não havia qualquer progresso, apenas movimento. Conversa jovialmente com o pai morto e com a maldita mãe:

– Conheci esse árabe *encantador,* mamãe, *maravilhosamente* bem-educado e *terrivelmente* rico e refinado. Foi uma longa trepada, do amanhecer ao anoitecer e continuando...

Guiava com a mente adormecida, os pensamentos deliberadamente reprimidos. Forçava-se a permanecer na superfície exterior da experiência: "Olhe, uma aldeia. Olhe, um lago." Não pensava, não se permitia descer ao caos por baixo. Estou livre e relaxada, divertindo-me imediatamente. Como almoço, comeu frutas e pão, que comprou no quiosque de um posto. E sorvete, pelo qual sentiu um desejo súbito e intenso, como um apetite na gravidez. Um sorvete iugoslavo, amarelo e aguado, com uma moça de seios grandes no invólucro. Viu um rapaz pedindo carona e sentiu um impulso quase irresistível de ignorar as ordens de Joseph e levá-lo. Sua solidão era de repente tão terrível que faria qualquer coisa para tê-lo em sua companhia, como casar numa das pequenas capelas no alto dos morros sem árvores, estuprá-lo na relva amarelada ao lado da estrada. Mas nunca admitiu para si mesma uma única vez, em todos os anos e quilômetros a guiar, que estava transportando 100 quilos de explosivo plástico russo de alta qualidade, divididas em bastões de 250 gramas, escondidos pelo carro. Ou que se tratava de explosivo novo, bem cuidado, capaz de resistir ao calor e ao frio, conservando sua flexibilidade em qualquer temperatura.

Continue em frente, menina, repetia para si mesma, determinada, às vezes em voz alta. É um dia de sol e você é uma puta rica, está guiando o Mercedes de seu amante. Recitou as falas de *As You Like It,* assim como de seu primeiro papel. Recitou falas de *Santa Joana.* Mas não pensou absolutamente em Joseph, jamais conhecera um israelense em toda a sua vida. Não ansiava por ele, nunca mudara suas opiniões e religião por causa dele, nunca se tornara uma criatura dele, fingindo ser uma criatura do inimigo. Nunca ficara aturdida e inquieta com as guerras secretas que se travavam dentro dele.

Às seis horas da tarde, embora preferisse continuar a guiar pela noite afora, avistou a placa pintada que ninguém lhe dissera para procurar e pensou: "Parece um bom lugar. Vou experimentar." Apenas isso. Mas falou em voz alta, exuberante, provavelmente para sua maldita mãe. Guiou pelas colinas por mais um quilômetro e meio e lá estava, exatamente como ele-que-não-existia descrevera, um hotel construído entre ruínas, com uma piscina e um pequeno campo de golfe. E quando ela entrou no saguão, quem avançou em sua direção? Nada menos que seus velhos amigos Dimitri e Rose, que conhecera em Mikonos. Puxa, querida, é Charlie! Mas que coincidência! Por que não jantamos juntos? Comeram um churrasco à beira da piscina, nadaram. Depois que a piscina foi fechada e Charlie não conseguia dormir, eles ficaram jogando *scrabble* com ela no quarto, como carcereiros na véspera da execução dela. Charlie cochilou por algumas horas, mas às seis da manhã já estava de volta á estrada. No meio da tarde chegou à fila para atravessar a fronteira com a Áustria. Foi nesta altura que, de repente, sua aparência tornou-se desesperadamente importante para ela.

Estava usando uma blusa sem mangas do enxoval de Michel; escovara os cabelos e parecia sensacional em cada um dos três espelhos. A maioria dos carros recebia autorização para seguir adiante com um simples aceno, mas ela não podia contar com isso. Não outra vez. Os outros carros paravam, os motoristas eram obrigados a mostrar os documentos, alguns eram separados para serem meticulosamente revistados. Ela ficou imaginando se isso acontecia ao acaso, se os guardas recebiam avisos prévios ou se havia determinadas indicações misteriosas. Dois homens de uniforme aproximavam-se lentamente pela fila, parando em cada janela de cano. Um deles estava de azul, o outro de verde. O de azul estava com o quepe inclinado, a fim de parecer um ás da aviação. Olharam para ela, depois contornaram o carro devagar. Ela ouviu um deles chutar um pneu traseiro e sentiu vontade de gritar: "Puxa, essa doeu!" Mas absteve-se, porque Joseph, em quem não se atrevia a pensar, dissera que se controlasse, que se mantivesse a distância, resolvesse o que julgasse necessário e agisse de acordo. O homem de verde perguntou-lhe alguma coisa em alemão e ela disse "desculpe, não entendi" em inglês. Estava lhe estendendo seu passaporte britânico, profissão atriz. Ele pegou o passaporte, comparou-a com a fotografia, passou-o ao colega. Eram rapazes atraentes; ela não havia percebido antes que eram tão jovens. Louros, vigorosos, olhos francos, com o bronzeado permanente de montanhistas. É de primeira qualidade, ela sentiu vontade de dizer-lhes, num impulso terrível para a própria destruição. Sou Charlie, podem me pesar.

Os quatro olhos se fixaram nela, enquanto faziam perguntas. Sua vez, minha vez. Não, disse ela, apenas um pacote de cigarros gregos e uma garrafa de *Ouzo*. Não, disse ela, não levo presentes, juro. Ela desviou os olhos dos rapazes, resistindo ao impulso de flertar. Apenas uma quinquilharia para a mãe. Mas sem valor. Dez dólares, no máximo. Dê-lhes alguma coisa para pensarem. Eles abriram a porta e pediram para ver a garrafa de *Ouzo*. Mas Charlie desconfiou que, depois de darem uma boa olhada pela blusa, eles estavam ansiosos em verem suas pernas, para saber se eram do mesmo quilate. A garrafa estava numa cesta no chão, ao lado dela. Inclinando-se, Charlie pegou-a. Ao fazê-lo, sua saia se abriu, o que foi 90 por cento acidental. Mas, por um momento, a coxa esquerda ficou inteiramente exposta, até o quadril. Ela levantou a garrafa para mostrar e nesse instante sentiu uma coisa úmida e fria bater em sua coxa nua. *Santo Deus, eles me apunhalaram!* Ela deixou escapar uma exclamação, levando a mão à coxa. Ficou atônita ao descobrir ali um carimbo azul registrando sua chegada na República da Áustria. Estava tão furiosa que quase os agrediu; estava tão grata que quase desatou numa risada incontrolável. Sem as palavras de advertência de Joseph para contê-la, teria abraçado os dois por sua generosidade inacreditável, adorável e inocente. Ela passara, era maravilhosa. Olhou pelo espelho e viu os dois guardas maravilhosos acenando-lhe timidamente em despedida, por cerca de 35 minutos a fio, indiferentes a todos os outros carros.

Ela nunca adorara tanto a autoridade.

A longa vigília de Shimon Litvak começou de manhã bem cedo, oito horas antes de chegar a informação de que Charlie passara pela fronteira sem qualquer problema e dois dias e uma noite depois que Joseph, agindo em nome de Michel, enviara o telegrama em duplicata ao advogado de Genebra, a ser transmitido ao cliente. Estavam no meio da tarde e Litvak já mudara a guarda três vezes. Mas ninguém se sentia entediado, ninguém estava menos vigilante, o problema dele não era manter a equipe alerta e sim convencer a todos a descansarem direto durante as horas de folga.

De seu ponto de observação na janela da suíte nupcial de um velho hotel, Litvak contemplava uma linda praça no sul da Áustria, entre cujas características principais estavam duas estalagens tradicionais com mesas ao ar livre, um pequeno estacionamento para carros e uma estação ferroviária atraentemente antiga, com um domo em formato de cebola por cima da agência postal. A estalagem mais próxima tinha o nome de Cisne Negro e gabava-se de oferecer um acordeonista, um rapaz pálido e introspectivo que tocava bem demais para seu sossego e ficava furioso quando os carros seguiam adiante, o que acontecia com frequência. A segunda estalagem tinha o nome de Abrigo dos Carpinteiros, exibindo uma linda placa dourada. O Abrigo tinha classe: toalhas brancas nas mesas e truta, que se podia escolher num tanque lá fora. Havia poucos pedestres àquela hora do dia, o calor intenso e poeirento projetando uma sonolência agradável por toda a paisagem. No Cisne, numa mesa do lado de fora, duas moças tomavam chá e riam a propósito de uma carta que estavam escrevendo em conjunto. A função delas era anotar as placas de todos os carros que entrassem ou saíssem da praça. Diante do Abrigo, um jovem e ansioso padre tomava vinho e lia seu missal; e no sul da Áustria ninguém pede a um padre para se retirar. O verdadeiro nome do padre era Udi, uma abreviação de Ehud, o matador canhoto do Rei de Mohab Como seu homônimo, ele estava armado até os dentes e era canhoto, estava ali para o caso de haver alguma luta. Contava com o apoio de um casal inglês de meia-idade, sentado em seu Rover no estacionamento, aos olhos do mundo que cochilava sob os efeitos de um lauto almoço. Eles tinham armas de fogo entre seus pés e outras ferramentas de trabalho ao alcance da mão. Embora o rádio do Rover no momento tocasse Strauss, estava sintonizado com o furgão de comunicações, estacionado a 200 metros pela estrada, na direção de Salzburgo.

No total, Litvak contava com nove homens e quatro mulheres. O ideal seria 16 pessoas, mas não estava se queixando. Gostava de um bom risco e a tensão sempre lhe proporcionava uma sensação de bem-estar. Nasci para isso, pensou ele, nasci para a ação. Estava calmo e controlado, o corpo e a mente tranquilos, a equipe espalhada pelo cenário, sonhando com namoros e férias na Galileia. Era como se estivessem num barco, esperando o momento da partida. Bastaria o menor sussurro de uma brisa e todos estariam prontamente em seus postos, prontos para entrarem em ação.

Litvak murmurou uma senha de rotina pelo aparelho transmissor e recebeu outra em resposta. Estavam falando em alemão, a fim de atrair menos atenção. Usavam como cobertura ora uma firma de táxi de Graz, ora um serviço de salvamento de helicópteros baseado em Innsbruck. Mudavam as faixas de transmissão constantemente, usando uma variedade desconcertante de sinais de chamada.

Charlie apareceu na praça com o Mercedes às quatro horas. Um dos homens de vigia no estacionamento prontamente soou três notas de fanfarra em seu microfone. Ela teve dificuldade em encontrar uma vaga, mas Litvak determinara que não se deveria ajudá-la nisso. Vamos deixá-la resolver o problema, nada de ajuda desnecessária. Apareceu uma vaga, ela ocupou-a, saiu do carro, espreguiçou-se, pegou a bolsa e o violão na mala. Ela é boa, pensou Litvak, observando-a pelo binóculo. Natural. Tranque o carro agora. Ela o fez, deixando a mala para o final. E agora ponha as chaves no cano de descarga. Ela fez

isso também, num movimento rápido e hábil, ao se abaixar para pegar a bagagem. E depois partiu para a estação ferroviária, parecendo exausta, sem olhar para a esquerda nem para a direita. Litvak acomodou-se para continuar a esperar. A cabra está amarrada, pensou ele, recordando uma das expressões prediletas de Kurtz. Agora só precisamos de um leão. Ele pronunciou uma palavra ao microfone e ouviu a ordem ser confirmada. Imaginou Kurtz no apartamento em Munique, debruçado sobre o pequeno aparelho de telex, enquanto o furgão de comunicações transmitia o sinal. Imaginou o gesto inconsciente dos dedos grossos de Kurtz, passando nervosamente pelo rosto, em que estava afixado um sorriso constante. Imaginou o gesto do antebraço musculoso, enquanto Kurtz consultava o relógio, sem ver. Estamos entrando finalmente no escuro, pensou Litvak, enquanto observava o crepúsculo se adensar. É o escuro que temos procurado, por todos esses meses.

Uma hora se passou. O bom padre Udi pagou sua conta modesta e desapareceu num passo devoto por uma transversal, a fira de descansar um pouco e mudar de perfil no apartamento que servia como base. As duas moças finalmente terminaram a carta e queriam um selo. Partiram, pelo mesmo motivo. Litvak observou com satisfação quando os substitutos assumiram seus postos: um furgão de lavanderia todo amassado, dois viajantes querendo fazer um almoço tardio, um trabalhador estrangeiro querendo tomar um café e dar uma olhada no jornal de Milão. Um carro da polícia entrou na praça e deu três voltas, mas nem o motorista nem seu colega prestaram qualquer atenção ao Mercedes vermelho estacionado, com as chaves no cano de descarga. Às 7:40, em meio a uma ressurgência de excitamento dos observadores, uma mulher gorda foi direto até a porta do Mercedes, enfiou uma chave na fechadura, tentou abrir, fez uma encenação de que se enganara e acabou partindo num Audi vermelho. Às oito horas, uma motocicleta potente passou rapidamente, antes que alguém pudesse anotar a placa. Levava um passageiro, de cabelos compridos, podia ser uma mulher. A impressão era de dois jovens num passeio.

– Contato? – perguntou Litvak, pelo microfone.

As opiniões estavam divididas. Desatento demais, disse uma voz. Depressa demais, disse outra... por que correr o risco de ser detido pela polícia? A opinião de Litvak era diferente. Estava convencido de que se tratava de um primeiro reconhecimento, mas não o disse, com receio de influenciar os julgamentos dos outros. Voltou a se acomodar para esperar. O leão farejara a presa, pensou ele. Será que voltaria?

Eram 10 horas da noite. Os restaurantes começavam a se esvaziar. A tranquilidade do campo envolvia a cidade. Mas o Mercedes vermelho continuava no estacionamento, a motocicleta não voltara.

Quem já observou alguma vez, sabe muito bem que um carro vazio é a coisa mais estúpida para se ficar olhando – e Litvak já observara muitos. Com o tempo, apenas por mantê-lo em foco, chega-se à conclusão de que um carro é uma coisa completamente absurda, sem um homem para lhe dar sentido. E como o homem é absurdo por ter inventado os carros. Depois de duas horas, é o maior luxo que já se viu em toda a vida. Começa-se a sonhar em cavalos ou com um mundo de pedestres. Em se afastar da vida de metal, voltando à carne. Em seu *kibbutz* e pomares de laranjeiras. No dia em que o mundo inteiro finalmente aprender os riscos de se derramar sangue judeu.

E se fica com vontade de explodir todos os carros inimigos do mundo, libertando Israel para sempre.

Ou se lembra que é o Sabá e que a Lei diz que é melhor trabalhar para salvar uma alma do que respeitar o Sabá e não salvar uma alma.

Ou que deverá casar com uma moça feia e devota, de quem não gosta muito, fixando-se em Herzlia com uma hipoteca e caindo na armadilha dos filhos sem uma palavra de protesto.

Ou se fica pensando no Deus judeu e em determinados paralelos bíblicos com sua situação atual.

Mas o que quer que você pense ou deixe de pensar, o que quer que faça, se você é tão treinado quanto Litvak era, se está no comando, se é um daqueles para quem a perspectiva de ação contra os algozes dos judeus é uma droga que sempre irá dar-lhe forças, então não desvia os olhos do carro por um instante sequer.

A motocicleta voltara.

Estava na praça da estação há cinco minutos e meio, toda uma eternidade, pelo relógio de pulso luminoso de Shimon Litvak. De seu posto à janela do quarto de hotel, a menos de 20 metros de distância, ele ficou observando atentamente. Era uma motocicleta de primeira classe, japonesa, com placa de Viena, guidom especial. Entrara na praça com o motor desligado, trazendo um motorista de blusão de couro, capacete, gênero ainda indeterminado, um passageiro do sexo masculino, de ombros largos, instantaneamente apelidado de Cabeleira, de *jeans* e sapatos de tênis, uma elegante echarpe amarrada no pescoço. A motocicleta parou perto do Mercedes, mas não o bastante para sugerir que eles tinham algum interesse pelo carro. Litvak teria feito a mesma coisa.

– Grupo de busca – disse ele baixinho pelo microfone, recebendo imediatamente quatro avisos de recebimento.

Litvak estava tão seguro de sua conclusão que, se o casal se assustasse e fugisse naquele momento, teria dado a ordem sem a menor hesitação, mesmo que isso representasse o fim da operação. Udi teria se levantado do furgão de lavanderia e atirado no casal, depois Litvak jogaria uma carga explosiva neles, para conferir. Mas eles não tentaram fugir, o que era muito melhor. Ficaram na motocicleta, mexendo nos capacetes e cintos, sentados aparentemente por horas, como motociclistas costumam fazer, embora na verdade se passassem apenas dois minutos. Continuavam a farejar o lugar, verificando ruas transversais e carros estacionados, além de janelas superiores, como a de Litvak. O que não tinha importância, pois a equipe já se certificara há muito que nada se podia ver.

O período de meditação encerrado, Cabeleira desmontou languidamente e saiu andando, passando pelo Mercedes, a cabeça inocentemente inclinada, enquanto presumivelmente verificava se as chaves estavam aparecendo no cano de descarga. Mas não se apressou em pegar as chaves, o que Litvak apreciou devidamente, como um colega de profissão. Foi até o pátio da estação e entrou no banheiro, do qual emergiu um momento depois, esperando descobrir assim qualquer pessoa que o estivesse seguindo. Ninguém estava. As moças não poderiam mesmo e os rapazes eram hábeis demais para isso. Cabeleira passou pelo carro uma segunda vez e Litvak desejou intensamente que ele se abaixasse e pegasse as chaves, pois queria um gesto conclusivo. Mas Cabeleira não o atendeu. Em vez disso, voltou à motocicleta e seu companheiro, que ficara sentado, certamente a fim de poder oferecer uma fuga rápida, em caso de necessidade. Cabeleira disse alguma coisa ao companheiro, depois tirou o capacete, com um movimento de cabeça. Ao fazê-lo, virou o rosto distraidamente para a luz.

– *Luigi* – disse Litvak ao microfone.

Ele experimentou nesse instante a bênção rara e intemporal da satisfação pura. É você, pensou ele, calmamente, Rossino, o apóstolo da solução pacífica. Litvak o conhecia muito bem. Conhecia os nomes e endereços de seus amigos, dos pais direitistas em Roma e do seu mentor de extrema-esquerda na academia musical de Milão. Conhecia o diário napolitano que ainda publicava os artigos empolados dele, insistindo que a não-violência era o único caminho aceitável. Conhecia as suspeitas antigas de Jerusalém em relação a ele, conhecia toda a história dos repetidos esforços infrutíferos para obter as provas. Conhecia o cheiro dele, o tamanho dos seus sapatos. Estava começando a imaginar a participação que ele tivera em Bad Godesberg e vários outros lugares. Tinha ideias muito definidas, como acontecia com todos, sobre a melhor coisa que se podia fazer com ele. Mas ainda não. Não por um longo tempo. Enquanto a jornada tortuosa não estivesse concluída, não poderiam acertar contas.

Ela pagou por tudo, pensou Litvak, alegremente. Com essa única identificação, pagou toda a sua viagem até aqui. Ela era uma *goy* justa, uma espécie rara na opinião de Litvak.

Agora, finalmente, o motorista estava desmontando. Espreguiçou-se. desabotoou a correia do capacete, enquanto Rossino tomava o seu lugar na frente da motocicleta.

Só que o motorista era uma mulher.

Uma loura esguia, segundo o binóculo infravermelho de Litvak, com feições delicadas e um ar etéreo, apesar do seu domínio evidente da motocicleta. Nesse estágio crítico, Litvak recusou-se categoricamente a pensar que as viagens dela poderiam tê-la levado de Orly em Paris aparentemente a Madri, se tinha o hábito de entregar valises cheias de discos a amigas suecas. Se ele seguisse por esse caminho, o ódio acumulado da equipe poderia acabar predominando sobre o senso de disciplina. A maioria já atirara em pessoas e, em casos assim, fazia isso sem o menor escrúpulo. Por isso, Litvak nada disse pelo microfone, deixando que cada um fizesse a sua identificação especulativa.

Foi a vez da moça visitar o banheiro. Tirando uma pequena valise do bagageiro e deixando o capacete com Rossino, ela atravessou a praça e entrou direto no pátio da estação. Entrou no banheiro e lá ficou, ao contrário do que fizera seu companheiro. Na volta, Litvak ficou torcendo para que ela pegasse logo as chaves no cano de descarga. Mas tal não aconteceu. O andar dela, como o de Rossino, era ágil e fácil, sem qualquer hesitação. Era inegavelmente uma moça atraente – não era de admirar que o adido trabalhista se deixasse envolver. Litvak deslocou o binóculo para Rossino. Erguendo-se ligeiramente no selim da frente, ele inclinara a cabeça para o lado, como se estivesse escutando alguma coisa. Claro, pensou Litvak, também prestando atenção ao mesmo rumor débil: o trem das 10:24 de Klagenfurt, que deveria chegar a qualquer momento. Com um longo e lento solavanco, o trem parou na estação. Os primeiros passageiros de olhos turvos apareceram no pátio. Dois táxis se adiantaram devagar, tornaram a parar. Um par de carros particulares se afastou. Um grupo cansado de excursão apareceu, carregado de bagagem, todas as malas com as mesmas etiquetas.

Façam agora, suplicou Litvak. *Peguem o carro e aproveitem o movimento para partir. Consumem o que vieram fazer aqui.*

Mas ele não estava realmente preparado para o que aconteceu. Um casal idoso estava parado na fila de táxi, tendo por trás uma moça reservada, que parecia uma empregada ou acompanhante. Usava um costume marrom e um chapeuzinho também marrom, com a aba abaixada. Litvak notou-a como a muitas outras pessoas no pátio, com o olho treinado e aguçado, tornado ainda mais aguçado pela tensão. Uma moça bonita, carregando uma pequena valise. O casal idoso fez sinal para um táxi. A moça permaneceu logo atrás deles, vendo o táxi se aproximar. O casal idoso embarcou, com a ajuda da moça, entregando-lhe todas as suas coisas. Era obviamente a filha. Litvak voltou a se encontrar no Mercedes e depois na motocicleta. Se pensou alguma coisa sobre a moça de marrom, presumiu que ela também embarcara no táxi e se afastara com os pais. Naturalmente. Foi somente quando devolveu a atenção aos passageiros cansados que avançavam pela calçada, na direção dos dois ônibus à espera, que ele compreendeu, com um sobressalto de prazer, que era a *sua* moça, a *nossa* moça, a moça da motocicleta, que mudara de roupa rapidamente no banheiro e o enganara. Ela atravessou a praça. Litvak ainda estava se regozijando quando a moça abriu a porta do carro com sua própria chave. Jogou lá dentro a valise, acomodou-se ao volante tão castamente como se estivesse partindo para a igreja. Foi embora, com as chaves ainda brilhando dentro do cano de descarga. Aquele toque deixou Litvak deliciado. Mas como era óbvio! E sensato! Telegramas em duplicata, chaves em duplicata: nosso líder acreditava em sempre dobrar as suas chances.

Ele deu a ordem de uma só palavra e observou os seguidores partirem discretamente: as duas moças no Porsche; Udi no Opel grande, sozinho; o parceiro de Udi numa motocicleta muito menos vistosa que a de Rossino. Litvak continuou à janela, observando a praça se esvaziar lentamente, como o final de um espetáculo. Os carros partiram, os ônibus de excursão partiram, os pedestres partiram, as luzes se apagaram pelo pátio da estação, ele ouviu um clangor, enquanto alguém fechava um portão de ferro para a noite. Somente as duas estalagens ainda continuavam em funcionamento.

Finalmente, ele ouviu a palavra de código que estava esperando. *Ossian:* o carro está seguindo para o norte.

– E para onde Luigi está seguindo?

– Para Viena.

– Espere um instante.

Litvak chegou a tirar os fones para poder pensar mais claramente. Tinha de tomar uma opção imediata. Era justamente para isso que estava treinado. Seguir Rossino e a moça ao mesmo tempo era impossível. Ele carecia dos recursos necessários para isso. Em teoria, deveria seguir os explosivos. Ou seja, a moça. Contudo, ele ainda hesitava, pois Rossino era esquivo e certamente uma presa maior, enquanto o Mercedes era conspícuo e seu destino quase uma certeza. Litvak hesitou por mais um momento. Houve um ruído nos fones, mas ele ignorou, enquanto repassava mentalmente a lógica da ficção. A ideia de deixar Rossino escapar à vigilância era quase insuportável. Rossino era certamente um elo importante na corrente da oposição; e, como Kurtz repetidamente argumentara, se a corrente não aguentasse como se poderia introduzir Charlie em seu meio? Rossino voltaria a Viena convencido de que até agora nada fora comprometido. Ele era um elo crucial, mas também uma testemunha crucial. Enquanto a moça. . . a moça era uma funcionária, encarregada de guiar carros, colocar bombas, a infantaria dispensável do grande movimento. Litvak repôs os fones nos ouvidos.

– Fiquem com o carro. Deixem Luigi ir embora.

A decisão tomada, Litvak permitiu-se um sorriso satisfeito. Conhecia a formação com exatidão. Primeiro Udi na motocicleta, depois a moça no Mercedes vermelho, o Opel atrás dela. E depois do Opel, muito atrás, as duas moças no Porsche de reserva, prontas para trocar de lugar com qualquer um, assim que recebessem a ordem. Ele reconstituiu rapidamente os postos estacionários que controlariam a passagem do Mercedes até a fronteira alemã. Imaginou a história que Alexis teria inventado, a fim de providenciar para que ela passasse pela fronteira sem complicações.

– Velocidade? – perguntou Litvak, consultando o relógio.

Udi informa que a velocidade dela é bastante moderada, veio a resposta. Essa dona não quer ter problemas com a polícia. Está muito nervosa com a carga.

E não podia deixar de estar, pensou Litvak, com aprovação, tirando os fones. Se eu fosse aquela moça, a carga me deixaria apavorado.

Ele desceu, com a valise na mão. Já pagara a conta. Mas se lhe pedissem, pagaria de novo. Estava apaixonado pelo mundo inteiro. O carro de comando, um potente BMW, esperava por ele no estacionamento do hotel. Com um autocontrole derivado de longa experiência, Litvak partiu tranquilamente no encalço do comboio. Quanto ela saberia? Quanto tempo levariam para descobrir? Vá com calma, pensou ele; primeiro amarre a cabra. Seus pensamentos voltaram a Kurtz e experimentou um grande prazer ao imaginar a voz implacável e inesgotável dele a despejar louvores, num hebraico horrível. E

Litvak ficou ainda mais satisfeito ao pensar que estava levando para Kurtz um sacrifício tão auspicioso.

Salzburgo ainda tinha de esperar o verão. Uma brisa de primavera soprava das montanhas e o Rio Salzach tinha o cheiro do mar. Como chegaram lá ainda era meio misterioso para ela, pois dormira durante a maior parte da viagem. De Graz, haviam voado para Viena; como a viagem levara apenas cinco segundos, devia ter dormido no avião.

– Mas por que Salzburgo? – perguntara ela.

Porque é uma das cidades de Michel, respondera ele. Porque está no caminho.

– No caminho para onde?

Mas ela esbarrara outra vez na reserva dele. O hotel tinha um pátio interno coberto, com balaústres dourados, plantas em urnas de mármore. A suíte dava para o rio rápido e escuro, com mais domos que o próprio paraíso no outro lado. Por trás dos domos erguia-se um castelo, com um teleférico para subir e descer a encosta.

– Preciso andar um pouco – disse ela.

Ela foi tomar um banho e acabou dormindo, ele teve de bater na porta com força para acordá-la. Ela vestiu-se. Mais uma vez, ele sabia quais os lugares que deveria mostrar e quais as coisas que mais iriam agradá-la.

– Não é a nossa última noite? – perguntou ela e dessa vez ele não se escondeu por trás de Michel.

– É, sim, Charlie, é a nossa última noite. Temos uma visita a fazer amanhã e depois você volta para Londres.

Segurando o braço dele com as duas mãos, ela acompanhou-o por ruas estreitas e praças que pareciam se ligar como salas. Pararam diante da casa em que Mozart nascera. Os turistas eram como um público de matinê para ela, alegres e despreocupados.

– Eu me saí bem, não é mesmo, José? Vamos, diga.

– Você se saiu muito bem.

Mas, de certa forma, a reserva dele significava mais para Charlie do que seu louvor. As igrejas que pareciam casas de bonecas eram mais lindas do que qualquer coisa que ela já imaginara, com altares de arabescos dourados, anjos voluptuosos e túmulos onde os mortos pareciam ainda estar sonhando com prazer. Um judeu fingindo ser muçulmano me mostra minha herança cristã, pensou Charlie. Mas quando ela lhe pediu informações, o máximo que ele fazia era comprar um guia colorido e guardar o recibo na carteira.

– Acho que Michel ainda não teve tempo de se dedicar ao período barroco – explicou ele, à sua maneira seca.

Mais uma vez, Charlie sentiu nele as sombras de alguma obstrução inexplicável.

– Vamos voltar agora, Charlie?

Ela sacudiu a cabeça. Tinha de prolongar ao máximo. A tarde se transformou em noite, as multidões desapareceram, música de coro saía de portais inesperados. Sentaram-se à beira do rio e ficaram escutando os velhos sinos repicarem, numa competição obstinada. Recomeçaram a andar e subitamente ela se sentiu tão fraca que precisava do braço dele em torno de sua cintura para ampará-la.

– Comida – murmurou ela, enquanto ele a conduzia para o elevador. – Champanha. Música.

Mas quando ele ligou para a copa, Charlie já estava profundamente adormecida na cama e nada no mundo, nem mesmo Joseph, poderia acordá-la. Ela estava deitada como ficara na areia em Mikonos, com o braço esquerdo virado e o rosto comprido contra ele. Becker estava sentado na poltrona, observando-a. A primeira tênue claridade do amanhecer estava despontando pelas cortinas. Ele podia sentir o cheiro da vegetação. Houvera uma tempestade durante a noite, tão forte e súbita que fora como um trem expresso passando pelo vale. Pela janela ele contemplara a cidade balançar sob as investidas longas e demoradas dos raios, a chuva dançando sobre os domos reluzentes. Mas Charlie permanecera tio imóvel que ele chegara a se debruçar sobre ela e aproximar o ouvido de sua boca, a fim de certificar-se que estava respirando.

Ele olhou para o relógio. Planeje, pensou. Aja. Deixe que a ação acabe com qualquer dúvida. A mesa de jantar, com a comida intacta, estava junto à janela, o balde de gelo com a garrafa fechada de champanha. Pegando um garfo de cada vez, ele começou a retirar a carne de lagosta da carapaça, sujando os pratos, misturando a salada, mexendo nos morangos, acrescentando mais uma ficção às muitas que já haviam vivido: o banquete em Salzburgo, Charlie, com Michel comemorando a conclusão perfeita da primeira missão dela para a revolução. Ele pegou a garrafa de champanha e levou para o banheiro, fechando a porta, a fim de que o espocar da rolha não a acordasse. Despejou o champanha pela pia e abriu a água depois,

jogou a carne de lagosta, salada e morangos no vaso, teve de puxar a válvula duas vezes, porque não desceu tudo na primeira. Deixou champanha suficiente para despejar em seu próprio copo. Pegou batom na bolsa de Charlie e manchou a borda do copo dela, antes de despejar um restinho de champanha. Voltou à janela, onde passara a maior parte da noite, ficou olhando para as colinas azuladas, encharcadas pela chuva. Sou um montanhista cansado das montanhas, pensou ele.

Fez a barba, vestiu o *blazer* vermelho. Aproximou-se da cama, estendeu a mão para acordá-la, mas retirou-a antes de fazê-lo. Uma relutância, como um cansaço intenso, dominou-o. Tornou a sentar-se na poltrona, de olhos fechados. Forçou-os a se abrirem, despertou com um sobressalto, sentindo o peso do orvalho do deserto grudando em seu uniforme de combate, sentindo o cheiro da areia úmida antes do sol deixá-la ressequida.

– Charlie...

Ele estendeu a mão outra vez, para tocá-la no rosto agora, mas em vez disso tocou no braço. Charlie, é um triunfo; Marty diz que você é uma estrela e presenteou-o com todo um novo elenco de personagens. Ele telefonou durante a noite, mas você não acordou. Melhor do que Garbo, disse ele. Não há nada que não possamos realizar juntos, disse ele. Acorde, Charlie. Temos trabalho a fazer. Charlie.

Mas, em voz alta, ele apenas disse outra vez o nome dela, depois desceu, pagou a conta, pegou o último recibo. Saiu do hotel para buscar o BMW alugado. O amanhecer estava como tinha sido o crepúsculo, fresco e ainda não o verão.

– Você deve me acenar em despedida e depois dar a impressão de que saiu para uma volta – disse ele a Charlie. – Dimitri irá levá-la separadamente para Munique.

14

0 elevador recendia a desinfetante e o *graffiti* estava rabiscado fundo no vinil cinza: *Anarchismus oder Weitkrieg. Fuck America.* Ela subiu sem dizer nada. Fizera aflorar a dureza que havia nela, como sempre fazia em manifestações e outros acontecimentos. Estava excitada. Experimentava um senso de conclusão iminente. Dimitri tocou a campainha, o próprio Kurtz abriu a porta. Por trás dele estava Joseph e por trás de Joseph havia um escudo de latão, com uma imagem de São Cristóvão, carregando uma criança.

– Charlie, foi uma maravilha e *você* é sensacional – disse Kurtz, com um entusiasmo genuíno, apertando-a efusivamente contra o peito. – Incrível Charlie!

– Onde ele está? – indagou Charlie, olhando para a porta fechada além de Joseph.

Dimitri não entrara no apartamento. Depois de entregá-la, ele tornara a descer no elevador. Ainda falando como se estivessem juntos na igreja, Kurtz preferiu tratar a pergunta como se fosse de caráter geral, assegurando enquanto a soltava: – Ele está muito bem, Charlie. Um pouco cansado de suas viagens, o que é natural. Afora isso, no entanto, está bem. Óculos escuros, Joseph. Providencie óculos escuros para ela. Tem óculos escuros, minha cara? Aqui tem um lenço para esconder esses lindos cabelos. Pode pô-lo.

Era um lenço verde de seda, até que bastante bonito. Kurtz o tinha no bolso. Os dois homens ficaram observando, enquanto ela ajeitava o lenço sobre os cabelos, diante do espelho.

– É só precaução –explicou Kurtz. – Neste negócio nunca se é cauteloso demais. Não é certo, Joseph?

Charlie tirara da bolsa o estojo novo e estava arrumando a maquilagem.

– Charlie, pode ser um encontro bastante emocional – avisou Kurtz.

Ela guardou o estojo e tirou o batom.

– Se por acaso se sentir enjoada, basta lembrar que ele matou uma porção de seres humanos inocentes – continuou Kurtz. – Todo mundo tem um rosto humano e esse rapaz não é exceção. Uma excelente aparência, muito talento, uma grande capacidade sem uso, tudo desperdiçado. Nunca é uma coisa agradável de ver. Depois de entrarmos, não quero que você fale. Lembre-se disso. Deixe que eu fale tudo. – Ele abriu a porta e acrescentou: – Vai descobri-lo muito dócil. Tivemos de torná-lo dócil quando o transportamos e temos de mantê-lo assim enquanto está aqui conosco. Afora isso, ele está em boas condições. Não tem qualquer problema. Mas não fale com ele.

Um duplex elegante que se deteriorou, registrou Charlie, automaticamente. Uma escada em teca africana elevando-se graciosamente da galeria rústica. Uma lareira em estilo inglês, com falsos carvões, de lona pintada. Refletores de fotografia, com impressivas câmaras em tripés. Um gravador tamanho família em sua própria base, um sofá curvo ao estilo Marbella, de espuma de borracha, mais duro que ferro. Ela sentou-se no sofá, com Joseph ao seu lado. Kurtz pegara um telefone cinzento e estava apertando o botão da extensão. Falou alguma coisa em hebraico, olhando para cima. Desligou, sorriu tranquilizadoramente para Charlie. Ela podia sentir o cheiro de corpos de homens, poeira, café, fígado. E cerca de um milhão de pontas de cigarro. Ela reconheceu outro cheiro, mas não pôde identificá-lo, porque havia muitas possibilidades em sua mente, dos arreios de seu primeiro pônei ao suor de seu primeiro amante.

Sua mente mudou de ritmo e ela quase adormeceu. Estou doente, pensou. Estou esperando os resultados dos exames. Doutor, doutor, seja franco comigo. Ela notou uma pilha de revistas de sala de espera e desejou poder ter uma no colo, como um adereço. Agora, Joseph também estava olhando para cima. Charlie acompanhou o olhar dele, mas só um pouco depois, pois queria dar a si mesma a impressão de que sempre fizera aquilo com frequência, que mal precisava olhar, era uma compradora num desfile de modas. A porta na varanda se abriu e um rapaz barbado saiu, parecendo furioso. Tornou a desaparecer, andando de lado.

Por um momento, nada mais aconteceu. Depois, o mesmo rapaz barbado ressurgiu, seguido por uma massa vermelha indefinida e depois por outro rapaz, de rosto raspado, não parecendo tão furioso, mas um devoto, um chefe de coro acusado de exceder os seus deveres.

Charlie finalmente entendeu. Eram três rapazes e não dois, o do meio arriado entre os outros, usando seu *blazer* vermelho: o árabe esguio, seu amante, marionete inerte do teatro do real.

É perfeitamente razoável, pensou ela, por trás dos óculos escuros. Isso mesmo, até que a semelhança não é das piores. Algumas vezes, em suas fantasias, ela usara as feições de Joseph como um substituto para o amante de seus sonhos. Em outras ocasiões, uma feição diferente se delineara, baseada na sua recordação imperfeita do palestino mascarado no fórum. Ficou impressionado ao constatar agora como chegara perto da realidade. Não acha que a boca está um pouco mais comprida nos cantos?, ela perguntou a si mesma. Não exagerou um pouco a sensualidade? As narinas não são abertas demais? A cintura não seria um pouco mais fina? Ela pensou em se levantar e correr para protegê-lo. Mas no palco não se faz isso, a menos que esteja no *script*. Além do mais, ela nunca se desvencilhara de Joseph.

Apesar disso, por um segundo, ela quase perdeu o controle sobre si mesma. Por esse segundo, ela foi tudo o que Joseph dizia: a salvadora e libertadora de Michel, sua Joana d'Arc, sua escrava, sua estrela. Seu coração se inflamara por ele, jantaram juntos num motel sórdido, à luz de velas, ela partilhara sua cama e se juntara à sua revolução, usara a sua pulseira e bebera sua vodca, estraçalhara o corpo dele e deixara que ele estraçalhasse seu próprio corpo. Levara o seu Mercedes através da Iugoslávia, beijara sua arma, transportara TNT da melhor qualidade para os exércitos da liberdade sitiados. Comemorara a vitória com ele, num hotel à beira do rio em Salzburgo. Dançara com ele na Acrópole à noite. Ela sentia-se dominada por um absurdo sentimento de culpa por ter jamais cogitado de qualquer outro amor.

Ele era muito bonito. . . tão bonito quanto Joseph prometera. Era mais bonito ainda. Possuía a atração absoluta que Charlie e outras como ela aceitavam com uma inevitabilidade pesarosa: ele era dessa monarquia e sabia disso. Era esguio, mas perfeito, ombros bem proporcionados, cintura estreita. Tinha um rosto sedutor, coroado por uma massa de cachos pretos. Nada do que haviam feito para domá-lo pudera esconder o ardor de sua natureza ou extinguir a luz de rebelião nos olhos escuros.

Ele era bastante trivial – um jovem camponês caído de uma oliveira, com um repertório de frases aprendidas e um olhar perspicaz para joias, carteiras de couro de crocodilo, mulheres bonitas e carros velozes. E uma indignação de camponês contra aqueles que haviam-no expulsado de suas terras. Venha para a minha cama, neném, deixe que mamãe lhe ensine algumas coisas da vida.

Estavam amparando-o por baixo dos braços. Ao descer a escada de madeira, seus sapatos Gucci erravam os degraus a todo instante. O que pareceu constrangê-lo, pois um sorriso fugaz insinuou-se em seu rosto e olhou envergonhado para os pés errantes.

Estavam trazendo-o em sua direção e Charlie não tinha certeza se poderia aguentar. Virou-se para Joseph a fim de dizer isso, deparou com os olhos dele fitando-a atentamente, ouviu-o dizer alguma coisa. No mesmo instante, porém, o gravador tamanho família pôs-se a falar, muito alto. Charlie virou-se abruptamente, avistando o caro Marty debruçado sobre o aparelho, mexendo nos botões para abaixar o volume.

A voz era suave e de forte sotaque, exatamente como ela se lembrava do fórum. As palavras eram *slogans* de desafio, lidas com um fervor inequívoco: – *Nós somos os colonizados/ Falamos pelos nativos contra os colonizadores! Falamos pelos mudos, alimentamos as bocas cegas, estimulamos os ouvidos surdos/ Nós, os animais, de cascos pacientes, finalmente perdemos a paciência! Vivemos pela lei que nasce a cada dia sob o fogo! O mundo inteiro, com exceção de nós, tem alguma coisa a perder! Nós lutaremos contra qualquer um que se intitule o dono da nossa terra!*

Os rapazes haviam-no ajeitado no sofá curvo, quase diante de Charlie. O equilíbrio dele era precário. Estava-se inclinando para a frente, adernando, usando os antebraços para se sustentar. As mãos estavam uma por cima da outra, como se acorrentadas, mas apenas pela pulseira de ouro que haviam posto nele, a fim de completar a indumentária para o espetáculo. O rapaz barbado e soturno ficou de pé ao lado dele, enquanto o rapaz de coro, rosto raspado, sentava-se ao lado. Enquanto a voz continuava em segundo plano, triunfante, Charlie viu os lábios de Michel se mexerem lentamente, tentando formular palavras, acompanhar o que ouvia. Mas a voz era rápida demais para seu dono, muito forte. Ele acabou desistindo de tentar, exibindo em vez disso um sorriso tolo de quem pedia desculpas, fazendo com que Charlie se lembrasse do pai depois do derrame.

– *Atos de violência não são criminosos... quando executados em oposição à força usada por um estado... considerado criminoso pelo terrorista.* – Um farfalhar de papel, enquanto ele virava outra página. A voz tornou-se aturdida e contrafeita. – *Eu a amo. . . você* é *minha liberdade. . . Agora você* é *uma de nós. . . Nossos corpos e nosso sangue estão misturados. Você* é *minha. . . minha guerreira. . . por favor, por que estou dizendo isso? Juntos, vamos acender o pavio.* – Um silêncio de perplexidade. – *Por favor, senhor... O que* é *isso, por favor? Estou perguntando...*

– Mostre as mãos dele a ela – disse Kurtz, depois de desligar o gravador.

Pegando uma das mãos de Michel, o rapaz de rosto raspado abriu-a suavemente, estendendo-a como uma amostra.

– Enquanto ele viveu nos acampamentos, suas mãos eram duras do trabalho manual – explicou Kurtz, aproximando-se. – Agora, ele é um grande intelectual. Muito dinheiro, muitas mulheres, boa comida, uma vida fácil. Não é isso mesmo, companheiro?

Aproximando-se do sofá por trás, ele pôs a mão imensa na cabeça de Michel e virou-a para fitá-lo.

– Você não é um grande intelectual? – A voz dele não era cruel nem zombeteira. Era como se estivesse com o próprio filho transviado. . . e havia no rosto a mesma afeição triste. – Põe as mulheres a trabalharem para você, não é mesmo, companheiro?

Kurtz olhou de relance para Charlie, explicando:

– Houve até uma mulher que ele chegou a usar como uma bomba. Embarcou-a num avião com uma bagagem elegante, o avião explodiu, acho que ela nunca soube o que tinha feito. 0 que foi um péssimo comportamento, não é mesmo, companheiro? Não se deve fazer uma coisa dessas com uma dama.

Charlie reconheceu o cheiro que não fora capaz de situar: era a loção após a barba que Joseph pusera em todos os banheiros que nunca haviam partilhado. Eles deviam ter passado um pouco em Michel para a ocasião.

– Não quer falar com essa moça? – Kurtz estava perguntando. – Não quer recebê-la em nossa casa aqui? Estou começando a me perguntar por que não quer mais cooperar com a gente.

Gradativamente, sob a persistência dele, os olhos de Michel despertaram, o corpo se empertigou ligeiramente, em obediência.

– Não quer cumprimentar essa moça polidamente? Não quer desejar um bom dia a ela? Bom dia? Quer dizer bom dia à moça, companheiro?

Claro que ele o fez.

– Bom dia – disse Michel, numa versão apática da voz que saíra pelo gravador.

– Não responda – avisou Joseph a Charlie, baixinho.

– Bom dia, *madame* – insistiu Kurtz, ainda sem qualquer vestígio de rancor.

– Madame – disse Michel.

– Façam ele escrever alguma coisa – ordenou Kurtz, soltando a cabeça de Michel.

Sentaram-no a uma mesa e puseram caneta e papel á sua frente. Mas ele não conseguiu muita coisa. Kurtz também não se importou. Veja como ele segura a caneta, Kurtz estava dizendo. Observe como os dedos se moldam naturalmente para a escrita árabe.

– Talvez você tenha acordado de madrugada e encontrou-o fazendo suas contas. Certo? Pois era assim que ele parecia.

Charlie estava falando com Joseph, mas apenas em sua imaginação. Tire-me daqui. Acho que vou morrer. Ela ouviu o barulho dos pés de Michel quando arrastaram-no pela escada acima, até desaparecer. Mas Kurtz não lhe deu qualquer trégua, assim como não permitia nenhuma a si mesmo: – Charlie, temos mais um estágio a enfrentar. Creio que podemos fazê-lo agora, mesmo que custe um pequeno esforço. Algumas coisas simplesmente têm de ser feitas.

A sala estava muito quieta, como se fosse de um apartamento comum. Segurando o braço de Joseph, ela subiu atrás de Kurtz. Não sabia por que, mas descobria ser útil claudicar um pouco, como Michel.

O corrimão de madeira ainda estava pegajoso de suor. Os degraus tinham tiras de um material que parecia lixa. Mas não havia o ruído característico que deveria resultar inevitavelmente. Ela captou esses detalhes com acurácia, porque há ocasiões em que os detalhes podem proporcionar o único vínculo com a realidade. Uma porta de banheiro estava aberta. Ao olhar melhor, no entanto, ela percebeu que não havia qualquer porta, apenas o portal, assim como não havia corrente pendendo da caixa por cima do vaso. Ela pensou que, quando se estava arrastando um prisioneiro de um lado para outro, durante o dia inteiro, mesmo um prisioneiro dopado, não se podia deixar de arrumar essas coisas, não se podia deixar de arrumar a casa. Só depois de ter pensado em todas essas questões tão importantes é que ela se permitiu admitir que entrara num quarto acolchoado, com uma cama apenas, encostada na parede do outro lado. Michel estava na cama outra vez, inteiramente nu, a não ser pelo medalhão de ouro, as mãos sobre a virilha. Não havia sequer um vinco na dobra da barriga. Os músculos dos ombros eram cheios e redondos, os músculos do peito eram lisos e largos. A uma ordem de Kurtz, os dois rapazes levantaram-

no e afastaram as mãos. Circuncidado, bem desenvolvido, lindo. Silenciosamente, com uma carranca de desaprovação, o rapaz barbado apontou para a marca branca de nascença, como uma mancha de leite, no flanco esquerdo, e a cicatriz de um ferimento a faca no ombro direito. Apontou também para o filete de cabelos pretos que descia do umbigo. Ainda em silêncio, eles viraram Michel. Charlie lembrou-se do tipo de costas que ela e Lucy sempre haviam preferido: a coluna no recesso dos músculos. Mas não havia buracos de balas, não havia coisa alguma que pudesse estragar a beleza daquele corpo por trás.

– Mostrem os pés – disse Kurtz.

Deitaram-no de costas e levantaram os pés para que Charlie pudesse ver melhor. Lá estavam as cicatrizes da surra que ele levara dos jordanianos quando era criança, sulcos brancos terminando em pequenas manchas no peito do pé. Começaram a levantá-lo outra vez. Mas, a esta altura, Joseph aparentemente concluiu que Charlie já vira o suficiente. Levou-a pela escada, bem depressa, um braço em torno da cintura dela, a outra mão segurando-lhe o pulso, apertando com tanta força que chegava a doer. Havia um banheiro junto do vestíbulo. Charlie ficou ali pelo tempo suficiente para vomitar. Depois disso, tudo o que ela queria era sair dali. Sair do apartamento, sair da vista deles, sair de sua própria mente e de seu corpo.

Ela estava correndo. Era o dia esportivo. Ela estava correndo o mais depressa que podia, os dentes de concreto da linha do horizonte aproximando-se a balançar. As estufas eram ligadas por caminhos calçados, placas apontavam para lugares que ela não podia ler, canos de plástico azuis e amarelos formavam um padrão colorido por cima de sua cabeça. Ela estava correndo tão depressa quanto podia, subindo e descendo, sentindo um interesse intenso pela variedade de vegetação em seu caminho, os gerânios elegantes, arbustos floridos e raquíticos, pontas de cigarro, manchas de terra revolvida, como sepulturas anônimas. Joseph estava ao seu lado e ela lhe gritava para que fosse embora. Um casal idoso, sentado num banco, sorriu nostalgicamente daquela briga de namorados. Ela correu por toda a extensão de duas plataformas, até alcançar uma cerca, com uma queda grande para o estacionamento no outro lado. Mas ela não cometeu suicídio, porque já chegara à conclusão de que não era desse tipo. Além do mais, queria viver com Joseph e não morrer com Michel. Parou de repente. Quase que não estava ofegando. A corrida lhe fizera bem, deveria correr com mais frequência. Pediu-lhe um cigarro, mas ele não tinha. Ele levou-a para um banco e Charlie sentou-se. Mas logo se levantou, a fim de protestar. Há muito que aprendera que as cenas emocionais não saíam muito bem quando as pessoas estavam andando e por isso ficou parada.

– Eu a aconselho a guardar sua compaixão para os inocentes – advertiu-a Joseph, interrompendo calmamente as invectivas dela.

– Ele era inocente até que vocês o inventaram!

Interpretando o silêncio dele por confusão e a confusão por fraqueza, Charlie fez uma pausa, simulando contemplar a monstruosa linha do céu.

– É necessário – disse ela, mordaz. – Eu não estaria aqui se não fosse necessário. Abre aspas. "Nenhum tribunal são do mundo nos condenaria pelo que lhe estamos pedindo para fazer." Fecha aspas. Creio que as palavras são suas. Não quer retirá-las?

– Não, acho que não.

– *Acho que não.* Não seria melhor que você tivesse certeza absoluta? Porque se existem quaisquer dúvidas por aqui, prefiro ficar com as minhas.

Ainda de pé, Charlie deslocou a atenção para um ponto diretamente à sua frente, no meio do edifício oposto, que agora examinava com a ansiedade de uma compradora em potencial. Mas Joseph permanecera sentado, o que de alguma forma fazia com que toda a cena estivesse errada. Deveriam estar frente a frente, os rostos quase colados. Ou Joseph deveria estar por trás dela, olhando para o mesmo ponto distante.

– Importa-se se definirmos algumas coisas? – perguntou Charlie.

– Claro que não.

– Ele tem matado judeus.

– Ele matou judeus e matou também espectadores inocentes, que não eram judeus e não tinham qualquer posição no conflito.

– Eu gostaria de escrever um livro sobre a culpa de todos os espectadores inocentes sobre os quais você está sempre falando. Começaria pelos bombardeios que vocês fazem no Líbano e partiria daí.

Sentado ou não, Joseph reagiu mais depressa e com mais força do que ela esperava.

– Esse livro já foi feito, Charlie. E tem o nome de Holocausto.

Com o polegar e o indicador, ela fez um círculo, olhando através dele para uma varanda distante.

– Por outro lado, presumo que você, pessoalmente, já matou árabes.

– Claro.

– Muitos?

– O bastante.

– Mas apenas em legítima defesa. Os israelenses só matam em legítima defesa. – Não houve resposta. – *Já matei muitos árabes,* assinado Joseph. – Uma pausa. Ainda não houve qualquer reação dele e Charlie acrescentou: – Eu diria que temos aí um fenômeno para o livro. Um israelense que já matou muitos árabes.

A saia de *tartan* dela era do enxoval de Michel. Tinha bolsos nos lados, o que ela só descobrira recentemente. Enfiando as mãos neles, Charlie fez a saia rodar, enquanto fingia estudar o efeito.

– Vocês são uns filhos da puta, não é mesmo? – disse ela, negligentemente. – Não resta a menor dúvida, são mesmo uns filhos da puta. Não concorda?

Ela ainda estava olhando para a saia, muito interessada na maneira como se movimentava.

– E você é o maior de todos os filhos da puta, não é mesmo? Porque você faz tudo pelos dois lados. Num momento o nosso coração sangrando, no momento seguinte nosso guerreiro implacável. Mas o que você realmente é, no final das contas, é um judeuzinho sanguinário e ladrão de terras.

Não apenas ele se levantou, mas também bateu nela. Duas vezes. Depois de tirar os óculos escuros que ela usava. Mais depressa e com mais força do que jamais haviam batido nela antes, no mesmo lado do rosto. O primeiro golpe foi tão violento que uma sensação de triunfo às avessas levou-a a estender o rosto na direção da mão. Estamos quites, pensou ela, lembrando-se da casa em Atenas. O segundo foi uma nova explosão na mesma cratera. Depois, ele obrigou-a a sentar-se no banco, onde poderia chorar à vontade. Mas Charlie era orgulhosa demais para derramar sequer mais uma lágrima. Ele me bateu por seu próprio bem ou pelo meu?, perguntou-se ela. Charlie esperava desesperadamente que fosse pelo dele, que no último momento daquele casamento absurdo ela tivesse finalmente penetrado na reserva dele. Mas um olhar para o rosto fechado e austero de Joseph foi o suficiente para revelar que não era ele o paciente, mas sim ela própria. Ele estava-lhe estendendo um lenço, mas Charlie declinou, com um gesto vago. – Esqueça...

Ela segurou o braço dele e voltaram lentamente, pelos caminhos de concreto. O mesmo casal idoso sorriu-lhes ao passarem. Crianças, disseram um para o outro. . . como nós também já fomos. Um minuto a discutirem como assassinos, no momento seguinte indo para a cama, a fim de encontrarem um prazer ainda maior do que antes.

O apartamento de baixo era quase igual ao de cima, só que não tinha varanda nem prisioneiro. Às vezes, enquanto ela lia ou escutava, conseguia convencer-se de que nunca estivera lá em cima. . . lá em cima era uma câmara de horrores no sótão escuro de sua mente. Depois, no entanto, ouvia um baque através do teto, com os rapazes arrumando o equipamento fotográfico e preparando-se para a partida. Não podia deixar então de admitir que lá em cima era tão real quanto ali embaixo: mais real até, já que as cartas não passavam de falsificações, enquanto Michel era de carne e osso.

Os três estavam sentados num círculo. Kurtz começou com um dos seus preâmbulos. Mas o estilo era muito mais incisivo, o rodeio não era tão grande, talvez porque ela fosse agora uma guerreira comprovada, uma veterana, "com toda uma série de informações novas e sensacionais já a seu crédito", como ele dissera. As cartas estavam numa pasta na mesa. Antes de abri-la, ele recordou-a mais uma vez da *ficção*, uma palavra que tinha em comum com Joseph. A ficção dizia que ela não apenas era uma amante ardorosa, mas também uma correspondente incansável, que ficava privada de qualquer outra possibilidade de se manifestar, durante as longas ausências de Michel. Explicando isso, ele pôs um par de luvas brancas de algodão. As cartas, portanto, não eram um mero detalhe secundário no relacionamento. Representavam "o único lugar em que você pode se manifestar abertamente, minha cara". Registravam o seu amor cada vez mais obsessivo por Michel... muitas vezes com uma franqueza imensa. . . mas também seu novo despertar político e sua transição para um "ativismo global", que assumia como fato consumado a 'ligação" entre todas as lutas anti-repressivas do mundo. Reunidas, constituíam o diário de "uma pessoa excitada, emocional e sexualmente", à medida que progredia do protesto indefinido ao ativismo total, com a aceitação implícita da violência.

– E como não podíamos contar com você, nas circunstâncias, para nos fornecer uma ampla variedade de seu estilo literário – concluiu Kurtz, enquanto abria a pasta – resolvemos compor as cartas para você.

Naturalmente, pensou Charlie. Ela olhou para Joseph, que estava empertigado na cadeira e com uma expressão

incomumente inocente, as palmas comprimidas vigorosamente entre os joelhos, como um homem que nunca liquidou ninguém, em toda a sua vida.

As cartas estavam em dois pacotes de papel pardo, um maior do que o outro. Escolhendo o menor primeiro, Kurtz abriu-o desajeitadamente com os dedos enluvados, abrindo os papéis. Charlie reconheceu a letra de colegial de Michel, em tinta preta. Kurtz abriu o segundo pacote. E como um sonho que se convertia em realidade, ela reconheceu sua própria letra. As cartas de Michel para você estão em fotostática, minha cara, Kurtz estava dizendo; os originais estão à sua espera na Inglaterra. Mas suas próprias cartas são as originais. Afinal, elas pertencem a Michel, não é mesmo?

– Naturalmente – disse ela, só que desta vez em voz alta.

Por instinto, ela olhou na direção de Joseph, mas agora para as mãos cruzadas dele, a contestarem seu dono. Charlie leu primeiro as cartas de Michel, pois achava que lhe devia essa atenção. Havia uma dúzia e variavam das francamente sexuais e ardentes às breves e autoritárias. "Queira numerar as suas cartas. Se não quer numerar, então não escreva. Não posso apreciar suas cartas se não receber a todas. É um problema da minha segurança pessoal." Entre trechos de louvor extasiado pelo trabalho dela como atriz, havia exortações pomposas para se apresentar apenas em "papéis de significado social, que possam despertar a consciência". Ao mesmo tempo, ela devia "evitar atos públicos que possam revelar sua verdadeira posição política". Não deveria mais comparecer a fóruns radicais, manifestações ou comícios. Devia-se conduzir "à maneira burguesa", parecendo aceitar os padrões capitalistas. Deveria espalhar que "renunciara à revolução", enquanto secretamente "continuava, por todos os meios, com seu aprendizado e trabalho radical". Havia muitas confusões de lógica, muitos lapsos de sintaxe, muitos erros de grafia. Havia referências a "nosso encontro em breve", presumivelmente em Atenas, assim como alusões insinuantes a uvas brancas, vodca e "dormir bastante antes de voltarmos a nos encontrar". Enquanto lia, ela começou a formar uma imagem nova e mais humilde de Michel, uma imagem que subitamente estava mais próxima do prisioneiro lá em cima.

– Ele é uma criança – murmurou ela, lançando um olhar acusador para Joseph. – Foram vocês que o fizeram assim. Ele não passa de uma criança.

Não recebendo resposta, ela concentrou-se em suas próprias cartas para Michel, pegando-as cautelosamente, como se resolvessem um grande mistério.

– Livros de colégio – disse ela, com um sorriso contrafeito, ao dar uma primeira olhada nervosa nas cartas.

Era tudo uma consequência dos arquivos de Ned Quilley, pelo qual o velho georgiano fora capaz de reproduzir não apenas o gosto exótico de Charlie no papel que usava – o verso de cardápios, contas, papel timbrado de hotéis, teatros e pensões pelo seu caminho – mas também as variações espontâneas em sua letra, dos rabiscos quase infantis da tristeza inicial à letra fervorosa da mulher apaixonada; da atriz exausta e ansiando por um pouco de alívio e descanso à revolucionária erudita que era capaz de reproduzir um trecho prolongado de Trotski, mas esquecia o segundo "r" de "ocorreu".

Graças a Leon, sua prosa estava também reproduzida com exatidão. Charlie quase corou ao constatar a perfeição da imitação da sua hipérbole pomposa, os lapsos em raciocínios incompletos, a fúria violenta contra o governo conservador dominante. Ao contrário do que havia nas cartas de Michel, as referências dela aos atos sexuais eram descritivas e explícitas; as alusões aos pais eram insultuosas; os comentários sobre a infância eram irados. Ela conheceu Charlie a romântica, Charlie a penitente e Charlie a cadela empedernida. Conheceu o que Joseph chamava de árabe nela. . . a Charlie apaixonada por sua própria retórica, cujas noções da verdade eram inspiradas meios pelo que acontecera e mais pelo que deveria ter acontecido. Depois de ler tudo, ela reuniu as duas pilhas. Com a cabeça nas mãos, releu todas as cartas, como uma correspondência completa. . . suas cinco cartas para cada uma dele, suas respostas às indagações dele, as evasivas de Michel em resposta às suas indagações.

– Obrigada, José – disse ela finalmente, sem levantar a cabeça. – Muito obrigada. Se você me emprestasse um revólver neste momento, juro que eu daria um tiro na cabeça.

Kurtz já estava rindo, embora ficasse sozinho no seu divertimento.

– Ora, Charlie, não está sendo justa com o nosso amigo Joseph aqui presente. Foi o trabalho de um comitê. Uma porção de cabeças elaboraram essas cartas.

Kurtz tinha um pedido final, relativo aos envelopes que contêm as suas cartas, minha cara. Os envelopes estavam ali, dê uma olhada, as cartas ainda não haviam sido colocadas dentro para que Michel as tirasse na abertura cerimonial. Charlie poderia cuidar disso, por favor? Era principalmente por causa das impressões digitais, explicou ele; primeiro as suas, minha cara, depois as do pessoal dos correios, finalmente as de Michel. Mas havia também a questão da saliva dela na aba e nos selos. Afinal, alguém esperto poderia se lembrar de conferir. Não se esqueça de que há gente muito esperta entre eles, como

ficou confirmado por ocasião do seu excelente trabalho ontem à noite.

Charlie recordou o abraço longo e paternal de Kurtz, porque na ocasião parecera tão inevitável e necessário quanto a paternidade. De sua despedida de Joseph, no entanto, a última da série, não houve absolutamente qualquer recordação – nem da maneira como ocorreu nem do lugar. Mas não esqueceu as instruções, nem esqueceu o retorno discreto a Salzburgo, uma hora e meia de viagem na traseira do furgão de Dimitri, sem falar coisa alguma, as luzes apagadas. E também se lembrou do desembarque em Londres, mais sozinha do que jamais se sentira em toda a sua vida. Também não pôde esquecer o cheiro da tristeza inglesa que a recebeu ainda na pista, recordando o que a empurrara para as soluções radicais em primeiro lugar: a indolência perniciosa da autoridade, o desespero acuado dos perdedores. Havia uma operação tartaruga dos carregadores de bagagens e uma greve ferroviária, o banheiro das mulheres era com uma ante-sala da prisão. Como sempre, o entediado inspetor da alfândega deteve-a e interrogou-a. Com a diferença que desta vez ela ficou pensando se ele tinha algum outro motivo além de querer lhe passar uma cantada.

Voltar para casa é como seguir para o exterior, pensou ela, entrando na fila desanimada para o ônibus. Vamos explodir tudo e começar de novo.

15

A estalagem tinha o nome de Romanz e ficava entre pinheiros, numa encosta ao lado da auto-estrada. Fora construída para amantes de mentalidade medieval, com claustros de granito, acessórios de plástico e um vasto cartaz luminoso. Kurtz ficou com o último chalé da fila, a janela de venezianas dando para a pista que seguia para oeste. Eram duas horas da madrugada, um momento do dia que apreciava, em que sempre se sentia animado. Tomara um banho de chuveiro e fizera a barba, aprontara um café na cafeteira, tomara uma Coca-Cola da geladeira. Pelo resto do tempo, fizera o que estava fazendo agora: sentara-se em mangas de camisa à mesa pequena, com todas as luzes apagadas, um binóculo a seu lado, observando os faróis que passavam entre as árvores, a caminho de Munique. O tráfego não era intenso àquela hora, em média cinco veículos a cada minuto; sob a chuva, tinham uma tendência a se agruparem.

Fora um dia comprido e uma noite também, quando se contavam as noites. Mas Kurtz achava que a lassidão turvava os pensamentos. Cinco horas de sono eram suficientes para qualquer um e para ele próprio até demais. Mas mesmo assim fora um dia comprido, que só começara realmente depois que Charlie deixara a cidade. Houvera os apartamentos na Vila Olímpica a desocupar. Kurtz supervisionara a operação pessoalmente, porque sabia que os jovens sentiam um estímulo extra ao se lembrarem de sua determinação de cuidar dos detalhes. Houvera as cartas a colocar no apartamento de Yanuka e Kurtz também cuidara disso. Do posto de observação no outro lado da rua, ele vira os homens entrarem furtivamente no apartamento. Ficara esperando para elogiá-los quando voltassem e assegurar que a longa e heroica vigília seria em breve recompensada.

– O que está acontecendo com ele? – perguntara Lenny, em tom queixoso. – Aquele rapaz tem futuro, Marty. Não se esqueça disso.

A resposta de Kurtz tivera um tom oracular:

– Lenny, aquele rapaz tem futuro, só que não será conosco.

Shimon Litvak estava sentado por trás de Kurtz, na beira da cama de casal. Tirara a capa que pingava e largara-a no chão a seus pés. Parecia enganado e furioso. Becker estava distanciado dos dois, sentado numa cadeira, envolto por um pequeno círculo de luz, quase como acontecera em Atenas. Era o mesmo isolamento, ainda assim partilhando o mesmo clima de vigilância e alerta anterior à batalha.

– A moça não sabe de nada – comunicou Litvak, indignado, às costas imóveis de Kurtz. – Ela é meio idiota. – A voz dele se alterara um pouco e começou agora a tremer ligeiramente. – Ela é holandesa, seu nome é Larsen, acha que Yanuka a pegou quando estava com uma comuna em Frankfurt. Mas não pode ter certeza, pois já teve muitos homens e esquece as ocasiões em que os encontrou. Yanuka levou-a em algumas vi agens, ensinou-a a atirar com sua arma e emprestou-a ao irmão, para repouso e recreação dele. Dessa parte ela se lembra. Até mesmo para a vida sexual de Khalil eles usavam subterfúgios, nunca o mesmo lugar duas vezes. Ela achou isso muito esquisito. Nos intervalos, guiava carros para eles, colocou um par de bombas, roubou alguns passaportes. Por amizade. Porque é uma anarquista. E porque é meio idiota.

– Uma garota muito simpática – comentou Kurtz, pensativo, falando menos para Litvak e mais para o seu próprio reflexo no vidro.

– Ela admite Godesberg, quase que admite Zurique. Se tivermos tempo, ela vai admitir Zurique integralmente. Mas não Antuérpia.

– E Leyden? – indagou Kurtz.

Havia agora um aperto também na voz de Kurtz. Do lugar em que Becker estava sentado, podia parecer que os dois homens sofriam da mesma aflição na garganta, uma contração das cordas vocais.

– Leyden é um não categórico – respondeu litvak. – Não, não e mais uma vez não. E depois ainda não. Ela estava em férias com os pais na ocasião. Em Sylt. Onde fica Sylt?

– Ao largo da costa do norte da Alemanha – disse Becker.

Litvak lançou-lhe um olhar furioso, como se desconfiasse de um insulto.

– Ela é terrível – queixou-se Litvak, falando novamente para Kurtz. –Começou a falar por volta de meio-dia, mas no meio da tarde já estava negando tudo o que dissera. "Nunca falei isso. Vocês estão mentindo." Enco ntramos o trecho da gravação, tocamos para ela. Mesmo assim, ela disse que era uma falsificação, começou a cuspir na gente. É uma holandesa teimosa e ainda por cima maluca.

– Posso compreender – murmurou Kurtz.

Mas Litvak queria mais do que compreensão.

– Nós a machucamos, ela fica com raiva, se torna ainda mais teimosa. Paramos de machucá-la, ela recupera as forças, fica ainda mais teimosa, começa a nos xingar.

Kurtz virou-se parcialmente, ficando em posição tal que, se estivesse olhando para alguém, só poderia ser para Joseph.

– Ela tenta barganhar – continuou Litvak, no mesmo tom queixoso. –Somos judeus e por isso ela barganha. Eu conto isso e vocês me deixam viva. *Combinado?* Eu conto isso e vocês me deixam ir embora. *Combinado"!* – Ele virou-se abruptamente para Becker, antes de acrescentar: – Qual é a opinião do herói? Eu deveria por acaso seduzi-la? Fazer com que se apaixone por mim?

Kurtz olhou para o relógio e depois pela janela, comentando: – O que quer que ela saiba, já é história. 0 importante é apenas o que vamos fazer, com ela. E quando. – Mas ele falava como o homem que deveria dar pessoalmente a solução final. E perguntou a Becker: – Como é a ficção?

– Tudo se ajusta. – Ele deixou-os esperar por um momento. – Rossino usou-a em Viena por dois dias, levou-a para o sul, deixou-a com o carro. Tudo isso é verdade. Ela levou o carro para Munique, encontrou-se com Yanuka. Não é verdade, mas somente os dois sabem disso.

Litvak seguiu a história sofregamente:

– Encontraram-se em Ottobrunn. É uma aldeia a sudeste da cidade. Foram para algum lugar e fizeram amor. Quem se importa onde? Nem tudo precisa se ajustar a uma reconstituição. Talvez no carro. Ela gosta de qualquer jeito. Ou pelo menos é o que diz. Mas ela gosta mais com os guerreiros, como os chama. Talvez tenham alugado um carro em algum lugar e o dono está tão apavorado que não se apresenta. Lacunas assim são normais. A oposição sempre as espera.

– E esta noite? – disse Kurtz, olhando pela janela. – Agora?

Litvak não gostava de ser interrogado daquela maneira.

– Agora eles estão no carro, a caminho da cidade. Para fazer amor. Para executar um trabalho e esconder o resto do explosivo. Quem vai saber? Por que temos de explicar tanta coisa?

– E onde ela está agora? – perguntou Kurtz, acumulando os detalhes, enquanto continuava a deliberar. – Na realidade?

– No furgão.

– E onde está o furgão?

– Ao lado do Mercedes. À beira da estrada. Basta você mandar e nós a transferimos.

– E Yanuka?

– Também no furgão. A última noite juntos dos dois. Ambos estão dopados, conforme combinamos.

Tornando a pegar o binóculo, Kurtz aproximou-o dos olhos, mas sem chegar a encostar. Tornou a pôr o binóculo na mesa, depois uniu as mãos, franziu o rosto ao contemplá-las.

– Falem-me de um método diferente – sugeriu ele, pela pose da cabeça dirigindo-se a Becker. – Nós a levamos de avião e a prendemos no deserto de Negev. E o que acontece então? Eles certamente vão indagar: o que houve com ela? A partir do momento em que ela desaparecer, eles pensarão o pior. Vão achar que ela desertou. Que foi apanhada por Alexis. Que está em poder dos sionistas. De qualquer forma, ficarão convencidos de que a operação deles corre perigo. E sem dúvida tomarão uma decisão: "Dispersem a equipe, mandem todos para casa." Eles precisam da evidência de que ninguém a pegou, a não ser Deus e Yanuka. Precisam saber que ela está tão morta quanto Yanuka. Discorda de mim, Peter? Ou posso presumir pela sua expressão que tem outra ideia?

Kurtz limitou-se a esperar, mas o olhar de Litvak, fixado em Becker, permaneceu hostil e acusador. Talvez desconfiasse da inocência dele, num momento em que precisava que partilhasse a sua culpa.

– Não – disse Becker, depois de uma eternidade.

Mas o rosto dele, conforme Kurtz notara, tinha a firmeza de uma lealdade determinada. E, de repente, Litvak estava em

cima dele, a voz tão tensa, aos arrancos, que as palavras pareciam saltar do lugar em que estava sentado: – Não? Não o quê? Não à operação? O que significava esse não?

– Não é o seguinte: não temos alternativa – respondeu Becker, depois da pausa habitual. – Poupem a holandesa e eles nunca aceitarão Charlie. Viva, a Srta. Larsen é tão perigosa quanto Yanuka. Se vamos continuar, não temos alternativa.

– *Se*... – repetiu Litvak, desdenhosamente.

Kurtz restaurou a ordem com outra pergunta.

– Ela não tem nenhum nome útil? – perguntou ele a Litvak, parecendo querer que a resposta fosse sim. – Não há nada que possamos arrancar dela? Nenhum motivo para retê-la?

Litvak deu de ombros.

– Ela nada sabe de uma alemã do norte chamada Edda. Encontrou-a apenas uma vez. Além de Edda, há outra mulher que é uma voz de Paris ao telefone. Além da voz há Khalil. . . mas Khalil não anda por aí distribuindo cartões de visita. E ela é meio idiota. Fica tão drogada que a gente fica tonto só de chegar perto.

– Então ela é um beco sem saída – comentou Kurtz.

Litvak já estava abotoando a capa escura.

– Isso mesmo, ela é um beco sem saída – concordou ele, com um sorriso sem qualquer humor.

Mas ele não se encaminhou para a porta. Ainda aguardava a ordem específica. Kurtz tinha uma última pergunta: – Quantos anos ela tem?

– Vai fazer vinte e um na próxima semana. Isso é um motivo?

Lentamente, meio inconsciente, Kurtz também levantou. Fitou Litvak através do quarto pequeno, com seus móveis rústicos e acessórios de ferro batido.

– Pergunte a cada jovem individualmente, Shimon – ordenou ele. – Quem quer largar agora? Sem necessidade de explicações, sem nenhuma marca contra quem o fizer. Um voto livre e franco.

– Já perguntei – disse Litvak.

– Pergunte de novo. – Kurtz levantou o pulso esquerdo, olhou para o relógio. – Telefone-me exatamente daqui a uma hora. Não antes. Não faça nada enquanto não tiver falado comigo.

Quando o tráfego estiver menor, pensava Kurtz. Depois que eu tomar todas as disposições.

Litvak partiu. Becker ficou.

0 primeiro telefonema de Kurtz foi para a esposa Elli. Fez a ligação a cobrar, pois era escrupuloso com as despesas.

– Fique onde está, por favor, Peter – disse ele, quando Becker fez menção de se retirar, pois se orgulhava de ter uma vida aberta.

Assim, por 10 minutos, Becker ouviu uma conversa trivial, como Elli estava indo com o grupo de estudo da Bíblia ou enfrentando os problemas de compras com o carro na oficina. Não era preciso perguntar por que Kurtz escolhera justamente aquele momento para discutir tais assuntos. Kurtz queria manter um contato com a base antes da execução, queria ouvir Israel a lhe falar.

– Elli está muito bem – disse ele a Becker, bastante animado, quando desligou. – Manda lembranças, diz para voltar para casa o mais depressa possível. Encontrou Frankie há dois dias. Achou-a muito bem, embora se sentindo um pouco solitária.

O segundo telefonema de Kurtz foi para Alexis. A princípio, Becker poderia supor, se não conhecesse Kurtz muito bem, que se tratava de mais uma conversa afável entre amigos. Kurtz ouviu as notícias da família do seu agente, perguntou pelo batizado, deu os parabéns efusivos a Alexis. Mas depois que tais preliminares foram encerradas, Kurtz foi direto ao ponto, pois sentira um nítido abrandamento na devoção de Alexis em suas últimas conversas.

– Paul, parece que um certo acidente, de que falamos recentemente, pode ocorrer a qualquer momento. E não há nada que você ou eu possamos fazer para impedi-lo. Portanto, trate de pegar papel e lápis.

Ele falou jovialmente, depois mudou de tom e transmitiu as instruções num alemão incisivo: – Pelas primeiras 24 horas depois de receber a comunicação oficial, limite suas investigações às áreas estudantis de Frankfurt e Munique. Deixe transpirar que os principais suspeitos são membros de um grupo de ativistas de extrema-esquerda, que se sabe terem ligações

com Paris. Entendido?

Ele fez uma pausa, dando tempo a Alexis para anotar tudo.

– No segundo dia, depois de meio-dia, apresente-se na agência central dos correios em Munique e pegue uma carta que lá estará,na caixa postal, endereçada a você. – Depois de aparentemente obter a concordância de Alexis, Kurtz acrescentou: – A carta lhe fornecerá a identidade de sua primeira culpada, uma jovem holandesa, juntamente com informações sobre o envolvimento dela em incidentes anteriores.

As ordens de Kurtz eram transmitidas agora em ritmo de ditado, com grande força: não deveria haver buscas no centro de Munique até o dia 14; os resultados dos testes de laboratório deveriam ser enviados apenas a Alexis em primeira instância, não devendo ser divulgados até que Kurtz autorizasse; a comparação pública com outros incidentes só podia ser feita com a aprovação de Kurtz. Ouvindo seu agente protestar, Kurtz afastou o fone do ouvido, a fim de que Becker também pudesse ouvir.

– Mas, Marty, meu amigo, não posso deixar de lhe perguntar uma coisa.

– Pois pergunte.

– O que estamos querendo fazer? Afinal, Marty, um acidente não é um piquenique. Somos uma democracia civilizada. Entende o que estou querendo dizer?

Se Kurtz entendia, absteve-se de fazê-lo.

– Tenho de lhe pedir uma coisa, Marty. E tenho de insistir. Nada de danos, nada de perda de vidas. É uma condição. Somos amigos. Você me entende?

Kurtz entendia, conforme ficou comprovado por sua resposta incisiva: – Paul, pode estar certo de que não haverá danos à propriedade alemã. Talvez alguns arranhões superficiais, mas nenhum dano mais grave.

– E vidas, Marty? – gritou Alexis, alarmado. – Pelo amor de Deus, não somos primitivos aqui!

Uma calma intensa caracterizava agora a voz de Kurtz:

– Nenhum sangue inocente será derramado, Paul. Tem a minha palavra. Nenhum cidadão alemão sofrerá sequer um arranhão.

– Posso contar com isso?

– Terá de contar – disse Kurtz, desligando sem deixar o número do telefone em que se encontrava.

Em circunstâncias normais, Kurtz não teria usado o telefone tão livremente. Mas como Alexis tinha agora a responsabilidade de grampear telefones, ele achara que podia correr o risco.

Litvak ligou 10 minutos depois. Vá em frente, disse Kurtz; sinal verde; pode agir.

Eles ficaram esperando, Kurtz junto à janela, Becker outra vez em sua cadeira, olhando para o céu noturno. Kurtz abriu toda a janela, deixando entrar o barulho do tráfego na auto-estrada.

– Por que correr riscos desnecessários? – murmurou ele, como se tivesse sido surpreendido num ato de negligência.

Becker começou a fazer a contagem com a velocidade de um soldado. Tanto tempo para colocar os dois em posição. Tanto tempo para a verificação final. Tanto tempo para remover todas as pistas possíveis. Tanto tempo antes que houvesse uma pausa no tráfego nas duas direções. Tanto tempo para pensar no valor da vida humana, mesmo para aqueles que desonraram por completo os vínculos humanos. E para aqueles que não desonram.

Como sempre, foi a explosão mais alta que todos já tinham ouvido. Mais alta que Godesberg, mais alta que Hiroshima, mais alto que todas as batalhas que ele já travara. Ainda sentado em sua cadeira, olhando além de Kurtz, Becker viu a bola alaranjada de fogo irromper do chão e depois se desvanecer, levando as últimas estrelas e a primeira claridade do amanhecer. Foi seguida imediatamente por uma onda de fumaça preta e oleosa que se espelhou, preenchendo o espaço deixado pelos gases em expansão. Ele viu detritos voarem pelo ar e uma chuva de fragmentos pretos – um volante, um pedaço de pavimentação, algo humano, quem podia saber? Ele viu a cortina roçar afetuosamente o braço nu de Kurtz, sentiu o bafo de calor de um secador de cabelos. Ouviu o zumbido como insetos de objetos duros tremendo contra outros e, muito antes disso terminar, os primeiros gritos de indignação, os latidos dos de cachorros e os passos assustados, com as pessoas saindo de chinelas para o caminho coberto que ligava os chalés, dizendo as frases tolas que as pessoas costumam pronunciar em filmes de naufrágio: – Mamãe! Onde está mamãe?

– Perdi minhas joias!

Ele ouviu uma mulher histérica insistir que os russos estavam atacando uma voz igualmente assustada assegurar que fora

apenas a explosão de um caminhão de gasolina. Alguém disse que fora um veículo militar... era uma vergonha as coisas que eles transportavam durante a noite! Havia um rádio ao lado da cama. Enquanto Kurtz permanecia à janela, Becker ligou-o e sintonizou numa emissora local, que tinha um programa para insones. Deixou-o ligado, para o caso de haver algum noticiário. Com o gemido da sirene, um carro da polícia passou rapidamente pela auto-estrada, a luz azul faiscando. Depois nada, depois um carro dos bombeiros, depois uma ambulância. A música cessou e deu lugar à primeira notícia. Uma explosão inexplicada a oeste de Munique, causa desconhecida, não havia mais detalhes. A auto-estrada estava fechada nas duas direções, os veículos deviam seguir por uma rota alternativa.

Becker desligou o rádio e acendeu a luz. Kurtz fechou a janela e puxou as cortinas, depois sentou-se na beira da cama e tirou os sapatos, sem desamarrar os cordões.

– Eu... hã. .. recebi um aviso do nosso pessoal na embaixada em Bonn – disse Kurtz, como se alguma coisa tivesse acabado de reavivar sua memória. – Pedi-lhes que fizessem algumas indagações sobre aqueles poloneses com quem você está trabalhando em Berlim. Verificar as finanças deles.

Becker não disse nada.

– E parece que as notícias não são nada boas. Parece que vamos ter de arrumar mais dinheiro para você ou então mais alguns poloneses.

Ainda sem receber resposta, Kurtz levantou lentamente a cabeça e viu Becker fitando-o da porta. Alguma coisa na postura do homem mais alto desencadeou a ira de Kurtz.

– Quer me dizer alguma coisa, Sr. Becker? Tem algum argumento de natureza moral a apresentar, alguma coisa que possa aliviar sua consciência?

Becker aparentemente nada tinha a dizer. Fechando a porta silenciosamente, ele se foi.

Kurtz tinha um último telefonema a dar: para Gavron, na linha direta da casa dele. Estendeu a mão para o telefone, hesitou, baixou a mão. Que ele espere, pensou Kurtz, enquanto a raiva voltava a dominá-lo. Mas acabou ligando. Começando gentilmente, tudo controlado e sensato. A maneira como eles sempre começam. Falando em inglês. E usando os códigos designados para a semana.

– Nathan, aqui é Harry. Como está sua mulher? Isso é ótimo. Dê lembranças minhas. Nathan, as duas cabras do nosso conhecido acabam de pegar um resfriado. Isso certamente vai agradar às pessoas que de vez em quando exigem satisfações.

Escutando a resposta incisiva, árida e neutra de Gavron, Kurtz sentiu que começava a tremer. Mas, ainda assim, conseguiu manter sua voz sob controle: – Nathan, acho que começa agora o seu grande momento. Acho que deve manter certas pressões afastadas de mim e deixar as coisas amadurecerem. Foram feitas promessas e devidamente cumpridas. É indispensável agora um mínimo de confiança. E um pouco de paciência.

Entre todos os homens e mulheres que ele conhecia, Gavron era o único que o deixava tentado a dizer coisas de que mais tarde se arrependeria. Ainda assim, ele manteve o controle: – Como ninguém espera que uma partida de xadrez seja vencida antes do café da manhã, Nathan. Preciso de ar, está me entendendo? Ar... um pouco de liberdade. . . um território só meu. – A raiva acabou aflorando. – Portanto, trate de manter aqueles malucos sob controle, está bem? Saia ao mercado e me providencie um pouco de apoio, para variar!

A linha estava muda. Kurtz nunca soube se a responsabilidade porisso era da explosão ou de Misha Gavron, porque não tentou ligar outra vez.

PARTE DOIS

O Prêmio

16

Por três semanas intermináveis, enquanto Londres passava do verão para o outono, Charlie viveu num estado de semi-realidade, vacilando da incredulidade à impaciência, dos preparativos excitados ao terror espasmódico.

Mais cedo ou mais tarde eles virão procurá-la, ele não parava de dizer. Têm de procurar. E ele se pôs a preparar a mente dela para o encontro.

Mas por que eles têm de vir? Ela não sabia e ele não lhe disse, usando o seu isolamento como uma proteção. Mike e Marty teriam de alguma forma transformado Michel num homem deles, assim como haviam convertido Charlie numa mulher deles? Ela passou dias imaginando que Michel um dia descobriria a ficção que haviam criado para ele, aparecendo em sua presença, ardente pelo amor que lhe era devido. E Joseph gentilmente a encorajava em sua esquizofrenia, levando-a cada vez para mais perto de seu substituto ausente. Michel,meu querido Michel, venha para mim. Amo Joseph, mas sonho com Michel. A princípio, ela mal se atrevia a contemplar-se no espelho, pois estava convencida de que seu segredo era evidente. O rosto dela estava contraído pela informação afrontosa que havia logo atrás, a voz e os movimentos tinham uma deliberação submarina, que a afastava por muitos quilômetros do resto da humanidade. Sou um espetáculo de uma só mulher, 24 horas por dia; é o mundo inteiro e depois eu.

Gradativamente, à medida que o tempo foi-se arrastando, o medo da revelação cedeu a um desrespeito afetuoso pelos inocentes ao seu redor, que não podiam ver o que estava na frente de seus narizes todos os dias. Eles são de onde vim, pensava Charlie. São como eu antes de passar pelo espelho.

Em relação ao próprio Joseph, ela usava a técnica que desenvolvera durante a longa viagem através da Iugoslávia. Ele era a presença familiar a quem ela apresentava cada ação e decisão, era o amante em quem descarregava suas piadas e por quem se pintava. Era a âncora, seu melhor amigo, seu melhor tudo. Ele era o duende que aparecia nos lugares mais inesperados, com uma presciência absoluta de todos os movimentos dela, ora num ponto de ônibus, ora na biblioteca, ora na lavanderia automática, sentado entre as donas-de-casa relaxadas, vendo as camisas girarem. Mas ela nunca admitia a existência dele. Ele estava completamente à margem de sua vida, fora do tempo e contato – exceto pelos encontros furtivos. Exceto por Michel.

Para ensaiar *As You Like It,* a companhia alugara um antigo salão de treinamento militar, perto da Victoria Station. Charlie ia lá todas as manhãs e todas as noites tinha de lavar dos cabelos o cheiro de velha cerveja militar. Deixou que Quilley a levasse para almoçar no Bianchi's e achou-o muito estranho. Ele parecia estar querendo adverti-la para alguma coisa. Mas quando ela perguntou francamente o que era, ele se absteve, comentando apenas que a política de cada um era apenas da conta da própria pessoa, sendo justamente esse o motivo pelo qual lutara na guerra. Mas ele se embriagou terrivelmente. Depois de ajudá-lo a assinar a conta, Charlie foi-se juntar as multidões na rua. Tinha a sensação de que estava à frente de si mesma, de estar seguindo seu próprio corpo esquivo, que tentava lhe escapulir, entre as pessoas apressadas. Estou separada da vida. Nunca mais encontrarei o caminho de volta. Mas no instante mesmo em que pensava assim, sentiu uma mão roçar em seu cotovelo, quando Joseph se aproximou por um momento, antes de se afastar para entrar numa loja. O efeito daqueles súbitos aparecimentos dele sobre Charlie era extraordinário. Mantinham-na num constante estado de vigilância e, se ela queria ser sincera consigo mesma, de desejo. Um dia sem ele era um dia sem nada; bastava um vislumbre dele e o coração e corpo de Charlie ficavam emocionados, como se ela fosse uma garotinha de 16 anos.

Ela lia os jornais dominicais respeitáveis e estudava as últimas e espantosas revelações sobre Sackville West – ou seria Sitwell? Admirava-se com a irrelevância egocêntrica da mente dominante inglesa. Contemplava a Londres que esquecera e por toda parte encontrava apoio para sua identidade como a radical empenhada na trilha da violência. A sociedade, como ela a conhecia, era uma planta morta; seu trabalho era removê-la e aproveitar o solo para alguma coisa melhor. Os rostos desesperançados das pessoas pelas ruas, como escravos algemados, entrando nos supermercados para fazerem compras, lhe confirmavam isso; o mesmo acontecia com os olhos desesperados e os policiais de olhos venenosos. O mesmo acontecia com as crianças pretas indolentes observando os Rolls-Royces passarem, os bancos suntuosos com seu ar de culto secular e seus austeros gerentes. As empresas imobiliárias atraindo os incautos para verdadeiras arapucas; as lojas de bebidas, as lojas de apostas. Com pouco esforço da parte de Charlie, toda a paisagem de Londres era uma lata de lixo de esperanças perdidas e almas desapontadas. Graças à inspiração de Michel, ela construía suas pontes mentais entre a exploração capitalista do Terceiro Mundo e ali, na sua porta, em Camden Town.

Vivida tão intensamente, a vida ainda assim apresentou-lhe um símbolo incontestável de um homem à deriva, completamente perdido. Dando um passeio no início da manhã de domingo por um caminho do Regent's Canal – na verdade,

um dos seus poucos encontros marcados com Joseph - ela ouviu o som de um instrumento de corda tocando um *spiritual* negro. Entre armazéns abandonados, ela avistou um preto velho saído diretamente da *Cabana do Pai Tomás,* sentado numa balsa atracada no canal e tocando o violoncelo para um grupo de crianças fascinadas. Era uma cena de Fellini. Era *kitsch.* Era uma miragem. Era uma visão inspirada que saía de seu subconsciente.

O que quer que fosse, por vários dias tornou-se um ponto de referência particular para tudo o que ela via ao seu redor, particular demais para confidenciar sequer a Joseph, com medo de que ele risse. Ou então, o que seria ainda pior, que ele oferecesse uma explicação racional.

Ela foi para a cama com Al algumas vezes, porque não queria ter nenhuma crise com ele e porque, depois da longa abstinência com Joseph, seu corpo precisava dele. Além do mais, Michel lhe ordenara que assim fizesse. Não o deixava ir ao seu apartamento porque Al estava outra vez sem ter onde morar e receava que ele tentasse ficar, como já fizera antes, até que jogara todas as suas roupas na rua. De qualquer forma, seu apartamento possuía segredos novos que nada no mundo poderia convencê-la a partilhar com Al. Sua cama era de Michel, o revólver dele estivera por baixo do travesseiro, não havia nada que Al ou qualquer outra pessoa pudesse fazer para obrigá-la a uma profanação. Ela também se mostrava cautelosa com Al porque Joseph a informara de que o contrato de cinema dele malograra e sabia o quanto ele poderia ser abominável quando estava com o orgulho ferido.

O primeiro reencontro ardente entre os dois ocorreu no *pub* que Al costumava frequentar, onde ela encontrou o grande filósofo em companhia de duas discípulas. Ao se aproximar dele, Charlie pensou: ele vai sentir o cheiro de Michel, está nas minhas roupas, minha pele, meu sorriso. Mas Al estava ocupado demais demonstrando sua indiferença para sentir o cheiro de qualquer coisa. Ele empurrou uma cadeira para Charlie com o pé. Ao se sentar, ela pensou: Deus me guarde, mas há menos de um mês esse anão era o meu principal conselheiro sobre as coisas do mundo. Depois que o *pub* fechou, eles foram para o apartamento de um amigo e requisitaram seu quarto extra. Charlie ficou assustada ao se descobrir imaginando que era Michel dentro dela, o rosto de Michel contemplando-a, o corpo moreno de Michel comprimindo-se contra o seu – Michel, o seu amante assassino, levando-a ao delírio. Mas além de Michel havia outro vulto, imóvel, Joseph, finalmente lhe pertencendo, a sexualidade contida dele ardendo e finalmente se libertando, o corpo e a mente cheios de cicatrizes se entregando a ela.

A não ser aos domingos, ela lia os jornais capitalistas apenas esporadicamente, escutava os noticiários de rádio orientados pelos patrocinadores. Mas nada ouviu sobre uma ruiva inglesa em conexão com o contrabando de explosivo plástico russo de alta qualidade para a Áustria. Nunca aconteceu. Foram duas outras mulheres, uma das minhas pequenas fantasias. Em quase todos os outros aspectos, a situação do mundo em geral deixara de interessá-la. Leu a notícia de um atentado palestino em Aachen e do ataque israelense de represália a algum acampamento no Líbano, supostamente com a morte de muitos civis. Leu as notícias da crescente fúria popular em Israel e ficou horrorizada com a entrevista de um general israelense que prometia resolver o problema palestino pelas raízes. Mas depois de seu curso intensivo de conspiração, ela não confiava na versão oficial dos acontecimentos, nunca mais voltaria a confiar. A única notícia que seguiu com alguma lealdade foi a de uma panda do Jardim Zoológico de Londres que estava rejeitando o companheiro, embora as feministas insistissem que a culpa era do macho. Além disso, o Jardim Zoológico era um dos lugares de Joseph. Encontravam-se num banco ali, quanto menos não fosse para um aperto de mão, como amantes antes de seguirem por seus caminhos separados.

Em breve, diria ele. Muito em breve.

Flutuando assim, representando durante todo o tempo para uma plateia invisível, tomando cuidado com cada palavra e cada gesto contra um descuido momentâneo, Charlie descobriu-se confiando cada vez mais no ritual. Nos fins de semana ela ia ao seu grupo amador em Peckham. Num vasto salão, grande o bastante para Brecht, ela trabalhava com o grupo, algo que adorava. Estavam planejando um *rock* pantomina para o Natal, uma peça de pura anarquia.

Nas sextas-feiras ela ia ao *pub* de Al, nas quartas-feiras levava duas garrafas de cerveja para a Srta. Dubber, que vivia perto de seu apartamento, uma corista aposentada. A Srta. Dubber tinha artrite, raquitismo e caruncho, além de diversos outros males, amaldiçoando seu corpo com o mesmo fervor que outrora reservava aos amantes pouco generosos. Charlie, por sua vez, enchia os ouvidos da Srta. Dubber com invenções maravilhosas sobre os escândalos correntes no mundo dos espetáculos. Riam tanto que as pessoas no apartamento ao lado aumentaram a televisão para abafar o barulho.

Afora isso, Charlie não conseguia encontrar companhia, embora sua carreira artística pudesse proporcionar-lhe meia dúzia de famílias, se quisesse aderir a alguma.

Conversava com Lucy pelo telefone, combinavam um encontro, mas nunca marcavam qualquer coisa mais concreta. Encontrou Robert em Battersea, mas a turma de Mikonos era como colegas de escola de 10 anos antes, com que não resta mais nada para partilhar. Teve um encontro com Willy e Pauly, mas eles estavam pensando em se separar e foi uma frustração. Experimentou outros amigos íntimos de existências anteriores, mas também sem qualquer sucesso. Depois, converteu-se numa

espécie de velha solteirona. Regava as árvores novas na rua quando o tempo estava muito seco, punha alpiste em recipientes de aço no peitoril da janela para os pardais, porque era um dos seus sinais para ele, assim como o plástico do Desarmamento Mundial em seu carro e o "C" de latão numa etiqueta de couro na sua bolsa. Ele chamava de sinais de segurança e a ensaiava repetidamente em seus usos. O desaparecimento de qualquer um representava um chamado de socorro. E na bolsa ela tinha uma echarpe branca de seda, não para uma rendição, mas para informar "eles chegaram". . . se isso um dia acontecesse. Charlie continuava a fazer anotações na agenda, a partir do ponto em que o Comitê Literário parará. Completou o conserto de uma tapeçaria que comprara antes de sair em férias, mostrando Lotte em Weimar, definhando até a morte sobre o túmulo de Werther. Eu de novo, convertida em clássico. Escrevia cartas intermináveis para seu homem desaparecido, mas pouco a pouco foi deixando de remetê-las.

Michel, querido, oh, Michel, pelo amor de Deus, venha para mim.

Mas ela se mantinha a distância dos grupos ativistas e das livrarias alternativas em Islington, onde costumava aparecer para sessões de café morno. Também se afastou da turma de furiosos de St. Pancras, cujos panfletos ocasionais em defesa da cocaína costumava distribuir, porque ninguém mais o fazia. Foi finalmente buscar seu carro com o mecânico, um Fiat envenenado que Al avariara numa batida violenta. Em seu aniversário, resolveu arejar um pouco, indo de carro a Rickmansworth, para visitar sua maldita mãe e entregar a toalha de mesa que comprara para ela em Mikonos. De um modo geral temia essas visitas: o almoço de domingo, com três legumes e uma torta de ruibardo, seguindo-se o sumário detalhado da mãe do que o mundo lhe fizera de errado, desde que se haviam encontrado pela última vez. Desta vez, porém, para sua surpresa, encontrou a mãe bastante animada e cordial. Passou a noite com ela e na manhã seguinte pôs na cabeça um lenço escuro, nunca o branco, seguindo para a igreja. Teve a precaução de não pensar na última vez em que usara um lenço na cabeça. Ao se ajoelhar, descobriu-se dominada por um resíduo inesperado do senso de devoção, oferecendo fervorosamente suas várias identidades ao serviço de Deus. Escutando a música do órgão, começou a chorar, o que a levou a se perguntar até que ponto, no final das contas, tinha a própria mente sob controle.

É porque não consigo suportar a perspectiva de voltar a meu apartamento, pensou ela.

O que a desconcertava era a maneira espectral pela qual seu apartamento se alterara para acolher a nova identidade que tão cuidadosamente estava assumindo. Era uma mudança de cenário cuja escala só gradativamente ia-se revelando. Entre todos os elementos de sua nova vida, a reconstituição do apartamento durante a sua ausência era a mais perturbadora. Até aquele momento, considerara-o como o lugar mais seguro do mundo, uma espécie de Ned Quilley arquitetônico. Herdara-o de um ator desempregado, que passara a se dedicar ao roubo, acabara se aposentando e se mudara para a Espanha com seu namorado. Ficava na extremidade norte de Camden Town, por cima de um café de indianos de Goa, que começava a se animar às duas horas da madrugada e continuava aberto para servir *samosas* e refeições até as sete horas. Para alcançar a escada do apartamento, era preciso se espremer entre o banheiro e a cozinha, atravessar um pátio, quando se ficava sob os olhos atentos do dono, do cozinheiro e do robusto namorado do cozinheiro, para não mencionar quem quer que estivesse no banheiro. E quando se chegava ao alto da escada, havia uma segunda porta a transpor, antes de se entrar nos domínios sagrados, que consistiam de um quarto de sótão com a melhor cama do mundo, um banheiro e uma cozinha, tudo separado.

Agora, no entanto, subitamente, ela perdera o consolo dessa segurança. Haviam-lhe tirado. Tinha a sensação de que emprestara o apartamento a alguém durante sua ausência e ele fizera todas as coisas erradas lá dentro, como se estivesse prestando um favor. Mas como eles poderiam ter entrado no apartamento sem serem percebidos? Quando ela perguntou no café, ninguém sabia de nada. Em sua escrivaninha, por exemplo, estavam as cartas que Michel lhe escrevera – todos os originais das cópias fotostáticas que vira em Munique. Lá estava o seu fundo de combate, 300 libras em notas usadas de cinco, escondidas por trás do painel rachado do banheiro, o mesmo lugar em que guardava maconha, no tempo em que ainda puxava fumo. Ela transferiu o dinheiro para um espaço sob as tábuas do assoalho, levou de volta ao banheiro, de novo colocou sob o assoalho. Havia os mementos, os fragmentos guardados de seu romance, desde o primeiro dia em Nottingham: caixa de fósforos do motel, a caneta esferográfica comum com que escrevera as primeiras cartas para Paris; as primeiras orquídeas cor de telha comprimidas entre as páginas de um livro, o primeiro vestido que ele lhe comprara, em York, os brincos horríveis que ele lhe dera em Londres e que só podia usar para agradá-lo. Já esperava mais ou menos por essas coisas, pois Joseph inclusive a alertara a respeito. O que a perturbava era o fato desses pequenos toques, ao começar a viver com eles, se tornassem a sua própria vida. Na estante, havia livros bastante manuseados de informações sobre a Palestina, com dedicatórias cautelosas assinadas por Michel; na parede, havia o *pôster* pró-palestinos, com as feições de sapo do primeiro-ministro israelense aparecendo por cima das silhuetas de refugiados árabes; ao lado, os mapas coloridos mostrando a expansão israelense desde 1967, com o ponto de interrogação feito por ela sob Tiro e Sidon, derivado de suas leituras das reivindicações de Ben Gurion aos dois lugares; a pilha de revistas mal impressas, em língua inglesa, de propaganda antiisraelense.

Sou eu mesma, pensava ela, examinando lentamente a coleção; a partir do momento em que fui fisgada, saí e comprei tudo.

Só que nunca fiz isso. Foram eles.

Mas dizer isso não a ajudava; e, com o tempo, ela também não foi capaz de manter a distinção nítida em sua mente.

Michel, pelo amor de Deus, eles o pegaram?

Pouco depois de sua volta a Londres, conforme lhe fora instruído, Charlie foi à agência postal em Maida Vale, apresentou a carteira de identidade e pegou uma única carta, remetida de Istambul, que evidentemente chegara depois de sua partida para Mikonos. *Querida, não falta muito tempo agora até Atenas. Eu a amo.* Assinado "M". Um bilhete rabiscado às pressas para mantê-la animada. Mas a visão daquela comunicação viva perturbou-a profundamente. Uma horda de imagens enterradas aflorou para atormentá-la. Os pés de Michel se arrastando pela escada, nos sapatos Gucci. O corpo inerte e perfeito sustentado pelos carcereiros. O rosto ingênuo, jovem demais para o serviço militar. A voz muito rica, muito inocente. O medalhão de ouro batendo gentilmente contra o peito azeitonado. Joseph, eu o amo.

Ela passou a ir à agência postal todos os dias, em alguns dias até duas vezes, tornando-se uma das características do lugar, quanto menos não fosse porque sempre saía de mãos vazias, parecendo cada vez mais consternada. Era uma encenação delicada e bem dirigida, que ela apresentava com todo cuidado. Joseph, em sua capacidade de diretor secreto, assistiu pessoalmente mais de uma vez, enquanto comprava selos no balcão ao lado.

No mesmo período, esperando incutir-lhe alguma vida, Charlie despachou três cartas para Michel em Paris, suplicando-lhe que escrevesse, exprimindo o seu amor e perdoando-o de antemão por seu silêncio. Foram as primeiras cartas que ela imaginou e escreveu pessoalmente. Misteriosamente, encontrou algum alívio em remetê-las; proporcionavam alguma autenticidade às cartas anteriores e a seus sentimentos declarados. Cada vez que escrevia, escolhia uma caixa postal diferente para a resposta. Imaginava que havia pessoas vigiando-as, mas aprendera a não olhar ao redor e a não pensar a respeito. Numa ocasião, avistou Rachel na janela de um bar, parecendo muito desmazelada e muito inglesa. Em outra ocasião, Dimitri e Raoul passaram por ela numa motocicleta. A última carta para Michel foi expressa, remetida da mesma agência postal em que procurava em vão por correspondência. Ela rabiscou "querido, por favor escreva, por favor", no verso do envelope já selado, enquanto Joseph esperava pacientemente atrás.

Gradativamente, ela passou a pensar em sua vida ao longo daquelas semanas como possuindo uma edição grande e uma edição pequena. A grande era o mundo em que vivia. A pequena era o mundo em que entrava e saía quando o mundo maior não estava observando. Nenhum romance, nem mesmo com homens casados, jamais fora tão secreto para ela.

A viagem a Nottingham ocorreu no quinto dia. Joseph adotou precauções excepcionais. Pegou-a num Rover, numa pequena estação do metrô, na tarde de sábado, trouxe-a de volta na tarde seguinte. Levou para ela uma peruca loura, muito bem-feita, assim como uma muda de roupas, inclusive um casaco de pele, numa valise. Ele promoveu um jantar já bem tarde, que foi tão horrível quanto o original. Charlie confessou, no meio do jantar, o pânico absurdo de que os empregados pudessem reconhecê-la, apesar da peruca e do casaco de pele. Exigiu ainda que Joseph informasse o que acontecera com seu verdadeiro amante.

Foram depois para o quarto, com duas camas castas, que na ficção eles arrumaram, unindo-as e colocando os colchões de lado. Por um momento, Charlie chegou a pensar que iria realmente acontecer. Ela saiu do banheiro e deparou com Joseph estendido na cama, a fitá-la. Deitou ao lado dele e encostou a cabeça em seu ombro. Ergueu depois o rosto e começou a beijá-lo, beijos seletivos e de leve, em seus lugares prediletos, em torno das têmporas, nas faces e finalmente nos lábios. A mão dele a conteve, ergueu-lhe o rosto. Joseph beijou-a também, mantendo a mão no rosto dela, seus olhos abertos. Depois, gentilmente, afastou-a, sentando na cama. E beijou-a mais uma vez: adeus.

– Fique atenta – disse ele, enquanto pegava seu casaco.

Ele estava sorrindo. Seu sorriso bonito e gentil, seu melhor sorriso. Ela ficou atenta e ouviu a chuva de Nottinghamshire batendo contra a janela... a mesma chuva que os mantivera na cama por duas noites e um dia.

Na manhã seguinte reconstituíram nostalgicamente as pequenas excursões que ela e Michel haviam feito juntos pelos campos ao redor, até que o desejo os obrigasse a voltar correndo ao motel. Era tudo pela memória visual, explicou Joseph, pela segurança adicional de tê-las visto de fato. Entre as lições, como uma pequena pausa, ele ensinava outras coisas. Sinais silenciosos, como ele os chamava; e um método secreto de escrever no lado de dentro de maços de cigarros Marlborough, que por algum motivo ela não pôde levar a sério.

Encontraram-se por várias vezes numa loja de indumentárias teatrais, por trás do Strand, geralmente depois dos ensaios.

– Veio fazer a prova, não é mesmo, querida? – dizia a loura imensa, em torno dos 60 anos, cada vez que Charlie entrava. – É por aqui, minha cara.

Ela conduzia Charlie a um quarto nos fundos, onde Joseph estava sentado esperando, como o cliente de uma prostituta. O

outono se torna você, pensava ela, notando outra vez a geada nos cabelos dele, o brilho rosado nas faces; e sempre será.

A maior preocupação de Charlie era não saber como alcançá-lo, onde encontrá-lo.

– Onde você está instalado? Como posso entrar em contato com você?

Por intermédio de Cathy, dizia ele. Você tem os sinais de segurança e tem Cathy.

Cathy era a sua linha vital de comunicações, a representante de Joseph, a preservadora da intimidade dele. Todos os dias, ao final da tarde, entre seis e oito horas, Charlie entrava numa cabine telefônica, sempre diferente, ligava um número no West End. Cathy lhe arrancava um relatório completo sobre o seu dia – como foram os ensaios, quais as notícias de Al e da turma, como estava Quilley e se haviam conversado sobre futuros papéis, se já fora feito o teste para o cinema, se havia mais alguma coisa que ela precisava – muitas vezes por meia hora ou mais. A princípio, Charlie sentia-se ressentida com Cathy, porque ela representava uma redução do seu relacionamento com Joseph. Mas, gradativamente, ela passou a aguardar ansiosamente as conversas, porque Cathy demonstrou ser bastante espirituosa e possuir um grande bom senso. Charlie tinha uma imagem de uma mulher afetuosa, desprendida, possivelmente canadense, semelhante a uma das psicólogas inabaláveis que costumava visitar na Clínica Tavistock, depois que fora expulsa da escola e pensava que estava ficando doida. E nisso Charlie demonstrou muita percepção, pois embora a Srta. Bach fosse americana e não canadense, sua família era de médicos há gerações.

A casa em Hampstead que Kurtz alugara para os vigilantes era grande, numa área bastante sossegada e de pouco movimento, preferida pelas escolas de motoristas. Os donos da casa, por sugestão de seu bom amigo Marty, de Jerusalém, haviam-se transferido temporariamente para Marlow. Mas a casa permanecia um reduto de elegância discreta e intelectual. Havia quadros de Nolde na sala de estar e uma fotografia autografada de Thomas Mann na sala de música, assim como uma gaiola com um passarinho, que cantava quando se dava corda, uma biblioteca com poltronas de couro, um piano de cauda Bechstein. Havia uma mesa de pingue-pongue no porão e nos fundos um jardim complicado, com uma quadra de tênis abandonada, que não dava mais para aproveitar. Assim, os jovens inventaram um novo jogo para usá-la, uma espécie de tênis-golfe, de acordo com as crateras. Havia na frente uma pequena casa de porteiro, onde penduraram a placa Grupo de Estudos Hebraicos e Humanistas, Exclusivo de Estudantes e Funcionários, o que em Hampstead ninguém estranhava.

Havia 14 pessoas no total, incluindo Litvak. Mas espalhavam-se pelos quatro andares com tanta ordem e discrição que quase se podia dizer que não havia ninguém ali. A moral deles nunca constituíra um problema, mas a casa de Hampstead a elevara ainda mais. Adoravam os móveis escuros e a impressão de que cada objeto ao redor parecia saber mais do que eles. Adoravam trabalhar durante o dia inteiro e muitas vezes pela madrugada afora e depois voltarem àquele templo de graciosa vida judia, usufruindo a sua herança. Quando Litvak tocava Brahms, o que fazia muito bem, até mesmo Rachel, que era louca por musica popular, punha de lado os preconceitos e descia para ouvi-lo, embora a princípio – como os outros não hesitaram em lembrar-lhe – repelira a própria ideia de voltar à Inglaterra e fizera uma questão ostensiva de não viajar com um passaporte britânico.

Com um espírito de equipe tão impecável, eles se acomodaram para esperar com a maior eficiência. Sem que fosse preciso lhes dizer, evitavam os *pubs* e restaurantes locais, os contatos desnecessários com os moradores locais. Por outro lado, cuidavam de enviar correspondência para si mesmo, comprar leite e jornais, fazer as coisas cuja omissão poderia ser percebida por vizinhos curiosos. Andavam muito de bicicleta e procuravam reconstituir as andanças de judeus eminentes e às vezes um tanto duvidosos que haviam vivido em Londres antes deles. Não houve um só que não fizesse uma visita irônica de respeito à casa de Friedrich Engels ou ao túmulo de Karl Marx no cemitério de Highgate. Usavam como meio de transporte os carros de uma pequena garagem perto da Haverstock Hill, com um velho Rolls-Royce prateado na frente com o aviso de "Não está à venda" e um proprietário chamado Bernie. Ele era grandalhão, vivia resmungando, cara amarrada, terno azul, cigarro no canto da boca e um chapéu azul que mantinha mesmo quando estava trabalhando numa máquina de escrever. Possuía furgões, carros e motocicletas, além de incontáveis placas. No dia em que eles chegaram, Bernie colocou um cartaz na porta da oficina: "Tudo Alugado. Proibida a Entrada de Visitantes." – Um bando meio esquisito – disse ele aos amigos, a voz rude. – Alugaram tudo o que eu tinha na garagem, pagando à vista. Disseram que são de uma companhia cinematográfica. Como se pode resistir a um negócio assim? Até certo ponto, tudo isso era verdade, justamente a história que haviam combinado com ele. Mas Bernie sabia muito mais. Afinal, no passado, Bernie já fizera algumas coisas.

Enquanto isso, quase que diariamente, as informações iam chegando, através da embaixada em Londres, como as notícias de uma batalha distante. Rossino tornara a aparecer no apartamento de Yanuka em Munique, desta vez acompanhado por uma loura, o que conferia com as teorias deles a respeito da mulher conhecida como Edda. Alguém visitara alguém em Paris, Beirute, Damasco ou Marselha. Com a identificação de Rossino, novos caminhos haviam-se aberto em uma dúzia de direções

diferentes. Até três vezes por semana, Litvak promovia reuniões de informações e discussão livre dos problemas. Quando haviam sido tiradas fotografias, ele realizava também uma sessão de exibição, com pequenas preleções sobre pseudônimos conhecidos, padrões de comportamento, apetites pessoais e hábitos do ofício. Periodicamente, ele realizava sessões de perguntas e respostas, com prêmios engraçados para os vencedores.

Ocasionalmente, embora não com muita frequência, Becker aparecia para tomar conhecimento das últimas informações, sentando-se no fundo da sala, separado dos outros, retirando-se no instante mesmo em que a reunião terminava. Eles nada sabiam sobre a vida de Becker longe dali e também não esperavam tomar conhecimento. Ele era o agente operacional, uma espécie diferente, era o grande Becker, herói não louvado de mais missões secretas do que a maioria tinha de aniversários. Chamavam-no afetuosamente de Lobo das Estepes e contavam uns aos outros histórias impressionantes, meio verdadeiras, sobre suas façanhas.

O aviso chegou no dia 18, um telex de Genebra que os deixou de sobreaviso. E logo depois veio o telefonema de Paris que lhes deu o sinal verde. Dentro de uma hora, dois terços da equipe estavam nas ruas, encaminhando-se para oeste, através da chuva forte.

17

A companhia se chamava "Os Heréticos" e a *tournée* começou em Exeter, perante uma congregação saída diretamente da catedral, com as mulheres no roxo do meio-luto, velhos sacerdotes permanentemente à beira das lágrimas. Quando não havia matinê, o elenco se espalhava pela cidade a bocejar. À noite, depois do espetáculo, tomavam vinho e comiam queijo, com discípulos ansiosos das Artes, porque era parte do negócio que se trocasse contas com os nativos.

Em Hymouth, apresentaram-se na base naval, perante aturdidos jovens oficiais, angustiados, sem saberem se os carpinteiros do teatro deviam ou não merecer a condição temporária de cavalheiros.

Mas tanto Exeter como Plymouth eram cidades do pecado e desvario em comparação com aquela cidadezinha mineira na península da Cornualha, com ruas apertadas e fumegando com a neblina no mar, árvores raquíticas, encurvadas pelas rajadas de vento. O elenco espalhou-se por meia dúzia de pensões. Coube a Charlie uma ilha cercada por hostênsias, onde o barulho dos trens seguindo para Londres, que ela ouvia quando estava na cama, fazia-a sentir como uma náufraga atormentada pelo vislumbre de navios distantes. O teatro era uma improvisação num ginásio de esportes. Do palco sempre rangendo, Charlie podia sentir o cheiro de cloro que vinha da piscina e ouvir o barulho das bolas de *squash* no outro lado da parede. A plateia era constituída pela brigada de invejosos e vencidos, cujos olhos pareciam dizer que eram capazes de se saírem muito melhor, se algum dia se rebaixassem o bastante a ponto de tentar. O camarim não passava de um vestiário de mulheres. Foi ali que entregaram as orquídeas, quando Charlie estava arrumando a maquilagem, 10 minutos antes das cortina levantar.

Ela viu-as primeiro pelo espelho comprido, por cima das pias, flutuando através da porta, cor de telha, envoltas em papel branco molhado. Viu-as hesitarem, depois avançaram indecisas em sua direção. Mas continuou a trabalhar na maquilagem, como se nunca tivesse visto sequer uma orquídea em toda a sua vida, muito menos orquídeas com um cartão em anexo, entregues na porta dos bastidores, minutos antes de se levantar a cortina, se é que havia alguma. Um ramo de orquídeas, carregado como um bebê envolto em papel, nos braços de uma vestal da Cornualha de 50 anos, chamada Val, com trancas pretas e um sorriso insípido e desdenhoso. Orquídeas cor de telha.

– Declaro com estas orquídeas que você é a bela Rosalind – disse Val, zombeteiramente.

Houve um silêncio hostil, enquanto todo o elenco feminino saboreava a irrelevância de Vai. Era a hora em que os atores se sentiam mais nervosos... e também mais quietos.

– Sou Rosalind – concordou Charlie, em tom de indiferença. – Por quê?

E ela continuou a trabalhar na maquilagem, a demonstrar que não se preocupava muito com a resposta. Fazendo uma encenação solene, Val depositou as orquídeas na pia e depois se retirou apressadamente. Charlie pegou o envelope à vista de todas que se dessem ao trabalho de olhar. *Para a Srta. Rosalind.* Uma letra firme, caneta esferográfica azul, ao invés de tinta preta. Lá dentro, um cartão de visitas, lustroso. O nome não estava impresso, mas escrito em letras maiúsculas, inclinadas. *Anton Mesterbein, Genebra.* Por baixo, uma única palavra: *Justiça.* Não havia qualquer mensagem adicional, nenhuma Joana, espírito da minha liberdade.

Charlie transferiu a atenção para uma sobrancelha, cuidadosamente, como se fosse a coisa mais importante do mundo.

– Quem é ele, Chas? – perguntou uma pastora, da pia ao lado.

Ela acabara de sair da escola, tinha a idade mental de 15 anos. Franzindo o rosto para o espelho, em sua concentração, Charlie estudou atentamente o trabalho que acabara de realizar.

– Deve ter custado uma nota, não é mesmo, Chas? – insistiu a pastora.

– Não é mesmo, Chas? – repetiu Charlie, continuando a trabalhar na segunda sobrancelha.

É ele!

É uma notícia dele!

Então por que ele não está aqui? Por que não é a letra dele? *Não confie em ninguém,* advertira-a Michel. *Mas especialmente desconfie daqueles que alegarem me conhecer.*

É uma armadilha. São os porcos. Descobriram minha passagem de carro pela Iugoslávia. Estão me cercando para poderem capturar meu amante.

Michel, Michel! Meu amor, minha vida... diga-me o que fazer! Ela ouviu seu nome ser chamado: – Rosalind! Onde diabo

está Charlie? Vamos, Charlie, pelo amor de Deus!

No corredor, um grupo de nadadores, com toalhas no pescoço, olhou sem qualquer expressão quando a mulher ruiva, na melhor indumentária elizabetana emergiu do vestiário.

Sem saber depois como, ela se apresentou no palco. Talvez tenha até representado seu papel. No intervalo, o diretor, um homem de alma de monge chamado de Irmão Mycroft, pediu-lhe com uma estranha expressão que "se controlasse um pouco". Submissa, Charlie prometeu que assim faria. Mas mal lhe prestou atenção: estava muito ocupada a esquadrinhar o auditório meio vazio, na esperança de vislumbrar um *blazer* vermelho.

Em vão.

Viu outros rostos – como os de Rachel e Dimitri, por exemplo – mas não os reconheceu. Ele não está aqui, pensou ela, desesperada. É um truque.

É a polícia.

No vestiário, ela trocou de roupa rapidamente, pôs o lenço branco na cabeça e ficou esperando, até que a zeladora a expulsou. No saguão, sobressaindo como um fantasma de cabeça branca entre os atletas que se retiravam, ela tornou a esperar, as orquídeas compridas contra o peito. Uma velha perguntou se fora ela mesma quem as cultivara. Um colegial pediu um autógrafo. A pastora puxou-lhe a manga.

– Chas. .. a festa, pelo amor de Deus! Val está procurando por você em toda parte.

A porta da frente do ginásio bateu atrás dela. Charlie saiu para a noite, sendo quase derrubada pela ventania que soprava. Cambaleando até seu carro, abriu-o, pôs as orquídeas no banco de passageiro e tornou a fechar a porta. O carro não pegou a princípio; quando finalmente aconteceu, o motor parecia um cavalo ansioso em chegar em casa. Ao descer ruidosamente pela rua, ela avistou pelo espelho os faróis de outro carro arrancando em seu encalço, depois seguindo-a a uma distância razoável até a pensão.

Ela parou o carro e ouviu o mesmo vento forte uivando entre as hortênsias. Aconchegou-se no casaco, pegou as orquídeas e correu para a porta da frente. Havia quatro degraus e ela contou-os duas vezes, a primeira subindo, a segunda quando estava parada ofegante na mesa de recepção e ouviu alguém subir atrás dela. Não havia ninguém no vestíbulo ou no salão de descanso. O único sobrevivente a bordo era Humphrey, um rapaz gordo, típico personagem de Dickens, que assumia o papel de porteiro da noite.

– Não é *seis,* Humph – disse ela, jovialmente, quando ele estendeu a mão para pegar sua chave. – É o *16.* Vamos logo, querido. Ali em cima. E tem também uma carta de amor. Pode me entregar logo, antes de pensar em dar a outra pessoa.

Ela pegou o papel dobrado, torcendo para que fosse de Michel. Suas feições registraram o desapontamento reprimido quando descobriu que era apenas de sua irmã, dizendo "boa sorte no espetáculo desta noite", o que era a maneira de Joseph de sussurrar "estamos com você".

A porta da frente se abriu e fechou por trás dela. Pés de homem se aproximaram pelo carpete. Charlie permitiu-se um rápido olhar para trás, achando que poderia ser Michel. Mas não era, como sua expressão de desapontamento deixou transparecer. Era alguém do resto do mundo, que não tinha qualquer utilidade para ela. Um rapaz magro, perigosamente gentil, olhos escuros, afetuosos. Usando uma capa comprida de gabardine, com uma pala militar para proporcionar largura aos ombros civis. A gravata era marrom, combinando com os olhos e com a capa. Os sapatos também eram marrons, de costura dupla. Não era absolutamente um homem da justiça, concluiu Charlie... mas de justiça negada. O rapaz de gabardine, em torno dos 40 anos, roubado de sua justiça ainda muito jovem.

– Srta. Charlie?

Uma boca pequena, no campo pálido do queixo.

– Eu lhe trago saudações de Michel, nosso conhecido mútuo, Srta. Charlie.

O rosto de Charlie se contraíra, como o de alguém que está se preparando para receber uma punição.

– Que Michel?

Ele não exibiu qualquer reação, o que fez com que Charlie também se aquietasse, da maneira como se fica imóvel para quadros, estátuas e guardas.

– Michel, de Nottingham, Srta. Charlie. – O sotaque suíço se acentuou, ligeiramente acusador. A voz era suave, como se Justiça fosse inevitavelmente uma questão secreta. – Michel pediu-me que lhe trouxesse orquídeas e a levasse para jantar. Insistiu que você deveria ir. Por favor. Sou um bom amigo de Michel. Venha comigo.

Você?, pensou ela. Amigo? Michel não deixaria que um amigo como você lhe salvasse a vida. Mas ela deixou que sua

carranca exprimisse tudo isso.

– Também estou incumbido da responsabilidade de representar Michel legalmente, Srta. Charlie. Michel tem o direito de contar com plena proteção da polícia. Venha comigo, por favor. Agora.

O gesto exigiu um grande esforço, mas ela o fez. As orquídeas estavam terrivelmente pesadas e foi um longo caminho para transferi-las de seus braços aos dele. Ela finalmente conseguiu, encontrou coragem e força, os braços dele se elevando para receber as orquídeas. E Charlie encontrou também o tom firme apropriado para as palavras que resolvera pronunciar: – Você veio ao espetáculo errado. Não conheço nenhum Michel de Nottingham, não conheço nenhum Michel de qualquer parte. E também não nos encontramos na última temporada em Monte Carlo. Uma boa tentativa, mas estou cansada. De todos vocês.

Virando-se para o balcão, a fim de pegar a chave, ela percebeu que Humphrey, o porteiro, estava-lhe dirigindo a palavra numa questão de grande importância. 0 rosto apático dele se sacudia, segurava um lápis suspenso sobre um livro grande.

– Eu perguntei a que horas vai querer o chá da manhã – disse ele, em seu sotaque arrastado.

– Nove horas, meu caro, não um segundo depois.

Charlie encaminhou-se para a escada, exausta, quase se arrastando.

– Jornal, senhorita? – indagou Humphrey.

Ela virou-se e fitou, murmurando:

– Oh, não...

Humphrey estava de repente muito excitado. Parecia pensar que apenas a animação poderia despertá-la.

– O jornal da manhã, senhorita! Para ler! Qual é o jornal que prefere?

– O *Times,* meu caro.

Humphrey recaiu em sua apatia satisfeita.

– *Telegraph* – disse ele, enquanto escrevia. – O *Times* só vem por encomenda especial.

A esta altura, Charlie já começava a subir a escada, a caminho da escuridão clássica do patamar.

– Srta. Charlie!

Chame-me outra vez assim e sou capaz de descer os degraus para dar um soco nessa sua cara lisa de desfiladeiro suíço. Ela deu mais dois passos antes que o homem voltasse a falar. Não previa a veemência com que ele se manifestou.

– Michel ficará muito feliz em saber que Rosalind estava usando a pulseira que ele deu esta noite. E ainda a está usando, se não me engano. Ou será que se trata de um presente de outro cavalheiro?

A cabeça de Charlie e depois todo o corpo se viraram para o homem na base da escada. Ele transferira as orquídeas para o braço esquerdo. O direito estava caído ao lado do corpo, como uma manga vazia.

– Eu disse para você ir embora. Saia daqui. *Por favor...* está bem?

– Michel mandou que eu lhe pagasse uma lagosta fresca e uma garrafa de vinho Boutaris. Branco e gelado, disse ele. E tenho também outras mensagens de Michel. Ele ficará muito zangado quando souber que você recusou a sua hospitalidade. Eu diria até que ele se sentirá insultado.

Era demais. Ele era o anjo sinistro de Charlie, clamando a alma que tão negligentemente ela empenhara. Quer ele estivesse mentindo, fosse da polícia ou um chantagista comum, Charlie o seguiria até o centro do submundo, se fosse capaz de conduzi-la a Michel. Ela desceu lentamente a escada e aproximou-se da mesa de recepção.

– Humphrey. . . – Jogando a chave na mesa, ela tirou o lápis da mão que não ofereceu qualquer resistência e escreveu o nome CATHY num bl oco ao lado do dele. – É uma americana. Entendido? Amiga minha. Se ela telefonar, diga que saí com seis amantes. E avise que talvez eu apareça para almoçar amanhã. Entendido?

Arrancando a folha do bloco, Charlie meteu-a no bolsinho do paletó de Humphrey e depois lhe deu um beijo distraído, enquanto Mesterbein olhava com o ressentimento disfarçado de um amante que espera para reivindicá-la durante o resto da noite. Na varanda, ele tirou do bolso uma lanterna suíça. À sua luz, Charlie viu o plástico amarelo de Hertz no pára-brisas do carro dele. Mesterbein abriu a porta de passageiro e lhe disse "por favor". Mas Charlie foi direto para seu Fiat, embarcou, ligou o motor e ficou esperando. Para guiar, pensou ela, enquanto Mesterbein partia à sua frente, ele usava uma boina preta, bem abaixada, como se fosse uma touca de banho, a não ser pelo fato das orelhas ficarem de fora.

Seguiram num comboio lento, por causa dos trechos com nevoeiro. Ou talvez Mesterbein sempre guiasse assim, pois tinha as costas empertigadas do motorista habitualmente cauteloso. Subiram por uma colina e seguiram para o norte, através

das charnecas vazias. O nevoeiro se dissipou, os postes telegráficos apontavam para cima, como agulhas contra o céu noturno. Uma lua pequena espiou por um instante do meio das nuvens, antes de ser novamente tragada pela escuridão. Mesterbein parou numa encruzilhada, a fim de consultar um mapa. Finalmente indicou a esquerda, primeiro com a lanterna, depois com a mão branca, que girou lentamente. Está bem, Anton, entendi o recado. Desceram uma colina e atravessaram uma aldeia. Charlie baixou a janela e deixou que a maresia invadisse o carro. 0 ar abriu-lhe a boca num grito. Ela seguiu-o por uma faixa meio em frangalhos que dizia "East West Timesharer Chalets Ltd.". Subiram por uma estrada nova e estreita, através das dunas, na direção de uma mina de estanho abandonada, as instalações recortadas contra o céu, uma paisagem digna de um cartaz de "Visite a Cornualha". À esquerda e à direita havia bangalôs de madeira, às escuras. Mesterbein parou o carro, Charlie parou atrás, deixando seu carro engrenado, por causa da inclinação. O freio de mão emitiu um rangido estranho e ela pensou que precisava mandar consertá-lo. Mesterbein saltou, ela fez o mesmo, trancando o carro. 0 vento amainara; estavam no lado abrigado do vento da península. Gaivotas voavam baixo e gritavam, como se tivessem perdido alguma coisa valiosa no solo. Com a lanterna numa das mãos, Mesterbein estendeu a outra para o cotovelo de Charlie, a fim de orientá-la.

– Largue-me! – disse ela, bruscamente.

Ele empurrou um portão, que rangeu. Uma luz se acendeu à frente. Um caminho curto de concreto, uma porta azul. Mesterbein empunhava uma chave. A porta foi aberta, ele entrou primeiro, ficou de lado para deixá-la passar, um corretor de imóveis mostrando o lugar a uma cliente em potencial. Não havia varanda. Charlie entrou e ele fechou a porta. Ela estava numa sala de estar. Sentiu o cheiro de roupa úmida e viu manchas escuras de mofo no teto. Uma loura alta, num costume azul de veludo pique, estava pondo uma moeda no medidor elétrico. Vendo os dois entrarem, ela olhou ao redor rapidamente com um sorriso jovial, depois se levantou de um pulo, empurrando para o lado uma mecha dos cabelos dourados compridos.

– Anton! Mas que coisa maravilhosa! Você me trouxe Charlie! Seja bem-vinda, Charlie. E será duas vezes mais bem-vinda se fizer o favor de me mostrar como funciona esta máquina absurda.

Pegando os ombros de Charlie, a loura beijou-a, muito excitada, nos dois lados.

– Você estava fantástica esta noite em Shakespeare, Charlie. Não estava, Anton? Sensacional! Eu sou *Helga,* está bem? – Os nomes não passam de um jogo para mim, ela estava insinuando. – *Helga.* Certo? Você é Charlie, eu sou Helga.

Os olhos dela eram castanhos e brilhantes, perigosamente inocentes, como os de Mesterbein. Uma simplicidade ativa espiava daqueles olhos para um mundo complicado. Ser autêntico é ser indomado, pensou Charlie, recordando as palavras de uma das cartas de Michel. Eu sinto, logo eu faço.

De um canto da sala, Mesterbein ofereceu uma resposta atrasada à pergunta que lhe fora feita, enquanto metia um cabide na capa de gabardine: – Ela estava mesmo impressionante.

As mãos de Helga ainda estavam pousadas nos ombros de Charlie, os polegares fortes roçando ligeiramente o pescoço.

– É difícil decorar tantas palavras, Charlie? – perguntou ela, observando atentamente o rosto de Charlie.

– Não tenho esse problema – respondeu Charlie, desvencilhando-se das mãos que a seguravam.

– Quer dizer que decora tudo com a maior facilidade? – Pegando a mão de Charlie, ela comprimiu uma moeda de 50 penies na palma. – Mostre-me como funciona essa fantástica invenção inglesa chamada *fogo.*

Charlie inclinou-se para o medidor, levantou a alavanca para um lado, largou a moeda na fenda, virou a alavanca para o outro, deixando a moeda cair ruidosamente. Houve um zumbido de protesto, enquanto o fogo se acendia.

– Puxa vida, mas isso é incrível, Charlie! Mas é típico de mim. Sou completamente avessa a qualquer problema técnico. – Helga falou como se fosse uma coisa muito importante a seu respeito que uma nova amiga não poderia deixar de tomar conhecimento. – E sou também completamente contra as possessões. E se não possuo nada, como posso saber de que maneira funciona alguma coisa? Anton, traduza para mim, por favor. Acredito em *Sein, nicht Haben.*

Era uma ordem, dada por uma autocrata. Seu inglês já era bastante bom, sem precisar da ajuda dele.

– Já leu Erich Fromm, Charlie?

– Ela disse ser, não possuir – explicou Mesterbein, sombriamente, olhando para as duas mulheres. – É a essência da moral de Fräulein Helga. Ela acredita na bondade fundamental, assim como na Natureza predominando sobre a Ciência. Ambos acreditamos.

Ele acrescentou as últimas palavras como se desejasse se interpor entre as duas mulheres.

–Já leu Erich Fromm, Charlie? – repetiu Helga, jogando os cabelos louros para trás e já pensando em outra coisa

inteiramente diferente. – Estou totalmente apaixonada por ele.

Ela agachou-se diante do fogo, com as mãos estendidas.

–Quando admiro um filósofo, passo a amá-lo. Isso também é típico de mim.

Havia uma graça inerente em seus movimentos, um vigor de adolescente. Usava sapatos sem saltos, o que ajudava com sua altura.

– Onde está Michel? – perguntou Charlie.

– Fräulein Helga não sabe onde Michel está – respondeu Mesterbein de seu canto, asperamente. – Ela não é uma advogada, veio apenas pela viagem e pela justiça. Fräulein Helga não tem o menor conhecimento das atividades ou paradeiro de Michel. Sente-se, por favor.

Charlie permaneceu de pé, mas Mesterbein sentou-se numa cadeira e cruzou as mãos brancas e limpas no colo. Sem a capa, ele exibia um terno marrom novo. Poderia ter sido um presente de aniversário da mãe.

– Você disse que tinha notícias dele.

Um tremor se insinuara na voz de Charlie. Ela podia sentir os lábios rígidos. Ainda agachada, Helga virara o rosto para ela. Comprimia a unha do polegar contra os dentes da frente, com uma expressão pensativa.

– Quando o viu pela última vez? – indagou Mesterbein.

Charlie não sabia mais para qual dos dois devia olhar.

– Foi em Salzburgo.

– Creio que Salzburgo não é uma data - comentou Helga.

– Há cinco semanas. Ou seis. Onde ele está?

– E quando foi que teve notícias dele pela última vez? – insistiu Mesterbein.

– Quero saber apenas onde ele está! O que aconteceu com ele? – Charlie virou-se para Helga. – Onde ele está?

– Ninguém a procurou? – perguntou Mesterbein. – Nem os amigos dele nem a polícia?

– Talvez você não tenha uma memória tão boa quanto alega, Charlie – sugeriu Helga.

– Diga-nos com quem esteve em contato, por favor, Srta. Charlie – pediu Mesterbein. – Agora. É absolutamente necessário. Estamos aqui para tratar de assuntos urgentes.

– Ela poderia mentir facilmente, pois é uma excelente atriz – comentou Helga, os olhos arregalados fixados em Charlie, com uma expressão inquisitiva. – Como se pode acreditar em alguma coisa de uma mulher tão bem treinada para fingir?

– Devemos tomar todo cuidado – concordou Mesterbein, como uma anotação particular para o futuro.

O ato duplo deles tinha um toque de sadismo; estavam usando uma dor que Charlie ainda não sentira. Ela olhou para Helga, depois para Mesterbein. As palavras lhe escapuliram. Não podia mais reprimi-las.

– Ele está morto, não é mesmo?

Helga deu a impressão de não ter ouvido. Estava inteiramente absorvida em observar.

– Tem razão, Michel está morto – murmurou Mesterbein, sombriamente. – Lamento muito, é claro. Fräulein Helga também lamenta. Ambos lamentamos. E pelas cartas que você escreveu a ele, presumimos que também lamenta.

– Mas talvez as cartas também não passassem de uma farsa, Anton – interveio Helga.

Já lhe acontecera uma vez antes, na escola. Trezentas meninas espalhando-se pelas paredes do ginásio, a diretora no meio, todas esperando que a culpada confessasse. Charlie estava olhando ao redor, como as outras, à procura da culpada. . . será ela? Aposto é que é *ela*. . . não estava corando, a expressão era solene e inocente. Não roubara coisa alguma, como mais tarde ficara comprovado. Mas, subitamente, seus joelhos vergaram e caíra, sentindo-se perfeitamente bem da cintura para cima, mas paralisada para baixo. Tornou a acontecer agora. Não foi absolutamente uma reação calculada. Aconteceu antes que se apercebesse, antes que considerasse a enormidade da informação, antes que Helga pudesse estender a mão para ampará-la. Os joelhos vergaram e ela caiu no chão, com um baque violento, que fez a lâmpada que pendia do teto balançar em seu fio. Helga ajoelhou-se prontamente a seu lado, murmurando alguma coisa em alemão e pondo uma mão confortadora de mulher em seu ombro – um ato gentil, sem qualquer afetação. Mesterbein agachou-se para olhar, mas não a tocou. O interesse dele se concentrava mais em examinar a maneira como ela chorava.

Charlie estava com a cabeça de lado, descansando o rosto no punho cerrado. As lágrimas corriam através do rosto, ao invés de descerem. Gradativamente, à medida que ele continuava a observar, as lágrimas pareceram animá-lo. Acenou com a cabeça, num gesto que poderia ser de aprovação, enquanto Helga levava Charlie para o sofá. Charlie ficou deitada no sofá, o rosto enterrado nas almofadas ásperas, as mãos cruzadas por cima, chorando como somente os desconsolados e as crianças sabem chorar. Turbilhão, raiva, culpa, remorso, terror: ela percebia cada coisa como estágios de um desempenho controlado, mas também profundamente sentido. Eu sabia; eu não sabia; não me atrevia a pensar. Seus trapaceiros, mentirosos, assassinos, fascistas, os desgraçados que mataram meu querido amor no teatro do real.

Ela devia ter dito algumas dessas coisas em voz alta. Sabia que dissera. Controlara e selecionara as frases estranguladas, enquanto o desespero a dilacerava: *seus miseráveis fascistas, seus porcos, oh, Deus, Michel!*

Uma pausa e depois ela ouviu a voz impassível de Mesterbein convidando-a a se aprofundar no comentário. Mas ela ignorou-o, continuando a sacudir a cabeça de um lado para outro, por trás das mãos. Sufocou, teve ânsias de vômito, as palavras se prenderam na garganta, saíram ininteligíveis pelos lábios. As lágrimas, a agonia, os soluços repetidos, nada disso constituía um problema para ela. Mantinha excelentes relações com as fontes de desespero e indignação. Não precisava pensar no falecido pai, que fora para o túmulo mais cedo por causa da sua expulsão da escola. Não precisou também se imaginar como a criança trágica na selva da vida adulta, que era o que geralmente fazia. Teve apenas de se lembrar do rapaz árabe meio indomado que lhe restaurara a capacidade para o amor, que dera à sua vida a direção com que sempre sonhara e que agora estava morto, para que as lágrimas fluíssem à vontade.

– Ela diz que foram os sionistas – comentou Mesterbein para Helga, em inglês. – Mas por que ela diz que foram os sionistas, quando na verdade foi um acidente? A polícia nos garantiu que foi um acidente. Por que ela contradiz a polícia? É muito perigoso contradizer a polícia.

Mas Helga já ouvira tudo diretamente ou então não se importava. Com a mão forte e gentil, ela afagava os cabelos vermelhos de Charlie, com uma expressão pensativa. Finalmente sentou-se, esperando que os soluços cessassem e começassem as explicações.

Helga fizera café no fogão elétrico. Charlie sentou-se no sofá, segurando a caneca com as duas mãos, inclinada como se aspirasse o vapor, enquanto as lágrimas escorriam pelas faces incessantemente. Helga passara o braço pelos ombros de Charlie e Mesterbein estava sentado na frente, contemplando as duas mulheres das sombras de seu mundo escuro.

– Foi uma explosão acidental – disse ele. – Na auto-estrada de Salzburgo para Munique. Segundo a polícia, o carro dele estava cheio de explosivos. Dezenas de quilos. Por quê? Por que explosivos haveriam de detonar de repente numa auto-estrada em perfeitas condições?

– Suas cartas estão a salvo – sussurrou Helga, puxando uma mecha dos cabelos de Charlie e ajeitando-a gentilmente por trás de uma orelha.

– O carro era um Mercedes – continuou Mesterbein. – Tinha placas de Munique, mas a polícia alega que eram falsas. E também os documentos. Todos falsificados. Por que meu cliente haveria de guiar um carro com documentos falsos e carregado de explosivos? Ele era um estudante, não um terrorista. É claro que se trata de uma conspiração. Tenho certeza.

– Conheceu esse carro, Charlie? – murmurou Helga no ouvido dela, comprimindo-a ainda mais afetuosamente, no esforço de lhe arrancar uma resposta.

Mas, em sua imaginação, tudo o que Charlie podia ver era o seu amante explodido em pedacinhos por 100 quilos de explosivo plástico russo, escondidos pelo carro, um verdadeiro inferno, destruindo o corpo que ela tanto adorava. E tudo o que podia ouvir era a voz de seu outro mentor indefinido, a lhe dizer: desconfie deles, minta para eles, negue tudo, rejeite, recuse.

– Ela disse alguma coisa – murmurou Mesterbein, num tom de acusação.

– Ela disse Michel – explicou Helga, enxugando um novo fluxo de lágrimas com um lenço que tirara da bolsa.

– Uma mulher também morreu – acrescentou Mesterbein. – Disseram que estava com ele no carro.

– Uma holandesa – acrescentou Helga, baixinho, falando tão perto que Charlie pôde sentir o bafo dela em seu ouvido. – Muito bonita. Uma loura.

– Ao que parece, eles morreram juntos – continuou Mesterbein, alteando a voz.

– Você não era a única, Charlie – explicou Helga, confidencial. – Não tinha o uso exclusivo de nosso pequeno palestino.

Pela primeira vez desde que lhe haviam transmitido a notícia, Charlie pronunciou uma frase coerente: – Nunca pedi isso a ele.

– A polícia diz que a holandesa era uma terrorista – disse Mesterbein.

– Dizem que Michel também era um terrorista – acrescentou Helga.

– Dizem que a holandesa já tinha plantado bombas para Michel em diversas ocasiões – informou Mesterbein. – E dizem que Michel e a mulher estavam planejando outro atentado e que havia no carro um mapa de Munique, com o Centro de Comércio Israelense assinalado com a letra de Michel. À beira do Rio Isaar. Um andar superior, um alvo bastante difícil. Ele falou alguma coisa sobre isso, Srta. Charlie?

Estremecendo, Charlie tomou um gole do café, o que pareceu agradar a Helga tanto quanto uma resposta.

– Pronto! Ela está finalmente despertando. Quer mais café, Charlie? Posso esquentar? Não quer comer alguma coisa? Temos queijos, ovos, salame, temos tudo o que quiser.

Sacudindo a cabeça, Charlie deixou que Helga a conduzisse ao banheiro onde ficou por um longo tempo, jogando água no rosto, vomitando, nos intervalos desejando conhecer o bastante de alemão para acompanhar a conversa rápida que chegava a seus ouvidos através da porta fina como papel.

Ela voltou à sala para deparar com Mesterbein parado diante da porta, vestindo outra vez a capa de gabardine.

– Srta. Charlie, quero lembrar-lhe que Fräulein Helga tem direito à proteção total da lei – disse ele, antes de sair pela porta da frente.

Finalmente a sós. Apenas as mulheres.

– Anton é um gênio – anunciou Helga, com uma risada. – É o nosso anjo da guarda. Odeia a polícia, mas inevitavelmente se apaixona por tudo o que odeia. Não concorda? Não precisa concordar comigo em tudo, Charlie. Se isso acontecer, ficarei muito desapontada. – Ela chegou mais perto, antes de continuar. – A violência não é a questão – disse ela, retomando uma conversa que ainda não haviam tido. – Nunca. Executamos uma ação violenta, uma ação pacífica, é indiferente. A questão é ser lógico e coerente, não ficar de lado enquanto o mundo segue em frente, mas transformar a opinião em convicção e a convicção em ação.

Ela fez uma pausa, verificando o efeito de suas declarações na discípula. As cabeças estavam quase unidas.

– A ação é a realização pessoal, mas também uma coisa objetiva. Concorda? – Outra pausa, mas também não houve resposta. – Quer saber de uma coisa que vai surpreendê-la totalmente? Mantenho um excelente relacionamento com meus pais. Mas você é diferente. Dá para se ver em suas cartas. Anton também. Claro que minha mãe é a mais inteligente, mas meu pai...

Ela parou de falar outra vez, mas agora ficou furiosa com o silêncio de Charlie, o choro retomado.

– Pare agora, Charlie. *Pare,* está bem? Afinal, não somos duas velhas. Você o amava, aceitamos isso. Mas ele está morto. – A voz de Helga se endurecera surpreendentemente. – Ele está morto, mas não somos individualistas para ficarmos nas experiências particulares. Somos combatentes, trabalhadoras de uma causa. Pare de chorar.

Segurando o cotovelo de Charlie, ela levantou-a e conduziu-a por toda a extensão da sala.

– Preste atenção. E muita. Houve um tempo em que tive um namorado muito rico. Kurt. Muito fascista, completamente primitivo. Eu o usava para o sexo, como uso Anton. Mas tentei também educá-lo. Um dia o embaixador alemão na Bolívia, um Graf Qualquer Coisa, foi executado pelos combatentes da liberdade. Lembra-se dessa ação? Kurt, que nem sequer o conhecia, ficou furioso. "Aqueles porcos terroristas! Isso é uma vergonha!" E eu disse a ele: "Quem você está lamentando, Kurt? Há pessoas morrendo de fome todos os dias na Bolívia. Por que deveríamos nos importar com um Graf morto?" Concorda com essa avaliação, Charlie? Concorda?

Charlie deu de ombros, sem muito empenho. Virando-a, Helga iniciou a jornada de volta.

– Apresento agora um argumento mais forte. Michel é um mártir, mas os mortos não podem lutar. E há muitos outros mártires. Um soldado está morto, mas a revolução continua. Concorda?

– Concordo – balbuciou Charlie.

As duas chegaram ao sofá. Pegando sua bolsa, Helga tirou uma garrafa pequena de uísque. Charlie notou que o rótulo era

de livre comércio. Helga tirou a tampa e entregou-lhe a garrafa.

– A Michel – declarou ela. – Vamos beber a ele. A Michel. Vamos, diga.

Charlie tomou um gole pequeno, fez uma careta. Helga pegou a garrafa de volta.

– Sente-se, por favor, Charlie. Vamos, Charlie, gostaria que se sentasse. Agora.

Charlie acomodou-se no sofá, apaticamente. Helga ficou outra vez de pé por cima dela.

– Preste atenção e responda tudo, está bem? Não vim até aqui para me divertir, entende? Nem para discussões. Gosto de discutir, mas este não é o momento apropriado. Diga "sim".

– Sim – murmurou Charlie, exausta.

– Ele sentiu-se atraído por você. É um fato científico. Ficou até apaixonado. Havia uma carta inacabada para você na mesa do apartamento dele, com declarações fantásticas sobre amor e sexo. Tudo para você. E havia também declarações políticas.

Lentamente, como se a noção só gradativamente a penetrasse, o rosto inchado e contorcido de Charlie tomou-se ansioso.

– Onde está? – disse ela. – Dê-me a carta dele!

– Está sendo devidamente processada. Em operações, tudo deve ser avaliado, tudo deve ser processado objetivamente.

Charlie começou a se levantar.

– É minha! Quero a minha carta!

– É propriedade da revolução. Possivelmente você a receberá mais tarde. Veremos. – Não muito gentilmente, Helga empurrou-a de volta ao sofá. –O carro. O Mercedes que é agora um monte de cinza. Você o guiou na passagem pela fronteira, entrando na Alemanha? Por Michel? Uma missão? Responda logo.

– Levei o carro para a Áustria.

– Vindo de onde?

– Através da Iugoslávia.

– Charlie, acho que você não é das melhores em matéria de acurácia: *de onde?*

– De Tessalônica.

– E Michel acompanhou-o na viagem. Claro que sim. Era assim que ele normalmente agia.

– Não.

– Não o quê? Você viajou sozinha? Por todo o percurso? Isso é absurdo. Ele jamais lhe confiaria tamanha responsabilidade. Não acredito. Toda a sua história é um monte de mentiras.

– Não me importo com o que você pense – balbuciou Charlie, voltando à apatia.

Helga ficou ainda mais furiosa.

– Claro que você não se importa! Se é uma espiã, por que haveria de se importar? Já está bastante claro para mim o que aconteceu. Não preciso mais fazer perguntas, seriam apenas uma formalidade. Michel recrutou-a, transformou-a em seu amor secreto. E assim que você pôde, procurou a polícia e contou toda a história, a fim de se proteger e ganhar uma pequena fortuna. Você não passa de uma espiã da polícia. Comunicarei isso a determinadas pessoas com que estamos em contato e cuidarão direitinho de você, mesmo que seja daqui a vinte anos. Será executada.

– Ótimo. Sensacional. – Charlie esmagou o cigarro no cinzeiro. – Pode fazer isso, Helga. É justamente o que estou precisando. Mas mande-os imediatamente, está bem? Quarto 16, lá na pensão.

Helga fora até a janela e puxara a cortina, aparentemente com a intenção de chamar Mesterbein. Olhando além dela, Charlie viu o pequeno carro alugado dele com a luz interna acesa, com Mesterbein de chapéu, sentado impassivelmente ao volante. Helga bateu na janela.

– Anton? Volte para cá,imediatamente, Anton. Temos uma espiã entre nós! – Mas a voz era baixa demais para que ele pudesse ouvir, justamente como era a intenção dela. Fechando a cortina e virando-se, ela acrescentou: – Por que Michel não nos falou nada a seu respeito? Por que não a partilhou conosco? Você... sua paixão secreta por muitos meses. Isso é absurdo.

– Ele me amava.

– Ele a estava usando e é só! Ainda tem as cartas dele... para você?

– Ele me mandou destruí-las.

– Mas você não o fez. Claro que não. Como poderia? É uma idiota sentimental, o que se pode perceber facilmente pelas cartas que mandou para ele. Explorou-o, ele gastou dinheiro com você, em roupas, joias, hotéis. E você o entregou à polícia. Mas é claro que foi isso mesmo!

Descobrindo-se perto da bolsa de Charlie, Helga pegou-a e, num impulso súbito, despejou o conteúdo sobre a mesa de jantar. Mas as pistas que estavam plantadas lá dentro, a agenda, a caneta esferográfica de Nottingham, a caixa de fósforos do Diógenes em Atenas, eram boas demais para ela em seu ânimo atual. Estava procurando por provas da traição de Charlie, não de sua devoção.

– Este rádio!

O pequeno aparelho japonês de Charlie, com um despertador, para os ensaios.

– O que é isto? Só pode ser um aparelho de espiã. De onde vem? Por que uma mulher como você anda com um rádio na bolsa?

Deixando-a entregue às suas preocupações, Charlie virou a cabeça e ficou olhando para o fogo, sem ver nada. Helga mexeu nos controles do rádio e sintonizou uma música.

– Na última carta, a carta que Michel não chegou a mandar, ele diz que você beijou sua arma. O que isso significa?

– Significa que beijei a arma dele. – Charlie fez a emenda a tempo: – Isto é, a arma do irmão dele.

A voz de Helga se alteou abruptamente:

– O irmão? Que irmão?

– Ele tinha um irmão mais velho. Seu herói. Um grande guerreiro. O irmão deu-lhe a arma. Michel me fez beijá-la como uma espécie de juramento.

Helga fitava-a fixamente, com uma expressão de incredulidade.

– Michel lhe contou isso?

– Li nos jornais, não é mesmo?

– Quando foi que isso aconteceu?

– Numa colina na Grécia.

– E o que mais ele falou a respeito desse irmão? Vamos, responda depressa!

Helga estava agora quase gritando.

– Michel idolatrava o irmão. Já lhe falei isso.

– Dê os fatos. Apenas os fatos. O que mais ele lhe disse a respeito do irmão?

Mas a voz secreta de Charlie estava lhe dizendo que já fora longe demais.

– Ele é um segredo militar – murmurou ela, acendendo outro cigarro.

– Ele lhe disse onde o irmão está? O que ele está fazendo? Eu lhe ordeno que me conte tudo, Charlie! – Helga chegou mais perto. – A polícia, os serviços secretos, talvez mesmo os sionistas. . . todos estão à sua procura. Temos excelentes relações com determinados elementos da polícia alemã. Eles já sabem que não foi a holandesa quem levou o carro através da Iugoslávia. Possuem descrições. E têm muitas informações para incriminá-la. Se quisermos, poderemos ajudá-la. Mas só o faremos depois de você revelar tudo o que Michel lhe contou a respeito do irmão.

Ela inclinou-se para a frente, até que seus olhos grandes e claros estavam a menos de um palmo dos olhos de Charlie.

– Ele não tinha o direito de falar do irmão. Você não tem direito a essa informação. Conte-me tudo.

Charlie pensou por um momento no pedido de Helga, mas resolveu rejeitá-lo.

– Não.

Ela ia continuar: prometi que não falaria... não confio em você... pare de me atormentar. Mas depois de ouvir o simples "não", concluiu que era melhor parar por aí.

Sua missão é *fazer com que eles precisem de você,* dissera Joseph. *Pense em tudo como uma corte. Eles apreciarão mais o que não puderem ter.*

Helga adquirira um estranho controle. Toda a encenação estava encerrada. Ela ingressara num período de frio desligamento, que Charlie compreendia instintivamente, pois era algo de que também era capaz.

– Muito bem. Você levou o carro até a Áustria. E depois?

– Larguei o carro no lugar que ele mandara, nos encontramos e fomos para Salzburgo.

– Como?

– De avião e de carro.

– E o que aconteceu quando chegaram a Salzburgo?

– Fomos para um hotel.

– E qual era o nome do hotel, por favor?

– Não me lembro. Não prestei atenção.

– Então descreva-o.

– Era antigo e grande, perto de um rio. E bonito.

– E fizeram sexo. Ele mostrou-se muito viril, teve vários orgasmos, como sempre.

– Demos uma volta.

– E depois fizeram sexo. Não seja tola, por favor.

Charlie deixou-a esperar por algum tempo outra vez, antes de voltar a falar:

– Era o que tencionávamos, mas peguei no sono assim que acabamos de jantar. Estava esgotada da viagem. Ele ainda tentou me acordar um par de vezes, mas acabou desistindo. E de manhã, quando acordei, ele já estava vestido.

– E você foi com ele para Munique?

– Não.

– O que fez então?

– Peguei um avião de tarde para voltar a Londres.

– Que carro ele estava usando?

– Um carro alugado.

– De que marca?

Era um BMW, mas Charlie fingiu que não se lembrava.

– Por que não foi com ele para Munique?

– Ele não queria que atravessássemos a fronteira juntos. E explicou que tinha um trabalho a fazer.

– Ele lhe disse isso? Que tinha um trabalho a fazer? Mas que absurdo! Que trabalho? Não é de admirar que você tenha podido traí-lo!

– Ele disse que tinha ordens de pegar o Mercedes e entregá-lo em algum lugar ao irmão.

Desta vez Helga não demonstrou surpresa nem mesmo indignação pela monumental indiscrição de Michel. Sua mente estava em ação e ação era justamente no que acreditava. Indo até a porta, ela abriu-a e acenou autoritariamente para que Mesterbein voltasse. Virou-se bruscamente, com as mãos nos quadris, olhou fixamente para Charlie, com um vazio perigoso e alarmante nos olhos grandes e claros.

– Você é subitamente como Roma, Charlie. Todos os caminhos levam a você. É absurdo demais. Você é a paixão secreta de Michel, guia o carro dele, passa em sua companhia a última noite que ele teve neste mundo. Sabia o que havia no carro quando o levou?

– Explosivos.

– Bobagem. De que tipo?

– Explosivo plástico russo. Cem quilos.

– A polícia lhe disse isso. É a mentira deles. A polícia sempre mente.

– Foi Michel quem me disse.

Helga deixou escapar uma falsa risada furiosa.

– Essa não, Charlie! Agora não acredito em uma só palavra do que me contou. Está mentindo totalmente. – Silenciosamente, Mesterbein apareceu por trás dela. – Tudo é sabido agora, Anton. Nossa pequena viúva não passa de uma mentirosa. Não tenho mais a menor dúvida. Não faremos coisa alguma para ajudá-la. Vamos partir imediatamente.

Mesterbein olhou para Charlie, Helga também. Nenhum dos dois parecia tão certo quanto as palavras de Helga sugeriam. Não que Charlie se importasse. Ela estava arriada no sofá como uma boneca de trapos, mais uma vez indiferente a tudo que não fosse o seu próprio desespero. Sentando-se outra vez ao lado dela, Helga passou o braço pelos ombros vergados de Charlie.

– Qual era o nome do irmão dele? Vamos, diga-me. – Ela deu um beijo de leve no rosto de Charlie. – Talvez possamos ser seus amigos. Precisamos ser cuidadosos, mas não podemos deixar de blefar um pouco. Isso é natural. Muito bem, diga-me qual era o primeiro nome de Michel.

– Salim. Mas jurei que nunca iria usá-lo.

– E o nome do irmão?

– Khalil. – Charlie recomeçou a chorar. – Michel o idolatrava.

– E o nome operacional dele?

Charlie não entendeu. Nem se importava.

– Era um segredo militar.

Ela resolvera continuar a guiar até não aguentar mais. . . uma Iugoslávia outra vez. Deixarei o espetáculo, voltarei a Nottingham e me matarei em nossa cama no motel.

Ela estava outra vez atravessando a charneca, sozinha, passando dos 120 e quase saindo da estrada. Parou o carro e tirou as mãos bruscamente do volante. Um par de pôneis selvagens se aproximou para observá-la. A relva era alta, cheia do orvalho do amanhecer. Sacudindo as mãos, ela molhou-as e comprimiu-as contra o rosto, a fim de esfriá-lo. Uma motocicleta passou lentamente e ela viu um rapaz observando-a, como se estivesse indeciso, sem saber se deveria parar e oferecer ajuda. Entre os seus dedos, Charlie observou-o desaparecer além do horizonte. Um dos nossos? Ou um dos deles? Ela voltou ao carro e anotou a placa da motocicleta; por uma vez, não confiou em sua memória. As orquídeas de Michel estavam no assento ao seu lado, fizera questão de levá-las ao ir embora.

– Não seja ridícula, Charlie! – protestara Helga. – Você é sentimental demais.

Vá se foder, Helga. Essas orquídeas me pertencem.

Ela estava num platô alto, sem árvore, de tonalidades rosas, marrons e cinzas. O nascer do sol surgia no espelho. O rádio do carro só sintonizava emissoras francesas. Parecia um programa de perguntas e respostas sobre problemas femininos, mas ela não era capaz de compreender as palavras.

Passou por um *trailer* azul, estacionado num campo. Havia um Land rover vazio ao lado. Além do Land rover, havia roupas de bebê penduradas de um varal, improvisado com uma antena. Onde ela já vira antes um varal assim? Em lugar nenhum. Nunca.

Ela estava deitada em sua cama no hotel, observando o dia clarear no teto, escutando o barulho dos pombos no peitoril da janela. *O momento mais perigoso* é *quando você desce da montanha,* advertira Joseph. Ela ouviu passos furtivos no corredor. São eles. Mas eles quem? Sempre a mesma pergunta. Vermelho? Não, seu guarda, jamais guiei um Mercedes vermelho em toda a minha vida. Portanto, saia do meu quarto. Uma gota de suor frio escorreu por sua barriga nua. Em sua mente, ela acompanhou o percurso através do umbigo, pelas costelas, para o lençol. Um rangido das tábuas do assoalho, um ofego reprimido de esforço: ele está olhando pelo buraco da fechadura. Um canto de papel branco apareceu por baixo da porta. E se contorceu. E aumentou. Humphrey, o rapaz gordo, estava entregando o *Daily Telegraph.*

Ela tomara banho e se vestira. Foi guiando lentamente, seguindo por ruas secundárias, parando em duas lojas pelo caminho, como ele lhe ensinara. Estava desmazelada, os cabelos desgrenhados. Quem observasse seu comportamento atordoado e a aparência negligenciada nunca poderia duvidar de sua aflição. A rua ficou escura, olmos carcomidos e fechando por cima, uma velha igreja aparecendo entre as árvores. Parando o carro outra vez, ela abriu o velho portão de ferro. As

sepulturas eram muito antigas. Poucas estavam marcadas. Havia uma separada das outras. Um suicida? Um assassino? Errado: um revolucionário. Ajoelhando-se, ela colocou as orquídeas reverentemente no lado que achava estar a cabeça. Um impulso de luto, pensou ela, entrando no ar frio e abafado do interior da igreja. Algo que Charlie teria feito nas circunstâncias, no teatro do real.

Por mais uma hora ela continuou assim, a esmo, parando volta e meia, sem qualquer motivo aparente, como a debruçar-se numa cerca e ficar olhando para os campos. Ou apoiar-se num portão e ficar olhando para o nada. Só depois de meio-dia é que ela teve certeza de que o motorista parará finalmente de segui-la. Mesmo assim, ainda deu várias voltas e entrou em mais duas igrejas, antes de pegar a estrada principal para Falmouth.

O hotel era um rancho no estuário do Helford, com uma piscina interna e uma sauna, além de um campo de golfe com nove buracos, hóspedes que pareciam os próprios hospedeiros. Ela já estivera em outros, mas ainda não aparecera naquele. Ele se registrara como um editor alemão, trazendo uma pilha de livros ilegíveis para comprová-lo. Dera gorjetas generosas às telefonistas, explicando que seus correspondentes internacionais costumavam chamá-lo a qualquer momento, não respeitando o sono de ninguém. Os garçons e demais empregados conheciam-no como um hóspede simpático, que aparecia nas horas mais inesperadas. Ele vivia assim, sob nomes e pretextos diferentes, há duas semanas, acompanhando o progresso de Charlie pela península, em seu safári solitário. Deitara em camas e ficara olhando para tetos, como Charlie fizera. Falara com Kurtz pelo telefone e se mantivera a par das operações de campo de Litvak, hora a hora. Falara com Charlie muito pouco, ensinando-lhe mais truques de escrita secreta e de comunicações. Era tão prisioneiro dela quanto vice-versa.

Ele abriu a porta para Charlie. Ela entrou, com uma expressão distraída, sem saber o que sentir. Assassino. Algoz. Mentiroso. Mas ela não sentia a menor vontade de repetir as cenas obrigatórias. Já encenara a todas, era como uma carpideira esgotada. Ele já estava de pé quando ela entrou. Charlie ficou esperando que ele se adiantasse para abraçá-la, mas tal não aconteceu. Charlie nunca o vira tão solene, tão contido. Com olheiras profundas de preocupação. Ele usava uma camisa branca, as mangas enroladas até os cotovelos... uma camisa de algodão, não de seda. Ela ficou olhando fixamente para a camisa, consciente, no final das contas, do que sentia. Sem abotoaduras. Sem medalhão pendurado no peito. Sem sapatos Gucci. E murmurou: – Então é você mesmo, afinal.

Ele não entendeu.

– Pode esquecer o *blazer* vermelho, não é mesmo? É você e mais ninguém. Matou o seu próprio guarda-costas. Não há mais ninguém por trás do qual possa se esconder.

Abrindo a bolsa, ela entregou-lhe o pequeno rádio-relógio. Ele pegou na mesa o modelo original dela e pôs na bolsa.

– Tem razão – disse ele, com uma risada, fechando a bolsa. – Eu diria que, daqui por diante, nosso relacionamento não terá mais qualquer intermediário.

– Como eu me saí? – Charlie sentou-se. – Achei que foi a melhor representação que já houve desde Bernhardt.

– Melhor ainda. Na opinião de Marty, foi a melhor coisa desde que Moisés desceu da montanha. Talvez antes de ele subir. Se você quisesse, poderia parar agora, com todas as honras. Eles já lhe devem o suficiente. Mais do que suficiente.

Eles, pensou Charlie. Nunca *nós*.

– E qual é a opinião de Joseph?

– Aquelas pessoas são grandes, Charlie. Grandes pessoas pequenas, do próprio centro. A coisa autêntica.

– Consegui enganá-las?

Ele foi sentar-se ao lado dela. Para estar perto, mas não para tocar.

– Como você está viva, podemos presumir que até agora conseguiu enganá-las.

– Vamos começar.

Inclinando-se além dele, Charlie ligou o gravador. Sem mais preâmbulos, passaram à sessão de informações, como o velho casal que haviam-se tornado. Pois embora o furgão eletrônico de Litvak tivesse escutado cada palavra da conversa da noite anterior, transmitida pelo pequeno rádio, o ouro puro das percepções pessoais de Charlie ainda tinha de ser extraído e peneirado.

18

O jovem que se apresentou na embaixada israelense em Londres usava um casaco de couro comprido e óculos grandes. Disse que seu nome era Meadows. O carro era um Rover verde imaculado. Kurtz sentou-se na frente, a fim de fazer companhia a Meadows. Litvak ficou no banco de trás, furioso. A atitude de Kurtz era tímida e um pouco ignóbil, como lhe convinha na presença de superiores coloniais.

– Acaba de chegar, não é mesmo, senhor? – indagou Meadows, em tom de indiferença.

– Cheguei ontem – respondeu Kurtz, que já estava em Londres há uma semana.

– É uma pena que não tenha-nos avisado, senhor. O comandante teria-lhe arrumado tudo no aeroporto.

– Ora, Sr. Meadows, não tínhamos tanta coisa assim a declarar! – protestou Kurtz.

Os dois riram, porque o serviço de ligação estava bem fácil. No banco traseiro, Litvak riu também, mas sem muita convicção. Seguiram rapidamente para Aylesbury, depois avançaram ainda mais depressa por uma estrada aprazível. Entraram num desvio e pouco depois chegaram a uma entrada de colunas de arenito, encimadas por galos de pedra. Uma barreira branca bloqueava a passagem, com um cartaz azul e branco que informava "TLSU N° 3". Meadows deixou Kurtz e Litvak sozinhos no carro e entrou na casa de guarda. Olhos escuros observavam atentamente os dois através das janelas. Nenhum outro carro passava por ali, não se ouvia qualquer barulho de um trator distante. Parecia haver pouca coisa viva por ali.

– Parece um ótimo lugar – comentou Kurtz, em hebraico, enquanto esperavam.

– Muito bonito – concordou Litvak, para o microfone, se houvesse algum. – E o pessoal também é muito simpático.

– De primeira classe – acrescentou Kurtz. – A nata da profissão, não resta a menor dúvida.

Meadows voltou, a barreira foi levantada. Por um tempo surpreendentemente longo, eles serpentearam por um parque da Inglaterra paramilitar. No lugar de puros-sangues pastando pelos campos, havia sentinelas de uniforme azul, em botas Wellington. Prédios baixos de tijolos, sem janelas, estavam parcialmente enterrados no solo. Passaram por um curso de ataque e uma pista de pouso particular, definida por cones alaranjados. Pontes de cordas transpunham um córrego de trutas.

– Um sonho – comentou Kurtz, polidamente. – Muito bonito, Sr. Meadows. Deveríamos ter também tudo isso. . . mas como poderíamos?

– Hã... obrigado – murmurou Meadows.

A casa fora outrora antiga, mas sua fachada havia sido conspurcada por uma tinta azul oficial, com flores vermelhas nas jardineiras das janelas. Um segundo jovem estava esperando à entrada. Levou-os rapidamente por uma escada reluzente, de pinho envernizado.

– Sou Lawson – explicou ele, ofegante, como se os visitantes já estivessem atrasados.

Ele bateu numa porta dupla e uma voz do outro lado gritou bruscamente: – Entre!

– Sr. Raphael, senhor – anunciou Lawson. – De Jerusalém. Infelizmente, senhor, teve alguma dificuldade com o tráfego.

Por tanto tempo quanto era necessário para se mostrar grosseiro, o Vice-Comandante Picton permaneceu sentado à sua mesa. Pegou uma caneta e, com o rosto franzido, assinou uma carta. Contraiu os lábios, levantou o rosto, fitou Kurtz atentamente. Depois, inclinou a cabeça para a frente, como se estivesse prestes a dar uma marrada em alguém. Finalmente se levantou, bem devagar, até ficar em posição de sentido.

– Bom-dia, Sr. Raphael.

Ele sorriu brevemente, como se os sorrisos estivessem fora de moda. Era grande e ariano, cabelos louros ondulados, repartidos como por um corte de navalha. Era largo, de rosto rude e violento, os lábios sempre se contraindo, o olhar direto de um algoz. Possuía a gramática meticulosamente ruim de um veterano policial e os bons modos emprestados de um cavalheiro, as duas coisas podendo ser canceladas a qualquer momento, sem aviso prévio, ao seu critério. Tinha um lenço de bolinhas imaculado no bolsinho do paletó, uma gravata com coroas douradas, insinuando que circulava por áreas muito melhores que a do interlocutor. Era um contraterrorista que se fizera por si mesmo, "parte soldado, parte policial, parte vilão", como gostava de dizer, pertencendo à geração legendária de seu ofício. Caçara comunistas na Malásia, terroristas Mau Mau no Quênia, judeus na Palestina, árabes em Aden e irlandeses por toda parte. Explodira muitas pessoas em Omã, por pouco não liquidara Grivas em Chipre. Quando estava embriagado, falava disso com pesar. . . mas que ninguém se atrevesse a manifestar compaixão! Fora o segundo homem em vários lugares, o primeiro raramente, pois havia outras sombras.

– Misha Gavron está em boa forma? – perguntou ele, escolhendo um botão no aparelho de telefone e apertando com tanta força que talvez nunca mais voltasse ao lugar.

– Misha está muito bem, comandante – disse Kurtz, com entusiasmo.

Ele fez menção de perguntar em troca pelo superior de Picton. Mas Picton não estava absolutamente interessado pelo que Kurtz pudesse dizer, muito menos em relação a seu chefe.

Uma caixa de cigarros de prata estava em cima da mesa, com as assinaturas de seus colegas oficiais na tampa. Picton abriu-a e estendeu-a, quanto menos não fosse para Kurtz admirar seu esplendor. Kurtz disse que não fumava. Picton devolveu a caixa ao lugar correto, uma exibição encerrada. Houve uma batida na porta e dois homens foram admitidos, um de cinza, outro de *tweed.* O de cinza era um galês peso-galo, de 40 anos, com marcas de garras nas mandíbulas inferiores. Picton apresentou-o como "meu inspetor-chefe".

– Receio que nunca estive em Jerusalém, senhor – anunciou o inspetor-chefe, erguendo-se na ponta dos pés e baixando o paletó ao mesmo tempo, como se estivesse tentando se esticar por mais dois ou três centímetros. – A patroa é a favor de passar o Natal em Belém, mas Cardiff sempre foi bom o bastante para mim.

O de *tweed* era o Capitão Malcolm, que possuía a classe pela qual Picton às vezes ansiava e sempre detestava. Malcolm exibia uma cortesia suave, que era por si mesma uma agressão.

– Muito prazer, senhor – disse ele a Kurtz, suavemente, com muita sinceridade, estendendo a mão, antes que Kurtz precisasse.

Mas quando chegou a vez de Litvak, o Capitão Malcolm pareceu não entender direito seu nome.

– Pode repetir, companheiro?

– Levene – repetiu Litvak, não tão suavemente. – Tenho a sorte de trabalhar com o Sr. Raphael.

Uma mesa comprida estava preparada para uma reunião. Não havia retratos. . . nenhuma fotografia emoldurada de uma esposa, nem mesmo da Rainha em Kodachrome. As janelas davam para um pátio vazio. A surpresa foi o cheiro persistente de óleo, como se um submarino tivesse acabado de passar por ali. Picton foi logo dizendo: – Por que simplesmente não fala logo o que quer, Sr... – A pausa foi longa demais. – ... Raphael, não é mesmo?

A frase tinha pelo menos urna curiosa adequação. Enquanto Kurtz abria a pasta e começava a distribuir os dossiês, a sala foi sacudida pelo impacto prolongado de uma carga explosiva, detonada em condições controladas.

– Conheci outrora um Raphael – comentou Picton, enquanto abria a pasta e espiava, como uma primeira olhada num cardápio. – Nós o fizemos prefeito por algum tempo. Um camarada jovem. Mas vamos esquecer a cidade. Não era você, não é mesmo?

Com um sorriso triste, Kurtz lamentou não ser essa pessoa tão afortunada.

– Nenhum parentesco? Raphael. . . como o pintor, não é mesmo? – Picton virou duas páginas. – Mas nunca se sabe, não é mesmo?

A paciência de Kurtz era extraordinária. Nem mesmo Litvak, que já o vira exibir uma centena de variações diferentes de sua identidade, poderia prever um controle tão perfeito dos demônios que havia dentro dele. A energia esfuziante desaparecera inteiramente, sendo substituída pelo sorriso servil do oprimido. Até mesmo sua voz, pelo menos para começar, tinha um tom tímido, de quem pedia desculpas.

– *Mesterbine* - leu o inspetor-chefe. – É assim que se pronuncia?

O Capitão Malcolm, ansioso em demonstrar seu conhecimento de línguas, interceptou a pergunta: – É mesmo *Mesterbine,* Jack.

– Os detalhes pessoais estão do lado esquerdo, cavalheiros – informou Kurtz, indulgentemente, fazendo uma pausa para que eles examinassem as pastas por mais algum tempo. – Comandante, precisamos de sua promessa solene em relação ao uso e distribuição.

Picton ergueu lentamente a cabeça loura.

– Por escrito?

Kurtz exibiu um sorriso contrafeito.

– A palavra de um oficial britânico certamente será suficiente para Misha Gavron.

– Concordo então – disse Picton, com um rubor inconfundível de raiva.

Kurtz passou rapidamente para a pessoa menos controvertida de Anton Mesterbein.

– O pai é um suíço conservador, com uma grande casa à beira do lago, comandante. Não tem interesses conhecidos além de ganhar dinheiro. A mãe é uma livre-pensadora de esquerda radical, passa metade do ano em Paris, mantém ali um salão sempre aberto, muito popular entre a comunidade árabe. . .

– Isso toca algum sino em sua memória, Malcolm? – interveio Picton.

– Um ligeiro repicar, senhor.

– O jovem Anton, o filho, é um advogado importante – continuou Kurtz. – Estudou ciência política em Paris, filosofia em Berlim. Cursou Berkeley por um ano, direito e política. Estudou em Roma por um semestre, quatro anos em Zurique, formando-se *magna cum laude*.

– Um intelectual – disse Picton.

Era como se ele estivesse murmurando a palavra leproso. Kurtz aceitou a descrição.

– Politicamente diríamos que o Sr. Mesterbein se inclina para o lado da mãe.. . enquanto financeiramente favorece o pai.

Picton deixou escapar a risada estrondosa de um homem sem humor. Kurtz fez uma pausa pelo tempo suficiente para partilhar a graça com ele.

– A fotografia do dossiê foi tirada em Paris, mas o Sr. Mesterbein exerce a advocacia em Genebra, um escritório no centro da cidade que se dedica ao atendimento de estudantes radicais, elementos do Terceiro Mundo e trabalhadores estrangeiros. Diversas organizações progressistas sem dinheiro também figuram entre os clientes.

Ele virou uma página, convidando a audiência a acompanhá-lo. Usava óculos de lentes grossas na ponta do nariz, o que lhe dava uma aparência de escriturário de um banco.

– Já o pegou, Jack? – perguntou Picton ao inspetor-chefe.

– Não, senhor.

– Quem é a loura que está bebendo junto com ele, senhor? – perguntou o Capitão Malcolm.

Mas Kurtz tinha o seu roteiro definido e, apesar de sua aparente docilidade, não ia permitir que Malcolm o desviasse.

– Em novembro passado, o Sr. Mesterbein compareceu a uma conferência dos chamados Advogados pela Justiça, em Berlim Oriental, na qual a delegação palestina teve uma audiência. . . por mais parcial que possa parecer tal opinião. – Ele acrescentou a última frase com uma jovialidade mansa, mas ninguém riu. – Em abril, atendendo a um convite formulado nessa ocasião, o Sr. Mesterbein fez sua primeira visita registrada a Beirute. Apresentou seus respeitos a duas das organizações mais militantes ali sediadas.

– Procurando negócios, hem? – disse Picton.

Ao falar, Picton cerrou a mão direita e socou o ar. Tendo assim libertado a mão, rabiscou alguma coisa no bloco à sua frente. Arrancou a folha e entregou-a ao suave Malcolm, que sorriu para todos e depois deixou a sala silenciosamente.

– Voltando dessa visita a Beirute – continuou Kurtz – o Sr. Mesterbein parou em Ancara, onde manteve conversações com determinados ativistas clandestinos turcos, empenhados, entre outros objetivos, na eliminação do sionismo.

– Mas que camaradas ambiciosos! – comentou Picton.

Desta vez, porque era um gracejo de Picton, todos riram ruidosamente, exceto Litvak. Com uma rapidez surpreendente, Malcolm voltara de sua missão.

– Receio que não seja tão divertido assim – murmurou ele, suavemente.

Devolvendo o pedaço de papel a Picton, Malcolm sorriu para Litvak e retomou seu lugar. Litvak parecia ter adormecido. Repousara o queixo nas mãos compridas e inclinara a cabeça para a frente, sobre o seu dossiê fechado. Sua expressão, graças às mãos, era indefinida.

– Contou alguma coisa disso tudo aos suíços? – indagou Picton, empurrando para o lado o papel que Malcolm lhe devolvera.

– Não, comandante, ainda não informamos aos suíços – confessou Kurtz, num tom que sugeria que isso acarretava um problema.

– Pensei que vocês fossem muito ligados aos suíços.

– Claro que somos chegados aos suíços. Contudo, o Sr. Mesterbein tem diversos clientes que são domiciliados, plenamente ou em parte, na República Federal da Alemanha, um fato que nos deixa numa situação bastante embaraçosa.

– Não estou entendendo – disse Picton, obstinadamente. – Pensei que vocês e os boches tivessem feito as pazes há muito tempo.

O sorriso de Kurtz poderia ter sido gravado na pele, mas a resposta foi um modelo de evasiva:

– Isso é verdade, comandante. Não obstante, Jerusalém ainda acha. . . tendo em vista a sensibilidade de nossas fontes e a complexidade da simpatia política alemã no momento. . . que não podemos alertar nossos amigos suíços sem também informar a seus equivalentes alemães. Mas fazer tal coisa seria impor um fardo injusto de silêncio aos suíços, em seus contatos com Wiesbaden.

Picton sabia perfeitamente o que significava o silêncio. Seu olhar irritado de incredulidade já fizera maravilhas com homens de uma espécie inferior, que estavam preocupados com o que poderia lhes acontecer em seguida.

– Imagino que já soube que aquele inseto do Alexis voltou a ser guindado lá para cima – disse Picton de repente, a propósito de nada.

Alguma coisa em Kurtz estava começando a fazê-lo se conter. Era um reconhecimento, se não da pessoa, pelo menos da espécie. Kurtz disse que já soubera disso, é claro. Mas aparentemente era algo que não o afetava, pois continuou em frente, para o item seguinte.

– Espere um instante – disse Picton, olhando para o item dois do dossiê. – Conheço essa beleza. É um gênio que marcou um gol contra na auto-estrada de Munique, há um mês. E levou junto a sua boneca holandesa, não é mesmo?

Abandonando por um momento o seu manto de humildade simulada, Kurtz apressou-se em dizer:

– É isso mesmo, comandante. E temos a informação de que tanto o veículo como os explosivos desse lamentável acidente foram fornecidos pelos contatos do Sr. Mesterbein em Ancara e levados para o norte, até a Áustria, através da Iugoslávia.

Pegando o pedaço de papel que Malcolm lhe devolvera, Picton começou a despachá-lo para frente e para trás, como se fosse míope, o que não era o caso.

– Fui informado que nossa caixa mágica lá embaixo não contém um único Mesterbein – anunciou ele, com uma indiferença simulada. – Nem na lista branca nem na lista negra, em parte alguma.

Kurtz pareceu ficar mais satisfeito do que o inverso.

– Comandante, isso não reflete nenhuma ineficiência de seu excelente departamento de registros. Eu diria que até poucos dias o Sr. Mesterbein era considerado também por Jerusalém como inócuo. O mesmo acontecia com seus cúmplices.

– Inclusive a loura? – perguntou o Capitão Malcolm, voltando à companheira de Mesterbein.

Mas Kurtz limitou-se a sorrir, ajeitando os óculos, como um meio de atrair a atenção da audiência para a fotografia seguinte. Era uma das muitas que a equipe de vigilância em Munique tirara do outro lado da rua, mostrando Yanuka à noite, prestes a entrar em seu prédio de apartamentos, no outro lado da rua. Estava meio desfocada, como tende a acontecer com fotografias infravermelhas, mas mostrava-o claramente o bastante para propósitos de identificação. Ele estava em companhia de uma loura alta, que aparecia de perfil. Ela estava um pouco recuada, enquanto Yanuka inseria a chave na porta. Era a mesma mulher que já atraíra a atenção do Capitão Malcolm na fotografia anterior.

– Onde estamos agora? – indagou Picton. – Não é mais Paris. Os prédios são diferentes.

– Munique – informou Kurtz, fornecendo o endereço.

– E o *quando?* – perguntou Picton, tão bruscamente que se poderia imaginar que por um momento tomava Kurtz como

um dos seus próprios subordinados.

Mas Kurtz novamente preferiu ignorar a pergunta.

– O nome da mulher é Astrid Berger – disse ele.

Mais uma vez, o olhar de Picton fixou-se nele com uma expressão desconfiada. Privado por tempo demais de discursos prolongados, o policial galês resolveu nesse momento ler em voz alta as informações pessoais em relação à Srta. Berger.

– Berger, Astrid, também conhecida como Edda, Helga e diversos outros nomes. Nasceu em Bremen, em 1954, filha de um rico armador. Eu diria que está se movendo em círculos, Sr. Raphael. Educada nas universidades de Bremen e Frankfurt, formada em política e filosofia em 1978. Contribuições eventuais para publicações radicais e satíricas da Alemanha Ocidental. Último endereço conhecido em Paris, em 1979. Visitante frequente do Oriente Médio...

Picton interrompeu-o:

– Outra maldita intelectual. Verifique-a, Malcolm.

Enquanto Malcolm tornava a deixar a sala, Kurtz habilmente retomou a iniciativa: – Se quiser fazer a gentileza de comparar as datas, comandante, vai verificar que a mais recente visita da Srta. Berger a Beirute ocorreu em abril deste ano, coincidindo assim com a própria viagem do Sr. Mesterbein. Ela esteve também em Istambul durante a escala do Sr. Mesterbein. Seguiram em voos diferentes, mas ficaram hospedados no mesmo hotel. Por favor, Mike. Obrigado.

O que Litvak estava apresentando eram as cópias fotostáticas dos registros de hotel do Sr. Anton Mesterbein e Srta. Astrid Berger, datadas de 18 de abril. Havia também uma reprodução bastante reduzida de uma conta quitada, paga por Mesterbein. O hotel era o Hilton de Istambul. Enquanto Picton e o inspetor-chefe examinavam os documentos, a porta tornou a se abrir e fechar.

– Também NC sobre Astrid Berger, senhor – informou Malcolm, com um sorriso desolado. – Dá para acreditar nisso?

– Por favor, isso significa Nada Consta? – perguntou Kurtz, suavemente.

Pegando a caneta de prata com as pontas das mãos, Picton girou-a diante de seu olhar dispéptico.

– É, sim – murmurou ele, pensativo. – Isso mesmo. Vamos para os primeiros da turma, Sr. Raphael.

A terceira fotografia de Kurtz – ou, como Litvak mais tarde chamou irreverentemente, sua terceira carta no blefe – fora tão bem forjada que até mesmo os melhores peritos em reconhecimento aéreo de Tel Aviv haviam deixado de identificá-la, entre as muitas que foram convidados a examinar. Mostrava Charlie e Becker aproximando-se do Mercedes, no pátio do hotel em Delfos, na manhã da: partida deles. Becker carregava a bolsa de Charlie e sua própria valise preta. Charlie estava em sua indumentária grega e levando a guitarra. Becker usava o *blazer* vermelho, camisa de seda e sapatos Gucci. Tinha a mão enluvada estendida para a porta do Mercedes. E também usava a cabeça de Michel.

– Comandante, esta fotografia foi tirada por um acaso afortunado, apenas duas semanas antes do incidente da bomba, nos arredores de Munique, no qual, como disse com toda razão, uma dupla de terroristas teve o infortúnio de destruir a si mesma, com seus próprios explosivos. A moça ruiva em primeiro plano é uma cidadã britânica. Seu acompanhante tratava-a como Joana. Por sua vez, ela o chamava de Michel. O que não era o nome que constava no passaporte dele.

A mudança de clima foi com uma súbita queda de temperatura. O inspetor-chefe sorriu para Malcolm, que também pareceu sorrir em resposta. Mas gradativamente, ficou evidente que o sorriso de Malcolm tinha muito pouco a ver com o que comumente se toma por humor. Mas foi a imobilidade total de Picton que ocupou o centro do palco – a recusa dele, ao que parecia, em absorver qualquer informação que não fosse a fotografia à sua frente. Pois Kurtz, com sua referência a uma cidadã britânica, aventurara-se como que inconscientemente pelo território sagrado de Picton. E nenhum homem podia fazer isso sem correr sérios riscos.

– *Um acaso afortunado* – repetiu Picton, os lábios semicerrados, enquanto continuava a olhar fixamente para a fotografia. – Um *bom amigo* que por sorte estava com a câmara pronta para disparar. . . esse tipo de maldito acaso afortunado.

Kurtz sorriu timidamente, mas não disse nada.

– Bateu algumas chapas. . . e mandou para Jerusalém, pois nunca se sabe. Terrorista que por acaso ele reconheceu em férias... pensou que poderia ser útil.

O sorriso de Kurtz se alargou. Para sua surpresa, viu Picton sorrindo em retribuição, embora não com muito humor.

– Mas acho que estou me lembrando que existem amigos assim. E, pensando nisso, lembro que vocês têm amigos em toda parte. Nos lugares mais altos, nos mais baixos, nos ricos.. .

Por um momento lamentável, parecia que antigas frustrações de Picton, de seus tempos na Palestina, haviam ressuscitado inesperadamente e ameaçavam irromper numa explosão de ira. Mas ele se conteve. Controlou as feições, reprimiu o ímpeto da voz. Relaxou o sorriso, até que pudesse passar por amistoso. Mas o sorriso de Kurtz resistia a qualquer intempérie enquanto o rosto de Litvak estava tão contorcido pela mão que ele podia muito estar rindo de não se aguentar ou reprimindo uma dor de dentes furiosa, pelo que os outros podiam saber.

Limpando a garganta, o inspetor-chefe, com uma bonomia galesa, arriscou outra intervenção oportuna:

– Mesmo levando-se em consideração que ela era inglesa, senhor, o que me parece hipotético nas circunstâncias, não há qualquer lei neste país que proíba uma mulher de ir para a cama com palestinos, não é mesmo? Não podemos lançar uma caçada nacional a uma mulher só por causa disso. Ora, se nós...

– Ele tem mais – disse Picton, tornando a concentrar seu olhar em Kurtz. – *Muito* mais.

Mas o tom insinuava ainda mais: *eles sempre têm,* era o que dizia.

O bom humor cortês inabalável, Kurtz convidou a audiência a examinar o Mercedes, à direita da fotografia. Que o perdoassem por não saber muita coisa a respeito de carros, mas seus homens haviam-no informado que se tratava de um modelo conversível, vermelho vinho, com antena de rádio na frente, no para-lama, dois espelhos laterais, tranca central e cintos de segurança só na frente. Em todos esses detalhes e muitos outros que não eram visíveis, disse ele, o Mercedes na fotografia correspondia ao que fora acidentalmente explodido nos arredores de Munique e do qual a parte da frente milagrosamente ficara ilesa. Malcolm teve uma solução súbita.

– Mas certamente, senhor. . . toda essa história de que a mulher é inglesa. . . por acaso não é a holandesa? Cabelos vermelhos, cabelos louros. .. . isso nada significa. Neste caso, pode ser que *inglesa* seja apenas a língua comum.

– Fique quieto – ordenou Picton, acendendo um cigarro, sem oferecer a ninguém. – Deixe-o continuar.

Ele absorveu uma vasta quantidade de fumaça, sem expeli-la. A voz de Kurtz, ao continuar, engrossou inesperadamente, ao mesmo tempo em que os ombros pareciam se alargar, pelo menos por um momento. Ele colocara os punhos sobre a mesa, nos lados do dossiê.

– Temos também a informação, comandante, de uma fonte diferente – anunciou Kurtz, mais incisivamente – que na viagem para o norte desde a Grécia, através da Iugoslávia, o mesmo Mercedes foi dirigido por uma mulher com passaporte britânico. O amante não a acompanhou. Pegou um avião para Salzburgo. A empresa aérea, Austrian Airways, reservou-lhe acomodações em Salzburgo, no hotel Osterreichischer Hof. Nossas investigações indicam que o casal se registrou ali como Monsieur e Madame Laserre, embora a mulher não falasse francês, apenas inglês. Ela é lembrada por sua aparência atraente, cabelos vermelhos, a ausência de aliança e a guitarra, o que causou alguma diversão. Também é lembrada por ter deixado o hotel no início da manhã com o marido, voltando mais tarde, no mesmo dia, para usar suas instalações. O chefe da portaria se lembra de ter chamado um táxi para levar Madame Laserre ao aeroporto de Salzburgo. Ele se lembra da ocasião em que chamou o táxi: duas hora da tarde, pouco antes de deixar o serviço. Ofereceu-se para confirmar a reserva de voo e verificar se o avião não estava atrasado, mas Madame Laserre não o deixou fazer isso, presumivelmente porque viajaria sob outro nome. Três voos saíram de Salzburgo mais ou menos nesse horário, um deles da Austrian para Londres. A recepcionista do balcão da Austrian Airways no aeroporto lembra nitidamente de uma ruiva inglesa que tinha uma passagem de *charter* em aberto de Tessalônica para Londres e queria que fosse alterada, o que não era possível. Ela foi obrigada a comprar uma passagem só de ida, que pagou em dólares americanos, quase tudo em notas de 20.

– Não seja tão arisco – resmungou Picton. – Qual é o nome dela?

Ele apagou o cigarro, violentamente, comprimindo-o por muito tempo depois que já deixara de se debater. Em resposta à pergunta, Litvak já estava distribuindo fotocópias de uma lista de passageiros. Parecia pálido e poderia estar doente, sofrendo alguma dor intensa. Depois de contornar a mesa, ele serviu-se de um pouco de água da garrafa, embora mal tivesse balbuciado qualquer palavra durante toda a manhã.

– Para nossa consternação inicial, comandante, não havia nenhuma Joana – confessou Kurtz, enquanto eles examinavam

a lista de passageiros. – O melhor que pudemos encontrar foi uma tal de Charmian. O sobrenome está na lista. A recepcionista da Austrian Airlines confirma a nossa identificação... número 38 na lista. A recepcionista se lembra até da guitarra. Por um feliz acaso, ela própria é uma devota do grande Manitas de Plata. Por isso mesmo, a guitarra deixou uma impressão indelével em sua memória.

– Outra maldita amiguinha – resmungou Picton, enquanto Litvak tossia.

O último item da exposição de Kurtz também saiu da pasta de Litvak. Kurtz estendeu as duas mãos para pegar e Litvak entregou: um maço de fotografias, ainda úmidas do laboratório. Foi mostrando-as sumariamente, como cartas que podia se dar ao luxo de descartar. Mostravam Mesterbein e Helga num salão de partida de aeroporto. Mesterbein estava com o olhar perdido no espaço, meio desconsolado; Helga, por trás dele, comprava uma garrafa de uísque. Mesterbein carregava um ramo de orquídeas, envoltas por papel fino do aeroporto.

– Aeroporto de Orly, há 36 horas – disse Kurtz, enigmaticamente. – Berger e Mesterbein, prestes a voarem de Paris para Exeter. Mesterbein contratou um carro da Hertz, sem motorista, para estar à sua disposição assim que chegasse ao aeroporto em Exeter. Voltaram a Paris ontem, pelo mesmo percurso, sem as orquídeas. Berger estava viajando sob o nome de Maria Brinkhausen, suíça, um novo pseudônimo, que podemos acrescentar aos muitos outros que já usou. O passaporte era de uma remessa preparada pelos alemães orientais para uso palestino.

Desta vez, Malcolm não esperou pela ordem. Já estava passando pela porta.

– É uma pena que não tenham também uma fotografia deles chegando a Exeter – disse Picton, insinuantemente, enquanto esperavam.

– Como sabe muito bem, comandante, não poderíamos fazer isso – respondeu Kurtz, suavemente.

– Eu sei.

– Nossos superiores têm um acordo de ação recíproca, senhor. Não se pode pescar nas águas do outro sem um consentimento prévio por escrito.

– Ora, isso... – murmurou Picton, contrafeito.

O policial galês mais uma vez aplicou seu bálsamo diplomático: – Exeter é a cidade natal dela, senhor? Uma moça de Devon? Não acha que é difícil imaginar uma camponesa se envolvendo com o terror, pelo menos numa situação normal?

Mas as informações de Kurtz pareciam ter cessado por completo na costa inglesa. Ouviram passos subindo pela escada grande, o rangido das botas de camurça de Malcolm. O galés, sempre intrépido, tentou de novo: – Eu diria que, por algum motivo, nunca penso em ruivas como *Devon.* Nem *Charmian,* para ser sincero. Bess, Rose, pode ser... Posso imaginar uma Rose. Mas não Charmian, não Devon. Pelo interior, eu diria que *Charmian* já era. Londres é mais provável.

Malcolm entrou na sala cautelosamente, um passo macio se seguindo a outro. Carregava nos braços, como roupas de cama, uma pilha de pastas: os frutos das incursões de Charlie pela esquerda militante. As de baixo estavam marcadas pela idade e o uso. Recortes de imprensa e panfletos saíam pelas beiras.

– Devo declarar, senhor – murmurou Malcolm, com um grunhido de alívio ao depositar o fardo na mesa – que se ela *não* é a nossa mulher, então deveria ser.

– Almoço – disse Picton, bruscamente.

Depois de murmurar um fluxo de ordens furiosas para os dois subordinados, ele conduziu os visitantes a uma vasta sala de jantar, recendendo a repolho e verniz de móveis.

Um lustre em formato de abacaxi estava suspenso sobre a mesa de 10 metros de comprimento, duas velas ardiam, dois garçons de casacos brancos lustrosos atendiam a todas as necessidades deles. Picton comeu impassivelmente. Litvak, terrivelmente pálido, espetava a comida como um inválido. Mas Kurtz estava indiferente aos acessos dos outros. Falou animadamente, embora não sobre negócios, é claro, comentando que o comandante provavelmente não reconheceria Jerusalém, se algum dia tivesse a sorte de voltar lá, exprimindo o quanto apreciava a sua primeira refeição num refeitório de oficiais ingleses. Mesmo assim, Picton não permaneceu sentado durante toda a refeição. Por duas vezes, Malcolm chamou-o até a porta para conversas sussurradas; em outra ocasião, foi chamado ao telefone por seu superior. E quando chegou o pudim, ele se levantou de repente, como se tivesse levado uma ferroada, entregou o guardanapo ao garçom e saiu, ostensivamente para dar alguns telefonemas, mas talvez também para consultar o armário trancado em seu gabinete, onde mantinha uma

provisão particular.

O parque, além da presença das sentinelas permanentes, estava tão vazio quanto um campo de jogo escolar no primeiro dia das férias. Picton andava por ele com o desassossego caprichoso de um dono de terras, examinando as cercas irritado, espetando com a bengala qualquer coisa cuja aparência não o agradava. Vinte centímetros abaixo dele, Kurtz se balançava alegremente ao seu lado. A distância, poderiam parecer um prisioneiro e seu captor, embora não se tivesse certeza de quem era o quê. Por trás deles vinha Litvak, segurando as duas pastas; e por trás de Litvak vinha a Sra. 0'Flaherty, a legendária cadela alsaciana de Picton.

– O Sr. Levene gosta de escutar, não é mesmo? - disse Picton bruscamente, alto o bastante para que Litvak ouvisse. – Bom ouvinte, boa memória? Isso me agrada.

– Mike está sempre por perto, comandante – respondeu Kurtz, com um sorriso submisso. – Mike vai a toda parte.

– Ele me parece um camarada muito mal-humorado. Meu chefe disse que devia ser uma conversa pessoal, se você não se incomoda.

Kurtz virou-se e disse alguma coisa a Litvak em hebraico. Litvak ficou para trás, a uma distância em que não poderia ouvir a conversa. E foi uma coisa estranha, que nem Kurtz nem Picton poderiam explicar, mesmo que sequer admitissem, que um senso indefinido de camaradagem surgisse entre os dois, assim que ficaram a sós.

A tarde estava nublada e ventava. Picton emprestara a Kurtz um casaco de lã, o que lhe dava a aparência de um lobo-do-mar. Picton usava um casaco militar. Seu rosto ficara instantaneamente sombrio com o ar fresco.

– É muita gentileza sua ter vindo até aqui só para nos falar a respeito dela – disse Picton, como um desafio. – Meu chefe vai agradecer ao velho Misha.

– Tenho certeza de que Misha ficará satisfeito.

– Mesmo assim, é muito estranho. Vocês nos alertando sobre nossos próprios terroristas. No meu tempo, o tráfego tendia a ser na outra direção.

Kurtz fez um comentário apaziguador sobre a roda da história, mas Picton não era um poeta.

– A operação é de vocês, é claro – continuou Picton. – Suas fontes, seu trabalho. Meu chefe está sendo inflexível nisso. Nosso trabalho é ficar esperando e fazer o que nos mandarem.

Kurtz disse que a cooperação era a coisa mais importante atualmente. Por um segundo, Picton deu a impressão de que poderia explodir. Seus olhos amarelados se dilataram, o queixo encolheu contra o pescoço e ali ficou. Talvez para se acalmar, ele acendeu um cigarro, virando as costas ao vento e entortando as mãos imensas, a fim de proteger a chama.

– Enquanto isso, tenho certeza de que você ficará espantado ao saber que suas informações estão confirmadas – disse ele, com um sarcasmo evidente, enquanto jogava o fósforo para longe. – Berger e Mesterbein voaram de Orly para Exeter, pegaram um carro da Hertz ao chegarem ao aeroporto de Exeter, percorreram quase setecentos quilômetros. Mesterbein pagou com um cartão de crédito da American Express, em seu próprio nome. Não se sabe onde eles passaram a noite, mas sem dúvida você vai nos informar, na ocasião oportuna.

Kurtz manteve um silêncio virtuoso.

– Quanto à mulher em questão – continuou Picton, com a mesma jovialidade forçada – você ficará igualmente espantado ao saber que ela está atualmente trabalhando com um grupo de teatro clássico, chamado "Os Heréticos", o que me agrada. Mas você também não sabe disso, não é mesmo? O hotel em que ela está informa que um homem correspondendo à descrição de Mesterbein foi buscá-la depois da sessão. Ela só voltou de manhã. Ao que parece, ela não gosta de esquentar a mesma cama por muito tempo. – Ele permitiu-se uma pausa monumental, que Kurtz preferiu ignorar. – Devo avisá-lo que meu chefe é um oficial e um cavalheiro, vai proporcionar a vocês toda a ajuda possível. Meu chefe se sente muito grato. Grato e comovido. É simpático aos judeus e acha que foi muita gentileza de vocês virem nos procurar para falar a respeito dessa mulher. – Ele lançou um olhar malévolo para Kurtz. – Meu chefe é jovem, entende? É um grande fã do seu país novo, não está disposto a escutar quaisquer suspeitas desagradáveis que *eu* possa ter.

Parando diante de um grande galpão verde, Picton bateu com a bengala na porta de ferro. Um rapaz em sapatos de corrida e macacão azul abriu a porta para o ginásio vazio.

– Sábado – disse Picton, presumivelmente para explicar o clima de abandono.

Ele lançou-se a uma inspeção furiosa das instalações, ora verificando o estado em que se encontravam os vestiários, ora passando um dedo enorme pelas barras paralelas, à procura de vestígios de poeira.

– Soube que vocês estão bombardeando outra vez aqueles acampamentos – comentou Picton, em tom de acusação. – É ideia de Misha, não é mesmo? Misha jamais gostou de usar um espadachim quando um bacamarte podia fazer o mesmo serviço.

Kurtz começou a confessar, com toda sinceridade, que os processos de tomada de decisão nas camadas superiores da sociedade israelense sempre haviam sido um mistério para ele. Mas Picton não tinha tempo para esse tipo de resposta.

– Pois ele não vai escapar impune com isso. Dê-lhe o aviso da minha parte. Os palestinos voltarão para atormentá-los, pelo resto dos tempos.

Desta vez Kurtz limitou-se a sorrir e sacudiu a cabeça, espantado com as coisas do mundo.

– Misha Gavron era da Irgun, não é mesmo? – perguntou Picton, por simples curiosidade.

– Haganah.

– E de onde você era?

Kurtz simulou o pesar contrafeito do perdedor.

– Felizmente ou não, comandante, os Raphaels chegaram a Israel tarde demais para causarem qualquer inconveniência aos britânicos.

– Não me venha com essa besteira. *Eu* sei de onde Misha Gavron tira os seus amigos. Eu lhe dei o maldito emprego.

– Foi o que ele me falou, comandante – disse Kurtz, com seu sorriso à prova d'água.

O rapaz atlético estava segurando uma porta aberta. Os dois passaram. Numa estante comprida de vidro havia diversas armas de fabricação caseira para se matar silenciosamente: um porrete de madeira pequeno com pregos na ponta, um alfinete comprido de chapéu, bastante enferrujado, com um cabo de madeira acrescentando, seringas domésticas, um garrote improvisado.

– Os rótulos estão desbotados – disse Picton bruscamente para o rapaz, depois de contemplar com nostalgia esses instrumentos por algum tempo. – Quero novos rótulos até as dez horas da manhã de segunda-feira, ou você vai se haver comigo.

Ele voltou ao ar fresco, com Kurtz a seu lado. A Sra. O'Flaherty, que ficara esperando do lado de fora, saiu andando nos calcanhares do dono.

– Muito bem, o que vocês querem? – indagou Picton, como um homem compelido contra a sua vontade a ceder. – Não me diga que veio até aqui só para me trazer uma carta de amor do meu velho companheiro Misha, porque não vou acreditar. Por falar nisso, duvido muito que eu possa acreditar em qualquer coisa que me diga. Sou difícil de convencer, em tudo o que se relaciona com vocês.

Kurtz sorriu e sacudiu a cabeça, em apreciação ao espírito britânico de Picton.

– Ora, senhor, Misha acha que uma simples prisão está fora de questão neste caso – explicou ele, no tom de um mero mensageiro. – Por causa da delicadeza de nossas fontes.

– Pensei que todas as fontes de vocês fossem constituídas por bons amigos.

– E mesmo que Misha consentisse numa prisão formal – continuou Kurtz, ainda sorrindo – ele se pergunta que acusações poderiam ser formuladas contra a mulher e em que tribunal. Quem pode provar que os explosivos estavam no carro quando ela o guiou? Ela dirá que os explosivos foram colocados depois. O que nos deixa com a violação de menor importância de guiar um carro através da Iugoslávia com documentos falsos. E onde estão esses documentos? Quem pode provar que existiram? O caso é muito frágil.

– Tem razão. Misha por acaso está virando advogado, agora que ficou velho? Mas é verdade, seria um caso típico de caçador ilegal que se transforma em guarda-caça.

– E há também, alega Misha, a questão do valor da moça. O valor dela para nós e para vocês, na situação em que se encontra no momento. No que poderíamos chamar de seu estado de. quase inocência. O que ela sabe, no final das contas? O que pode revelar? Basta pensar no caso da Srta. Larsen.

– Larsen?

– A holandesa que estava envolvida no lamentável acidente nos arredores de Munique.

– O que há com ela?

Estacando abruptamente, Picton virou-se para Kurtz, com um olhar irritado, impregnado de crescente suspeita.

– A Srta. Larsen também guiava carros e realizava missões para o seu namorado palestino. O mesmo namorado, diga-se de passagem. A Srta. Larsen até plantava bombas para ele. Duas. Talvez três. Ela estava bastante incriminada. - Kurtz sacudiu a cabeça. – Mas em termos de informações aproveitáveis, comandante, ela era um recipiente vazio. – Indiferente à proximidade ameaçadora de Picton, Kurtz ergueu os braços e abriu-os, a mostrar como o recipiente era vazio. – Apenas uma garota que gostava de agitação, gostava do perigo e dos homens, gostava de agradar. E eles nada lhe contavam. Nenhum endereço, nenhum nome, nenhum plano. Absolutamente nada.

– Como sabe disso? – perguntou Picton, acusador.

– Tivemos uma conversinha com ela.

– Quando?

– Há algum tempo. Bastante tempo. Uma pequena transação de conte-e-ganhe, antes de a largarmos de volta no aquário. Sabe como são essas coisas.

– Imagino que talvez cinco minutos antes de explodirem-na – sugeriu Picton, enquanto seus olhos amarelados e letais continuavam fixados em Kurtz.

Mas o sorriso de Kurtz permaneceu maravilhosamente inabalável e ele disse, com um suspiro:

– Se as coisas fossem tão fáceis assim, comandante...

– Perguntei o que queria, Sr. Raphael.

– Gostaríamos de pô-la em movimento, comandante.

– Foi o que imaginei.

– Gostaríamos que ela fosse um pouco pressionada, mas não presa. Gostaríamos que ela ficasse apavorada. . . tão apavorada que talvez seja obrigada a fazer um novo contato com sua gente. Ou eles com ela. Gostaríamos de levá-la até o fundo. O que chamamos de agente inconsciente. Claro que partilharíamos o produto com vocês. E quando a operação estiver encerrada, vocês podem ficar tanto com a mulher quanto com o crédito.

– Ela já fez contato – objetou Picton. – Eles não a encontraram na Cornualha, levando um ramo de malditas flores?

– Comandante, nossa avaliação desse encontro é de que foi apenas um contato de exploração, meramente especulativo. Por si mesmo, receamos que esse encontro não possa proporcionar qualquer fruto adicional.

– E como podem saber disso? – A voz de Picton estava impregnada com uma ira aturdida. – Mas posso explicar como! Estavam com os ouvidos grudados no buraco da fechadura! O que pensa que eu sou, Sr. Raphael? Alguma espécie de abutre? Aquela garota lhe pertence, Sr. Raphael. Sei disso. Conheço vocês, os judeus, conheço Misha, estou começando a conhecer *você*!

A voz dele se alteara alarmantemente. Adiantando-se a Kurtz, ele esperou até ficar sob controle. Tornou a esperar que Kurtz o alcançasse.

– Tenho um bom roteiro na cabeça neste momento, Sr. Raphael. Gostaria de partilhá-lo com você. Permite?

– Será um privilégio, comandante – disse Kurtz, jovialmente.

– Obrigado. O truque geralmente é feito com carne morta. Arruma-se um bom cadáver, veste-se convenientemente e deixa-se em algum lugar onde o inimigo não poderá deixar de encontrar. "Mas o que é isso?", diz o inimigo. "Um cadáver carregando uma pasta? Vamos dar uma olhada no que tem dentro." Eles olham e encontram uma pequena mensagem. "Ora essa, ele devia ser um mensageiro! Vamos ler a mensagem e cair na armadilha." E assim eles fazem. E todos ganhamos medalhas. Costumávamos chamar isso de desinformação, visando a desorientar a atenção do inimigo. O que era muito bom.

O sarcasmo de Picton era tão terrível quanto sua ira.

– Mas isso é simples demais para você e Misha. Sendo um bando de fanáticos refinados, resolveram ir muito mais longe. "Nada de carne morta para nós. Essa não! Vamos usar carne viva. Carne árabe. Carne holandesa." E foi o que fizeram.

E explodiram essa carne dentro de um lindo Mercedes vermelho. Que era deles. O que eu não sei, é claro... e nunca saberei, porque você e Misha vão negar toda a história até a hora da morte, não é mesmo?... é onde vocês plantaram essa desinformação. Mas que plantaram não tenho a menor dúvida. E, agora, eles morderam a isca. Ou nunca teriam levado as lindas flores para aquela garota, não é mesmo?

Sacudindo a cabeça com uma expressão pesarosa, mas de admiração pela fantasia divertida de Picton, Kurtz começou a se afastar dele. Mas Picton, com o toque rápido e infalível de um policial, manteve-o onde estava.

– Quero que diga uma coisa ao seu sanguinário chefe Gavron. Se estou certo e vocês recrutaram alguém dos nossos cidadãos sem o devido consentimento, irei pessoalmente a seu repulsivo país e lhe arrancarei os colhões. Entendido?

Mas, subitamente, como se fosse contra a sua vontade, o rosto de Picton relaxou num sorriso quase terno de recordação.

– O que era mesmo que o velho demônio costumava dizer? Alguma coisa relacionada com tigres, não é mesmo? Você deve saber.

Kurtz também dizia a mesma coisa. Com frequência. Exibindo o seu sorriso de pirata, ele tornou a dizer agora:

– Se você quer pegar o leão, amarre primeiro a cabra.

Passado o momento de intimidade de adversários, as feições de Picton voltaram a parecer de pedra.

– Em termos formais, Sr. Raphael, com os cumprimentos de meu chefe, seu serviço conseguiu um acordo. – Virando-se bruscamente, ele se encaminhou para a casa, deixando Kurtz e Sra. O'Flaherty a segui-lo. – E pode lhe dizer também outra coisa – acrescentou Picton, apontando sua bengala para Kurtz, numa afirmação definitiva de sua autoridade colonial. – Quero que ele faça o favor de parar de usar nossos malditos passaportes. Se outras pessoas podem muito bem passar sem eles, seu chefe também pode.

Para a viagem de volta a Londres, Kurtz sentou Litvak no banco da frente, a fim de ensinar-lhe as maneiras britânicas. Meadows, que adquirira uma voz, queria discutir o problema da Margem Ocidental: como acha que se poderá resolver o problema, senhor, uma solução permanente, ao mesmo tempo que se faz justiça aos árabes? Isolando-se da conversa fútil dos dois, Kurtz entregou-se totalmente às recordações que até então mantivera a distância.

Há uma forca em funcionamento em Jerusalém onde ninguém mais é enforcado. Kurtz a conhecia muito bem: ficava perto da área da antiga colônia russa, no lado esquerdo de quem segue por uma estrada velha e para diante de um par de velhos portões, que levam à "Prisão Central de Jerusalém". As placas dizem "para o museu", mas também falam em "Palácio do Heroísmo". Há um ancião todo encarquilhado que fica zanzando do lado de fora, faz uma mesura quando alguém se aproxima, arrastando o chapéu preto pela poeira. A taxa de entrada é de 15 siclos, mas está subindo sempre. Era ali que os britânicos enforcavam os judeus, durante a época em que controlavam a Palestina, com um laço revestido com couro. Na verdade, foram apenas uns poucos judeus, enquanto tinham enforcado incontáveis árabes. Mas fora ali que haviam enforcado dois dos amigos de Kurtz, nos anos em que ele estava no Haganah, com Misha Gavron. Kurtz poderia muito bem ter sofrido o mesmo destino. Os britânicos haviam-no prendido duas vezes e interrogado quatro vezes. Os problemas dentários ocasionais que ele tinha eram atribuídos por seu dentista às surras que recebera nas mãos do jovem agente de segurança britânico, sempre com uma expressão jovial, agora morto, cujo comportamento, embora não sua aparência, lembrava-o um pouco de Picton.

Mas, apesar de tudo, Picton era um homem simpático, pensou Kurtz, com um sorriso interior, enquanto analisava mais um passo bem-sucedido que fora dado pelo caminho. Talvez Picton fosse um pouco rude, um pouco exagerado com a boca e as mãos, um tanto lamentável em seu apego ao álcool, o que era um desperdício, como sempre. Mas no final das contas, era tão justo quanto a maioria dos homens. E também um excelente profissional. Uma mente extraordinária, dentro da violência. Misha sempre dizia que aprendera muita coisa com ele.

19

Era de volta a Londres e à espera. Por duas semanas chuvosas de outono, desde que Helga lhe transmitira a notícia terrível, a Charlie de sua imaginação ingressara num inferno mórbido e vingativo, nele ardendo sozinha. Estou em choque; sou uma mulher enlutada, obsessiva e solitária, sem um amigo a quem possa recorrer. Sou uma combatente particular do meu general, uma revolucionária isolada da revolução. Até mesmo Cathy a abandonara.

– Daqui por diante você terá de se virar sem uma babá – dissera-lhe Joseph, com um sorriso tenso. – Não podemos mais permitir que você continue a entrar periodicamente em cabines telefônicas.

Os encontros durante esse período eram esparsos e objetivos, profissionais, quase sempre ele apanhando-a num carro, em manobras meticulosamente complexas. Joseph a levava às vezes a restaurantes desconhecidos nos subúrbios de Londres. Foram uma vez passear a pé por Bumham Beeches, em outra ocasião visitaram o Jardim Zoológico em Regent's Park. Mas onde quer que estivessem, Joseph falava sobre o estado de espírito dela, instruía-a constantemente sobre diversas emergências, sem jamais chegar a descrever exatamente como seriam.

O que eles farão em seguida?, indagava Charlie.

Eles estão conferindo. Estão observando-a, pensando a seu respeito. Ela se alarmava às vezes com explosões imprevistas de hostilidade contra ele. Mas, como um bom médico, ele se apressava em assegurar-lhe que os sintomas eram normais no estado em que ela se encontrava.

– Afinal, sou o inimigo arquétipo. Matei Michel e se tivesse a oportunidade também a mataria. Deve me encarar com as mais profundas apreensões. Por que não?

Obrigada pela absolvição, pensava Charlie, com um espanto secreto pelas facetas aparentemente intermináveis da esquizofrenia partilhada: compreender é perdoar.

Até que chegou o dia em que Joseph anunciou que deveriam suspender temporariamente encontros de qualquer tipo, a menos que ocorresse uma emergência extrema. Ele parecia saber que alguma coisa estava prestes a acontecer, mas recusou-se a contar a Charlie o que era, com medo de que ela pudesse reagir de maneira diferente do esperado. Ou não reagir absolutamente. Joseph garantiu que estaria por perto, lembrando-a da promessa que fizera na casa em Atenas: estaria por perto, mas não presente de um dia para outro. Tendo assim esticado o senso de insegurança dela quase ao ponto de rompimento, talvez deliberadamente, ele mandou-a de volta à vida de isolamento que inventara para ela. Só que, desta vez, com a morte do amante dela como tema.

Seu apartamento outrora amado, depois de uma diligente negligência, tornara-se agora o santuário desleixado da memória de Michel, um lugar sujo, com o silêncio de uma capela. Livros e panfletos que ele dera estavam espalhados pelo chão e a mesa, virados para baixo, abertos em passagens marcadas. À noite, quando não conseguia dormir, ela sentava-se à mesa com um caderno, no meio da confusão, copiando citações das cartas dele. Seu objetivo era compilar um memorial secreto de Michel, que o revelaria a um mundo melhor como o Che Guevara árabe. Pensava em procurar um editor alternativo que conhecia: "Cartas Noturnas de um Palestino Assassinado", em papel de qualidade inferior, com muitos erros de impressão. Havia uma certa loucura nesses preparativos, como Charlie, sempre que recuava um pouco, podia perfeitamente compreender. Mas, por outro lado, ela também sabia que sem a loucura não haveria sanidade. Havia o papel ou não havia nada.

Suas excursões pelo mundo exterior eram raras. Uma noite, porém, como confirmação adicional para si mesma de sua determinação de levar a bandeira de Michel em batalha por ele, se ao menos conseguisse encontrar o campo de batalha, ela compareceu a uma reunião de camaradas na sala superior de um *pub* em St. Pancras. Encontrou-se com os Muito Loucos, a maioria já drogada à alienação total antes mesmo de chegar lá. Mas ela ficou até o final, assustando a si mesma e aos outros com uma virulenta peroração contra o sionismo, em todas as suas manifestações fascistas e genocidas. O que, para a diversão secreta de outra parte dela, acarretou queixas nervosas de representantes da esquerda radical judia.

Em outras ocasiões, ela fazia questão de atormentar Quilley com indagações sobre futuros papéis. O que acontecera com o seu teste para o cinema? Pelo amor de Deus, Ned, preciso trabalhar! Mas a verdade é que sua atração pelo palco artificial estava-se desvanecendo. Estava comprometida, pelo tempo que durasse e apesar dos riscos crescentes, com o teatro do real.

E de repente os avisos começaram, como os rangidos prévios de uma tempestade no cordame.

O primeiro veio do pobre Ned Quilley, um telefonema muito mais cedo do que era o seu costume, ostensivamente em resposta à ligação que Charlie fizera no dia anterior. Mas ela compreendeu imediatamente que se tratava de uma coisa que

Marjory lhe ordenara que fizesse no instante mesmo em que chegasse ao escritório – antes dele esquecer, perder a coragem ou mudar de ideia. Não, não tinha nada para ela, mas queria cancelar o almoço marcado para aquele dia, disse Quilley. Não há problema, respondeu Charlie, tentando bravamente esconder seu desapontamento, pois era um almoço importante, planejado há algum tempo, para comemorar o final da *tournée* dela e conversar sobre o que poderia fazer em seguida. Aguardava-o ansiosamente como uma trégua que poderia decentemente conceder a si mesma.

– Está tudo bem – insistiu Charlie.

Ela ficou esperando que ele apresentasse uma desculpa. Em vez disso, Quilley partiu para o outro lado, fazendo questão de se mostrar grosseiro.

– Acho que não seria apropriado neste momento – disse ele, altivamente.

– O que aconteceu, Ned? Não estamos na Quaresma. O que há com você?

A falsa frivolidade dela, visando tornar as coisas mais fáceis para ele, só serviu para estimulá-lo a uma demonstração maior de pompa.

– Não sei o que você andou fazendo, Charlie – disse ele, de seu altar elevado. – Também já fui jovem e não tão tacanho como você pode pensar. Mas se metade do que está sendo insinuado for verdade, não posso deixar de pensar que talvez fosse melhor, para os dois lados, que você e eu... – Ele hesitou. Sendo Ned, o homem que ela aprendera a adorar, não foi capaz de desfechar o golpe final. E, por isso, arrematou, meio contrafeito: – ... adiemos o nosso encontro até que você recupere o bom senso.

A esta altura, no roteiro de Marjory, ele deveria desligar abruptamente. E de fato, depois de várias cortinas falsas e muita ajuda de Charlie, ele conseguiu finalmente desligar. Ela ligou de novo imediatamente e quem atendeu foi a Sra. Ellis, que era justamente o que estava querendo.

– O que está acontecendo, Pheeb? Por que de repente passei a ser repelida como se tivesse mau hálito?

– Oh, Charlie, o que você andou fazendo? – perguntou a Sra. Ellis, falando muito baixo, porque temia que o telefone pudesse estar sendo grampeado. – A polícia passou uma manhã inteira aqui, fazendo perguntas sobre você. Eram três e nos disseram que não poderíamos contar nada.

– Ora, eles que se fodam! – disse Charlie, bravamente.

Era uma das verificações periódicas, disse ela a si mesma. A Brigada da Investigação Discreta, aparecendo com suas botas de biqueira de ferro para atualizar o dossiê dela para o Natal. Faziam isso periodicamente desde que ela começara a frequentar as reuniões. Só que, desta vez, não parecia rotina. Não com uma manhã inteira e três homens. Era coisa de VIP.

E depois veio a cabeleireira.

Marcara para as 11 horas e foi pontual, sem se preocupar com o almoço. A proprietária era uma italiana exuberante, chamada Bibi, todas as moças tinham seus dramas e namorados ardorosos. Assim, a vida ali nada tinha de insípida. Bibi franziu o rosto quando Charlie entrou e disse que naquele dia cuidaria pessoalmente dos cabelos dela.

– Está andando outra vez com um homem casado? – gritou ela, enquanto passava xampu nos cabelos de Charlie. – Sabia que não está com um bom aspecto? Tem-se comportado mal, roubou o marido de alguém? O que você fez, Charlie? Vamos, conte a Bibi.

Três homens, disse Bibi, quando Charlie obrigou-a a revelar tudo. Ontem.

Disseram que eram inspetores de impostos, queriam verificar o livro de horas marcadas e as contas de Bibi.

Mas, no final, queriam apenas saber informações a respeito de Charlie.

– "Quem é essa tal de Charlie que está aqui?", eles me perguntaram. "Você a conhece bem, Bibi?" Eu respondi: "Claro. Charlie é uma boa menina, uma freguesa regular." E eles disseram: "Uma freguesa regular, hem? Ela costuma lhe falar a respeito de seus namorados? Com quem ela está agora? Onde costuma dormir?" Falaram das suas férias, queriam saber por onde você esteve e com quem depois que voltou da Grécia. Mas eu não contei nada. Sempre se pode confiar em Bibi.

Na porta, porém, depois que Charlie pagou, Bibi tornou-se um pouco desagradável, a primeira vez em que isso acontecia: – Não volte aqui por algum tempo, está bem? Não gosto de encrenca. Não gosto da polícia.

Nem eu, Bibi. Acredite em mim, também não gosto. E muito menos desses três bonecos. *Quanto mais depressa as autoridades souberem de você, mais depressa forçaremos a oposição a se manifestar,* prometera Joseph. Mas ele não explicara que seria assim.

Em seguida veio o rapaz bonito, menos de duas horas depois.

Ela comera um *hamburger* em algum lugar e depois se pôs a andar, embora estivesse chovendo. Tinha a noção tola de que estava segura enquanto se mantivesse em movimento e mais segura ainda sob a chuva. Seguiu para oeste, pensando vagamente em Primrose Hill, depois mudou de ideia e pegou um ônibus. Provavelmente era coincidência, mas quando olhou para trás, ao se afastar da plataforma, viu um homem embarcar num táxi, 50 metros atrás. E pela maneira como reconstituiu a cena em sua mente, teve certeza de que a bandeira já estava arriada antes mesmo do homem fazer sinal para o táxi.

Fique com a lógica da ficção, dissera-lhe Joseph, repetidas vezes. *Se enfraquecer, vai estragar a operação. Fique com a ficção e repararemos os danos depois que tudo acabar.*

Quase dominada pelo pânico, ela chegou a pensar em ir à costureira e pedir para falar com Joseph imediatamente. Mas a lealdade que sentia por ele a conteve. Amava-o intensamente, sem vergonha e sem esperança. No mundo que ele próprio virara de cabeça para baixo, Joseph era o único elemento constante que restava tanto na ficção como no real.

Por isso ela acabou indo ao cinema e foi lá que o homem bonito abordou-a, foi lá que ela quase pôs tudo a perder.

Ele era alto e jovial, de óculos, um casaco de couro comprido e novo. Quando se aproximou durante o intervalo, Charlie presumiu estupidamente que o conhecia, mas não conseguia, em sua confusão, atribuir-lhe um nome e um lugar. E, por isso, retribuiu o sorriso.

– Como vai? – disse ele, sentando-se ao lado de Charlie. – Charmian, não é mesmo? Você estava sensacional *em Alpha Beta,* no ano passado. Absolutamente maravilhosa. Quer uma pipoca?

Subitamente, nada se ajustava: o sorriso despreocupado não se ajustava ao rosto que lembrava uma caveira, os óculos antiquados não se ajustavam aos olhinhos de rato, a pipoca não combinava com as biqueiras envernizadas dos sapatos, o casaco de couro não combinava com o tempo. Ele chegara até ali precedente da lua, sem qualquer outro objetivo que não o de arrastá-la.

– Quer que eu chame o gerente ou vai me deixar em paz sem fazer escândalo? – disse Charlie.

Ele insistiu na cantada, protestando, sorrindo, indagando se ela era sapatão. Mas quando ela saiu furiosa para o saguão, à procura de alguém, todos os empregados do cinema haviam-se desvanecido como neve de verão. Só havia uma mocinha preta na bilheteria, que fingia estar absorvida em contar o troco.

Voltar para casa exigiu mais coragem do que ela possuía, mais do que Joseph tinha o direito de esperar dela. Durante todo o percurso, ela rezou para torcer o tornozelo, ser atropelada por um ônibus ou ter mais um de seus acessos de desmaio. Eram sete horas da noite e o café estava numa fase de pouco movimento. O cozinheiro sorriu para ela efusivamente e seu namorado rechonchudo acenou como sempre, dando a impressão de que era retardado. Entrando no apartamento, ao invés de acender a luz, Charlie sentou-se na cama, deixando as cortinas abertas. Ficou observando pelo espelho os dois homens na calçada oposta, sem se falarem entre si e jamais olhando em sua direção. As cartas de Michel ainda estavam sob o assoalho, assim como o passaporte dela e o que restava de seu fundo de combate. *Seu passaporte é agora um documento perigoso,* advertira-a Joseph, em seu sermão sobre a nova situação dela, depois da morte de Michel. *Ele não deveria ter deixado você usá-lo para a viagem. Contém o visto de entrada na Iugoslávia e o carimbo de saída. Seu passaporte deve ser guardado junto com seus outros segredos.* Cindy, pensou Charlie.

Cindy era uma filha de mineiros que trabalhava no turno da noite lá embaixo. O amante das índias Ocidentais estava na prisão por lesões corporais dolosas e Charlie ocasionalmente dava a ela lições gratuitas de guitarra, a fim de ajudá-la a passar o tempo.

Ela escreveu: "Cind, aqui está um presente de aniversário para você, quando quer que seja o seu aniversário. Leve para casa e pratique, até ficar meio surda. Você tem talento e por isso não deve desistir. Leve também a caixa. O único problema é que eu, como uma perfeita idiota, esqueci a chave na casa de mamãe. Eu a trarei na próxima visita. De qualquer forma, a música da caixa ainda não serve para você. Com todo o meu amor, Chas."

A caixa de música fora de seu pai, uma peça edwardiana, forte e resistente, com uma tranca impressiva. Ela pôs as cartas de Michel lá dentro, junto com o dinheiro e o passaporte, além de muitas músicas. E levou-a para baixo, junto com a guitarra.

– Isto é para Cindy – disse ela ao cozinheiro, que teve um acesso de ri-sinhos e foi guardar tudo no banheiro das mulheres, junto com os aventais e as garrafas vazias.

Charlie voltou ao apartamento, acendeu a luz, puxou as cortinas e vestiu-se a caráter. Era a noite de Peckham e nem todos os tiras do mundo ou seus amantes mortos poderiam impedi-la de ensaiar suas crianças para a pantomina. Ao voltar para casa,

pouco depois das 11 horas, a calçada estava vazia e Cindy já levara a guitarra e a caixa de música. Ela telefonou para Al, porque de repente queria desesperadamente um homem. Ninguém atendeu. O desgraçado está trepando fora outra vez. Ela tentou outros dois namorados antigos, mas em vão. O telefone lhe soava de maneira estranha, mas podiam ser os seus ouvidos, do jeito como estava se sentindo. Prestes a se deitar, ela deu uma última olhada pela janela e lá estavam seus dois guardiães, de volta à calçada.

Nada aconteceu no dia seguinte, exceto que, ao visitar Lucy, com alguma esperança de encontrar Al por lá, teve a notícia de que ele desaparecera completamente da face da Terra. Lucy já telefonara para a polícia, hospitais e todo mundo, sem ter qualquer notícia.

– Experimente o Abrigo para Cães de Battersea – aconselhou Charlie.

Mas quando ela chegou de volta ao apartamento, encontrou o seu velho e pavoroso Al ao telefone, num estado de histeria alcoólica.

– Venha logo, mulher. Não precisa falar, apenas venha logo para mim.

Charlie foi, sabendo que era a mesma coisa. Sabendo que não havia mais qualquer canto da sua vida que não estivesse ocupado pelo perigo.

Al se instalara com Willy e Pauly, que, no final das contas, não estavam-se separando. Ao chegar, Charlie descobriu que ele convocara todo o clube de seus partidários. Robert levara uma nova namorada, uma idiota de batom branco e cabelos lilases, chamada Samantha. Mas foi Al, como sempre, quem ocupou o centro do palco.

– Pode me dizer o que bem quiser! – gritou ele, assim que Charlie entrou. – É isso mesmo! É a guerra! E a guerra total, diga-se de passagem!

Ele continuou a deblaterar, furioso, até que Charlie gritou: trate de se controlar e conte o que aconteceu.

– O que aconteceu, menina? O que aconteceu? O que aconteceu é que a contra-revolução disparou sua primeira salva. Foi isso o que aconteceu e o alvo está aqui na sua frente.

– Pois explique tudo direitinho!

Charlie ainda estava quase louca quando conseguiu finalmente arrancar-lhe os fatos. Al explicou que estava saindo do *pub* quando três gorilas o atacaram. Ele poderia facilmente vencer um, talvez resistisse a dois. Mas eram três, fortes e brigões, atacaram-no como uma equipe. Mas foi só depois que o arrastaram para o carro da polícia, meio castrado, que ele compreendera que eram porcos levando-o para uma acusação forjada de atentado ao pudor.

– E quer saber sobre o que eles queriam realmente falar comigo? – Ele estendeu um braço para Charlie. – Sobre você, menina! Você e eu, nossa maldita política! Isso mesmo! Por acaso tínhamos ativistas palestinos entre os nossos conhecidos? Nos intervalos, eles aproveitaram para dizer que eu tinha mostrado o pau na rua e feito movimentos com a mão direita de quem tocava uma punheta. E quando não estavam me dizendo isso, eles falavam que iam me arrancar as unhas, uma por uma, meter-me por dez anos em Sing Sing por tramar conspirações anarquistas com meus amigos bichas radicais, como Willy e Pauly aqui presentes, lá nas ilhas gregas. Estou falando sério, menina. Este é o Dia Um e todos nós nesta sala estamos na linha de frente.

Ele disse que haviam batido em seus ouvidos com tanta força que quase não conseguia escutar a própria voz. Os colhões pareciam ovos de avestruz e olhe só para esta maldita equimose no braço. Mantiveram-no na cadeia por 24 horas, interrogaram-no durante seis horas. Haviam oferecido o telefone, mas nenhuma moeda. E quando ele pedira uma lista telefônica, responderam que haviam perdido, pois não queriam que ligasse para seu agente. Depois, inexplicavelmente, haviam retirado a acusação de atentado ao pudor e deixaram-no ir embora, apenas com uma advertência.

Havia um rapaz chamado Matthew no grupo, um contador de queixo duplo procurando pelas alternativas da vida. Ele tinha um apartamento. Para surpresa dele, Charlie foi para lá e dormiu com ele. Era uma noite de sexta-feira e ela planejara passar o fim de semana com a mãe. Mas na hora do almoço, quando acordou na cama de Matthew, sentiu que não tinha coragem. Assim, ela telefonou e cancelou o encontro. Provavelmente foi isso que acionou a polícia. Naquela noite, ao chegar diante do restaurante, encontrou um carro da polícia encostado no meio-fio. Um sargento uniformizado estava parado na porta aberta, ao lado do cozinheiro, que sorriu para Charlie com um constrangimento asiático.

Aconteceu, pensou ela, calmamente. E já estava mais do que na hora. Eles decidiram por fim agir abertamente.

O sargento era do tipo de olhos furiosos e cabelos curtos, que odeia o mundo inteiro, mas especialmente os indianos e as mulheres bonitas. Talvez tenha sido esse ódio que o cegou para quem Charlie podia ser, naquele momento crucial do drama.

– O café está temporariamente fechado – disse ele, rispidamente. – Vá procurar outro lugar.

A aflição engendra as suas próprias reações.

– Alguém morreu? – perguntou Charlie, apreensivamente.

– Se morreu, não me disseram. Parece que houve um assalto aqui. Nossos homens estão investigando. E agora suma.

Talvez ele estivesse de serviço há muito tempo, já sonolento. Talvez não soubesse quão rápida e impulsivamente uma mulher pode pensar e agir. Seja como for, Charlie passou sob a guarda dele e no instante seguinte estava dentro do café, batendo a porta e correndo. O café estava vazio, as máquinas desligadas. A escada estava vazia. A porta do apartamento estava fechada, mas ela pôde ouvir vozes de homens murmurando no outro lado. Lá embaixo, o sargento estava gritando e esmurrando a porta: – Volte aqui!

A voz dele soava muito distante. Charlie pensou "chave" e abriu a bolsa. Viu o lenço branco e pôs na cabeça, uma mudança ligeira, entre as cenas. Apertou a campainha, dois toques rápidos, confiantes. Levantou a tampa da caixa de correspondência.

– Chas? Você está aí? Sou eu, Sandy.

As vozes cessaram no mesmo instante. Ela ouviu um passo e depois o sussurro: – Depressa, Harry!

A porta se abriu bruscamente e ela descobriu-se fitando os olhos de um homenzinho selvagem, de cabelos grisalhos, terno cinza. Por trás dele, divisou as relíquias de Michel espalhadas por toda parte, a cama desarrumada, os *posters* arrancados, o tapete enrolado, as tábuas do assoalho levantadas. Viu uma câmara apontada para baixo, montada num tripé, um segundo homem olhando por ela, diversas cartas de sua mãe espalhadas. Viu chaves de fenda, alicates e seu suposto apaixonado do cinema, ainda com os olhos antiquados, ajoelhado entre uma pilha de suas roupas novas e caras. Compreendeu ao primeiro olhar que não estava interrompendo a investigação, mas sim ao próprio arrombamento.

– Estou procurando por minha irmã Charmian – disse ela. – Quem são vocês?

– Ela não está aqui – respondeu o homem de cabelos grisalhos.

Charlie percebeu o sotaque galês na voz dele, viu as marcas em seu queixo. Ainda fitando-a, ele alteou a voz para um berro: – Sargento Mallis! Sargento Mallis! Tire esta mulher daqui e anote a identidade dela!

A porta foi batida na cara de Charlie. Lá de baixo, ela podia ouvir o infeliz sargento ainda gritando para que o cozinheiro se apressasse com as malditas chaves. Ela desceu a escada silenciosamente, mas somente até o patamar do meio. Espremendo-se entre as pilhas de caixas de papelão, ela chegou à porta do pátio. Estava fechada, mas não trancada. O pátio dava para uma garagem e a garagem para a rua em que a Srta. Dubber vivia. Passando pela janela dela, Charlie bateu de leve e acenou jovialmente. Como fez isso, de onde tirou a presença de espírito, jamais saberia. Seguiu em frente, sem que passos ou vozes furiosas soassem às suas costas, sem que nenhum carro entrasse derrapando na rua. Alcançou a rua principal e, pelo caminho, pôs uma luva de couro, o que Joseph lhe mandara fazer se e quando fosse acuada. Viu um táxi vazio e fez sinal. Aqui vamos nós, pensou ela, alegremente. Foi só mais tarde, muito mais tarde, em suas muitas vidas, que lhe passou pela cabeça que haviam-na deixado escapar deliberadamente.

Joseph determinara que ela não deveria usar o seu Fiat. Relutantemente, Charlie tinha de admitir que ele estava certo. Assim, foi se movimentando em estágios, sem se precipitar. Dizia a si mesma para manter a calma. Depois do táxi, pegamos um ônibus, andamos um pouco, em seguida uma viagem de metrô. A mente estava lúcida, mas tinha de pôr os pensamentos em ordem. A jovialidade não se desvanecera e ela sabia que tinha de controlar suas reações, antes de realizar o próximo movimento. Se desse um passo em falso agora, se esquecesse alguma coisa de seu papel, estragaria todo o espetáculo. Joseph lhe dissera isso e ela acreditava nele.

Estou em fuga. Eles estão atrás de mim. Santo Deus, Helga, o que vou fazer?

Pode ligar para este número, mas somente em caso de extrema urgência, Charlie. Se telefonar desnecessariamente, ficaremos muito zangados, entende?

Claro, Helga, estou entendendo.

Ela sentou-se num *pub* e tomou uma das vodcas de Michel, recordando o resto dos conselhos gratuitos que Helga lhe oferecera, enquanto Mesterbein esperava no carro, contrariado. Certifique-se de que não está sendo seguida. Não use os telefones de amigos ou da família. Não use a cabine telefônica pública na esquina, no outro lado da rua ou qualquer uma perto de seu apartamento.

Nunca, entende? Todos eles são extremamente perigosos. Os porcos podem grampear um telefone em questão de segundos, não tenha a menor dúvida. E nunca use o mesmo telefone duas vezes. Está me entendendo, Charlie?

Estou, Helga, estou entendendo perfeitamente.

Ela saiu para a rua e avistou um homem olhando para uma vitrine apagada, enquanto um segundo homem se afastava dele, na direção de um carro estacionado, com a antena levantada. O terror a dominava agora por completo. Era tão terrível que Charlie sentia vontade de se deitar na calçada e ficar chorando, confessando tudo e suplicando ao mundo que a aceitasse de volta. As pessoas à sua frente eram tão assustadoras quanto as que estavam por trás, as linhas fantásticas do meio-fio conduziam a um terrível ponto de desaparecimento, que era a sua própria extinção. Helga, implorou ela, oh, Helga, tire-me daqui! Ela pegou um ônibus na direção errada, esperou, pegou outro, tornou a andar. Mas evitou o metrô, sentindo-se apavorada com a perspectiva de ficar presa lá embaixo. Cedeu à fraqueza e pegou outro táxi, olhando pela janela traseira. Nada a seguia. A rua estava vazia. Ao diabo com andar, ao diabo com ônibus e metrô.

– Peckham – disse ela ao motorista.

O salão que eles usavam para os ensaios ficava nos fundos da igreja. Lembrava um estábulo e ficava ao lado de um *playground* que os garotos há muito tinham destruído. Para se alcançá-lo, era preciso passar por uma fileira de teixos. Não havia luzes acesas, mas ela tocou a campainha, por causa de Lofty, um pugilista aposentado. Lofty era o vigia noturno, mas só aparecia no máximo três noites por semana. Para seu alívio, a campainha não produziu passos em resposta. Ela abriu a porta e entrou. A corrente de ar frio lembrou-a da igreja da Cornualha em que fora depois de colocar uma coroa no túmulo do revolucionário desconhecido. Fechou a porta e acendeu um fósforo. A chama tremeluziu nos ladrilhos verdes lustrosos e no teto alto vitoriano de madeira. Ela gritou "Lofty", alegremente, para manter o ânimo. O fósforo se apagou, mas ela encontrou a corrente da porta e colocou-a no lugar, antes de acender outro. Sua voz, os passos, o chocalhar da corrente na escuridão, tudo ressoava absurdamente por horas.

Pensou em morcegos e outras aversões, de teias de aranha roçando em seu rosto. Uma escada com corrimão de ferro levava a uma galeria de coro, conhecida eufemisticamente como a sala comum. Segurando no corrimão, ela subiu. Parou na galeria, esquadrinhando o salão e escutando, enquanto os olhos se acostumavam á escuridão. Divisou o palco, depois as nuvens psicodélicas do cenário, em seguida as vigas e o teto. Divisou o brilho prateado do único refletor, um farol adaptado por um garoto das Bahamas chamado Gums que o pegara num carro abandonado num ferro-velho. Havia um sofá velho na galeria e ao lado uma mesa de tampo de plástico, que refletia o clarão da cidade entrando pela janela. Sobre a mesa estava o telefone preto exclusivo dos funcionários e o caderno em que devia anotar as ligações particulares e que só apresentava meia dúzia de indicações por mês.

Sentando no sofá, Charlie esperou que desaparecesse a contração do estômago e a pulsação caísse abaixo da marca de 100. Finalmente pegou o telefone e pôs no chão, ao lado da mesa. Costumava haver duas velas na gaveta da mesa para os momentos em que a luz fosse cortada, o que acontecia com frequência. Mas alguém as levara. Charlie torceu numa tocha uma página de uma velha revista paroquial, apoiou numa xícara de chá suja e acendeu. Com a mesa por cima e o parapeito do balcão no lado, a chama estava tão contida quanto era possível. Mesmo assim, Charlie apagou-a assim que acabou de discar. Tinha 15 algarismos para discar no total e na primeira vez o telefone simplesmente uivou para ela. Discou errado na segunda vez e ouviu algum italiano maluco a gritar. O dedo escorregou na terceira vez e teve de recomeçar. Na quarta vez, porém, obteve um silêncio momentâneo, seguindo-se a campainha estridente de um telefone continental. Muito mais tarde, ouviu a voz penetrante de Helga falando em alemão.

– Aqui é Joan – disse Charlie. – Lembra-se de mim?

Ela obteve outro silêncio pensativo.

– Onde você está, Joan?

– Isso não é da sua conta.

– Está com algum problema, Joan?

– Nem tanto. Queria apenas lhe agradecer por levar os porcos à minha porta.

E depois, para sua glória, a velha fúria exuberante dominou-a. Descarregou tudo, com um abandono que não conseguia desde um tempo que não lhe era permitido lembrar, quando Joseph a levara para ver seu pequeno amante, antes de retalhá-lo para isca.

Helga ouviu em silêncio e tornou a perguntar, quando Charlie parecia ter acabado:

– Onde você está?

Ela falou relutantemente, como se estivesse violando suas próprias regras.

– Esqueça!

– Pode ser encontrada em algum lugar? Diga-me onde estará pelas próximas 48 horas.

– Não.

– Pode me telefonar outra vez dentro de uma hora, por favor?

– Não, não posso.
Um silêncio prolongado.

– Onde estão as cartas?

– A salvo.
Outro silêncio.

– Pegue papel e lápis.

– Não preciso.

– Pegue assim mesmo. Não está em condições de se lembrar de tudo com exatidão. Está pronta?
Não era um endereço nem um número de telefone. Era um percurso, um horário, como deveria chegar lá.

– Faça exatamente como estou-lhe dizendo. Se não puder ir até lá, se tiver mais problemas, ligue para o telefone no cartão de Anton e diga que deseja entrar em contato com Petra. Leve as cartas. Está me entendendo? Petra, e leve as cartas. Se não levar as cartas, vamos ficar muito zangados com você.

Desligando, Charlie ouviu o som de duas mãos batendo baixinho no auditório lá embaixo. Foi até a beira da galeria e olhou. Para seu imenso prazer, avistou Joseph sentado sozinho no meio da primeira fila. Virou-se e desceu correndo a escada. Chegou ao último degrau para descobri-lo com os braços estendidos em sua direção. Joseph receara que ela pudesse perder o equilíbrio na escuridão. Ele beijou-a e continuou a beijá-la, depois conduziu-a de volta à galeria, um braço sempre a enlaçá-la, mesmo no trecho mais estreito da escada, enquanto a outra mão segurava uma cesta.

Ele trouxera salmão defumado e uma garrafa de vinho. Pôs em cima da mesa, sem desembrulhar. Sabia onde estavam os pratos, por baixo da pia, sabia como ligar o fogão elétrico. Trouxera uma garrafa térmica com café e um par de cobertores velhos do covil de Lofty lá embaixo. Pôs a garrafa térmica junto com os pratos na mesa, depois foi verificar as imensas portas vitorianas, trancando-as por dentro. Charlie compreendeu, mesmo na semi-escuridão – podia perceber pelo jeito das costas dele e pela deliberação inconfundível dos gestos – que ele estava fazendo uma coisa fora do roteiro, fechando as portas a todos os mundos que não fosse o deles. Veio sentar-se ao lado dela no sofá e envolveu-a com um cobertor, porque o frio no salão era intenso e Charlie começara a tremer, de maneira incontrolável. O telefonema para Helga deixara-a apavorada, assim como os olhos de carrasco do policial em seu apartamento, assim como os dias acumulados de espera e meio conhecimento, o que era muito pior do que não saber de nada.

A única iluminação era a que Joseph acendera o fogão e se projetava para cima, incidindo sobre o rosto dele, como uma luz da ribalta, no tempo em que o teatro ainda usava isso. Charlie lembrou-se dele na Grécia dizendo que a iluminação dos locais antigos era um ato de vandalismo moderno, porque os templos haviam sido construídos para serem vistos com o sol por cima e não por baixo. Ele estava com o braço estendido pelos ombros dela, por baixo do cobertor. Charlie pensou que era muito magra, em comparação com ele.

– Emagreci muito – murmurou ela, como uma espécie de advertência.

Ele não respondeu. Em vez disso, apertou-a mais firmemente, a fim de conter sua tremedeira, absorvê-la, fazer com que passasse a ser sua. Ocorreu a Charlie que sempre soubera, apesar das evasivas e disfarces dele, que Joseph era essencialmente um homem bom, de compaixão instintiva por todos; na batalha e na paz, um homem conturbado, que detestava causar sofrimento a quem quer que fosse. Ela encostou a mão no rosto dele e ficou satisfeita ao descobrir que não fizera a barba. Naquela noite não queria pensar que ele calculara tudo, embora não fosse a primeira noite nem mesmo a décima. Eram amantes antigos e frenéticos, com metade dos motéis da Inglaterra para trás, assim como a Grécia e Salzburgo, só Deus sabia quantas outras vidas. É que, subitamente, era evidente para Charlie que toda a ficção partilhada não passara de um prelúdio para aquela noite de fato.

Ele afastou a mão dela e puxou-a. Beijou-a na boca e Charlie reagiu castamente, esperando que ele ateasse as paixões de que haviam falado tantas vezes. Ela adorava os pulsos, as mãos dele. Não havia outras mãos tão sábias. Ele estava tocando o

rosto dela, o pescoço, os seios. Charlie abstinha-se de beijá-lo, porque queria saborear cada coisa em separado: agora ele está me beijando, agora ele está me acariciando, está me despindo, está se estendendo em meus braços, estamos nus, estamos outra vez na praia, na areia de Mikonos, estamos maculando prédios antigos com o sol ardendo por baixo de nós. Ele riu, rolou para o lado e afastou o fogo elétrico. Em toda a sua experiência, Charlie jamais vira algo tão bonito quanto o corpo dele inclinado sobre o clarão avermelhado, parecendo mais intenso nos pontos em que a pele ardia. Ele voltou para ela, ajoelhou-se ao seu lado, começou de novo, desde o início, para o caso de Charlie ter esquecido alguma coisa, beijando e acariciando tudo, possessivo mas não muito, gradativamente perdendo a inibição, mas sempre voltando ao rosto dela, porque precisavam se ver e saborear mutuamente, repetidamente, garantindo a si mesmos que eram de fato quem diziam ser. Ele era o melhor, muito antes de penetrá-la, o amante incomparável que ela nunca tivera, a estrela distante que vinha seguindo por toda aquela terra repulsiva. Se ela estivesse cega, teria sabido pelo contato dele; se estivesse morrendo, saberia pelo sorriso triste e vitorioso dele, que conquistara o terror e a descrença por chegar ali antes dela; por seu poder instintivo de conhecê-la e fazer com que ela tivesse ainda mais conhecimento.

Charlie despertou e encontrou-o sentado acima dela, esperando. Ele já guardara tudo.

– É um menino – disse ele, sorrindo.

– Gêmeos – murmurou ela, puxando a cabeça dele antes que repousasse em seu ombro. Ele fez menção de falar, mas Charlie deteve-o com uma advertência firme: – Não quero ouvir nada de você. Nenhuma história, nenhuma desculpa, nenhuma mentira. Se é parte da missão, não me diga. Que horas são?

– Meia-noite.

– Então volte para a cama.

– Marty quer falar com você.

Havia alguma coisa na voz e atitude dele que revelou a Charlie que a ocasião não era uma iniciativa de Marty, mas do próprio Joseph.

Era o refúgio de Joseph.

Charlie compreendeu assim que lá entrou, um pequeno quarto retangular, ao nível da rua, em algum lugar de Bloomsbury, cortinas de renda e espaço para apenas um ocupante. Numa parede havia mapas de Londres, por outra se estendia um aparador, com dois telefones. Uma cama-beliche, que não fora desfeita, constituía um terceiro lado, enquanto o quarto era ocupado por uma escrivaninha, com um abajur antigo por cima. Um bule de café borbulhava ao lado dos telefones, o fogo estava aceso na lareira. Marty não se levantou quando Charlie entrou, mas virou a cabeça em sua direção e presenteou-a com seu melhor e mais efusivo sorriso. Mas talvez ela apenas pensasse assim, porque se sentia em paz e generosa com o mundo. Ele estendeu os braços para Charlie, que se abaixou e encaixou no longo e paternal abraço: minha filha, de volta de suas viagens. Ela sentou-se diante dele e Joseph agachou-se no chão, ao estilo árabe, como fizera no alto da colina, na ocasião em que realizara a preleção a respeito da arma.

– Quer escutar pessoalmente? – indagou Kurtz, indicando um gravador ao seu lado. Ela sacudiu a cabeça. – Você foi sensacional, Charlie. Não a terceira melhor, não a segunda melhor, mas simplesmente a melhor que já existiu.

– Ele está lisonjeando-a – advertiu Joseph, inesperadamente sério.

Uma mulherzinha de marrom entrou sem bater e houve indagações de quem tomava o café com açúcar.

– Charlie, você está livre para sair agora – disse Kurtz, depois que a mulher se retirou. – Joseph insiste que eu lhe lembre disso, alto e bom som. Se sair agora, partirá com honra. Certo, Joseph? Muito dinheiro, muita honra. Tudo o que lhe prometemos e mais ainda.

– Já falei tudo isso a ela – interveio Joseph.

Charlie percebeu que o sorriso de Kurtz se alargava, para esconder a irritação.

– Sei que já disse a ela, Joseph. . . e agora *eu* estou dizendo. Não é isso o que você quer que eu faça? Charlie, você levantou para nós a tampa de uma caixa de vermes que vínhamos procurando há muito tempo. Revelou mais nomes, lugares e conexões do que jamais poderá imaginar. E ainda virá muito mais. Com ou sem você. Você está quase limpa e poderemos limpar as poucas áreas sujas em alguns meses. Um período de quarentena em algum lugar, um período de esfriamento, pode levar um amigo. . . se assim quiser, terá todo o direito.

– Ele está falando sério – disse Joseph. – Não diga impulsivamente que vai continuar. Pense a respeito.

Mais uma vez, Charlie notou o tom de contrariedade na voz de Marty quando voltou a falar:

– Claro que estou falando sério. E se não estivesse, este seria o último momento no mundo em que brincaria com uma coisa tão séria.

– Em que pé estamos? – perguntou Charlie. – Que momento é este?

Joseph começou a falar, mas Marty interrompeu-o bruscamente, como alguém que dá uma guinada violenta no volante para ultrapassar outro carro: – Charlie, nisso tudo há coisas por cima da superfície e coisas abaixo. Até agora você se manteve acima da superfície, mas conseguiu assim mesmo nos mostrar o que está acontecendo por baixo. Daqui por diante, no entanto... pode ficar um pouco diferente. É assim que entendemos. Podemos estar errados, mas é assim que interpretamos todos os indícios.

– O que ele está querendo dizer é que até agora você esteve em território amistoso. Podemos nos manter perto de você, podemos arrancá-la do meio de tudo, se for necessário. Daqui por diante, porém, tudo isso está acabado. Você será um deles. Partilhando suas vidas. A mesma mentalidade, a mesma moral. Pode passar semanas e meses sem qualquer contato conosco.

– Talvez não fora de contato, mas fora do alcance, basicamente –admitiu Marty, sorrindo agora, mas não para Joseph. – Contudo, pode contar que estaremos por perto.

– Qual é o fim? – perguntou Charlie.

Marty pareceu momentaneamente confuso.

– Que espécie de fim, minha cara. . . o fim que justifica esses meios? Acho que não entendi muito bem.

– O que estou procurando? Quando vocês ficarão satisfeitos?

– Charlie, estamos mais do que satisfeitos agora – disse Marty, magnânimo.

Charlie compreendeu no mesmo instante que ele estava tergiversando.

– O fim é um homem – disse Joseph, abruptamente.

Ela viu a cabeça de Marty se virar para ele, até que o rosto ficou oculto. Mas o mesmo não acontecia com o rosto de Joseph e o olhar dele, a enfrentar o de Marty, tinha um desafio declarado que Charlie nunca antes vira.

– Charlie, o fim é um homem – concordou Marty finalmente, voltando a ela outra vez. – Se vai seguir em frente, terá de saber dessas coisas.

– Khalil – disse ela.

– Isso mesmo, Khalil – confirmou Marty. – Khalil comanda toda a operação europeia deles. É o homem que precisamos pegar.

– Ele é perigoso – acrescentou Joseph. – É tão eficiente quanto Michel era medíocre.

Talvez para frustrá-lo, Kurtz adotou o mesmo caminho:

– Khalil não confia em ninguém, não tem nenhuma mulher regular. Nunca dorme na mesma cama duas noites consecutivas. Isolou-se de sua gente. Reduziu suas necessidades básicas ao ponto em que é quase auto-suficiente. Um operador muito inteligente.

Kurtz encerrou com o seu sorriso mais indulgente. Mas quando ele acendeu outro charuto, Charlie pôde perceber pelo tremor do fósforo que uma raiva intensa o dominava.

Por que ela não vacilava?

Uma calma extraordinária se abatera sobre ela, uma lucidez de sentimento além de qualquer coisa que já conhecera até então. Joseph não dormira com ela a fim de mandá-la para longe, mas sim para impedi-la. Ele estava sofrendo por ela todos os temores e hesitações que deveriam ser dela. Mas ela sabia também que, naquele microcosmo secreto que lhe haviam criado, voltar agora era voltar para sempre; que um amor que não progredia nunca poderia se renovar, mas apenas resvalar para o poço da mediocridade a que todos os seus outros amores haviam sido condenados, desde que sua vida com Joseph começara. O fato dele querer que ela parasse não a dissuadia; ao contrário, reforçava a sua determinação. Eram parceiros. Eram amantes. Estavam casados com um destino comum, uma marcha em frente comum.

Ela estava perguntando a Kurtz como poderia reconhecer a presa. Ele se parecia com Michel? Marty estava sacudindo a cabeça e rindo.

– Infelizmente, minha cara, ele nunca posou para nenhum dos nossos fotógrafos.

Depois, enquanto Joseph deliberadamente desviava os olhos para a janela manchada de fuligem, Kurtz levantou-se rapidamente e tirou, de uma velha valise preta ao lado de sua poltrona, o que parecia ser uma caneta-tinteiro grossa, pregueada numa extremidade, aberta na outra, com um par de fios vermelhos pendendo.

– Isto é o que chamamos de um detonador, minha cara – explicou ele, os dedos fortes segurando cautelosamente a peça. – Aqui nesta ponta está o batoque, a que estão presos os fios. Ele precisa apenas de uma parte dos fios. O resto, a sobra, ele arruma deste jeito.

Tirando também da valise um pequeno alicate, ele cortou cada fio separadamente, deixando cerca de 40 centímetros ainda ligados. Depois, com um movimento hábil e experiente, enrolou a sobra de maneira impecável, inclusive com uma cinta. Entregou a Charlie.

– Essa pequena boneca é o que chamamos de assinatura dele. Mais cedo ou mais tarde, todo mundo tem uma assinatura. Esta é a dele.

Charlie deixou que ele a recuperasse em sua mão.

Joseph tinha um endereço para onde ela poderia ir. A mulher de marrom acompanhou-a até a porta. Charlie saiu para a rua e encontrou um táxi à sua espera. Estava amanhecendo e os pardais começavam a cantar.

20

Ela começou mais cedo do que Helga lhe dissera, em parte porque em certas coisas se preocupava demais, em parte porque assumira deliberadamente um ceticismo agressivo em relação a todo o plano. E se estiver escangalhado?, objetara ela. Afinal, Helga, isto é a Inglaterra, não a supereficiente Alemanha. E se estiver ocupado quando você ligar? Mas Helga se recusara a admitir tais argumentos: faça exatamente o que estou mandando e deixe o resto comigo., Assim, ela partiu mesmo da Gloucester Road. Mas em vez de pegar o primeiro ônibus depois das sete e meia, embarcou no que passou às 7:20. Teve sorte na estação do metrô na Tottenham Court Road: um trem parou no instante em que ela chegou à plataforma que seguia para leste. O resultado foi que ela teve de ficar sentada em Charing Cross como um enfeite, até fazer a última conexão. Era a manhã de domingo. Além de uns poucos insones e frequentadores de igrejas, ela era a única pessoa acordada em toda Londres. A City, quando alcançou-a, estava completamente abandonada e deserta. Ela precisou apenas encontrar a rua para descobrir a cabine telefônica, 100 metros à sua frente, exatamente como Helga descrevera, faiscando em sua direção como se fosse um farol. A cabine estava vazia.

– Você vai primeiro até o fim da rua, vira e volta – dissera Helga.

Obedientemente, Charlie efetuou uma primeira passagem e verificou que o telefone não parecia muito avariado. É verdade que, a esta altura, ela já concluíra que se tratava de um lugar absurdamente óbvio para se ficar esperando por telefonemas de terroristas internacionais. Ela se virou e começou a voltar. Foi nesse momento que, para sua contrariedade, um homem entrou na cabine e fechou a porta. Ela olhou para o relógio. Ainda faltavam 12 minutos. Portanto, não precisava ficar indevidamente preocupada. Parou a alguns passos de distância e ficou esperando. O homem usava um chapéu que parecia de pescador e um casaco de couro com gola de pele, que era demais para um dia tão abafado. Ele estava de costas para Charlie e falava incessantemente em italiano. É por isso que ele precisa de um casaco assim, pensou Charlie; seu sangue latino não suporta o nosso clima. A própria Charlie usava as mesmas roupas que vestia desde a sexta-feira: *jeans* velha e seu blusão tibetano. Penteara os cabelos, mas não os escovara. Sentia-se desgrenhada e angustiada, esperava dar essa impressão.

Faltavam sete minutos e o homem na cabine se lançara a um desses fervorosos monólogos italianos, que tanto podiam ser sobre um amor não correspondido como sobre o estado do mercado de ações de Milão. Nervosa agora, Charlie passou a língua pelos lábios e olhou para um lado e outro da rua. Mas não havia qualquer pessoa à vista, nenhum movimento. Não havia sedas pretos sinistros, homens espreitando de portais. E também não havia nenhum Mercedes vermelho. O único veículo à vista era um pequeno furgão Citroen Deux Chevaux, com os lados corrugados e a porta do motorista ainda aberta, parado diretamente à sua frente. Mesmo assim, Charlie estava começando a se sentir nua. As oito horas chegaram, anunciadas por uma variedade espantosa de carrilhões seculares e religiosos. Helga dissera cinco minutos depois das oito horas. 0 homem parara de falar, mas Charlie ouviu o tilintar de moedas em seus bolsos, enquanto procurava por mais. Ela ouviu uma batida e descobriu que era o homem tentando atrair sua atenção. Virou-se e viu-o estendendo uma moeda de 50 penies, com uma expressão suplicante.

– Não pode me deixar falar primeiro? – pediu Charlie. – Estou com a maior pressa.

Mas o inglês não era a língua dele.

Ora, que se dane, pensou ela; Helga terá de ficar discando. Está acontecendo exatamente o que adverti. Abrindo a bolsa, ela catou moedas de cinco e dez penies, até chegar a 50. Céus, olhe só para o suor em meus dedos! Ela estendeu a mão fechada para o homem, os dedos suados virados para baixo, pronta para largar as moedas na agradecida palma latina. Foi nesse instante que descobriu que o homem lhe apontava uma pequena pistola das dobras do casaco, mirando o ponto em que a barriga se encontrava com o tórax. Não era uma arma grande, embora qualquer arma pareça maior quando é apontada para a gente, pensou Charlie. Mais ou menos do tamanho da arma de Michel. Mas como o próprio Michel lhe dissera, cada arma é um meio-termo entre a possibilidade de esconder, a maleabilidade e a eficiência. O homem ainda segurava o telefone com a outra mão e Charlie calculou que ainda havia alguém escutando no outro lado da linha, porque ele ainda mantinha a boca perto do fone, embora estivesse agora se dirigindo a ela.

– Você vai andar ao meu lado até o carro, Charlie – explicou ele, em bom inglês. – Fique do meu lado direito, caminhe um pouco à frente, as mãos para trás, onde eu possa vê-las. Cruzadas nas costas, está bem? E se você tentar fugir ou fazer sinal para alguém, se gritar, então darei um tiro em seu lado esquerdo. . . aqui. . . e a matarei. Se a polícia aparecer, se alguém atirar, se eu ficar desconfiado, a mesma coisa acontece. Eu atiro em você.

Ele indicou o mesmo ponto em seu próprio corpo e Charlie compreendeu. Ele acrescentou alguma coisa ao telefone em italiano e depois desligou. Ele saiu da cabine e exibiu um sorriso confiante para Charlie, no instante em que seu rosto estava

mais próximo dela. Era um autêntico rosto italiano, sem qualquer ruga. A voz também era genuinamente italiana, sonora e musical. Ela podia imaginá-la a ressoar em mercados antigos e a conversar com mulheres em sacadas.

– Vamos embora – disse ele, uma das mãos no bolso do casaco. – Não muito depressa, está bem? Devagar, tranquila.

Um momento antes, Charlie experimentara uma necessidade desesperada de urinar. Quando começou a andar, no entanto, a vontade desapareceu. Em vez disso, ela passou a sentir cãibra na nuca e um zumbido no ouvido direito, como se houvesse um mosquito no escuro.

– Ao se sentar no lado do passageiro, transfira as mãos para o painel à sua frente – avisou o homem, enquanto andava um pouco atrás dela. – A mulher atrás também está armada e não hesita em atirar nas pessoas. Muito menos do que eu.

Charlie abriu a porta, sentou-se e pôs as pontas dos dedos no painel, como uma moça bem-educada à mesa.

– Relaxe, Charlie – disse Helga jovialmente, atrás dela. – Abaixe os ombros, minha querida. Já está parecendo uma velha. – Charlie manteve os ombros como estavam e Helga acrescentou: – Sorria agora. Assim está ótimo. Continue sorrindo. Todo mundo está feliz hoje. Quem não está feliz deve levar um tiro.

– Comece por mim – disse Charlie.

O italiano sentou-se ao volante e ligou o rádio para um sermão religioso.

– Desligue isso – ordenou Helga.

Ela estava encostada nas portas traseiras, os joelhos levantados, segurando a arma com as duas mãos. Não parecia alguém que pudesse errar uma lata de óleo a 15 passos de distância. Dando de ombros, o italiano desligou o rádio. No silêncio restaurado, ele voltou a falar a Charlie: – Ponha o cinto de segurança, depois cruze as mãos sobre o colo. Espere um instante. Deixe que eu faço isso por você.

Levantando a bolsa, ele jogou-a para Helga. Depois, pegou o cinto de segurança e afivelou-o, roçando descuidadamente os seios de Charlie. Devia ter seus 30 anos. Bonito como um artista de cinema. Um Garibaldi mimado, de lenço vermelho no pescoço pela emoção de herói. Calmamente, como se dispusesse de todo o tempo do mundo, ele tirou um par de óculos escuros do bolso e ajustou nos olhos dela. A principio, Charlie pensou que ficara cega de medo, porque nada podia ver através dos óculos. Pensou depois que os óculos eram do tipo que se ajustava automaticamente; basta eu ficar quieta e logo vão clarear. Mas em seguida ela compreendeu que a intenção era justamente que ela nada visse.

– Se tirar os óculos, ela vai acertar um tiro em sua nuca – advertiu o italiano, ligando o carro.

– Não tenho a menor dúvida quanto a isso – disse a jovial Helga.

Eles partiram, a princípio aos solavancos pelo calçamento de pedras, depois por águas mais serenas. Charlie ficou prestando atenção ao barulho de outro carro, mas podia apenas ouvir o motor do veículo em que viajavam. Tentou determinar o percurso que faziam, mas já estava perdida. Pararam inesperadamente. Ela não percebera qualquer redução da velocidade nem do motorista manobrando para estacionar. Contara 300 de suas pulsações e duas paradas anteriores, que presumira serem sinais de trânsito. Memorizara itens triviais como o capacho de borracha novo sob seus pés, o diabo vermelho com um tridente na mão do italiano, no chaveiro. Ele estava agora ajudando-a a sair do carro. Uma bengala foi posta em sua mão, ela calculou que devia ser branca. Com muita ajuda dos amigos, transpôs os seis passos e quatro degraus íngremes para alguma porta. O mecanismo do elevador tinha um trinado que era uma reprodução exata do apito que soprara na orquestra da escola para imitar o canto de pássaros numa sinfonia. *Eles são bons profissionais,* advertira-a Joseph. *Não há aprendizado. Você irá da escola de teatro diretamente para o West End.* Ela estava sentada em algum assento de couro, sem encosto. Haviam-lhe amarrado as mãos, que estavam de novo em seu colo, onde podia vê-las. Tinham ficado com sua bolsa e ela ouviu quando despejaram o conteúdo numa mesa de tampo de vidro, as chaves e moedas tilintando. E depois houve o baque do maço de cartas de Michel, que ela pegara naquela manhã, por ordem de Helga. Havia um cheiro de loção masculino no ar, mais doce que a loção usada por Michel, mais enjoativo. O carpete a seus pés era de *nylon,* cor de telha, como as orquídeas de Michel. Ela calculou que as cortinas deviam ser grossas e estavam fechadas, porque a claridade nas extremidades dos óculos era amarelada, de luz elétrica, sem qualquer vestígio do dia. Eles estavam no quarto há alguns minutos, sem que qualquer palavra fosse pronunciada.

– Preciso do Camarada Mesterbein – disse Charlie subitamente. – Preciso da proteção da Justiça.

Helga riu, extasiada.

– Oh, Charlie! Isso é uma loucura completa. Não acha que ela é sensacional?

A pergunta era presumivelmente endereçada ao italiano, pois Charlie não tinha a percepção de mais alguma pessoa na

sala. Contudo, a pergunta não obteve resposta. . . e Helga parecia não esperar nenhuma. Charlie fez outra tentativa: – Não posso deixar de admitir que você fica muito bem com uma arma, Helg. Daqui por diante, nunca pensarei em você de qualquer outra forma.

E desta vez Charlie ouviu nitidamente um tom de orgulho nervoso na risada de Helga. Ela estava exibindo Charlie a alguém – alguém que respeitava muito mais que ao italiano. Ela ouviu um passo e divisou, lá no fundo de seu campo de visão no tapete cor de telha para sua inspeção, a ponta preta e impecavelmente engraxada de um sapato de homem, obviamente caro. Ouviu a respiração de alguém e o barulho de uma língua comprimida contra os dentes superiores. O pé desapareceu e ela sentiu um movimento no ar, quando o corpo perfumado passou bem perto. Instintivamente, inclinou o corpo para trás. Mas Helga lhe ordenou que ficasse quieta. Ouviu um fósforo ser riscado e sentiu o cheiro de um dos charutos de Natal de seu pai. Helga tornou a adverti-la para que ficasse quieta. . . "totalmente quieta, caso contrário será punida e desta vez não haverá hesitação". Mas as ameaças de Helga não passavam de uma mera intromissão nos pensamentos de Charlie, enquanto ela tentava definir o visitante invisível, por todos os meios que conhecia. Imaginou-se como uma espécie de morcego, irradiando sinais e escutando como ricocheteavam de volta. Lembrou-se das brincadeiras de venda em que se divertia nas festas dos tempos de criança. Cheire isto, sinta isto, adivinhe quem a está beijando em seus lábios de 13 anos.

A escuridão estava deixando-a tonta. Vou acabar caindo. Ainda bem que estou sentada. Ele estava à mesa de vidro, examinando o conteúdo da bolsa, como Helga fizera na Cornualha. Charlie ouviu um trecho de música quando ele mexeu em seu rádio-despertador e um baque quando o largou. *Desta vez não haverá qualquer truque,* dissera Joseph. *Leve o seu próprio rádio. Nada de substituto.* Ela ouviu-o a folhear sua agenda, enquanto soprava a fumaça. Ele vai me perguntar o que significa *fora de jogo,* pensou ela. Ver M. . . encontrar M. . . amar M... ATENAS!!! Mas ele, nada perguntou. Charlie ouviu um grunhido quando ele sentou-se no sofá, ouviu o farfalhar da calça na chita esticada. Um homem corpulento, usando uma loção cara, sapatos elegantes e fumando um charuto havana, sentando-se agradecido no sofá de uma prostituta. A escuridão era hipnótica. As mãos dela ainda estavam amarradas em seu colo, mas agora eram as mãos de outra pessoa. Ela ouviu o estalido de um elástico. As cartas. Ficaremos muito zangados com você se não trouxer as cartas. Cindy, você acaba de pagar por suas aulas de música. Se ao menos você soubesse para onde eu estava indo quando fui procurá-la... Se ao menos eu soubesse...

A escuridão estava deixando-a um pouco louca. Se me aprisionarem, estou perdida; a claustrofobia é a pior coisa para mim. Ela estava recitando. T. S. Eliot para si mesma, algo que aprendera na escola, no período em que fora expulsa, sobre o presente e o passado estarem contidos no futuro. Sobre todo o tempo sendo eternamente presente. Não compreendera na ocasião e não compreendia agora. Graças a Deus que não fiquei com Millie, pensou ela. Millie era uma dálmata que vivia no outro lado da rua e cujos donos estavam viajando para o exterior. Ela imaginou Millie sentada ao seu lado agora, também usando óculos escuros.

– Conte-nos a verdade e não a mataremos – disse uma voz de homem, suavemente.

Era Michel! Quase. Michel está quase vivo de novo! Era o sotaque de Michel, a beleza da cadência de Michel, o tom sonoro e indolente de Michel, arrancado do fundo da garganta.

– Conte-nos tudo o que disse a eles, o que já fez para eles, quanto lhe pagaram. . . e não haverá problemas. Nós compreendemos. E a deixamos ir embora.

– Mantenha a cabeça parada! – ordenou Helga rispidamente, por trás dela.

– Não achamos que você o tenha traído como uma autêntica traição, entende? Você estava apavorada, envolvera-se demais, não podia deixar de colaborar com eles. Isso é perfeitamente natural. Não somos desumanos. Tiramos você daqui, largamos em algum ponto nos arredores da cidade. Pode contar a eles tudo o que lhe aconteceu aqui. Não nos importamos. Contanto que você tenha vindo limpa.

Suspirou, como se a vida tivesse se tornado um grande fardo para ele.

– Talvez você tenha se tornado dependente de algum policial atraente, hem? Está lhe prestando um favor. Podemos compreender essas coisas. Somos pessoas empenhadas numa causa, mas não somos psicopatas. Está me entendendo?

Helga estava irritada.

– Pode compreendê-lo, Charlie? Responda ou será punida!

Ela fez questão de não responder.

– Quando esteve com eles pela primeira vez? Vamos, conte-me. Depois de Nottingham? York? Não importa. Você foi procurá-los. Ficou assustada, correu para a polícia. "Aquele árabe maluco está tentando me recrutar para ser uma terrorista. Salvem-me e farei tudo o que me pedirem." Foi assim que aconteceu? Quando voltar para eles, ainda não haverá qualquer problema. Diga-lhes que é uma heroína. Nós lhe daremos algumas informações que poderá transmitir a eles, para se sentir bem. Não vamos ficar nos enganando. Você é uma boa moça, mas está como um peixe fora d'água. Vamos logo.

Charlie sentia-se em paz. Uma profunda lassitude a dominava, acarretada pelo isolamento e a cegueira. Estava a salvo, segura, estava no útero, para começar de novo ou morrer serenamente, como quer que a natureza resolvesse. Estava dormindo o sono da infância ou da velhice. Seu silêncio a encantava. Era o silêncio da perfeita liberdade. Estavam esperando por ela – podia sentir a impaciência deles, mas não tinha qualquer sensação de partilhá-la. Por várias vezes chegou ao ponto de pensar o que poderia dizer, mas sua voz estava muito longe e parecia não haver qualquer sentido em ir buscá-la. Helga falou alguma coisa em alemão. Embora não pudesse compreender uma só palavra, Charlie reconheceu, tão claramente como se fosse em sua própria língua, o tom de resignação aturdida. O homem corpulento parecia bastante perplexo, mas não hostil. Talvez sim, talvez não, ele parecia estar dizendo. Charlie teve a impressão de que os dois estavam rejeitando a responsabilidade sobre ela, empurrando de um para o outro, numa divergência burocrática. O italiano entrou na conversa, mas Helga mandou-o calar a boca. A discussão entre Helga e o gordo recomeçou. Charlie captou a palavra *logisch.* Helga está sendo lógica. Ou Charlie não está. Ou o gordo está ouvindo Helga dizer que ele deveria ser. E foi então que o gordo perguntou: – Onde foi que passou a noite de sexta-feira, depois que telefonou para Helga?

– Com um amante.

– E a noite passada?

– Com um amante.

– Um amante diferente?

– Isso mesmo... mas ambos eram da polícia.

Ela calculou que Helga a teria agredido, se não estivesse de óculos. Helga aproximou-se dela, furiosa, a voz vibrando de raiva ao lhe lançar uma rajada de ordens – não seja impertinente, não minta, responda a tudo imediatamente e sem sarcasmo. As perguntas recomeçaram e Charlie respondeu, cansada, deixando que lhe arrancassem as respostas com dificuldade, frase a frase, porque em última análise nada daquilo era da conta deles. O número do quarto em Nottingham, o hotel em Tessalônica, se nadaram, a que horas chegaram, quando comeram, quais as bebidas que mandaram levar ao quarto? Mas, gradativamente, enquanto escutava primeiro a si mesma e depois a eles, Charlie compreendeu que vencera, pelo menos até agora. . . muito embora a obrigassem a continuar de óculos escuros quando foi embora e a levaram de carro para uma distância segura da casa.

21

Estava chovendo quando aterrissaram em Beirute e ela compreendeu que era uma chuva quente, pois o calor penetrara na cabine quando ainda estavam circulando, fazendo com que sua cabeça coçasse, da rinsagem doméstica. Voaram pelas nuvens, como rocha que se derretia incandescente sob as luzes do avião. As nuvens desapareceram de repente e estavam voando baixo sobre o mar, deslizando para a destruição nas montanhas que se aproximavam. Charlie tinha um pesadelo recorrente que era parecido, só que o avião voava baixo sobre uma rua apinhada, com imensos edifícios nos dois lados. Nada podia evitar o desastre, porque o piloto estava fazendo amor com ela. E nada poderia evitá-lo agora. Efetuaram um pouso perfeito, as portas se abriram, ela sentiu o cheiro do Oriente Médio pela primeira vez, saudando-a. Eram sete horas da noite, mas podia perfeitamente ser três horas da madrugada, pois ela compreendeu prontamente que aquele era um mundo que não ia para a cama. O tumulto no salão de recepção lembrou-a do Derby Day antes da largada. Havia homens armados, com uniformes diferentes, em quantidade suficiente para iniciarem sua própria guerra. Comprimindo a bolsa contra o peito, ela abriu caminho até a fila da imigração e descobriu, para sua surpresa, que estava sorrindo. O passaporte alemão oriental e a falsa aparência, que cinco horas antes, no aeroporto de Londres, pareciam-lhe questões de vida ou morte, eram agora triviais, naquele ambiente de urgência irrequieta e perigosa.

– Entre na fila da esquerda e depois de mostrar seu passaporte peça para falar com o Sr. Mercedes – ordenara Helga, quando estavam sentadas no Citroen, no estacionamento em Heathrow.

– O que acontece, se ele começar a me falar em alemão?

A pergunta não era digna de ser respondida.

– Se por acaso se perder, pegue um táxi para o Commodore Hotel, sente-se no saguão e fique esperando. É uma ordem. Não se esqueça. Mercedes, como o carro.

– E depois o quê?

– Charlie, acho que você está sendo um pouco teimosa e também um pouco estúpida. Pare com isso, por favor.

– Ou vai atirar em mim.

Uma voz interrompeu seu devaneio:

– Srta. Palme! Passaporte. Por favor.

Palme era o nome alemão dela. Fora pronunciado por um árabe pequeno e feliz, com uma barba de um dia e cabelos crespos, roupas puídas, mas imaculadas.

– Por favor – repetiu ele, puxando-lhe a manga.

O casaco dele estava aberto e havia uma automática prateada grande metida na cintura. Havia 20 pessoas entre Charlie e o agente de imigração e Helga não lhe dissera que seria assim.

– Sou o Sr. Danny. Por favor, Srta. Palme, venha comigo.

Charlie entregou-lhe o passaporte e ele se afastou pela multidão, os braços abertos para que ela pudesse seguir em sua esteira. Esqueça Helga. E Mercedes. Danny desaparecera. Mas ressurgiu um momento depois, com uma expressão orgulhosa, segurando numa das mãos um cartão de desembarque branco e na outra um homem grande, com aparência de autoridade, metido num blusão preto de couro.

– Amigos – explicou Danny, com um sorriso exuberante de patriota. – Todos amigos da Palestina.

Charlie de certa forma duvidava, mas era polida o bastante para não dizê-lo, diante do entusiasmo dele. 0 grandalhão contemplou-a solenemente, depois estudou o passaporte, que entregou a Danny. E finalmente examinou o cartão branco, que acabou guardando no bolsinho do blusão.

– *Millkommen* – disse ele, com um aceno de cabeça rápido, que era um convite para se apressarem.

Já estavam nas portas quando a briga irrompeu. Começou pequena, aparentemente em decorrência de alguma coisa que uma autoridade uniformizada dissera a um viajante de aparência próspera. Subitamente os dois estavam gritando e sacudindo as mãos bem perto dos rostos um do outro. Em poucos segundos, cada homem já adquirira vários partidários. Enquanto Danny guiava Charlie para o estacionamento, um grupo de soldados com boinas verdes se encaminhava para o local, preparando suas metralhadoras pelo caminho.

– Sírios – explicou Danny, sorrindo filosoficamente para Charlie, como a dizer que cada país tinha os seus sírios.

O carro era um velho Peugeot azul, com um cheiro forte de fumaça de cigarro. Estava parado ao lado de um quiosque de café. Danny abriu a porta de trás e limpou a poeira das almofadas com a mio. Enquanto Charlie embarcava, um rapaz entrou pelo outro lado, sentando-se a seu lado. No momento em que Danny ligou o carro, outro rapaz apareceu e acomodou-se ao lado dele. Estava escuro demais para que ela pudesse perceber as feições deles, mas podia ver nitidamente as metralhadoras. Eram tão jovens que por um momento ela teve dificuldade em acreditar que as armas pudessem ser de verdade. O rapaz ao seu lado ofereceu-lhe um cigarro e ficou triste quando Charlie recusou.

– Você fala espanhol? – perguntou ele, com a maior cortesia, à guisa de alternativa. Charlie não falava. – Então peço que perdoe o meu inglês. Se soubesse o espanhol, eu poderia falar perfeitamente.

– Mas seu inglês é maravilhoso.

– Isso não é verdade – respondeu ele, em tom de reprovação, como se já identificasse uma perfídia ocidental, mergulhando em seguida num silêncio apreensivo.

Soaram tiros atrás deles, mas ninguém fez qualquer comentário. Estavam-se aproximando de um posto protegido por sacos de areia. Danny parou o carro. Uma sentinela uniformizada olhou para Charlie e depois acenou com a metralhadora para que passassem.

– Ele também era sírio? – perguntou Charlie.

– Libanês – respondeu Danny, suspirando.

Apesar disso, ela pôde sentir o excitamento dele. E também nos outros, um aguçamento dos olhos e das mentes, um alerta súbito. A rua era em parte campo de batalha, em parte um parque de obras, o que ficava revelado pelas ilhas de claridade projetadas pelos lampiões que ainda funcionavam. Troncos de árvores chamuscados recordavam uma avenida graciosa, buganvílias novas já começavam a cobrir as ruínas. Carros incendiados, crivados de buracos de balas, espalhavam-se pelas calçadas. Passaram por barracas iluminadas, com lojas vistosas funcionando no interior, pelas silhuetas de prédios bombardeados, transformados em penhascos de montanhas. Passaram por uma casa tão perfurada por granadas que mais parecia um gigantesco ralador, se equilibrando contra o céu pálido. Uma meia-lua, deslizando de um buraco para o seguinte, acompanhava-os enquanto avançavam. Ocasionalmente aparecia um prédio novo, meio construído, meio iluminado, meio habitado, o risco de um especulador, de vigas vermelhas e vidro preto.

– Estive dois anos em Praga e três em Havana, Cuba. Já esteve em Cuba?

O rapaz ao lado dela parecia ter-se recuperado de seu desapontamento.

– Nunca estive em Cuba – confessou Charlie.

– Agora sou um intérprete oficial, espanhol-árabe.

– Fantástico – murmurou Charlie. – Meus parabéns.

– Interpreto para você, Srta. Palme?

– Quando quiser.

Houve muitos risos. No final das contas, a mulher ocidental estava reintegrada no grupo.

Danny estava freando o carro, até quase o ritmo de passos, baixando a janela. Bem à frente deles, no meio da rua, ardia uma fogueira grande. Homens e garotos estavam sentados ao redor, em *khefias* brancos e peças de uniformes de combate caquis. Diversos cachorros marrons haviam instalado seu próprio acampamento a alguns metros deles. Charlie recordou Michel em sua aldeia natal, escutando as histórias dos viajantes. E pensou: agora eles fizeram uma aldeia no meio da rua. Enquanto Danny apagava os faróis, um homem velho e bonito se levantou, coçou as costas, aproximou-se lentamente, empunhando a metralhadora. Inclinou o rosto enrugado pela janela de Danny, até que pudessem se abraçar. A conversa fluiu entre os dois, sem qualquer pressa. Ignorada, Charlie prestou atenção a cada palavra, como se pudesse de alguma forma entender. Olhando além, porém, teve uma visão menos confortadora: parados num semicírculo imóvel, quatro ouvintes do velho apontavam suas metralhadoras para o carro – e nenhum deles tinha mais de 15 anos de idade.

– Nossa gente – disse o vizinho de Charlie, com reverência, ao seguirem viagem. – Comandos palestinos. Nosso setor da cidade.

E também de Michel, pensou Charlie, orgulhosamente.

Vai descobrir que eles formam um povo fácil de amar, avisara Joseph.

Charlie passou quatro noites e quatro dias com os rapazes, amando-os individualmente e coletivamente. Foram os

primeiros de suas várias famílias. Transferiam-na constantemente, como um tesouro, sempre no escuro, sempre com a maior cortesia. Ela chegara muito de repente, explicavam eles, com um pesar encantador; era necessário que o nosso comandante realizasse determinados preparativos. Chamavam-na de Srta. Palme e talvez pensassem realmente que era esse o seu nome. Retribuíam o amor que ela sentia por eles, mas não lhe pediam nada pessoal, nada indevido, nada impróprio. Mantinham em todos os sentidos numa discrição tímida e disciplinada, que deixou Charlie curiosa sobre a natureza da autoridade que os governava. Seu primeiro quarto foi no alto de uma casa velha, meio destruída pelas granadas, vazia de qualquer outra vida, com exceção do papagaio do proprietário ausente, que tinha uma tosse de fumante e a exibia cada vez que alguém acendia um cigarro. Seu outro truque era estrilar como um telefone, o que acontecia quase sempre de madrugada, fazendo com que Charlie se esgueirasse até a porta, esperando que alguém atendesse. Os rapazes dormiam lá fora, um de cada vez, enquanto os outros dois fumavam, tomavam pequenos copos de chá doce e mantinham um murmúrio de fogueira de acampamento, enquanto jogavam cartas.

As noites eram eternas, mas não havia dois minutos que fossem iguais. Os próprios sons estavam em guerra entre si, primeiro se mantendo a uma distância segura, depois avançando, depois se agrupando, depois caindo uns sobre os outros, numa escaramuça de zoeiras conflitantes – uma explosão de música, o grito de pneus e de sirenes – seguindo-se o silêncio profundo de uma floresta. Naquela orquestra, os disparos constituíam um instrumento menor: um ressoar de tambor aqui, um matraquear ali, às vezes o assovio baixo de uma granada. Houve uma ocasião em que ela ouviu o repicar de sinos. Mas as vozes humanas eram poucas. Em outra ocasião, de madrugada, depois de batidas urgentes em sua porta, Danny e os dois rapazes foram juntos até sua janela, na ponta dos pés. Indo atrás deles, Charlie avistou um carro parado na rua, a 100 metros de distância. Fumaça saía de seu interior, se elevava e rolava para o lado, como alguém se revirando na cama. Uma lufada de ar quente empurrou-a de volta ao interior do quarto; alguma coisa caiu de uma prateleira, ela ouviu um baque dentro da cabeça.

– Paz – disse Mahmoud, o mais bonito, piscando um olho.

Todos se retiraram, de olhos brilhantes, confiantes. Somente o amanhecer era previsível, quando alto-falantes a crepitarem transmitiam os muezins, convocando os fiéis à oração.

Charlie aceitava tudo e se entregava totalmente em troca. No absurdo ao seu redor, naquela inesperada trégua para meditação, Charlie finalmente encontrava um berço para a sua própria irracionalidade. E como nenhum paradoxo era grande demais para suportar em meio a tamanho caos, ela encontrou também um lugar para Joseph. Seu amor por ele, naquele mundo de devoções inexplicáveis, estava em tudo o que ouvia e olhava. E quando os rapazes, durante o chá e cigarros, regalavam-na com as histórias dos sofrimentos de suas famílias nas mãos dos sionistas – exatamente como Michel fizera e com a mesma satisfação romântica – era mais uma vez o seu amor por Joseph, a recordação da voz suave e do sorriso raro dele, que lhe abria o coração para a tragédia daquela gente.

O segundo quarto era bem alto, num esplendoroso prédio de apartamentos. De sua janela, Charlie podia ver a fachada negra de um banco novo e mais além o mar impassível. A praia vazia, com suas cabanas abandonadas,era como um balneário permanentemente fora da temporada. Um solitário banhista apresentava a excentricidade de alguém indo à praia no Dia de Natal em Serpentine. Contudo, o mais estranho naquele lugar eram as cortinas. Quando os rapazes as fecharam à noite, ela nada percebeu de estranho. Mas quando a manhã chegou, ela viu uma linha de buracos de balas se estendendo pela janela como uma serpente ondulada. Foi o dia em que ela fez omelete para os rapazes no café da manhã e depois ensinou a jogar *gin rummy*. Na terceira noite, ela dormiu por cima de alguma espécie de comando militar. Havia grades nas janelas e buracos de granadas na escada. *Posters* mostravam crianças brandindo metralhadoras ou ramos de flores. Guardas de olhos escuros estavam postados em todo os patamares, o prédio inteiro tinha um ar turbulento de Legião Estrangeira.

– Nosso comandante vai recebê-la em breve – assegurava Danny ternamente, volta e meia. – Ele está fazendo os preparativos. É um grande homem.

Charlie estava começando a aprender o sorriso árabe que explicava a protelação. Para consolá-la na espera, Danny contou a história de seu pai. Depois de 20 anos nos acampamentos de refugiados, parecia que o velho enlouquecera de tanto desespero. Uma manhã, antes de nascer o sol, ele pusera seus poucos pertences numa bolsa, juntamente com os títulos de propriedade de sua terra. Sem dizer nada à família, atravessara as linhas sionistas, com o objetivo de reclamar sua fazenda pessoalmente. Saindo apressadamente no encalço dele, Danny e seus irmãos chegaram a tempo de ver o vulto encurvado aprofundar-se cada vez mais pelo vale, até que uma mina o explodira. Dany relatou tudo isso com uma precisão aturdida,

enquanto os outros dois fiscalizavam seu inglês, interrompendo-o para reformular uma frase, quando a sintaxe ou a cadência os desagradava, acenando com a cabeça como velhos para aprovar uma frase. Depois que ele acabou, os rapazes fizeram algumas perguntas a Charlie sobre a castidade das mulheres ocidentais, sobre as quais haviam ouvido histórias vergonhosas, mas não de todo desinteressantes.

Charlie os amava cada vez mais, um milagre de quatro dias. Amava a timidez deles, a virgindade, a disciplina e a autoridade que tinham sobre ela. Amava-os como captores e como amigos. Mas apesar de todo o seu amor, eles nunca lhe devolveram o passaporte; e se por acaso ela se aproximava das metralhadoras, eles recuavam prontamente, com olhares firmes e perigosos.

– Venha comigo, por favor – disse Danny, batendo de leve na porta do quarto, para acordá-la. – Nosso comandante está preparado.

Eram três horas da madrugada e ainda estava escuro.

Charlie recordou depois quatro carros, mas podiam ter sido cinco, porque tudo aconteceu muito depressa, um ziguezague de jornadas cada vez mais alarmantes pela cidade, principalmente em Volvos cor de areia, com antenas na frente e atrás e guarda-costas que não falavam. O primeiro carro estava esperando no prédio, mas no lado do pátio, onde ela não estivera antes. Foi só depois que saíram do pátio e estavam correndo pela rua que ela percebeu que os rapazes haviam ficado para trás. Ao final da rua, o motorista pareceu divisar alguma coisa que não lhe agradava, pois fez uma curva em U, os pneus cantando e quase virando o carro. Ao voltarem, ela ouviu um matraquear e um grito bem perto. Sentiu certa mão vigorosa empurrando sua cabeça para baixo. Imaginou por isso que os disparos visavam o carro.

Passaram por um cruzamento com o sinal vermelho e por pouco não bateram num caminhão, subiram numa calçada à direita, deram uma volta por um estacionamento inclinado, dando para uma praia deserta. Charlie tornou a ver a meia-lua de Joseph, pairando sobre o mar. Por um segundo, imaginou que estava na estrada para Delfos. Pararam ao lado de um Fiat grande e quase jogaram Charlie lá dentro. Ela partiu outra vez, agora a propriedade de dois novos guarda-costas, seguindo por uma estrada toda esburacada, com prédios em ruínas nos dois lados e um par de faróis no encalço, bem perto. As montanhas à frente eram pretas, mas as da esquerda eram cinzentas, porque o clarão do vale iluminava seus flancos. Além do vale se estendia o mar outra vez. A agulha do velocímetro estava em 140, mas de repente não estava em mais nada, porque o motorista apagara todas as luzes, o mesmo fazendo o carro em perseguição.

À direita havia uma fileira de palmeiras, à esquerda o canteiro central que dividia as duas pistas, com dois metros de largura, às vezes com cascalho, às vezes com vegetação. Outros veículos buzinavam para eles e Charlie estava gritando "Santo Deus!", mas o motorista mostrava-se indiferente à blasfêmia. Com um brusco solavanco, subiram o canteiro central e foram para a outra pista. Tornando a acender os faróis, o motorista investiu contra o tráfego em sentido contrário, antes de dar uma súbita guinada para a esquerda, passando sob uma pequena ponte e derrapando até parar numa deserta estradinha de terra lamacenta. Charlie passou para um terceiro carro, desta vez um Landrover sem janelas. Estava chovendo. Ela não o percebera até aquele momento. Mas agora, quando a transferiram para a parte traseira do Landrover, um aguaceiro deixou-a completamente encharcada. Ela avistou o clarão branco de um relâmpago caindo sobre as montanhas. Ou talvez fosse uma granada. Estavam subindo por uma estrada íngreme e sinuosa. Pela traseira do Landrover, Charlie podia ver o vale ficar cada vez mais para baixo; pelo para-brisas, entre as cabeças do guarda-costas e do motorista, podia observar a chuva saltando da pista como cardumes de barrigudinhos dançarinos. Havia um carro na frente deles e Charlie compreendeu, pela maneira como o seguiam, que era amigo; havia um carro por trás e pela maneira como o ignoravam podia-se deduzir que também era amigo. Trocaram de carro outra vez e talvez mais uma. Entraram no que parecia ser uma escola abandonada, mas desta vez o motorista desligou o motor. Ele e o motorista ficaram esperando, com suas metralhadoras nas janelas, para verificar quem mais subia a colina. Houve barreiras na estrada em que pararam e outras pelas quais passaram com um mero aceno para as sentinelas passivas. Houve uma barreira em que o guarda-costas no banco da frente baixou a janela e disparou uma rajada de metralhadora para a escuridão, mas a única resposta foi o guinchar em pânico de ovelhas. E, finalmente, houve a última investida aterradora para a escuridão, entre dois jogos de faróis focalizados neles. Mas, a esta altura, Charlie já estava além do terror, sentindo-se completamente abalada e atordoada, não mais se importando com coisa alguma.

O carro parou, ela estava no pátio de uma *villa* antiga, com garotos de sentinela empunhando metralhadoras, delineados no telhado, como heróis de um filme russo. O ar era frio e puro, impregnado com todos os cheiros gregos que a chuva deixara para trás – de cipreste e mel, de todas as flores silvestres do mundo. O céu estava dominado por nuvens turbilhonantes de tempestade, o vale estendia-se lá embaixo, em quadrados distantes de luz. Levaram-na por uma varanda para o interior da

casa. Ali, sob uma lâmpada fraca que pendia do teto, Charlie teve a primeira visão dele, um vulto moreno, assimétrico, com cabelos pretos e lisos de colegial, uma bengala de freixo de aparência inglesa para sustentar as pernas claudicantes, um sorriso irônico de boas-vindas iluminando o rosto esburacado. Para apertar a mão de Charlie, ele pendurou a bengala no antebraço esquerdo, deixando-a balançar. Charlie teve a impressão de ampará-lo por um instante, antes que ele voltasse a se empertigar.

– Srta. Charlie, sou o Capitão Tayeh e a saúdo em nome da Revolução.

A voz dele era incisiva. E era também, como a de Joseph, muito bonita.

O medo será uma questão de seleção, advertira-a Joseph. *Infelizmente, ninguém pode ficar assustado durante todo o tempo. Mas com o Capitão Tayeh, como ele se intitula, você deve fazer o melhor possível. Porque o Capitão Tayeh é um homem esperto.*

– Perdoe-me – disse Tayeh, com jovial insinceridade.

A casa não era dele, pois não podia encontrar qualquer coisa que quisesse. Mesmo em busca de um cinzeiro, tinha de vaguear ao redor na semi-escuridão, questionando divertido os objetos, se seriam valiosos demais para tal uso. Mas a casa pertencia a alguém de quem ele gostava, pois Charlie observou em sua atitude uma jovialidade que dizia "isso é típico deles. .. é exatamente o lugar em que guardariam as bebidas". A iluminação ainda era escassa, mas quando seus olhos se acostumaram, Charlie concluiu que estava na casa de um professor. Ou de um político. Ou de um advogado. Havia nas paredes livros de verdade, que tinham sido lidos, consultados e guardados de volta sem muito cuidado. O quadro pendurado por cima da lareira podia ser de Jerusalém. Tudo o mais exibia uma desordem masculina de gostos diversos: poltronas de couro e almofadas de retalhos, uma profusão de tapetes orientais. E peças de prata árabes, muito brancas e ornamentadas, rebrilhando como arcas de tesouro nos recantos escuros. E um estúdio separado, dois degraus descendo para uma alcova, com uma escrivaninha de estilo inglês e uma vista panorâmica do vale de onde ela viera e da costa ao luar.

Charlie estava sentada no lugar que ele indicara, no sofá de couro. Mas Tayeh ainda vagueava pela sala, apoiado na bengala, fazendo tudo sozinho, enquanto lançava olhares para Charlie, de todos os ângulos, avaliando-a; agora os copos; agora um sorriso; agora, com outro sorriso, a vodca; e finalmente o *scotch,* que ela presumiu ser para ele próprio, pela maneira aprovadora como examinou o rótulo. Havia um rapaz sentado em cada extremidade da sala, cada um com uma metralhadora nos joelhos. Uma pilha de cartas estava sobre a mesa. Sem olhar, Charlie compreendeu que eram suas cartas para Michel.

Não tome a aparente confusão por incompetência, advertira Joseph; *não tenha pensamentos racistas, por favor, sobre a inferioridade árabe.*

As luzes se apagaram completamente, mas isso acontecia com frequência, mesmo no vale. Tayeh parou diante dela, emoldurado contra a vasta janela, uma sombra vigilante e sorridente apoiada numa bengala.

– Pode imaginar como será para nós quando voltarmos para casa? – perguntou ele, ainda fitando Charlie, embora a bengala apontasse para a janela panorâmica. – Pode imaginar o que é estar em sua própria terra, sob suas próprias estrelas, com uma arma na mão, procurando pelo opressor? Pergunte aos garotos.

A voz, como outras vozes que ela conhecia, era ainda mais bonita no escuro.

– Eles gostaram de você – acrescentou Tayeh. – Gostou deles?

– Gostei.

– De qual deles gostou mais?

– Gostei igual de todos.

Tayeh tornou a rir.

– Eles dizem que você está muito apaixonada por seu palestino morto. Isso é verdade?

– É, sim.

A bengala ainda apontava para a janela.

–Nos velhos tempos, se você tivesse coragem, nós a levaríamos. Pela fronteira. Ataque. Vingança. A volta. Comemoração. Iríamos juntos. Helga diz que você quer lutar. Você quer lutar?

– Quero.

– Contra qualquer um ou apenas contra os sionistas? – Ele não esperou por uma resposta. Já estava bebendo. – Alguns

da ralé que arrumamos querem explodir o mundo inteiro. Você é assim?

– Não.

– Essa gente é a ralé. Helga... O Sr. Mesterbein... uma ralé necessária. Concorda?

– Ainda não tive tempo para descobrir.

– *Você* é da ralé?

– Não.

As luzes se acenderam.

– Não – concordou ele, continuando a examiná-la. – Não, acho que não é. Talvez mude. Já matou alguém?

– Não.

– Tem muita sorte. Tem a sua polícia. Seu próprio país. Parlamento. Direitos. Passaportes. Onde você mora?

– Em Londres.

– Que parte de Londres?

Charlie tinha a impressão de que os ferimentos deixavam-no impaciente pelas respostas dela, que forçavam sua mente a se antecipar permanentemente) que o empurravam para outras perguntas. Ele encontrara uma cadeira de encosto alto e estava arrastando-a descuidadamente na direção de Charlie. Nenhum dos rapazes se levantou para ajudá-lo e ela calculou que não se atreveriam. Depois de colocar ã cadeira onde queria, ele arrastou outra para junto. Sentou numa e, com um grunhido, levantou a perna para a outra. Depois de fazer tudo isso, tirou um cigarro solto do bolso da túnica e acendeu-o.

– Sabia que você é a nossa primeira inglesa? Holandeses, italianos, franceses, alemães, suecos. Um par de americanos. Irlandeses. Todos vêm lutar por nós. Nenhum inglês. Pelo menos até agora. Os ingleses chegam atrasados, como sempre.

Uma onda de reconhecimento invadiu Charlie. Como Joseph, ele falava de sofrimentos que ela não experimentara, de um ponto de vista que ela ainda tinha de aprender. Ele não era velho, mas possuía uma sabedoria que fora adquirida muito cedo. O rosto dela estava próximo do pequeno abajur. Talvez fosse justamente por isso que Tayeh a sentara ali. O Cap itão Tayeh é um homem muito esperto.

– Se está querendo mudar o mundo, é melhor esquecer – comentou ele. – Os ingleses já fizeram isso. Fique em casa. Represente os seus pequenos papéis. Melhore sua mente num vácuo. É mais seguro.

– Agora não é mais.

– Ora, você sempre pode voltar. – Ele tomou um gole do uísque. – Confesse. Reforme-se. Um ano de prisão. Todos deveriam passar um ano na prisão. Por que se matar lutando por nós?

– Por ele.

Com o cigarro na mio, Tayeh acenou irritado, dispensando o romantismo dela.

– O que há para ele nisso? Ele está morto. Dentro de um ou dois anos, todos estaremos mortos. O que há para ele?

– Tudo. Ele me ensinou.

– Ele lhe contou o que fazemos? As bombas? Atentados? Mortes? Ora, não importa.

Por algum tempo, a única coisa com que ele se importou foi o cigarro. Observou-o arder, tragou, franziu o rosto para o cigano, apagou-o e acendeu outro. Charlie teve a impressão de que, no fundo, ele não gostava de fumar.

– O que ele poderia ensinar a você? A uma mulher como você? Ele era um garoto. Não podia ensinar a ninguém. Não era nada.

– Ele era tudo – repetiu Charlie, impassivelmente.

Mais uma vez, Charlie sentiu que ele perdia o interesse, como alguém entediado por uma conversa de gente inexperiente. Só depois é que compreendeu que Tayeh ouvira alguma coisa antes de todos os demais. Ele deu uma ordem rápida. Um dos garotos pulou para a porta. Corremos muito depressa para homens aleijados, pensou Charlie. Ela ouviu vozes suaves lá fora.

– Ele ensinou-a a odiar? – sugeriu Tayeh, como se nada tivesse acontecido.

– Ele disse que o ódio era para os sionistas. Disse que devemos amar para lutar. Disse que o anti-semitismo é uma invenção cristã.

Ela parou de falar, escutando o que Tayeh ouvira muito antes: um carro subindo a colina. Ele ouve como os cegos, pensou ela. É por causa de seu corpo.

– Você gosta da América? – perguntou Tayeh.

– Não.

– Já esteve lá?

– Não.

– Como pode dizer que não gosta, se nunca esteve lá?

Mas novamente a pergunta era retórica, um argumento para si mesmo no diálogo que ele conduzia em torno dela. O carro estava parando no pátio. Charlie ouviu passos e vozes abafadas, viu os fachos dos faróis cruzarem a sala, antes de serem apagados.

– Fique onde está – ordenou Tayeh.

Dois outros garotos apareceram, um deles carregando uma bolsa de plástico, o outro empunhando uma metralhadora. Pararam e esperaram respeitosamente que Tayeh lhes falasse. As cartas estavam na mesa entre eles. Ao se lembrar como haviam sido importantes, Charlie achou que a desordem delas era majestosa.

– Você não está sendo seguida e vai para o sul – disse Tayeh a Charlie. – Termine sua vodca e vá com os rapazes. Talvez eu acredite em você, talvez não. Talvez não tenha muita importância. Eles trouxeram roupas para você.

Não era um carro, mas uma ambulância branca imunda, com crescentes verdes pintados nos lados, muita poeira vermelha no capo e um garoto desgrenhado, de óculos escuros, ao volante. Dois outros rapazes se acomodavam nas camas arrebentadas na traseira, as metralhadoras levantadas no espaço estreito. Mas Charlie sentou-se ao lado do motorista, usando um lenço na cabeça e uma túnica cinza de hospital. Não era mais noite e sim um amanhecer deslumbrante, com um sol vermelho à esquerda, que insistia em se esconder enquanto desciam cautelosamente pela colina. Charlie experimentou uma conversa em inglês com o motorista, mas ele ficou furioso. Ela lançou um "Oi!" jovial para os rapazes atrás, mas um deles estava mal-humorado e o outro feroz. Ela pensou: "Lutem sozinhos a sua maldita revolução." E pôs-se a contemplar a vista. Sul, dissera Tayeh. Por que distância? Para quê? Mas havia uma ética em não fazer perguntas, o orgulho e instinto de sobrevivência dela exigiam que se conformasse.

A primeira barreira de inspeção estava â entrada da cidade. Passaram por mais quatro, antes de deixarem a cidade pela estrada litorânea para o sul. Na quarta barreira um garoto morto estava sendo metido num táxi por dois homens, enquanto mulheres gritavam e batiam no teto. O garoto estava de lado, a mão vazia apontando para baixo, ainda no ato de segurar alguma coisa. O mar azul se abria á direita e outra vez a paisagem se tomou absurda. Era como se a guerra civil tivesse irrompido na costa inglesa. Destroços de carros e casas crivadas de balas margeavam a estrada; num campo de futebol, duas crianças chutavam uma bola, através de uma cratera de granada. Os pequenos ancoradouros de iates estavam em ruínas, meio submersos. Até mesmo os caminhões com frutas, seguindo para o norte e quase expulsando-os da estrada, tinham o desespero de fugitivos.

Pararam outra vez para uma inspeção. Sírios. Mas enfermeiras alemãs em ambulâncias palestinas não interessavam a ninguém. Charlie ouviu o acelerar de uma motocicleta e olhou em sua direção, sem qualquer curiosidade. Uma Honda empoeirada, o porta-bagagem apinhado de bananas verdes. Uma galinha viva pendurada do guidom pelas pernas. E, no selim, Dimitri, escutando ansiosamente o barulho do motor. Ele usava o uniforme indefinido de soldado palestino, um *khefya* vermelho no pescoço. Na dragona da túnica caqui, como a lembrança de uma namorada, havia um ramo de urze branca, a dizer "estamos com você". Urze branca era o sinal que ela vinha procurando há quatro dias.

Daqui por diante, o cavalo conhece o caminho, dissera-lhe Joseph. *Seu trabalho é se manter na sela.*

Mais uma vez, eles constituíam uma família e esperavam. A base era desta vez uma casa pequena perto de Sidon, com uma varanda de concreto que fora rachada ao meio por uma granada disparada por um navio de guerra israelense, deixando os ferros enferrujados a se projetarem como as antenas de um inseto gigantesco. Havia nos fundos um pomar de tangerineiras, onde um ganso velho bicava as frutas caídas. Na frente havia uma área de lama e fragmentos de metal, que fora outrora uma posição famosa, durante a última invasão. No pasto adjacente havia um carro blindado destroçado, partilhado agora por uma família de galinhas amarelas e uma *spaniel* refugiada com quatro filhotes gordos. Além do carro blindado se estendia o mar azul cristão de Sidon, com sua fortaleza cruzada sobressaindo à beira d'água, como um perfeito castelo de areia. Do estoque

aparentemente interminável de rapazes de Tayeh, Charlie adquirira mais dois: Kareem e Yassir. Kareem era gorducho e meio palhação, fazia uma encenação de considerar sua metralhadora como um peso morto, bufando e fazendo caretas sempre que era obrigado a pendurá-la no ombro. Mas quando Charlie lhe sorriu em simpatia, ele ficou afogueado e correu para se juntar a Yassir. Sua ambição era tornar-se um engenheiro. Tinha 19 anos e estava lutando há seis anos. Falava inglês aos sussurros.

– Quando a Palestina for livre – disse Kareem – eu estudarei em Jerusalém. Enquanto isso. . . – Ele fez uma pausa, inclinou a mão e suspirou, diante da horrível perspectiva. – ... talvez Leningrado, talvez Detroit.

Kareem revelou que tivera um irmão e uma irmã. A irmã morrera num ataque aéreo sionista ao acampamento de Nabatiyeh. O irmão fora transferido para o acampamento de Rashidiyeh e morrera num bombardeio naval três dias depois. Ele descreveu essas perdas modestamente, como se não tivessem muita importância na tragédia geral.

– A Palestina é como uma gatinha – disse ele certa manhã a Charlie, misteriosamente, parado junto à janela do quarto dela, metido num camisolão branco e empunhando a metralhadora. – Precisa de muito carinho ou ficará selvagem.

Ele explicou que vira um homem de aparência sinistra na rua e fora verificar se devia matá-lo.

Mas Yassir, com sua cara amarrada de pugilista e olhar furioso, nem falava com ela. Usava uma camisa vermelha axadrezada e um cordão preto nos ombros, para indicar que era do serviço militar de informações. Quando a noite caía, ficava no jardim observando o mar, à espera de atacantes sionistas. Kareem explicou, com evidente simpatia, que Yassir era um grande comunista, ia destruir o colonialismo por toda parte. Yassir odiava os ocidentais, mesmo quando alegavam amar a Palestina, explicou Kareem. Sua mãe e o resto da família haviam morrido em Tal al-Zataar.

De quê?, perguntou Charlie.

De sede, respondeu Kareem. E explicou a Charlie um detalhe da história moderna. Tal al-Zataar, a colina do tomilho, era um acampamento de refugiados em Beirute. Barracos de telhado de zinco, muitas vezes 11 pessoas vivendo num único cômodo. Trinta mil palestinos e libaneses pobres mantidos ali por 17 meses, contra o bombardeio sírio. Milhares morreram, ninguém sabe quantos, porque bem poucos haviam sobrevivido para que se pudesse contar. Quando os atacantes entraram no acampamento, fuzilaram a maioria dos sobreviventes. Enfermeiras e médicos também foram alinhados e fuzilados. O que era lógico, já que não restavam medicamentos, água ou pacientes.

– Você estava lá? – perguntou Charlie.

Não, respondeu Kareem. Mas Yassir estava.

– No futuro, não tome banho de sol – disselhe Tayeh, quando foi buscá-la, na noite seguinte. – Isto não é a Riviera.

Ela nunca mais tornou a ver os rapazes. Gradativamente, estava entrando no estado que Joseph lhe previra. A tragédia ao seu redor a eximia da necessidade de se explicar. Era como uma amazona de antolhos, sendo levada por acontecimentos e emoções grandes demais para que pudesse absorver, para uma terra em que a simples presença era uma participação numa injustiça monstruosa. Juntara-se ás vítimas e finalmente se conciliava com seu embuste. A cada dia que passava, a ficção de sua suposta lealdade a Michel tornava-se mais firmemente baseada no fato, enquanto a fidelidade a Joseph, se não uma ficção, sobrevivia apenas como uma marca secreta em sua alma.

– Em breve estaremos todos mortos – disseme Kareem, repetindo Tayeh. – Vai ver como os sionistas cometerão genocídio contra nós.

A velha prisão ficava no centro da cidade. Era o lugar, dissera Tayeh enigmaticamente, onde os inocentes cumpriam suas sentenças de prisão perpétua. Para alcançá-la, tiveram de estacionar o carro na praça principal e entrar num labirinto de antigas passagens, com incontáveis cartazes de plásticos pendurados, que Charlie a princípio pensou que fossem roupas postas a secar. Era a hora vespertina das compras, as lojas e quiosques estavam cheios. Os lampiões de rua brilhavam sobre o mármore antigo das paredes, parecendo iluminá-lo por dentro. O barulho nas vielas era fragmentado. Às vezes, quando viravam uma esquina, cessava abruptamente, restando apenas o som de seus próprios passos sobre as polidas pedras romanas do calçamento. Um homem hostil seguia na frente.

– Expliquei ao administrador que você é uma jornalista ocidental – disse Tayeh, claudicando ao lado dela. – A atitude dele em relação a você não é das melhores, porque é um homem que não gosta dos que vêm aqui para melhorar seus conhecimentos de zoologia.

A noite era muito quente, a lua de Joseph os acompanhava. Entraram em outra praça e foram recebidos por uma explosão de música árabe, transmitida por alto-falantes improvisados, no alto de estacas. Os portões altos estavam abertos e davam para um pátio intensamente iluminado, do qual subia uma escadaria de pedra, levando a sucessivos balcões. A música estava mais alta.

– Mas quem são eles, afinal? – sussurrou Charlie, ainda aturdida. – O que fizeram?

– Nada. Esse é o crime deles. São os refugiados que vieram se refugiar dos acampamentos de refugiados. A prisão tem muros fortes e estava vazia. Assim, tomamos posse daqui, para protegê-los. Cumprimente as pessoas solenemente. Não sorria com muita facilidade ou pensarão que está rindo de seu sofrimento.

Um velho numa cadeira de cozinha olhava impassivelmente para eles. Tayeh e o administrador se adiantaram para cumprimentá-lo. Charlie olhou ao redor. Vejo isso todos os dias. Sou uma jornalista ocidental insensível, descrevendo as privações daqueles que têm tudo e são miseráveis. Ela estava no centro de um vasto silo de pedra, cujos muros antigos estavam alinhados para o céu com portas de jaulas dando para balcões de madeira. Com uma tinta branca recente cobrindo tudo, havia uma ilusão de higiene. As celas no andar térreo eram arcadas. As portas estavam abertas, como para a hospitalidade; os vultos no interior pareciam a princípio imóveis. Até mesmo as crianças se moviam comedidamente. Roupas estavam penduradas em varais diante de cada cela, a simetria sugerindo o orgulho competitivo de vida na aldeia. O cheiro era de café, valas abertas e roupa lavada. Tayeh e o administrador voltaram.

– Deixe que eles falem com você primeiro – Tayeh tornou a avisá-la. –Não seja desenvolta com estas pessoas, pois elas não compreenderão. Está observando uma espécie já meio extinta.

Subiram uma escadaria de mármore. As celas naquele andar tinham portas maciças, com visores para os carcereiros. O barulho parecia aumentar com o calor. Uma mulher passou, usando a indumentária completa de camponesa. O administrador falou com ela e a mulher apontou pelo balcão para um desenho em árabe, com o formato de uma flecha tosca. Olhando para baixo pelo poço da escada, Charlie constatou que o velho voltara à sua cadeira, olhando para o nada. Ele já fez o trabalho do dia, pensou ela; já nos disse para subir. Chegaram à flecha, seguiram a sua direção, encontraram outra, logo estavam avançando para o próprio centro da prisão. Precisarei de uma moeda para encontrar o caminho de volta. Charlie olhou para Tayeh, mas ele não queria fitá-la. Não tome banho de sol no futuro. Entraram numa antiga sala de administração ou cantina. Havia uma mesa de exame coberta de plástico no centro e um carrinho com medicamentos e baldes de ataduras e seringas. Um homem e uma mulher trabalhavam ali. A mulher, toda vestida de preto, limpava com algodão os olhos de uma criança. As mães à espera sentavam-se pacientemente ao longo da parede, enquanto seus bebês cochilavam ou choramingavam.

– Fique aqui – ordenou Tayeh.

Desta vez ele se adiantou sozinho, deixando Charlie com o administrador. Mas a mulher já o vira entrar. Fitou-o por um momento, depois olhou para Charlie, permaneceu nela, com uma expressão inquisitiva. Ela disse alguma coisa à mãe e devolveu-lhe o bebê. Foi até a pia, lavou as mãos meticulosamente, enquanto examinava Charlie pelo espelho.

– Siga-nos – disse Tayeh.

Cada prisão tem seu cômodo pequeno e bem-arrumado, com flores de plástico e uma fotografia da Suíça, onde podem ser recebidas as pessoas sem qualquer culpa. O administrador fora embora. Tayeh e a mulher estavam sentados nos lados dela, a mulher empertigada como uma freira, Tayeh inclinado, uma perna rigidamente esticada para o lado, a bengala como um mastro de tenda no meio do corpo, o suor escorrendo pelo rosto cheio de crateras, enquanto ele fumava, se remexia, franzia o rosto. Os sons da prisão não haviam cessado, mas tinham-se unido num único ruído, em parte de música, em parte de vozes humanas. Às vezes, espantosamente, Charlie podia ouvir risadas. A mulher era bonita e austera, um pouco intimidativa em sua roupa preta, com um olhar direto que não tinha o menor interesse em disfarçar. Os cabelos estavam cortados bem curtos. A porta permanecia aberta. Dois rapazes a guardavam.

– Sabe quem ela é? – perguntou Tayeh, já apagando seu primeiro cigarro. – Reconhece alguma coisa familiar no rosto? Olhe bem.

Charlie não precisava.

– Fatmeh – murmurou ela.

– Ela voltou a Sídon para ficar entre sua gente. Não fala inglês, mas sabe quem você é. Leu suas cartas para Michel e as cartas dele para você. Traduzidas. Está interessada em você, como não podia deixar de acontecer.

Deslocando-se dolorosamente na cadeira, Tayeh tirou do bolso um cigarro manchado de suor e acendeu-o.

– Ela está de luto, mas isso também acontece com você. Quando falar com ela, não seja sentimental, por favor. Ela já perdeu três irmãos. Sabe o que é isso.

Calmamente, Fatmeh começou a falar. Quando parou, Tayeh traduziu – com desdém, o que era a sua atitude naquela noite.

– Ela deseja primeiro agradecer pelo grande conforto que você proporcionou a seu irmão Salim enquanto ele lutava

contra o sionismo. E também por ter aderido à luta pela justiça.

Ele esperou, enquanto Fatmeh voltava a falar.

– Ela diz que agora vocês são irmãs. Ambas amavam Michel, ambas estão orgulhosas de sua morte heroica. Ela pergunta... – Tayeh fez outra pausa, deixando Fatmeh falar. – Ela pergunta se você também prefere a morte a se tornar uma escrava do imperialismo. Ela é muito política. Diga que sim.

Charlie disse.

– Ela deseja saber como Michel falou de sua família e da Palestina. Não invente. Ela possui um bom instinto.

A atitude de Tayeh não era mais de indiferença. Deixando a mesa onde se empoleirara, ele iniciou uma lenta excursão pelo cômodo, ora interpretando, ora formulando as suas próprias perguntas adicionais.

Charlie falou diretamente para Fatmeh, do fundo de seu coração, de sua memória ferida. Não era uma impostora para ninguém, nem para si mesma. A princípio, disse ela, Michel não falava absolutamente dos irmãos; só uma vez, mesmo assim de passagem, se referira à sua amada Fatmeh. E de repente, um dia – aconteceu na Grécia – ele começou a recordá-los, com profundo amor, comentando que desde a morte da mãe que a irmã Fatmeh se tornara a mãe de toda a família.

Tayeh traduziu, bruscamente. A mulher não exibiu qualquer reação, mas os olhos estavam fixados em Charlie durante todo o tempo, observando, prestando atenção, inquirindo.

– O que ele contou... dos irmãos – ordenou Tayeh, impacientemente. – Repita para ela.

– Ele disse que os irmãos mais velhos foram sua fulgurante inspiração durante toda a infância. Na Jordânia, no primeiro acampamento para onde foram, quando ele ainda era pequeno demais para lutar, os irmãos costumavam sair, sem dizerem para onde iam. Depois, Fatmeh ia até sua cama e lhe sussurrava que haviam realizado outro ataque contra os sionistas.

Tayeh interrompeu com uma tradução rápida.

As perguntas de Fatmeh perderam o tom nostálgico e adquiriram a aspereza do interrogatório. 0 que seus irmãos haviam estudado? Quais eram seus talentos e aptidões, como haviam morrido? Charlie respondeu como podia: Salim... Michel. . . não lhe contara tudo. Fawaz era um grande advogado, ou tencionava ser. Apaixonara-se por uma estudante em Amã.. . a própria namorada da infância, de sua aldeia na Palestina. Os sionistas mataram-no a tiros, quando saía da casa dela certa manhã.

– Segundo Fatmeh...

– Segundo Fatmeh o quê? – indagou Tayeh.

– Segundo Fatmeh, os jordanianos forneceram o endereço dela aos sionistas.

Fatmeh estava formulando uma pergunta. Furiosa. Tayeh tornou a traduzir:

– Numa de suas cartas, Michel menciona seu orgulho por partilhar torturas com seu grande irmão. A propósito desse incidente, ele escreve que a irmã Fatmeh é a única mulher do mundo, além de você, a quem pode amar totalmente. Explique isso a Fatmeh, por favor. A que irmão ele se refere?

– Khalil – disse Charlie.

– Descreva todo o incidente.

– Foi na Jordânia.

– Em que lugar? Como? Descreva exatamente.

– Estava anoitecendo. Um comboio de seis jipes jordanianos entrou no acampamento. Pegaram Khalil e Michel. . . Salim. Ordenaram a Michel que fosse cortar alguns galhos de uma romãzeira. . . – Ela abriu os braços, como Michel fizera naquela noite em Delfos. – ... seis galhos novos, de um metro cada. Obrigaram Khalil a tirar os sapatos. Salim se ajoelhou e segurou os pés de Khalil, enquanto eles batiam com os galhos. Mudaram de posição, com Khalil segurando os pés de Salim. Os pés não são mais pés, estão irreconhecíveis. Mas os jordanianos obrigam os dois a correr assim mesmo, dando tiros no chão por trás deles.

– E daí? – disse Tayeh, impacientemente.

– E daí o quê?

– Por que Fatmeh é tão importante nessa história?

– Ela cuidou dos dois. Dia e noite, limpando-lhes os pés. Incutiu-lhes coragem. Leu para eles dos grandes escritores

árabes. Fez com que planejassem novos ataques. "Fatmeh é nosso coração", disse ele. "Ela é nossa Palestina. Tenho de aprender de sua coragem e força." Ele disse isso.

– O tolo chegou até a escrever – disse Tayeh, pendurando a bengala no encosto da cadeira, ruidosamente, e acendendo outro cigarro.

Inclinado rigidamente para a frente, como se houvesse um espelho na parede, apoiado na bengala, Tayeh enxugava o rosto com um lenço. Fatmeh se levantou e aproximou-se em silêncio, pegando um copo para ele. Tayeh tirou do bolso uma garrafa pequena de *scotch* e serviu um pouco. Não pela primeira vez, ocorreu a Charlie que eles se conheciam muito bem, como colegas íntimos, talvez amantes. Conversaram por um momento, depois Fatmeh virou-se e tornou a fitar Charlie, enquanto Tayeh formulava a última pergunta dela:

– O que significa a frase na carta "O que juro pelo túmulo de meu pai"? Explique isso também. Descreva com exatidão.

Charlie começou a descrever a morte dele, mas Tayeh interrompeu-a bruscamente:

– Sabemos como ele morreu. Morreu de desespero. Fale-nos do funeral.

– Ele pediu para ser enterrado em Hebron. . . em El Khalil. Levaram-no para a Ponte Allenby. Os sionistas não o deixaram passar. Michel, Fatmeh e dois amigos subiram com o caixão por uma colina. Quando a noite caiu, escavaram uma sepultura num lugar de onde ele poderia olhar através da fronteira para a terra que os sionistas lhe roubaram.

– Onde está Khalil enquanto eles fazem isso?

– Ausente. Está ausente há anos. Fora de contato. Lutando. Mas naquela noite, quando ainda estavam cobrindo a sepultura, ele apareceu de repente.

– E que mais?

– Ajudou a cobrir a sepultura. E depois disse a Michel que viesse lutar.

– Viesse lutar?

– Disse que era o momento de atacar a entidade judia. Em toda parte. Não deveria mais haver qualquer distinção entre judeus e israelenses. Ele disse que toda a raça judia era uma base do poder sionista e que os sionistas jamais descansariam enquanto não destruíssem nosso povo. Nossa única chance era levantar o mundo pelas orelhas e obrigá-lo a escutar. Repetidamente. Se vida inocente tinha de ser sacrificada, por que deveria ser sempre palestina? Os palestinos não iriam imitar os judeus, esperando dois mil anos para voltarem à sua pátria.

– E que mais? – insistiu Tayeh, impassível.

– Michel deveria ir para a Europa. Khalil providenciaria tudo. Michel se tornaria um estudante, mas também um guerreiro.

Fatmeh falou. Não muito longamente.

– Ela diz que o irmão menor tinha uma boca grande e que Deus foi sábio em fechá-la no momento apropriado – traduziu Tayeh.

Chamando os garotos, ele claudicou rapidamente à frente de Charlie, descendo a escada. Mas Fatmeh pôs a mão no braço de Charlie, retendo-a. Fitou-a fixamente, com uma curiosidade franca, mas amistosa. Lado a lado, as duas mulheres avançaram pelo corredor. Na porta da clínica, Fatmeh tomou a olhar fixamente para Charlie, desta vez com uma perplexidade inequívoca. E deu um beijo no rosto de Charlie. A última vez em que Charlie a viu, ela tornara a pegar o bebê e estava limpando seus olhos. Se Tayeh não a chamasse, gritando para que se apressasse, Charlie teria ficado e ajudado Fatmeh pelo resto de sua vida.

– Você deve esperar – disselhe Tayeh, enquanto a conduzia ao acampamento. – Afinal, não contávamos com a sua vinda. Não a convidamos.

Charlie pensou a princípio que ele a levara para uma aldeia, pois os terraços das cabanas brancas que desciam pela encosta da colina pareciam bastante atraentes, â luz dos faróis. Mas quando chegaram perto, a escala do lugar começou a se revelar. Ao chegarem ao topo da colina, ela já sabia que estava numa cidade improvisada, construída para milhares de pessoas, não para centenas. Um homem grisalho e distinto recebeu-os, mas foi a Tayeh que ele dispensou toda a sua simpatia. Usava sapatos pretos envernizados e um uniforme caqui, passado em vincos afiados como navalha. Charlie calculou que ele vestira as suas melhores roupas para receber Tayeh.

– Ele é nosso chefe aqui – disse Tayeh simplesmente, apresentando-o. – Sabe que você é inglesa e mais nada. Não fará perguntas.

Seguiram-no para uma sala austera, com taças esportivas em caixas de vidro. No centro da sala havia uma mesinha baixa, com uma bandeja em que estavam maços de cigarros de marcas diferentes. Uma jovem muito alta trouxe chá e bolos, mas ninguém falou com ela. A moça usava um lenço na cabeça, a saia comprida tradicional e sapatos sem saltos. Esposa? Irmã? Charlie não podia determinar. Tinha olheiras de sofrimento e parecia viver num reino de tristeza particular. Depois que ela se foi, o chefe fixou Charlie com um olhar feroz e fez um discurso sombrio, com um nítido sotaque escocês. Explicou sem sorrir que durante os anos de domínio inglês servira na polícia palestina. Ainda recebia uma pensão britânica. O espírito de seu povo, disse ele, fora consideravelmente fortalecido pelo sofrimento. Ele apresentou estatísticas. Nos últimos sete anos o acampamento fora bombardeado 700 vezes. Deu o número de baixas e repisou a proporção de mulheres e crianças mortas. As armas mais eficazes eram as bombas de fragmentação americanas. Os sionistas também lançavam armadilhas, disfarçadas como brinquedos de criança. Ele deu uma ordem e um garoto desapareceu, voltando um momento depois com um carrinho de brinquedo avariado. Ele abriu-o e revelou os fios e explosivo no interior. Talvez sim, talvez não, pensou Charlie. Ele se referiu à variedade de teoria política entre os palestinos, mas assegurou que, na luta contra o sionismo, tais divergências desapareciam.

– Eles bombardeiam a todos nós – explicou o chefe.

Ele tratou-a como Camarada Leila, que fora como Tayeh a apresentara. Ao terminar, declarou-a bem-vinda e entregou-a à mulher alta e triste.

– Pela justiça – disse ele, à guisa de boa noite.

– Pela justiça – respondeu Charlie.

Tayeh ficou observando-a se retirar.

As ruas estreitas tinham uma escuridão de luz de vela. Valas abertas coram pelo meio. Uma lua em três quartos deslizava por cima das colinas. A moça alta seguia na frente, os garotos atrás empunhando suas metralhadoras e Charlie com a bolsa grande pendurada no ombro. Passaram por um campo de futebol lamacento e por cabanas baixas que podiam ter sido uma escola. Charlie lembrou-se do futebol de Michel e ficou imaginando, tarde demais, se ele não teria ajudado a conquistar alguma taça para as prateleiras do chefe. Luzes pálidas, azuladas, estavam acesas por cima das portas enferrujadas dos abrigos antiaéreos. Os barulhos eram os ruídos noturnos dos exilados. *Rock* e música patriótica misturavam-se com o eterno murmúrio dos velhos. Em algum lugar, um jovem casal estava discutindo. As vozes assomavam numa explosão de fúria acumulada.

–Meu pai pede desculpas pelo acanhamento das acomodações. É uma regra do acampamento que as construções não devem ser permanentes, a fim de não nos esquecermos onde fica nosso verdadeiro lar. Se houver um ataque aéreo, não espere pelas sirenes, por favor. Siga na direção para onde todos estiverem correndo. Depois de um ataque, por favor não toque em nada que esteja caído no chão. Canetas, garrafas, rádios... absolutamente nada.

O nome dela era Salma, informou com seu sorriso triste; seu pai era o chefe.

Charlie deixou-se levar. Entrou na cabana, pequena, mas tão limpa quanto uma enfermaria de hospital. Tinha uma pia e um vaso, um quintal nos fundos do tamanho de um lenço.

– O que você faz aqui, Salma?

A pergunta pareceu desconcertá-la momentaneamente. Estar ali já era uma ocupação.

– Onde foi que aprendeu a falar inglês? – perguntou Charlie.

Na América, respondeu Salma; era formada em bioquímica pela Universidade de Minnesota.

Há uma paz terrível, embora bucólica, que provém de se viver por muito tempo entre as vítimas reais da vida. Charlie experimentou no acampamento a simpatia que a vida lhe negara até então. Esperando, ela ingressou nas fileiras dos que haviam esperado por toda a vida. Partilhando o cativeiro deles, ela imaginou que estava recebendo o perdão pelas muitas falsidades que haviam-na levado até ali. Nenhum guarda foi destacado para vigiá-la. Na primeira manhã, assim que acordou, ela começou a trabalhar cautelosamente, sondando os limites de sua liberdade. Parecia não haver nenhum. Andou pelo perímetro dos campos de futebol e observou meninos com os ombros encurvados se esforçando acirradamente para adquirirem o físico de adultos. Descobriu a clínica e as escolas, as pequenas lojas que vendiam tudo, de laranjas a vidros grandes de xampu. Na clínica, uma sueca idosa conversou com ela sobre a vontade de Deus.

– Os pobres judeus não podem descansar enquanto nos tiverem em suas consciências – explicou ela, com uma expressão

sonhadora. – Deus foi muito duro com eles. Por que não pode lhes ensinar como amar?

Ao meio-dia, Salma levou-lhe uma torta de queijo e um bule de chá. Depois de almoçarem, subiram juntas por um pomar de laranjeiras para o alto de uma colina, um lugar bastante parecido com aquele em que Michel a ensinara a tirar, com a arma do irmão. Uma cordilheira de montanhas escuras estendia-se pelos horizontes a oeste e sul.

– Para o leste fica a Síria – disse Salma, apontando através do vale. – Mas ali.. . – Ela deslocou o braço para o sul e deixou-o cair, num súbito gesto de desespero. – ... aquelas montanhas são nossas e será de lá que os sionistas virão para nos matar.

Na descida, Charlie avistou caminhões militares estacionados sob redes de camuflagem. Num bosque de cedros, o brilho opaco de canhões apontavam para o sul. O pai era de Haifa, a 65 quilômetros de distância, explicou Salma. A mãe estava morta, metralhada por um caça israelense, ao deixar o abrigo antiaéreo. Tinha um irmão que era um banqueiro bem-sucedido no Kuwait. Não, disse Salma, com um sorriso, em resposta à pergunta óbvia: os homens achavam-na muito alta e muito inteligente.

Ao cair da noite, Salma levou-a a um concerto infantil. Depois, foram para uma sala de aula, acrescentando remendos vistosos a camisas de crianças para a grande manifestação, usando uma máquina que parecia de *waffle*. Alguns remendos eram *slogans* em árabe, prometendo a vitória total. Outros eram fotografias de Yaser Arafat, a quem as mulheres chamavam de Abu Ammar. Charlie passou a maior parte da no ite com as mulheres e tornou-se uma espécie de campeã. Duas mil camisas, nos tamanhos certos, tudo feito a tempo, graças à Camarada Leila.

Não demorou muito para que sua cabana estivesse cheia de crianças, do amanhecer ao anoitecer, algumas para falar inglês com ela, outras para ensiná-la a dançar e cantar suas músicas. E algumas para segurar sua mão e desfilar de um lado para outro da rua, pelo prestígio de serem vistas em sua companhia. Quanto às mães, levavam-lhe tantos biscoitos doces e pastelões de queijo que ela poderia ter ficado ali para sempre. O que era justamente o que queria fazer.

Então quem é ela?, pensou Charlie, concentrando sua imaginação em outro conto inacabado, enquanto observava Salma efetuar sua peregrinação triste e particular entre seu povo. Foi apenas gradativamente que uma explicação começou a se definir. Salma estivera no mundo exterior. Sabia como os ocidentais falavam da Palestina. E vira mais claramente que o pai como estavam distantes as montanhas escuras de sua pátria.

A grande manifestação ocorreu três dias depois, começando no campo de futebol, no meio da manhã, sob um calor já intenso, avançando lentamente pelo acampamento, através de ruas apinhadas e engalanadas com bandeiras feitas à mão, que teriam sido o orgulho de qualquer associação feminina inglesa.

Charlie estava na porta de sua cabana, segurando no colo uma menina que era pequena demais para marchar. O ataque aéreo começou dois minutos depois que a maquete de Jerusalém passara por ela, carregada por meia dúzia de garotos. Primeiro veio Jerusalém, com a mesquita El Aqsa feita em conchas e papel dourado. Depois passaram os filhos dos mártires, cada um segurando um ramo de oliveira e usando uma das camisas em que Charlie passara a noite inteira trabalhando. Depois, como uma continuação das festividades, soou o matraquear alegre de disparos da encosta da colina. Mas ninguém gritou ou começou a correr. Ainda não. Salma, que estava parada ao lado dela, nem mesmo levantou a cabeça.

Até aquele momento, Charlie não chegara sequer a pensar nos aviões. Percebera alguns, lá no alto, admirando as esteiras brancas de fumaça, enquanto circulavam indolentemente pelo céu azul. Mas não lhe ocorrera, em sua ignorância, que os palestinos podiam não possuir aviões ou que a força aérea israelense podia não gostar de reivindicações fervorosas a seu território, formuladas a poucos passos de sua fronteira. Ela estava mais interessada nas moças uniformizadas, dançando e brandindo suas metralhadoras, ao ritmo das palmas da multidão; nos jovens guerreiros com faixas vermelhas na testa, ao estilo dos apaches, exibindo-as nas traseiras de caminhões com suas metralhadoras; no clamor incessante de incontáveis vozes, de um extremo a outro do acampamento.. . será que eles nunca ficavam roucos?

Além disso, no momento preciso, sua atenção fora atraída para um pequeno espetáculo secundário, diretamente em frente ao lugar em que estava parada junto com Salma. . . uma criança sendo castigada por um guarda. O guarda tirara o cinto, dobrara-o e estava batendo no rosto da criança. Por um instante, enquanto ainda cogitava se deveria intervir, Charlie teve a ilusão, entre tantos sons conflitantes ao redor, que o cinto estava causando as explosões. E depois veio o zunido de aviões fazendo a volta sob tensão, muito mais disparos do solo, embora certamente fossem muito esparsos e leves para impressionar algo tão rápido e tão alto. A primeira bomba, quando fez o seu impacto, foi quase um anticlímax: se você ouve, ainda está vivo. Charlie divisou o clarão a meio quilômetro de distância na encosta e depois uma cebola preta de fumaça, enquanto o barulho e o impacto atingiam-na ao mesmo tempo. Virou-se para Salma e gritou-lhe alguma coisa, alterando a voz como se houvesse uma tempestade, embora tudo a esta altura estivesse surpreendentemente quieto. O rosto de Salma estava fixado

numa carranca de ódio, enquanto se levantava para o céu.

– Quando eles querem nos acertar, sempre acertam – disse ela. – Hoje estão brincando conosco. Você deve ter-nos trazido sorte.

O significado daquela sugestão era demais para Charlie e ela rejeitou-a prontamente.

A segunda bomba caiu e pareceu ainda mais distante. Ou talvez ela já não estivesse tão impressionada. Podia cair em qualquer lugar que quisesse, menos naquelas vielas apinhadas, com suas colunas de crianças pacientes esperando, como sentinelas minúsculas e condenadas, esperando pela lava que descia pela montanha. A,banda tocava, muito mais alto do que antes, a procissão recomeçou a andar, muito mais exuberante do que antes. A banda tocava uma marcha e a multidão batia palmas. Descongelando as mãos, Charlie pôs a menina no chão e começou a bater palmas também. A procissão afastou-se para o lado, um jipe passou em disparada, os faróis piscando, seguido por ambulâncias e um carro de bombeiro. Uma mortalha de poeira amarelada pairou por trás dos veículos, como a fumaça da batalha. A brisa dispersou-a, a banda recomeçou a tocar. Era a vez do sindicato dos pescadores, representado por um furgão amarelo, enfeitado com retratos de Arafat, um gigantesco peixe de papel pintado de vermelho, branco e preto, no teto. Depois, conduzido por uma banda de gaitas de foles, veio outro rio de crianças, empunhando armas de madeira e entoando a marcha tocada. O canto aumentou, toda a multidão estava participando. Charlie, com ou sem as palavras, também cantava, com todo o empenho de seu coração.

Os aviões desapareceram. A Palestina conquistara outra vitória. Naquela tarde, ao passearem pela encosta da colina, Salma disse: – Vão levá-la para outro lugar amanhã.

– Eu não vou – declarou Charlie.

Os aviões voltaram duas horas depois, pouco antes do escurecer, quando Charlie estava em sua cabana. A sirene começou tarde demais e ela ainda corria para o abrigo quando a primeira onda chegou. . . dois aviões, emergindo diretamente de exibições aéreas, ensurdecendo a multidão com seus motores. . . será que não vão sair do mergulho? Eles saíram e a explosão da primeira bomba arremessou Charlie contra a porta de aço. O barulho não foi tão terrível quanto o tremor de terra que o acompanhou e os gritos que povoavam a fumaça preta e fétida no outro lado do campo de futebol. O impacto de seu corpo alertou alguém lá dentro. A porta se abriu e mãos fortes de mulheres puxaram-na para a escuridão total, empurrando-a para um banco de madeira. A princípio, Charlie estava completamente surda. Mas, gradativamente, foi ouvindo o choro de crianças apavoradas, as vozes mais firmes e fervorosas das mães. Alguém acendeu um lampião de querosene e pendurou-o num gancho no meio do teto. Por algum tempo, pareceu a Charlie, em sua vertigem, que estava vivendo dentro de uma gravura de Hogarth que fora pendurada pelo lado errado. Percebeu depois que Salma estava ao seu lado e lembrou que ela estava em sua companhia desde que o alarme soara. Outro par de aviões se seguiu – ou seria o primeiro par, efetuando um novo ataque? – o lampião balançou, a visão dela se endireitou, enquanto o troar das bombas se aproximava num crescendo cuidadoso. Ela sentiu as duas primeiras como golpes em seu corpo. . . não, não de novo, não de novo, por favor. A terceira explosão foi a mais alta e matou-a instantaneamente, a quarta e a quinta revelaram-lhe que, no final das contas, ainda estava viva.

– América! – gritou uma mulher subitamente, de histeria e angústia, diretamente para Charlie. – América, América, América!

Ela tentou convencer as outras mulheres a acusarem-na também, mas Salma disselhe gentilmente que ficasse quieta. Charlie esperou uma hora, mas foram provavelmente dois minutos. Como nada acontecesse, ela olhou para Salma, como a dizer "vamos embora", porque concluíra que o abrigo era pior do que qualquer outro lugar. Mas Salma sacudiu a cabeça.

– Estão esperando que nós saiamos – explicou ela, talvez pensando em sua mãe. – Não podemos sair antes do escurecer.

A escuridão chegou. Charlie voltou sozinha à sua cabana. Acendeu uma vela porque a eletricidade estava cortada. A última coisa que viu foi o raminho de urze branca na caneca da escova de dentes em cima da pia. Examinou o quadro da criança palestina. Saiu para o pátio, onde suas roupas ainda estavam penduradas no varal. . . e estavam secas. Não tinha como passá-las a ferro, por isso abriu uma gaveta da pequena arca e guardou as roupas dobradas, com a preocupação pela arrumação de uma residente do acampamento. Um dos meus meninos pôs ali, disse ela a si mesma. O jovial, de dentes de ouro, a quem chamo de Aladim. É um presente de Salma na minha última noite.

Somos um caso de amor, dissera Salma, ao se despedirem. *Você vai embora e depois que partir seremos apenas um sonho.*

Seus desgraçados, pensou ela. Seus assassinos nojentos. Se eu não estivesse aqui, teriam bombardeado a todos para o outro mundo.

A única lealdade é *estar aqui,* dissera Salma.

22

Charlie não estava sozinha em observar o tempo passar e sua vida desenrolar-se diante de seus olhos. Desde o momento em que ela cruzara a fronteira, Litvak, Kurtz e Becker, toda a sua família anterior, haviam sido forçados, de um jeito ou de outro, a conterem sua impaciência para o ritmo estranho e irregular dos adversários.

– Não há nada tão difícil na guerra como a façanha heroica de se conter – Kurtz gostava de citar a seus subordinados e certamente também a si mesmo.

Kurtz estava se contendo como nunca antes fizera, em toda a sua carreira. O próprio ato de retirar seu exército irregular das sombras inglesas parecia, pelo menos para os soldados, mais como uma derrota do que as vitórias até então conquistadas, mas escassamente comemoradas. Poucas horas depois da partida de Charlie, a casa de Hampstead foi devolvida à diáspora, o furgão de comunicações despojado, os equipamentos eletrônicos despachados para Tel Aviv como bagagem diplomática, de certa forma em desgraça. O próprio furgão, sem as placas falsas, os números do motor raspados, tornou-se outro destroço incendiado à beira da estrada, em algum ponto entre a charneca de Bodmin e a civilização. Mas Kurtz não ficou para o funeral. Voltou contrafeito à Disraeli Street, acorrentando-se relutantemente à escrivaninha que tanto odiava, tornando-se o mesmo coordenador cujas funções escarnecera em conversa com Alexis. Jerusalém desfrutava um período ameno de sol de inverno. Enquanto ele se apressava de um escritório secreto para outro, repelindo os ataques, suplicando recursos, a pedra dourada da Cidade Murada espelhava-se no céu azul. Mas Kurtz não encontrava muito conforto na vista. Sua máquina de guerra, conforme comentou depois, transformara-se num carroça, com os cavalos puxando em direções diferentes. No campo, apesar de todos os esforços de Gavron para impedi-lo, ele tinha a iniciativa; na base, onde cada político de segunda classe e cada soldado de terceira classe se considerava como uma espécie de gênio do serviço secreto, ele tinha mais críticos que Elias e mais inimigos que os samaritanos. Sua primeira batalha foi pela existência continuada de Charlie e talvez pela sua própria, uma espécie de cena compulsória, que começou no instante mesmo em que Kurtz pôs um pé no gabinete de Gavron.

– Divertiu-se muito? – perguntou Gavron. – Comeu bem? Dá para ver que engordou um pouco por lá.

E no instante seguinte eles estavam engalfinhados, cão e gato, as vozes alteadas ressoando por toda parte, enquanto gritavam e martelavam a mesa com os punhos cerrados, como um casal empenhado numa discussão catártica. O que acontecera com as promessas de progresso de Kurtz? Onde estava o ajuste de contas a que Kurtz se referira? Que história era aquela sobre um acordo com Alexis, quando ele dera ordens expressas a Marty para não negociar com o alemão?

– E ainda se pergunta por que perco a fé em você... com tanta invenção e dinheiro, tantas ordens desobedecidas, tão poucos resultados?

Como punição, Gavron obrigou-o a comparecer a uma reunião de seu comitê de orientação, que a esta altura não podia falar de outra coisa a não ser o recurso final. Kurtz teve de se empenhar a fundo para obter pelo menos uma modificação dos planos deles.

– Mas o que você tem em andamento, Marty? – insistiam os amigos. – Dê-nos pelo menos uma pista, a fim de que saibamos por que o estamos ajudando.

O silêncio de Kurtz ofendia-os e deixaram-no com a impressão de que era um apaziguador vergonhoso.

Havia outras frentes em que lutar. Para controlar o progresso de Charlie através de território inimigo, ele foi obrigado a ir de chapéu na mão ao departamento que se especializava na manutenção de linhas de mensageiros e postos de escuta ao longo da costa nordeste. Seu diretor, um sefardita de Ale-po, odiava todo mundo, mas odiava Kurtz em particular. Protestou que uma trilha assim poderia levá-lo a qualquer parte. E o que fazer com suas próprias operações? Quanto a proporcionar apoio de campo aos três observadores de Litvak, a fim de proporcionar à moça um senso de segurança em seu novo ambiente , era totalmente inadmissível, não podia ser feito. Custou sangue a Kurtz e muitas conclusões clandestinas a obtenção da escala de colaboração que ele exigia. Misha Gavron manteve-se insensivelmente indiferente a esses e outros acordos similares, preferindo deixar que as forças de mercado encontrassem a solução natural. Se Kurtz acreditava o bastante, haveria de encontrar o caminho, ele dizia secretamente a seus homens. Um pouco de freio, juntamente com um pouco de chicote, não fazia mal algum a um homem assim.

Relutante em deixar Jerusalém mesmo por uma noite, Kurtz destacou Litvak para a ponte aérea europeia, como seu emissário, encarregado de reforçar e reformular a equipe de vigilância, de acordo com as novas informações, preparando-os por todos os meios possíveis para o que ambos rezavam que fosse o estágio final. Os dias despreocupados de Munique, quando uma dupla de garotos em turno dobrado podia atender às necessidades, estavam para sempre encerrados. Para se

manter uma vigilância em tempo integral do trio formado por Mesterbein, Helga e Rossino, era preciso recrutar pelotões inteiros de agentes de campo – todos falando alemão, muitos enferrujados pela falta de uso. A profunda desconfiança de Litvak dos judeus não-israelenses só servia para aumentar as dores de cabeça. Mas ele não cedia, alegando que tais agentes eram ineptos demais em ação, por demais divididos em suas lealdades. Por ordem de Kurtz, Litvak também voou para Frankfurt e teve um encontro clandestino com Alexis no aeroporto, em parte para obter a ajuda dele na operação de vigilância, em parte para testar sua determinação, um item notoriamente incerto. No caso, a renovação do conhecimento foi um desastre, pois os dois sentiam uma aversão mútua. Pior ainda, a opinião de Litvak confirmou a predição anterior dos psiquiatras de Gavron: que não se deveria confiar a Alexis uma passagem usada de ônibus.

– A decisão está tomada – anunciou Alexis a Litvak, antes mesmo de sentarem, num monólogo furioso, meio sussurrado, meio incoerente, resvalando a todo instante para o falsete. – E nunca volto atrás de uma decisão. Sempre fui assim. Vou-me apresentar ao ministro, assim que esta reunião terminar, relatando tudo. Não há alternativa para um homem honrado.

Logo transpirou que Alexis sofrera não apenas uma mudança de ânimo, mas também um completo realinhamento político.

– Não é nada contra os judeus, é claro. . . como alemão, tenho uma consciência... mas por experiências recentes... um determinado incidente de bomba. . . certas providências a que se foi forçado... chantageado... não se pode também deixar de perceber as razões pelas quais os judeus historicamente têm atraído perseguições. Perdoe-me.

Litvak, com sua expressão furiosa fixa, nada perdoou.

– Seu amigo Schulmann. . . um homem capaz, impressivo. . . também persuasivo. . . seu amigo é destituído de toda e qualquer moderação. Efetuou atos de violência desautorizados em território alemão, está demonstrando um grau de exorbitância que há muito tem sido atribuído a nós, alemães.

Era demais para Litvak. O rosto pálido, enojado, ele desviou os olhos, talvez para esconder o fogo que neles ardia.

– Por que não liga para ele e lhe diz tudo isso pessoalmente?

Foi o que Alexis fez. Do posto telefônico do aeroporto, usando o número especial que Kurtz lhe fornecera.

– Ora, Paul, faça mesmo isso – aconselhou Kurtz, efusivamente, quando Alexis terminou. E, depois, mudando o tom, ele acrescentou: –E quando estiver conversando com o ministro, Paul, aproveite para informá-lo também daquela sua conta num banco suíço. Porque, se não o fizer, eu posso ficar tão impressionado com a sua franqueza que irei até aí para contar tudo ao ministro pessoalmente.

Depois disso, Kurtz ordenou à telefonista que não lhe encaminhasse mais ligações de Alexis, pelas próximas 48 horas. Mas Kurtz não guardava ressentimentos. Não com os agentes. Encerrado o período de esfriamento, ele arrumou um dia de folga e fez sua peregrinação a Frankfurt, onde encontrou o bom doutor já bastante recuperado. A referência à conta no banco suíço, embora Alexis tristemente a classificasse de "inadmissível", servira para acalmá-lo. Mas o fator mais proveitoso à sua recuperação foi a visão animadora de suas próprias feições nas páginas do meio de um tabloide alemão de grande circulação, um Alexis resoluto, dedicado, o que convenceu-o de que era mesmo quem diziam. Kurtz deixou-o com essa ficção feliz e como prêmio levou uma pista para seus analistas estafados, algo que Alexis vinha retendo em seu ressentimento: a fotocópia de um cartãopostal, endereçado a Astrid Berger, sob um dos seus muitos pseudônimos.

A letra era desconhecida, o carimbo postal do sétimo distrito de Paris. Fora interceptado pelo serviço postal alemão, por ordem de Colônia.

O texto, em inglês, dizia o seguinte:

Pobre Tio Frei será operado próximo mês conforme planejado. Mas pelo menos isso é conveniente e porque você pode usar a casa de B. Vejo-o lá. Amor, K.

Três dias depois, a mesma rede encontrou um segundo cartão, com a mesma letra, enviado para outros dos endereços de Berger, desta vez com o carimbo postal de Estocolmo. Alexis, voltando a colaborar integralmente, remeteu-o de avião para Kurtz, por mensageiro especial. O texto era curto: "Apendicectomia de Frei quarto 251 às 18 horas dia 24." A assinatura era "M", o que indicou aos analistas que havia uma comunicação faltando entre as duas. Ou pelo menos fora também desse o padrão pelo qual Michel recebera muitas vezes as suas ordens. O cartãopostal L, apesar dos esforços de todos, nunca foi encontrado. Em vez disso, duas das garotas de Litvak interceptaram uma carta remetida pela própria presa, nesse caso Berger, para nada menos que Anton Mesterbein, em Genebra. A coisa foi muito bem-feita. Berger estava visitando Hamburgo na ocasião, ficando com um dos seus muitos amantes, numa comuna de classe superior, à beira do Atlântico. Seguindo-a até a cidade um dia, as garotas viram-na largar uma carta sub-rep-ticiamente numa caixa de correio, num bairro pobre da cidade. No momento em que ela se foi, as garotas colocaram na caixa um envelope grande, amarelo, já selado e preparado para uma

emergência assim. A mais bonita das duas ficou de guarda à caixa do correio. Quando o carteiro apareceu para esvaziá-la, ela contou-lhe uma história de amor e raiva, fez-lhe tantas promessas explícitas que ele acabou ficando de lado, sorrindo sem jeito, enquanto a garota retirava da pilha a carta que arruinaria sua vida para sempre. Só que não era a sua carta, mas sim a de Astrid Berger, por baixo do envelope amarelo grande. Abriram o envelope com vapor e fotografaram a carta, devolvendo-a em seguida à mesma caixa do correio, a tempo da coleta seguinte.

O prêmio foi uma carta rabiscada de oito páginas, transbordando de paixão colegial. Ela devia estar alta quando escrevera, mas talvez fosse apenas a sua própria adrenalina. Era uma carta franca, louvava a potência sexual de Mesterbein. Censurava os desvios ideológicos, ligando El Salvador com o último orçamento da Alemanha Ocidental, as eleições na Espanha com algum escândalo recente na África do Sul. Irradiava fúria pelos bombardeios do Líbano e falava da Solução Final dos israelenses para os palestinos. Regalava-se com a vida, mas via tudo errado em toda parte. Na suposição evidente de que a correspondência de Mesterbein estava sendo lida pelas autoridades, referia-se virtuosamente à necessidade de manter-se "dentro dos limites legais, em todas as ocasiões". Mas tinha um pós-escrito, uma linha, rabiscada como uma ideia de despedida, mas sublinhada e acentuada por um ponto de exclamação. Podia ser um gracejo particular dos dois. Mas, como outras palavras de despedida, talvez contivesse o propósito exclusivo de toda aquela carta comprida. E estava em francês: *Attention! On va epater les 'Bourgeois!*

Os analistas ficaram aturdidos. Por que o B maiúsculo? Por que a frase estava sublinhada? Será que a instrução de Helga era tão precária que aplicava os costumes de sua língua natal alemã aos nomes franceses? A ideia era absurda. E por que o apóstrofo, tão cuidadosamente acrescentado por cima e à esquerda? Enquanto os criptólogos e analistas suavam sangue para decifrar o código, enquanto os computadores estremeciam, rangiam e emitiam permutas impossíveis, foi nada menos que a prosaica Rachel, com sua simplicidade e franqueza do norte da Inglaterra, quem navegou direto para a conclusão óbvia. Rachel fazia palavras cruzadas e nas horas de folga sonhava em ganhar um carro de graça. *Tio Frei* era uma metade, declarou ele, *Bourgeois* era a outra. O *Frei bourgeois* era o povo de Freiburg e deveriam ficar chocados por uma *operação* que ocorreria às seis horas da tarde do dia 24.

– Quarto 251? Ora, teremos de investigar, não é mesmo? – disse ela aos aturdidos peritos.

Temos, sim, concordaram eles.

Os computadores foram desligados, mas o ceticismo persistiu por mais um ou dois dias. A suposição era absurda. Fácil demais. Realmente infantil.

Contudo, como eles já haviam aprendido, Helga e sua espécie abstinham-se, quase por uma questão de filosofia, de qualquer método sistemático de comunicação. Os camaradas deviam falar entre si de um coração revolucionário para outro, em alusões indiretas, além da compreensão dos porcos.

Vamos submeter a um teste, disseram eles.

Havia pelo menos meia dúzia de Freiburgs, mas a primeira ideia deles foi a cidadezinha de Freiburg, na Suíça natal de Mesterbein, onde se falava o francês e o alemão lado a lado, onde a burguesia, mesmo entre os suíços, é famosa por sua impassibilidade. Sem mais atraso, Kurtz despachou uma dupla de discretos investigadores, com ordens de levantar todo e qualquer alvo passível de atrair um ataque antijudeu, com uma atenção especial para as empresas com contratos militares israelenses. Deviam verificar, da melhor forma possível, sem ajuda oficial, todos os quartos ou salas 251, em hospitais, hotéis ou prédios de escritórios, assim como os nomes de todos os pacientes que deveriam se submeter a uma apendicectomia no dia 24 ou para operações de qualquer tipo às 18 horas desse mesmo dia.

Na Agência Judaica, em Jerusalém, Kurtz obteve uma relação atualizada de todos os judeus proeminentes que residiam na cidade, juntamente com seus endereços de culto e associação. Havia um hospital judeu? Se não, um hospital que atendesse às necessidades dos judeus ortodoxos? E assim por diante.

Mas Kurtz ainda estava batalhando contra as suas próprias convicções, como acontecia também com todos os outros. Tais objetivos careciam do efeito dramático que caracterizara todos os anteriores. Eles não iriam *epater* ninguém.

Até que uma tarde, no meio de tudo isso, quase como se suas energias, aplicadas num ponto determinado, forçassem a verdade a aflorar em outro, Rossino, o assassino italiano, pegou um avião de Viena para Basileia, onde alugou uma motocicleta. Atravessando a fronteira para a Alemanha, ele guiou por 40 minutos até a antiga cidade-catedral de Freiburg, em Breisgau, outrora a capital do Estado de Baden. Ali, depois de se tratar com um lauto almoço, ele apresentou-se ao *Rektorat* da universidade e indagou cortesmente a respeito de um curso de conferência sobre temas humanistas, que estava aberto, numa base limitada, a pessoas do público em geral. Mais discretamente, ele indagou a localização da sala 251 da universidade.

Foi um raio de luz atravessando o nevoeiro. Rachel estava certa; Deus era justo, assim como Misha Gavron. As forças de mercado haviam encontrado a solução natural.

Somente Becker não partilhava a exultação geral. Onde ele estava? Havia ocasiões em que outros pareciam conhecer a resposta melhor do que ele próprio. Um dia, ele estava andando pela casa na Disraeli Street, focalizando o olhar inquieto nas máquinas de código, que raramente, para o seu gosto, transmitiam informações de sua agente Charlie. Na mesma noite – ou mais acuradamente na madrugada do dia seguinte – ele estava apertando a campainha da casa de Kurtz, acordando Elli e os cachorros e pedindo garantias de que não haveria nenhum ataque contra Tayeh ou qualquer outro, enquanto Charlie não estivesse de fora. Ele explicou que ouvira rumores.

Se alguém voltava do campo – o garoto conhecido como Dimitri, por exemplo, ou seu companheiro Raoul, que partira num bote de borracha – Becker insistia em estar presente na sessão de informações, fazendo-lhe perguntas a respeito da situação de Charlie.

Depois de alguns dias, Kurtz ficou cansado da presença dele – "atormentando-me como a minha própria consciência culpada" – e ameaçou abertamente proibir-lhe o acesso à sua casa, até que ele recuperasse o bom senso.

– Um controlador de agente sem seu agente é como um maestro sem uma orquestra – explicou ele a Elli, enquanto se esforçava em conter a raiva. – O mais conveniente é ser indulgente com ele, ajudá-lo a passar o tempo.

Secretamente, com a conivência apenas de Elli, Kurtz ligou para Frankie, informando-a que seu ex-marido estava na cidade e fornecendo o telefone em que poderia encontrá-lo. Com sua magnanimidade churchilliana, Kurtz esperava que todos tivessem um casamento como o seu.

Frankie telefonou, Becker escutou a voz dela por algum tempo – se é que foi ele mesmo quem atendeu – e depois desligou, sem responder. O que deixou-a furiosa.

A manobra de Kurtz teve algum efeito, no entanto, pois no dia seguinte Becker partiu no que foi posteriormente encarado como uma espécie de viagem de auto-avaliação, relacionada com as pressuposições básicas de sua vida. Alugando um carro, ele seguiu primeiro para Tel Aviv. Depois de acertar a lgumas transações pessimistas com seu gerente de banco, ele visitou o velho cemitério em que seu pai estava enterrado. Pôs flores na sepultura, limpou meticulosamente ao redor com uma pá que pedira emprestada, disse a *Kad-dish* em voz alta, muito embora nem ele nem o pai jamais tivessem tido muito tempo disponível para a religião. De Tel Aviv, ele seguiu para sudeste, até Hebron. Ou, como Michel teria chamado, El Khalil. Visitou a mesquita de Abraão, que desde a guerra de 67 também servia, apreensivamente, como uma sinagoga. Conversou com soldados reservistas, em seus chapéus de camponês e lenços no pescoço, refestelados à entrada ou patrulhando as fortificações.

Becker, comentaram eles entre si, depois que ele se foi, só que usando seu nome hebraico – o legendário Peter Becker, o homem que lutara a batalha por Golan atrás das linhas sírias – que diabo ele estava fazendo naquele buraco árabe, parecendo tão apreensivo?

Sob os olhares de admiração deles, Becker vagueou pelo antigo mercado coberto, aparentemente alheio ao silêncio explosivo e às expressões sombrias e impregnadas de ódio dos ocupados. Às vezes, aparentemente pensando em outras coisas, ele parava e falava com um comerciante em árabe, perguntando por uma especiaria ou o preço de um par de sapatos, enquanto meninos se reuniam ao redor para escutá-lo; e uma voz, como um gesto de audácia, para tocar-lhe a mão. Voltando ao carro, ele acenou em despedida para os soldados e seguiu pelas estradas pequenas que se interligavam entre os ricos vinhedos. Gradativamente, chegou às aldeias árabes no lado leste da encosta, com suas casas de pedra e antenas de Torre Eiffel no telhado. Havia alguma neve lá em cima. Massas de nuvens escuras davam à terra um brilho cruel e hostil. No outro lado do vale, um novo e gigantesco povoado israelense sobressaía como o emissário de um planeta conquistador.

Becker saltou do carro numa das aldeias, respirando o ar fresco. Fora ali que a família de Michel vivera até 67, quando o pai dele acabara chegando à conclusão de que era melhor fugir.

– Então ele foi visitar também a sua própria sepultura? – disse Kurtz, acidamente, quando soube disso. – Primeiro a do pai, agora a sua. . . não é isso mesmo?

Uma perplexidade momentânea precedeu o riso geral, todos recordando a fé islâmica de que José, filho de Isaac, também fora sepultado em Hebron, o que todos os judeus sabiam não ser verdade.

De Hebron, ao que parece, Becker seguiu para o norte, pela Galileia, até Beit Shean, uma cidade árabe repovoada pelos judeus, depois que fora abandonada, na guerra de 48. Depois de se demorar por lá pelo tempo suficiente para admirar o anfiteatro romano, ele continuou sem qualquer pressa até Tiberíades, que está se tornando rapidamente o moderno balneário do norte, com hotéis novos e gigantescos, em estilo americano, à beira d'água, um excelente restaurante chinês. Mas seu interesse por lá parecia não ser muito grande, pois não parou, limitando-se a reduzir a velocidade, espiando pela janela para os edifícios, como se os contasse. Apareceu em seguida em Metullah, na fronteira setentrional com o Líbano. Uma faixa escavada, com diversos rolos de arame farpado, assinalava a fronteira, conhecida em dias melhores como A Boa Cerca. Num lado, cidadãos israelenses estavam postados numa plataforma de observação, esquadrinhando com expressões confusas a terra de ninguém, além do arame farpado. No outro lado, a milícia cristã libanesa desfilava de um lado para outro, em transportes de toda espécie, recebendo suprimentos israelenses para a luta interminável e sangrenta contra o usurpador palestino.

Mas Metullah, naqueles dias, era também o terminal natural das linhas de mensageiros que se estendiam até Beirute. O serviço de Kurtz mantinha ali uma seção discreta, a fim de atender a seus agentes em trânsito. Becker apresentou-se na seção ao cair da tarde, folheou o livro de registros, fez algumas perguntas sem importância sobre a localização das forças da ONU, tornou a partir. Parecendo perturbado, disse o comandante da seção. Talvez doente. Doente nos olhos e na pele.

– Mas que diabo ele estava procurando? – perguntou Kutz ao comandante, ao ser informado.

Mas o comandante, um homem simples e entorpecido por uma vida de segredo. não era capaz de formular qualquer teoria. Perturbado, repetiu ele. Como os agentes parecem às vezes, ao voltarem de uma longa missão.

E Becker continuou em sua peregrinação, desta vez por uma estrada montanhosa sinuosa, marcada pelas lagartas dos tanques, até o *kibbutz* em que, se assim se podia dizer, guardava seu coração: um paraíso, arrancado por judeus para judeus de território árabe, um refúgio empoleirado lá no alto, por cima do Líbano em três lados. O local se tornara pela primeira vez um povoado judeu em 48, como uma fortificação militar, para controlar a única estrada leste-oeste ao sul de Litani. O pai de Becker lutara ali, assim como o irmão de Becker. Em 52, os primeiros jovens colonos *sabras* ali chegaram, para levar a vida árdua e secular que fora outrora o ideal sionista. 0 pai de Becker pensara em se juntar a eles, mas a saúde precária da esposa o impedira. Desde então, o *kibbutz* suportara bombardeios ocasionais, aparente prosperidade e uma redução incômoda de seus membros. Os *sprinklers* estavam em ação nos gramados quando ele chegou, o ar estava impregnado com a fragrância das rosas. Ele foi recebido com alguma inibição e muita emoção.

– Veio se juntar a nós finalmente? Seus dias de combate terminaram? Há uma casa à sua espera. Pode se instalar esta noite.

Becker riu, mas não disse sim ou não. Pediu trabalho por dois dias, mas havia bem pouco que podiam lhe oferecer, explicando que a época era de pouca atividade. As frutas e o algodão já haviam sido colhidos, as árvores estavam podadas, os campos arados, à espera da primavera. Finalmente, como ele insistisse, prometeram que poderia servir a comida no refeitório comunitário. Mas o que realmente queriam dele era a sua opinião sobre o que estava acontecendo com o país – se alguém pode nos dizer, é Peter. O que significa, é claro, que desejavam acima de tudo que ele ouvisse suas próprias opiniões – sobre aquele governo turbulento, sobre a decadência da política de Tel Aviv.

– Viemos aqui para trabalhar, para lutar por nossa identidade, para transformar judeus em israelenses, Peter. Mas tudo o que ouvimos é como os israelenses se comportam como judeus. Somos finalmente um país ou apenas uma vitrine para o judaísmo internacional? Qual é o nosso futuro, Peter? Vamos, diga-nos.

Formularam essas perguntas com profunda confiança, como se ele fosse alguma espécie de profeta, que viera proporcionar um novo vigor interior às suas vidas exteriores. Podiam não saber. . . pelo menos a princípio.. . que estavam falando para o vazio de sua própria alma. E o que aconteceu com todas as nossas boas conversas e intenções de se chegar a um acordo com os palestinos, Peter? O grande erro foi cometido em 67, concluíram eles, respondendo à própria pergunta, como geralmente acontecia. Em 67, deveríamos ter sido generosos, deveríamos ter oferecido um acordo apropriado. Quem pode ser generoso, a não ser os vitoriosos?

– Somos tão poderosos, Peter, enquanto eles são tao fracos!

Depois de algum tempo, porém, essas questões insolúveis tornaram-se familiares para Becker. Mantendo o seu ânimo introvertido, ele passou a andar sozinho pelo povoado. Seu local predileto era uma tone de observação em ruínas, de onde se via lá embaixo uma pequena cidade xiita e para nordeste o bastião cruzado de Beaufort, na ocasião ainda em poder dos

palestinos. Viram-no ali em sua última noite no *kibbutz,* de pé, sem qualquer cobertura, tão perto da cerca eletrônica da fronteira quanto poderia chegar sem acionar os alarmes. Tinha um lado claro e um lado escuro, por causa do sol poente. Pela postura ereta, parecia estar convidando toda a bacia do Litani a tomar conhecimento de sua presença.

Ele voltou a Jerusalém na manhã seguinte. Depois de apresentar-se na Disraeli Street, passou o resto do dia vagueando pelas ruas da cidade, em que lutara tantas batalhas e vira tanto sangue derramado, inclusive o seu próprio. E ele ainda parecia questionar tudo o que via. Olhou atordoado para as arcadas áridas do bairro judeu reconstituído, sentou-se nos saguões dos imensos hotéis que agora arruinavam a paisagem de Jerusalém, observou os grupos de bons cidadãos americanos de Oshkosh, Dallas e Denver, chegados nos Jumbos, de boa fé e meia-idade, para entrar em contato com sua herança. Deu uma olhada nas pequenas lojas que vendiam cafetãs árabes bordados a mão e incontáveis artefatos árabes, garantidos pelo proprietário. Escutou as conversas inocentes dos turistas, aspirando seus perfumes caros. Passou uma tarde inteira no museu do Holocausto, angustiando-se com as fotografias de crianças que teriam agora a sua idade, se tivessem sobrevivido.

Depois de ser informado de tudo isso, Kurtz suspendeu a licença de Becker e fez com que ele voltasse ao trabalho. Descubra tudo sobre Freiburg, ordenou ele. Vasculhe as bibliotecas, os arquivos. Descubra quem conhecemos lá, providencie uma planta da universidade. Providencie um mapa da cidade. Providencie tudo o que precisamos. Para ontem.

Um bom combatente nunca é normal, disse ele a Elli, tentando se consolar. Se ele não é simplesmente estúpido, então pensa demais.

Mas, interiormente, Kurtz estava espantado por descobrir como seu cordeirinho desgarrado ainda podia enfurecê-lo profundamente.

23

Era o fim da linha. Era o pior lugar de todas as suas vidas até agora, um lugar para esquecer mesmo enquanto estava lá, sua maldita escola interna com estupradores acrescentados, um fórum no deserto e encenado com munição de verdade. 0 sonho avariado da Palestina ficava a cinco horas de uma viagem de carro extenuante, por trás das colinas. Em seu lugar, tinham aquele forte pequeno e tosco, como um cenário para uma refilmagem de *Beau Geste,* com muralhas e uma escada de pedra, um lado destruído a bombas, o portão principal defendido por sacos de areia, um mastro com as cordas esfiapadas agitadas pelo vento escaldante, sem jamais exibir uma bandeira. Ninguém dormia no forte, ao que ela soubesse. 0 forte era para a administração e entrevistas; carne de ovelha e arroz três vezes por dia; as bombásticas discussões de grupo que se prolongavam pela madrugada, os alemães orientais discutindo com os alemães ocidentais, os cubanos discutindo com todo mundo, um zumbi americano que se dava a si mesmo o nome de Abdul e leu um documento de 20 páginas sobre a conquista imediata da paz mundial.

O outro centro social era o pequeno *stand* de tiro, que não era uma pedreira abandonada no alto de uma colina, mas sim um velho alojamento com as janelas tapadas e uma fileira de lâmpadas elétricas nas vigas de aço, sacos de areia vazando pelas paredes. Os alvos também não eram latas de óleo, mas efígies em tamanho natural de fuzileiros americanos, com carrancas pintadas e baionetas caladas, com rolos de adesivo marrom a seus pés, a fim de se tapar os buracos de balas depois que se atirava. Era um lugar em constante demanda, muitas vezes na calada da noite, ressoando de risos exuberantes e grunhido de desapontamento competitivo. Houve um dia em que lá chegou um grande guerreiro, uma espécie de terrorista VIP, num Volvo com motorista. O *stand* foi esvaziado, enquanto ele atirava. Em outro dia um bando de pretos turbulentos irrompeu na turma de Charlie e passou a disparar uma salva depois de outra, sem dar a menor atenção ao jovem alemão oriental que estava no comando.

– Está satisfeito, branco azedo? – gritou um deles, num rico sotaque sul-africano.

– Claro, claro. . . está muito bom. . . – murmurou o alemão oriental, aturdido com a discriminação deles.

Os pretos finalmente foram embora, rindo às gargalhadas, deixando os fuzileiros furados como peneira. O resultado é que a primeira hora das mulheres foi gasta remendando-os da cabeça aos pés.

Como acomodações, eles tinham os três barracões compridos, um deles com cubículos, para as mulheres; outro sem cubículos, para os homens; e um terceiro com o que se chamava de uma biblioteca para os instrutores – e se eles a convidaram para ir à biblioteca, disse uma sueca alta chamada Fátima, não espere muita coisa em termos de leitura. Para despertar, eles tinham um jorro de música marcial saindo por um alto-falante que não podiam desligar, seguindo-se exercícios físicos numa área de areia, manchadas com linhas de orvalho pegajoso, como gigantescas trilhas de caracóis. Mas Fátima dizia que os outros lugares eram piores. A se acreditar em sua versão de si mesma, Fátima era uma fanática por treinamento. Fora treinada no Iêmen, na Líbia e em Kiev. Estava fazendo o circuito, como uma tenista profissional, até que alguém resolvesse o que fazer com ela. Tinha um filho de três anos chamado Knut, que corria nu por toda parte e parecia solitário, mas chorava quando Charlie tentava lhe falar.

Os guardas eram de uma nova espécie de árabe que ela ainda não conhecera até aquele momento e não precisava encontrar de novo: homens empertigados, quase silenciosos, cujo maior prazer era humilhar os ocidentais. Postavam-se nos perímetros do forte e andavam em grupos de seis num único jipe, em velocidades vertiginosas. Fátima disse que formavam uma milícia especial, recrutada na fronteira síria. Alguns eram tão jovens que Charlie duvidava que seus pés pudessem alcançar os pedais. À noite, até que Charlie e uma japonesa provocaram o maior tumulto, os mesmos garotos apareciam em grupos de dois e três, tentando persuadir as mulheres a darem um passeio pelo deserto. Fátima geralmente aceitava, assim como uma alemã oriental, as duas sempre voltando com expressões impressionadas. Mas o resto das mulheres, quando cedia, preferia a segurança dos instrutores ocidentais, o que deixava os árabes ainda mais doidos.

Todos os instrutores eram homens. Para as orações matutinas, eles se alinhavam diante dos camaradas estudantes, como um exército irregular, enquanto um deles lia uma condenação agressiva do grande inimigo do dia: sionismo, traição egípcia, exploração capitalista europeia, sionismo outra vez e um novo para Charlie, chamado expansionismo cristão – mas aconteceu porque era o Dia de Natal, uma data comemorada por negligência oficial. Os alemães orientais tinham os cabelos bem rentes e eram soturnos, simulando indiferença pelas mulheres. Os cubanos eram sucessivamente exuberantes, saudosos de sua terra e

arrogantes, a maioria fedia e tinha os dentes podres, com exceção do gentil Fidel, que era o favorito de todos. Os árabes eram os mais volúveis e os mais duros, gritando com os desgarrados e, mais de uma vez, atirando para os pés dos supostos desatentos, de tal forma que um rapaz irlandês acabou mordendo o dedo em pânico um dia. O que muito divertiu Abdul, o Americano, que observava a alguma distância, sorrindo e seguindo-os, como um assistente numa filmagem, tomando anotações num bloco para o seu grande romance revolucionário.

Mas o astro do lugar, durante aqueles primeiros dias insanos, foi um tcheco fanático por bomba, chamado Bubi, que na primeira manhã disparou em seu próprio capacete pela areia, primeiro com uma Kalashnikov, depois com uma imensa pistola de tiro ao alvo e finalmente, para arrematar, usou uma granada russa, que levantou-o por 15 metros no ar.

A língua usada para as discussões políticas era o inglês, com um pouco de francês aqui e ali. Charlie jurou secretamente que, se algum dia voltasse viva para casa, abandonaria para sempre aquelas conversas cretinas à meia-noite sobre assuntos como "O Amanhecer da Revolução", pelo resto de sua vida antinatural. Enquanto isso, ela ria por qualquer coisa. Não ria desde que os porcos haviam explodido o seu amado na estrada para Munique. Sua visão recente da agonia do povo dele contribuíra para aumentar a sua necessidade amarga de retaliação.

Você deve encarar tudo com uma seriedade profunda e solitária, dissera-lhe Joseph, ele próprio tão solitário e sério quanto poderia desejar que ela fosse. *Vai-se manter apartada, talvez um pouco doida. Eles estão acostumados a isso. Não fará perguntas, ficará imersa em si mesma, dia e noite.*

Os números variaram desde o primeiro dia. Quando o caminhão deixou Tiro, o grupo deles era formado por cinco homens e três mulheres. A conversa foi proibida pelos dois guardas, com manchas escuras de pólvora nos rostos, sentados também na traseira, enquanto o caminhão avançava aos solavancos e derrapando. Uma garota, que depois ela descobriu ser basca, conseguiu sussurrar para Charlie que estavam em Aden. Dois rapazes turcos, que passavam muito tempo orando, disseram que estavam em Chipre. Ao chegarem, encontraram 10 outros estudantes esperando. Mas, no segundo dia, os dois turcos e a basca desapareceram, tendo partido presumivelmente à noite, quando se podiam ouvir os caminhões chegando e partindo, com os faróis apagados.

Eles foram obrigados a prestar um juramento de fidelidade à Revolução Antiimperialista e a estudar as Regras do Acampamento, afixadas como os Dez Mandamentos num espaço livre de parede branca, no Centro de Recepção dos Camaradas. Todos os camaradas deviam usar seus nomes árabes em todos os momentos, nada de tóxicos, nada de nudez, nada de jurar a Deus, nada de conversas particulares, nada de álcool, nada de coabitação para homens e mulheres, nada de masturbação. Enquanto Charlie ainda imaginava qual dessas exortações rompeu primeiro, um discurso gravado de boas-vindas, sem créditos, foi irradiado pelo alto-falante.

– Meus camaradas! Quem somos nós? Somos aqueles sem nomes, sem uniformes. Somos os ratos que escaparam da ocupação capitalista. Dos acampamentos dominados pelo sofrimento do Líbano... nós viemos! E nos encontramos aqui! Juntos, vamos acender a tocha, em nome de 800 milhões de bocas famintas do mundo!

Quando terminou, Charlie sentiu um suor frio escorrendo pelas costas e uma ira intensa palpitando no peito. *Nós vamos,* pensou ela, *nós vamos, nós vamos.* Olhando para uma moça turca a seu lado, Charlie percebeu o mesmo fervor nos olhos dela.

Dia e noite, dissera Joseph.

Dia e noite, portanto, ela se empenhava – por Michel, por sua própria sanidade louca, pela Palestina, por Fatmeh e por Salma, pelas crianças bombardeadas na prisão de Sídon. Projetava-se para o exterior, a fim de escapar ao caos interior, reunindo os elementos de sua personalidade assumida como nunca antes, fundindo-os numa única identidade combativa: Eu sou uma viúva enlutada e indignada, vim para cá a fim de continuar a luta de meu amante morto.

Eu sou a militante despertada que perdeu tempo demais em meias medidas e agora se ergue diante de vocês com uma espada na mão.

Eu pus a mão no coração palestino, estou empenhada em levantar o mundo pelas orelhas para fazê-lo escutar.

Eu estou ansiosa, mas sou astuta e atilada. Sou a vespa sonolenta que pode esperar o inverno inteiro para dar a sua ferroada.

Eu sou a Camarada Leila, uma cidadã da revolução mundial. Voe comigo.

Dia e noite.

Ela desempenhava esse papel até o limite, dos gritos furiosos com que efetuava o combate desarmado à ira inflexível com que encarava o próprio rosto no espelho, enquanto escovava selvagemente os cabelos pretos compridos, com as raízes

vermelhas já aparecendo. Até que tudo o que começara como um esforço da vontade transformou-se num hábito da mente e corpo, uma ira doentia, permanente, solitária, que rapidamente se comunicava à sua audiência, quer fossem alunos ou instrutores. Quase desde o início que eles aceitaram alguma estranheza nela, o que lhe proporcionava uma certa distância. Talvez já tivessem visto a mesma coisa em outros antes dela; Joseph dissera que sim. Seu hábito de usar camisas de homem adquiriu uma dignidade macabra quando deixou transpirar que haviam sido de seu amante assassinado. A paixão fria que ela exibia nas sessões de treinamento com armas – que transparecia com os lançadores manuais de foguetes russos, na fabricação de bombas com fios vermelhos no circuito e os detonadores da inevitável Kalashnikov – impressionava até mesmo o exuberante Bubi. Ela era dedicada, mas mantinha-se apartada. Gradativamente, ela sentiu que passavam a respeitá-la. Os homens, até mesmo os milicianos sírios, deixaram de pressioná-la indiscriminadamente. As mulheres abandonaram suas suspeitas por causa da beleza dela. Os camaradas mais fracos começaram timidamente a se reunir em torno dela, enquanto os fortes a reconheciam como uma igual.

Havia três camas em seu cubículo, mas no começo ela tinha apenas uma companheira, uma pequena japonesa que passava muito tempo ajoelhada em oração, mas para os semelhantes não falava uma só palavra de outra língua que não fosse a sua. Adormecida, ela rangia os dentes tão alto que uma noite Charlie acordou-a, sentou-se a seu lado e segurou-lhe a mão, deixando-a chorar silenciosamente, até que a música explodiu e era o momento de levantar. Pouco depois, sem qualquer explicação, a japonesa também desapareceu, sendo substituída por duas irmãs argelinas, que fumavam cigarros malcheirosos e pareciam saber tanto sobre armas de fogo e bombas quanto Bubi. Eram feias aos olhos de Charlie, mas os instrutores tinham a maior veneração por elas, por causa de algum feito inexplicado contra o opressor. Pela manhã, elas eram vistas saindo sonolentas dos alojamentos dos instrutores, em seus macacões de lã, enquanto as menos favorecidas terminavam o treinamento de combate desarmado. Assim, por algum tempo, Charlie ficou com o dormitório só para si, embora Fidel, o cubano gentil, aparecesse uma noite, lavado e arrumado como um menino de coro, para exprimir seu amor revolucionário por ela. Mas Charlie manteve a pose de auto-sacrifício e abnegação, concedendo-lhe apenas um beijo, antes de relutantemente mandá-lo embora.

Depois de Fidel, o próximo a se candidatar aos favores dela foi Abdul, o Americano. Ele procurou-a uma noite, batendo tão de leve na porta que Charlie esperava deparar com uma das argelinas, já que as duas regularmente esqueciam a chave. Àquela altura, Charlie já chegara à conclusão de que ele era uma presença permanente no campo. Era muito íntimo dos instrutores, tinha bastante liberdade, mas lia os seus horríveis documentos e citava Marighella com um sotaque profundo do sul dos Estados Unidos, que Charlie desconfiava ser artificial. Fidel, que o admirava, dissera que ele era um desertor do Vietnam, que odiava o imperialismo e viera para lá através de Havana.

– Oi – disse ele, passando por Charlie, sorrindo, antes que ela tivesse a chance de bater-lhe a porta.

Ele sentou-se na cama e começou a enrolar um cigarro.

– Eu mandei você sair – disse Charlie.

– Claro, claro...

Ele continuou a enrolar o cigarro. Era alto e calvo e, visto de perto, muito magro. Usava um uniforme de combate cubano e uma barba castanha, que parecia estar perdendo os fios.

– Qual é o seu verdadeiro nome? – perguntou ele.

– Smith. E agora saia.

– Gosto dele. Smith. – Ele repetiu o nome várias vezes, em tons diferentes. – Você é irlandesa, Smith? – Ele acendeu o cigarro e ofereceu uma tragada. Charlie ignorou. – Ouvi dizer que você é propriedade pessoal do Sr. Tayeh. Admiro seu gosto. Tayeh é insignificante. O que faz para ganhar a vida, Smith?

Ela foi até a porta e abriu-a. Mas ele continuou sentado na cama, sorrindo insinuantemente, através da fumaça do cigarro.

– Não quer trepar, hem? É uma pena. Essas *Frauleins* são como as elefantas do circo Barnum. Pensei que pudéssemos elevar um pouco o padrão. Demonstrar o Relacionamento Especial.

Ele se levantou, languidamente, largou o cigarro ao lado da cama e apagou-o com a bota.

– Por acaso não tem um pouco de haxixe para um pobre homem, Smith?

– Saia.

Submetendo-se passivamente ao julgamento dela, ele arrastou-se na direção da porta. Parou de repente e levantou a cabeça, ficando imóvel. Contrafeita, Charlie descobriu que os olhos exaustos e apáticos dele estavam marejados de lágrimas,

havia uma tensão de súplica infantil no rosto.

– Tayeh não quer me deixar abandonar o carrossel – queixou-se ele, o sotaque sulista dando lugar ao tom comum da costa leste americana. – Ele receia que minhas baterias ideológicas estejam descarregadas. E com toda razão, infelizmente. Esqueci o raciocínio de como cada bebê morto é um passo em direção da paz mundial. O que é terrível, depois que se matou alguns. Tayeh está sendo muito esportivo. Ele é um homem esportivo. "Se você quer ir embora, pode ir", diz ele. E aponta para o deserto. Esportivamente.

Como um mendigo atordoado, ele segurou a mão direita de Charlie entre as suas, ficou olhando para a palma vazia.

– Meu nome é *Halloran* – explicou, como se ele próprio tivesse dificuldade em se lembrar. – Em vez de Abdul, leia Arthur J. Halloran. E se algum dia passar por uma embaixada americana em qualquer lugar, eu ficaria profundamente grato se deixasse um bilhete para dizer que Arthur Halloran, natural de Boston e o grande espetáculo do Vietnam, ultimamente de exércitos menos oficiais, gostaria de voltar para casa o mais depressa possível e pagar sua dívida para com a sociedade, antes dos sionistas descerem a colina e acabarem com a gente. Pode fazer isso por mim, Smith? Afinal, quando as apostas estão na mesa, nós, os anglos, estamos um pouco acima do nível, não é mesmo?

Charlie mal podia se mexer. Uma sonolência irresistível a invadira, como as primeiras sensações de frio num corpo muito ferido. Ela queria apenas dormir. Com Halloran. Para lhe dar o conforto que ele pedia e extraí-lo em troca. Não importando se pela manhã ele a denunciasse. Que o fizesse. Tudo o que ela sabia é que não podia enfrentar por mais uma noite aquela cela vazia e infernal.

Ele ainda estava segurando sua mão. Charlie deixou-o, pairando como um suicida no peitoril da janela, olhando ansiosamente para a rua lá embaixo. Depois, com imenso esforço, ela se libertou, com as duas mãos empurrou o corpo magro e passivo dele para o corredor.

Ela sentou-se na cama. Era a mesma noite, não restava qualquer dúvida. Podia sentir o cheiro do cigarro. Ver a ponta a seus pés.

Se quiser ir embora, pode ir, disse Tayeh. E depois apontou para o deserto. Tayeh é um homem muito esportivo.

Não existe medo igual, dissera Joseph. *Sua coragem será como dinheiro. Gastará e gastará, até que uma noite vai verificar os bolsos e descobrir que está sem mais nada. É neste momento que começa a verdadeira coragem.*

Só há uma lógica: você, dissera Joseph. *Só pode haver uma sobrevivente: você. Só poderá confiar em uma única pessoa: você.*

Ela estava parada à janela, preocupada com a areia. Não imaginara que a areia pudesse subir tão alto. Durante o dia, domada pelo sol escaldante, permanecia dócil. Mas quando a lua brilhava, como agora, crescia em cones inquietos, que se deslocavam de um horizonte para outro, de tal forma que ela sabia que era apenas uma questão de tempo antes que a ouvisse derramando-se pelas janelas sem vidro, sufocando-a no sono.

O interrogatório começou na manhã seguinte e durou, pelo que ela calculou depois, um dia e duas noites. Foi um processo frenético e irracional, dependendo de quem era a vez de gritar com ela, se estavam desafiando seu empenho revolucionário ou acusando-a de ser uma espiã britânica, sionista ou americana. Enquanto durou, ela foi dispensada de todas as instruções. Entre as sessões, tinha ordens de permanecer no alojamento, sob prisão domiciliar, embora ninguém parecesse se incomodar quando ela vagueava pelo acampamento. Os turnos eram divididos entre quatro árabes de intenso fervor, trabalhando em duplas e berrando as perguntas previamente preparadas, que liam de anotações escritas a mão. Ficavam ainda mais furiosos quando Charlie não conseguia entender o inglês deles. Ela não foi espancada, embora talvez fosse mais fácil se isso acontecesse, pois então pelo menos saberia quando estava agradando e quando não estava. Mas a ira dos árabes era bastante assustadora. Havia ocasiões em que eles se revezavam para gritar com ela, mantendo os rostos perto do dela, cobrindo-a de saliva e deixando-a com uma enxaqueca insuportável. Outro expediente era oferecer-lhe um copo com água e depois jogar em seu rosto, quando estendia a mão para pegar.

Houve uma ocasião em que lhe amarraram as mãos nas costas e obrigaram-na a beber água através de um canudo. Mas na vez seguinte em que se encontraram, o rapaz que promovera a cena leu um pedido de desculpas escrito na presença dos três colegas e depois retirou-se, profundamente humilhado. Em outra ocasião ameaçaram fuzilá-la por sua conhecida ligação com o sionismo e com a rainha britânica. Mas como ela ainda se recusasse a confessar tais pecados, pareceram perder o interesse e passaram a lhe contar histórias ufanistas de suas aldeias natais, que nunca haviam conhecido, como possuíam as mulheres mais bonitas, o melhor azeite e o melhor vinho do mundo. E foi nesse momento que Charlie compreendeu que voltara à sanidade... e a Michel.

Um ventilador elétrico girava no teto, cortinas cinzentas pendiam nas paredes, escondendo mapas parcialmente. Pela janela aberta, Charlie podia ouvir as explosões intermitentes dos exercícios de Bubi. Tayeh ocupara o sofá, estendendo a perna por cima. O rosto ferido parecia pálido e doente. Charlie estava de pé na frente dele, como uma menina apanhada numa travessura, os olhos abaixados, os dentes cerrados de raiva. Tentara falar uma vez, mas Tayeh a ignorara, fazendo a encenação de tirar a garrafa de uísque do bolso e encher um copo, que deveria conter chá. Com as costas da mão, ele limpou a boca, como se tivesse um bigode, o que não acontecia. Estava mais contido do que em seus contatos anteriores com Charlie, parecendo um tanto constrangido na presença dela.

– Abdul, o Americano – disse Charlie.

– O que há com ele?

Ela estava preparada. Ensaiara tudo mentalmente, várias vezes: seu elevado senso de dever revolucionário, superando a relutância natural. Conhecia as falas de cor. Conhecia as descaradas do fórum que haviam-nas pronunciado. Ela manteve o rosto virado e falou com uma fúria rouca e viril: – O verdadeiro nome dele é Halloran. Arthur J. Halloran. Ele é um traidor. Pediu-me para informar aos americanos, quando eu sair daqui, que ele quer voltar para casa e enfrentar um julgamento. Admitiu francamente que acalenta pensamentos contra-revolucionários. Pode trair a todos nós.

0 olhar sombrio de Tayeh não se desviara do rosto dela. Segurava a bengala com as duas mãos e batia com a ponta de leve na ponta do pé da perna ruim, como se quisesse assim mantê-la acordada.

– Foi por isso que pediu para falar comigo?

– Foi.

– Halloran foi procurá-la há três noites – disse Tayeh, finalmente desviando os olhos dela. – Por que não me contou antes? Por que esperou três dias?

– Você não estava aqui.

– Outros estavam. Por que não pediu para falar comigo?

– Fiquei com medo de que você fosse puni-lo.

Mas Tayeh não parecia pensar que Halloran estava em julgamento.

– Ficou com receio. . . – murmurou ele, como se fosse uma grave confissão. – Mas por que ter medo por Halloran? E por três dias inteiros? Simpatiza secretamente com a posição dele?

– Você sabe muito bem que não.

– Foi por isso que ele lhe falou tão francamente? Porque lhe deu motivos para confiar em você? Acho que sim.

– Não.

– Dormiu com ele?

– Não.

– Então por que estava querendo proteger Halloran? Por que deveria tentar pela vida de um traidor, quando está aprendendo a matar pela revolução? Por que não é sincera conosco? Você me desaponta.

– Não sou experiente. Fiquei com pena dele e não queria que sofresse alguma coisa. Mas me lembrei do meu dever.

Tayeh parecia cada vez mais confuso com toda a conversa. Tomou um gole comprido de uísque.

– Sente-se.

– Não preciso.

– Sente-se.

Ela sentou-se como as moças francesas às vezes se sentam, os ombros empertigados, as mãos juntas. Olhava fixamente para um lado dele, para algum ponto odiado em seu horizonte particular. Em sua mente, já passara do ponto em que ele tinha algum direito a conhecê-la. Aprendi o que me mandou aqui para aprender. Culpe a si mesmo se não pode me compreender.

– Numa carta em que escreveu para Michel, você fala de uma criança. Tem um filho? Dele?

– Estava-me referindo à arma. Dormíamos com ela.

– Que tipo de arma?

– Uma Walther. Khalil tinha dado para ele.

Tayeh suspirou.

– Se estivesse no meu lugar – disse ele finalmente, desviando o rosto – tendo de tratar com Halloran... que pede para ir para casa, mas sabe demais... o que faria com ele?

– Trataria de neutralizá-lo.

– Fuzilando-o?

– Isso é problema seu.

– Tem razão, é mesmo. – Ele estava examinando a perna ruim outra vez, estendendo a bengala por cima, numa posição paralela. – Mas por que executar um homem que já está morto? Por que não deixá-lo trabalhar para nós?

– Porque ele é um traidor.

Mais uma vez, Tayeh pareceu interpretar erroneamente, de uma maneira deliberada, a lógica da posição dela.

– Halloran se aproxima de muitas pessoas neste acampamento. Sempre com um motivo. Ele é nosso abutre, mostrando onde há fraqueza e doença. Apontando para os traidores em potencial. Não acha que seríamos tolos se nos livrássemos de uma criatura tão útil? Foi para a cama com Fidel?

– Não.

– Porque ele é um cubano?

– Porque não tive vontade de ir para a cama com ele.

– E com os rapazes árabes?

– Também não.

– Imagino que você é muito exigente.

– Não fui exigente com Michel.

Com um suspiro de perplexidade, Tayeh serviu-se de um pouco mais de uísque.

– Quem é Joseph? – perguntou ele, em tom de lamento. – Joseph... Quem é ele, por favor?

Será que a atriz nela estava finalmente morta? Ou estava tão harmonizada com o teatro do real que a diferença entre a vida e a arte desaparecera? Nada de seu repertório lhe ocorreu; não teve qualquer lembrança de escolher um desempenho. Não pensou em desmoronar e ficar imóvel no chão de pedra. Não ficou tentada a se lançar a uma confissão suplicante, trocando a própria vida por tudo o que sabia, que lhe haviam dito ser a sua opção final e permissível. Estava furiosa e cansada de ver sua integridade pisoteada e submetida a investigações cada vez que alcançava outro marco em sua marcha para a revolução de Michel. Assim, ela reagiu instantaneamente, sem pensar, uma carta tirada de cima do baralho, pegue ou largue e que se dane.

– Não conheço nenhum Joseph.

– Pense um pouco. Em Mikonos. Antes de você ir para Atenas. Um de seus amigos, em conversa informal com um conhecido nosso, fez uma referência a *Joseph,* que aderiu ao grupo. Ele disse que Charlie ficou fascinada por Joseph.

Não restavam quaisquer barreiras, não havia desvios. Ela passara por tudo e estava correndo livre.

– Joseph? Ah, sim, aquele Joseph.. .

Ela deixou que o rosto registrasse a recordação tardia, ao mesmo tempo em que se ensombreava de repulsa.

– Estou lembrando dele. Era um judeuzinho nojento, que vivia atrás do nosso grupo.

– Não fale assim dos judeus. Não somos anti-semistas, mas apenas anti-sionistas.

– Não venha com essa para cima de mim.

Tayeh ficou interessado.

– Está me descrevendo como um mentiroso, Charlie?

– Quer ele fosse ou não um sionista, era um homem repulsivo, lembrava meu pai.

– Seu pai era judeu?

– Não. Mas era um ladrão.

Tayeh pensou a respeito por um longo tempo, usando primeiro o rosto dela e depois o corpo inteiro como um termo de referência para quaisquer dúvidas que ainda persistissem em sua mente. Ofereceu um cigarro a Charlie, mas ela não aceitou. O instinto lhe dizia para não dar nenhum passo em direção a ele. Tayeh tomou mais um gole de uísque, bateu outra vez no pé morto com a bengala.

– Aquela noite que passou com Michel em Tessalônica. . . no velho hotel. . . está lembrada?

– 0 que há com isso?

– Os empregados ouviram vozes alteadas no quarto de madrugada.

– E o que quer saber?

– Não me apresse, por favor. Quem estava gritando naquela noite?

– Ninguém. Eles estavam bisbilhotando na maldita porta errada.

– Quem estava gritando?

– Nós não estávamos gritando. Michel não queria que eu fosse. Isso é tudo. Estava com medo por mim.

– E você?

Era uma história que ela elaborara com Joseph: seu momento de ser mais forte do que Michel.

– Ofereci a pulseira de volta a Michel.

Tayeh acenou com a cabeça.

– O que explica o pós-escrito em sua carta: "Estou contente por ter ficado com a pulseira." E é claro. . . não houve qualquer grito. Você está certa. Perdoe meu truque árabe muito simples.

Ele examinou-a atentamente mais uma vez, tentando de novo decifrar o enigma, mas em vão. Contraiu os lábios, ao jeito de um soldado, como Joseph às vezes fazia, um prelúdio à emissão de uma ordem.

– Temos uma missão para você. Vá buscar suas coisas e volte imediatamente para cá. Seu treinamento está concluído.

Partir foi a mais inesperada de todas as tristezas. Era pior que o fim das aulas, pior do que deixar a turma no porto do Pireu. Fidel e Bubi abraçaram-na fervorosamente, as lágrimas deles se misturando com as suas. Uma das moças argelinas deu-lhe um Cristo menino de madeira.

O Professor Minkel vivia na lombada que une o Monte Scopus à Colina Francesa, no oitavo andar de uma torre nova, perto da Universidade Hebraica, um dos muitos edifícios que tanto afligiam os desventurados conservacionistas de Jerusalém. Cada apartamento olhava para a Cidade Velha lá embaixo, mas o problema é que a Cidade Velha também olhava para cada apartamento lá em cima. Como os vizinhos, era uma fortaleza além de um edifício. A posição das janelas era determinada pelos arcos de fogo mais favoráveis, no caso de ser necessário rechaçar um ataque. Com base no mesmo princípio, o lado oeste não tinha qualquer abertura, pois era planejado como uma defesa contra os disparos jordanianos. Kurtz fez três tentativas erradas antes de encontrar o lugar. Vagueou em torno de um *shopping center* baixo e irregular, em concreto de cinco pés. Lançou um olhar amargo e irônico ao cemitério britânico, consagrado aos que haviam tombado na Primeira Guerra Mundial, onde se lia: "Um Presente do Povo da Palestina". Observou o viço, os monumentos espetaculares, restaurados depois dos danos das últimas guerras. Explorou outros prédios, quase todos presentes de milionários da América, chegando finalmente àquela torre de pedra. As plaquetas com os nomes haviam sido destruídas e por isso ele apertou uma campainha ao acaso, que era de um velho polonês da Galícia, que só falava iídiche. O polonês conhecia o Dr. Minkel e admirava-o por sua posição; ele próprio cursara a venerada universidade de Cracóvia. Mas ele tinha também muitas perguntas a fazer, que Kurtz respondeu da melhor forma possível. De onde Kurtz era? Por acaso ele conhecia fulano de tal? E o que Kurtz estava fazendo ali, um homem adulto, às 11 horas da manhã, quando o Dr. Minkel deveria estar dando aulas aos futuros filósofos do nosso povo?

Os mecânicos de elevador estavam em greve e por isso Kurtz foi obrigado a subir pela escada. Mas nada poderia arrefecer o seu ânimo. Por um lado, a sobrinha acabara de anunciar seu noivado com um rapaz que estava no serviço dele. Por outro, o curso de Elli sobre a Bíblia transcorrera com o maior sucesso. Ela oferecera uma pequena reunião ao final e, para sua satisfação, Kurtz encontrara um jeito de comparecer. O melhor de tudo, porém, é que a descoberta de Freiburg fora seguida por várias pistas de confirmação, a mais satisfatória obtida no dia anterior, quando um dos ouvintes de Shimon Litvak, experimentando um novo microfone direcional, num telhado em Beirute, registrara Freiburg, três vezes em cinco páginas, uma

coisa sensacional. Havia ocasiões em que a sorte era generosa, pensou Kurtz, enquanto subia. E sorte, como Napoleão e todos em Jerusalém sabiam perfeitamente, era o que, no final das contas, determinava os bons generais.

Chegando a um pequeno patamar, ele parou a fim de recuperar o fôlego e ordenar os pensamentos. A escada era iluminada como um abrigo antiaéreo, com armações de arame envolvendo as lâmpadas elétricas. Naquele dia, no entanto, eram os sons de sua própria infância nos guetos que Kurtz ouvia ressoando pelo poço escuro da escada. Eu estava certo na decisão de não trazer Shimon, pensou ele. Havia ocasiões em que Shimon esfriava as coisas de uma maneira terrível; um pouco de frivolidade o melhoraria muito.

A porta do apartamento 18D tinha um olho mágico numa placa de aço e trancas de cima a baixo. A Sra. Minkel abriu-as, uma a uma, como se fossem botões numa botina, gritando "um momento, por favor", em diversas ocasiões. Kurtz entrou e ficou esperando pacientemente que ela tornasse a fechar tudo. Era uma mulher alta e bonita, de olhos azuis brilhantes, cabelos grisalhos presos num coque tradicional.

– É o Sr. Spielberg, do Ministério do Interior – disse ela, com uma certa cautela, estendendo a mão. – Hansi está à sua espera. Por aqui, por favor.

Ela abriu a porta de um pequeno gabinete. Ali, como um velho gavião, estava sentado seu Hansi, tão curtido e aristocrata quanto um Buddenbrook. A mesa era pequena demais para ele e assim vinha sendo há muitos anos. Os livros e papéis estavam empilhados no chão ao redor, com uma ordem que não podia ser atribuída ao acaso. A mesa estava inclinada para uma janela recuada e curva, com uma banqueta na parede. Levantando-se cuidadosamente, Minkel avançou com extrema dignidade pela sala, até alcançar a pequena ilha que não estava ocupada por sua erudição. Deu as boas-vindas a Kurtz com evidente apreensão. Quando os dois se sentaram junto à janela, a Sra. Minkel puxou um banco e se acomodou, como se estivesse disposta a fiscalizar para que o jogo fosse limpo.

Houve um silêncio constrangido. Kurtz exibiu o sorriso pesaroso de um homem condicionado pelo dever.

– Sra. Minkel, infelizmente, por questões de segurança, meu serviço insiste que há algumas coisas que só posso dizer a seu marido.

Ele ficou esperando, ainda sorrindo, até que o professor sugeriu que ela podia fazer um café; como o Sr. Spielberg gosta? A Sra. Minkel retirou-se, relutantemente, lançando da porta um olhar de advertência ao marido. Não podia haver muita diferença entre as idades dos dois homens, mas Kurtz foi cuidadoso ao falar com Minkel, pois era assim que estava acostumado.

– Professor, soube que nossa amiga comum Ruthie Zadir lhe falou ontem – começou Kurtz, com um respeito evidente.

Ele estava ao lado de Ruthie durante o telefonema, escutando os dois lados da conversa, a fim de obter alguma impressão do velho professor.

– Ruth foi uma das minhas melhores alunas – comentou o professor, com um ar de perda.

– É também uma das nossas melhores – disse Kurtz, mais expansivamente. – Poderia me informar, por favor, se está a par do trabalho em que "Ruthie se empenha no momento, professor?

Minkel não estava acostumado a responder a perguntas fora de seu assunto e por isso precisou de um momento de meditação aturdida, antes de murmurar, com uma determinação meio embaraçada: – Acho que devo declarar alguma coisa. – Kurtz sorriu, cordialmente e o professor acrescentou: – Se sua visita se relaciona com as tendências políticas. . . as simpatias. . . de alunos meus, lamento dizer que não posso colaborar. Há critérios que não posso aceitar como legítimos. Já discutimos isso antes. Lamento muito. – Ele pareceu ficar subitamente embaraçado, tanto por seus pensamentos como por seu hebraico. – Representou alguma coisa neste caso. E quando defendemos alguma coisa, devemos nos manifestar. Mais importante, porém, é agir. É essa a minha posição.

Kurtz, que lera a ficha de Minkel, sabia exatamente o que ele defendia. Era um discípulo de Martin Buber e membro de um grupo idealista quase inteiramente esquecido, que entre as guerras de 67 e 73 clamara por uma paz concreta com os palestinos. Os direitistas classificavam-no de traidor; às vezes, ao se lembrarem daqueles tempos, o mesmo faziam os esquerdistas. Ele era um oráculo em filosofia judaica, cristianismo primitivo, movimentos humanistas em sua Alemanha natal e cerca de 30 outros assuntos. Escrevera uma obra em três volumes sobre teoria e prática do sionismo, com um índice tão longo quanto uma lista telefônica.

– Professor, estou perfeitamente a par de sua posição nessas questões e não tenho a menor intenção de interferir por qualquer forma possível com seus postulados morais. – Kurtz fez uma pausa, dando tempo para que essa garantia fosse

absorvida. – Por falar nisso, posso presumir que sua iminente conferência na Universidade de Freiburg também será sobre a questão dos direitos individuais? Os árabes, suas liberdades básicas. . . será esse o seu tema no dia 24?

O professor não podia admitir aquilo. Não gostava de definições descuidadas.

– O tema será diferente, envolvendo a realização do judaísmo, não por conquista, mas pelo exemplo da cultura e moralidade judaicas.

A mulher de Minkel voltou, com uma bandeja com bolinhos feitos em casa.

– Ele está pedindo outra vez para dar informações? – perguntou ela. –Se é isso, diga que não. E depois de dizer não, diga não outra vez, até ele ouvir. O que acha que ele fará? Vai espancá-lo com um cassetete de borracha?

– Não é isso o que estou pedindo, Sra. Minkel – disse Kurtz, imperturbável.

Com uma expressão evidente de incredulidade, a Sra. Minkel retirou-se novamente. Mas Minkel limitou-se a fazer uma breve pausa. Se notara a interrupção, achou melhor ignorá-la. Kurtz formulara uma pergunta; Minkel, que repelia todas as barreiras ao conhecimento como inaceitáveis, se propunha a respondê-la. E o fez solenemente: – Vou-lhe explicar qual é exatamente a situação, Sr. Spielberg. Enquanto tivermos um pequeno estado judaico, podemos progredir democraticamente, como judeus, para a nossa realização judaica. Mas a partir do momento em que tivermos um estado maior, incorporando muitos árabes, não podemos deixar de optar. – Com as mãos velhas e pintadas, ele mostrou a opção a Kurtz. – Neste lado, a democracia sem a realização judaica. No outro lado. a realização judaica com democracia.

– E qual seria a solução, professor?

As mãos de Minkel adejaram no ar num gesto de impaciência acadêmica. Parecia ter esquecido que Kurtz não era seu discípulo.

– Muito simples: deixar Gaza e a Margem Ocidental antes de perdermos nossos valores. Que outra solução pode haver?

– E como os próprios palestinos reagiriam a essa proposta, professor?

Uma tristeza substituiu a segurança anterior do professor.

– Eles me chamam de cínico.

– É mesmo?

– Segundo eles, quero tanto o estado judeu como a simpatia mundial e por isso dizem que sou subversivo à sua causa. – A porta tornou a se abrir e a Sra. Minkel entrou, com o bule de café e as xícaras. – Mas não sou subversivo.

O professor não continuou a falar, por causa da mulher, que bateu com as xícaras na mesa, ficando vermelha de raiva e repetindo a última palavra: – Subversivo? Está chamando Hansi de subversivo? Só porque dizemos o que pensamos sobre o que está acontecendo a este país?

Kurtz não poderia contê-la, mesmo que tentasse; no caso, porém, ele não fez a menor tentativa. Sentiu-se contente em deixá-la seguir o seu curso.

– Em Golan, os espancamentos e torturas? Na Margem Ocidental, onde se faz coisas piores do que a SS fazia? No Líbano, em Gaza? E até mesmo aqui em Jerusalém, onde se esbofeteia crianças árabes somente porque são árabes! E somos subversivos porque nos atrevemos a falar contra a opressão, simplesmente porque ninguém está oprimindo a nós. . . judeus da Alemanha, subversivos em Israel?

– *Aber Liebchen.. .* – murmurou o professor, embaraçado.

Mas a Sra. Minkel era obviamente uma mulher acostumada a impor seus argumentos.

– Não podemos deter os nazistas, agora não podemos deter a nós próprios. Temos o nosso próprio país e o que fazemos? Quarenta anos depois, inventamos uma nova tribo perdida. Pura idiotice! E se *nós* não dissermos isso, o mundo dirá. O mundo já está dizendo. Leia os jornais, Sr. Spielberg!

Como se aparasse um golpe, Kurtz levantara o antebraço, até ficar entre o rosto dela e o seu. Mas a Sra. Minkel ainda não acabara.

– Aquela Ruthie – acrescentou ela, desdenhosamente. – Uma inteligência viva, estudou três anos com Hansi. E o que ela faz? Vai-se juntar à máquina!

Baixando a mão, Kurtz revelou que estava sorrindo. Não em desdém, não em raiva, mas com o orgulho confuso de um

homem que realmente amava a espantosa diversidade de sua raça. Ele estava dizendo "por favor", apelando ao professor. Mas a Sra. Minkel ainda tinha muito o que dizer.

Finalmente, contudo, até mesmo ela parou. E quando isso aconteceu, Kurtz perguntou-lhe se não queria se sentar e escutar o que ele viera dizer. A Sra. Minkel empoleirou-se outra vez no banco, esperando para ser apaziguada. Kurtz escolheu as palavras cuidadosamente, gentilmente. Explicou que era absolutamente confidencial o que tinha a dizer. Nem mesmo Ruthie Zadir, eficiente e capaz, lidando com muitos segredos todos os dias, estava a par; o que não era verdade, mas não tinha importância. Não fora falar dos alunos do professor, muito menos acusá-lo de subversivo ou contestar seus belos ideais. Viera exclusivamente para tratar da conferência do professor em Freiburg, que atraíra a atenção de determinados elementos, extremamente negativos.

– É uma coisa lamentável – disse ele, finalmente, fazendo uma pausa e respirando fundo. – Se alguns desses palestinos, cujos direitos vocês vêm defendendo tão corajosamente, agirem como querem, não fará qualquer conferência no dia 24 deste mês em Freiburg. Na verdade, professor, nunca mais voltará a fazer uma conferência em parte alguma.

Kurtz fez outra pausa, mas a audiência não demonstrou qualquer interesse em interrompê-lo.

– Segundo informações de que dispomos, é evidente que um dos grupos menos acadêmicos dos palestinos identificou-o como um moderado perigoso, capaz de aguar o vinho puro de sua causa. Exatamente como me descreveu, professor, só que pior. Um defensor da solução Bantustan para os palestinos. Como uma falsa luz, levando os mais fracos a uma concessão fatal ao tacão sionista.

Mas era preciso muito mais do que a simples ameaça de morte para persuadir o professor a aceitar uma versão não comprovada dos acontecimentos.

– Desculpe – disse ele, bruscamente – mas é precisamente a descrição minha que apareceu na imprensa palestina depois do discurso que fiz em Beer Sheba.

– Foi justamente de onde a tiramos, professor.

24

Ela voou para Zurique ao cair da tarde. Os sinais luminosos de tempestade margeavam a pista, ardendo diante dela como a trilha de seu próprio propósito. Sua mente, como desesperadamente a preparara, era uma reunião de frustrações antigas, amadurecidas e lançadas contra o mundo podre. Sabia agora que não havia qualquer resquício do bem naquele mundo, conhecera a agonia que era o preço da prosperidade oriental. Era quem sempre fora, uma rejeitada furiosa, querendo revidar. Só que com uma diferença: a Kalashnikov substituíra os acessos inúteis. Os sinais luminosos passaram rapidamente pela janela, como destroços em chamas. O avião pousou. Mas a passagem dela falava em Amsterdam e teoricamente ainda teria de aterrissar. *As mulheres sozinhas que voltam do Oriente Médio são suspeitas,* dissera Tayeh, ao dar as instruções finais, em Beirute. *Nossa primeira tarefa é lhe providenciar uma proveniência mais respeitável.* Fatmeh, que fora despedir-se dela, mostrara-se mais específica: *Khalil ordenou que você adquira uma identidade nova quando chegar.*

Entrando no salão de trânsito deserto, ela teve a impressão de ser a primeira pioneira a pisar ali. Havia música soando, mas não havia ninguém para escutar. Uma loja elegante vendia barras de chocolate e queijos, mas estava vazia. Ela foi ao banheiro e contemplou calmamente sua aparência. Os cabelos estavam cortados curtos e pintados com um castanho indefinido. Tayeh em pessoa ficara vagueando pelo apartamento em Beirute, enquanto Fatmeh a arrumava. Sem maquilagem, sem qualquer vestígio de atração sexual, ordenara ele. Charlie vestia um costume marrom austero e óculos de lentes grossas, vagamente astigmáticas, por trás dos quais franzia os olhos. Tudo o que preciso agora é de um chapéu de palha e um *blazer,* pensou ela. Percorrera um longo caminho desde a garota revolucionária de luxo de Michel.

Transmita o meu amor a Khalil, dissera Fatmeh, ao se darem um beijo de despedida.

Rachel estava na pia ao lado, mas Charlie olhou direto através dela. Não gostava dela, não a conhecia, foi pura coincidência que pusesse a bolsa aberta entre as duas, o maço de Marlborough por cima, da maneira como Joseph a instruíra. E também não viu a mão de Rachel, trocando o maço por outro, não viu a piscadela rápida e tranquilizadora pelo espelho.

Não tenho outra vida além desta. Não tenho outro amor além de Michel, não tenho outra lealdade a não ser para com o grande Khalil.

Sente-se tão perto do portão de partida quanto puder, ordenara Tayeh. Ela assim o fez. Tirou da bolsa um livro sobre plantas alpinas, largo e fino como uma agenda de colegial. Abrindo-o, ajeitou no colo, num ângulo que permitia se ver o título. Usava um emblema redondo dizendo "Salvem as Baleias" e esse era o outro sinal, dissera Tayeh, porque dali por diante Khalil exige que haja sempre duas coisas: dois aviões, dois sinais, em tudo um segundo sistema, para o caso do primeiro falhar; uma segunda bala no caso do mundo ainda estar vivo.

Khalil não confia em nada na primeira vez, dissera Joseph. Mas Joseph estava morto e enterrado há muito tempo, um profeta descartado de sua adolescência. Era a viúva de Michel e a guerreira de Tayeh, viera se alistar no exército do irmão do seu amor morto.

Um soldado suíço observava-a, um homem mais velho empunhando uma metralhadora Heckler & Koch. Charlie virou uma página. As Hecklers eram suas prediletas. Na sua última sessão de treinamento de armas, acertara 84 em 100 tiros no alvo-fuzileiro. Era a marca máxima, entre homens e mulheres. Pelo canto do olho, ela percebeu que o soldado ainda a observava. Uma ideia tempestuosa ocorreu-lhe. Farei com você o que Bubi fez um dia na Venezuela, pensou ela. Bubi recebera ordens de liquidar um determinado policial fascista, quando este saísse de casa pela manhã, uma hora das mais favoráveis. Bubi se escondera num portal e ficara esperando. O alvo andava sempre armado, mas era também um homem devotado à família, estava a todo instante brincando com os filhos. Quando ele saíra à rua, Bubi tirara do bolso uma bola e a jogara quicando pela rua, em sua direção. Uma bola de borracha de criança, quicando por uma rua vazia... que pai não se abaixaria instintivamente para pegá-la? Assim que ele o fizera, Bubi se adiantara e o matara. Pois quem pode disparar uma arma quando está pegando uma bola de borracha?

Alguém estava tentando conquistá-la. Fumante de cachimbo, sapatos de pele de porco, flanela cinzenta. Charlie percebeu que ele hesitou por um instante, antes de avançar.

– Com licença, mas você fala inglês?

Um estuprador inglês de classe média, louro, em torno dos 50 anos, atarracado. Como quem pede desculpas, uma falsa atitude humilde. *Não, não falo,* Charlie sentiu vontade de responder; *apenas olho para as gravuras.* Ela tanto odiava o tipo

dele que quase vomitou. Lançou-lhe um olhar furioso, mas ele era persistente, como todos de sua laia.

– O problema é que este lugar é terrivelmente desolado – explicou ele. – Será que você não gostaria de tomar um drinque comigo? Sem condições. Vai lhe fazer bem.

Ela disse não, obrigada. Mas quase respondeu: "Papai disse que eu não devo falar com estranhos." Depois de algum tempo, o homem se afastou, indignado, procurando por um guarda para denunciá-la. Ela retornou ao estudo da edelvais comum, escutando o lugar se encher, um par de pés de cada vez. Passando por ela até a loja de queijos. Passando por ela até o bar. Em sua direção. E parando.

– Emogen? Está lembrada de mim? Sabine?

Levantar os olhos. Pausa para reconhecimento.

Um lenço colorido suíço para esconder os cabelos com *bobs,* os cabelos pintados de um castanho indefinido. Sem óculos. Mas se Sabine pusesse óculos como os meus, qualquer fotógrafo medíocre poderia nos tornar gêmeas. Uma bolsa de viagem grande, de Franz Karl Weber, pendia de sua mão. O que era o segundo sinal.

– Puxa, é você mesma, Sabine!

Levantar. Um beijo formal no rosto. Mas que coisa espantosa. Para onde você está indo?

Infelizmente, o voo de Sabine está de partida. É uma pena que não possamos conversar um pouco, mas a vida é assim, não é mesmo? Sabine larga a bolsa aos pés de Charlie. Vigie a bolsa para mim por um momento, querida. Claro, Sabs, não há problema. Sabine desaparece no banheiro. Mexendo dentro da bolsa, ousadamente, como se fosse sua, Charlie tira um envelope com uma fita, percebe em seu interior os contornos de um passaporte e de uma passagem de avião. Discretamente, larga na bolsa seu passaporte irlandês, a passagem e o cartão de trânsito. Sabine volta, pega a bolsa, precisa se apressar, passa pelo portão de embarque. Charlie conta até 20 e volta ao banheiro, se tranca num reservado. Baastrup Imogen, sul-africana. Nascida em Johannesburg três anos e um mês depois de mim. Destino Stuttgart, dentro de uma hora e 20 minutos. Adeus, menina irlandesa, boas-vindas à nossa cristã racista do *uitback,* reivindicando sua herança de branca.

Saindo do banheiro, ela encontrou o soldado observando-a novamente. Ele está percebendo tudo. E está prestes a me prender. Pensa que estou fazendo contrabando e não imagina o quão perto está da verdade. Ela ficou olhando fixamente para o soldado, até que ele se afastou. Queria apenas ter alguma coisa para olhar, pensou Charlie, enquanto voltava a pegar o livro sobre flores alpinas.

O voo pareceu levar cinco minutos. Uma árvore de Natal fora de época estava no salão de chegada em Stuttgart. Havia um china de afobação familiar, com todos querendo ir para casa o mais depressa possível. Entrando na fila com seu passaporte sul-africano, Charlie examinou as fotografias das mulheres terroristas procuradas e teve a premonição de que estava prestes a ver a sua. Passou pela imigração sem qualquer dificuldade. Encaminhando-se para a saída, avistou Rose, sua conterrânea sul-africana, acomodada numa mochila, quase adormecida. Mas Rose estava tão morta quanto Joseph ou qualquer outro para ela, tio invisível quanto Rachel. As portas elétricas se abriram para ela, um turbilhão de neve atingiu-a no rosto. Levantando as golas do casaco, ela atravessou rapidamente a calçada larga, na direção do estacionamento. Quarto andar, dissera Tayeh; canto esquerdo, procure uma cauda de raposa numa antena de rádio. Ela imaginara uma antena grande, com uma cauda de raposa vermelha e peluda tremulando lá no alto. Mas aquela cauda de raposa era uma sofrível imitação de *nylon,* presa numa argola, caída como um camundongo morto no capô de um Volkswagen.

– Sou Saul. Qual é seu nome, meu bem? – disse uma voz de homem perto dela, num sotaque americano suave.

Por um momento terrível ela pensou em Arthur J. Halloran, também conhecido como Abdul, voltando para atormentá-la. Assim, ao dar uma olhada em torno da coluna, ficou aliviada ao deparar com um rapaz de aparência perfeitamente normal, encostado na parede. Cabelos compridos, botas surradas, um sorriso indolente. E um emblema de "Salvem as Baleias" como o dela preso no blusão.

– Imogen – respondeu ela, porque Saul era o nome que Tayeh lhe dissera para esperar.

– Levante o capô, Imogen. Guarde sua valise lá dentro. E agora olhe ao redor, observe quem está por aí. Alguém a incomoda?

Ela correu os olhos lentamente pelo estacionamento. Na cabine de um furgão Bedford, todo pintado com margaridas psicodélicas, Raoul e uma garota que ela não podia ver direito estavam a meio caminho da consumação.

Ninguém, disse ela.

Saul abriu-lhe a porta de passageiro.

– Não se esqueça de colocar o cinto de segurança, meu bem – disse ele, ao se sentar ao volante. – Há leis neste país, entende? Por onde você andou, Imogen? Onde conseguiu esse bronzeado?

Mas viúvas recentes, dispostas ao assassinato, não se empenham em conversa amena com estranhos. Com um dar de ombros, Saul ligou o rádio e ficou escutando as notícias em alemão.

A neve fazia tudo bonito e o tráfego cauteloso. Seguiram em meio à confusão. Flocos de neve disparavam pelos faróis. 0 noticiário terminou e uma mulher anunciou um concerto.

– Gosta disso, Imogen? É música clássica.

Ele deixou tocar, independente da resposta. Mozart, de Salzburgo, onde Charlie estava cansada demais para fazer amor com Michel, na noite anterior à morte dele.

Contornaram o clarão intenso da cidade, onde os flocos de neve caíam como cinza preta. Subiram por um trevo; lá embaixo, num *playground* murado, crianças de blusões vermelhos brincavam com bolas de neve. Ela lembrou-se de seu grupo de crianças na Inglaterra, 10 milhões de quilômetros atrás. Estou fazendo tudo isso por elas, pensou Charlie. De certa forma, Michel acreditava nisso. De certa forma, todos nós acreditamos. Com exceção de Halloran, que deixara de perceber o sentido. Por que ele estava tanto em seus pensamentos? Porque ele duvidava e a dúvida era o que ela mais aprendera a temer. *Duvidar* é *trair,* advertira-a Tayeh.

Joseph dissera praticamente a mesma coisa.

Haviam entrado em outra terra e a estrada tornou-se um rio preto, através de *canyons* de campos brancos e florestas densas. O sentido de tempo de Charlie foi-se desvanecendo, assim como o senso de escala. Via castelos de sonho e aldeias aprazíveis, delineadas contra o céu pálido. As igrejas de brinquedo com seus domos em formato de cebola deixavam-na com vontade de rezar, mas era crescida demais para elas e, além do mais, a religião era para os fracos. Viu pôneis estremecendo junto a fardos de feno e lembrou-se dos pôneis de sua infância. À cada coisa bonita que passava, projetava seu coração, tentando se apegar e absorver. Mas nada ficava, nada deixava qualquer marca em sua mente, eram imagens em vidro polido. Ocasionalmente um carro os ultrapassava, houve uma motocicleta que passou em disparada e ela teve a impressão de reconhecer as costas de Dimitri. Mas ele ficou além do alcance dos faróis antes que ela pudesse ter certeza.

Subiram ao cume de uma colina e Saul começou a acelerar. Virou à esquerda e atravessou uma estrada, depois à direita, entrando aos solavancos por uma simples trilha. Havia árvores caídas nos dois lados, como soldados congelados num jornal cinematográfico russo. Muito à frente, Charlie começou a divisar uma casa velha às escuras, com chaminés altas. Por um instante, fez com que se lembrasse da casa em Atenas. *Frenesi... não* é *essa a palavra?* Parando o carro, Saul piscou os faróis duas vezes. Do que parecia ser o centro da casa, uma lanterna piscou duas vezes em resposta. Saul estava olhando para o relógio de pulso, contando os segundos em voz alta.

– Nove... dez... é agora – disse ele.

A luz distante piscou mais uma vez. Inclinou-se pela frente de Charlie, ele abriu a porta.

– Só seguimos juntos até aqui, meu bem. Foi uma grande conversa. Paz, está bem?

Com a valise na mão, ela escolheu um sulco na neve e começou a se encaminhar para a casa, com apenas a claridade da neve e as réstias de luar que se infiltravam pelas árvores para mostrar o caminho. Quando a casa estava mais próxima, ela divisou uma velha torre de relógio, sem qualquer relógio, um laguinho congelado, sem qualquer estátua no pedestal. Uma motocicleta rebrilhava sob uma cobertura de madeira. Ela ouviu de repente uma voz familiar a lhe falar em tom baixo, de conspiração: – Cuidado com o telhado, Imogen. Morrerá instantaneamente se um pedaço do telhado cair em cima de você. Imogen.. . oh, Charlie, isso é absurdo demais!

No instante seguinte, um corpo forte e macio emergiu da escuridão da varanda para envolvê-la, apenas um pouco estorvado por uma lanterna e uma pistola automática. Dominada por um insólito senso de gratidão, Charlie retribuiu o abraço de Helga.

– Helg. . . oh, Deus, é você... que coisa maravilhosa!

À luz da lanterna, Helga levou-a por um vestíbulo de chão de mármore, a metade das lajes já removidas. Cautelosamente, subiram por uma escada de madeira em precárias condições, sem corrimão. A casa estava agonizando, mas alguém apressava sua morte. As paredes lacrimejantes estavam manchadas por *slogans* em tinta vermelha, as maçanetas e acessórios de

iluminação não mais existiam. Recuperando a hostilidade, Charlie tentou retirar a mão. Mas Helga segurou-a firme. Passaram por uma sucessão de cômodos vazios, cada um grande o bastante para se realizar um banquete. No primeiro, havia uma estufa quebrada de porcelana, cheia de jornal. No segundo, havia uma prensa manual, coberta de poeira, com as folhas amareladas das revoluções de ontem espalhadas pelo chão ao redor. Entraram numa terceira sala e Helga projetou a luz da lanterna para uma massa de arquivos e papéis numa alcova.

– Sabe o que eu e minha amiga fazemos aqui, Imogen? – perguntou ela, alteando a voz subitamente. – Minha amiga é fantástica. Chama-se Verona e o pai era um nazista total. Latifundiário, industrial, tudo o que se possa imaginar.

Ela relaxou a mão, apenas para tornar a fechá-la em torno do pulso de Charlie.

– Ele morreu e por isso estamos vendendo-o por vingança. As árvores para os destruidores de árvores. A terra para os destruidores de terra. As estátuas e os móveis para o mercado de coisas velhas. Se valia cinco mil, vendemos por cinco. Aqui ficava a escrivaninha do pai dela. Nós a despedaçamos com nossas próprias mãos e queimamos tudo numa fogueira. Como um símbolo. Era o quartel-general da campanha fascista dele. . . o lugar em que assinava os cheques, comandava todas as ações repressivas. Nós a despedaçamos e queimamos. Verona agora está livre. É pobre, é livre, aderiu às massas. Ela não é fantástica? Talvez você devesse fazer a mesma coisa.

Uma escada de serviço levava a um corredor comprido. Helga foi seguindo-o, em silêncio. Por cima delas, Charlie podia ouvir música popular e sentir o cheiro de parafina ardendo. Chegaram a um patamar, passaram por vários aposentos de criados e pararam diante da última porta. Uma luz brilhava por baixo. Helga bateu e falou baixinho em alemão. Uma chave girou na fechadura e a porta foi aberta. Helga entrou na frente, chamando Charlie.

– Imogen, esta é a Camarada Verona. – Um tom autoritário insinuou-se em sua voz. – Vero!

Uma moça gorda e nervosa esperava para recebê-las. Usava um avental por cima de uma calça preta folgada, os cabelos estavam cortados como os de um homem. Uma automática Smith & Wesson num coldre se destacava no quadril gordo. Verona limpou a palma no avental e as duas trocaram um aperto de mão burguês.

– Há apenas um ano Vero era completamente fascista como o pai – comentou Helga, com um tom de proprietária. – Uma escrava e uma fascista ao mesmo tempo. Mas agora ela luta. Não é mesmo, Vero?

Dispensada da conversa, Verona tornou a trancar a porta e foi refugiar-se num canto, onde estava cozinhando alguma coisa num fogareiro. Charlie se perguntou se ela não estaria sonhando secretamente com a escrivaninha do pai.

– Venha ver quem está aqui – disse Helga, levando-a pelo quarto.

Charlie olhou rapidamente ao redor. Estava num sótão grande, o mesmo em que brincara incontáveis vezes durante as férias em Devon. A débil claridade vinha de um lampião de óleo, pendurado de uma viga. Uma cortina de veludo fora pregada nas janelas. Um cavalo de balanço estava encostado numa parede, tendo ao lado um quadro-negro, montado num cavalete. Uma planta de rua estava desenhada no quadro-negro, com flechas coloridas apontando para um prédio retangular no centro. Numa velha mesa de pingue-pongue havia restos de salame, pão preto e queijo. Roupas de ambos os sexos estavam penduradas para secar diante de um fogareiro de óleo. Alcançaram uma pequena escada de madeira e Helga subiu na frente. No assoalho elevado havia duas camas de água, lado a lado. Numa delas, nu até a cintura e daí para baixo, estava reclinado o italiano moreno que apontara a arma para Charlie na City, naquela manhã de domingo. Um edredom esfarrapado estava estendido por suas coxas. As partes desmontadas de uma automática Walther estavam espalhadas ao seu redor, enquanto ele as limpava. Um rádio transistor tocava Brahms ao seu lado.

– E aqui temos o vigoroso Mario – anunciou Helga, com o orgulho sarcástico, cutucando os órgãos genitais dele com a ponta do pé. – Mario, sabia que você é completamente desavergonhado? Cubra-se imediatamente e cumprimente nossa hóspede. Estou mandando!

Mas a única reação de Mario foi rolar divertido para a beira da cama, convidando quem quer que quisesse deitar ao seu lado.

– Como está o Camarada Tayeh, Charlie? – perguntou ele. – Conte-nos todas as notícias da família.

Como um grito numa igreja, um telefone tocou. Foi mais alarmante porque nunca passara pela cabeça de Charlie que ainda pudesse haver um telefone na casa. Procurando animá-la, Helga estava propondo que bebessem à saúde de Charlie. Pusera copos e uma garrafa numa bandeja de madeira e estava levando-os através do quarto. Ouvindo a campainha do telefone, ela ficou completamente parada onde estava. Depois, em câmara lenta, largou a bandeja na mesa de pingue-pongue, que por acaso estava perto. Rossino desligou o rádio. O telefone estava numa mesinha trabalhada, que Verona e Helga ainda

não haviam queimado. Era um telefone antigo, com o fone separado. Charlie contou oito toques da campainha, antes de parar. Helga permaneceu onde estava, olhando para o aparelho. Completamente nu, Rossino se levantou e foi pegar uma camisa num varal improvisado.

– Ele disse que ligaria amanhã – comentou o italiano, em tom de queixa, enquanto punha a camisa pela cabeça. – O que terá acontecido para fazê-lo mudar de plano?

– Fique quieto! – disse Helga, asperamente.

Verona continuou a mexer o que estava cozinhando, só que mais devagar, como se a velocidade fosse perigosa. Era uma dessas mulheres em que cada movimento parecia se originar dos cotovelos.

O telefone tornou a tocar, duas vezes. Helga levantou o fone e tornou a repô-lo no gancho no mesmo instante. Quando voltou a tocar, ela atendeu com um "sim" brusco e depois escutou, sem um aceno de cabeça ou um sorriso, por dois minutos talvez, antes de desligar.

– Os Minkels mudaram os planos – anunciou ela. – Vão passar a noite em Tubingen, onde têm amigos na faculdade. Levam quatro malas grandes, diversas peças pequenas e uma pasta.

Com grande instinto para o efeito, ela pegou um pano úmido na pia de Verona e limpou o quadro-negro.

– A pasta é preta e tem dobradiças simples. 0 local da conferência também foi mudado. A polícia não está desconfiada, mas nervosa. Estão adotando o que chamam de precauções sensatas.

– Qual é o problema? – perguntou Rossino.

– A polícia quer aumentar os guardas, mas Minkel se recusa categoricamente. É um suposto homem de princípios. Se vai pregar sobre a lei e a justiça, insiste que não pode estar cercado pela polícia secreta. Para Imogen, nada está mudado. Suas ordens continuam as mesmas. É a sua primeira ação. Ela será a grande estrela. Não é mesmo, Charlie?

Subitamente, todos olhavam para ela. Verona com uma expressão apática, Rossino com um sorriso avaliador e Helga com um olhar franco e direto, em que não havia qualquer vestígio de dúvida, como sempre acontecia.

Ela estava deitada, usando o antebraço como travesseiro. O quarto não era uma galeria num salão paroquial, mas uma água-furtada sem luz nem cortinas. A cama era um velho colchão de crina de cavalo e um cobertor amarelado que recendia a cânfora. Helga estava sentada ao seu lado, afagando os cabelos pintados de Charlie com a mão forte. O luar entrava pela janela alta, a neve produzia um profundo silêncio. Alguém deveria escrever um conto de fadas ali. Meu amante deveria acender um aquecedor elétrico e me possuir à claridade vermelha. Ela estava numa cabana comprida, a salvo de tudo, exceto do dia seguinte.

– Qual é o problema, Charlie? Abra os olhos. Não gosta mais de mim?

Ela abriu os olhos, fixados diretamente à frente, nada vendo, nada pensando.

– Ainda está sonhando com o seu pequeno palestino? Está preocupada com o que fazemos aqui? Quer desistir e fugir, enquanto ainda tem tempo?

– Estou cansada.

– Então por que não vem deitar conosco? Podemos fazer sexo. E depois dormir. Mario é um excelente amante.

Inclinando-se sobre ela, Helga beijou-a no pescoço.

– Quer Mario só para você? É inibida? Até mesmo isso eu concedo a você.

Ela tornou a beijá-la. Mas Charlie permaneceu fria e rígida, o corpo como ferro.

– Amanhã de noite talvez você esteja mais afetuosa. Não pode haver rejeições com Khalil. Ele já está profundamente fascinado em conhecê-la. Pediu por você pessoalmente. Sabe o que ele disse certa vez a um amigo nosso? "Sem as mulheres eu perderia meu calor humano e fracassaria como soldado. Para ser um bom soldado, é essencial ter humanidade." Pode agora imaginar o grande homem que ele é. Você amava Michel e por isso ele vai amá-la. Não resta a menor dúvida quanto a isso.

Depois de dar um último e demorado beijo nela, Helga saiu do quarto. Charlie ficou deitada de costas, olhos arregalados, observando a madrugada clarear lentamente pela janela. Ouviu o gemido de uma mulher se alteando para um soluço suplicante e depois o grito urgente de um homem. Helga e Mario estavam promovendo o andamento da revolução sem a ajuda dela.

Siga-os para onde quer que a levarem, dissera Joseph. *Se lhe disserem para matar, então mate. A responsabilidade será nossa e não sua.*

Onde você estará?

Perto.

Perto do fim do mundo.

Charlie tinha na bolsa uma lanterna de Mickey Mouse, com um facho de luz mínima, o tipo de coisa com que teria brincado por baixo das cobertas no colégio interno. Pegou também o maço de Mariborough de Rachel. Restavam três cigarros e ela tirou-os do maço. Cuidadosamente, como Joseph lhe ensinara, abriu o papelão do maço e estendeu-o, a superfície interna virada para cima. Molhando o dedo, começou gentilmente a esfregar a saliva no papelão. As letras foram surgindo, finas. Charlie leu a mensagem, depois meteu o maço comprimido numa fresta no assoalho, empurrando até que desaparecesse.

Coragem. Estamos com você. Toda a Oração do Senhor escrita numa cabeça de alfinete.

A sala de operações no centro da cidade de Freiburg era um escritório alugado às pressas, no andar térreo, numa rua movimentada, sob a cobertura da Companhia de Investimentos Walker &Frosch, uma das dezenas de empresas que o serviço de Gavron mantinha permanentemente registradas. O equipamento de comunicações tinha mais ou menos a aparência de aparelhagem comercial. Havia também três telefones comuns, cortesia de Alexis; um deles, o menos oficial, era uma linha direta do doutor para Kurtz. Era o início da manhã, depois de uma noite movimentada, ocupada primeiro com o serviço delicado de localizar Charlie, depois com uma discussão tensa entre Litvak e seu equivalente alemão ocidental. Àquela altura, Litvak estava discutindo com todo mundo. Kurtz e Alexis mantinham-se alheios aos conflitos entre os subordinados. A concordância em termos gerais se mantinha e Kurtz não tinha o menor interesse em rompê-la, pelo menos por enquanto. Alexis e seus homens deveriam ficar com o crédito, Litvak e os homens de Kurtz com a satisfação.

Quanto a Becker, ele estava finalmente em guerra. Com a iminência da ação, seu comportamento adquirira uma vivacidade determinada. As introspecções que o atormentavam em Jerusalém haviam-se dissipado, a ociosidade persistente da espera ficara para trás. Enquanto Kurtz cochilava irrequieto sob um cobertor militar e Litvak, nervoso e esgotado, andava de um lado para outro ou falava enigmaticamente por um dos telefones, parecendo sempre prestes a explodir, Becker montava guarda junto à veneziana da janela grande, olhando pacientemente pelas colinas cobertas de neve além do escuro Rio Dreisam. Pois Freiburg, como Salzburgo, é uma cidade cercada por colinas, cada rua parecendo subir para sua própria Jerusalém.

– Ela está em pânico – anunciou Litvak subitamente, às costas de Becker.

Aturdido, Becker virou-se para fitá-lo.

– Ela se passou para o lado deles – insistiu Litvak, a voz com uma instabilidade gutural.

Becker voltou a olhar pela janela, enquanto respondia, calmamente: – Parte dela passou para o outro lado, parte ficou. Foi isso o que lhe pedimos.

– Ela se passou totalmente! – A voz de Litvak se alteou, no ímpeto da própria provocação. – Já aconteceu com outros agentes antes. Está acontecendo agora. Eu a vi no aeroporto, o que não aconteceu com você. Ela parecia um fantasma.

– Se ela parecia um fantasma, então é assim que quer parecer – disse Becker, ainda impassível. – Ela é uma atriz. Vai superar tudo. Não se preocupe.

– Mas qual é a motivação dela? Não é judia. Não é qualquer coisa. Passou para o lado deles. Vamos esquecê-la!

Ouvindo Kurtz se remexer por baixo do cobertor, Litvak alteou a voz ainda mais, para incluí-lo.

– Se ela ainda está conosco, por que deu a Beckie um maço de cigarro em branco no aeroporto? Quatro semanas entre aquela turba e ela nem ao menos nos escreve um bilhete quando torna a sair? Que espécie de agente é essa? Será mesmo tão leal a nós?

Becker parecia estar procurando pela resposta nas colinas distantes.

– Talvez ela nada tenha a dizer – murmurou ele. – Está se exprimindo com as ações, não com palavras.

Das sombras de seu espartano leito de campanha, Kurtz ofereceu um consolo sonolento:

– A Alemanha deixa-o nervoso, Shimon. Trate de se controlar. Que importância tem a quem ela pertence, enquanto continuar a nos mostrar o caminho?

Mas o efeito das palavras de Kurtz foi o oposto da intenção. Em seu ânimo de tormento auto-imposto, Litvak sentiu uma aliança injusta contra ele, o que deixou-o ainda mais desesperado.

– E se ela desmoronar e confessar tudo? E se ela contar toda a história, de Mikonos até aqui? Ela ainda nos mostrará o caminho?

Ele parecia estar fixado numa rota de colisão; nada mais poderia satisfazê-lo. Soerguendo-se na cama de campanha,

apoiado num cotovelo, Kurtz assumiu um tom mais áspero ao dizer: – E o que acha que devemos fazer, Shimon? Dê-nos a solução de equipe. Vamos supor que ela tenha-se passado para o outro lado. Vamos supor que ela tenha explodido toda a operação, do café da manhã ao jantar. Quer que eu ligue para Misha Gavron e comunique que estamos liquidados?

Becker não abandonara a janela, mas se virara de novo e observava Litvak através da sala, com uma expressão pensativa. Olhando de um para o outro, Litvak abriu os braços, um gesto inesperado na presença de dois homens tão estáticos.

– Ele está em algum lugar por aqui! – gritou Litvak. – Num hotel. Um apartamento. Uma pensão. Só pode estar. Vamos fechar a cidade. As estradas, a ferrovia. Os ônibus. Alexis pode providenciar um cordão de isolamento total. E revistaremos casa a casa, até encontrá-lo.

Kurtz tentou um pouco de humor gentil:

– Shimon, a Alemanha não é a Margem Ocidental.

Mas Becker, finalmente interessado, parecia ansioso em prosseguir na discussão: – E quando o encontrarmos? – perguntou ele, como se ainda não tivesse entendido o plano de Litvak. – O que faremos então com ele, Shimon?

– Quando o encontrarmos, vamos matá-lo! E a operação estará encerrada!

– E quem mata Charlie? – perguntou Becker, no mesmo tom perfeitamente objetivo. – Nós ou eles?

Subitamente, havia mais coisa em Litvak do que ele podia controlar. Sob as tensões da noite anterior e do dia porvir, toda a massa emaranhada de suas frustrações, masculinas e femininas, aflorou de repente à superfície de seu ser. O rosto ficou vermelho, os olhos arderam, um braço magro se estendendo para Becker num gesto de acusação.

– Ela é uma *goy,* uma puta, uma comunista e uma amante de árabes! – gritou ele, alto o bastante para ser ouvido através da parede divisória. – Vamos abandoná-la. Quem se importa?

Se Litvak estava esperando que Becker se lançasse a uma briga por isso, então ficou desapontado. O máximo que Becker ofereceu foi um aceno de cabeça de confirmação, como se tudo o que andara pensando a respeito de Litvak acabasse de ser comprovado. Kurtz afastara o cobertor. Estava sentando-se na cama, de cueca, a cabeça inclinada para a frente, esfregando as pontas dos dedos nos cabelos grisalhos bem curtos.

– Vá tomar um banho, Shimon – ordenou ele. – Um banho, um bom descanso, um café. Volte ao meio-dia. Não antes.

Um telefone estava tocando.

– Não atenda – acrescentou Kurtz.

Ele próprio atendeu, enquanto Litvak observava da porta, com uma expressão horrorizada.

– Ele está ocupado – disse Kurtz ao telefone, em alemão. – Isso mesmo, aqui é Helmuth. Quem está falando?

Ele disse, tornou a dizê-lo depois de uma pausa, arrematou com um está ótimo. Desligou. E exibiu o seu sorriso intemporal, sem qualquer humor. Primeiro para Litvak, a fim de consolá-lo, depois também para Becker, porque no momento as divergências entre os dois não tinham a menor importância.

– Charlie chegou ao hotel dos Minkels há cinco minutos – informou ele. – Rossino está com ela. Estão tomando juntos o café da manhã, muito antes do tempo, exatamente como nosso amigo gosta.

– E a pulseira? – perguntou Becker, bruscamente.

Era a parte que Kurtz mais gostava e ele anunciou, orgulhosamente:

– Está no pulso direito dela. Charlie tem uma mensagem para nós. É uma moça sensacional. Eu lhe dou os parabéns, Peter.

O hotel fora construído na década de 60, quando a indústria ainda acreditava em vastos e luxuosos saguões, com fontes iluminadas e relógios de ouro em caixas de vidro. Uma escadaria larga levava ao mezanino. Da mesa em que estavam sentados, Charlie e Rossino podiam observar tanto a entrada principal como a recepção. Rossino usava um terno azul de executivo, Charlie estava com seu uniforme de guia sul-africana e o Cristo menino de madeira que ganhara no campo de treinamento. As lentes de seus óculos, que Tayeh insistira que deveriam ser autênticas, faziam com que os olhos doessem quando era a sua vez de observar. Haviam comido ovos com *bacon,* porque ela estava faminta; agora tomavam café, enquanto Rossino lia o *Stuttgarter Zeitung* e a regalava periodicamente com notícias engraçadas. Haviam chegado cedo à cidade e Charlie quase congelara até a morte no assento traseiro da motocicleta. Estacionaram na estação ferroviária, onde Rossino fizera algumas indagações. Seguiram para o hotel de táxi. Na hora em que estavam ali, Charlie vira batedores da polícia

trazerem um bispo católico e voltarem com uma delegação de africanos ocidentais, em trajes tribais. Observara a chegada de um ônibus carregado de americanos e a partida de um ônibus carregado de japoneses. Conhecia de cor e salteado o processo de registro, até mesmo o nome do carregador que pegava as malas dos recém-chegados, ajeitava nos carrinhos e pairava a um metro de distância, enquanto os novos hóspedes preenchiam as fichas.

– E Sua Santidade o Papa planeja uma excursão por todos os estados fascistas sul-americanos – anunciou Rossino, por trás do jornal, enquanto ela se levantava. – Talvez desta vez acabem com ele. Para onde está indo, Imogen?

– Vou ao banheiro.

– Qual é o problema? Está nervosa?

O banheiro das mulheres tinha lâmpadas rosas por cima das pias e música suave para abafar o zumbido do exaustor. Rachel estava maquilando o olho. Duas outras mulheres lavavam as mãos. Uma porta estava fechada. Passando por ela, Charlie pôs a mensagem rabiscada na mão à espera de Rachel. Ela se arrumou e voltou à mesa.

– Vamos sair daqui – disse ela a Rossino, como se o ato de ir ao banheiro a fizesse mudar de ideia. – É ridículo.

Rossino acendeu um grosso charuto holandês e deliberadamente soprou a fumaça no rosto dela.

Um Mercedes de aparência oficial parou à entrada do hotel e despejou um bando de homens de terno escuro, com crachás na lapela. Rossino começara a fazer uma piada obscena a respeito deles quando foi interrompido por um empregado que o chamava para atender ao telefone: o Signor Verdi, que deixara seu nome e cinco marcos com o recepcionista, estava sendo chamado na cabine três. Charlie tomou o café, sentindo o calor se espalhar pelo peito. Rachel estava sentada com um namorado sob uma palmeira numa tina de alumínio, lendo o *Cosmopolitan.* O namorado era desconhecido para Charlie e parecia alemão. Estava lendo um documento numa pasta de plástico. Havia 20 e tantas pessoas sentadas ao redor, mas Rachel era a única que ela podia reconhecer. Rossino voltou.

– Os Minkels chegaram à estação há dois minutos. Pegaram um táxi, um Peugeot azul. Devem aparecer aqui a qualquer momento.

Ele pediu a conta e pagou, depois recomeçou a ler o jornal.

Farei tudo só uma vez, garantira Charlie a si mesma, quando estava deitada pela manhã, esperando; tudo será uma última vez. Ela tornou a repetir para si mesma agora: se eu ficar sentada aqui agora, nunca mais tornarei a sentar aqui. Quando eu descer, nunca mais terei de subir. Quando eu deixar o hotel, nunca voltarei.

– Por que não atiramos logo no miserável e acabamos com tudo de uma vez? – sussurrou Charlie, com uma súbita explosão de medo e ódio, os olhos fixados de novo na entrada.

– Porque queremos ficar vivos para atirar em outros miseráveis – explicou Rossino pacientemente, virando uma página. – O Manchester United tornou a perder. Ah, o pobre e velho Império...

– Ação – disse Charlie.

Um táxi Peugeot azul parará no outro lado das portas de vidro. Uma mulher de cabeça grisalha estava desembarcando. Foi seguida por um homem alto e distinto, de movimentos lentos e formais.

– Observe as peças pequenas e deixe que eu cuide das grandes – disse Rossino, enquanto largava calmamente o jornal e tornava a acender o charuto.

O motorista estava abrindo a mala do carro; Franz, o carregador, estava parado atrás dele, com seu carrinho. Saíram primeiro as duas malas iguais, marrons, de *nylon,* nem velhas nem novas. Com cintas pelo meio, para reforço. Etiquetas vermelhas grudadas. Agora uma velha mala de couro, bem maior, com um par de rodinhas num canto. Seguiu-se mais uma mala.

– Santo Deus! – queixou-se Rossino. – Por quanto tempo eles vão ficar?

As peças pequenas estavam empilhadas no banco da frente do carro. Depois de fechar a mala do carro, o motorista começou a descarregá-las. Mas o carrinho de Franz não podia levar tudo de uma só vez. Uma bolsa surrada, em couro remendado, dois guardas-chuvas. Duas caixas grandes, em papel de presente, presumivelmente presentes de Natal atrasados. Foi então que ela viu: uma pasta preta. Os lados duros, estrutura de aço, plaqueta de couro com o nome. A velha Helga, sempre eficiente, pensou Charlie. Minkel estava pagando o táxi. Como alguém que Charlie outrora conhecera, ele guardava as moedas numa bolsinha. Derramou-as na palma, antes de selecionar o dinheiro desconhecido. A Sra. Minkel pegou a pasta.

– Mas que merda! – murmurou Charlie.

– Espere – disse Rossino.

Carregado de pacotes, Minkel seguiu a mulher através das portas corrediças.

– Está me dizendo agora que pensa que o reconhece. Por que não desce e dá uma olhada mais de perto? Você hesita... não passa de uma virgenzinha inibida. – Rossino segurava-a pela manga do vestido. – Não se precipite. Se não der certo, há muitas outras maneiras. Trate de franzir o rosto. E ajuste os óculos. Vá logo.

Minkel se aproximava da recepção, em passos pequenos, hesitantes, como se nunca tivesse feito aquilo antes. A mulher, segurando a pasta, estava ao seu lado. Havia apenas uma recepcionista ali e estava ocupada com dois outros hóspedes. Esperando, Minkel correu os olhos ao redor, em confusão. A mulher, impassível, avaliou o saguão. No outro lado, por trás de uma divisória de vidro, um coquetel atraiu-lhe a atenção. Ela estudou as pessoas com uma expressão de desaprovação, murmurou alguma coisa para o marido. A recepção ficou vazia e Minkel tirou a pasta da mão da mulher, uma transação tácita, instintiva, entre parceiros. A recepcionista era uma loura, vestida de preto. Conferiu a lista de reservas com as unhas vermelhas, antes de entregar uma ficha para Minkel preencher. Os degraus estavam batendo nos calcanhares de Charlie, a mão úmida grudava no corrimão de teca. Minkel era uma abstração enevoada através das lentes astigmáticas. O chão se elevou ao seu encontro e ela iniciou a jornada hesitante para a recepção. Minkel estava debruçado sobre o balcão, preenchendo a ficha. Pusera o passaporte israelense à sua frente e copiava o número. A pasta estava no chão, ao lado de seu pé esquerdo. A Sra. Minkel estava fora de seu campo de visão. Colocando-se à direita de Minkel, Charlie espiou por cima de seu ombro, enquanto ele escrevia. A Sra. Minkel apareceu à esquerda, olhando aturdida para Charlie. Ela cutucou o marido. Finalmente consciente de que estava sendo examinado tão de perto, Minkel ergueu lentamente a cabeça venerável e virou-a. Charlie limpou a garganta, bancando a tímida, o que não era difícil. *Agora.*

– Professor Minkel?

Ele tinha olhos castanhos perturbados e parecia ainda mais embaraçado do que Charlie. Era subitamente como sustentar um péssimo ator.

– Isso mesmo, sou o Professor Minkel – admitiu ele, como se não tivesse muita certeza. – Por quê?

A própria mediocridade, do desempenho dele proporcionou forças a Charlie. Ela respirou fundo.

– Professor, meu nome é Imogen Baastrup, de Johannesburg. Sou formada em estudos sociais pela Universidade Witwaterstrand. – Ela falou rapidamente. O sotaque era menos sul-africano do que vagamente antípoda, a atitude era insossa, mas determinada. – Tive a felicidade de ouvir sua conferência no ano passado sobre os direitos das minorias nas sociedades raciais. Foi uma conferência sensacional. E devo dizer que mudou minha vida. Eu pretendia lhe escrever, mas nunca fui capaz. Importa-se se eu lhe apertar a mão?

Charlie praticamente apoderou-se da mão dele. Minkel olhou aturdido para a mulher, que tinha mais talento e pelo menos presenteou Charlie com um sorriso. Tardiamente pegando a deixa dela, Minkel sorriu também, embora um tanto debilmente. Se Charlie estava suando, não era nada em comparação com Minkel. Parecia que a mão dela estava mergulhada numa poça de óleo.

– Vai ficar muito tempo aqui, professor? O que veio fazer? Outra conferência?

Ao fundo, fora de foco, Rossino estava perguntando à recepcionista em inglês se um certo Sr. Boccacio já chegara de Milão. A Sra. Minkel tornou a intervir em socorro, explicando: – Meu marido está fazendo uma excursão pela Europa. Estamos de férias, fazendo uma que outra conferência, visitando amigos.

Assim estimulado, o próprio Minkel conseguiu finalmente falar, perguntando com o sotaque alemão mais forte que Charlie já ouvira fora do palco: – E o que a traz a Freiburg... Srta. Baastrup?

– Achei que era melhor conhecer um pouco do mundo, antes de decidir o que fazer com a minha vida.

Tire-me daqui. Oh, Deus, tire-me daqui. A recepcionista estava lamentando não encontrar nenhuma reserva em nome do Sr. Boccacio; e, infelizmente, o hotel estava lotado. Com a outra metade de si mesma, ela entregou uma chave de quarto à Sra. Minkel. Charlie estava outra vez agradecendo ao professor por uma conferência realmente estimulante e instrutiva, Minkel estava-lhe agradecendo as palavras generosas. Rossino, depois de agradecer à recepcionista, encaminhava-se rapidamente para a porta principal, a pasta de Minkel quase que totalmente oculta pela elegante capa preta pendurada em seu braço. Com uma última profusão meio constrangida de agradecimentos e desculpas, Charlie partiu atrás dele, tomando cuidado para não demonstrar qualquer pressa. Ao chegar à porta de vidro, divisou a imagem refletida dos Minkels olhando ao redor,

atarantados, tentando lembrar quem ficara com a pasta por último e onde.

Passando entre os táxis parados, Charlie chegou ao estacionamento do hotel, onde Helga esperava, num Citroen verde, usando uma pelerine Loden, de botões de osso. Charlie sentou-se ao lado dela e Helga seguiu lentamente até a entrada do estacionamento, entregando o tíquete e o dinheiro. Quando a cancela foi levantada, Charlie desatou a rir, como se isso desencadeasse seu riso. Engoliu em seco, comprimiu a mão contra a boca, encostou a cabeça no ombro de Helga. E se lançou a um riso impotente e glorioso.

– Foi incrível, Helga! Você deveria ter-me visto!

No cruzamento, um jovem guarda de trânsito ficou olhando aturdido para as duas mulheres adultas, chorando e rindo a não poder mais. Baixando a janela, Helga soprou-lhe um beijo.

Na sala de operações, Litvak estava sentado diante do rádio, Becker e Kurtz de pé por trás dele. Litvak parecia assustado, mudo e pálido. Tinha na cabeça um aparelho com um só fone e um microfone suspenso diante da garganta.

– Rossino pegou um táxi para a estação – informou Litvak. – Está levando a pasta. Vai pegar sua motocicleta.

– Não quero que ele seja seguido – disse Becker a Kurtz, por cima de Litvak.

Litvak tirou o aparelho da cabeça, reagindo como se não pudesse acreditar no que acabara de ouvir.

– Não segui-lo? Mas temos seis homens vigiando aquela motocicleta. Alexis tem 50. Pusemos um transmissor na motocicleta e temos carros de prontidão por toda a cidade. Seguindo a motocicleta, seguindo a pasta. E a pasta nos leva ao nosso homem!

Ele virou-se para Kurtz, procurando seu apoio.

– O que tem a dizer, Peter? – indagou Kurtz.

– Ele vai usar todos os recursos. É o que sempre faz. Rossino entregará a pasta a alguém, que a levará a outra pessoa. Ao final desta tarde, teremos sido arrastados por incontáveis ruas secundárias, campo aberto e restaurantes vazios. Não há uma só equipe de vigilância do mundo que possa sobreviver a um esquema desses sem ser reconhecida.

– Qual é o seu interesse especial, Peter?

– Berger ficará com Charlie durante o dia inteiro. Khalil telefonará para ela a intervalos e em lugares combinados. Se Khalil farejar alguma coisa, ordenará a Berger para matá-la. Se ele não telefonar por duas ou três horas, conforme o combinado, Berger também a matará.

Aparentemente indeciso, Kurtz virou as costas aos dois homens e ficou andando pela sala. De um lado para outro, enquanto Litvak observava-o como um louco. Kurtz finalmente pegou o telefone direto para Alexis e ouviram-no dizer "Paul", em tom de faça-me-um-favor. Ele falou suavemente por algum tempo, escutou, voltou a falar e desligou.

– Temos cerca de nove segundos antes dele chegar à estação – disse Litvak, freneticamente, escutando pelo fone. – Seis.

Kurtz ignorou-o.

– Fui informado que Berger e Charlie acabam de entrar num cabeleireiro elegante – disse ele, voltando a se aproximar. – Parece que elas vão-se embelezar para o grande acontecimento.

Ele parou diante dos dois e Litvak informou, desesperado:

– O táxi de Rossino acaba de chegar ao pátio da estação. Ele está agora pagando a corrida.

Kurtz estava olhando para Becker. Sua expressão era respeitosa, até mesmo terna. Era como um velho treinador, cujo atleta finalmente recuperara a forma.

– Peter ganhou o dia, Shimon – disse ele, o olhar ainda fixado em Becker. – Chame os seus garotos. Diga-lhes para descansarem até o final da tarde.

Um telefone tocou e Kurtz tornou a atender. Era o Professor Minkel, tendo o seu quarto colapso nervoso desde o início da operação. Kurtz ouviu-o e depois falou com a esposa, por muito tempo, suavemente, acalmando os dois.

– É realmente um dia maravilhoso – comentou ele, com uma irritação reprimida, ao desligar. – Todos estão-se divertindo a valer.

Pondo a boina azul, ele saiu para se encontrar com Alexis, a fim de fazerem uma inspeção conjunta do salão da conferência.

Foi a espera mais longa e nervosa, uma noite de estreia para acabar com todas as noites de estreia. O pior de tudo é que

não podia fazer nada sozinha, pois Helga designara Charlie para sua pupila e sobrinha predileta, não a deixava longe de sua vista por um momento sequer. Do cabeleireiro, onde Helga, sob o secador, recebera o primeiro telefonema, as duas seguiram para uma loja de roupas. Helga comprou um par de botas forradas de pêlo para Charlie e luvas de seda para evitar o que chamou de marcas dos dedos. Foram à catedral, onde Helga obrigou Charlie a ouvir uma aula de história. Entre muitos risos e insinuações, foram a uma pequena praça, onde Helga queria apresentar Charlie a um certo Bertold Schwarz, "o homem mais sensual que já conheci, tenho certeza de que ficará gamada por ele". Bertold Schwarz lá estava... era uma estátua.

– Ele não é fantástico, Charlie? Não gostaria se pudéssemos levantar sua saia? Sabe o que o nosso Bertold fez? Era um franciscano, um alquimista famoso, o inventor da pólvora. Amava tanto a Deus que ensinou todas as suas criaturas a se explodirem mutuamente. E por isso os bons cidadãos lhe ergueram uma estátua. O que foi perfeitamente natural.

Pegando o braço de Charlie, ela apertou-o, muito excitada.

– Sabe o que vamos fazer depois desta noite? Vamos voltar, trazer algumas flores a Bertold, colocá-las a seus pés. Combinado, Charlie?

Claro, Helg. Tudo o que você quiser.

A torre da catedral estava começando a deixá-la nervosa, um farol pontiagudo e ornamentado, sempre às escuras, sobressaindo à sua frente cada vez que virava uma esquina e entrava em outra rua.

Foram almoçar num restaurante elegante, onde Helga tratou Charlie com vinho de Baden, que fora cultivado no solo vulcânico de Kaiserstuhl –um vulcão, Charlie, imagine só! – e agora tudo o que comiam, bebiam ou viam tinha de ser o tema de insinuações cansativas e jocosas. Durante a torta da Floresta Negra. . . "devemos ter tudo burguês hoje". . . Helga foi outra vez chamada ao telefone. Voltou com a informação de que deveriam seguir imediatamente para a universidade ou jamais conseguiriam fazer tudo. Entraram numa passagem de pedestres, com butiques elegantes. Foram sair diante de um prédio imponente, com colunas e uma fachada curva, com um letreiro dourado por cima, que Helga se apressou em traduzir.

– É uma mensagem sensacional para você, Charlie. Escute só. "A verdade a fará livre." Estão citando Karl Marx para você. Não é lindo e atencioso?

– São João – corrigiu-a Charlie, antes de ter tempo de pensar.

Ela percebeu um brilho de raiva passar pelo rosto muito excitado de Helga. Um pátio de pedra cercava o prédio. Um guarda idoso estava de vigia, olhando indiferente para as duas mulheres, enquanto elas contemplavam tudo boquiabertas e apontavam para cada coisa, turistas da cabeça aos pés. Quatro degraus levavam à entrada. Lá dentro, as luzes de um salão vasto brilhavam através da porta de vidro fume. A entrada lateral era guardada por estátuas de Homero e Aristóteles. Foi ali que Helga e Charlie ficaram por mais tempo, admirando as esculturas e a arquitetura pomposa, enquanto secretamente calculavam distâncias e avaliavam meios de acesso. Um cartaz amarelo anunciava a conferência de Minkel para as oito horas da noite.

– Você está apavorada, Charlie – sussurrou Helga, sem esperar por uma resposta. – Mas depois desta manhã vai triunfar totalmente. Você é perfeita. Vai mostrar o que é verdade e o que é mentira, vai mostrar também o que é liberdade. Para grandes mentiras, precisamos de uma grande ação. Nada mais lógico. Uma grande ação, uma grande audiência, uma grande causa. Vamos. Uma passarela moderna transpunha a rua de duas pistas. Mac abros postes totêmicos de pedra presidiam nos dois lados. Passaram pela biblioteca da universidade para um café de estudantes, à beira do caminho como um berço de concreto. Através das paredes de vidro, enquanto tomavam o café, podiam ver estudantes e professores entrarem e saírem do salão de conferência. Helga estava outra vez esperando por um telefonema. Finalmente chegou. Quando ela voltou, divisou alguma coisa na expressão de Charlie que deixou-a furiosa. – O que há com você? Ficou de repente cheia de pena por causa das simpáticas opiniões sionistas de Minkel? Tão nobres, tão generosas? Pois saiba que ele é pior do que Hitler, um tirano rematado sob disfarce. Vou lhe pagar um *schnapps* para que adquira um pouco de coragem.

O calor do *schnapps* ainda ardia em Charlie quando chegaram ao parque vazio. O laguinho estava congelado, a escuridão prematura se adensava, o ar estava gelado. Aconchegando-se na pelerine verde, Helga soltou um súbito grito de prazer.

– Oh, Charlie, escute só! Ouviu o sino tocar? É um sino de prata. Sabe por quê? Vou contar a história. Um viajante a cavalo perdeu-se no caminho uma noite. A região estava repleta de salteadores, o tempo era o pior possível. Ele ficou tão contente quando finalmente chegou a Freiburg, que doou um sino de prata à catedral. E, agora, o sino repica todos os dias, ao cair da tarde. Não é lindo?

Charlie acenou com a cabeça, tentando sorrir, mas sem sucesso. Passando um braço em torno dela, Helga puxou-a para as dobras de sua pelerine.

– Charlie... você quer que eu lhe faça outro sermão?

Ela sacudiu a cabeça.

Ainda apertando Charlie contra seu peito, Helga olhou para o relógio, depois para a trilha mergulhada na semi-escuridão.

– Sabe de uma coisa a respeito deste parque, Charlie?

Sei que é o segundo lugar mais horrível do mundo. E eu jamais ganho primeiros prêmios. Ela permaneceu calada.

– Pois vou-lhe contar outra história. Está bem? Durante a guerra, um ganso vivia aqui. Era uma sirene de ataque aéreo. Quando os bombardeiros se aproximavam, o ganso era o primeiro a ouvir. Punha-se a gritar e os cidadãos desciam imediatamente para os seus porões, sem esperarem pelo aviso oficial. O ganso morreu. Mas, depois da guerra, os cidadãos estavam tão gratos que lhe ergueram um monumento. Freiburg é assim. Uma estátua para o monge-bombardeador, outra estátua para o ganso de alarme antiaéreo. Esses *freibourgeois* não são doidos?

Empertigando-se, Helga tornou a olhar para o relógio e esquadrinhou a escuridão enevoada.

– Ele está aqui – disse ela, baixinho, virando-se para se despedir.

Não, pensou Charlie. Eu a amo, Helga, pode me ter ao café da manhã todos os dias, só quero que não me obrigue a ir para Khalil.

Pondo as mãos nas faces de Charlie, Helga beijou-a de leve nos lábios.

– Por Michel, está bem? – Helga tornou a beijá-la, mais ardentemente. – Pela Revolução e a Paz. Por Michel. Siga reto pelo caminho, chegará a um portão. Um Ford verde está esperando ali. Sente-se no banco traseiro, bem atrás do motorista. – Mais um beijo. – Oh, Charlie, você é fantástica! Seremos eternamente amigas!

Charlie começou a se afastar pelo caminho, parou, olhou para trás. Tensa e estranhamente submissa ao crepúsculo, Helga estava parada a observá-la, a pelerine verde envolvendo-a, como uma pelerine de guarda.

Helga acenou, um movimento solene da mão forte, de um lado para outro. Charlie acenou em resposta, observada pela tone da catedral.

O motorista usava um chapéu de pele que lhe escondia a metade do rosto. A gola de pele do casaco estava levantada. Ele não se virou para saudá-la. Do lugar em que sentou, Charlie não podia divisá-lo direito. Só dava para perceber, pelos contornos do rosto, que era jovem. Ela desconfiou também que era um árabe. Ele foi guiando lentamente, primeiro pelo tráfego vespertino, depois pelos campos, por pistas estreitas, onde ainda havia neve. Mais de uma vez acendeu a luz do painel para verificar a hora, mas sempre tornou a apagá-la. Passaram por uma pequena estação ferroviária, aproximaram-se de uma passagem de nível e pararam. Charlie ouviu uma campainha de advertência, viu uma cancela tremer por um instante e começar a baixar. O motorista engrenou a segunda e acelerou, passando em disparada pelos trilhos, enquanto a cancela se fechava por trás.

– Obrigada – murmurou Charlie.

Ela ouviu-o rir. . . um riso sonoro e gutural. Era com certeza um árabe. Ele subiu uma ladeira e tornou a parar, desta vez num ponto de ônibus, marcado por um H verde em campo amarelo. Ele entregou uma moeda a Charlie, dizendo: – Compre uma passagem de dois marcos no próximo ônibus que seguir para este lado.

É a caça anual ao tesouro na escola, pensou Charlie; a próxima pista leva à pista seguinte; a última pista leva ao tesouro.

A escuridão era total e as primeiras estrelas apareciam. Um vento frio e cortante soprava pelos morros. Charlie podia divisar ao longe, à beira da estrada, as luzes de um posto de gasolina. Mas não havia casas nas proximidades. Ela esperou cinco minutos. Um ônibus parou, com um suspiro. Estava quase vazio. Ela comprou a passagem e sentou-se perto da porta, os joelhos unidos, os olhos em lugar nenhum. Ninguém embarcou nos dois pontos seguintes; no terceiro, um rapaz de blusão de couro entrou no ônibus, esfuziante, foi sentar-se ao lado dela. Era o seu motorista americano da noite anterior.

– Daqui a dois pontos há uma igreja nova – disse ele, baixinho. – Salte, passe pela igreja, siga pela estrada, do lado direito. Vai encontrar um carro vermelho estacionado, com um pequeno demônio pendurado do espelho do motorista. Abra a porta do lado do passageiro, sente-se e espere. É tudo o que precisa fazer.

O ônibus parou, Charlie saltou e começou a andar. O rapaz ficou no ônibus. A estrada era reta, a noite muito escura. À frente, talvez a 500 metros de distância, ela divisou uma mancha vermelha, sob um lampião. A neve rangia sob as suas botas

novas, o barulho aumentava a sensação de estar desligada do próprio corpo. Olá, pés, o que estão fazendo aí embaixo? Marchando, menina, marchando. O veículo se aproximou e ela identificou um furgão de Coca-Cola. Cinquenta metros além, junto ao lampião seguinte, havia um café; e depois do café outra vez nada, além da planície de neve e a estrada reta, para o nada. O que levava alguém a abrir um café no meio daquela terra de ninguém era um enigma para outra vida.

Charlie abriu a porta do furgão e entrou. O interior estava estranhamente iluminado pelo lampião por cima. Ela sentiu o cheiro de cebolas e viu uma caixa de papelão cheia, entre os engradados de garrafas vazias que enchiam a parte traseira do furgão. Um demônio de plástico, empunhando um tridente, pendia do espelho. Havia uma pilha de cassetes sujos a seus pés. Era o lugar mais quieto do mundo. Uma única luz aproximou-se pela estrada, lentamente. Chegou perto e ela viu que era um jovem padre, numa bicicleta. Virou o rosto ao passar. Parecia ofendido, como se Charlie tivesse desafiado a sua castidade. Ela continuou esperando. Um homem alto, de quepe, saiu do café, começou a andar devagar em sua direção, até emparelhar com o furgão. Bateu na janela de Charlie com as pontas dos dedos da mão enluvada. Uma luva de couro, duro e brilhante. Uma lanterna foi projetada contra Charlie, escondendo-o completamente. O facho de luz fixou-a por um momento, percorreu lentamente o furgão, voltou a Charlie, ofuscando-a. Ela levantou a mão para se proteger. Ao baixá-la, o facho de luz seguiu a mão até o colo. A lanterna se apagou, a porta se abriu, uma mão pegou-lhe o pulso e arrancou-a do furgão. Ela estava de pé diante dele, que era mais de um palmo mais alto, largo e forte. Mas o rosto dele estava nas sombras, sob o quepe, a gola levantada contra o frio.

– Fique quieta – disse ele.

Tirando a bolsa do ombro de Charlie, ele primeiro avaliou o peso, depois abriu-a e deu uma olhada no interior. Pela terceira vez em sua vida recente, o pequeno rádio-relógio atraiu uma atenção meticulosa. Ele ligou-o. Funcionava. Ele desligou, mexeu no rádio por um momento, pôs alguma coisa no bolso. Por um instante, Charlie pensou que ele resolvera ficar com o rádio. Mas tal não aconteceu, pois ela viu-o pôr o rádio de volta na bolsa e a bolsa no furgão. Depois, como um instrutor de ginástica a corrigir-lhe a postura, ele pôs as pontas das mãos enluvadas nos ombros dela, empertigando-a. Seu olhar sombrio estava fixado no rosto de Charlie durante todo o tempo. Baixando o braço direito, ele começou a tocar de leve pelo corpo de Charlie com a palma da mão esquerda, primeiro o pescoço e ombros, depois a clavícula e omoplatas, verificando os pontos em que deveriam estar as alças do sutiã, se ela por acaso o estivesse usando. Agora as axilas, descendo pelos flancos até os quadris, os seios e a barriga.

– Esta manhã, no hotel, você usava a pulseira no pulso direito. Agora está no esquerdo. Por quê?

O inglês era de estrangeiro, refinado e cortês; o sotaque, até onde Charlie podia julgar, era árabe. Uma voz suave, mas poderosa;uma voz de orador.

– Gosto de mudar de pulso.

– Por quê?

– Para ter a sensação de que é sempre nova.

Agachando-se, ele examinou os quadris e as pernas, as partes interiores das coxas, com a mesma atenção meticulosa que dedicara ao resto. Depois, ainda com a mão esquerda apenas, apalpou cuidadosamente as botas novas forradas de pêlo.

– Sabe quanto vale essa pulseira? – perguntou ele, tornando a se levantar.

– Não.

– Continue quieta.

Ele estava agora atrás de Charlie, apalpando-a, as costas, as nádegas, as pernas outra vez, até as botas.

– Não a pôs no seguro?

– Não.

– Por que não?

– Ele me deu por amor. Não pelo dinheiro.

– Entre no carro.

Charlie obedeceu. Ele deu a volta e foi se sentar ao volante.

– Muito bem, vou levá-la para ele. – O homem ligou o motor. – Entrega de porta a porta. Certo?

– Certo.

O furgão tinha mudança automática, mas Charlie percebeu que ele guiava quase que exclusivamente com a mão esquerda,

mantendo a direita em seu colo. O barulho das garrafas vazias tomou-a de surpresa. Alcançaram um cruzamento e ele virou à esquerda, entrando numa estrada tão reta quanto a anterior, mas sem lampiões. O rosto dele, até onde Charlie podia divisar, lembrava o de Joseph, não nas feições, mas na determinação, nos cantos contraídos dos olhos de lutador, que mantinham uma vigilância constante pelos três espelhos do furgão, além de vigiá-la também.

– Gosta de cebola? – perguntou ele, acima do barulho das garrafas.

– Bastante.

– Gosta de cozinhar? O que sabe fazer? Macarrão? *Wienerschinitzel?*

– Coisas assim.

– O que cozinhava para Michel?

– Bife.

– Quando?

– Em Londres. Na noite que ele passou em meu apartamento.

– Sem cebolas?

– Na salada.

Estavam voltando à cidade. O clarão parecia uma muralha rosa sob o céu coberto de nuvens. Desceram uma colina e chegaram a um vale plano e vasto, subitamente indefinido. Charlie avistou fábricas semiconstruídas, vastos estacionamentos de caminhões, desocupados. Viu uma ponta que estava sendo moldada numa montanha. Não avistou lojas, qualquer bar, luzes em alguma janela. Entraram num pátio de concreto. Ele parou o furgão, mas não desligou o motor. HOTEL GARNI ÉDEN, leu Charlie, nas letras vermelhas em néon. Por cima da entrada vistosa, podia-se ler: *Wittkotnmen! Bienvenu! Wellcome!*

Quando ele entregou a bolsa a Charlie, uma ideia súbita lhe ocorreu: – Tome aqui... leve isso também. Ele gosta muito.

O homem pegou a caixa de cebolas entre os engradados. Quando largou-a no colo de Charlie, ela tornou a perceber a imobilidade da mão direita.

– Quarto cinco, quarto andar. Pela escada, não pelo elevador. Pode ir.

Com o motor ainda em funcionamento, ele observou-a atravessar o pátio para a entrada iluminada. A caixa era mais pesada do que Charlie imaginara e exigia que a carregasse com os dois braços. O saguão estava vazio, o elevador esperava. Mas ela não o tomou. A escada era estreita e sinuosa, o carpete puído de tão usado. A música tinha uma insinuação ofegante, o ar recendia a perfume barato e fumaça de tabaco. No primeiro patamar, uma velha gritou-lhe *"Gruss Gott"* do interior de seu cubículo de vidro, mas não levantou a cabeça. Parecia ser um lugar em que mulheres inexplicadas estavam entrando e saindo a todo instante.

No segundo patamar, ela ouviu música e riso feminino. No terceiro foi alcançada pelo elevador e se perguntou por que lhe haviam mandado subir pela escada. Mas não tinha mais qualquer vontade, nenhuma resistência, suas palavras e ações eram as que lhe escreviam. A caixa fazia os braços doerem. Ao chegar ao corredor do quarto andar, a dor era a sua maior preocupação. A primeira porta era uma saída de incêndio e a segunda, logo ao lado, tinha o número cinco. O elevador, a saída de incêndio, a escada, pensou Charlie, automaticamente; ele sempre conta pelo menos com duas coisas.

Ela bateu na porta, que se abriu. Seu primeiro pensamento foi: "Isso é típico, fui enganada." Porque o homem à sua frente era o mesmo que levara até ali no furgão de Coca-Cola, menos o chapéu e a luva esquerda. Ele tirou a caixa dos braços dela e colocou-a na estante de bagagem. Tirou os óculos de Charlie, fechou-os e devolveu-os. Depois de fazer isso, tornou a tirar a bolsa do ombro de Charlie, despejou o que havia dentro sobre o edredom rosa. Era quase a mesma coisa que lhe haviam feito em Londres, quando estava com os óculos escuros. Praticamente a única outra coisa no quarto, além da cama, era a pasta. Estava em cima da pia, vazia, aberta. Era a mesma pasta que ela ajudara a roubar do Professor Minkel, naquele hotel grande com um mezanino, no tempo em que era jovem demais para saber qualquer coisa.

Uma calma extrema envolvia os três homens na sala de operações. Nenhum telefonema, nem mesmo de Minkel e Alexis; nenhuma mensagem desesperada em código enviada por intermédio da embaixada em Bonn. Na imaginação coletiva dos três homens, toda a tortuosa conspiração parecia estar suspensa por um instante, prendendo a respiração. Litvak estava arriado em sua cadeira, desanimado; Kurtz estava absorvido em algum sonho ensolarado, os olhos parcialmente fechados, sorrindo como um velho crocodilo. E Becker, como antes, era o mais quieto dos três, observando impassível a escuridão se adensar, como

um homem que examina em autocrítica todas as promessas de sua vida passada. Quais as que cumprira? Quais as que rompera?

– Deveríamos ter dado o transmissor a ela desta vez – comentou Litvak. – Já confiam nela, a esta altura. Por que não lhe demos o transmissor? Ela devia estar preparada.

– Porque ele vai revistá-la – disse Becker. – Vai procurar armas e fios, vai procurar um transmissor.

Litvak estava agitado o bastante para tentar argumentar.

– Então por que eles a usam? Você está doido. Por que usar uma mulher em que não se confia... num trabalho assim?

– Porque ela não foi morta. Porque ela está limpa. É por isso que eles a usam e é por isso que não confiam nela. Pela mesma razão.

O sorriso de Kurtz tornou-se quase humano.

– Depois que ela tiver matado pela primeira vez, Shimon. Depois que não for mais uma noviça. Depois que estiver no lado errado da lei para sempre. . . uma marginal até a morte. . . então eles confiarão nela. Todos confiarão nela. Por volta das nove horas desta noite, ela será um deles, sem qualquer problema, Shimon... sem qualquer problema.

Mas Litvak permaneceu desconsolado.

25

Mais uma vez, ele era lindo. Era Michel plenamente desenvolvido, com a abstinência e a graça de Joseph, o absolutismo inabalável de Tayeh. Era tudo o que ela imaginara, quando tentava transformá-lo em alguém que ansiava encontrar. Os ombros eram largos, bem torneados, com a raridade de um objeto precioso que se mantinha longe das vistas alheias. Não poderia entrar num restaurante sem que a conversa cessasse ao seu redor, não poderia sair sem deixar uma espécie de alívio em sua esteira. Era um homem da vida ao ar livre, condenado a se esconder em pequenos aposentos, com a palidez da masmorra na pele.

Ele fechara as cortinas e acendeu o abajur na mesinha-de-cabeceira. Não havia cadeira para Charlie e ele estava usando a cama como uma bancada de carpinteiro. Jogou os travesseiros no chão, ao lado da caixa, sentou-a no lugar assim desocupado, pondo-se a trabalhar. E foi falando enquanto trabalhava, meio para si mesmo, meio para ela. Sua voz só conhecia o ataque, uma marcha impetuosa para a frente de pensamentos e palavras.

– Dizem que Minkel é uma boa pessoa. Talvez seja mesmo. Quando li a respeito dele, pensei logo: talvez esse tal de Minkel precise de alguma coragem para dizer essas coisas. Talvez eu o respeitasse. Posso respeitar meu inimigo. Posso homenageá-lo. Não tenho qualquer problema em relação a isso.

Depois de largar as cebolas num canto, ele começou a tirar uma sucessão de pequenos pacotes da caixa, com a mão esquerda, desembrulhando-os, usando a mão direita para segurar. Ansiosa em concentrar-se em alguma coisa, Charlie tentou gravar tudo na memória, mas acabou desistindo: duas pilhas novas de lanterna do tipo que se encontra em qualquer supermercado num único embrulho, um detonador igual ao que ela usara no forte durante o treinamento, com fios vermelhos saindo pela extremidade franzida. Canivete. Alicate. Chave de parafusos. Ferro de solda. Um rolo de fio vermelho, bem fino, grampos de aço, fio de cobre. Fita isolante, uma lâmpada de lanterna, pedaços de madeira de comprimentos diversos. E um pedaço retangular de madeira para servir de base ao mecanismo. Levando o ferro de solda até a pia, Khalil meteu-o numa tomada ao lado, causando um cheiro de poeira queimada.

– Será que os sionistas pensam em todas as boas pessoas quando nos bombardeiam? Acho que não. Quando jogam napalm em nossas aldeias, matam nossas mulheres? Duvido muito. Não creio que um piloto terrorista israelense, sentado lá em cima, pense nos pobres civis, nas vítimas inocentes.

Ele fala assim quando está sozinho, pensou Charlie. E fica sozinho durante muito tempo. Fala para manter a fé viva e a consciência sob controle.

– Já matei muitas pessoas que certamente poderia respeitar – continuou ele, voltando à cama. – Os sionistas mataram muito mais. Mas eu só mato por amor. Mato pela Palestina e por seus filhos. Tente pensar também assim. – Ele fez uma pausa, olhou para Charlie e indagou: – Está nervosa?

– Estou.

– Isso é natural. Também estou nervoso. Você fica nervosa no teatro?

– Fico.

– É a mesma coisa. O terror é teatro. Nós inspiramos, assustamos, provocamos indignação, ira, amor. Esclarecemos. O teatro também. O guerrilheiro é o grande ator do mundo.

– Michel também me escreveu isso. Está nas cartas dele.

– Mas eu disse a ele. A ideia foi minha.

O pacote seguinte era de papel oleado. Ele abriu-o com respeito. Três bastões de 250 gramas de explosivo plástico russo. Colocou-os no lugar de honra, no centro do edredom.

– Os sionistas matam por medo e ódio, os palestinos por amor e justiça. Lembre-se dessa diferença. É importante. – O olhar de novo, rápido e autoritário. – Vai-se lembrar disso quando estiver com medo? Vai dizer a si mesma "por justiça"? Se o fizer, não mais terá medo.

– E por Michel.

Ele não estava totalmente satisfeito.

– E por ele também, é claro.

Ele jogou na cama, de um saco de papel pardo, dois pregadores comuns, depois aproximou-os do abajur, para comparar os mecanismos simples. Observando-o tão de perto, Charlie notou um trecho de pele branca vincada, num ponto em que a face e a parte inferior da orelha pareciam ter-se fundido e tornado a esfriar.

– Pode me explicar, por favor, por que põe as mãos sobre o rosto? – perguntou Khalil, por curiosidade, depois de escolher o melhor pregador.

– Fiquei cansada por um momento.

– Pois então trate de acordar. Esteja alerta para a sua missão. E também para a revolução. Conhece esse tipo de bomba? Tayeh ensinou-a a fazê-la?

– Não sei. Talvez Bubi tenha ensinado.

– Então preste atenção.

Sentando-se ao lado dela na cama, Khalil pegou a base de madeira e com uma caneta esferográfica riscou algumas linhas para o circuito.

– 0 que fazemos é uma bomba para todas as situações. Funciona como uma bomba-relógio. . . aqui. . . e também como uma armadilha... aqui. Não confie em nada. É a nossa filosofia.

Entregando a Charlie um pregador e dois percevejos, ele ficou observando, enquanto ela colocava os percevejos nos lados da boca do pregador.

– Sabia que eu não sou anti-semita?

– Sabia.

Charlie devolveu o pregador. Ele foi até a pia e começou a soldar os fios nas cabeças dos percevejos.

– Como soube? – perguntou ele, aturdido.

– Tayeh disse a mesma coisa. E Michel também.

E mais umas 200 outras pessoas, pensou ela.

– O anti-semitismo é exclusivamente uma invenção crista. – Ele voltou à cama, desta vez levando a pasta aberta de Minkel. – Vocês, europeus, são contra tudo. Contra os judeus, contra os árabes, contra os pretos. Temos muitos amigos na Alemanha. Mas não porque eles amam a Palestina e sim apenas porque odeiam os judeus. Aquela Helga... você gosta dela?

– Não.

– Nem eu. Acho que ela é muito decadente. Gosta de animais?

– Gosto.

Ele sentou-se ao lado de Charlie, a pasta na cama.

– Michel gostava?

Faça qualquer opção, nunca hesite, dissera Joseph. *É melhor ser incoerente do que indecisa.*

– Nunca conversamos a respeito deles.

– Nem mesmo sobre cavalos?

E nunca, mas nunca mesmo, corrija-se.

– Não.

Khalil tirara do bolso um lenço dobrado. Do meio do lenço removeu um relógio de bolso ordinário, sem o vidro e o ponteiro das horas. Colocando-o ao lado do explosivo, pegou o fio vermelho do circuito e desenrolou-o. Charlie estava com a base de madeira no colo. Pegando a base, ele segurou a mão de Charlie e colocou-a em posição, prendendo os grampos no lugar, enquanto ele os fixava com fita isolante e depois estendia o fio vermelho pela madeira, acompanhando o padrão desenhado. Voltando à pia, ele soldou os fios nas pilhas, enquanto Charlie cortava pedaços de fita isolante com a tesoura.

– Pronto! – exclamou ele, orgulhosamente, ao acrescentar o relógio.

Estava muito perto dela. Charlie sentia a proximidade como um calor. Ele estava inclinado como um sapateiro, absorvido em seu trabalho.

– Meu irmão era religioso como você? – perguntou ele, pegando uma lâmpada e prendendo nela um fio desencapado.

– Ele era um ateu.

– Às vezes era ateu, outras vezes era religioso. E havia ocasiões em que era um garotinho tolo, entusiasmado demais com mulheres, ideias e carros. Tayeh disse que você foi recatada no acampamento, sem andar com os cubanos nem com os alemães. Sem andar com ninguém.

– Eu queria Michel. Era tudo o que eu queria. Michel.

A voz soou enfaticamente demais aos próprios ouvidos de Charlie. Mas quando olhou para Khalil não pôde deixar de imaginar que talvez o amor fraternal entre os dois não fosse tão infalível quanto Michel proclamava, pois o rosto dele exibia uma expressão de dúvida.

– Tayeh é um grande homem – comentou ele, insinuando que talvez Michel não fosse.

A lâmpada se acendeu e ele acrescentou:

– O circuito está bom. – Inclinando-se pela frente dela, ele pegou os três bastões de explosivo. – Tayeh e eu. . . morremos juntos. Tayeh por acaso lhe contou o incidente?

Como se contasse com a ajuda de Cristo, ele começou a comprimir o explosivo.

– Não.

– Os sírios nos pegaram. . . Corte aqui. Primeiro eles nos espancaram. Isso é normal. Levante-se, por favor.

Ele tirou da caixa um velho cobertor marrom, pedindo a Charlie que o estendesse à sua frente, enquanto o cortava em tiras, habilmente. Os rostos, através do cobertor, estavam bem próximos. Ela podia sentir o calor que se irradiava do corpo árabe de Khalil.

– Enquanto nos espancavam, eles foram ficando cada vez mais furiosos e resolveram quebrar todos os nossos ossos. Primeiro os dedos, depois os braços, em seguida as pernas. E finalmente quebraram nossas costelas com os rifles.

A ponta da faca, através do cobertor, estava a centímetros do corpo de Charlie. Ele cortou rapidamente, impecavelmente, como se o cobertor fosse alguma coisa que matara.

– Quando acabaram, eles nos abandonaram no deserto. Estou contente. Pelo menos morremos no deserto! Mas não morremos. Uma patrulha dos nossos comandos nos encontra. Durante três meses, Tayeh e eu ficamos deitados lado a lado no hospital. Homens de neve. Cobertos de gesso. Tivemos ótimas conversas, nos tornamos bons amigos, lemos juntos alguns livros excelentes.

Dobrando as tiras em pilhas militares impecáveis, Khalil concentrou sua atenção na pasta preta de Minkel. Charlie notou pela primeira vez que estava aberta por trás, pelas dobradiças, com o fecho comum na frente ainda firmemente fechado. Uma a uma, ele pôs as tiras dobradas no interior da pasta, formando uma plataforma macia em que ficaria a bomba.

– Sabe o que Tayeh me disse uma noite? – falou ele, enquanto trabalhava. – "Khalil, por quanto tempo mais vamos bancar os bons moços? Ninguém nos ajuda, ninguém nos agradece. Fazemos discursos sensacionais, mandamos grandes oradores à ONU e se esperarmos por mais 50 anos talvez nossos netos, se estiverem vivos, possam obter um pouco de justiça."

Fazendo uma pausa, ele mostrou a Charlie quanto, com os dedos da mão boa.

– "Enquanto isso, nossos irmãos árabes nos matam, os sionistas nos matam, os falangistas nos matam, os que conseguem sobreviver entram em sua diáspora. Mas se fabricarmos algumas bombas... matarmos umas poucas pessoas... fizermos um massacre, por apenas dois minutos da história..."

Sem concluir a frase, ele pegou o artefato e solenemente, com extrema precisão, colocou-o dentro da pasta.

– Preciso de óculos – explicou ele com um sorriso, sacudindo a cabeça como um velho. – Mas onde um homem como eu poderia consegui-los?

– Se foi torturado como Tayeh, por que não claudica como ele? – perguntou Charlie, falando subitamente alto, em seu nervosismo.

Delicadamente, ele removeu a lâmpada dos fios, deixando as pontas desencapadas livres para o detonador.

– Não fiquei manco porque rezei a Deus pedindo força. . . e Deus me deu força para poder combater o verdadeiro inimigo e não meus irmãos árabes.

Entregando o detonador a Charlie, ele ficou olhando, com uma expressão de aprovação, enquanto ela o ligava ao circuito. Quando Charlie terminou, ele pegou o fio que restava e com um movimento hábil, quase inconsciente, enrolou-o como lã em torno dos dedos mortos, até formar um pequeno rolo. Enrolou duas pontas como uma cinta.

– Sabe o que Michel me escreveu antes de morrer? Em sua última carta?

Não, Khalil, não sei, respondeu Charlie, enquanto observava-o ajeitar o rolo na pasta.

– Por favor...

– Não. Eu disse *não.* Não sei.

– Foi despachada horas antes de sua morte. "Eu a amo. Ela não é como as outras. É verdade que, quando a conheci, tinha a consciência paralisada de uma europeia" . . . aqui, dê corda no relógio, por favor.. . "e também era uma prostituta. Mas agora ela é uma árabe na alma e um dia eu a apresentarei a nosso povo e a você."

Restava a armadilha e para montá-la tiveram de trabalhar juntos, pois ele exigia que Charlie passasse uma laçada de fio de aço pelo tecido da tampa. Depois, ele manteve a tampa o mais baixo possível, enquanto as mãos pequenas dela prendiam o fio no pregador. Cautelosamente, ele levou tudo de volta à pia. De costas para Charlie, tornou a colocar as dobradiças, com uma gota de solda em cada lado. Haviam passado pelo ponto em que não havia mais volta.

– Sabe o que eu disse a Tayeh um dia?

– Não.

– "Tayeh, meu amigo, nós, palestinos, somos muito indolentes em nosso exílio. Por que não temos palestinos no Pentágono? Ou no Departamento de Estado? Por que ainda não estamos controlando o *New York Times,* Wall Street, CIA? Por que não estamos fazendo filmes de Hollywood sobre a nossa grande luta, elegendo-nos prefeito de Nova York e ministros do Supremo Tribunal Federal americano? O que há de errado conosco, Tayeh? Por que tanto nos falta iniciativa? Não é suficiente que nossa gente se transforme em médicos, cientistas, professores. Por que não controlamos também a América? É por causa disso que temos de usar bombas e metralhadoras?"

Ele estava parado diante de Charlie, segurando a pasta pela alça, como um eficiente executivo.

– Sabe o que deveríamos fazer?

Ela não sabia.

– Marchar. Todos nós. Antes de nos destruírem para sempre. – Oferecendo o antebraço, ele ajudou Charlie a levantar. – Dos Estados Unidos, Austrália, Paris, Jordânia, Arábia Saudita, Líbano. . . de todos os lugares do mundo em que existem palestinos. Seguimos em navios até as fronteiras. Em aviões. Milhões de nós. Como uma grande onda que ninguém possa rechaçar.

Ele entregou a pasta a Charlie, depois começou a recolher as ferramentas e guardar na caixa.

– Depois, marchamos para a nossa pátria, reivindicamos nossas casas, fazendas e aldeias, mesmo que tenhamos de destruir as cidades, povoados e *kibbutzim* deles. Mas não daria certo. Quer saber por que não? Eles nunca iriam.

Khalil se agachou, examinando o tapete puído à procura de qualquer indício denunciador.

– Nossos ricos não admitiriam *a queda econômica-social em seu estilo de vida* – explicou ele, enfatizando ironicamente o jargão. – Nossos mercadores não deixariam seu bancos, lojas e escritórios. Nossos médicos não renunciariam a suas clínicas elegantes, os advogados não largariam suas bancas corruptas, nossos acadêmicos não abririam mão de suas confortáveis universidades.

Ele estava outra vez de pé diante de Charlie, o sorriso era um triunfo sobre toda a angústia.

– Assim, os ricos ganham dinheiro e os pobres fazem toda a luta. Quando foi diferente?

Ela desceu a escada na frente dele. Sai uma vigarista, carregando a sua pasta de truques. O furgão de Coca-Cola ainda estava no pátio, mas Khalil seguiu adiante, como se nunca o tivesse visto, em toda a sua vida. Embarcou num furgão Ford, com fardos de palha até o teto. As colinas outra vez. Pinheiros num lado, cobertos de neve recente. Instruções, ao estilo de Joseph: está entendendo? Estou, Khalil. Então, repita para mim. Ela repetiu. Lembre-se de que é pela paz. Não esquecerei, Khalil: pela paz, por Michel, pela Palestina; por Joseph e Khalil; por Marty e a revolução, por Israel, pelo teatro do real.

Ele parou ao lado de um estábulo e apagou os faróis. Estava olhando para o relógio. O relógio de Marty. Uma lanterna piscou duas vezes da estrada. Inclinou-se pela frente dela e abriu a porta.

– O nome dele é Franz e você lhe dirá que é Margaret. Boa sorte.

A noite era úmida e silenciosa, os lampiões do centro da velha cidade pairavam sobre ela como luas brancas

aprisionadas em seus suportes de ferro. Ela mandara Franz deixá-la na esquina, porque queria andar um pouco, através da ponte, antes de efetuar sua entrada. Queria ter a aparência afogueada de alguém que sai do ar livre, a marca de frio nas faces e o ódio no fundo da mente. Estava numa viela entre andaimes baixos, que a cercavam como um túnel. Passou por uma galeria de arte de auto-retratos de um rapaz louro e antipático, de óculos, outra ao lado com paisagens imaginadas em que o rapaz nunca entraria. *Grafitti* lhe gritavam, mas ela não compreendia uma só palavra, até que deparou com "Foda-se a America". Obrigada pela tradução, pensou Charlie. Ela estava de novo em campo aberto, subindo por degraus de concreto com areia espalhada por causa da neve, mas mesmo assim escorregadios. Chegou no alto e viu à esquerda as portas de vidro da biblioteca da universidade. As luzes ainda estavam acesas no café dos estudantes. Rachel e um rapaz estavam sentados à janela, visivelmente tensos. Ela passou pelo primeiro poste totêmico de mármore, estava na passarela sobre a pista. O salão de conferência já assomava à sua frente, os tijolos vermelhos parecendo se incendiar sob o clarão dos refletores. Carros estavam parando, os primeiros ouvintes chegavam, subindo os quatro degraus para a entrada, parando para trocar apertos de mão e se dar os parabéns por sua imensa proeminência. Dois agentes de segurança verificavam rapidamente as bolsas das mulheres. Ela continuou andando. A verdade a libertará. Ela passou pelo segundo poste totêmico e começou a descer a segunda escadaria.

A pasta estava em sua mão direita e ela a sentia roçar em sua coxa. Uma sirene da polícia fez com que os músculos de seus ombros se convulsionassem de terror, mas continuou em frente. Dois motociclistas da polícia escoltavam um reluzente Mercedes preto com um galhardete. Geralmente ela virava a cabeça quando carros luxuosos passavam, a fim de não dar aos ocupantes a satisfação de serem olhados. Aquela noite, porém, era diferente. Ficou olhando para eles e foi recompensada pela visão de um homem gordo e vulgar, de terno preto e gravata prateada, acompanhado por uma esposa soturna, com três queixos e um casaco de pele. *Para grandes mentiras precisamos naturalmente de grandes audiências,* lembrou-se ela. Uma câmara disparou e o casal importante começou a subir os degraus iluminados, admirado pelo menos por três pessoas que passavam. *Em breve, seus desgraçados,* pensou Charlie, *muito em breve.*

Vire à direita no fundo dos degraus. Ela assim fez e continuou em frente, até chegar à esquina. Tome cuidado para não cair no córrego, acrescentara Helga, à guisa de piada; as bombas de Khalil não são à prova d'água, Charlie, nem você. Ela virou à esquerda, começou a contornar o lado esquerdo do prédio, seguindo por um caminho de seixos, no qual a neve se recusava a permanecer. O caminho se alargou e transformou-se num pátio. No meio, ao lado de um grupo de jardineiras de concreto, estava uma caminhonete da polícia. Na frente, dois guardas uniformizados estavam-se arrumando, levantando as botas e rindo, depois olhando carrancudos ao redor, para intimidar quem quer que se atrevesse a observar. Charlie estava a menos de 15 metros da entrada lateral e começou a sentir a calma pela qual estava esperando. . . a sensação, quase de levitação, que a dominava quando entrava no palco e deixava suas outras identidades para trás, no camarim. Ela era Imogen, da África do Sul, com muita coragem, pouca graça, apressando-se para ajudar um grande herói liberal. Estava assustada – e como estava! – mas ia fazer a coisa certa ou explodir. Alcançou a porta lateral. Estava fechada. Experimentou a maçaneta, mas não conseguiu virá-la. Estremeceu. Pôs a palma da mão na madeira e empurrou, mas a porta não se mexeu. Recuou, furiosa, olhou ao redor, à procura de alguém que pudesse ajudá-la. A esta altura, os dois guardas haviam parado de brincar e fitavam-na, desconfiados. Mas nenhum dos dois se adiantou.

Cortinas levantadas. Vá em frente.

– Com licença, mas vocês falam inglês? – gritou Charlie para os guardas.

Eles continuaram parados. Se havia uma distância a percorrer, que ela o fizesse. Afinal, era apenas uma simples cidadã, ainda por cima uma mulher.

– Vocês falam inglês? *Englisch. . . Sprechen Sie?* Alguém precisa entregar isto ao professor. Imediatamente. Podem vir até aqui, por favor?

Os dois amarraram a cara, mas apenas um deles aproximou-se de Charlie. Lentamente, como convinha à sua dignidade.

– *Toilette nicht hier* – disse ele, asperamente, inclinando a cabeça na direção de que Charlie viera.

– Não quero o toalete, mas que vocês arrumem alguém que possa entregar esta pasta ao Professor Minkel. – Ela levantou a pasta, repetindo o nome: – *Minkel.*

O guarda era jovem e não apreciava a juventude. Não pegou a pasta, deixando que Charlie continuasse a segurá-la enquanto verificava se estava mesmo trancada.

– *Offnen* – ordenou ele.

– Não posso abrir. Está trancada. – Charlie deixou que um tom de desespero se insinuasse em sua voz. – Será que não entende que esta pasta é do professor? Pelo que sei, contem as anotações para a conferência. Ele precisa para esta noite.

Virando-se, ela bateu forte na porta.

– Professor Minkel? Sou eu, Imogen Baastrup, de Wits. Oh, Deus!

O segundo guarda também se aproximou. Era mais velho e mais sisudo. Charlie apelou para sua sabedoria superior.

– Você fala inglês?

Nesse momento, a porta se entreabriu alguns centímetros e um homem espiou, com óbvia desconfiança. Ele falou alguma coisa em alemão para o guarda mais próximo e Charlie pegou a palavra *"Amerikanerin"* na resposta dele.

– Não sou americana – disse ela, agora quase em lágrimas. – Meu nome é Imogen Baastrup. Sou da África do Sul e estou trazendo a pasta do Professor Minkel. Ele perdeu-a. Poderia entregar imediatamente? Tenho certeza de que ele precisa desesperadamente do que tem aqui dentro. Por favor!

A porta se abriu o suficiente para revelar o resto dele, um homem gordo, de aparência pomposa, em torno dos 60 anos ou mais, de terno preto. Estava muito pálido e, aos olhos de Charlie, parecia muito assustado.

– Fala inglês, senhor? Fala?

O homem não apenas falava, como prestava juramentos em inglês. Disse "falo" tão solenemente que não poderia se retratar pelo resto de sua vida.

– Então pode fazer o favor de entregar esta pasta ao Professor Minkel, com os cumprimentos de Imogen Baastrup? Diga que ela lamenta muito, mas houve um engano horrível do hotel, estou aguardando ansiosa a oportunidade de ouvi-lo esta noite.. .

Ela estendeu a pasta, mas o homem pomposo se recusou a aceitá-la. Olhou para o guarda por trás dela e pareceu receber algum sinal tranquilizador dele. Tornou a olhar para a pasta e depois para Charlie.

– Venha por aqui – disse ele, como um mordomo de palco, ganhando 10 libras por noite, dando um passo para o lado a fim de deixá-la passar.

Charlie ficou assustada. Aquilo não estava no roteiro. Não no de Khalil. Nem no de Helga ou de qualquer outra pessoa. E se Minkel resolvesse abrir a pasta em sua presença?

– Oh, não! Não posso fazer isso. Tenho de ir para o meu lugar no auditório. E ainda nem comprei a entrada. Por favor!

Mas o homem pomposo também tinha suas ordens e, além disso, os seus medos. Quando Charlie estendeu a pasta em sua direção, ele pulou para trás, como se estivessem em fogo.

A porta se fechou. Estavam num corredor com canos à mostra se estendendo pelo teto. Charlie lembrou-se por um instante dos canos na Aldeia Olímpica. Seu relutante acompanhante foi seguindo à frente. Ela podia sentir o cheiro de óleo e ouviu o rumor reprimido de uma fornalha. Sentiu uma onda de calor atingir seu rosto e pensou em desmaiar, simular que passava mal. A alça da pasta parecia sugar seu sangue, ela podia sentir o líquido quente e viscoso escorrer entre os dedos.

Chegaram a uma porta marcada *Vorstand.* O homem bateu e gritou: – *Oberhauser! Schnell!*

Charlie olhou para trás, desesperada, avistando dois rapazes louros, de blusão de couro, no corredor. Ambos empunhavam metralhadoras. *Deus To-do-Poderoso, o que está acontecendo?* Oberhauser entrou primeiro e se pôs de lado rapidamente, como se a repudiasse. Ela estava num cenário cinematográfico para *O Fim da Jornada.* Os bastidores e o fundo do palco estavam protegidos por sacos de areia, grandes fardos de algodão compacto forravam o teto, presos por engradados. Barreiras de sacos de areia formavam um caminho em ziguezague através do palco. No centro havia uma mesinha baixa, com uma bandeja de drinques. Ao lado, numa poltrona baixa, estava sentado Minkel, como uma estátua de cera, fitando-a fixamente. Diante dele estava a esposa, tendo ao lado uma alemã atarracada, com uma estola de pele. Charlie presumiu ser a mulher do Oberhauser.

Nos bastidores, entre os sacos de areia, estava o resto da unidade, em dois grupos distintos, os porta-vozes lado a lado no centro. O lado doméstico era comandado por Kurtz, tendo à esquerda um homem magro de meia-idade e rosto fraco, que foi a avaliação que Charlie fez de Alexis, descartando-o como insignificante. Os homens de Alexis se espalhavam ao seu lado, os rostos hostis concentrados em Charlie. No outro lado havia alguns rostos da família que ela já conhecia, com alguns estranhos acrescentados, as feições judias morenas contrastando com os equivalentes alemães, uma das imagens que ficaria gravada para sempre na memória de Charlie, enquanto ela vivesse. Kurtz, o mestre-de-cerimônias, levou um dedo aos lábios, enquanto o pulso esquerdo se levantava para que pudesse consultar o relógio.

Ela começou a indagar "onde ele está?" e, no instante seguinte, com uma explosão de alegria e raiva, avistou-o, apartado dos demais, como sempre, o produtor apreensivo e solitário em sua primeira noite. Aproximando-se rapidamente, ele postou-se um pouco ao lado dela, deixando um caminho aberto até Minkel.

– Diga a ele a sua fala, Charlie – determinou Joseph, calmamente. – Fale tudo o que diria e ignore todos os que não estão à mesa.

Tudo o que ela precisava agora era do estalido da claquete diante de seu rosto. A mão dele se aproximou da mão de Charlie, ela pôde sentir os cabelos roçando em sua pele. Ela queria dizer "eu o amo, como você está?", mas havia outras falas a dizer. Assim, ela respirou fundo e as disse, porque afinal assim era o relacionamento entre os dois.

– Professor, uma coisa horrível aconteceu. O estúpido pessoal do hotel mandou sua pasta para o meu quarto, junto com a minha bagagem. Aconteceu certamente quando conversamos na recepção. Lá estava a *minha* bagagem e também a *sua* bagagem. Aquele idiota que carrega as bagagens deve ter pensado que a pasta me pertencia...

Ela virou-se para Joseph, a fim de dizer-lhe que não tinha mais o que dizer.

– Entregue a pasta ao professor – ordenou ele.

Minkel estava de pé, como um homem que recebia uma longa sentença de prisão. A Sra. Minkel fazia uma encenação de sorrir. Os joelhos de Charlie estavam paralisados, mas com a mão de Joseph em seu cotovelo ela conseguiu cambalear para a frente, estendendo a pasta, enquanto dizia mais algumas frases: – ... mas só percebi isso há meia hora. Haviam guardado a pasta no armário, com meus vestidos pendurados escondendo-a parcialmente. Quando a vi e li a etiqueta, quase tive um ataque...

Minkel teria aceitado a pasta, mas outras mãos arrebataram-na assim que ela a estendeu, levando para uma caixa preta e grande, de onde saíam cabos grossos. Subitamente, todos pareciam estar com medo dela, abrigando-se por trás dos sacos de areia. Os braços fortes de Joseph finalmente arrastaram-na também para a proteção dos sacos de areia, a mão dele abaixou-lhe a cabeça, até que ela estava olhando para a própria cintura. Mas não antes de avistar um escafandrista todo protegido avançando para a caixa. Ele usava um capacete com um visor de vidro grosso, tendo por baixo uma máscara cirúrgica, a fim de evitar que ficasse embaçado pelo lado de dentro. Uma ordem abafada impôs silêncio. Joseph a puxara para baixo dele e quase a sufocava com o peso de seu corpo. Outra ordem acarretou um alívio geral; mãos se levantaram, mas Joseph continuou a mantê-la abaixada. Charlie ouviu o som de passos se afastando, numa pressa ordenada. Quando ele finalmente largou-a, Charlie avistou Litvak se adiantando depressa, com o que era evidentemente a sua própria bomba, um artefato mais óbvio que o de Khalil, com os fios soltos ainda não ligados. Enquanto isso, Joseph estava levando-a de volta ao centro da sala.

– Continue suas explicações – ordenou ele, falando no ouvido de Charlie. – Estava descrevendo como leu a etiqueta. Continue a partir daí. O que você fez?

Respire fundo. A fala continua.

– ... quando perguntei na recepção, disseram que o senhor havia saído, tinha uma conferência na universidade. Peguei um táxi e. . . Oh, professor, não sei como poderá me perdoar! Mas a culpa não foi minha. E agora tenho de sair correndo. Boa sorte, professor. Espero que a conferência seja o maior sucesso.

A um aceno de cabeça de Kurtz, Minkel tirara um chaveiro do bolso e estava simulando escolher uma chave, embora não tivesse qualquer pasta para abrir. Mas Charlie, sob a orientação premente de Joseph, já estava se encaminhando para a porta, meio andando, meio carregada pelo braço dele em torno de sua cintura.

Não vou fazer isso, José. Não posso. Já gastei toda a minha coragem, como você disse. Não me deixe ir, José. Não me deixe. Às suas costas, ela ouviu ordens abafadas e o som de passos apressados, todos parecendo bater em retirada.

– Dois minutos – gritou Kurtz atrás deles, em tom de advertência.

Eles estavam de volta ao corredor, com os dois rapazes louros e suas metralhadoras.

– Onde foi que o encontrou? – perguntou Joseph, em voz baixa e rápida.

– Hotel Éden. Uma espécie de bordel, nos arredores da cidade. Ao lado de uma farmácia. Ele tem um furgão de Coca-Cola. FR 896224. E um Ford. Não vi a placa.

– Abra a bolsa.

Charlie obedeceu. Depressa, como ele estava falando. Tirando o pequeno rádio-relógio dela, Joseph substituiu-o por outro, que estava em seu bolso.

– Não é o mesmo aparelho que usamos antes – avisou Joseph, sempre falando muito depressa. – Só pode sintonizar uma estação. Ainda marca a hora, mas não tem despertador. A vantagem é que transmite e nos informa onde você está.

– Quando? – indagou Charlie, apaticamente.

– Quais são as ordens de Khalil para você agora?

– Devo descer para a rua e continuar andando. . . Quando você virá, José... pelo amor de Deus?

O rosto dele tinha uma expressão abatida e uma seriedade desesperada, mas não havia qualquer concessão nele.

– Escute, Charlie... Está prestando atenção?

Estou, José, claro que estou.

– Se você apertar o botão de volume do seu rádio-relógio. . . não vire, mas aperte... saberemos que ele está dormindo. Está entendendo?

– Ele não dorme desse jeito.

– Como assim? Como você sabe de que maneira ele dorme?

– Ele é como você, está sempre acordado, dia e noite. Ele é.. Oh, José, não posso voltar! Não me obrigue a voltar!

Ela o fitava suplicante, ainda esperando que ele cedesse. Mas a expressão de Joseph era rígida e impassível.

– Ele quer dormir comigo! Quer uma noite de núpcias, José. Isso não o comove? Quer continuar do ponto em que Michel deixou. Não gostava dele. E vai querer acertar as contas. Ainda tenho de ir?

Charlie segurava-o com tanta força que ele teve dificuldade em se desvencilhar. Ela se encostou nele, encostou em seu peito, a cabeça baixa, querendo que ele voltasse a tomá-la em sua proteção. Em vez disso, porém, ele pôs as mãos sobre os braços de Charlie e empertigou-a. Ela tornou a ver o rosto dele, firme e resoluto, dizendo que o amor não era a seara deles, nem dela nem dele, muito menos de Khalil. Lançou-a em sua jornada. Charlie desvencilhou-se e seguiu sozinha. Joseph deu um passo atrás dela e depois parou. Ela olhou para trás e odiou-o; fechou os olhos, tomou a abri-los, deixou escapar todo o ar dos pulmões, saiu para a calçada. Estou morta.

Ela foi andando. Empertigou-se e, firme como um soldado e igualmente cega, marchou rapidamente por uma rua estreita, passando por uma boate de segunda categoria, tendo na porta fotografias de mulheres gastas, com os seios desgraciosos à mostra. É o que eu deveria estar fazendo, pensou ela. Alcançou uma rua larga e lembrou seu condicionamento de pedestre, olhando à esquerda e avistando uma torre medieval com uma placa do Macdonald's. O sinal ficou verde para ela e seguiu em frente. Avistou os morros altos e escuros bloqueando o fim do caminho, um céu pálido e nublado se contorcendo por trás. Olhou ao redor e divisou a torre da catedral, que a seguia. Virou à direita e foi andando mais devagar do que em qualquer outra ocasião de sua vida, por uma avenida arborizada, com casas aristocráticas. Estava agora contando para si mesma. Números. E agora procurava rimas. José foi à cidade a pé. Estava agora recordando o que acontecera no salão de conferência, mas sem Kurtz, sem Joseph, sem os técnicos sinistros dos dois lados irreconciliáveis. À sua frente, Rossino saía em silêncio de um portal, empurrando a motocicleta. Ela se aproximou e Rossino entregou-lhe um capacete e um blusão de couro. Quando os colocava, alguma coisa a fez olhar para trás, na direção da qual viera. Avistou um clarão comprido e alaranjado se estendendo em sua direção pelo calçamento molhado, como a trilha do sol poente, notou como ficava fixado na retina, por muito tempo depois de ter desaparecido. E por fim ouviu o som que estava apaticamente esperando, um baque distante, mas íntimo, como o rompimento de alguma coisa irreparável dentro dela, o fim irremediável e permanente do amor. Ora, Joseph, é isso mesmo. Boa noite.

Exatamente no mesmo segundo, o motor da motocicleta de Rossino entrou em ação, cortando a noite úmida com o rugido de sua risada triunfante. Eu também, pensou Charlie. É o dia mais divertido da minha vida.

Rossino foi guiando devagar, como um homem a cumprir ordens, mantendo-se em ruas secundárias e seguindo um percurso obviamente escolhido com o maior cuidado.

Você guia, eu vou atrás. Talvez seja o momento de me tornar italiana.

Uma garoa derretera grande parte da neve, mas ele guiava com todo respeito pela superfície desfavorável e pela passageira tão importante. Estava-lhe gritando coisas alegres e parecia se divertir muito. Mas Charlie não estava interessada em partilhar o ânimo dele. Passaram por um portão grande e ela gritou "É este o lugar?", sem saber ou se importar de que lugar estava falando. Mas o portão dava para uma estrada em péssimas condições, estendendo-se por colinas e vales de floresta particular. Foram seguindo, sob a lua que fora outrora propriedade particular de Joseph. Ela contemplou lá embaixo uma aldeia adormecida, envolta por uma mortalha branca. Sentiu o cheiro de pinheiro e sentiu suas lágrimas quentes sendo

dissipadas pelo vento. Comprimia-se contra o corpo trêmulo e estranho de Rossino e lhe dizia: Sirva-se, embora nada reste. Sou Charlie, leve-me a voar.

Desceram uma última colina e saíram por outro portão, entrando numa estrada margeada por lariços desfolhados, como as árvores na França durante as férias da família. A estrada subiu. Ao chegarem lá em cima, Rossino desligou o motor e desceu silenciosamente por uma trilha entre as árvores. Abriu uma bolsa ao lado do selim e tirou algumas roupas, entregando a Charlie. Acendeu uma lanterna e ficou olhando enquanto Charlie mudava de roupa. Houve um momento em que ela ficou seminua na frente dele.

Se me quer, pode me tomar; estou disponível, sem qualquer compromisso.

Ela estava sem amor e sem qualquer valor para si mesma. Estava onde começara, todo o mundo podre poderia possuí-la.

Ela transferiu suas coisas para a nova bolsa que Rossino lhe entregara, estojo de pó-de-arroz, tampões, dinheiro trocado, o maço de Marlborough. E o pequeno rádio-relógio para os ensaios. . . aperte o botão do volume, está entendendo, Charlie? Rossino pegou o passaporte antigo dela e entregou-lhe um novo. Charlie não se deu ao trabalho de verificar qual era a sua nova nacionalidade.

Cidadã do Nada, nascida ontem.

Ele pegou as roupas descartadas e pôs na bolsa do selim, juntamente com a bolsa velha e os óculos. Espere aqui, olhando para a estrada, instruiu ele. Vai ver uma luz vermelha piscar duas vezes. Rossino se fora há menos de cinco minutos quando ela viu a luz vermelha piscar entre as árvores. Um amigo finalmente!

26

Khalil segurou-a pelo braço e quase a carregou para o carro novo e reluzente, pois ela estava chorando e tremendo tanto que mal conseguia andar. Depois das roupas humildes de um motorista de furgão, ele parecia ter posto o disfarce impecável de um executivo alemão: sobretudo preto, camisa branca e gravata, bem-arrumado, os cabelos penteados para trás. Abrindo a porta, ele tirou o sobretudo e ajeitou-o muito solícito em torno dela, como se ela fosse um animalzinho doente. Charlie não tinha a menor ideia de como ele esperava que ela reagisse. Mas Khalil parecia menos chocado pelo estado dela e mais respeitoso. O motor já estava funcionando. Ele ligou o aquecedor ao máximo.

– Michel ficaria orgulhoso de você – disse ele, gentilmente, examinando-a por um momento à luz do interior do carro.

Ela começou a responder, mas prontamente voltou a chorar. Khalil entregou-lhe um lenço, que ela segurou com as duas mãos, retorcendo-o em tomo dos dedos, enquanto as lágrimas caíam incessantemente. Partiram pelo bosque.

– O que aconteceu? – sussurrou Charlie.

– Você conquistou uma grande vitória para nós. Minkel morreu quando estava abrindo a pasta. Outros amigos do sionismo ficaram gravemente feridos. Ainda estão contando as baixas. – Ele falava com uma satisfação brutal. – Estão dizendo que foi uma afronta. Chocante. Assassinato a sangue-frio. Deviam visitar Rashidiyeh um dia. Eu convido toda a universidade. Deveriam ficar sentados nos abrigos e serem metralhados ao saírem. Deveriam ter seus ossos quebrados e ver os filhos sendo torturados. O mundo inteiro vai ler amanhã que os palestinos não vão se tornar os pretos pobres de Sião.

O aquecimento era forte, mas ainda não era suficiente. Charlie aconchegou-se no sobretudo. As lapelas eram de veludo e ela podia sentir o cheiro de novo.

– Quer me contar como aconteceu? – perguntou ele.

Ela sacudiu a cabeça. Os assentos eram macios, o motor praticamente silencioso. Ela prestou atenção ao barulho de outros carros, mas nada ouviu. Nada por trás, nada à frente. Quando havia? Ela olhou pelo espelho e encontrou os olhos escuros de Khalil a observarem-na.

– Não se preocupe. Vamos cuidar de você. Prometo. Estou contente por ver o seu desespero. Outros riem e se sentem triunfantes quando matam. Embriagam-se, arrancam as roupas, como animais. Já vi tudo isso. Mas você... você chora. Isso é ótimo.

A casa ficava à beira de um lago e o lago ficava num vale escarpado. Khalil passou duas vezes pela casa antes de entrar no caminho. Seus olhos, ao esquadrinhar a beira da estrada, eram os olhos de Joseph, sombrios, determinados, tudo vendo. Era um bangalô moderno, a segunda casa de um homem rico. Tinha paredes brancas e janelas mouriscas, um telhado vermelho inclinado, onde a neve não conseguira permanecer. A garagem era grudada no bangalô e estava com as portas abertas. Ele entrou e as portas se fecharam. Desligando o motor, ele tirou de dentro do paletó uma pistola automática de cano comprido. Khalil, o pistoleiro de uma só mão. Charlie ficou no carro, olhando para os tobogãs e a linha empilhada ao longo de uma parede. Ele abriu a porta para Charlie.

– Venha atrás de mim. A três metros de distância, não mais perto.

Uma porta de aço no lado da garagem dava para um corredor interno. As luzes da sala de estar já estavam acesas, um fogo de lenha ardia na lareira. Sofá de couro de pônei. Móveis rústicos. Uma mesa de toras de madeira, posta para dois. Num balde de gelo, apoiado num tripé de ferro batido, uma garrafa de vodca.

– Fique esperando aqui – disse Khalil.

Ela ficou no meio da sala, apertando a bolsa com as duas mãos, enquanto ele se deslocava de um aposento para outro, tão silenciosamente que o único som que se podia ouvir era o abrir e fechar de armários. Charlie recomeçou a tremer, violentamente. Ele voltou à sala, guardou a arma, agachou-se diante da lareira e pôs-se a ativar o fogo. Para manter os animais a distância, pensou Charlie, observando-o. E as ovelhas em segurança. O fogo agora rugia e ela se sentou à sua frente, no sofá. Khalil ligou a televisão. Apresentava um velho filme em preto e branco. Ele não ligou o som. Foi postar-se diante de Charlie.

– Quer uma vodca? – perguntou ele, polidamente. – Eu não bebo, mas você pode servir-se à vontade, se quiser.

Charlie queria e ele serviu, uma dose grande demais.

– Quer fumar?

Ele estendeu uma cigarreira de couro e acendeu o cigarro para ela.

A claridade na sala aumentou de repente. Charlie deslocou os olhos rapidamente para o aparelho de televisão e descobriu-se contemplando o rosto excitado e expressivo do pequeno alemão que vira uma hora antes ao lado de Marty. Ele estava ao lado de um carro da polícia. Mais atrás, Charlie pôde divisar seu trecho da calçada, a entrada lateral. Outros carros da polícia, caminhões dos bombeiros e ambulâncias entravam e saíam a todo instante da área cercada por um cordão de isolamento. Terror é teatro, pensou Charlie. O cenário mudou para uma cena de lonas verdes, estendidas para a proteção contra o tempo, enquanto a busca prosseguia. Khalil aumentou o som e ela ouviu o gemido de ambulâncias por trás da voz suave bem modulada de Alexis.

– O que ele está dizendo? – perguntou Charlie.

– Ele está comandando as investigações. Espere um instante que lhe contarei tudo.

Alexis desapareceu, sendo substituído por uma cena de estúdio com Oberhausen ileso.

– Esse é o idiota que me abriu a porta – comentou Charlie.

Khalil levantou a mão para que ela ficasse calada. Charlie ficou escutando e compreendeu, com uma curiosidade desligada, que Oberhausen estava fornecendo uma descrição dela. Pegou "Sud-Afrika" e uma alusão a cabelos castanhos; viu a mão dele se levantar para descrever os óculos; a câmara se deslocou para um dedo trêmulo apontando para óculos iguais aos que Tayeh lhe dera.

Depois de Oberhausen veio a primeira impressão do nosso desenhista da suspeita, que não se parecia com ninguém no mundo, com exceção talvez de um anúncio antigo de um laxante líquido, que aparecera em estações ferroviárias 10 anos antes. Em seguida apareceu um dos dois guardas que haviam falado com ela, acrescentando a sua descrição acanhada.

Desligando a televisão, Khalil tornou a se aproximar do sofá e ficou de pé diante dela.

– Você permite? – perguntou ele, timidamente.

Charlie pegou a bolsa e pôs no outro lado, a fim de que ele pudesse sentar-se. Será que estava zumbindo? Bipando? Tinha um microfone? Que diabo fazia?

Khalil falou incisivamente. . . um clínico experiente a apresentar seu diagnóstico.

– Você corre algum perigo. O Sr. Oberhausen se lembra de você, a ssim como sua mulher e os guardas, além de várias pessoas do hotel. Sua altura, seu corpo, a maneira como fala inglês, o talento para representar. Infelizmente, houve uma inglesa que ouviu parte de sua conversa com Minkel e está convencida de que você não é sul-africana, mas inglesa. Sua descrição foi transmitida para Londres e sabemos que os ingleses já têm idéias terríveis a seu respeito. Esta região está em alerta total, com bloqueios nas estradas, todo mundo vigiado. Mas não precisa se preocupar. – Ele pegou a mão de Charlie, segurou-a firmemente. – Eu a protegerei com a minha vida. Esta noite estaremos em segurança. E amanhã vamos contrabandeá-la para Berlim e de lá despachá-la para casa.

– Para casa?

– Você é uma de nós. Nossa irmã. Fatmeh diz que você é nossa irmã. Não tem um lar, mas faz parte de uma grande família. Podemos lhe providenciar uma nova identidade. Ou você pode ir para junto de Fatmeh, viver com ela enquanto desejar. Mesmo que nunca mais volte a lutar, cuidaremos de você. Por Michel. Pelo que fez para nós.

A lealdade dele era assustadora. A mão de Charlie ainda estava na dele, um contato poderoso e tranquilizador. Os olhos de Khalil brilhavam com um orgulho possessivo. Ela se levantou e saiu da sala, levando a bolsa.

Uma cama de casal, o aquecedor elétrico aceso, as duas barras, sem qualquer preocupação com a despesa. Uma estante com os *bestsellers* do Nada. . . *Eu Estou OK, Você Está OK, A Alegria do Sexo.* O banheiro ficava além, revestido de pinho, com uma sauna contígua. Ela tirou o rádio da bolsa e olhou-o. Era o antigo, até o mínimo arranhão, só que um pouco mais pesado, mais forte em sua mente. Espere até ele dormir. Ela se contemplou. O desenho que aparecera na televisão, no final das contas, não era tão ruim assim. Uma terra para um povo que não existia, um povo sem terra. Primeiro ela lavou as mãos e as unhas. Depois, num súbito impulso, despiu-se e tomou um banho de chuveiro prolongado, quanto menos não fosse para se manter distante por mais algum tempo do calor da investida dele. Passou loção pelo corpo, servindo-se do armarinho por cima da pia. Sentiu-se interessada pelos olhos; lembravam-na da moça francesa no campo de treinamento, com a mesma impassibilidade furiosa de uma mente que aprendera a renunciar aos perigos da compaixão. Voltou à sala para encontrá-lo arrumando comida na mesa. Carnes frias, queijo, uma garrafa de vinho. Velas, já acesas. Ele puxou uma cadeira para Charlie, ao melhor estilo europeu. Ela sentou-se. Khalil sentou-se à frente dela e começou a comer imediatamente, com a absorção

natural que dedicava a tudo. Ele matara e agora estava comendo – o que podia haver de mais certo? Minha refeição mais absurda, pensou Charlie. Se um violinista se aproximar da mesa, eu lhe pedirei para tocar *Olhos Negros*.

– Ainda lamenta o que fez? – perguntou Khalil, como uma questão de interesse polido, como se indagasse "ainda está com dor de cabeça".

– Eles são porcos – disse Charlie, sentindo isso mesmo. – Impiedosos, assassinos...

Ela recomeçou a chorar, mas controlou-se a tempo. O garfo e a faca em suas mãos tremiam tanto que teve de largá-los. Ela ouviu um carro passar –ou seria um avião? Minha bolsa, pensou ela, caoticamente. . . onde foi que a deixei? No banheiro, longe dos dedos bisbilhoteiros dele. Ela tornou a pegar o garfo e viu o rosto bonito e indômito de Khalil a estudá-la, através da luz de vela, exatamente como Joseph fizera no alto da colina nos arredores de Delfos.

– Talvez você esteja se esforçando demais em odiá-los – sugeriu Khalil, como uma cura.

Era a pior peça em que ela já entrara e o pior jantar. O impulso de romper a tensão era tão forte quanto o impulso de destruir a si mesma. Foi isso que Joseph mandou-a fazer. Pois então faça.

Ela se levantou, ouvindo seu garfo e faca caírem ruidosamente no chão. Mal podia vê-lo, através das lágrimas de seu desespero. Começou a desabotoar o vestido, mas suas mãos tremiam tanto que não podiam trabalhar por ela. Contornou a mesa. Ele já estava se levantando quando o alcançou. Os braços dele envolveram-na. Ele beijou-a e depois levantou-a, levando-a para o quarto como um camarada ferido. Deitou-a na cama. Subitamente, só Deus sabia por que química desesperada da mente e corpo, ela estava aceitando-o. Estava em cima dele e despindo-o; estava puxando-o para si como se fosse o último homem no mundo, no último dia do mundo; para sua própria destruição e também a dele. Estava devorando-o, sugando-o, arremetendo contra ele nos terríveis espaços vazios de sua culpa e solidão. Estava chorando, estava gritando para ele, enchendo a própria boca enganadora com ele, virando-o e apagando a si mesma e a memória de Joseph sob o peso do corpo vigoroso dele. Sentiu o ímpeto dele, mas prendeu-o em desafio dentro de si por muito tempo depois que os movimentos dele cessaram, os braços enlaçando-o, enquanto procurava se esconder da tempestade iminente.

Ele não estava adormecido, mas já cochilava. A cabeça escura desgrenhada repousava no ombro dela, o braço bom estava estendido descuidadamente sobre os seios de Charlie.

– Salim era um garoto de sorte – murmurou ele, com um sorriso na voz. – Uma mulher como você... eis uma causa pela qual se pode morrer.

– Quem disse que ele morreu por mim?

– Tayeh disse que isso era possível.

– Salim morreu pela Revolução. Os sionistas explodiram seu carro.

– Ele explodiu a si mesmo. Lemos muitos relatórios da polícia alemã sobre o incidente. Eu lhe disse que nunca fizesse bombas, mas ele me desobedeceu. Não tinha talento para a missão. Não era um lutador natural.

– Que barulho é esse? – indagou Charlie, desvencilhando-se dele.

Era um tamborilar, o farfalhar de papel, uma sucessão de sons e depois nada. Ela imaginou um carro rodando suavemente pelo cascalho, com o motor desligado.

– Alguém está pescando no lago – disse Khalil.

– A esta hora da noite?

– Nunca pescou à noite? – Ele riu, sonolento. – Nunca saiu num bote pelo mar, com uma lanterna, pegando peixes com as próprias mãos?

– Acorde. Converse comigo.

– É melhor dormir.

– Não posso. Estou com medo.

Ele começou a cortar a história de uma missão noturna que efetuara na Galileia há muito tempo, junto com dois outros. Como estavam atravessando o mar num bote a remo, era tão bonito que perderam inteiramente a noção do que iam fazer, passando a pescar em vez disso. Charlie interrompeu-o.

– Não era um barco, mas um carro. Ouvi de novo. Preste atenção.

– Era um barco – insistiu ele, sonolento.

A lua encontrara um espaço entre as cortinas e brilhava através do assoalho, na direção deles. Levantando-se, ela foi até a janela e olhou para fora, sem tocar nas cortinas. Bosques de pinheiros se estendiam ao redor, a trilha de luar no lago era como uma escada branca descendo para o centro do mundo. Mas não havia barco em parte alguma, nenhuma luz para atrair os peixes. Ela voltou à cama e o braço direito de Khalil deslizou por seu corpo, atraindo-a. Ao sentir a resistência dela, ele retirou o braço gentilmente e virou as costas.

– Converse comigo – pediu Charlie outra vez. – Acorde, Khalil.

Ela sacudiu-o vigorosamente, depois beijou-o nos lábios, com o maior desespero.

– Acorde!

E Khalil despertou para ela, porque era um homem gentil e a considerava sua irmã.

– Sabe o que era estranho nas suas cartas para Michel? A história da arma. "Daqui por diante, sonharei com sua cabeça em meu travesseiro e a arma por baixo." Conversa de amantes... uma linda conversa de amantes.

– O que há de estranho nisso? Conte-me.

– Tive uma conversa a respeito com Michel. Exatamente sobre isso. "Preste atenção, Salim", falei com ele. "Somente os *cowboys* dormem com a arma debaixo do travesseiro. Se esquecer tudo o mais que eu lhe ensino, lembre-se pelo menos disso. Quando estiver na cama, mantenha a arma ao lado, onde poderá escondê-la melhor e onde ficar sua mão. Aprenda a dormir assim. Mesmo quando tiver uma mulher." Ele disse que faria assim. Sempre me prometeu. Mas esquecia o que eu lhe dizia. Ou encontrava uma mulher nova. Ou um carro novo.

– Quer dizer que ele quebrava suas próprias regras?

Charlie pegou a mão enluvada dele, examinou-a na semi-escuridão, apertando um dedo de cada vez. Com exceção do dedo mínimo e do polegar, eram todos de enchimento.

– O que fez isso, Khalil? Ratos? Como aconteceu? Vamos, Khalil, acorde.

Ele levou um longo tempo para responder.

– Um dia, em Beirute, fui um pouco estúpido, como Salim. Estava no escritório, o correio chegou. Estava com pressa, esperando um determinado embrulho. Abri. Foi um erro.

– E daí? 0 que aconteceu? Você abriu e houve uma explosão? Foi isso? Perdeu os dedos. Foi dessa maneira que seu rosto ficou assim?

– Quando acordei no hospital, lá estava Salim. Quer saber de uma coisa? Ele ficou satisfeito pelo fato de eu ter sido tão estúpido. "Na próxima vez, antes de abrir um pacote, mostre para mim ou verifique o carimbo postal", disse ele. "Se vem de Tel Aviv, é melhor despachar de volta ao remetente."

– Por que então fabrica suas próprias bombas? Se tem apenas uma das mãos?

A resposta estava no silêncio dele. Na imobilidade do rosto dele, virado para Charlie, com seu olhar franco e compenetrado de lutador. Em tudo o que ela vira desde a noite em que ingressara no teatro do real. Pela Palestina. Por israel. Por Deus. Por meu sagrado destino. Para fazer com os desgraçados o que eles fizeram comigo. Para reparar as injustiças. Com injustiça. Até que todos os justos sejam explodidos em mil pedaços, até que a justiça finalmente esteja livre para emergir dos escombros e andar pelas ruas despovoadas.

Subitamente, ele a estava querendo e Charlie não mais resistiu.

– Querido – sussurrou ela. – Khalil. Oh, Deus. Por favor, querido!

E tudo o mais que as prostitutas costumam dizer.

Estava amanhecendo, mas mesmo assim ela ainda não o deixava dormir. Com o despontar do dia, uma vertigem intensa a dominava. Com beijos, com carícias, ela usou todas as artimanhas que conhecia para mantê-lo presente ao seu lado, a paixão incendiada. Você é o melhor, sussurrou ela. E nunca concedo primeiros prêmios. O mais forte, o mais bravo, o meu amante mais inteligente de todos os tempos. Oh, Khalil, Khalil, pelo amor de Deus, Khalil. Melhor do que Salim?, perguntou ele. Mais paciente do que Salim, mais carinhoso, mais agradecido. Melhor do que Joseph que me mandou para você numa bandeja.

– 0 que houve? – perguntou ela, quando ele se desvencilhou dela de repente. – Eu o machuquei?

Ao invés de responder, ele estendeu a mão boa e com um gesto autoritário comprimiu os lábios dela. Depois, soergueu-se silenciosamente, apoiado no cotovelo. Charlie ficou prestando atenção, junto com ele. O barulho de um pássaro aquático

alçando voo do lago. Os gritos de gansos. Um galo cantando, o repicar de um sino. Abafado pela neve. Ela sentiu o colchão se levantar ao seu lado.

– Não há vacas – disse ele, baixinho, da janela.

Ele estava parado ao lado da janela, ainda nu, mas com a arma no cinto por cima do ombro. Por um segundo, na intensidade de sua tensão, Charlie imaginou a imagem refletida de Joseph diante, avermelhada pelo aquecedor elétrico, separada apenas pela cortina fina.

– O que está vendo? – sussurrou ela finalmente, incapaz de suportar a tensão por mais tempo.

– Não há vacas. E não há pescadores. E não há bicicletas. Estou vendo muito pouca coisa.

A voz dele estava tensa de ação. As roupas estavam caídas ao lado da cama, onde Charlie as largara, em seu frenesi. Ele pôs a calça escura e a camisa branca, ajeitando a arma no lugar, por baixo da axila.

– Não há carros, nenhum farol passando – disse ele, calmamente. – Ninguém a caminho do trabalho. E não há vacas.

– Devem estar sendo ordenhadas.

Khalil sacudiu a cabeça.

– Só começam a ordenhá-las daqui a duas horas.

– É a neve. Estão mantendo as vacas nos estábulos.

Alguma coisa na voz de Charlie atraiu a atenção dele. Seus sentidos estavam aguçados pela tensão.

– Por que está querendo arrumar uma explicação?

– Não é isso. Estou apenas tentando...

– Por que parece estar pedindo desculpas pela ausência de vida em torno desta casa?

– Para abrandar seus temores. Para confortá-lo.

Uma ideia estava se avolumando em Khalil.. . uma ideia terrível. Podia ler no rosto dela, em sua nudez. Charlie, por sua vez, podia sentir a suspeita dele crescer.

– Por que deseja abrandar meus temores? Por que está mais assustada por mim do que por você própria?

– Não estou.

– É uma mulher procurada. Por que é tão capaz de me amar? Por que fala em meu conforto e não em sua própria segurança? Qual é a culpa que existe em sua mente?

– Não há nenhuma. Não gostei de matar Minkel. Quero sair de tudo isso. Khalil...

– Será que Tayeh está certo? Será que, no final das contas, meu irmão morreu por você? Responda, por favor. Quero que me dê uma resposta.

Todo o corpo de Charlie suplicava para que ele lhe concedesse uma trégua. O calor em seu rosto era terrível. Haveria de arder para sempre.

– Khalil... volte para a cama. Faça amor comigo. Volte, por favor.

Por que Khalil se mantinha tão calmo se eles estavam todos em torno da casa? Como podia ficar olhando para ela daquele jeito, enquanto o círculo em torno dele se fechava cada vez mais?

– Que horas são, por favor? – perguntou ele, ainda olhando para ela. – Que horas são, Charlie?

– Cinco. Cinco e meia. Que diferença isso faz?

– Onde está seu *relógio?* Seu *relógio* pequeno. Preciso saber as horas com certeza, por favor.

– Não sei. No banheiro.

– Fique onde está, por favor. Caso contrário, talvez eu tenha de matá-la. Vamos ver.

Ele foi buscá-lo e entregou a Charlie na cama.

– Abra para mim, por favor.

Ele ficou observando, enquanto Charlie mexia no fecho estranho.

– Que horas são, por favor, Charlie? – perguntou ele de novo, com uma terrível suavidade. – Avise-me, por gentileza,

que horas tem em seu relógio.

– Dez para as seis. É mais tarde do que pensei.

Ele pegou o rádio-relógio e leu o mostrador. Digital, 24 horas. Ligou o rádio e ouviu a música por um instante, antes de tornar a desligar. Encostou no ouvido, avaliou o peso na mão, pensativo.

– Desde a noite passada, quando me deixou, acho que não ficou sozinha. É isso? Não ficou sozinha em momento nenhum?

– Não, não fiquei.

– Então como pôde comprar pilhas novas para este aparelho?

– Não comprei.

– Então por que ainda está funcionando?

– Não foi necessário. . . as pilhas ainda não estavam gastas. . . funcionam por anos a fio, apenas um jogo. . . pilhas especiais. . . de longa duração. . .

Ela chegara ao final de sua invenção. Tudo, por todo o tempo, agora e para sempre, porque agora lembrava o momento no alto da colina em que ele a revistara ao lado do furgão de Coca-Cola, o momento em que largara as pilhas no bolso, antes de tornar a guardar o rádio-relógio na bolsa e jogá-la no interior do veículo.

Khalil perdera o interesse nela. O aparelho concentrava toda a sua atenção.

– Traga-me aquele rádio ao lado da cama, por favor, Charlie. Vamos fazer uma pequena experiência. Uma interessante experiência tecnológica relacionada com alta frequência de rádio.

Ela balbuciou:

– Posso me vestir?

Charlie pôs o vestido e levou-lhe o rádio que estava na mesinha-de-cabeceira, um aparelho moderno, em plástico preto, com um alto-falante que parecia um disco de telefone. Colocando os dois aparelhos juntos, Khalil ligou o rádio e foi passando as estações, até que subitamente provocou um guincho alto, subindo e descendo como um alarme antiaéreo. Pegou o relógio, puxou a tampa do compartimento de pilhas com o polegar. Sacudiu as pilhas no chão, quase como fizera na noite anterior. A sirene cessou. Como uma criança que realizou uma experiência bem-sucedida, Khalil levantou a cabeça para ela e fingiu sorrir. Charlie tentou não olhar para ele, mas não pôde evitar.

– Para quem você trabalha, Charlie? Para os alemães?

Ela sacudiu a cabeça.

– Para os sionistas?

Ele encarou o silêncio dela como uma resposta afirmativa.

– Você é judia?

– Não.

– Acredita em Israel? O que você é?

– Nada.

– É cristã? Considera-os como os fundadores de sua grande religião?

Ela tornou a sacudir a cabeça.

– É por dinheiro? Eles a subornaram? Fizeram chantagem com você?

Charlie tinha vontade de gritar. Cerrou os punhos, encheu os pulmões de ar, mas o caos sufocou-a e acabou chorando.

– Foi para salvar vidas. Foi para participar. Para ser alguma coisa. Eu o amava.

– Você traiu meu irmão?

As obstruções em sua garganta desapareceram, sendo substituídas por uma determinação mortal da voz.

– Nunca o conheci. Nunca falei com ele, em toda a minha vida. Mostraram-me seu irmão antes de matá-lo. O resto foi inventado. Nosso romance, minha conversão, tudo enfim. Eu nem mesmo escrevi as cartas. Foram eles. E escreveram também a carta dele para você. A carta a meu respeito. Apaixonei-me por meu controlador. E isso é tudo.

Lentamente, sem agressão, Khalil estendeu a mão esquerda e tocou o lado do rosto dela, aparentemente para certificar-se de que era mesmo real. Olhou depois para as pontas de seus dedos, tornou a fitá-la, fazendo mentalmente alguma comparação.

– E você é tão inglesa quanto os que entregaram minha terra – comentou ele, calmamente, como se mal pudesse acreditar na evidência de seus olhos.

Khalil levantou a cabeça. Ao fazê-lo, ela viu seu rosto se contrair em desaprovação. E no instante seguinte, sob o impacto do que quer que Joseph lhe disparara, pegou fogo. Charlie fora ensinada a permanecer imóvel ao puxar o gatilho, mas não foi isso que Joseph fez. Não confiou que as balas efetuassem sua missão, correndo atrás delas, como se tencionasse alcançar o alvo primeiro. Passou pela porta como um intruso comum, só que, em vez de parar, continuou a investir, ao mesmo tempo em que disparava. E disparava com os braços esticados, para reduzir a distância ainda mais. Charlie viu o rosto de Khalil explodir, viu-o girar e estender os braços para a parede, apelando por sua ajuda. As balas foram entrando em suas costas, estragando a camisa branca. As mãos se encostaram na parede, uma de couro, outra verdadeira, o corpo dilacerado resvalou para uma posição agachada, enquanto procurava desesperadamente um meio de passar pela parede. A esta altura, Joseph estava perto o bastante para puxar-lhe os pés, derrubando-o, apressando sua última jornada até o chão. Atrás de Joseph veio Litvak, a quem ela conhecia como Mike e sempre desconfiara ter uma natureza doentia, como compreendeu agora. Enquanto Joseph recuava, Mike ajoelhou-se e disparou um último e preciso tiro na nuca de Khalil, provavelmente desnecessário. Depois de Mike, veio a metade dos carrascos do mundo, em roupas pretas de homens-rãs, seguidos por Marty e o alemão que aparecera na televisão, dois mil padioleiros, motoristas de ambulâncias e médicos, mulheres sisudas para segurá-la, limpar seu vômito, levá-la pelo corredor e para o ar fresco de Deus, embora o cheiro de sangue continuasse a aderir em suas narinas e garganta.

Uma ambulância se aproximava em marcha a ré da porta da frente. Havia vidros de sangue lá dentro, as mantas eram também vermelhas. Por isso, a princípio, Charlie recusou-se a entrar. Resistiu até com bastante obstinação. Deve ter agredido os outros, pois de repente uma das mulheres soltou-a e acertou um tapa violento em seu rosto. Ela ficara meio surda e por isso só pôde ouvir vagamente o próprio grito. Mas sua principal preocupação era tirar o vestido, em parte porque era uma puta, em parte porque estava encharcado com o sangue de Khalil. Mas o vestido lhe era ainda mais estranho do que na noite anterior, não pôde determinar se tinha botões ou um zíper. Assim, resolveu não mais se incomodar com o vestido. Rachel e Rose apareceram, nos lados dela, cada uma segurou-lhe um braço, como haviam feito em Atenas, quando fizera a sua primeira audição para o teatro do real. A experiência anterior lhe dizia que era inútil qualquer resistência adicional. Levaram-na pelos degraus para o interior da ambulância e sentaram de ambos os lados dela em uma das camas. Charlie olhou para baixo e divisou todos aqueles rostos estranhos fitando-a. . . os rapazinhos de aparência dura, com carrancas de heróis, Marty e Mike, Dimitri e Raoul, além de outros amigos, alguns ainda não apresentados. A multidão se entreabriu e Joseph apareceu, tendo-se livrado da arma com que atirara em Khalil, mas ainda com muito sangue na calça e nos sapatos de corrida. Ele se aproximou dos degraus da ambulância e fitou-a. A princípio, era como se Charlie estivesse contemplando seu próprio rosto, pois podia ver nele exatamente as mesmas coisas que odiava em si mesma. Assim, ocorreu uma espécie de troca de personagens, em que ela assumiu o papel de Joseph de assassino e cafetão, enquanto ele, presumivelmente, assumia o papel dela de isca, puta e traidora.

E, de repente, enquanto ela o fitava, uma centelha sobrevivente de indignação se ateou, devolvendo-lhe a identidade que ele roubara. Charlie levantou-se, antes que Rose ou Rachel tivessem tempo de impedi-la. Respirou fundo e gritou-lhe "Cão!". Ou pelo menos foi assim que lhe soou. Podia ter sido "Não". Mas não tinha a menor importância.

27

O mundo soube muito mais do que compreendeu das consequências imediatas e menos imediatas da operação; e certamente soube muito mais de que Charlie. Soube, por exemplo – ou poderia ter sabido, se estudasse as notícias internacionais menores publicadas na imprensa anglo-saxã – que um palestino suspeito de terrorismo morrera num tiroteio com membros de uma unidade de elite da polícia da Alemanha Ocidental e que a mulher que tinha como refém, cujo nome não fora revelado, havia sido removida para um hospital em estado de choque, mas afora isso ilesa. Os jornais alemães divulgaram versões mais espantosas da história – "Oeste Selvagem em Plena Floresta Negra" – todas muito exuberantes, mas de tal forma contraditórias que era difícil se chegar a alguma conclusão. 0 insinuante Dr. Alexis negou tão categoricamente qualquer relação com o malogrado atentado a bomba contra o Professor Minkel, em Freiburg, que inicialmente fora declarado morto, só se revelando depois que sobrevivera milagrosamente, que todos acreditaram. Mas é até melhor, comentaram alguns articulistas mais sensatos, que não nos revelem coisas demais. A sucessão de outros incidentes menores, em diversos pontos do hemisfério ocidental, acarretou especulações ocasionais sobre as ações de uma ou outra organização terrorista árabe. Mas com tantos grupos rivais em ação atualmente, era uma questão de puro palpite indicar o envolvido. O incompreensível assassinato, em plena luz do dia, do Dr. Anton Mesterbein, o advogado e humanista suíço, defensor dos direitos das minorias e filho do eminente financista, por exemplo, foi atribuído a uma organização falangista radical, que recentemente "declarara guerra" aos europeus abertamente favoráveis à "ocupação" palestina do Líbano. O atentado ocorreu quando a vítima deixava sua residência para o trabalho, sem qualquer proteção, como sempre. 0 mundo ficou chocado, pelo menos na primeira parte da manhã. Quando uma carta reivindicando a responsabilidade, com a assinatura de Líbano Livre, foi recebida por um jornal de Zurique, sendo considerada autêntica, um diplomata subalterno libanês foi convidado a deixar o país, obedecendo com uma resignação filosófica.

A explosão do carro de um diplomata da Frente de Repúdio, perto da mesquita recentemente concluída em St. John's Wood, quase não figurou no noticiário internacional. Era a quarta morte assim, no mesmo número de meses.

Por outro lado, o brutal assassinato a facadas do músico italiano e colunista radical Albert Rossino, juntamente com sua companheira alemã, cujos corpos nus e quase irreconhecíveis foram encontrados semanas depois à beira de um lago tirolês, foi declarado pelas autoridades austríacas como não tendo qualquer significado político, apesar das ligações radicais das vítimas. Com base nas provas disponíveis, as autoridades preferiram considerar como um crime passional. A mulher, uma certa Astrid Berger, era bastante conhecida por seus apetites bizarros. Foi considerado provável, embora grotesco, que não houvesse uma terceira pessoa envolvida. Uma sucessão de outras mortes menos interessantes passou virtualmente desapercebida, como aconteceu com o bombardeio israelense de um antigo forte do deserto, na fronteira síria. Fontes de Jerusalém alegaram que o forte estava sendo usado como uma base palestina de treinamento para terroristas estrangeiros. Quanto à bomba de 200 quilos que explodiu no alto de uma colina nos arredores de Beirute, destruindo uma luxuosa *villa* de veraneio e matando seus ocupantes – entre os quais estavam tanto Tayeh como Fatmeh – foi algo tão misterioso e impenetrável quanto qualquer outro ato terrorista naquela trágica região.

Mas Charlie, em seu refúgio à beira-mar, não soube nada disso. Ou, para ser mais preciso, soube de tudo em termos gerais, mas estava indiferente ou assustada demais para se interessar pelos detalhes. A princípio, ela se limitava a nadar ou fazer passeios lentos e incertos até o fim da praia, apertando o roupão contra o corpo, enquanto os guarda-costas seguiam-na a uma distância respeitosa. No mar, ela preferia sentar-se numa área rasa, sem ondas, fazendo movimentos como a lavar o rosto, depois os braços e as mãos. As outras mulheres, por ordens expressas, tomavam banho de mar nuas. Mas como Charlie se recusasse a seguir o exemplo liberal, o psiquiatra determinou a elas que voltassem a se cobrir e esperassem.

Kurtz ia visitá-la uma vez por semana, às vezes duas. Mostrava-se extremamente gentil, paciente e fiel, mesmo quando Charlie se punha a gritar com ele. Suas informações eram práticas e todas em proveito dela.

Foi inventado um padrinho para ela, um velho amigo de seu pai que enriquecera e morrera recentemente na Suíça, deixando-lhe uma fortuna. Como era dinheiro proveniente de fontes estrangeiras, estaria isento do imposto de transferência de capital do Reino Unido.

As autoridades britânicas foram consultadas e concordaram, por motivo que Charlie não podia imaginar, que não havia qualquer propósito útil em aprofundar as investigações sobre o relacionamento dela com determinados extremistas europeus e palestinos. Kurtz pôde também tranquilizá-la sobre o bom conceito que Quilley voltara a ter dela: a polícia fizera questão de procurá-lo para comunicar que as suspeitas contra Charlie eram infundadas.

Kurtz também discutiu com Charlie os métodos de explicar seu abrupto desaparecimento de Londres. Passivamente, Charlie concordou com uma história envolvendo o medo de perseguição da polícia, um pequeno colapso nervoso e um amante misterioso, que encontrara depois de sua estada em Mikonos, um homem casado que a levara numa excursão e depois a abandonara. Foi somente quando ele instruiu-a a esse respeito e passou a testá-la sobre pequenos itens, que Charlie empalideceu e começou a tremer. Uma manifestação similar ocorreu quando Kurtz, um tanto insensatamente, anunciou que "os altos escalões" decidiram que ela podia reivindicar a cidadania israelense no momento em que desejasse, pelo resto da vida.

– Ofereça isso a Fatmeh – disse ela, bruscamente.

Kurtz, que a esta altura estava com diversas outras operações em andamento, teve de consultar os arquivos para se lembrar quem era, ou tinha sido, Fatmeh.

Quanto à carreira dela, assegurou Kurtz, havia coisas espetaculares à espera, assim que estivesse em condições de enfrentá-las. Dois produtores de Hollywood passaram a ter um interesse sincero por Charlie durante a sua ausência, estavam ansiosos em levá-la à Califórnia para alguns testes cinematográficos. Um deles tinha até um pequeno papel reservado para ela, achando que Charlie seria a atriz perfeita para representá-lo. Kurtz não estava a par dos detalhes. E havia também coisas ótimas acontecendo no cenário teatral de Londres.

– Quero apenas voltar para onde estava – declarou Charlie.

Kurtz disse que isso se podia arrumar, não há qualquer problema, minha cara.

O psiquiatra era um jovem brilhante, os olhos sempre faiscando, experiência militar. Não era propenso à auto-analise ou qualquer outro tipo de introspecção lúgubre. Na verdade, sua preocupação parecia ser não a de fazê-la falar, mas sim a de convencê-la de que deveria permanecer calada. Em sua profissão, ele devia ser um homem dos mais divididos. Levava Charlie em passeios, primeiro pela estrada litorânea, depois a Tel Aviv. Mas quando ele apontou insensatamente algumas extraordinárias construções árabes antigas que haviam sobrevivido ao desenvolvimento, Charlie ficou incoerente de tanta raiva. Ele levou-a a pequenos restaurantes, nadou em sua companhia no mar, deitou a seu lado na areia, conversando, até que Charlie lhe declarou, com a voz estranhamente tensa, que preferia lhe falar somente no consultório. Ao saber que ela gostava de equitação, o psiquiatra encomendou cavalos. Passaram um dia sensacional cavalgando, Charlie parecendo estar esquecida completamente de tudo. No dia seguinte, porém, ela estava quieta demais para o gosto dele. O psiquiatra recomendou a Kurtz que se deveria esperar pelo menos mais uma semana. Nessa mesma noite, Charlie iniciou um prolongado e inexplicável acesso de vômito, que era ainda mais estranho ao se levar em consideração como ela estava comendo pouco.

Rachel apareceu, tendo recomeçado seus estudos na universidade. Foi franca, meiga e descontraída, muito diferente da versão mais dura que Charlie encontrara pela primeira vez em Atenas. Ela disse que Dimitri também estava de volta aos estudos. Raoul pensava em estudar medicina e talvez se tornar um médico militar. Mas, por outro lado, ele também tinha vontade de se dedicar à arqueologia. Charlie sorriu polidamente ao ouvir essas notícias da família. Rachel contou depois a Kurtz que fora como conversar com sua avó. Mas, a longo prazo, as origens britânicas e as atitudes de classe média inglesa de Rachel não surtiram o impacto desejado em Charlie. Depois de algum tempo, ainda polidamente, Charlie indagou se Rachel não podia fazer o favor de deixá-la em paz.

Enquanto isso, no serviço de Kurtz, diversas lições valiosas haviam sido acrescentadas ao grande cabedal de conhecimentos técnicos e humanos que constituíam o tesouro de suas muitas operações. Não-judeus, apesar dos preconceitos inerentes contra eles, eram não apenas úteis, mas às vezes essenciais. Uma judia talvez não tivesse se saído tão bem. Os técnicos ficaram também fascinados pelo detalhe das pilhas no rádio-relógio; nunca é tarde demais para aprender. Um relato devidamente censurado foi preparado para uso em treinamento, com grande efeito. Num mundo perfeito, argumentava o relato, o controlador deveria ter percebido, ao efetuar a troca, que as pilhas estavam faltando no modelo do agente. Mas pelo menos ele tirara as conclusões corretas quando o sinal cessara de ser transmitido, tratando de entrar em ação imediatamente. O nome de Becker, é claro, não aparecia em nada disso. Além da questão da segurança, Kurtz não tinha boas informações recentes a respeito dele e não estava disposto a vê-lo canonizado.

Ao final da primavera, assim que a bacia do Litani ficou seca o bastante para permitir a passagem dos tanques, consumaram-se os piores temores de Kurtz e as piores ameaças de Gavron: ocorreu a invasão israelense do Líbano, há tanto tempo aguardada, encerrando uma fase das hostilidades ou, segundo o ponto de vista de cada um, anunciando a próxima. Os acampamentos de refugiados que haviam abrigado Charlie foram meticulosamente saneados, o que significava que tratores foram trazidos para sepultar os cadáveres e completar o que fora iniciado pelos bombardeios de tanques e artilharia. Houve um terrível êxodo de refugiados para o norte, deixando centenas e depois milhares de mortos para trás. Grupos especiais erradicaram os lugares secretos de Beirute em que Charlie estivera. Somente as galinhas e o pomar de tangerina restaram da casa em Sidon. A casa foi arrasada por uma equipe da Sayaret, que também liquidou os dois rapazes, Kareen e Yassir.

Apareceram uma noite, vindo do mar, exatamente como Yassir sempre previra. Us aram um tipo especial de bala explosiva americana, ainda secreta, que precisava apenas encostar no corpo para matar. De tudo isso – da eficiente destruição de seu breve amor com a Palestina – Charlie foi sensatamente poupada de qualquer conhecimento. O psiquiatra explicou que poderia transtorná-la por completo. Com sua imaginação e capacidade de absorção, Charlie podia perfeitamente assumir a plena responsabilidade pela invasão. Assim, era melhor deixá-la na ignorância, descobrindo por conta própria, na ocasião oportuna. Quanto a Kurtz, por um mês ou mais quase não foi visto; e quando era visto, mal se podia reconhecê-lo. O corpo parecia ter encolhido à metade do tamanho, os olhos eslavos perderam todo e qualquer brilho, parecia finalmente ter a sua idade, qualquer que fosse. Um dia, como um homem que se livrou de uma doença prolongada e que o consumia, ele finalmente voltou. Horas depois, parecia ter retomado vigorosamente a sua estranha e ativa hostilidade contra Misha Gavron.

Em Berlim, Becker a princípio flutuava num vácuo comparável ao de Charlie. Mas já flutuara ali antes e, sob certos aspectos, era menos sensível às causas e efeitos. Voltou a seu apartamento e a suas perspectivas sombrias nos negócios. A insolvência era outra vez uma ameaça constante. Embora ele passasse o dia a discutir pelo telefone com os fornecedores e empurrando caixas de um lado para outro da loja, a recessão mundial parecia ter atingido a indústria de roupas de Berlim mais a fundo que qualquer outra. Havia uma mulher com quem ele às vezes dormia, uma criatura inteligente um tanto majestosa, saída diretamente dos anos 30, afetuosa e até mesmo, para apaziguar os padrões herdados dele, vagamente judia. Depois de vários dias de fúteis reflexões, Becker finalmente telefonou para ela e comunicou que estava temporariamente na cidade. Apenas por uns poucos dias, explicou ele; talvez apenas um. Ouviu a manifestação de prazer dela por sua volta, as censuras gentis por seu desaparecimento. Mas ouviu também as vozes indefinidas de sua própria mente.

– Venha logo – disse a mulher, depois de terminar de repreendê-lo.

Mas ele não foi. Não podia aprovar o prazer que ela poderia proporcionar-lhe.

Com medo de si mesmo, Becker foi a uma elegante boate grega que conhecia, dirigida por uma mulher de sabedoria cosmopolita. Depois de conseguir finalmente embriagar-se, ficou observando os convivas quebrarem os pratos, na melhor tradição greco-berlinense. No dia seguinte, sem muito planejamento, iniciou um romance sobre uma família judia de Berlim que se transferia para Israel e depois tornava a se desarraigar, incapaz de aceitar o que estava sendo feito em nome de São. Mas quando examinou o que planejara, consignou as anotações primeiro à cesta de papel e depois, por questões de segurança, à lareira. Um novo homem da embaixada em Bonn foi visitá-lo e informou que era o substituto do último: se precisar se comunicar com Jerusalém ou qualquer outra coisa, pode falar comigo. Parecendo não ser capaz de se conter, Becker lançou-se a uma discussão com ele sobre o Estado de Israel. E terminou com uma pergunta ofensiva, algo que extraíra dos escritos de Arthur Koestler e adaptara à sua própria preocupação:

– O que será que vamos nos tornar? Uma pátria judaica ou um repulsivo estado espartano?

O novo homem não tinha muita imaginação e a pergunta irritou-o profundamente, sem que compreendesse o significado. Deixou algum dinheiro e seu cartão: segundo secretário, comercial. Mais importante, porém, deixou para trás uma nuvem de dúvida, que o telefonema de Kurtz na manhã seguinte visava obviamente dispersar.

– Que diabo está querendo me dizer? – perguntou ele, asperamente, em inglês, assim que Becker atendeu. – Está pensando em desmanchar o ninho e depois voltar para casa, onde ninguém lhe prestará a menor atenção?

– Como ela está? – indagou Becker.

A resposta de Kurtz talvez tenha sido deliberadamente cruel, pois a conversa ocorreu no momento em que ele estava mergulhado na mais profunda depressão.

– Frankie está muito bem. Tanto na mente como na aparência. E por algum motivo que escapa à minha compreensão, persiste em amá-lo. Elli conversou com ela outro dia e ficou com a nítida impressão de que Frankie não considera o divórcio como algo definitivo.

– Os divórcios são sempre definitivos.

Mas Kurtz, como sempre, tinha uma resposta:

– Os divórcios nada representam e ponto final.

– Mas como ela está? – insistiu Becker, com uma ênfase adicional.

Kurtz teve de se controlar antes de responder:

– Se estamos falando de uma amiga mútua, ela goza de boa saúde, está sendo curada, não quer vê-lo nunca mais... e Deus queira que você permaneça jovem para sempre!

Kurtz terminou aos gritos e desligou abruptamente. Frankie telefonou naquela mesma noite. Kurtz certamente lhe

fornecera o número, por pura raiva. O telefone era o instrumento de Frankie. Outras pessoas podiam tocar violino, harpa ou *shofar,* mas para Frankie era sempre o telefone.

Becker escutou-a por bastante tempo. A seu choro, no qual ela era incomparável; às lisonjas e promessas.

– Farei qualquer coisa que você quiser – garantiu ela. – Basta me dizer e farei.

Mas a última coisa que Becker queria era inventar alguém. Foi só muito tempo depois disso que Kurtz e o psiquiatra concluíram que era chegado o momento de devolver Charlie ao mar.

A *tournée* tinha o nome de Um Buquê de Comédia. O teatro, como outros que ela já conhecera, servia também como Instituto Feminino, escola teatral e certamente como zona eleitoral, por ocasião das eleições. Era uma peça horrível e um teatro horrível, o ponto mais baixo de seu declínio. O teatro tinha telhado de zinco e assoalho de tábuas corridas; quando se batia com os pés, nuvens de poeira se elevavam. Ela começara fazendo apenas papéis trágicos, pois Ned Quilley, depois de lançar-lhe um olhar nervoso, presumira que era tragédia o que Charlie queria. Por motivos particulares, era o que Charlie também presumia. Mas ela logo descobriu que os papéis sérios, quando significavam alguma coisa, eram demais para sua resistência. Desatava a gritar ou chorar nos momentos mais incongruentes, por diversas vezes tivera de simular uma saída de cena, a fim de recuperar o controle.

Com mais frequência, porém, era a própria irrelevância dos papéis o que a irritava. Não tinha mais paciência nem compreensão, o que era bem pior, para o que passava por sofrimento na classe média ocidental. Assim, a comédia acabou tornando-se a melhor máscara para ela. As semanas foram transcorrendo entre Sheridan e Priestley, com um pouco do mais recente gênio moderno, cujo teatro era descrito no programa como espirituoso, cheio de farpas. Apresentaram-se em York, mas contornaram Nottingham, graças a Deus. Apresentaram-se depois em Leeds, Bradford, Huddersfield e Derby. Charlie ainda não conseguira perceber as farpas espirituosas, mas provavelmente a culpa era sua, pois em sua imaginação desfiava as falas como um pugilista sonado, que tinha de continuar a apanhar ou cair para sempre.

Durante o dia inteiro, quando não estava ensaiando, ela permanecia sem nada fazer, como uma paciente na sala de espera de um médico, fumando e folheando revistas. Naquela noite, porém, quando a cortina se levantou mais uma vez, uma perigosa indolência substituiu seu nervosismo, deixando-a com uma grande vontade de dormir. Podia ouvir sua voz subindo e descendo pela escala, sentir o braço se estender, o pé se deslocar. Fazia as pausas para o que normalmente seriam risadas inevitáveis, mas deparava em vez disso com um silêncio incompreensível. Ao mesmo tempo, imagens do álbum proibido começaram a surgir em sua mente: a prisão em Sidon e a fila de mães à espera ao longo do muro; Fatmeh; a sala de aula do acampamento à noite, preparando os *slogans* para a marcha; o abrigo antiaéreo, os rostos estoicos a fitarem-na, talvez imaginando se ela não seria a culpada. E a mão enluvada de Khalil fazendo as marcas toscas de garras em seu próprio corpo.

O camarim era comunitário, mas Charlie não foi para lá no intervalo. Em vez disso, foi postar-se no lado de fora da porta dos bastidores, ao ar livre, fumando e estremecendo, olhando pela rua enevoada, pensando se não deveria simplesmente sair andando, continuar a andar, até cair ou ser atropelada por algum carro. Estavam chamando seu nome e ela pôde ouvir portas batendo, pés correndo. Mas o problema parecia ser deles e não seu. Por isso, ela ignorou o movimento. Somente um derradeiro senso de responsabilidade levou-a a abrir a porta e voltar.

– Pelo amor de Deus, Charlie! Onde diabo você se meteu?

A cortina levantou e ela descobriu-se outra vez no palco. Sozinha. Um monólogo longo, com Hilda sentada à escrivaninha do marido, escrevendo uma carta para o amante: para Michel, para Joseph. Uma vela ardia ao seu lado e dentro de um momento ela abriria a gaveta à procura de outra folha de papel e encontraria – Oh, não! – a carta do marido para a amante. Ela começou a escrever e estava no motel em Nottingham. Olhou para a chama da vela e viu o rosto de Joseph no outro lado da mesa na taverna, nos arredores de Delfos. Olhou de novo e era Khalil, jantando com ela na casa na Floresta Negra. Estava dizendo as suas falas e, milagrosamente, não eram as de Joseph, Tayeh ou Khalil, mas as de Hilda. Abriu a gaveta da escrivaninha e enfiou a mão. Sentiu que o coração parava por uma fração de segundo, ao tirar aturdida uma folha de papel escrita. Virou o rosto para a audiência. Levantou-se e, com uma expressão de crescente incredulidade, foi para a frente do palco e começou a ler em voz alta. . . uma carta espirituosa, repleta de insinuações. Mais um minuto e o marido John entraria, de chambre, iria até a escrivaninha e leria a carta inacabada dela ao seu amante. Mais um momento e haveria um paralelo ainda mais engraçado das duas cartas, a plateia chegaria ao delírio de tanto rir, alcançando o êxtase quando os dois amantes enganados, excitados pelas infidelidades mútuas, se lançariam a um abraço lascivo. Ela ouviu o marido entrar e foi a deixa para altear a voz: a indignação substitui a curiosidade, enquanto Hilda continua a ler. Ela pegou a carta com as duas mãos, virou-se e deu dois passos para a esquerda, a fim de não ficar na frente de John.

E foi nesse instante que o viu. . . não John, mas Joseph, nitidamente, sentado no mesmo lugar de Michel, no meio do auditório, fitando-a com a mesma expressão terrivelmente compenetrada.

A princípio, ela não ficou realmente surpresa. O limite entre o mundo interior e o exterior fora bastante frágil nos melhores momentos, mas ultimamente quase cessara de existir.

Então ele veio, pensou Charlie. Já estava na hora. Trouxe orquídeas, José? Não há orquídeas? Não há *blaser* vermelho? Medalhão de ouro? Guccis? Talvez eu devesse ter ido ao camarim, no final das contas. Para ler o seu bilhete. Saberia que você estava vindo, não é mesmo? Poderia preparar um bolo.

Ela parara de ler em voz alta, porque não havia mais sentido em continuar a representar, apesar do ponto estar ostensivamente lhe soprando as falas e o diretor acenasse com os braços dos bastidores, como alguém que procura afugentar um enxame de abelhas. Os dois estavam de alguma forma em seu campo de visão, embora ela olhasse exclusivamente para Joseph. Ou talvez estivesse imaginando-os, porque Joseph finalmente se tornara tão real. Por trás dela, o marido John, sem muita convicção, começara a inventar frases para cobrir o silêncio dela. Você precisa de um Joseph, ela sentiu vontade de dizer-lhe, orgulhosamente; nosso José é capaz de inventar falas para todas as ocasiões.

Havia uma cortina de luz entre eles – não tanto uma cortina, mas uma divisória ótica. Acrescentada às suas lágrimas, começara a perturbar sua visão dele. Passou a desconfiar que, no final das contas, talvez não passasse de uma miragem. Dos bastidores, estavam-lhe gritando para que saísse de cena. O marido John avançara pelo palco, segurando-a pelo braço, gentil mas firmemente, como uma preliminar para arrancá-la do palco. Ela imaginou que dentro de um minuto baixariam a cortina, proporcionando à sem-vergonha, que era sua substituta eventual, cujo nome nem lembrava, a grande oportunidade de sua vida. Mas sua preocupação era alcançar Joseph, tocá-lo, certificar-se de que era real. A cortina fechou, mas ela já estava descendo os degraus, encaminhando-se para ele. As luzes se acenderam e ela constatou que era mesmo Joseph. Mas ficou aborrecida quando o viu mais claramente, pois não passava de mais um membro de sua audiência. Foi-se afastando pelo corredor entre as cadeiras, sentiu a mão em seu braço e pensou: o marido John de novo, vá embora. O saguão estava vazio, exceto pelas duas duquesas geriátricas, que presumivelmente constituíam a gerência.

– Eu diria que deve procurar um médico, minha cara – disse uma delas.

– Ou deve dormir até passar tudo isso – comentou a outra.

– Ou largar tudo – arrematou Charlie, na maior felicidade.

Não havia a chuva de Nottingham caindo, não havia Mercedes vermelho à espera para recebê-los. Assim, Charlie foi parar no ponto de ônibus, meio esperando que o rapaz americano embarcasse também, dizendo-lhe que procurasse por um furgão vermelho.

Ele se aproximou pela rua vazia, parecendo muito alto. Ela imaginou-o desatando a correr, a fim de alcançá-la antes de suas balas. Mas tal não aconteceu. Ele parou diante dela, um pouco sem fôlego. Era evidente que alguém o mandara com uma mensagem, provavelmente Marty, mas talvez Tayeh. Ele abriu a boca para transmiti-la, mas Charlie impediu-o.

– Estou morta, José. Você atirou em mim. Não se lembra?

Ela teve vontade de acrescentar alguma coisa sobre o teatro do real, como os corpos não se levantavam e se afastavam. Mas, de alguma forma, perdeu a fala.

Um táxi passou e Joseph fez sinal com a mão livre. O táxi não parou, mas também o que se podia esperar? Os táxis atualmente. . . são eles que ditam a lei. Ela se apoiava nele e teria caído se ele não a segurasse tão firmemente. As lágrimas cegavam-na parcialmente e estava escutando-o do fundo da água. Estou morta, ela insistia em dizer, estou morta, estou morta. Mas parecia que ele a queria de qualquer maneira, viva ou morta. Enlaçados, eles partiram meio desajeitados pela calçada, embora a cidade lhes fosse estranha.

FIM